MAIS DE **UM BILHÃO** DE LEITURAS NA INTERNET

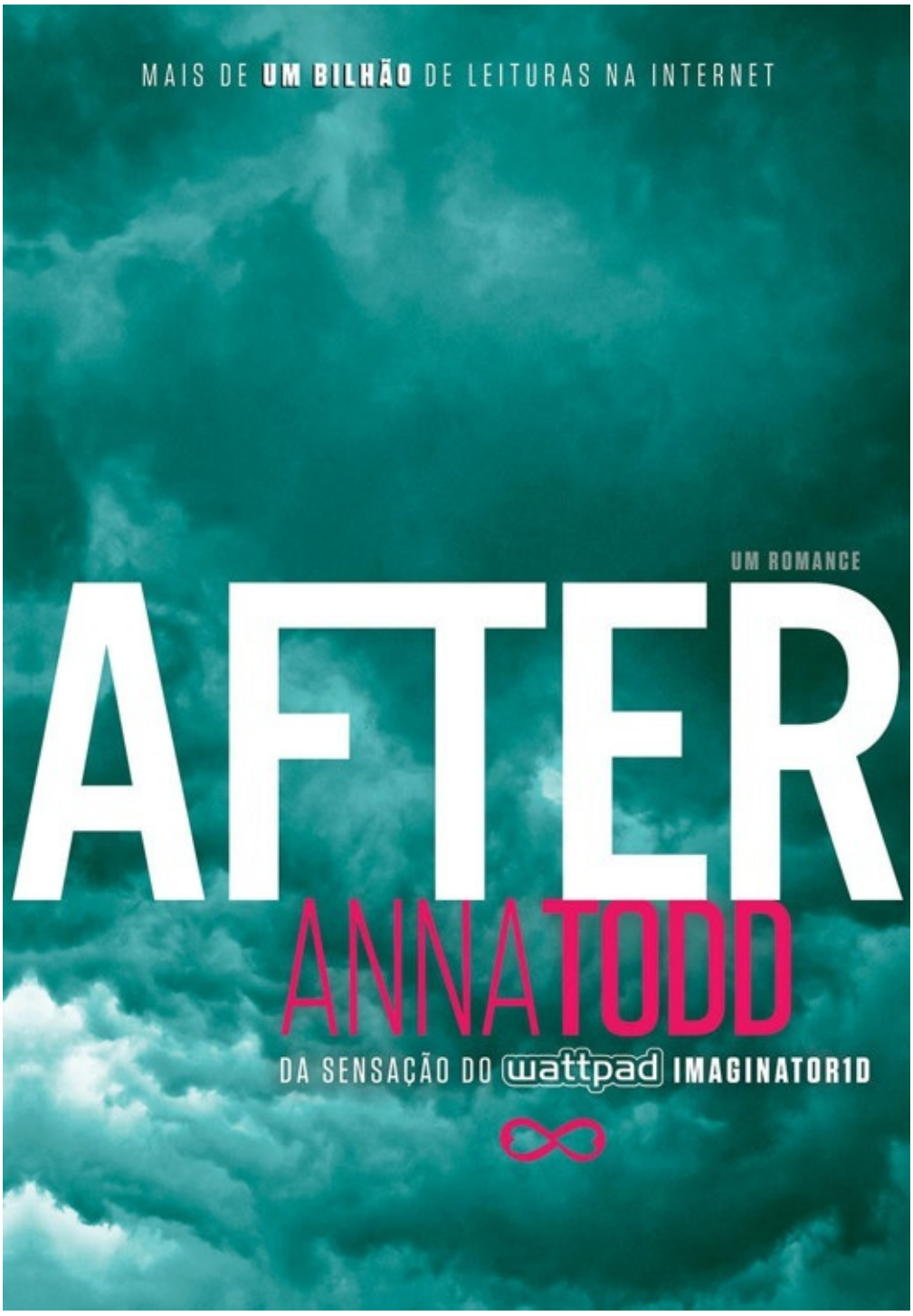
UM ROMANCE

AFTER

ANNA TODD

DA SENSAÇÃO DO wattpad IMAGINATOR1D




MAIS DE UM BILHÃO DE LEITURAS NA INTERNET
UM ROMANCE
AFTER
ANNA TODD
DA SENSAÇÃO DO wattpad IMAGINATOR1D

AFTER

ANNA TODD



Tradução
ALEXANDRE BOIDE
CAROLINA CAIRES COELHO

p a r a l e l a

Para meus leitores, que me acompanham desde o começo, com muito amor e gratidão. Vocês são tudo para mim.



Prólogo

A faculdade sempre me pareceu uma coisa importantíssima, fundamental para medir o valor de uma pessoa e determinar seu futuro. Vivemos em uma época em que primeiro perguntam onde você estudou e só depois seu nome. Desde cedo fui ensinada — condicionada, na verdade — a me preparar para uma boa educação. Isso se tornou uma necessidade para mim, que exigiu uma dose absurda de esforço e virou quase uma obsessão. Cada aula a que eu assistia, cada trabalho que fazia desde o primeiro dia do ensino médio, tinha como objetivo entrar na faculdade. E não numa faculdade qualquer: minha mãe cismou que eu tinha que estudar na Washington Central, a universidade em que ela estudou, mas que acabou abandonando antes de se formar.

Eu não fazia ideia de que a faculdade envolvia muito mais coisas do que a vida acadêmica. Não sabia que a difícil escolha de quais optativas cursar no primeiro semestre seria algo banal apenas alguns meses depois. Eu era bem ingênua nessa época, e em certo sentido ainda sou. Jamais poderia imaginar o que viria pela frente. Conhecer minha colega de quarto foi uma experiência marcante e um tanto estranha no início, e com o grupo de amigos malucos que vinha com ela isso se intensificou. Eles eram diferentes de qualquer pessoa que eu conhecia, a aparência deles me intimidava, e seu desprezo absoluto pela ordem me confundia. Logo me tornei parte daquela loucura, deixei-me envolver…

E foi assim que ele entrou no meu coração.

Desde nosso primeiro encontro, Hardin mudou minha vida mais do que qualquer cursinho ou grupo de leitura. De repente eu estava vivendo os filmes que tinha visto na adolescência, e aquelas tramas ridículas eram realidade. Eu teria feito alguma coisa diferente se soubesse o que aconteceria mais para a frente? Não sei. Adoraria ter uma resposta para essa pergunta, mas não tenho. Às vezes me sinto grata por tudo, tão dominada de paixão que meu juízo vai para o espaço, e a única coisa em que consigo pensar é nele. Em outras ocasiões, penso no sofrimento que Hardin me causou, na saudade que sinto de quem eu era, no caos daqueles momentos em que vi meu mundo ser virado de cabeça para baixo, e a resposta deixa de ser clara.

A única certeza que tenho é de que minha vida e meu coração nunca mais serão os mesmos depois de Hardin.



1

O despertador vai tocar a qualquer momento. Fiquei acordada quase a noite inteira, rolando na cama, olhando para o teto, contando as ripas de madeira e repetindo para mim mesma meus horários. Algumas pessoas contam carneirinhos; eu planejo. Minha mente nunca deixa de planejar, e hoje — o dia mais importante em meus dezoito anos de vida — não é diferente.

“Tessa!” Ouço minha mãe me chamar do andar de baixo. Resmungando, levanto da cama pequena mas confortável. Aproveito para arrumar os lençóis e as cobertas sem pressa; afinal, vai ser a última vez que faço isso por um bom tempo. A partir de hoje, esse quarto deixa de ser minha casa.

“Tessa!” Ela me chama outra vez.

“Já levantei”, grito em resposta. O barulho das portas dos armários sendo abertas e fechadas com força lá embaixo indica que ela está tão ansiosa quanto eu. Quando entro no chuveiro, sinto um frio na barriga e fico rezando para que o nervosismo diminua ao longo do dia. Minha vida inteira foi uma preparação para hoje, meu primeiro dia na faculdade.

Passei os últimos anos da minha vida aguardando ansiosamente por esse momento. Usava meus fins de semana para estudar e me preparar enquanto meus colegas passeavam, bebiam e faziam tudo o que os adolescentes fazem para arrumar confusão. Mas eu não. Eu era a menina que passava as noites estudando, sentada no chão da sala, enquanto minha mãe fofocava e assistia ao canal de compras em busca de novos produtos de beleza.

Quando chegou a carta informando que eu tinha sido aceita na Washington Central, foi um momento de pura alegria, e minha mãe ficou chorando por horas. Não posso negar que fiquei orgulhosa ao ver que todo o meu esforço tinha valido a pena. Consegui ser aceita na única faculdade em que me inscrevi e, por causa da nossa baixa renda, me deram uma boa bolsa, de modo que precisaria apenas de um empréstimo estudantil mínimo. Uma vez, só por um momento, cheguei a cogitar a ideia de sair de Washington e ir estudar em outro estado. Mas, depois de ver minha mãe ficar pálida e andar de um lado para o outro na sala por quase uma hora, eu disse que não estava falando sério.

Assim que entro no chuveiro, uma parte da tensão se alivia. Parada sob o jato de água quente, tento me acalmar, mas meus pensamentos não

colaboram, e estou tão distraída que mal sobra água quente para que eu raspe as pernas.

Enquanto me enrolo na toalha, minha mãe grita meu nome outra vez.

Como sei que ela também está nervosa, decido não reclamar, mas seco os cabelos sem pressa. Até entendo que esteja preocupada, porém o dia de hoje está planejado passo a passo há meses. Só uma de nós tem o direito de estar uma pilha de nervos e de fazer tudo errado, então preciso seguir à risca meu plano para garantir que não seja eu.

Minhas mãos estão trêmulas quando fecho o zíper do vestido. Na verdade nem gosto dele, mas minha mãe fez questão de que o usasse. Finalmente consigo vencer a batalha contra o fecho e pego minha malha favorita, pendurada na porta do armário. Assim que termino de me vestir, fico mais calma, mas só até perceber que tem um pequeno rasgo na manga da blusa.

Eu a tiro e a jogo na cama enquanto calço os sapatos, sabendo que minha mãe fica mais impaciente a cada segundo que passa.

Noah, meu namorado, vai chegar daqui a pouco para ir até lá com a gente.

Ele é um ano mais novo que eu, mas vai fazer dezoito logo. É muito inteligente e um ótimo aluno, como eu. E — mal posso esperar — quer estudar na WCU comigo no ano que vem. Seria melhor se ele estivesse indo comigo agora mesmo, principalmente porque não conheço ninguém por lá, mas fiquei feliz por ele ter prometido que vai me visitar sempre que possível. Só preciso de uma colega de quarto legal; é a única coisa que eu peço, e a única impossível de garantir com planejamento.

“Theresaaaaa!”

“Já estou descendo, mãe. Para de me chamar, por favor!”, grito do meio da escada. Noah está sentado à mesa diante dela, olhando para o relógio. O azul de sua polo combina com seus olhos. Seus cabelos loiros estão penteados de forma impecável, com a ajuda de um pouquinho de gel.

“Oi, universitária.” Ele abre um sorriso reluzente e perfeito ao se levantar e me dá um abraço apertado. Sou obrigada a fechar a boca quando sinto que ele tomou um banho de perfume. Pois é, às vezes ele exagera.

“Oi.” Abro um sorriso igualmente reluzente, tentando esconder meu nervosismo, enquanto prendo meus cabelos loiros em um rabo de cavalo.

“Querida, podemos esperar dois minutinhos se você quiser arrumar o cabelo”, minha mãe fala baixinho.

Vou até o espelho e concordo, balançando a cabeça. Ela tem razão. Meus cabelos precisam estar bem-arrumados hoje, e claro que ela não hesitou em me lembrar disso. Deveria ter feito os cachos de que ela tanto gosta, como uma espécie de presente de despedida.

“Vou pôr as malas no carro”, Noah se oferece, abrindo a mão para que minha mãe lhe entregue a chave. Com um beijo apressado no meu rosto, ele sai da sala, com as malas na mão, e minha mãe vai atrás.

O segundo round da luta contra meus cabelos tem um resultado melhor que o primeiro, e dou uma última ajeitada no vestido cinza.

Quando saio de casa e vejo o carro com minhas coisas, sinto um frio na barriga maior do que nunca e fico aliviada ao pensar que ainda temos duas horas de viagem pela frente.

Não tenho a menor ideia de como vai ser na faculdade, e de repente a pergunta que passa a dominar meus pensamentos é: Será que vou conseguir fazer amigos?



2

Eu queria poder dizer que a paisagem familiar me acalmou durante a viagem, ou que uma sensação de aventura foi tomando conta de mim a cada placa que indicava que estávamos chegando mais perto da Washington Central. Só que na verdade estava perdida em um mar de planos e obsessões.

Nem sei bem o que Noah disse, mas acho que tentava me passar confiança,

dizendo que estava contente por mim.

“Chegamos!”, anuncia minha mãe com um gritinho agudo quando passamos pelos portões de entrada do campus. O lugar é tão bonito ao vivo quanto nas fotos dos folhetos e da internet, e fico impressionada com a elegância daquelas construções de pedra. Entre pais se despedindo dos filhos com beijos e abraços, grupos de calouros vestidos dos pés à cabeça com roupas da WCU e um pessoal que não parece nem saber onde está, são centenas de pessoas reunidas ali. O tamanho do campus é intimidador, mas com um pouco de sorte em algumas semanas já estarei me sentindo em casa.

Minha mãe faz questão de que ela e Noah acompanhem a recepção aos calouros. Ela consegue manter o sorriso no rosto durante três horas a fio, e Noah escuta tudo com bastante atenção, assim como eu.

“Quero ver seu alojamento antes de ir embora. Preciso conferir se está tudo em ordem”, minha mãe me diz quando a recepção chega ao fim. Ela examina o velho edifício com olhos cheios de reprovação. Minha mãe tem o dom de encontrar defeito em tudo. Noah abre um sorriso para amenizar o clima, mas ela fica ainda mais exaltada.

“Nem acredito que você está na faculdade! Minha única filha, uma universitária, morando sozinha. Simplesmente não acredito”, ela diz em meio ao choro, limpando as lágrimas com cuidado para não borrar a maquiagem. Noah segue atrás dela, carregando minhas malas pelo corredor.

“É o B22… e estamos no pavilhão C”, digo a eles. Felizmente, vejo um B

enorme pintado na parede logo em frente. “É por aqui”, digo quando vejo minha mãe virar na direção oposta. Fico contente por trazido apenas algumas roupas, um cobertor e meus livros favoritos. Assim Noah não precisa carregar tanto peso, e eu não vou ter muito trabalho para desfazer as malas.

“B22”, anuncia minha mãe, ofegante. Ela está usando saltos

escandalosamente altos para o tanto que precisamos andar. No final de um longo corredor, enfio a chave na fechadura de uma velha porta de madeira, que abre com um rangido. Minha mãe solta um suspiro alto. O quarto é pequeno, tem duas camas estreitas e duas escrivaninhas. Depois de um instante, meus olhos veem o motivo da surpresa da minha mãe: um dos lados do quarto está coberto

de pôsteres de bandas de que nunca ouvi falar, com integrantes cheios de piercings e tatuagens. E há uma menina deitada em uma das camas, com cabelos de um vermelho bem vivo, toneladas de delineador nos olhos e os braços cobertos de tatuagens coloridas.

“Oi”, ela diz, abrindo um sorriso que achei até bem cativante, para minha própria surpresa. “Sou Steph.” Ela se apoia sobre os cotovelos, exibindo o decote profundo da blusinha, e eu tenho que cutucar o pé de Noah para ele desviar os olhos dos peitos dela.

“O-oi. Sou Tessa”, respondo quase engasgando, esquecendo totalmente os bons modos.

“Oi, Tessa. É um prazer. Bem-vinda à WCU, onde os quartos são pequenos e as festas, sensacionais.” A ruivinha abre um sorriso ainda mais largo, joga a cabeça para trás e cai na risada quando vê as expressões incrédulas diante dela. Minha mãe está completamente de queixo caído, e Noah não para de remexer os pés, todo sem graça. Steph se levanta, vem até mim e envolve meu corpo com seus braços finos. Fico sem reação por um instante, surpresa pela demonstração de afeto, mas em seguida retribuo o gesto. Uma batida ressoa na porta no momento em que Noah larga minhas malas no chão, e eu não consigo acreditar no que está acontecendo bem diante dos olhos da minha mãe.

“Entrem”, grita minha nova colega de quarto. A porta se abre, e dois garotos entram antes mesmo que ela termine de falar.

Garotos no quarto de meninas logo no primeiro dia? Talvez a Washington Central não tenha sido uma boa ideia. Ou eu deveria ter tentado fazer uma triagem das minhas possíveis colegas de quarto? Pela expressão de desagravo no rosto da minha mãe, ela está pensando a mesma coisa. A pobrezinha parece que vai desmaiar a qualquer momento.

“Oi, você é a colega de quarto da Steph?”, um dos garotos pergunta. Seus cabelos loiros estão penteados para cima, e ele tem três mechas castanhas.

Seus braços são cobertos de tatuagens, e os brincos em sua orelha são do tamanho de moedas.

“Hã… sou. Meu nome é Tessa”, consigo dizer.

“Sou Nate. Não precisa ficar tão assustada”, ele diz com um sorriso, estendendo a mão e tocando meu ombro. “Você vai gostar muito daqui.” Sua expressão é afetuosa e amigável, apesar do visual agressivo.

“Estou pronta, meninos”, anuncia Steph, pegando uma bolsa preta da cama. Meus olhos se voltam para o outro garoto, apoiado contra a porta.

Seus cabelos castanhos, espessos e ondulados estão penteados para trás, e ele tem piercings na sobrancelha e na boca. Meu olhar vai descendo para sua camiseta preta e seus braços, que também são cobertos de tatuagens, sem deixar nenhum espaço livre na pele. Ao contrário de Steph e Nate, as dele parecem ser todas em preto e branco. Ele é alto e magro, e sei que o estou encarando de uma forma nem um pouco educada, mas não consigo desviar os olhos.

Fico esperando que se apresente, assim como seus amigos fizeram, mas ele permanece em silêncio, revirando os olhos com impaciência e mexendo no celular que tirou do bolso da calça jeans preta e justa. Ele definitivamente não é simpático como Steph ou Nate. Mas, por outro lado, é mais interessante: alguma coisa nele torna difícil tirar meu olhar de seu rosto.

Percebo que Noah está me observando e me viro, fingindo uma expressão de choque.

E era por isso mesmo que eu estava olhando, não era?

“A gente se vê, Tessa”, diz Nate, e os três saem do quarto. Respiro bem fundo. Constrangedor era pouco para definir aquilo.

“Você vai trocar de quarto!”, esbraveja minha mãe assim que a porta se fecha.

“Não, não posso”. Solto um suspiro. “Está tudo bem, mãe.” Faço meu melhor para esconder o nervosismo. Não estou certa de que essa é a melhor opção, mas a última coisa que quero é ver minha mãe superprotetora dar um escândalo no meu primeiro dia. “Ela nem deve ficar muito por aqui mesmo”, digo, tentando convencer minha mãe e a mim mesma.

“De jeito nenhum, vamos trocar de quarto agora mesmo.” Seu visual bem produzido contrastava com a raiva em seu rosto; os cabelos longos e loiros estavam caídos sobre um dos ombros, com todos os cachos absolutamente intactos. “Você não pode ficar no mesmo quarto de alguém que deixa garotos

entrarem desse jeito… e ainda garotos como aqueles!”

Olho no fundo dos seus olhos cinzentos, depois olho para Noah. “Mãe, por favor, vamos pelo menos fazer um teste. Por favor.” Não consigo nem começar a imaginar a confusão que ela ia causar tentando uma mudança de quarto àquela altura. Nem na humilhação que seria para mim.

Minha mãe olha ao redor mais uma vez, observando a decoração que Steph fez em seu lado do quarto, e solta um suspiro dramático.

“Tudo bem”, ela responde, para minha surpresa. “Mas vamos ter uma boa conversa antes de eu ir embora.”



3

Uma hora depois, após ouvir todos os alertas da minha mãe sobre os perigos das festas e dos universitários — usando um linguajar que deixou tanto eu como Noah bastante desconfortáveis —, ela enfim resolveu ir embora. Com sua despedida habitual, um beijo e um abraço rápido, saiu do quarto e disse para Noah que ia esperá-lo no carro.

“Vou sentir falta de poder ficar com você todos os dias”, ele diz baixinho e me puxa para perto. Sinto seu perfume, o mesmo que lhe dei de presente de Natal dois anos seguidos, e solto um suspiro. O cheiro já está mais fraco, e eu me dou conta de que vou sentir saudade daquele aroma e da sensação de segurança que o acompanha, por mais que tenha reclamado dele no passado.

“Vou sentir sua falta também, mas podemos conversar todos os dias”, digo, apertando seu corpo e passando o nariz em seu pescoço. “Queria que também estivesse na faculdade.” Noah é apenas alguns centímetros mais alto que eu, e acho isso bom. Minha mãe brincava comigo quando eu era mais nova, dizendo que um homem cresce um centímetro a cada mentira que conta. Meu pai era um sujeito bem alto, então não dava para contestar a lógica dela usando-o como exemplo.

Noah encosta sua boca na minha… e nesse exato momento ouvimos o som de uma buzina no estacionamento.

Ele dá risada e se afasta. “Sua mãe… ela não dá uma folga.” Noah me dá um beijo no rosto e sai apressado, dizendo: “Ligo pra você hoje à noite!”.

Sozinha no quarto, fico pensando em sua saída apressada por um breve momento antes de começar a desfazer as malas. Em pouco tempo, metade das minhas roupas está dobrada e guardada em uma das pequenas cômodas.

O resto penduro nos cabides do meu armário. Tomo um susto ao ver a insana quantidade de roupas de couro e com estampas de animais no outro.

Ainda assim, minha curiosidade fala mais alto, e eu me pego passando o dedo em um vestido feito de algum tipo de metal e outro de um tecido tão fino que parece inexistente.

Sentindo o cansaço do dia começar a bater, me deito na cama. Um sentimento de solidão nada familiar vai se instalando aos poucos, e o fato de minha colega de quarto não estar lá não ajuda em nada, por mais sem graça que eu possa ficar perto de seus amigos. Tenho a sensação de que ela não vai passar muito tempo por perto, ou pior, que vai estar sempre acompanhada.

Por que eu não podia ter caído com uma menina que gostasse de ler e estudar? Por outro lado, isso pode ser bom, porque vou ter o quarto só para mim por bastante tempo… Mas não estou com um bom pressentimento. Até agora, a faculdade não está sendo nada do que eu sonhava ou esperava.

Tenho que lembrar a mim mesma de que foram só algumas horas.

Amanhã vai ser melhor. Precisa ser.

Pego minha agenda e meus livros para anotar as aulas do semestre e os dias das reuniões do clube de leitura de que pretendo participar; ainda não tenho certeza disso, mas li alguns depoimentos de estudantes a respeito do clube e fiquei com vontade de ver como é. Quero encontrar um grupo de pessoas como eu, gente com quem possa conversar. Não tenho esperança de fazer um monte de amigos, só o suficiente para ter com quem almoçar de vez em quando. Planejo um passeio fora do campus amanhã, para comprar algumas coisinhas a mais para o quarto. Não quero que meu lado fique atulhado como o de Steph, mas preciso acrescentar alguns toques pessoais para me sentir mais em casa nesse ambiente desconhecido. O fato de não ter um carro torna tudo um pouco mais difícil. Quanto antes comprar um, melhor. Tenho o dinheiro que ganhei na formatura e o

que economizei do trabalho na livraria, mas não sei se estou disposta a encarar o estresse de ter um carro no momento. Vivendo no campus, tenho acesso fácil ao transporte coletivo, e já me informei sobre as linhas de ônibus. Pensando em cronogramas, garotas ruivas e sujeitos mal-educados cobertos de tatuagens, acabo pegando no sono com a agenda ainda na mão.

Na manhã seguinte, Steph não está na cama dela. Eu até queria conhecê-la, mas vai ser difícil se ela nunca estiver aqui. Será que um dos dois garotos é namorado dela? Para seu próprio bem, espero que seja o loirinho.

Pego minha nécessaire e vou para o banheiro. Já dá para dizer que uma das partes mais complicadas da vida no alojamento vai ser a hora do banho

— seria muito melhor se cada quarto tivesse seu banheiro. Mas tudo bem, o banheiro coletivo feminino não pode ser tão ruim.

Pelo menos foi o que pensei — e quem não pensaria assim? Só que, assim que cheguei à porta do banheiro, vi dois adesivos colados, um representando um homem e outro uma mulher. Ai. Não acredito que permitem esse tipo de coisa. Não acredito que deixei isso passar quando fiz minha pesquisa a respeito da WCU.

Vejo um chuveiro livre e vou abrindo caminho às pressas em meio a garotos e garotas seminus. Fecho bem a cortina, tiro minhas roupas e, tateando com o braço para fora da cortina, as penduro num gancho. O

chuveiro demora um bocado para esquentar, e eu fico paranoica, com medo de que alguém abra a cortina que separa meu corpo despido do restante das pessoas lá fora. Todo mundo parece à vontade com a presença de pessoas seminuas de ambos os sexos circulando por ali; a vida universitária está

sendo bem estranha, e é só meu segundo dia.

A cabine do chuveiro é pequena, mas tem um pequeno gancho para pendurar minhas roupas limpas enquanto tomo banho. É tão apertado que mal consigo esticar meus braços. Eu me pego pensando em Noah e na minha vida em casa. Distraída, bato com o cotovelo nas roupas quando me viro, derrubando tudo no chão. O chuveiro ainda está aberto, e elas ficam totalmente ensopadas.

“Só pode ser brincadeira!”, resmungo comigo mesma, fechando o chuveiro às

pressas e me enrolando na toalha. Apanho minhas roupas pesadas e encharcadas e saio correndo pelo corredor, torcendo desesperadamente para que ninguém me veja. Enfio a chave na porta e relaxo imediatamente após fechá-la atrás de mim.

Pelo menos até ver o garoto mal-educado e tatuado de cabelos castanhos deitado na cama de Steph.



4

“Hã… Cadê a Steph?” Tento parecer confiante, mas minha voz sai em uma espécie de guincho agudo. Minhas mãos estão agarradas ao tecido macio da toalha, e meus olhos ficam desviam-se o tempo todo para baixo, para me certificar de que meu corpo está coberto.

O garoto olha para mim e abre um sorrisinho com o canto da boca, mas não diz uma palavra.

“Você me ouviu? Perguntei onde está a Steph”, repito, tentando ser um pouquinho mais articulada.

A expressão em seu rosto se intensifica, e ele finalmente resmunga um

“Não sei” e liga a televisãozinha que fica sobre a cômoda de Steph. O que ele está fazendo aqui? Não tem um quarto para ficar? Mordo a língua para não soltar um comentário malcriado.

“Você poderia… hã… sair daqui enquanto me visto?” Ele nem notou que estou só de toalha. Ou então não deu bola para isso.

“Quem vê pensa que quero ficar olhando pra você”, ele resmunga, então vira de lado e cobre o rosto com as mãos. Tem um sotaque britânico carregado no qual eu não tinha reparado antes. Talvez porque ele não tivesse se dignado a falar comigo até então.

Sem saber como rebater aquela resposta mal-educada, dou uma bufada e vou até minha cômoda. Talvez ele seja gay, e por isso disse que não queria ficar olhando para mim. Ou ele me acha muito feia. Com gestos apressados, visto a calcinha e

o sutiã, e em seguida uma camiseta branca e um short cáqui.

“Já terminou?”, ele pergunta, fazendo minha paciência se esgotar de vez.

“Que tal mostrar um pouquinho de respeito por mim? Não fiz nada pra você. Qual é a sua?”, berro, muito mais alto do que gostaria, mas, pela expressão de surpresa em seu rosto, percebo que minhas palavras tiveram o efeito esperado sobre aquele intrometido.

Ele fica me encarando em silêncio por um instante. E, quando penso que vai se desculpar… cai na risada. É uma gargalhada sincera, que seria quase agradável se não viesse de alguém tão detestável. As covinhas ficam visíveis em seu rosto quando ele ri, e eu me sinto uma idiota, sem saber o que fazer nem o que falar. Não estou acostumada com esse tipo de afronta, e esse garoto parece ser a última pessoa com quem deveria arrumar uma briga.

A porta se abre e Steph entra apressada.

“Desculpa o atraso. Estou com uma ressaca infernal”, ela diz de forma dramática, e em seguida olha para nós dois. “Foi mal, Tess, eu me esqueci de avisar que Hardin ia passar aqui.”

Eu gostaria de achar que morar com Steph poderia dar certo, que nós duas até poderíamos ser amigas, mas, com suas amizades e seus hábitos noturnos, sinceramente não parece possível.

“Seu namorado é bem grosso.” As palavras saíram da minha boca antes que eu pudesse fazer alguma coisa para impedir.

Steph olha para o garoto. E então os dois começam a rir. Qual é a deles, rindo da minha cara desse jeito? Está começando a ficar bem irritante.

“Hardin Scott não é meu namorado!”, ela consegue responder, quase sem fôlego. Depois de se acalmar um pouco, ela se vira e olha feio para o tal Hardin. “O que você falou pra ela?” E, então, olhando para mim, ela diz:

“Hardin tem um… um jeito todo especial de se comunicar”.

Que beleza. Então o que ela está dizendo é que esse Hardin é um babaca incorrigível. Ele dá de ombros e muda de canal.

“Tem uma festa hoje à noite, você devia vir com a gente, Tessa”, Steph convida.

É minha vez de dar risada.

“Não sou muito chegada em festas. Além disso, tenho que sair e comprar algumas coisas pra pôr na minha mesa e nas paredes.” Olho mais uma vez para Hardin, que, para variar, age como se estivesse sozinho e fosse o dono do quarto.

“É só uma baladinha! Você é uma universitária agora, uma festa não vai fazer mal”, Steph insiste. “E como você vai sair pra fazer compras? Não sabia que tinha carro.”

“Vou de ônibus. E não posso ir a essa festa… não conheço ninguém”, argumento, e Hardin dá risada outra vez — um sutil reconhecimento de que está prestando atenção em mim, nem que seja só para tirar sarro da minha cara. “Eu ia ficar lendo e conversando pelo Skype com o Noah.”

“Não dá para andar de ônibus de sábado! Fica tudo lotado. Hardin pode dar uma carona quando for para casa… certo, Hardin? E você me conhece, e eu vou estar na festa. Vamos lá, vai… Por favor?”, ela pede, juntando as duas mãos em um apelo dramático.

Faz um dia que a conheço; será que posso confiar nela? As recomendações da minha mãe a respeito de festas voltam à minha cabeça. Steph parece ser bem legal, pelo pouco que pudemos conviver. Mas uma festa?

“Não sei… E não quero carona nenhuma do Hardin”, respondo.

O garoto se vira na cama de Steph com uma expressão de divertimento no rosto. “Ah, não! Eu estava tão a fim de passar mais tempo com você”, ele diz, em um tom tão carregado de sarcasmo que me dá vontade de atirar um livro

em sua cabeça. “Steph, você sabe que essa garota não vai topar ir à festa”, ele diz, aos risos, com seu sotaque indisfarçável. Meu lado curioso, que admito ser bem grande, está louco para perguntar de onde ele é. Já meu lado competitivo quer provar que o sorrisinho pretensioso em seu rosto é injustificado.

“Pensando bem, eu vou, sim”, anuncio com o sorriso mais doce de que sou capaz. “Acho que pode ser divertido.”

Hardin balança a cabeça, incrédulo, e Steph solta um gritinho antes de me abraçar com força pela cintura.

“Eba! A gente vai se divertir muito!”, ela grita, e uma enorme parte de mim começa a rezar para que ela esteja certa.



5

Fico contente quando Hardin finalmente vai embora, porque eu e Steph podemos conversar melhor sobre a festa. Preciso de mais detalhes para acalmar meus nervos, e a presença dele não ajuda em nada nesse sentido.

“Onde é essa festa? Dá pra ir a pé?”, pergunto, tentando parecer tranquila enquanto arrumo minhas botas na prateleira.

“É em uma das maiores fraternidades daqui.” Ela abre bem a boca enquanto passa ainda mais rímel nos cílios. “Fica fora do campus, então não dá para ir a pé, mas Nate vem buscar a gente.”

Fico mais tranquila por não ser Hardin, apesar de saber que ele vai estar lá. A ideia de andar no carro dele me parece intragável. Por que é tão grosso?

No mínimo, deveria demonstrar algum respeito por mim por não julgá-lo pela maneira como destruiu seu corpo com todos aqueles buracos e tatuagens. Certo, talvez eu o esteja julgando um pouquinho, mas não na cara dele. Pelo menos sei relevar nossas diferenças. Na minha casa, tatuagens e piercings não são normais. Sempre precisei andar muito bem penteada, com as sobrancelhas arrumadas e roupas limpas e bem passadas. É assim que as coisas são.

“Você me ouviu?”, pergunta Steph, interrompendo meus pensamentos.

“Desculpe… O que disse?” Eu nem tinha percebido que estava distraída pensando no grosseirão.

“Eu disse pra gente se arrumar… você pode me ajudar a escolher minha roupa.” Os vestidos que ela mostra são tão absurdos que olho ao redor em busca de uma câmera escondida ou de alguém que vá dizer que é uma pegadinha. Faço caretas

e mais caretas, e ela dá risada, achando graça da minha reação.

O vestido — não, o pedacinho de pano — que ela escolhe é preto arrastão, deixando o sutiã vermelho totalmente exposto. A única coisa que impede que seu corpo todo fique à mostra é um forro de tecido preto por baixo que esconde algumas partes. O vestido mal cobre suas coxas, e ela ainda fica puxando para cima a fim de mostrar mais as pernas, ou então para baixo, aumentando o decote. Os saltos dos sapatos têm no mínimo uns dez centímetros. Seus cabelos vermelhos estão presos em um coque meio solto, deixando algumas mechas caírem sobre os ombros, e nos olhos ela aplica um pouco mais de delineador azul e preto, deixando-os ainda mais

produzidos do que antes.

“Doeu para fazer essas tatuagens?”, pergunto enquanto pego meu vestido cor de vinho favorito.

“A primeira até doeu, mas não tanto quanto você imagina. É mais ou menos como uma abelha picando um monte de vezes seguidas”, Steph conta, dando de ombros.

“Não parece nada bom”, respondo, e ela dá risada. Nesse momento me dou conta de que para Steph a esquisitona sou eu. Mas o fato de sermos tão diferentes é estranhamente reconfortante.

Ela fica boquiaberta ao ver meu vestido. “Sério que é isso que você vai usar?”

Passo as mãos pelo tecido. É meu vestido mais bonito, meu favorito, um dos poucos que tenho, aliás. “O que tem de errado?”, pergunto, tentando não mostrar que fiquei ofendida. O tecido é macio, mas bem resistente, do tipo que se usa para fazer terninhos. O decote é fechado até o pescoço, e as mangas são três quartos, indo até um pouco abaixo dos cotovelos.

“Nada, é que ele é tão… longo!”

“Mal passa dos joelhos.” Não sei se ela é capaz de perceber que estou chateada, mas por alguma razão prefiro continuar tentando esconder isso.

“É bonito, só acho um pouco formal demais pra uma festa. E se você usar um dos meus?”, ela oferece com toda a sinceridade. Não consigo nem me imaginar

dentro de um daqueles vestidinhos minúsculos.

“Obrigada, Steph, mas estou bem assim”, respondo, ligando na tomada meu babyliss.



6

Mais tarde, quando meus cachos já estão perfeitos, prendo um grampo de cada lado da cabeça, para evitar que caiam sobre meu rosto.

“Quer usar minha maquiagem?”, oferece Steph, e eu me olho no espelho.

Meus olhos sempre pareceram grandes demais para meu rosto, mas prefiro usar o mínimo de maquiagem, em geral só um pouco de rímel e batom.

“Talvez um pouco de delineador?”, digo, ainda insegura.

Com um sorriso, ela me entrega três: um roxo, um preto e um marrom.

Fico passando os três por entre os dedos, tentando decidir entre o marrom e o preto.

“O roxo vai combinar com seus olhos”, ela sugere, mas abro um sorriso e balanço a cabeça negativamente. “Seus olhos são tão diferentes… quer trocar?”, ela brinca.

Steph tem olhos verdes lindíssimos; nem de brincadeira deveria dizer que quer trocá-los pelos meus. Pego o lápis preto e faço o contorno mais fino possível em torno dos olhos, ganhando em troca um sorriso orgulhoso de Steph.

Seu celular vibra, e ela pega a bolsa. “Nate chegou”, ela avisa. Apanho minha bolsa, dou uma alisada no vestido e calço minha sapatilha branca. Ela olha, mas não comenta.

Nate está esperando em frente ao prédio, com um rock pesado tocando bem alto dentro do carro com as janelas abertas. Dou uma olhadinha ao redor para ver se tem alguém incomodado por causa do som. Mantenho a cabeça baixa e, quando levanto os olhos, vejo Hardin se ajeitando no banco da frente. Ele devia estar

agachado. Argh.

“Senhoritas”, cumprimenta Nate.

Hardin me olha feio quando entro no carro atrás de Steph e me acomodo no assento bem atrás dele. “Você sabe que estamos indo pra uma festa, e não pra igreja, certo, Theresa?”, ele pergunta. Olhando para o retrovisor lateral vejo um sorrisinho de deboche em seu rosto.

“Por favor, não me chama de Theresa. Prefiro Tessa”, aviso. Como ele sabe meu nome, aliás? Theresa me faz lembrar do meu pai, e prefiro não ser chamada assim.

“Como quiser, Theresa.”

Eu me recosto no assento e reviro os olhos. Melhor não ficar discutindo com ele; não vale a pena.

Olho pela janela e tento absorver a música ruidosa enquanto nos dirigimos para a festa. Nate estaciona em uma rua movimentada, com casas grandes e aparentemente idênticas. O nome da fraternidade está pintado em letras pretas, mas não dá para ler por causa das trepadeiras que crescem na lateral do casarão. Pedaços enormes de papel higiênico estão pendurados na fachada branca da casa, e o barulho forma a imagem perfeita de uma fraternidade universitária.

“Olha o tamanho disso… Quanta gente será que tem lá dentro?”, pergunto, engolindo em seco. O jardim da frente está cheio de gente com copos vermelhos na mão, alguns até dançando, bem no meio do gramado.

Definitivamente não é minha praia.

“Está lotada, vamos logo”, Hardin responde e sai do carro, batendo a porta atrás de si. Do banco de trás, vejo um monte de gente cumprimentar Nate, ignorando a presença de Hardin. O que me surpreende é que ninguém mais ali tem o corpo coberto de tatuagens como ele, Nate e Steph. Talvez eu até consiga fazer algum amigo na festa.

“Você vem?” Steph abre um sorriso, abre a porta e desce.

Balanço a cabeça afirmativamente, mais para mim mesma do que para ela,

enquanto saio do carro, tomando o cuidado de dar uma última alisada no vestido.



7

Hardin já desapareceu dentro da casa, o que é ótimo, porque não quero vê-

lo pelo resto da noite. Considerando a quantidade de gente na festa, provavelmente é isso que vai acontecer. Sigo Steph e Nate até a sala lotada, e alguém me entrega um copo vermelho. Eu me viro para recusar educadamente, mas é tarde demais, não consigo nem ver quem me entregou a bebida. Ponho o copo sobre um balcão e continuo andando atrás dos dois.

Eles param quando chegamos a um grupo reunido em torno de um sofá, e concluo, pela aparência, que aqueles são os amigos de Steph. São todos tatuados como ela e estão sentados no sofá. Infelizmente, Hardin está empoleirado no braço direito, mas consigo evitar um olhar na direção dele enquanto Steph me apresenta ao restante do pessoal.

“Esta é Tessa, minha colega de quarto. Ela chegou ontem, então a trouxe para que se divirta em seu primeiro fim de semana na WCU”, ela explica.

Eles me cumprimentam com um aceno de cabeça ou um sorriso. Todos são simpáticos, com exceção de Hardin, claro. Um menino bonito de pele morena estende a mão para me cumprimentar. Está fria por causa do copo de bebida que estava segurando, mas seu sorriso é caloroso. A luz do ambiente reflete em seus dentes, e acho que vejo de relance um piercing em sua língua, porém é tudo rápido demais, então não posso ter certeza.

“Sou Zed. Você estuda o quê?”, ele me pergunta. Percebo que seus olhos passeiam pelo meu vestido. Ele abre um sorriso, mas não faz nenhum comentário a respeito.

“Inglês”, digo toda orgulhosa, sorrindo. Hardin solta um risinho de deboche, que ignoro.

“Demais”, ele comenta. “Eu curto flores.” Zed dá risada e eu respondo com um sorriso.

Flores? Do que ele está falando?

“Quer uma bebida?”, Zed oferece antes que eu tenha a chance de perguntar sobre as flores.

“Ah, não, eu não bebo”, respondo, e ele tenta esconder o riso.

“Só a Steph pra trazer uma garota tão certinha para uma festa”, resmunga uma menina baixinha de cabelos cor-de-rosa.

Finjo que não ouço, para evitar uma discussão. Certinha? Não é assim que me vejo, de jeito nenhum, mas estudei e trabalhei muito para chegar onde

estou e, como meu pai foi embora de casa, minha mãe teve que se esforçar demais para que eu tivesse um bom futuro.

“Vou sair pra tomar um ar”, digo e começo a me afastar. Preciso evitar esse tipo de picuinha a qualquer custo. Não estou a fim de arrumar inimigos, já que nem amigos tenho.

“Quer que eu vá com você?”, Steph grita atrás de mim.

Faço que não com a cabeça e vou andando até a porta. Sabia que não deveria ter vindo. Deveria estar de pijama lendo um livro. Ou então conversando pelo Skype com Noah, de quem estou morrendo de saudade.

Até dormir seria uma opção melhor do que ficar do lado de fora de uma festa cheia de desconhecidos bêbados. Decido mandar uma mensagem de texto para Noah. Vou até um canto do jardim, que parece ser o local menos lotado da festa.

Saudade. A faculdade não está nem um pouco divertida por enquanto. Envio e sento em uma mureta de pedra à espera da resposta. Um grupo de meninas bêbadas passa dando risadinhas e tropeçando nas próprias pernas.

A reposta vem rápido: Por quê? Também estou com saudade. Queria estar aí com você. Abro um sorriso ao ler aquelas palavras.

“Desculpa aí!”, diz uma voz masculina, e um segundo depois sinto um líquido gelado ensopar a frente do meu vestido. O sujeito sai aos tropeções e se apoia na mureta. “Foi mal mesmo.”

Não poderia ser pior. Primeiro uma menina debocha de mim, e agora meu vestido está encharcado sabe-se lá de que bebida, e com um cheiro horrível.

Soltando um suspiro, guardo o celular e entro para procurar um banheiro.

Vou abrindo caminho pelo corredor lotado, tentando todas as portas que encontro, mas estão todas trancadas. Tento não pensar no que as pessoas estão fazendo lá dentro.

Subo a escada e continuo minha busca por um banheiro. Finalmente, consigo abrir uma porta. Não é um banheiro. É um quarto e, para meu azar, Hardin está deitado na cama. A menina de cabelos cor-de-rosa está montada sobre ele, beijando sua boca.



8

A menina se vira e olha para mim. Tento mover os pés, mas estão paralisados. “Quer alguma coisa?”, ela rosna.

Hardin se senta na cama ainda debaixo dela. Seu rosto não tem nenhuma expressão — ele não parece estar nem um pouco incomodado.

Provavelmente faz esse tipo de coisa o tempo todo. Deve estar acostumado a ser flagrado, em festas, quase no ato sexual com meninas que nem conhece.

“Ah… não. Desculpe, eu… Estou procurando um banheiro, derrubaram bebida em mim”, me apresso em explicar. Que situação… A menina dá um beijo no pescoço de Hardin, e eu olho para o outro lado. Os dois formam um belo par. São tatuados e mal-educados.

“Então vai logo encontrar um banheiro.” Ela revira os olhos, e eu concordo com a cabeça e saio do quarto. Quando fecho a porta, encosto nela e respiro fundo. A faculdade não está sendo nem um pouco divertida. Não consigo entender como uma festa assim pode ser considerada diversão. Em vez de tentar achar um banheiro, decido ir até a cozinha e me limpar na pia.

A última coisa que quero é abrir outra porta e encontrar estudantes cheios de

hormônios montados uns sobre os outros. De novo.

Não é muito difícil encontrar a cozinha, mas está lotada, já que a maior parte da bebida fica em baldes de gelo sobre o balcão, e há pilhas de caixas de pizza. Para pegar papel-toalha e molhar na torneira, preciso desviar de uma menina morena que vomita dentro da pia. Quando esfrego no meu vestido, fragmentos do papel branco vagabundo se soltam, deixando a sujeira ainda mais visível. Irritada, solto um grunhido e encosto no balcão.

“Está se divertindo?”, Nate pergunta, chegando mais perto. Fico aliviada ao ver um rosto familiar por ali. Ele abre um sorriso simpático e dá um gole em sua bebida.

“Não exatamente… quanto tempo costumam durar essas festas?”

“A noite toda… e metade do dia seguinte.” Ele dá risada, e eu fico de queixo caído. Quando será que Steph pretende ir embora? Espero que logo.

“Ei.” Começo a entrar em pânico. “Quem vai levar a gente de volta pro campus?”, pergunto, notando seus olhos vermelhos.

“Sei lá… você pode ir com meu carro se quiser”, ele responde.

“É muita gentileza sua, mas não posso dirigir seu carro. Se eu bater ou for parada pela polícia com menores de idade bêbados no carro, posso acabar

me dando mal.” Não consigo nem imaginar a reação da minha mãe quando souber que vai ter que me buscar na cadeia.

“Não, não, é aqui pertinho… você devia ir com meu carro. Nem bebeu.

Caso contrário, vai ter que ficar por aqui, ou eu vejo se arrumo alguém para…”

“Não, tudo bem. Eu dou um jeito”, consigo dizer antes que aumentem a música e tudo se perca ao som do baixo e dos versos, entoados praticamente aos berros.

Minha decisão de vir a essa festa está se revelando mais errada a cada minuto que passa.



9

Finalmente, depois de eu ficar apontando e gritando “Steph” umas dez vezes para Nate, a música é trocada por uma mais tranquila, e ele balança a cabeça e começa a rir. Ele ergue a mão e aponta para a sala ao lado. Nate é um cara muito legal, por que será que anda com Hardin?

Quando me viro para o local que indicou, tudo o que consigo ouvir é meu próprio suspiro de surpresa. Steph está dançando em cima de uma mesa com outras duas garotas. Um cara bêbado se junta a elas, pegando-a pelos quadris. Fico esperando para vê-la afastar as mãos dele, mas em vez disso Steph sorri e esfrega a bunda nele. Pois é.

“Eles estão só dançando, Tessa”, diz Nate, dando uma risadinha ao notar minha expressão de desconforto.

Mas eles não estão só dançando; estão se pegando e se esfregando.

“É… eu sei.” Dou de ombros, apesar de não considerar aquilo nem um pouco normal. Jamais dançaria dessa maneira, nem mesmo com Noah, e namoramos há dois anos. Noah! Pego o celular na bolsa para ler as mensagens.

Você está aí, Tess?

Oi? Está tudo bem?

Tessa? Quer que eu ligue para sua mãe? Estou começando a ficar preocupado.

Digito seu número o mais rápido possível, rezando para que ele não tenha ligado para minha mãe. Ele não atende, e eu mando uma mensagem dizendo que está tudo bem, que ele não precisa ligar para minha mãe. Ela vai surtar se achar que aconteceu alguma coisa comigo no meu primeiro fim de semana na faculdade.

“Oiiii… Tessa!”, Steph grita e apoia a cabeça no meu ombro. “Está se divertindo, amiga?” Ela dá risada, obviamente bêbada. “Acho que… preciso…

a sala está começando a vibrar, Tess… quer dizer, girar”, ela diz aos risos, e seu corpo tomba para a frente.

“Ela está passando mal”, digo a Nate, que balança a cabeça e a pega nos braços,

jogando seu corpo por cima dos ombros.

“Vem comigo”, ele diz, subindo a escada. Ele abre uma porta na metade do corredor, encontrando um banheiro sem a menor dificuldade. Assim que Nate a põe no chão perto do vaso, Steph começa a vomitar. Olho para o

outro lado, mas seguro seus cabelos vermelhos e os afasto do rosto.

Finalmente, depois de vomitar muito mais do que suportei ver, ela para, e Nate me passa uma toalha. “Vamos levá-la para o quarto do outro lado do corredor e deitá-la na cama. Ela precisa dormir para se sentir melhor”, ele sugere. Faço que sim com a cabeça, mas só consigo pensar que não posso deixá-la sozinha, desmaiada. “Você também pode ficar”, ele completa, como se tivesse lido meus pensamentos.

Juntos, nós a erguemos do chão e a ajudamos a atravessar o corredor até um quarto escuro. Com movimentos cuidadosos, deitamos Steph, que resmunga, na cama. Nate sai logo em seguida, dizendo que volta mais tarde para ver como estamos. Eu me acomodo na cama ao lado dela e ajeito sua cabeça para que fique confortável.

Sóbria, com uma menina bêbada deitada ao meu lado e uma festa barulhenta acontecendo ao redor, sinto que atingi o fundo do poço. Acendo um abajur para observar melhor o quarto, e meu olhar é imediatamente atraído para as prateleiras de livros que cobrem uma das paredes. Essa visão melhora meu humor, e chego mais perto para dar uma olhada nos títulos. É

uma coleção digna de respeito, com vários clássicos e cobrindo muitos temas. Tem todos os meus livros favoritos. Quando vejo O morro dos ventos uivantes, puxo o livro da prateleira. Está em bom estado, e a dobra na lombada indica que já foi aberto várias vezes.

Fico tão perdida nas palavras de Emily Brontë que nem percebo a mudança na luminosidade do quarto quando a porta se abre, nem a presença de uma terceira pessoa no lugar.

“O que você está fazendo no meu quarto?”, uma voz furiosa ruge atrás de mim.

A essa altura já conheço aquele sotaque.

Hardin.

“Perguntei o que você está fazendo no meu quarto”, ele repete, com o mesmo tom ríspido da primeira vez. Eu me viro a tempo de vê-lo se aproximando com passadas largas. Ele arranca o livro da minha mão e o põe de volta na prateleira.

Minha mente está a mil. Pensei que a festa não podia ficar pior, mas aqui estou eu, pega em flagrante no quarto de Hardin. Ele limpa a garganta ruidosamente e coloca o dedo na minha cara.

“Nate me disse para trazer Steph aqui…” Minha voz sai baixa, quase inaudível. Ele chega mais perto e solta um suspiro profundo. Aponto para a cama, e ele segue minha mão com o olhar. “Ela bebeu demais, e Nate disse…”

“Eu ouvi da primeira vez.” Ele passa as mãos pelos cabelos despenteados, claramente aborrecido. E daí que estamos no quarto dele? Aliás…

“Você faz parte dessa fraternidade?”, pergunto, incapaz de esconder a

surpresa no meu tom de voz. Hardin é muito diferente do que eu imaginava ser um garoto de fraternidade.

“Sim, e daí?”, ele responde e dá mais um passo à frente. Estamos a menos de meio metro de distância, e quando tento me afastar acabo batendo com as costas na prateleira. “Está surpresa, Theresa?”

“Para de me chamar de Theresa.” Ele me encurralou.

“É seu nome, não?” Hardin dá uma risadinha, aparentemente já menos irritado.

Suspiro e dou as costas para ele, ficando de frente para uma parede cheia de livros. Não tenho ideia do que fazer, mas preciso sair de perto de Hardin antes que dê um tapa na cara dele. Ou caia no choro. Estou exausta depois de um dia bem longo, então o mais provável é que comece a chorar e só depois meta a mão nele. Seria um vexame.

Eu me viro e passo por ele com um empurrão.

“Ela não pode ficar aqui”, Hardin diz. Quando me viro para encará-lo, vejo que está mordendo a argola que usa no lábio. O que o teria feito decidir abrir um

buraco na boca e outro na sobrancelha? Deve ter doído… mas, olhando bem, o piercing ajuda a acentuar o formato de sua boca e de seus lábios carnudos.

“Por que não? Pensei que fossem amigos.”

“Somos”, ele responde, “mas ninguém pode ficar no meu quarto.” Hardin cruza os braços e, pela primeira vez, consigo distinguir o desenho de uma de suas tatuagens. É uma flor, bem no meio do antebraço. Hardin, com uma tatuagem de flor? O desenho em preto e branco parece de uma rosa, mas alguma coisa ao redor dela tira sua beleza, acrescentando um caráter sombrio ao formato delicado.

Sentindo-me irritada e corajosa, dou uma risadinha. “Ah… entendi. Então só as garotas que topam beijar você podem ir ao seu quarto?” Ao ouvir minhas palavras, ele abre um sorriso ainda mais largo.

“Aquele não era meu quarto. Mas, se está falando isso porque está a fim de me beijar, fique sabendo que você não faz meu tipo”, ele responde. Não sei por quê, porém essas palavras me deixam abalada. Hardin está longe de ser meu tipo, mas eu jamais diria isso a ele.

“Você é… você é…” Não consigo encontrar palavras que expressem o quanto estou irritada. A música que atravessa a parede parece me deixar ainda mais aflita. Estou envergonhada, chateada e cansada daquela festa.

Discutir com ele não vale a pena. “Bom… então arranje você outro quarto para ela, enquanto arrumo um jeito de voltar para o campus”, limito-me a dizer, e me viro para a porta.

Quando a fecho atrás de mim, mesmo em meio ao barulho da festa, escuto o comentário irônico de Hardin: “Boa noite, Theresa”.



10

Não consigo evitar que as lágrimas escorram pelo meu rosto quando chego à escada. Odeio a faculdade, e as aulas ainda nem começaram. Por que não fiquei com uma colega de quarto mais parecida comigo? Eu deveria estar dormindo

àquela hora, preparando-me para a segunda-feira. Festas não são minha praia, e meu lugar não é com essas pessoas. Até gosto da Steph, mas não quero ser exposta a esse tipo de situação, nem a pessoas como Hardin. Ele é um mistério para mim. Por que precisa ser tão babaca? Então me lembro de suas prateleiras de livros… por que tudo aquilo? É impossível que um cara grosso e todo tatuado como Hardin tenha algum apreço por aqueles livros. A única coisa que consigo imaginá-lo lendo é o rótulo de uma garrafa de cerveja.

Enxugando as lágrimas, me dou conta de que não faço a menor ideia de onde fica a casa, nem de como voltar para o campus. Quanto mais penso nas decisões que tomei nessa noite, mais frustrada e estressada fico.

Eu deveria ter pensado melhor; é exatamente por isso que planejo todos os meus passos, para não acabar em uma situação como essa. A casa ainda está lotada e a música está altíssima. Nate não está por perto, nem Zed. Seria melhor procurar um quarto vago e dormir no chão? Tem pelo menos uns quinze quartos lá em cima, será que consigo dar a sorte de encontrar um vazio? Apesar dos meus esforços para esconder minhas emoções, falho, e não quero descer e permitir que todo mundo me veja desse jeito. Dou meia-volta, encontro o banheiro para o qual levamos Steph e me sento no chão, colocando a cabeça entre os joelhos.

Ligo para Noah de novo, e dessa vez ele atende no segundo toque.

“Tess? É tarde, está tudo bem?”, ele pergunta com um tom de voz meio atordoado.

“Sim. Quer dizer, não. Vim para uma festa idiota com minha colega de quarto e agora estou presa em uma república sem ter onde dormir e sem saber como voltar para casa”, digo em meio ao choro. Sei que não é uma questão de vida ou morte, mas estou muito chateada para ter uma ideia mais clara da situação.

“Uma festa? Com aquela menina de cabelo vermelho?” Ele parece surpreso.

“Pois é, com Steph. Mas ela está apagada em um dos quartos.”

“Por que você saiu com ela? Ela é tão… Não é o tipo de pessoa com quem você andaria”, Noah diz, e o tom de bronca em sua voz me irrita. Eu queria que ele me dissesse que vai ficar tudo bem, que amanhã é outro dia. Queria que me encorajasse, e não que me julgasse.

“Isso não importa, Noah…” Solto um suspiro, mas nesse momento alguém tenta abrir a porta, e corrijo minha postura. “Só um minuto!”, grito para a pessoa do lado de fora e passo papel higiênico ao redor dos olhos, mas isso só faz com que o delineador fique ainda mais borrado. É exatamente por isso que não uso esse tipo de coisa.

“Ligo pra você daqui a pouco, tem gente querendo usar o banheiro”, digo para Noah e desligo antes que ele possa reclamar.

A pessoa do lado de fora começa a esmurrar a porta, e eu solto um grunhido enquanto vou até lá abrir, enxugando os olhos mais uma vez. “Eu disse só um min…”

Mas me interrompo ao notar os olhos verdes que me encaram fixamente.



11

Quando vejo aqueles lindos olhos verdes, de repente me dou conta de que não tinha reparado neles antes. E percebi que o motivo era Hardin nunca ter feito contato visual comigo até aquele momento, com seus olhos incríveis, profundos e surpresos. Ele imediatamente desvia o olhar quando passo por ele, mas me segura pelo braço e tenta me puxar.

“Não encosta em mim!”, grito, livrando meu braço de seu toque.

“Você estava chorando?”, ele pergunta, com uma aparente curiosidade. Se fosse outra pessoa, eu até acharia que estava preocupado comigo.

“Me deixa em paz, Hardin.”

Ele entra na minha frente, bloqueando minha passagem com seu corpo alto. Não estou nem um pouco a fim de seus joguinhos, não na situação em que me encontro.

“Hardin, por favor. Estou pedindo, se você tiver o mínimo de decência, me deixa. Pode guardar seus comentários maldosos pra amanhã. Por favor.” Não me importo que ele note a vergonha e o desespero na minha voz.

Simplesmente preciso que me deixe em paz.

Um breve momento de confusão transparece em seus olhos antes que ele abra a boca. Hardin fica me observando por um instante antes de falar: “Tem um quarto no fim do corredor onde você pode dormir. Foi lá que pus Steph”. Ele afirma isso sem se alterar. Fico esperando que diga mais alguma coisa, mas é tudo. Hardin se limita a me encarar.

“Certo”, respondo baixinho, e ele sai da minha frente.

“É a terceira porta à esquerda”, Hardin informa antes de sair andando pelo corredor e desaparecer dentro de seu quarto.

O que foi isso? Hardin sem nenhum comentário mal-educado? Provavelmente amanhã tudo terá voltado ao normal. Ele deve ter uma agenda em que programa seus comentários sarcásticos da mesma maneira que anoto meus compromissos, e tenho certeza de que faço parte de seus planos.

A terceira porta à esquerda se abre para um quarto bem simples, bem menor que o de Hardin, com duas camas de solteiro. Parece muito mais um dormitório de alojamento do que o amplo espaço que ele tem à sua disposição. Será que Hardin é o líder da fraternidade ou coisa do tipo? A explicação mais provável é que todo mundo tem medo dele, por isso ficou com o melhor quarto. Steph está deitada na cama mais perto da janela, então

eu tiro os sapatos e a cubro antes de trancar a porta e me acomodar na outra.

Meus pensamentos estão confusos quando caio no sono, e as imagens de rosas nebulosas e olhos verdes furiosos permeiam meus sonhos.



12

Quando acordo, demoro um instante para me lembrar dos acontecimentos da noite anterior que me levaram até um quarto desconhecido. Steph ainda está dormindo, de boca aberta, roncando de uma forma nada bonita. Decido esperar até descobrir uma forma de voltar para o campus antes de acordá-la.

Ponho os sapatos, pego minha bolsa e saio. Será melhor bater na porta de Hardin ou ir atrás de Nate? Será que Nate também faz parte da fraternidade?

Eu jamais poderia imaginar que Hardin fizesse parte de um grupo social organizado, então tudo é possível.

Passando por cima de uma porção de corpos adormecidos no corredor, consigo descer.

“Nate?”, eu chamo, à espera de uma resposta. Há pelo menos vinte pessoas dormindo só na sala. O chão está coberto de lixo e copos vermelhos, e é difícil passar bem no meio da bagunça, mas isso me faz pensar que o corredor lá de cima está limpo em comparação a isso, mesmo com tanta gente espalhada pelo chão. Quando chego à cozinha, tenho que me segurar para não começar a faxina. Adoraria ver Hardin limpando todo aquele lixo, e esse pensamento me faz soltar uma risadinha.

“Qual é a graça?”

Eu me viro e dou de cara com ele entrando na cozinha com um saco de lixo na mão. Hardin passa o braço pelo balcão, derrubando os copos dentro do saco.

“Nenhuma”, minto. “Nate mora aqui também?”

Ele me ignora e continua limpando.

“Sim ou não?”, pergunto de novo, com um tom mais impaciente dessa vez.

“Quanto antes me disser, mas rápido vou embora daqui.”

“Certo, agora você me convenceu. Mas não, ele não mora aqui. Por acaso ele parece um cara de fraternidade?” Hardin abre um sorrisinho irônico.

“Não, mas nem você”, eu rebato, e Hardin cerra os dentes.

Ele passa por mim e abre um armário perto da minha cintura, de onde tira um rolo de papel-toalha.

“Tem algum ônibus que passa aqui perto?”, pergunto, apesar de não esperar uma resposta.

“A um quarteirão daqui.”

Eu o sigo pela cozinha. “Você pode me dizer onde fica o ponto?”

“Claro. A um quarteirão daqui”, ele responde, abrindo um meio sorriso de provocação.

Reviro os olhos e saio da cozinha. O lapso de civilidade de Hardin ontem foi claramente uma exceção, e hoje ele vai se voltar contra mim com toda a sua força. Depois da noite que tive, não quero nem pensar em ficar perto dele.

Subo para acordar Steph, que desperta com uma facilidade surpreendente e sorri para mim. Fico feliz que já esteja bem o suficiente para sair daquela maldita república.

“Hardin disse que tem um ponto de ônibus a um quarteirão daqui”, conto enquanto descemos a escada.

“Nem ferrando que vamos de ônibus. Um desses idiotas vai levar a gente de volta. Ele devia estar só provocando você”, diz Steph, pondo a mão no meu ombro. Quando entramos na cozinha, Hardin está tirando latas vazias de cerveja de dentro do forno. “Hardin, está pronto pra levar a gente embora? Minha cabeça está latejando”, ela diz, com toda a autoridade.

“Sim, claro, só um minutinho”, ele responde, como se estivesse à espera desse pedido desde o início.

No caminho de volta para o campus, Steph canta junto o heavy metal que Hardin põe para tocar enquanto dirige com as janelas escancaradas, apesar do meu pedido educado para que ele as fechasse. Sem abrir a boca, Hardin batuca distraidamente com os dedos compridos no volante. Não que eu esteja prestando atenção nele.

“Volto mais tarde, Steph”, Hardin diz quando ela desce do carro. Steph responde com um aceno de cabeça e se despede com um gesto enquanto saio pela porta de trás.

“Tchau, Theresa”, ele diz com um sorrisinho presunçoso. Reviro os olhos e entro com Steph no alojamento.



13

O restante do fim de semana passa rápido, e consigo evitar Hardin. Na manhã de domingo saio para fazer compras antes que apareça e quando volto ele aparentemente já foi.

Minhas novas roupas enchem minha pequena cômoda até a boca, mas a voz irritante de Hardin passa pela minha cabeça. Você sabe que estamos indo para uma festa, e não para a igreja, certo, Theresa?

Acho que ele diria o mesmo sobre as novas roupas, mas decido que não vou mais acompanhar Steph nas festas, ou em qualquer outro lugar em que Hardin possa estar. Ele não é boa companhia, e ficar o tempo todo me estranhando com alguém é cansativo.

Finalmente chega a segunda-feira, meu primeiro dia de aula, e não poderia estar mais preparada. Acordo bem cedo para poder tomar banho sem pressa e sem garotos por perto. Minha camisa branca e minha saia bege de prega estão impecavelmente passadas e prontas para usar. Eu me visto, prendo os cabelos e ponho a mochila nas costas. Já estou quase saindo — uns quinze minutos antes da hora, para não chegar atrasada — quando o despertador de Steph toca. Ela aperta o botão de soneca, e fico pensando se não é melhor acordá-la. Mas suas aulas podem começar mais tarde que as minhas, ou ela pode estar planejando não ir. A ideia de faltar no primeiro dia de aula me deixa apavorada, mas ela está no segundo ano, deve saber o que está fazendo.

Depois de uma última espiada no espelho, vou para minha primeira aula.

Estudar o mapa do campus se revela uma boa ideia, e encontro o primeiro prédio ao qual devo ir em menos de vinte minutos. Quando entro na sala da aula de história, a classe está vazia, a não ser por uma única pessoa.

Como se trata de alguém que também se preocupa em ser pontual, me sento ao seu lado. Ele pode se tornar meu primeiro amigo por aqui. “Onde está todo mundo?”, pergunto, e ele sorri, de uma forma que me deixa imediatamente à vontade.

“Provavelmente correndo pelo campus para conseguir chegar aqui em cima da hora”, ele brinca, e nossa conexão é imediata. Era exatamente isso que eu estava pensando.

“Meu nome é Tessa Young”, digo, abrindo um sorriso simpático.

“Landon Gibson”, ele se apresenta, abrindo um sorriso adorável. Passamos o restante do tempo antes do início da aula conversando. Ele quer se formar

em inglês, assim como eu, e tem uma namorada chamada Dakota. Não tira sarro de mim nem altera seus modos quando conto que Noah é mais novo que eu. Quando a sala começa a se encher, Landon e eu fazemos questão de nos apresentar para o professor.

À medida que o dia passa, começo a me arrepender de ter escolhido cursar cinco matérias em vez de quatro. Tenho que correr para chegar à aula de literatura britânica, optativa, quase chego atrasada e dou graças a Deus por ser a última do dia. Fico aliviada quando vejo Landon sentado na primeira fila, e um lugar vazio ao seu lado.

“Oi de novo”, ele diz com um sorriso quando me sento.

O professor dá início à aula distribuindo a programação do semestre e falando um pouco sobre ele, sobre o que o levou a começar a dar aulas e sobre seu amor pela literatura. Fico feliz com o fato de a faculdade ser diferente do ensino médio e de os professores não obrigarem os alunos a se apresentar diante da sala ou fazer coisas embaraçosas e desnecessárias.

No meio da explicação sobre nossa lista de leituras, a porta se abre, e eu me pego soltando um resmungo ao ver Hardin entrando na sala.

“Que beleza”, digo baixinho para mim mesma, em tom sarcástico.

“Você conhece Hardin?”, Landon pergunta. Ele deve ser bem famoso no campus para que alguém como Landon saiba quem ele é.

“Mais ou menos. Minha colega de quarto é amiga dele. Mas não sou muito fã do cara, não”, cochicho.

Nesse momento, os olhos verdes de Hardin se voltam para mim, e fico com

medo de que tenha ouvido. Mas e daí se tiver? Sinceramente, não faz diferença — a essa altura já ficou claro que não gostamos um do outro.

Fico curiosa para saber o que Landon tem a dizer sobre ele, e não consigo deixar de perguntar: “Vocês se conhecem?”.

“Sim… ele é…” Landon para de falar e dá uma olhadinha para trás. Levanto a cabeça e vejo Hardin se acomodar na carteira ao meu lado. Landon fica em silêncio o restante da aula, sem tirar os olhos do professor.

“Por hoje é só. Vejo vocês na quarta”, diz o professor Hill, dispensando a classe.

“Acho que essa vai ser minha aula favorita”, digo para Landon quando saímos, e ele concorda. Mas sua expressão muda totalmente quando percebemos que Hardin está caminhando ao nosso lado.

“O que você quer, Hardin?”, pergunto, dando a ele um gostinho do próprio veneno. Mas pelo jeito não funciona, não sou enfática o suficiente, porque ele parece se divertir com minha reação.

“Nada. Nada. Só estou contente porque vamos fazer uma matéria juntos”, ele ironiza, passando as mãos pelos cabelos e os afastando da testa. Percebo a existência de um símbolo do infinito com um desenho um pouco incomum

na altura de seu pulso, e ele baixa a mão no momento em que tento observar as tatuagens ao redor.

“A gente se fala, Tessa”, diz Landon, afastando-se.

“Você conseguiu fazer amizade com o maior otário da classe”, comenta Hardin quando ele vai embora.

“Até parece! Ele é um cara legal, ao contrário de você.” Fico chocada com minhas próprias palavras. Hardin tem mesmo a capacidade de despertar o que existe de pior em mim.

Hardin vira a cabeça para o outro lado. “E você está ficando mais intratável a cada conversa que temos, Theresa.”

“Se me chamar de Theresa mais uma vez…”, ameaço, e ele dá risada. Tento

imaginar como ele seria sem as tatuagens e os piercings. Mesmo com tudo aquilo em cima do corpo, é muito bonito, mas sua personalidade desagradável estraga tudo.

Começamos a caminhar juntos na direção do meu alojamento, mas depois de uns vinte passos ele grita de repente: “Para de me olhar desse jeito!”, dá meia-volta e desaparece por outro caminho antes que eu possa pensar em uma resposta.



14

Depois de vários dias exaustivos — mas estimulantes —, finalmente chega a sexta-feira, e minha primeira semana de aula na faculdade está quase acabando. Satisfeita com a maneira como as coisas se encaminharam, planejo ficar vendo filmes no fim de semana, já que Steph provavelmente vai sair e o quarto deve ficar bem tranquilo. Como tenho em mãos o programa de todas as matérias que vou cursar, posso ir adiantando muita coisa. Pego minha bolsa e saio mais cedo, aproveitando para comprar um café para começar o dia com mais energia.

“Tessa, certo?”, diz uma voz feminina atrás de mim enquanto aguardo na fila. Quando me viro, dou de cara com a menina de cabelo cor-de-rosa da festa. Molly. Acho que foi assim que Steph a chamou.

“Sim. Isso mesmo”, respondo, já virando para o balcão e tentando não dar trela.

“Você vai à festa de hoje à noite?”, ela pergunta. Apesar de saber que está tirando sarro da minha cara, solto um suspiro e me viro. Quando estou prestes a responder que não balançando a cabeça, ela acrescenta: “Você deveria, vai ser demais”. Ela passa os dedos curtos pelo antebraço todo tatuado.

Fico sem reação por um instante, mas balanço negativamente a cabeça e digo: “Sinto muito, tenho outros planos”.

“Que pena. Zed ia gostar de ver você.” Não consigo segurar a risada, mas ela insiste, abrindo um sorriso. “Que foi? Ele estava falando de você ontem mesmo.”

“Duvido… mas, mesmo que estivesse, tenho namorado”, revelo, fazendo o

sorriso se escancarar ainda mais em seu rosto.

“Que pena, poderíamos ir em casais”, ela diz de um jeito meio malicioso, e agradeço a Deus em silêncio quando meu café fica pronto. Na pressa, acabo pegando o copo com força demais, e um pouco de café transborda e queima minha mão. Solto um palavrão, torcendo para que não seja uma espécie de prenúncio para o fim de semana. Molly se despede com um tchauzinho, e abro um sorrisinho por educação ao sair. O que ela falou reverbera na minha mente: Como assim, casais? Ela vai com Hardin? Eles estão namorando? Por mais simpático e bonito que Zed seja, Noah é meu namorado, e eu jamais faria alguma coisa que pudesse magoá-lo. Admito que não conversamos

muito essa semana, porque estávamos os dois bem ocupados. Faço uma anotação mental para ligar para ele à noite para pôr a conversa em dia e saber como está se sentindo sem mim.

Depois da queimadura com o café e do encontro bizarro com a Cabelo Rosa, meu dia só melhora. Landon e eu combinamos de nos encontrar todos os dias no café antes das aulas a que assistimos juntos, então ele já está encostado na parede do lado de fora quando saio e me cumprimenta abrindo um sorriso bem largo.

“Hoje só vou poder ver meia hora de aula. Vou passar o fim de semana em casa”, ele diz. Fico feliz em saber que vai ver Dakota, mas não gosto da ideia de assistir à aula de literatura britânica sem Landon e com Hardin, caso resolva aparecer. Ele não veio na quarta. Não que tenha sentido sua falta, claro.

Eu me viro para ele. “Mas já? O semestre acabou de começar.”

“É aniversário dela, e prometi que ia estar lá”, ele explica, dando de ombros.

Na sala de aula, Hardin senta ao meu lado, mas não diz uma palavra, nem mesmo quando, conforme o prometido, Landon sai depois de apenas meia hora, o que torna sua presença ainda mais incômoda.

“Na segunda-feira vamos começar a discutir Orgulho e preconceito, de Jane Austin”, anuncia o professor Hill ao final da aula. Não consigo esconder meu contentamento, e tenho quase certeza de que solto um gritinho de alegria. Já li esse romance no mínimo dez vezes. É um dos meus favoritos.

Apesar de não ter dirigido nenhuma palavra a mim durante a aula, Hardin sai da sala comigo. Já consigo até imaginar o que ele vai dizer ao ver a expressão de enfado em seus olhos.

“Me deixa adivinhar. Você é apaixonada pelo sr. Darcy.”

“Toda mulher que já leu esse livro é apaixonada por ele”, digo, sem encará-lo. Chegamos a um cruzamento, e olho para os dois lados antes de atravessar.

“Pois é”, ele responde aos risos e continua a me seguir pela calçada lotada.

“É claro que você não consegue entender o apelo do sr. Darcy.” Nesse momento me lembro da coleção de romances nas prateleiras no quarto de Hardin. Aqueles livros não podem ser dele. Ou podem?

“Um homem grosseiro e insuportável que se transforma em um herói romântico? Isso é ridículo. Se Elizabeth tivesse alguma noção, teria mandado o cara se foder logo de cara.”

Acho engraçada a maneira como ele fala, mas cubro a boca e me impeço de rir. Até estou gostando da discussão e da companhia dele, porém é só uma questão de minutos — uns três, caso dê sorte — antes que ele diga alguma coisa desagradável. Levanto a cabeça, deparo com seu sorriso com

covinhas e fico admirando sua beleza. Com piercings e tudo.

“Então você concorda que a Elizabeth é uma idiota?”, ele questiona, erguendo as sobrancelhas.

“Não, ela é uma das personagens mais fortes e complexas de todos os tempos”, digo em defesa dela, usando as palavras de um dos meus filmes favoritos.

Hardin dá risada e eu também. Mas, depois de alguns segundos, ao se surpreender se divertindo comigo, ele se interrompe e fica sério. A expressão em seus olhos muda. “A gente se vê por aí, Theresa”, diz antes de dar meia-volta e desaparecer na direção contrária.

Qual é a dele? Antes que possa pensar a respeito de suas atitudes, meu telefone toca. O nome de Noah aparece na tela, e eu me vejo invadida por uma estranha sensação de culpa ao atender.

“Oi, Tess, eu ia responder com uma mensagem, mas achei melhor ligar.” A voz dele chega entrecortada e um pouco distante.

“O que está fazendo? Parece ocupado.”

“Não, só estou indo encontrar alguns amigos na lanchonete”, ele explica.

“Certo, então não vou ficar segurando você. Ainda bem que é sexta-feira. O

fim de semana chegou em boa hora!”

“Você vai a outra festa? Sua mãe ainda está bem chateada.”

Espera… ele contou para minha mãe? Gosto que se deem bem, porém às vezes meu namorado parece mais um irmão mais novo que adora me irritar.

Detesto fazer essa comparação, mas é verdade.

Em vez de discutir ou reclamar, simplesmente digo: “Não, não vou sair no fim de semana. Estou com saudade”.

“Eu também, Tess. Muita. Me liga mais tarde.”

Eu digo que sim, e nós dizemos um ao outro “eu te amo” antes de desligar.

Quando volto para o quarto, Steph está se arrumando para outra festa, que presumo ser aquela que Molly mencionou, na república onde Hardin mora.

Entro no Netflix e procuro um filme.

“Queria muito que você fosse. Juro que não vamos passar a noite lá dessa vez. Vamos ficar só um pouquinho. Ficar vendo filme sozinha neste quarto minúsculo vai ser um horror!”, insiste Steph, e eu dou risada. Ela continua falando enquanto arruma os cabelos e muda de roupa pelo menos três vezes antes de se decidir por um vestidinho verde que deixa pouquíssimo espaço para a imaginação. A cor forte cai bem com seus cabelos vermelhos, sou obrigada a admitir, e fico com inveja da confiança que demonstra. Sou confiante até certo ponto, mas tenho consciência de que meus quadris e meus seios são maiores que os da maioria das mulheres da minha idade.

Costumo usar roupas que disfarçarem meus peitos, enquanto ela faz de tudo

para chamar a atenção para seu decote.

“Eu sei…”, concordo com ela para agradar. Nesse momento, a tela do meu laptop fica preta. Aperto o botão de ligar e espero… e espero… A tela continua apagada.

“Viu? É um sinal de que você deveria ir. Meu laptop está no quarto do Nate, então não dá pra você usar.” Steph sorri e volta a mexer nos cabelos.

Olhando para ela, percebo que na verdade não quero ficar sozinha naquele quarto sem ter nada para fazer.

“Tudo bem”, digo, e ela sai dando pulinhos, batendo palmas. “Mas só vamos ficar até no máximo meia-noite.”



15

Tiro o pijama e visto uma calça jeans nova, que nunca usei. É um pouco mais justa que as outras, mas, como não lavei minhas roupas desde que cheguei, não tenho muita opção. Ponho também uma camisa sem mangas, com renda nos ombros.

“Uau, dessa vez adorei sua roupa”, Steph me diz. Abro um sorriso, e ela me oferece o delineador de novo.

“Hoje não”, respondo, lembrando como fiquei toda borrada depois do tanto que chorei da última vez. Por que concordei em voltar àquela república?

“Certo. Quem vai vir buscar a gente é a Molly, não o Nate. Ela acabou de mandar uma mensagem, vai chegar daqui a pouquinho.”

“Acho que ela não gosta de mim”, digo enquanto me olho no espelho.

Steph inclina a cabeça para o lado. “Quê? Gosta, sim. É que às vezes ela é meio resmungona e sincera demais. E acho que se sente um pouco intimidada por você.”

“Intimidada? Por mim? Por que ela se sentiria intimidada por mim?”, pergunto, aos risos. Steph estava claramente invertendo a situação.

“Você é muito diferente da gente”, ela responde com um sorriso. Sei que não sou como Steph e seus amigos, mas para mim eles é que são

“diferentes”. “Não esquenta com isso. Ela vai estar bem ocupada hoje à noite.”

“Com Hardin?”, pergunto quase sem pensar. Continuo me olhando no espelho, mas percebo que ela está me encarando com uma sobrancelha erguida.

“Não, provavelmente com Zed. Ela fica com um cara a cada semana.”

Não é uma coisa muito gentil para dizer sobre uma amiga, mas Steph simplesmente sorri e ajusta o decote.

“Ela não é namorada do Hardin?” A imagem dos dois se pegando na cama surge na minha mente.

“Claro que não. Hardin não tem namorada. Ele come um monte de meninas, mas não namora ninguém. Nunca.”

“Ah.” Isso é tudo que consigo dizer.

A festa é igual à da semana passada. O jardim da frente e a casa estão lotados de gente bêbada. Por que não fiquei no quarto, olhando para o teto?

Molly desaparece assim que chegamos, e acabo conseguindo um lugar no sofá, onde estou sentada há pelo menos uma hora quando Hardin passa por mim.

“Você está… diferente”, ele comenta depois de uma breve pausa. Seus olhos percorrem meu corpo, depois se voltam para meu rosto. Ele nem tenta disfarçar que está me avaliando. Fico em silêncio até que volta a me encarar.

“Sua roupa não parece ser maior que você dessa vez.”

Reviro os olhos e ajeito a camisa, desejando ter vestido uma das minhas roupas largas de sempre.

“E é uma surpresa ver você aqui.”

“Até eu estou um pouco surpresa de ter vindo aqui de novo”, respondo. Eu me levanto e saio de perto dele. Hardin não vem atrás de mim, mas por algum motivo me pego desejando que viesse.

Algumas horas depois, Steph já está bêbada de novo. Assim como todo mundo.

“Vamos brincar de Verdade ou Desafio”, Zed sugere, e seu grupinho de amigos se reúne em torno do sofá. Molly passa uma garrafa de bebida alcoólica transparente para Nate, que dá um belo gole. A mão de Hardin é tão grande que cobre praticamente o copo inteiro enquanto bebe. Outra menina com visual punk entra na brincadeira, juntando-se a Hardin, Zed, Nate, o colega de quarto de Nate, que se chama Tristan, Molly e Steph.

No momento que começo a pensar que um jogo de Verdade ou Desafio com tanta gente bêbada não pode terminar bem, Molly abre um sorrisinho malicioso e me diz: “Você devia participar também, Tessa”.

“Não, acho melhor não”, respondo, sem tirar os olhos de uma mancha marrom no tapete.

“Para participar da brincadeira, ela precisaria deixar de ser uma puritana por cinco minutos”, Hardin comenta, e todo mundo cai na risada, com exceção de Steph. Aquelas palavras me irritam. Sim, admito que não sou de fazer loucuras, mas isso não significa que seja uma freira. Olho feio para Hardin e me sento com as pernas cruzadas em seu pequeno círculo, entre Nate e a menina que não conheço. Hardin dá risada e cochicha alguma coisa com Zed antes de começar a brincadeira.

As primeiras rodadas incluem um desafio para Zed virar uma lata de cerveja em um só gole, outro para Molly mostrar os seios para o grupo, o que ela faz, e uma pergunta para que Steph confirme se tem ou não piercing nos mamilos.

“Verdade ou desafio, Theresa?”, Hardin pergunta, e eu engulo em seco.

“Verdade?”, respondo com um resmungo baixinho.

Ele dá risada e murmura: “É claro”. Eu o ignoro e vejo que Nate está esfregando as mãos.

“Certo. Você… é virgem?”, pergunta Zed, fazendo-me prender a respiração.

Ninguém além de mim parece incomodado com aquela pergunta tão invasiva. Sinto meu rosto esquentar e vejo a expressão de divertimento de todos eles.

“E então?”, insiste Hardin. Apesar da vontade de sair correndo e me esconder, confirmo com um aceno de cabeça. Claro que sou virgem. O

máximo que faço com Noah é dar uns beijos com algumas apalpadas — por cima da roupa, claro.

Ninguém parece surpreso com minha resposta. A reação geral é de curiosidade.

“Então você namora há dois anos e ainda não transou?”, Steph questiona, deixando-me toda sem graça.

Balanço a cabeça negativamente. “É a vez do Hardin”, apresso-me em dizer, tentando tirar a atenção de mim.



16

“Desafio”, Hardin responde antes mesmo que eu pergunte. Seus olhos verdes se fixam em mim com uma intensidade que revela que quem está sendo desafiada sou eu.

Fico sem reação, sem saber o que pensar, pois não esperava isso. O que poderia desafiá-lo a fazer? Sei que faria qualquer coisa para não se sentir diminuído por mim.

“Eu… hã… desafio você a…”

“A fazer o quê?”, Hardin questiona, impaciente. Quase peço para ele dizer alguma coisa simpática sobre cada um do grupo, mas acabo desistindo, por mais divertido que pudesse ser.

“Tira a camisa e só ponha de volta depois que a brincadeira acabar!”, grita Molly, para minha alegria. Não porque Hardin vá ficar sem camisa, claro, mas porque não preciso sugerir mais nada, e isso tira a pressão de ter que dar ordens a ele.

“Que criancice”, ele reclama, mas tira a camisa pela cabeça. Contra minha vontade, meus olhos percorrem seu tronco, observando as tatuagens que cobrem sua pele surpreendentemente bronzeada. Sob os pássaros desenhados em seu peito, há uma árvore na barriga, com galhos desfolhados assustadores. A parte superior de seus braços tem ainda mais tatuagens do que eu esperava, e imagens e figuras pequenas e aparentemente aleatórias se espalham por seus ombros e sua cintura. Steph me dá um cutucão e desvio o olhar, torcendo para que ninguém mais tenha percebido a maneira como eu o encarava.

A brincadeira continua. Molly beija Tristan e depois Zed. Steph conta sobre sua primeira transa. Nate beija a outra menina.

Como vim parar no meio desse grupo de roqueiros universitários incapazes de controlar seus impulsos?

“Tessa, verdade ou desafio?”, pergunta Tristan.

“Precisa perguntar? Todo mundo sabe que ela vai dizer verdade…”, provoca Hardin.

“Desafio”, respondo, surpreendendo até a mim mesma.

“Humm… Tessa, desafio você a… beber uma dose de vodca”, Tristan diz com um sorriso.

“Eu não bebo.”

“Por isso é que é um desafio.”

“Escuta só, se você não quiser fazer…”, Nate começa a dizer, e eu vejo que Hardin e Molly estão rindo de mim.

“Certo, uma dose”, respondo. Fico pensando que Hardin provavelmente vai fazer mais uma de suas caretas de desprezo, mas o olhar que vejo em seu rosto é um tanto estranho.

Alguém me entrega a garrafa de vodca. Para meu azar, encosto o nariz no gargalo e sinto o cheiro forte da bebida, que queima minhas narinas. Torço o nariz, tentando ignorar as risadinhas ao redor. Tento também não pensar na quantidade de bocas por que aquela garrafa passou antes de chegar até mim, e a

inclino levemente para dar um gole. A vodca desce queimando desde minha boca até meu estômago, mas consigo engolir. O gosto é horrível. O

grupo aplaude e ri um pouquinho — todo mundo menos Hardin. Se não o conhecesse, pensaria que está bravo ou desapontado. Ele é muito estranho.

Depois de um tempinho, sinto meu rosto ficar quente e, em seguida, o álcool se espalha pelas minhas veias à medida que me desafiam a tomar dose após dose. Eu aceito, e tenho de admitir que consigo relaxar pela primeira vez em muito tempo. Estou me sentindo bem. Em meio àquela sensação, tudo parece mais fácil. As pessoas ao redor parecem mais divertidas do que antes.

“O mesmo desafio”, Zed diz dando risada, e dá um gole na bebida antes de passar a garrafa para mim pela quinta vez. Já nem me lembro mais das verdades e dos desafios das últimas rodadas. Dessa vez dou dois grandes goles na vodca antes de a garrafa ser arrancada da minha mão.

“Acho que você já bebeu o suficiente”, diz Hardin, e passa a garrafa para Nate, que dá mais um gole.

Quem Hardin Scott pensa que é para me dizer se já bebi o suficiente? Está todo mundo bebendo, então eu também posso. Pego a garrafa da mão de Nate e bebo mais um pouco, dando um sorrisinho para Hardin antes.

“Não acredito que você nunca bebeu antes, Tessa. É divertido, não?”, comenta Zed, e dou uma risadinha. Os sermões da minha mãe sobre condutas irresponsáveis me vêm à cabeça, mas não dou atenção a eles. É só por uma noite.

“Hardin, verdade ou desafio?”, pergunta Molly. Ele responde “desafio”, obviamente.

“Desafio você a beijar Tessa”, ela diz com um sorriso forçado.

Os olhos de Hardin ficam arregalados e, apesar de o álcool tornar tudo mais interessante, sinto vontade de sair correndo dali.

“Não, eu tenho namorado”, respondo, fazendo todo mundo cair na gargalhada pela centésima vez na noite. O que estou fazendo aqui com essas pessoas que só sabem rir de mim?

“E daí? É só um desafio. Beija logo”, pressiona Molly.

“Não, eu não vou beijar ninguém”, protesto, e me levanto. Sem nem olhar para mim, Hardin dá mais um gole da bebida em seu copo. Espero que esteja se sentindo ofendido. Na verdade, tanto faz. Cansei de me preocupar com o que ele pensa. Hardin me odeia e é um tremendo grosseirão.

Quando fico de pé, o efeito do álcool se revela por inteiro. Saio cambaleando, mas consigo me recompor e me afastar do grupo. De alguma forma, consigo atravessar a multidão e chegar até a porta. Assim que saio da casa, sinto a brisa de outono no rosto. Fecho os olhos e inspiro uma boa lufada de ar fresco antes de ir sentar na já conhecida mureta de pedra. Sem nem me dar conta do que estou fazendo, já estou com o celular na mão, ligando para Noah.

“Alô?”, ele atende. O som familiar de sua voz e a vodca no meu organismo fazem com que eu sinta ainda mais saudades dele.

“Oi… gato”, respondo, e me sento, trazendo os joelhos junto ao peito.

Ficamos em silêncio por um momento. “Tessa, você está bêbada?” Pelo tom de voz, dá para notar que Noah está me julgando. Eu não devia ter ligado.

“Não… claro que não”, minto, e encerro a ligação. Em seguida, desligo o celular. Não quero que Noah ligue de volta. Ele está arruinando a sensação boa proporcionada pela vodca, ainda mais do que Hardin.

Volto cambaleando lá para dentro, ignorando os assobios de uns universitários bêbados. Apanho uma garrafa com uma bebida marrom no balcão da cozinha e dou um gole exagerado. O gosto é ainda pior que o da vodca, e minha garganta fica queimando. Minhas mãos saem à procura de alguma coisa para tirar aquele sabor da minha boca. Acabo abrindo um dos armários e pegando um copo de vidro, que encho com água da torneira, o que ajuda um pouco com a queimação, mas não muito. Abrindo caminho em meio à multidão, vejo que meu grupo de “amigos” ainda está sentado em um círculo, fazendo aquela brincadeira idiota.

Aqueles são mesmo meus amigos? Acho que não. Eles só me querem por perto para ficar rindo da minha inexperiência. Como Molly teve a audácia de dizer a Hardin para me beijar? Ela sabe que tenho namorado. Ao contrário dela, não saio por aí beijando todo mundo. Só beijei dois garotos na minha vida, Noah e Johnny, um menino sardento que estudava comigo no terceiro ano e me deu um

chute na canela depois do beijo. Será que Hardin teria topado o desafio? Duvido. Os lábios deles são rosados e carnudos. Na minha cabeça surge uma imagem de Hardin se inclinando na minha direção para me beijar. Meu coração dispara dentro do peito.

O que está acontecendo? Por que estou pensando nele dessa forma? Nunca mais vou beber.

Alguns minutos depois, a sala começa a girar, e eu me sinto tonta. Meus pés me levam para o banheiro do andar de cima, e eu me sento diante do

vaso, achando que vou vomitar. Nada acontece. Solto um resmungo e me levanto. Quero voltar para o alojamento, mas sei que Steph só vai estar em condições de fazer isso daqui a algumas horas. Eu não devia ter vindo. De novo.

Antes de me dar conta do que estou fazendo, abro a porta do único cômodo que considero até certo ponto familiar naquela casa imensa. O

quarto de Hardin se abre para mim sem resistência. Ele diz que sempre mantém a porta trancada, mas não parece ser bem assim. Está tudo como da outra vez, a única diferença é que o chão está se mexendo sob meus pés instáveis. O morro dos ventos uivantes não está mais na prateleira, mas o encontro sobre o criado-mudo, ao lado de Orgulho e preconceito. Os comentários de Hardin a respeito do romance se repetem dentro da minha cabeça. Ele claramente já o leu — e o entendeu —, o que é raro entre as pessoas da nossa idade, especialmente um garoto. Talvez ele tenha sido obrigado a ler por causa de um trabalho escolar. Mas por que o exemplar de O morro dos ventos uivantes não está na prateleira? Apanho o livro e sento na cama, abrindo-o na metade. Meus olhos percorrem as páginas, e o quarto para de girar.

Estou tão perdida no mundo de Catherine e Heathcliff que não ouço quando a porta é aberta.

“Que parte de ‘ninguém pode ficar no meu quarto’ você não entendeu?”, esbraveja Hardin. Sua expressão furiosa me assusta, mas por algum motivo também me diverte.

“D-desculpe. Eu…”

“Sai daqui”, ele ordena, e faço uma careta. A vodca ainda está fazendo efeito,

pelo menos o suficiente para eu não permitir que Hardin me trate daquela maneira.

“Por que você precisa ser tão babaca?”, rebato em um tom muito mais alto do que pretendia.

“Você está no meu quarto outra vez, mesmo depois de eu ter dito que não quero você aqui. Então se manda!”, ele grita, chegando mais perto.

Com Hardin parado na minha frente, irritado, exalando desprezo e fazendo com que eu me sinta a pior pessoa do mundo, alguma coisa dentro de mim se transforma. Deixando de lado a compostura, faço a pergunta que ronda minha mente há um tempo, mas que não tinha coragem de encarar:

“Por que você não gosta de mim?”, exijo saber, olhando-o nos olhos.

É um questionamento justo, mas, para ser sincera, não sei se meu ego ferido aguenta ouvir a resposta.



17

Hardin me dá uma encarada agressiva, mas ao mesmo tempo insegura.

“Por que está me perguntando isso?”

“Sei lá… porque sempre fui legal com você, e você só me trata mal.” Em seguida acrescento: “E achei que poderíamos ser amigos…”. Essa frase soa tão idiota que aperto meu nariz com força com o indicador e o polegar enquanto espero sua resposta.

“Nós dois? Amigos?” Ele dá risada e joga as mãos para cima. “Não está na cara por que não podemos ser amigos?”

“Pra mim, não.”

“Bom, pra começar, você é certinha demais… Deve ter sido criada em uma daquelas famílias ideais, em uma casa igual a todas as outras do bairro. Seus pais deviam comprar tudo o que você queria e nunca deixaram faltar nada. E

aquelas saias de prega… Fala sério, quem ainda usa isso aos dezoito?”

Fico de queixo caído. “Você não sabe nada sobre mim, seu babaca arrogante! Minha vida não é nada disso! Meu pai é um alcoólatra que foi embora de casa quando eu tinha dez anos, minha mãe teve que se matar de trabalhar para eu poder entrar na faculdade, e eu arrumei um emprego assim que fiz dezesseis anos para ajudar a pagar as contas. E eu gosto, sim, das minhas roupas… sinto muito se não me visto como uma piranha, como as outras meninas que você conhece! Para alguém que faz tanta questão de ser diferente, você é bem preconceituoso com pessoas que não são como você!”, grito, sentindo as lágrimas se acumularem nos meus olhos.

Eu me viro para que Hardin não tenha a satisfação de me ver assim, mas percebo que ele está com os punhos cerrados. Como se sentisse raiva.

“Quer saber, Hardin, não quero ser sua amiga”, digo antes de pôr a mão na maçaneta da porta. A vodca, que me dá mais coragem, também torna mais aguda a tristeza de uma situação como essa.

“Aonde você vai?”, ele pergunta. Tão imprevisível. Tão genioso…

“Pegar o ônibus pra voltar pro meu quarto e nunca mais pôr os pés aqui.

Estou cansada de tentar ser amiga de vocês.”

“Está muito tarde pra pegar o ônibus sozinha.”

Eu me viro para encará-lo. “Por acaso faz diferença para você se vai ou não acontecer alguma coisa comigo?” Dou risada. Não consigo entender aquelas mudanças de tom.

“Não estou dizendo que faz… só estou avisando. Não é uma boa ideia.”

“Bom, Hardin, não tenho outra opção. Está todo mundo bêbado… inclusive eu.”

Nesse momento as lágrimas começam a rolar. Sinto-me mais humilhada do que nunca porque, de todas as pessoas no mundo, é Hardin quem está me vendo chorar.

“Você sempre chora em festas?”, ele pergunta baixando um pouco a cabeça, com

um sorrisinho no rosto.

“Pelo jeito, sim, ou pelo menos quando encontro você. Como estava nas duas únicas que fui…”, respondo, já abrindo a porta.

“Theresa”, ele diz tão baixinho que quase nem ouço. A expressão em seu rosto é indecifrável. O quarto começa a girar, e eu me seguro em uma cômoda perto da porta. “Está tudo bem?”, ele quer saber. Faço que sim com a cabeça, apesar de estar tonta. “Por que você não senta um pouco antes de ir pegar o ônibus?”

“Pensei que ninguém podia ficar no seu quarto”, digo antes de sentar no chão.

Solto um soluço, e ele me avisa imediatamente: “Se você vomitar aqui…”.

“Acho que preciso beber água”, falo, e começo a me levantar.

“Toma”, ele diz, pondo a mão no meu ombro e me entregando seu copo vermelho.

Reviro os olhos e afasto o copo. “Eu disse água, não cerveja.”

“Isso é água. Eu não bebo”, ele diz.

Um barulho no meio do caminho entre um suspiro e uma risada escapa da minha boca. Nem acredito que Hardin não bebe. “Que ironia. Mas você não vai querer ficar aqui de babá, né?” No estado patético em que estou, só quero ficar sozinha. O efeito da bebida está passando, fazendo com que eu me sinta culpada pela maneira como falei com ele. “Você desperta o que existe de pior em mim”, murmuro, apesar de não querer dizer isso.

“Agora você pegou pesado”, ele falou, em um tom bem sério. “Mas, sim, vou ficar aqui de babá. Você está bêbada pela primeira vez na vida e tem mania de mexer nas minhas coisas quando não estou por perto.” Ele se senta na cama e estica as pernas. Pego o copo com água e dou um gole. Sinto um gosto de menta na borda do copo e me surpreendo perguntando a mim mesma qual seria o sabor da boca dele. Em seguida a água dilui o álcool no meu estômago, e o fervor diminui um pouco.

Minha nossa, nunca mais vou beber de novo, lembro a mim mesma, sentada no chão.

Depois de alguns minutos em silêncio, Hardin finalmente resolve falar.

“Posso fazer uma pergunta?”

O olhar em seu rosto me diz para responder “não”, mas o quarto ainda não está totalmente imóvel, e acho que conversar um pouco vai me ajudar a

recuperar o foco. “Claro.”

“O que você quer fazer depois da faculdade?”

Nesse momento eu o vejo com novos olhos. Aquela era a última pergunta que eu esperava. Pensei que fosse querer saber por que ainda sou virgem ou por que não bebo.

“Bom, quero ser escritora ou editora, o que acontecer primeiro.”

Provavelmente não é uma boa ideia me abrir com ele, porque isso pode acabar se voltando contra mim. Mas, como ele não diz nada, tomo coragem e faço a mesma pergunta, recebendo em troca uma revirada de olhos e nenhuma resposta.

Por fim, apesar de saber que é inútil puxar conversa, decido perguntar:

“Esses livros são seus?”.

“São”, ele murmura.

“Qual é seu favorito?”

“Não faço listas.”

Solto um suspiro e fico mexendo em um fiapo na minha calça.

“O seminarista sabe que você saiu de novo?”

“Seminarista?”, pergunto, olhando para ele, sem entender.

“Seu namorado. O maior bobalhão que já vi na vida.”

“Não fale assim, ele é… ele é… bonzinho”, respondo, hesitante. Hardin cai na risada, e eu me levanto. Ele não sabe nada sobre Noah. “Você jamais conseguiria

ser como ele", faço questão de acrescentar.

"Bonzinho? Essa é a primeira coisa que vem à sua cabeça quando fala do seu namorado? É só uma forma educada de dizer que ele é chato."

"Você não sabe nada sobre ele."

"Bom, que ele é chato eu sei. Dá pra dizer isso só de olhar pro cardigã e o mocassim que ele usa." Hardin cai na gargalhada, e suas covinhas imediatamente chamam minha atenção.

"Ele não usa mocassim", respondo, mas preciso pôr a mão na boca para não rir do meu próprio namorado. Dou mais um gole na água.

"Bom, se vocês namoram há dois anos e ele ainda não comeu você, está na cara que é um trouxa."

Cuspo a água de volta no copo. "O que foi que você disse?" Quando começamos a nos entender, ele solta uma dessas…

"Você ouviu o que eu disse, Theresa." O sorriso no rosto dele é cruel.

"Você é um cretino, Hardin", falo com um grunhido e arremesso sobre ele o copo pela metade. Sua reação é a esperada: perplexidade absoluta.

Enquanto enxuga o rosto, faço força para ficar de pé, apoiando-me na prateleira. Alguns livros caem no chão, mas nem dou bola e saio do quarto.

Desço a escada com passos cambaleantes e vou abrindo caminho pela multidão que lota a cozinha. A raiva que sinto é maior que o mal-estar, e só quero tirar a imagem do sorrisinho presunçoso de Hardin da minha cabeça.

Consigo localizar os cabelos pretos de Zed na outra sala e vou até o local onde ele está sentado com outro menino bonito.

"Oi, Tessa, esse é meu amigo Logan", Zed nos apresenta.

Logan sorri para mim e me oferece a garrafa que está segurando. "Quer um pouco?", ele diz antes de passá-la para mim. A queimação produz uma sensação boa, reanimando meu corpo, e por ora me esqueço de Hardin.

“Você viu Steph?”, pergunto, mas Zed faz que não com a cabeça.

“Acho que ela foi embora com Tristan.”

Ela foi embora? Como assim? Deveria ficar mais preocupada, mas a vodca altera meu juízo, e me pego pensando que ela e Tristan formam um belo casal. Alguns goles depois, estou me sentindo ótima.

Deve ser por isso que as pessoas bebem o tempo todo. Eu me lembro vagamente de ter jurado a mim mesma que ficaria longe do álcool para sempre, mas no fundo não é tão ruim assim.

Quinze minutos depois, estou rindo tanto com Zed e Logan que minha barriga dói. Eles são uma companhia muito melhor do que Hardin. “Vocês sabem que Hardin é um babaca, né?”, digo a eles, que abrem um sorriso largo.

“É, às vezes é mesmo”, admite Zed, passando os braços em torno de mim.

Sinto vontade de me mover para me livrar de seu toque, mas sei que vai parecer estranho, já que para ele foi um gesto natural, sem segundas intenções. Pouco depois a multidão começa a se dispersar, e o cansaço bate com força. É quando me dou conta de que não tenho como voltar para o campus.

“Os ônibus circulam a noite toda?”, pergunto de repente. Zed dá de ombros, e nesse exato momento os cabelos ondulados de Hardin aparecem diante de mim.

“Você e o Zed, então?” A voz dele sai carregada de um sentimento que não consigo identificar exatamente.

Eu me levanto e passo por ele, que me segura pelo braço. O sujeito não tem limites. “Me larga, Hardin.” Procurando outro copo para jogar na cara dele, digo: “Só estou tentando descobrir como voltar de ônibus”.

“Desencana… são três da manhã. Não tem mais ônibus. Seu recém-descoberto gosto pela bebida fez com que ficasse presa aqui.” O brilho em seus olhos quando diz isso é tão zombeteiro que me dá vontade de bater nele. “A não ser que você queira ir pra casa com Zed…”

Quando ele solta meu braço, volto para o sofá com Zed e Logan, porque sei que isso vai irritá-lo. Depois de ficar parado por um momento balançando a cabeça,

ele vira as costas, bufando. Na esperança de que o quarto em que dormi na semana passada esteja vago, peço que Zed vá comigo lá para cima para tentar encontrá-lo.



18

Encontramos o quarto. Infelizmente, uma das camas está ocupada por um cara ferrado no sono, aos roncos.

“Pelo menos tem uma cama vazia!”, Zed comenta e dá risada. “Vou voltar a pé para casa. Se quiser vir, pode dormir no sofá”, ele oferece.

Tentando dissipar a névoa do álcool e pensar claramente por um instante, lembro que Zed, assim como Hardin, costuma ficar com um monte de meninas. Se eu aceitar sua oferta e ele entender isso como um sinal de que quero beijá-lo… Por outro lado, tenho a sensação de que, bonito do jeito que é, Zed não deve ter dificuldades para encontrar garotas que fazem muito mais do que beijar.

“Acho que vou ficar por aqui, para o caso de Steph voltar”, respondo.

A decepção em seu rosto é visível, mas ele abre um sorriso compreensivo, diz para eu tomar cuidado e me dá um abraço de despedida. Zed fecha a porta ao sair, e meu primeiro impulso é trancá-la. Vai saber quem poderia entrar ali? Dou mais uma olhada no roncador em coma alcoólico e concluo que não vai acordar tão cedo. O cansaço que senti pouco antes não está mais tão forte, e meus pensamentos se voltam para os comentários de Hardin sobre o fato de eu ainda não ter dormido com Noah. Isso pode parecer estranho para Hardin, que fica com uma menina a cada semana, mas Noah é um cavalheiro. Não precisamos de sexo, nós nos divertimos fazendo outras coisas como… bom… gostamos de ver filmes e de caminhar.

Com esse tipo de coisa ocupando minha mente, me deito e logo me vejo olhando para o teto, contando as ripas de madeira para tentar dormir. De vez em quando o bêbado desmaiado se mexe na cama, mas por fim acabo fechando os olhos e começo a cochilar.

“Nunca vi você por aqui”, uma voz grossa fala no meu ouvido. Dou um pulo de

susto e acabo batendo o queixo na cabeça do cara e mordendo a língua. Suas mãos estão apoiadas sobre a cama, a poucos centímetros da minha coxa. A respiração dele está acelerada e seu hálito cheira a vômito e bebida. “Qual é seu nome, gracinha?”, ele sussurra, e sinto ânsia de vômito.

Tento empurrá-lo com um dos braços, mas não consigo, e ele dá risada.

“Não vou machucar você… a gente só vai se divertir um pouco”, ele fala, lambendo os lábios, fazendo com que um fio de saliva escorra pelo seu queixo.

Sinto meu estômago revirar, e a única coisa em que consigo pensar é dar uma joelhada nele, e com força. Bem naquele lugar. O cara leva a mão à virilha e sai cambaleando para trás, dando-me a chance de fugir. Quando meus dedos trêmulos enfim conseguem abrir a fechadura, saio correndo pelo corredor, onde um monte de gente fica me olhando de um jeito estranho.

“Qual é? Volta aqui!”, ouço aquela voz asquerosa dizer, não muito longe de mim. Por mais estranho que possa parecer, ninguém se abala ao ver uma garota sendo perseguida pelo corredor. Ele está apenas alguns metros atrás de mim, mas felizmente está tão bêbado que precisa se escorar na parede a cada passo. Meus pés estão agindo por instinto e me levam para o único lugar que conheço naquela maldita república.

“Hardin! Hardin, por favor abre a porta!”, grito, batendo com uma das mãos enquanto viro a maçaneta com a outra.

“Hardin!”, grito outra vez, e a porta se escancara. Não sei o que me levou a ir justamente ao quarto dele, mas sem dúvida nenhuma prefiro ouvir os comentários sarcásticos de Hardin a ter que encarar um bêbado tentando me agarrar.

“Tess?”, pergunta Hardin, parecendo confuso. Ele esfrega os olhos com a mão. Está todo descabelado e veste apenas uma cueca preta. Estranhamente, fico mais admirada com sua beleza naquele momento do que com o fato de ter me chamado de “Tess” em vez de “Theresa”.

“Hardin, por favor, posso entrar? Tem um cara…”, digo e olho para trás.

Hardin passa por mim e olha para o outro lado do corredor. Ele encara o tarado, cuja expressão passa de assustadora para amedrontada antes de dar meia-volta e

seguir na direção contrária.

“Você sabe quem é?”, pergunto com uma voz baixa e trêmula.

“Sei, sim, entra aí”, ele diz e me puxa pelo braço para dentro do quarto.

Não tenho como deixar de reparar em seus músculos sob a pele tatuada enquanto ele volta para a cama. Suas costas não têm tatuagens, o que é um pouco estranho, já que seu peito, seus braços e sua barriga são cobertos delas. Ele esfrega os olhos de novo. “Você está bem?” Sua voz está mais rouca, porque acabou de acordar.

“É… estou. Desculpe ter vindo aqui acordar você. Não sabia o que…”

“Não se preocupe com isso.” Ele passa as mãos pelos cabelos despenteados e solta um suspiro. “Ele encostou em você?” A pergunta não vem acompanhada de nenhum tipo de sarcasmo ou ironia.

“Não, mas tentou. Fui burra o suficiente para me trancar dentro de um quarto com um bêbado desconhecido, então acho que a culpa é minha.” Só de pensar naquele tarado tocando em mim, começo a chorar de novo.

“Não é culpa sua. Você só não está acostumada com esse tipo de…

situação.” O tom de voz dele é gentil, ao contrário do habitual. Vou andando

pelo quarto na direção dele, pedindo em silêncio permissão para me aproximar. Ele dá um tapinha de leve na cama e eu me sento com as mãos no colo.

“E não quero me acostumar. É a última vez que apareço aqui ou em qualquer outra festa. Não sei nem por que vim. E aquele cara… Ele foi tão…”

“Não chore, Tess”, murmura Hardin.

E o mais engraçado é que não tinha percebido que estava chorando.

Hardin aproxima sua mão e faço menção de me afastar, mas não antes que seu polegar limpe uma lágrima da minha bochecha. Minha boca se abre com a surpresa de seu toque suave. Quem é esse cara e onde está o Hardin sarcástico e grosseiro que eu conheço? Olho para ele e deparo com seus olhos verdes e suas

pupilas dilatadas.

“Não tinha notado que seus olhos são meio cinza”, ele diz, tão baixo que preciso me aproximar para ouvir. Sua mão ainda está no meu rosto, e minha mente está a toda. Mordendo o lábio inferior, ele segura o piercing entre os dentes. Nossos olhares se encontram, mas baixo a cabeça sem saber ao certo o que está acontecendo. Quando Hardin retira a mão, olho para sua boca uma vez mais e posso sentir minha consciência e meus hormônios em conflito.

Minha consciência perde, e eu levo minha boca até a dele, pegando-o totalmente desprevenido.



19

Não tenho ideia do que estou fazendo, mas não consigo parar. Quando meus lábios tocam os de Hardin, sinto que ele respira fundo de susto. Sua boca tem exatamente o gosto que eu imaginava. Dá para notar um resquício do sabor de menta em sua língua quando ele abre a boca e me beija de volta.

E pra valer. Sinto sua língua morna percorrer a minha e o metal frio do piercing no canto da minha boca. Meu corpo todo parece estar em chamas; nunca me senti dessa maneira antes. Ele faz uma carícia no meu rosto vermelho antes de levar ambas as mãos aos meus quadris. Depois se afasta um pouco e me beija de leve.

“Tess”, ele sussurra, e em seguida cola sua boca à minha outra vez, chegando ainda mais fundo com a língua. Minha mente não está mais no comando; uma sensação arrebatadora domina cada pedacinho do meu corpo.

Hardin me puxa pelos quadris e deita de novo na cama, sem parar de me beijar. Sem saber o que fazer com as mãos, apoio as duas em seu peito e monto em cima dele. Sua pele é quente e seu peito oscila com a respiração acelerada. Hardin afasta sua boca da minha, e eu solto um resmungo de protesto, mas logo em seguida ele já está no meu pescoço. Sinto intensamente cada movimento de sua língua. Hardin respira fundo junto de mim. Depois agarra meus cabelos para me manter imóvel enquanto beija meu pescoço. Seus dentes roçam minha clavícula, e eu solto um gemido, sentindo uma sensação boa se espalhar pelo

meu corpo todo quando ele começa a sugar de leve minha pele. Ficaria com vergonha caso não estivesse tão inebriada, tanto por Hardin como pelo álcool. Nunca tinha beijado ninguém dessa maneira, nem mesmo Noah.

Noah!

“Hardin… para”, peço, mas não reconheço minha própria voz, que soa grave e rouca. Minha boca está seca.

Ele não para.

“Hardin!”, falo mais uma vez, agora de forma clara e audível, e ele larga meus cabelos. Quando olho em seus olhos, noto que estão mais escuros, apesar de mais amenos, e seus lábios estão inchados e vermelhos por causa dos beijos. “Não podemos fazer isso”, digo. Embora queira muito beijá-lo de novo, sei que não posso.

A delicadeza em seus olhos desaparece, e ele se afasta, jogando-me para o

outro lado da cama. O que foi que aconteceu?

“Desculpa, desculpa”, digo, e não consigo pensar em mais nada para falar.

Meu coração parece prestes a explodir a qualquer momento.

“Pelo quê?”, ele pergunta enquanto anda até a cômoda, pega uma camiseta preta e veste. Meus olhos baixam para sua cueca, e percebo que está bem mais apertada na parte da frente.

Fico vermelha e desvio o olhar. “Por beijar você…”, explico, apesar de alguma coisa dentro de mim me dizer que não tenho por que me desculpar.

“Não sei por que fiz isso.”

“Foi só um beijo. As pessoas se beijam o tempo todo”, ele diz.

Por algum motivo, aquelas palavras me magoam. Não que faça diferença que não tenha sentido o mesmo que eu… E o que foi que eu senti, aliás? Só sei que não gosto dele de verdade, que estou bêbada e que ele é bonito. Foi o efeito do álcool, e de uma noite longa e difícil, que me levou a beijá-lo. Em algum lugar

no fundo da minha mente, tenho que suprimir a vontade de fazer de novo. Provavelmente porque ele foi gentil comigo, para variar.

“Então podemos fingir que isso nem aconteceu?”, pergunto. Eu me sentiria muito humilhada caso ele contasse para alguém. Essa não sou eu.

Não fico bêbada nem traio meu namorado.

“Pode acreditar que também não quero que ninguém fique sabendo. Já chega de falar sobre isso”, ele esbraveja.

A arrogância habitual está de volta. “Pelo jeito você já voltou a ser o mesmo Hardin de sempre…”

“Nunca fui nada diferente disso… e não pense que, só porque me beijou, praticamente contra a minha vontade, a gente tem algum tipo de intimidade agora.”

Ai. Contra a vontade dele? Ainda sinto sua mão nos meus cabelos, a maneira como me puxou para junto dele, o modo como sussurrou meu nome antes de me beijar de novo.

Eu me levanto da cama com um pulo. “Você podia ter me impedido.”

“Até parece”, ele retruca, e sinto vontade de chorar outra vez. Quando estou com ele, fico emotiva demais. É humilhante e doloroso ter que ouvir que Hardin me beijou só porque foi forçado a isso. Escondo o rosto entre as mãos por um momento antes de tomar o caminho da porta.

“Você pode passar a noite aqui, já que não tem pra onde ir”, ele fala baixinho, mas balanço a cabeça negativamente. Não quero ficar perto dele. É

tudo parte de um de seus joguinhos. Provavelmente quer que eu durma em seu quarto para se fingir de bonzinho e depois desenhar alguma coisa obscena na minha testa ou coisa do tipo.

“Não, obrigada”, respondo antes de sair. Quando chego à escada, acho que ouço sua voz chamar meu nome, mas sigo em frente. Do lado de fora, o contato da brisa fria com minha pele é alentador, e eu me sento de novo na

mureta de pedra e pego meu celular. São quase quatro da manhã. Devia estar acordando dali a uma hora para tomar banho cedo e estudar. Em vez disso, estou sentada sozinha no escuro do lado de fora de uma festa.

Alguns bêbados ainda circulam por ali e, não muito certa do que fazer, vejo as mensagens de texto que recebi durante a noite de Noah e da minha mãe. Claro que ele contou para ela. Ele sempre faz isso…

Mas não posso nem pensar em ficar chateada com ele. Acabei de trair meu namorado. Quem sou eu para reclamar de alguma coisa?



20

Ando um quarteirão e as ruas estão escuras e silenciosas. As fraternidades aqui perto ocupam casarões do mesmo tamanho que a de Hardin. Depois de uma hora e meia de caminhada, consultando o GPS a cada passo, finalmente chego ao campus. Totalmente sóbria e ciente de que é melhor nem dormir, passo no 7-Eleven e compro um café.

Quando a cafeína faz efeito, me dou conta de que tem um monte de coisas que não entendo em Hardin. Tipo: por que ele faz parte de uma fraternidade cheia de filhinhos de papai se diz que é punk? E por que foi de afetuoso a impassível em um piscar de olhos? Meu interesse, porém, é puramente acadêmico, já que não tenho motivo para perder tempo pensando nele, e depois do que aconteceu na madrugada desisti de vez de tentar estabelecer uma relação amigável. Não consigo acreditar que o beijei. Foi o maior erro que poderia ter cometido, e assim que baixei a guarda ele me atacou com mais força do que nunca. Não sou burra a ponto de acreditar que não vai contar para ninguém porque pedi, mas espero que a vergonha de ter beijado

“a virgem” seja suficiente para manter sua boca fechada. Se alguém me perguntar, nego até a morte.

Preciso inventar uma boa explicação para minha mãe e para Noah sobre meu comportamento ontem à noite. Não sobre a parte do beijo, que eles nunca vão saber, mas sobre ter saído. De novo. E preciso muito conversar sobre essa mania de Noah de contar tudo para minha mãe. Se quero ser tratada como uma adulta

de agora em diante, ela não pode controlar tudo o que faço.

Quando chego ao alojamento, minhas pernas e meus pés estão doendo, e solto um suspiro de alívio ao virar a maçaneta.

Mas então quase tenho um ataque do coração ao ver Hardin sentado na minha cama.

“Não acredito!”, eu meio que grito quando finalmente me recupero do susto.

“Onde você estava?”, ele pergunta sem se alterar. “Rodei quase duas horas de carro tentando te encontrar.”

Quê? “Como assim? Por quê?” Se era para fazer isso, por que não se ofereceu para me trazer enquanto eu ainda estava lá? Ou, melhor ainda, por que eu mesma não pedi uma carona assim que descobri que ele não bebia?

“Só achei que não era uma boa ideia você andar por aí sozinha de madrugada.”

E, como nem tento mais ler suas expressões e Steph está sabe-se lá onde e eu estou sozinha com ele, a pessoa mais perigosa do mundo para mim, só consigo rir, dar uma gargalhada enlouquecida, que não tem nada a ver comigo. E não porque vejo graça na situação, mas porque estou exausta demais para ter outra reação.

Hardin me olha com a testa franzida, o que me faz rir ainda mais. “Sai daqui, Hardin… some da minha frente!”

Ele me encara e passa as mãos pelos cabelos. Pelo menos é uma reação que consigo entender. No pouco tempo que tive para descobrir que Hardin Scott é um sujeito enlouquecedor, aprendi que quando faz isso é porque está estressado ou sem jeito. No momento, espero de verdade que sejam as duas coisas.

“Theresa, eu…”, ele começa a dizer, mas suas palavras são interrompidas por batidas violentas na porta e uma voz gritando:

“Theresa! Theresa Young, abra essa porta!”

Minha mãe. É minha mãe. Às seis da manhã, e tem um garoto no meu quarto.

Imediatamente entro em ação, como sempre faço quando ela fica com raiva. “Ai, meu Deus, Hardin, entra no armário”, cochicho para ele e o seguro pelo braço, arrancando-o da cama e me surpreendendo com minha força.

Ele me encara, quase rindo. “Não vou me esconder no armário. Você tem dezoito anos.”

Hardin diz isso — e com razão — porque não conhece minha mãe. Solto um grunhido de frustração, e ela esmurra a porta outra vez. A maneira desafiadora como ele cruza os braços me diz que não vai sair dali, então me olho no espelho, dou uma esfregada nas olheiras, pego a pasta de dente e espalho um pouco sobre a língua para disfarçar o cheiro de álcool, que persiste mesmo depois do café. Talvez a mistura dos três odores confunda o nariz dela ou coisa do tipo.

Abro a porta com um sorriso simpático no rosto, mas então percebo que ela não está sozinha. Noah está ao seu lado, claro. Ela parece furiosa. E ele parece… preocupado? Magoado?

“Oi. O que estão fazendo aqui?”, pergunto, mas minha mãe passa por mim e vai diretamente até onde está Hardin. Noah entra no quarto em silêncio, deixando que ela tome a dianteira da situação.

“Então é por isso que você não estava atendendo o telefone? Porque estava com esse… esse…” Ela agita os braços na direção dele. “Arruaceiro tatuado no seu quarto às seis da manhã!”

Meu sangue ferve. Geralmente me intimido e fico com medo quando

minha mãe age assim. Ela nunca me bateu nem nada do tipo, mas jamais demonstrou o menor pudor em apontar meus erros:

Você não vai querer sair vestida assim, certo, Tessa?

Você deveria ter penteado melhor os cabelos, Tessa.

Você poderia ter tirado notas melhores nas provas, Tessa.

Ela me pressiona demais para ser perfeita o tempo todo, e isso é exaustivo.

Noah, por sua vez, se limita a ficar parado olhando feio para Hardin, e eu sinto

vontade de gritar com os dois — na verdade, com os três. Com minha mãe por me tratar como uma criança. Com Noah por contar tudo para ela. E

com Hardin por ser do jeito que é.

“É isso que você anda fazendo na faculdade, mocinha? Fica acordada a noite inteira e traz garotos para o quarto? O coitado do Noah estava morrendo de preocupação. Então viemos até aqui só para encontrar você com esse garoto”, ela diz, e eu e Noah ficamos constrangidos.

“Na verdade, acabei de chegar. E ela não estava fazendo nada de errado”, responde Hardin, deixando-me chocada. Ele não faz ideia de quem está enfrentando. Pensando bem, ele é um teimoso irredutível, e ela, uma controladora irrefreável. Talvez saia uma boa briga. Meu subconsciente sugere que eu pegue um saco de pipoca e me sente na primeira fileira para ver.

Minha mãe fecha a cara. “Como é? Eu não estava nem falando com você. E

não sei o que alguém como você está fazendo com minha filha, por falar nisso.”

Hardin absorve o golpe em silêncio, mas não se move e continua olhando para ela.

“Mãe”, eu digo por entre os dentes.

Não sei nem por que estou defendendo Hardin, mas é esse meu impulso.

Talvez em parte porque a maneira como ela o está tratando seja parecida com o modo como Hardin me tratou quando o conheci. Noah olha para mim, para Hardin e de novo para mim. Será que sabe que nós nos beijamos?

A lembrança ainda está fresca na minha mente e faz minha pele se arrepiar só de pensar.

“Tessa, você está fora de controle. Dá para sentir o cheiro da bebida daqui, e não venha me dizer que isso tudo não é influência da sua coleguinha de quarto e dele ali”, ela diz, apontando para Hardin.

“Tenho dezoito anos, mãe. Nunca bebi antes e não fiz nada de errado. Sinto muito que a bateria do meu celular tenha acabado, e que por isso vocês tenham

vindo até aqui, mas está tudo bem comigo.” De repente, o cansaço das últimas horas começa a bater. Eu me sento na cadeira diante de escrivaninha antes mesmo de terminar de falar. Ela solta um suspiro.

Depois de ouvir o que falei, minha mãe assume uma postura mais tranquila — afinal de contas, ela não é um monstro. Virando-se para Hardin,

ela diz: “Poderia nos dar licença um minutinho?”.

Hardin me olha como quem pergunta se vai ficar tudo bem. Faço um gesto afirmativo com a cabeça, e ele faz o mesmo antes de sair do quarto.

Noah fecha a porta logo em seguida, sem tirar os olhos de Hardin. É uma sensação estranha me posicionar ao lado de Hardin contra minha mãe e meu namorado. Por algum motivo, fico pensando que ele vai esperar no corredor até os dois irem embora.

Durante os vinte minutos seguintes, minha mãe fica sentada na minha cama explicando que só está preocupada, com medo de que eu estrague minhas chances de ter uma boa formação e diz que não me quer bebendo de novo. Ela também fala que não aprova minha amizade com Steph, Hardin ou qualquer um do grupo, e me faz prometer que não vou mais andar com eles.

Depois da noite passada, não quero mesmo chegar perto de Hardin e não pretendo ir a nenhuma festa com Steph, então minha mãe não tem como saber que tipo de relação vou ter com ela daqui para a frente.

Por fim, ela se levanta e junta as duas mãos. “Já que estamos aqui, vamos tomar café da manhã juntos e fazer umas comprinhas.”

Faço que sim com a cabeça, e Noah abre um sorriso lá da porta. Parece mesmo uma boa ideia, e estou morrendo de fome. Meus pensamentos ainda estão um pouco prejudicados por causa do álcool e do cansaço, mas a caminhada de volta, o café e o sermão da minha mãe serviram para me deixar sóbria de vez. Vou andando para a porta, porém detenho o passo ao ouvir minha mãe tossir atrás de mim.

“Você precisa dar uma ajeitada no visual e se trocar primeiro, claro.” Ela abre um sorrisinho condescendente. Pego roupas limpas na cômoda e me troco. Dou uma retocada na maquiagem da noite passada e estou pronta para ir. Noah abre a

porta para nós, e os olhares dos três se voltam para a porta do quarto em frente, diante da qual Hardin está sentado. Noah segura minha mão com força, em um gesto protetor.

Ainda assim, sinto vontade de puxar minha mão para longe dele. Qual é o problema comigo?

“Vamos até a cidade”, digo para Hardin.

Ele balança a cabeça várias vezes, como se estivesse respondendo alguma coisa para si mesmo. Pela primeira vez, Hardin me parece vulnerável e talvez até um pouco chateado.

Ele humilhou você, meu subconsciente me lembra. Apesar de ser verdade, não consigo deixar de me sentir culpada quando Noah me puxa para longe de Hardin e minha mãe abre um sorrisinho triunfante para ele, obrigando-o a desviar o olhar.

“Não gosto nem um pouco desse cara”, comenta Noah, e eu balanço a cabeça.

“Eu também não”, respondo com um sussurro.

Mas sei muito bem que estou mentindo.



21

O café da manhã com Noah e minha mãe é uma tortura. Ela não para de falar sobre minha “noite de loucura” e não perde a chance de perguntar se estou cansada ou de ressaca. É óbvio para mim que aquela foi uma noite incomum, e não preciso ser lembrada disso a cada momento. Será que minha mãe sempre foi assim? Sei que ela só quer meu bem, mas acho que seu comportamento piorou agora que entrei na faculdade. Ou então passar uma semana longe de casa me deu uma nova perspectiva em relação a ela.

“Onde podemos ir fazer compras?”, Noah pergunta entre uma garfada e outra da panqueca, e eu respondo dando de ombros. Preferia que ele tivesse vindo sozinho. Adoraria passar um tempo com ele. Preciso pedir que pare de contar

cada detalhe da minha vida para minha mãe, principalmente os mais comprometedores. Se estivéssemos sozinhos isso também seria mais fácil.

“Acho que podemos ir até o shopping aqui perto. Na verdade, ainda não conheço muito bem a região”, digo, cortando os últimos pedaços da torrada.

“Já decidiu onde quer trabalhar?”, Noah pergunta.

“Ainda não. Em uma livraria, talvez. O que eu queria mesmo era conseguir um estágio, ou alguma coisa na área editorial que envolva escrita”, revelo, provocando um sorriso orgulhoso no rosto da minha mãe.

“Isso seria ótimo, um lugar onde você possa trabalhar até se formar e depois ser efetivada”, ela concordou, abrindo outro sorriso.

“Pois é, seria o ideal”, respondo, fazendo força para não dar uma resposta sarcástica. Noah percebe minha reação e me oferece um aperto de mão solidário por baixo da mesa.

Quando ponho o garfo na boca, o toque do metal me faz lembrar do piercing de Hardin. Fico paralisada por um instante. Noah percebe essa minha reação e me encara com um olhar de interrogação no rosto.

Preciso parar de pensar em Hardin. Agora mesmo. Abro um sorriso para Noah e puxo sua mão até minha boca para beijá-la.

Depois do café da manhã, vamos no carro da minha mãe até o Benton Mall, que é gigantesco e está lotado. “Vou dar uma passada na Nordstrom e ligo para vocês quando terminar”, ela diz, para meu alívio. Noah segura minha mão e passeamos por uma porção de lojas. Ele me conta sobre seu jogo de futebol na sexta-feira, no qual fez o gol da vitória. Escuto tudo com atenção, então digo que é uma ótima notícia.

“Você está bonito hoje”, comento, e ele sorri. Seu sorriso branco e perfeito é adorável. Ele está usando um cardigã vinho, calça cáqui e mocassins. Pois é, ele usa mesmo mocassins, mas são bonitos e combinam com ele.

“Você também, Tessa”, ele diz, e eu faço uma careta. Sei que estou um caco, mas ele é gentil e não menciona isso. Ao contrário de Hardin, que não hesitaria em fazer um comentário deselegante. Argh, Hardin. Tentando desesperadamente

tirar meus pensamentos do grosseirão, puxo Noah mais para perto pela gola do cardigã. Quando vou beijá-lo, ele sorri e se afasta.

“O que você está fazendo, Tessa? Está todo mundo olhando.” Noah aponta para um grupo de adultos que experimentam óculos escuros em um quiosque.

Dou de ombros. “Está nada. Mas e se estivesse?” Eu não me importo; normalmente me importaria, mas preciso que ele me beije. “Me dá um beijo, por favor”, eu quase imploro.

Ele provavelmente vê o desespero nos meus olhos, porque puxa meu queixo para cima e me dá um beijo suave e carinhoso. Sua língua mal toca a minha, mas mesmo assim é bom. Um toque afetuoso e familiar. Fico esperando que um fogo se acenda dentro de mim, porém nada acontece.

Não dá para comparar Noah com Hardin. Ele é meu namorado, meu amor, e Hardin é um babaca que está toda hora com uma garota diferente.

“O que deu em você?”, Noah pergunta quando tento puxar seu corpo para junto do meu.

Fico vermelha e balanço a cabeça. “Nada, só estava com saudade”, respondo. Ah… e eu traí você ontem à noite, acrescenta meu subconsciente.

Ignorando essa parte, digo: “E, Noah, você pode parar de contar para minha mãe tudo o que eu faço? Não gosto disso. É legal que sejam próximos, mas fico me sentindo uma criancinha quando você me dedura desse jeito”. Tirar aquele peso dos meus ombros me dá uma sensação boa.

“Tessa, desculpa. Eu só estava preocupado com você. Prometo que não vou mais fazer isso. De verdade.” Ele me abraça e beija minha testa, e sei que está sendo sincero.

O restante do dia é bem melhor que a manhã, principalmente porque minha mãe me leva a um salão de beleza para cortar os cabelos. Eles continuam chegando até as costas, mas o novo corte dá mais volume e fica muito mais bonito. Noah me enche de elogios durante todo o caminho até o campus, e tudo parece voltar ao seu devido lugar. Eu me despeço dos dois na entrada do alojamento, prometendo mais uma vez me manter a quilômetros de qualquer pessoa tatuada. Quando entro no quarto, sinto uma pontada de decepção ao encontrá-lo vazio,

mas não sei se quem esperava encontrar era Steph ou outra pessoa.

Não me preocupo nem em tirar os sapatos para deitar na cama. Estou morrendo de cansaço. Durmo a noite toda e só acordo ao meio-dia. Quando

me levanto, vejo que Steph está dormindo na cama dela. Passo o domingo inteiro fora, estudando, e quando volto ela não está mais lá. Na segunda-feira de manhã, Steph ainda não voltou, e começo a sentir uma vontade irrefreável de tentar descobrir o que andou fazendo no fim de semana.



22

Antes da primeira aula, vou comprar um café, e quando saio encontro Landon me esperando com um sorriso no rosto. Logo depois de nos cumprimentarmos, somos interrompidos por uma garota pedindo informações sobre como chegar a um prédio, e só conseguimos conversar direito no caminho para a última aula do dia, aquela que eu mais temo, mas que também me desperta a maior expectativa.

“Como foi seu fim de semana?”, Landon pergunta, e solto um grunhido.

“Um desastre, na verdade. Fui a outra festa com Steph”, conto, e ele faz uma careta antes de dar risada. “Tenho certeza de que o seu foi muito melhor. Como vai a Dakota?”

Ele abre um sorriso enorme ao ouvir o nome dela, e percebo que não mencionei que tinha passado o sábado com Noah. Landon conta que Dakota está tentando entrar em uma companhia de balé de Nova York e que ele está felicíssimo por ela. Durante o tempo todo, fico me perguntando se os olhos de Noah se iluminam daquela maneira quando fala de mim.

Ao entrar na sala, Landon diz que seu pai e sua madrasta ficaram muito contentes em vê-lo, mas não presto muita atenção, pois estou percorrendo o lugar à procura de Hardin. A carteira dele está vazia.

“As coisas não vão ficar difíceis com ela tão longe?”, consigo perguntar enquanto nos sentamos.

“Bom, já estamos a uma boa distância agora e tem funcionado. Só quero o melhor para ela, e se para isso for preciso ir a Nova York, por mim tudo bem.”

O professor entra na sala, e ficamos em silêncio. Cadê o Hardin? Ele não faltaria na aula só para me evitar, faltaria?

Mergulhamos no mundo de Orgulho e preconceito — um livro fantástico que eu gostaria que todo mundo lesse —, e a aula passa em um instante.

“Cortou o cabelo, Theresa?” Eu me viro e dou de cara com Hardin sorrindo para mim. Ele e Landon trocam olhares tensos, e tento pensar em alguma coisa para dizer. Hardin não falaria do beijo na frente de Landon, certo? Suas covinhas, mais profundas do que nunca, dizem que sim, ele faria isso tranquilamente.

“Oi, Hardin”, respondo.

“Como foi seu fim de semana?” A expressão no rosto dele é de uma

arrogância sem par.

Puxo Landon pelo braço. “Foi bom, a gente se vê por aí!”, digo nervosamente, quase gritando, e Hardin cai na risada.

“O que foi isso?”, Landon pergunta quando saímos, obviamente estranhando meu comportamento.

“Nada. É que não gosto de Hardin.”

“Pelo menos você não precisa conviver com ele o tempo todo.”

Noto alguma coisa estranha em seu tom de voz. Por que ele diria isso?

Será que sabe do beijo?

“Hã… pois é. Graças a Deus”, é tudo o que consigo dizer.

Ele detém o passo. “Eu nem ia contar nada, porque não quero que você me associe a ele, mas…” Landon abre um sorriso nervoso antes de continuar.

“O pai do Hardin é meio que namorado da minha mãe.”

Como assim? “Como assim?”

“O pai do Hardin…”

“Sim, sim, entendi, mas o pai do Hardin mora aqui? Por que o Hardin mora aqui, mas ele não é inglês? Se o pai dele está aqui perto, por que o Hardin não mora com ele?” Encho Landon de perguntas sem nem pensar no que estou dizendo. Ele parece confuso, mas menos apreensivo do que instantes atrás.

“Ele é de Londres. O pai dele e minha mãe moram aqui perto do campus, porém Hardin não se dá muito bem com o pai. Mas, por favor, não diz que contei isso pra você. A gente já tem motivos suficientes pra não se gostar.”

Faço que sim com a cabeça. “Tudo bem, claro.” Mais um milhão de perguntas passam pela minha cabeça, mas fico em silêncio, ouvindo meu amigo falar sobre Dakota, com os olhos brilhando a cada palavra que profere a respeito dela.

* * *

Quando volto para o quarto, Steph ainda não voltou, já que suas aulas terminam duas horas depois das minhas. Começo a separar meus livros e minhas anotações para estudar, mas em vez disso resolvo ligar para Noah.

Ele não atende, o que me faz desejar com ainda mais força que estivesse na faculdade comigo. As coisas seriam bem mais simples e agradáveis com ele aqui. Poderíamos estar estudando juntos ou então vendo um filme agora.

Mesmo assim, sei que só estou pensando nisso porque a culpa por ter beijado Hardin me consome — Noah é muito fofo e não merece ser traído. É

muita sorte minha tê-lo. Ele é um companheiro para todas as horas e me conhece melhor que ninguém, praticamente desde sempre. Quando a família dele mudou para minha rua, fiquei felicíssima por ter alguém da minha idade para me fazer companhia, e esse sentimento só cresceu quando nos conhecemos e percebi que ele era uma pessoa madura como eu. Passávamos

o tempo lendo, vendo filmes e trabalhando na estufa nos fundos da casa da minha mãe. Aquela estufa sempre foi meu porto seguro: quando meu pai bebia, eu ia me esconder lá, e ninguém conseguia me encontrar, a não ser Noah. A noite em que meu pai foi embora foi terrível para mim, e minha mãe se recusa a falar

disso até hoje, já que essa conversa arruinaria a fachada de perfeição que criou para si mesma, mas gosto de falar a respeito às vezes.

Apesar de detestá-lo por beber demais e por maltratar minha mãe, ainda sinto falta de um pai. Naquela noite, escondida na estufa enquanto meu pai gritava, enlouquecido, escutando o barulho de copos e pratos se espatifando na cozinha, comecei a ouvir passos quando tudo ficou em silêncio. Fiquei morrendo de medo que meu pai tivesse ido atrás de mim, mas era Noah.

Senti um alívio maior do que tudo na vida quando vi que estava em segurança. Daquele dia em diante, nos tornamos inseparáveis. Ao longo dos anos, nossa amizade foi se transformando em algo mais, e nenhum de nós jamais saiu com outra pessoa.

Mando uma mensagem de texto para Noah dizendo que o amo e decido tirar um cochilo antes de começar a estudar. Pego minha agenda e vejo mais uma vez o que preciso fazer. Com certeza posso dormir uns vinte minutinhos.

Menos de dez minutos depois, ouço uma batida na porta. Imaginando que Steph esqueceu a chave, abro a porta, ainda grogue de sono.

Claro que não é ela. É Hardin.

“Steph ainda não chegou”, digo, e volto para a cama, deixando a porta aberta para ele. Não sei nem por que Hardin bateu, já que Steph deixou com ele uma chave extra. Preciso conversar com ela sobre isso, aliás.

“Vou esperar”, ele responde e se deita na cama de Steph.

“Fique à vontade”, resmungo, ouvindo sua risadinha enquanto me cubro e fecho os olhos, tentando ignorá-lo. Não vou conseguir dormir sabendo que Hardin está no meu quarto, mas é melhor fingir que estou cochilando do que encarar o tipo de conversa desconfortável e áspera que sempre tenho com ele. Tento agir como se não estivesse ouvindo seus dedos batucando na cabeceira da cama até meu alarme tocar.

“Você vai sair?”, Hardin pergunta, e eu reviro os olhos, apesar de saber que ele não está me vendo.

“Não, eu estava tirando um cochilo de vinte minutos”, respondo enquanto me

sento.

“Você programou o alarme para garantir que seu cochilo durasse só vinte minutos?”, ele debocha.

“Sim. E o que você tem a ver com isso?” Pego meus livros e os empilho na ordem das aulas, colocando as anotações sobre cada um.

“Você tem TOC ou coisa do tipo?”

“Não, Hardin. Gostar de ordem não significa ser maluca. Não tem nada de

errado em ser organizada”, retruco.

Ele ri, é claro. Eu me recuso a olhar para ele, mas com o canto do olho consigo ver que está se levantando.

Por favor, não venha para cá. Por favor, não venha…

Logo ele está de pé ao meu lado, olhando para mim. Pega minhas anotações da aula de literatura e examina as páginas com gestos exagerados, como se estivesse diante de um artefato raro. Estendo a mão para pegar os papéis de volta, mas, como um bom babaca que é, ele os levanta e os deixa fora do meu alcance. Quando me levanto para pegá-los, ele joga tudo para cima, e minhas anotações ficam todas espalhadas pelo chão.

“Pode recolher isso agora!”, exijo.

Ele abre um sorrisinho e diz que tudo bem, mas em vez disso faz a mesma coisa com minhas anotações da aula de sociologia. Eu me abaixo para pegá-

las antes que ele pise nelas, e isso o diverte ainda mais.

“Hardin, para!”, grito quando ele passa para a próxima pilha. Enfurecida, eu me levanto e o empurro para longe da minha cama.

“Como assim, você não gosta que mexam nas suas coisas?”, ele pergunta, ainda dando risada. Por que está sempre rindo de mim?

“Não, eu não gosto”, respondo aos berros e tento empurrá-lo de novo. Ele dá um

passo à frente e me agarra pelos pulsos, prensando-me contra a parede. Seu rosto está a centímetros do meu, e de repente percebo que estou ofegante. Sinto vontade de gritar para ele sair de perto de mim e recolher minhas coisas de volta. Sinto vontade de dar um tapa na cara dele e mandá-

lo sair do meu quarto. Mas não consigo. Estou paralisada junto à parede, hipnotizada pela visão de seus olhos verdes me encarando. “Hardin, por favor.” São as únicas palavras que enfim consigo dizer. Só que elas saem em um tom baixo e suave. Não sei nem se estou implorando para ele me largar ou me beijar. Minha respiração ainda não voltou ao normal, e percebo que a dele está acelerando, pela maneira como seu peito oscila. Os segundos parecem horas, e ele enfim tira uma das mãos de cima de mim, mas a outra é grande e forte o suficiente para segurar meus dois punhos.

Por um segundo, chego a pensar que ele vai me bater, porém sua mão desliza pelo meu queixo e ajeita uma mecha de cabelos atrás da minha orelha. Sou capaz de jurar que ouço sua pulsação quando ele leva sua boca até a minha… e o fogo se acende sob minha pele.

Era isso que eu estava esperando desde aquela noite. Se pudesse escolher uma sensação para viver pelo resto da vida, seria essa.

Nem me pergunto por que estou beijando Hardin de novo, ou me preocupo com qualquer coisa terrível que ele possa dizer depois. Quero me concentrar apenas em seu corpo comprimido contra o meu quando ele larga meus pulsos, prensando-se contra a parede, e no gosto de menta de sua boca.

Na maneira como minha língua segue o comando da sua, e nas minhas

mãos deslizando sobre seus ombros largos. Ele me pega pelas coxas e me ergue do chão, e minhas pernas instintivamente o envolvem pela cintura.

Fico impressionada com a maneira como, de alguma forma, meu corpo sabe de que forma reagir aos estímulos dele. Enfio as mãos em seus cabelos, puxando-os de leve enquanto Hardin caminha na direção da minha cama, com a boca ainda grudada à minha.

A voz da responsabilidade dentro da minha cabeça se reestabelece, lembrando-me de que aquilo é uma péssima ideia, mas volto a sufocá-la.

Dessa vez eu não vou parar. Puxo os cabelos de Hardin com mais força, e ele geme baixinho, o que me leva a fazer o mesmo, criando um gemido em um delicioso uníssono. É o som mais sensual que já ouvi na vida, e me sinto capaz de qualquer coisa para ouvi-lo de novo. Hardin se senta na minha cama e me posiciona em seu colo. Meu corpo oscila para a frente e para trás sobre o dele, e Hardin me segura com mais força.

“Caralho”, ele sussurra na minha boca, e experimento uma sensação até então desconhecida ao senti-lo endurecer junto a mim.

Até onde vou deixar isso ir?, pergunto a mim mesma, mas não consigo encontrar uma resposta.

Os dedos dele encontram minha camisa, e ele a puxa para cima. Não acredito que estou permitindo que Hardin faça isso, mas não quero parar.

Ele interrompe nosso beijo ardente para tirar minha camisa. Olha nos meus olhos e em seguida para meus peitos, passando a língua nos dentes.

“Como você é gostosa, Tess.”

Esse tipo de vulgaridade nunca me agradou, mas por algum motivo na boca de Hardin aquelas palavras me pareceram as mais sensuais que já escutei na vida. Não tenho nenhuma lingerie sexy, já que ninguém

— literalmente ninguém — me vê sem roupa, mas nesse momento sinto vontade de estar vestindo outra coisa que não um sutiã preto e sem graça.

Ele provavelmente já viu tudo quanto é tipo de sutiã na vida, lembra uma voz irritante dentro da minha cabeça. Tentando evitar esses pensamentos, começo a me esfregar com mais força em seu colo, e ele me envolve com os braços e me puxa mais para perto, fazendo nossos peitos se tocarem…

Ouço o barulho da maçaneta da porta. Saio de cima de Hardin e pego minha camisa. O transe imediatamente se desfaz.

Steph entra no quarto e detém o passo quando me vê com Hardin. Ela fica de queixo caído com a cena que tem diante de si.

Sinto que meu rosto está todo vermelho, e não só de vergonha, mas também por

causa do que Hardin me fez sentir.

“O que foi que eu perdi aqui?”, ela pergunta, olhando para nós dois com um sorriso enorme no rosto. Sou capaz de jurar que seus olhos estão quase faiscando de alegria.

“Nada de mais”, responde Hardin, ficando de pé. Ele sai do quarto sem

olhar para trás, deixando-me ali sozinha, e toda ofegante, com Steph, que ri.

“O que foi isso?!”, ela pergunta, levando as mãos ao rosto e fingindo estar horrorizada. Mas a empolgação fala mais alto, e ela logo acrescenta: “Você e Hardin… Você e Hardin estão tendo um caso?”.

Eu me viro e finjo mexer nas coisas que estão sobre a escrivaninha. “Não!

De jeito nenhum! Não estamos tendo um caso”, digo. Ou estamos? Não, só aconteceu de a gente se beijar duas vezes. Ele tirou minha camisa, e eu estava me esfregando toda nele… mas não estamos tendo nada, pelo menos não racionalmente. “Eu tenho namorado, lembra?”

Ela vem até mim para poder me encarar. “E daí? Isso não significa que não possa ter um casinho com Hardin… Eu não acredito! Pensei que vocês se detestassem! Bom, Hardin detesta todo mundo, mas achei que com você fosse ainda pior”, ela comenta, e em seguida dá risada. “Quando foi que…

como foi que isso aconteceu?”

Eu me sento na cama e passo a mão pelos cabelos. “Não sei. Bom, na sexta à noite, quando você foi embora da festa, acabei indo parar no quarto dele, porque um tarado tentou me agarrar, e rolou um beijo. Prometemos não falar sobre isso… mas aí ele apareceu aqui hoje e começou a me provocar, e não daquele jeito.” Aponto para minha cama, e o sorriso dela se alarga ainda mais. “Tipo, ele começou a espalhar minhas coisas, e dei um empurrão nele, e no fim terminamos na cama.”

Não me conformo com o que acabei de dizer. Como mencionou minha mãe, essa não sou eu. Levo as duas mãos ao rosto. Como pude fazer isso com Noah… de novo?

“Uau, isso não é pouca coisa”, comenta Steph, e eu reviro os olhos.

“Não é mesmo… é terrível e errado. Amo Noah, e Hardin é um babaca.

Não quero ser só mais uma das conquistas dele.”

“Você pode aprender muito com Hardin… você sabe… sexualmente.”

Fico de boca aberta. Ela está falando sério? E se ela… espera, será? Ela e Hardin?

“De jeito nenhum, não quero aprender nada com Hardin. Nem com ninguém que não seja Noah”, respondo. Nem consigo imaginar uma interação como aquela com meu namorado. Minha mente relembra as palavras de Hardin: Como você é gostosa, Tess. Noah jamais diria uma coisa dessas — ninguém nunca me chamou de gostosa antes. Sinto meu rosto ficar vermelho só de pensar. “Você já?”, pergunto, meio sem jeito.

“Com Hardin? Não.” Alguma coisa dentro de mim se acalma quando ela diz isso. Mas então Steph acrescenta: “Bom… eu não transei com ele, porém rolou uma coisinha ou outra quando a gente se conheceu, por mais vergonhoso que seja admitir isso. Mas no fim não deu em nada. Foi só uma amizade colorida que durou mais ou menos uma semana”, ela conclui como se não fosse nada de mais, só que não consigo conter o ciúme que surge dentro de mim.

“Ah… amizade colorida?”, pergunto. Minha boca está completamente seca, e de repente percebo que estou irritada com Steph.

“Ah, sim. Só uns amassos e uma apalpadinha aqui e outra ali. Nada muito sério”, ela confirma, e sinto meu peito doer. Não chego a ficar surpresa, mas seria melhor não ter perguntado.

“Hardin tem muitas amizades coloridas?” Não quero nem ouvir a resposta, mas não consigo deixar de fazer a pergunta.

Ela dá uma risadinha e se senta em sua cama diante de mim. “Ah, tem, sim. Quer dizer, não milhares, mas ele é um cara bem… ativo.”

Talvez ela tenha percebido minha reação e esteja tentando fazer a coisa parecer menos impactante para mim. Pela centésima vez, prometo a mim mesma que

vou manter distância dele. Não vou ser mais uma de suas amizades coloridas. Jamais.

“Não é que ele queira usar as meninas, são elas que se jogam em cima dele. E Hardin sempre faz questão de dizer desde o início que não namora”, ela continua. Lembro-me de ter ouvido Steph dizer isso antes. Mas ele não falou isso para mim quando…

“Por que ele não namora?” Por que não consigo parar de fazer essas perguntas?

“Na verdade não sei… Escuta só”, ela diz com um tom de voz cheio de preocupação, “acho que Hardin é um cara com quem você pode se divertir bastante, mas nem por isso deixa de representar um perigo. A não ser que você tenha certeza de que não sente nada por ele, é melhor manter distância.

Já vi muitas meninas se apaixonarem por ele e se darem mal, e não foi nada bonito.”

“Ah, fica tranquila, eu não sinto nada por ele. E não sei onde estava com a cabeça.” Dou uma risadinha, torcendo para que pelo menos pareça verdadeira.

Steph balança a cabeça. “Certo. E como foi a encrenca com sua mãe e Noah?”

Conto tudo sobre o sermão da minha mãe, menos a parte da promessa que fiz de não ser mais amiga dela. Passamos o restante da noite conversando sobre as aulas, Tristan e qualquer outro assunto que não fosse Hardin.



23

No dia seguinte, Landon e eu nos encontramos no café antes da aula para conversar sobre nossas anotações de sociologia. Demorei uma hora para conseguir pôr meus papéis em ordem depois da gracinha de Hardin. Sinto vontade de conversar com Landon a respeito, mas não quero que ele tenha uma impressão errada sobre mim, principalmente agora que sei que o pai de Hardin é namorado da mãe dele. Landon deve saber um bocado de coisas sobre Hardin, e preciso me segurar para não fazer perguntas demais. Mas, no fundo, não me interessa o que Hardin faz ou deixa de fazer.

O dia passa voando, e chega a hora da aula de literatura. Como sempre, Hardin se senta ao meu lado, mas não parece interessado nem em olhar para mim.

“Hoje vai ser o último dia de discussão sobre Orgulho e preconceito”, informa o professor. “Espero que tenham gostado e, como agora já leram até o fim, podemos começar o debate falando sobre como Jane Austen lida com as expectativas criadas em suas histórias. Como leitores, vocês esperavam que Elizabeth e Darcy terminariam juntos?”

Um monte de gente começa a murmurar ou folhear os livros como se houvesse uma resposta certa para aquela pergunta, mas, como sempre, apenas Landon e eu levantamos a mão.

“Srta. Young”, ele diz.

“Bom, a primeira vez que li, fiquei desesperada para saber se eles terminavam juntos ou não. Mesmo agora, depois de já ter lido umas dez vezes, ainda sinto a tensão que existe no início do relacionamento deles. O

sr. Darcy é muito cruel e diz coisas tão terríveis sobre Elizabeth e a família dela que parece impossível que ela seja capaz de perdoá-lo e ainda mais amá-lo.” Landon balança a cabeça afirmativamente ao ouvir minha resposta, e eu abro um sorriso.

“Que papo furado.” Uma voz interrompe o silêncio. A voz de Hardin.

“Tem alguma coisa a acrescentar, sr. Scott?”, pergunta o professor, claramente surpreso com a participação de Hardin.

“Tenho, sim. Eu disse que é papo furado. As mulheres querem aquilo que não podem ter. É a grosseria do sr. Darcy que atrai Elizabeth, então está na cara que os dois vão terminar juntos”, diz Hardin, cutucando as unhas como se não tivesse o menor interesse na conversa.

“Não é verdade isso de as mulheres quererem o que não podem ter. O sr.

Darcy só foi cruel com ela porque era orgulhoso demais para admitir que estava apaixonado. Quando parou com a encenação ridícula, percebeu que a amava de verdade”, rebato, mais alto do que gostaria.

Muito mais alto. Olho ao redor e vejo que todos os rostos dentro da sala estão voltados para mim e Hardin.

Ele expira com força. “Não sei com que tipo de sujeito você costuma lidar, mas acho que, se ele fosse apaixonado por ela, não seria grosseiro. Ele só pediu a mão dela em casamento porque ela ficou se jogando em cima dele”, Hardin diz de forma bastante enfática, e sinto meu coração disparar.

Finalmente descubro o que ele pensa de verdade.

“Ela não se jogou em cima dele! Ela se deixou iludir e pensou que ele estava sendo gentil, e ele se aproveitou desse momento de fraqueza!”, grito, e a sala fica em silêncio de vez. O rosto de Hardin está vermelho, e com certeza o meu também.

“Ela ‘se deixou iludir’? Conta outra… Ela está… Quer dizer, ela estava tão aborrecida com sua vidinha entediante que foi atrás de emoções em outro lugar… então se jogou em cima dele, sim!”, ele grita de volta, segurando com força a carteira.

“Bom, se ele não fosse tão galinha, talvez pudesse ter parado por ali em vez de aparecer no quarto dela!” Depois que essas palavras escapam da minha boca, sei que estou totalmente exposta, e as risadinhas começam a ressoar pela sala.

“Muito bem, uma discussão bastante animada, mas acho que já chega desse assunto por hoje”, o professor intervém, porém a essa altura já estou pegando minha bolsa e saindo da sala.

Em algum lugar nos corredores, ouço uma voz furiosa atrás de mim gritar: “Você não vai fugir de mim desta vez, Theresa!”.

Saio do prédio e, quando acho que estou quase sumindo de vista, ele me agarra pelo braço. Dou um puxão para me livrar de seu toque.

“Por que você sempre fica me segurando assim? Se pegar no meu braço de novo vai levar um tapa na cara!”, eu berro. Fico surpresa com a aspereza das minhas palavras, mas estou cansada das palhaçadas dele.

Ele me segura pelo braço de novo, mas não consigo cumprir minha ameaça. “O que você quer, Hardin? Dizer que estou desesperada? Rir da minha cara por

deixar você me pegar de novo? Estou cansada desse seu joguinho… não quero mais fazer parte disso. Tenho um namorado que é apaixonado por mim, e você é uma pessoa do pior tipo. O que precisa fazer é procurar um médico para tratar essas mudanças de humor! Não consigo entender você. Em um momento está todo bonzinho, logo em seguida faz um monte de grosserias. Não quero ter nada com você, então faça um favor a si mesmo e vá procurar outra menina para seus joguinhos, porque eu já

cansei!”

“Eu desperto mesmo o que existe de pior em você, né?”, ele diz.

Viro as costas para ele e tento concentrar minha atenção na calçada lotada logo à frente. Alguns estudantes lançam olhares curiosos na nossa direção.

Volto a encará-lo e vejo que enfia os dedos em um pequeno furo na camiseta preta surrada.

Espero que em seguida abra um sorriso ou dê uma risada, mas não é isso que acontece. Se eu não o conhecesse, diria que está… magoado? Mas sei que não é esse o caso, que Hardin não está nem aí.

“Não estou fazendo joguinho nenhum com você”, ele afirma, passando as mãos pelos cabelos.

“Então está fazendo o quê? Suas mudanças de humor me deixam louca”, esbravejo. Uma pequena plateia se junta ao nosso redor, e a vontade que sinto é de cavar um buraco no chão e me esconder. Mas preciso saber o que vai responder a seguir.

Por que não consigo ficar longe dele? Sei que é perigoso e uma influência tóxica para mim. Nunca falei para ninguém sobre as grosserias que digo a ele. É tudo merecido, mas não gosto de tratar ninguém assim.

Hardin segura meu braço outra vez e me arrasta até o beco entre dois prédios, para longe da plateia. “Tess, eu… Não sei o que estou fazendo. Foi você que me beijou primeiro, lembra?”, ele faz questão de recordar.

“Pois é… E eu estava bêbada, lembra? E ontem quem me beijou foi você.”

“Pois é… E você não fez nada para impedir.” Hardin faz uma pausa. “Deve ser cansativo.”

Hã? “O que deve ser cansativo?”

“Fingir que não quer nada comigo, sendo que nós dois sabemos que você quer, sim”, ele responde, chegando mais perto.

“Quê? Eu não quero nada com você. Tenho namorado”, me apresso demais em dizer, revelando o absurdo daquela afirmação. Ele abre um sorriso.

“Um namorado que entedia você. Pode admitir, Tess. Não para mim, para si mesma. Você está entediada.” Ele baixa o tom de voz, e seus gestos se tornam mais sensuais. “Ele já fez você se sentir como eu faço?”

“Q-quê? Claro que sim”, minto.

“Não… não fez, não. Dá para ver que você nunca foi tocada… de verdade.”

Suas palavras fazem uma conhecida sensação de queimação se espalhar pelo meu corpo. “Isso não é da sua conta”, respondo e me afasto, obrigando-o a dar três passos na minha direção.

“Você não tem ideia do que sou capaz de fazer você sentir”, ele diz, e eu prendo

a respiração. Como alguém pode passar de uma discussão aos berros para isso? E por que não o interrompo? Estou sem palavras. O tom de voz e a conversa maliciosa de Hardin me deixam sem defesas, vulnerável e confusa.

Como um coelho ludibriado por uma raposa.

“Tudo bem, você não precisa admitir. Eu já sei”, ele continua, com a voz carregada de arrogância.

Só consigo balançar a cabeça. O sorriso dele se torna mais largo, e instintivamente me encolho junto à parede. Hardin dá um passo à frente, e eu respiro fundo, cheia de expectativa. De novo, não.

“Seu coração acelerou, não foi? Sua boca está seca. Você está pensando em mim e sentiu uma inquietação… lá embaixo. É ou não é, Theresa?”

Tudo o que ele está dizendo é verdade e, quanto mais fala, mais aumenta meu desejo. É estranho querer e odiar uma pessoa ao mesmo tempo. A atração que sinto é puramente física, além de surpreendente, considerando o quanto ele e Noah são diferentes. Nunca me senti atraída por ninguém além de Noah.

Eu sei que, se não disser nada agora, Hardin vai sair por cima. Não quero que ele tenha esse poder sobre mim e fique com a última palavra.

“Você está errado”, murmuro.

Ele sorri. E até essa reação tem um efeito profundo sobre mim.

“Nunca estou errado”, ele responde. “Não sobre isso.”

Dou um passo para o lado antes que ele me prense contra a parede. “Por que dizer que eu me jogo em cima de você se é você que está vindo atrás de mim agora mesmo?”, pergunto, sentindo a raiva superar o desejo que sinto por aquele menino tatuado e enlouquecedor.

“Por que o primeiro passo foi você quem deu. Não me entenda mal, fiquei tão surpreso quanto você.”

“Eu estava bêbada e tive uma noite difícil… como você já sabe. Fiquei confusa, porque estava sendo legal comigo. Bom, sua versão de alguém legal, pelo

menos.” Passo por ele e me sento no meio-fio para evitar a proximidade. Conversar com Hardin é cansativo demais.

“Eu nem trato você assim tão mal”, ele diz, de pé ao meu lado. Parece mais uma pergunta do que uma afirmação.

“Trata, sim. E faz absoluta questão disso. E não é só comigo, é com todo mundo. Mas parece pegar ainda mais pesado comigo.” Não acredito que estou sendo tão sincera com ele. É questão de minutos até que isso se volte contra mim.

“Não é verdade. Trato você da mesma maneira como trato qualquer outra pessoa.”

Eu me levanto em um pulo. Sabia que era impossível ter uma conversa decente com ele. “Não sei por que ainda perco meu tempo!”, eu grito e saio andando pelo gramado.

“Ei, desculpe. Volta aqui.”

Solto um grunhido, mas meus pés reagem mais rápido que meu cérebro, e acabo parada a poucos metros dele.

Ele se senta no meio-fio, como eu estava pouco antes. “Senta aqui”, ele

manda.

E eu obedeço.

“Você está muito longe”, ele reclama, e eu reviro os olhos. “Não confia em mim?”

“Não, claro que não. Por que confiaria?”

Sua expressão parece um tanto decepcionada quando ele ouve minhas palavras, mas isso dura pouco. Que diferença faz se confio nele ou não?

“Que tal a gente combinar de manter distância um do outro ou ficar só na amizade? Não tenho estômago para essas briguinhas”, digo com um suspiro, e ele chega mais perto.

Hardin respira fundo antes de responder. “Não quero manter distância de você.”

Como é? Meu coração parece querer sair pela boca.

“Quer dizer… acho que não tem como a gente manter distância, já que uma das minhas melhores amigas é sua colega de quarto e tudo mais. Então é melhor tentarmos ser amigos.”

Uma pontada de decepção surge dentro de mim, mas era o que eu queria, não? Não posso continuar beijando Hardin e traindo Noah.

“Certo, então somos amigos agora?”, pergunto, deixando de lado o desapontamento.

“Somos”, ele confirma, estendendo a mão para mim.

“E nada de amizade colorida”, aviso enquanto aperto sua mão, ficando imediatamente vermelha.

Ele dá uma risadinha e mexe no piercing da sobrancelha com os dedos.

“Por que está dizendo isso?”

“Como se você não soubesse… Steph me contou.”

“Sobre ela e mim?”

“Sobre você, ela e mais um monte de meninas.” Tento soltar uma risadinha, mas acaba saindo uma tossida, então tusso mais um pouco para disfarçar.

Ele ergue uma sobrancelha para mim, mas ignoro. “Bom, eu e Steph… foi divertido.” Ele abre um sorriso como se estivesse se lembrando de algo, e sinto a bile subir pela minha garganta. “E, sim, eu trepo com mais um monte de meninas. Mas por que isso teria alguma coisa a ver com você, amiga?”

Ele fala em tom de brincadeira, mas mesmo assim fico chocada. Ouvi-lo admitir que vai para a cama com outras garotas não deveria me incomodar, mas não é isso que acontece. Ele não é meu namorado. Noah é. Noah é meu namorado, preciso lembrar a mim mesma.

“Não tem mesmo. Só não quero que pense que vou ser mais uma dessas meninas.”

“Ah… você está com ciúme, Theresa?”, Hardin ironiza, e dou um empurrão

nele. De jeito nenhum vou admitir isso.

“Não, claro que não. Só lamento muito por elas.”

Ele ergue as sobrancelhas em uma expressão brincalhona. “Ah, mas não tem por quê. Elas gostam, pode acreditar.”

“Tudo bem, tudo bem. Já entendi. Podemos mudar de assunto, por favor?”

Solto um suspiro, levanto a cabeça e olho para o céu. Preciso tirar da minha mente a imagem de Hardin e seu harém. “Então você vai tentar me tratar melhor?”

“Claro. Você vai tentar parar de ser tão certinha e reclamona o tempo todo?”

Olhando para as nuvens, respondo distraída: “Não sou reclamona; você é que é irritante”.

Olho para ele e começo a rir. Felizmente, Hardin faz o mesmo. É uma bela mudança, considerando que pouco antes estávamos gritando um com o outro. Sei que ainda não resolvi a principal questão, que é o fato de sentir ou não alguma coisa por ele, mas se conseguir fazê-lo parar de me beijar, pelo menos vou poder me concentrar em Noah e impedir que tudo fique ainda pior.

“Olha só para nós, dois amigos.” O sotaque dele é muito lindo quando não está sendo grosseiro.

Na verdade, quando está sendo também, mas quando fala mais manso o sotaque torna sua voz mais suave, quase aveludada. A maneira como passa a língua pelos lábios rosados… Não posso nem começar a pensar na boca dele.

Desvio o olhar e fico de pé, dando uma ajeitada na saia.

“Essa saia é horrorosa, Tess. Se vamos ser amigos, você precisa prometer que não vai mais usar isso.”

Por um instante, sinto-me ofendida, mas quando me viro vejo que ele está sorrindo. Deve ser sua maneira de brincar com as pessoas. Apesar de estar sendo grosseiro, não vejo aquela maldade habitual.

O alarme do meu telefone toca. “Preciso voltar para o quarto para estudar”, digo.

“Você coloca um alarme para estudar também?”

“Coloco alarmes para um monte de coisas. Sou assim mesmo.” Espero que Hardin mude logo de assunto.

“Bom, então coloque um alarme para fazermos alguma coisa divertida amanhã depois da aula”, ele responde.

Quem é esse cara e onde está o verdadeiro Hardin?

“Acho que minha ideia de diversão é diferente da sua.” Não consigo nem imaginar o que ele considera divertido.

“Bom, podemos sacrificar só alguns gatos e incendiar só alguns prédios…”

Não consigo segurar o riso, e ele sorri de volta.

“Mas, falando sério, você está precisando se divertir, e como agora somos

amigos podemos fazer alguma coisa juntos.”

Preciso de alguns momentos para pensar se é uma boa ideia ficar sozinha com Hardin. Mas, antes que eu diga qualquer coisa, ele se vira e começa a se afastar. “Legal, que bom que topou. A gente se vê amanhã.”

E simplesmente vai embora.

Não digo nada, só fico ali sentada no meio-fio. Minha cabeça está a mil por causa de tudo o que aconteceu nos últimos vinte minutos. Primeiro, ele praticamente me ofereceu sexo, dizendo que me faria sentir coisas que eu não era nem capaz de imaginar. Depois de alguns minutos, concordou em ser legal comigo. No fim, estávamos os dois rindo e brincando. Ainda tenho muitos questionamentos a seu respeito, mas acho que posso ter com Hardin o mesmo tipo de amizade que Steph tem. Certo, talvez Steph não seja o exemplo ideal,

talvez Nate, ou algum dos outros caras que andam com ele.

Isso é realmente o melhor a fazer. Nada de beijos nem passar dos limites.

Só amizade.

Mas, enquanto volto para meu quarto, passando por diversos outros alunos que não têm a menor ideia de quem é Hardin, não consigo espantar o medo de que tenha caído em mais uma de suas armadilhas.



24

Tento estudar quando volto para o quarto, mas não consigo me concentrar. Depois de ficar olhando para minhas anotações por umas duas horas sem ler nada, concluo que tomar um banho talvez possa ajudar.

Quando estão lotados, os banheiros mistos do alojamento ainda me deixam bem desconfortável, mas, como ninguém nunca mexeu comigo, estou me acostumando com a ideia.

A água quente faz maravilhas e relaxa minha musculatura tensa. Eu deveria ficar aliviada e feliz porque Hardin e eu chegamos a uma espécie de trégua, mas a raiva e a irritação só foram substituídas pela apreensão e pela dúvida. Topei fazer alguma coisa "divertida" com ele amanhã, porém estou apavorada. Espero que acabe tudo bem. Não preciso virar a melhor amiga dele, mas também não quero que toda conversa entre nós termine em discussão e gritaria.

O banho está tão bom que fico mais tempo no chuveiro, e quando volto para o quarto Steph já chegou e foi embora. Encontro um bilhete dela informando que vai jantar com Tristan. Gosto de Tristan — ele parece ser legal, apesar de abusar do lápis no olho. Se os dois continuarem saindo, quando Noah vier me visitar talvez a gente possa sair com eles. Quem estou querendo enganar? Noah não ia querer andar com gente como eles, e admito que nem eu apenas três semanas atrás.

Ligo para Noah antes de dormir. Não nos falamos hoje. Ele é tão gentil que pergunta como foi meu dia assim que atende. Digo que foi bom. Deveria avisar

que Hardin e eu vamos fazer alguma coisa amanhã, mas não falo nada. Ele me conta que seu time de futebol venceu o Seattle High de lavada, um time muito bom. Fico contente por ele, que parece estar felicíssimo por ter jogado bem.

O dia seguinte passa voando. Quando Landon e eu chegamos à aula de literatura, Hardin já está lá. “Está pronta para nosso encontro de hoje à noite?”, ele pergunta, deixando-me sem reação. Assim como Landon. Não sei o que me incomoda mais: o que Hardin disse ou o efeito que pode ter sobre a maneira como Landon me vê. O primeiro dia da nossa tentativa de amizade não está indo muito bem.

“Não é um encontro”, digo para ele, e em seguida me viro para Landon,

reviro os olhos e falo como se não fosse nada de mais: “Vamos sair como amigos”.

“Dá no mesmo”, retruca Hardin.

Eu o ignoro pelo restante da aula… o que não é difícil, já que ele não tenta mais puxar assunto.

Depois da aula, enquanto guarda as coisas na mochila, Landon dá uma olhadinha para Hardin e depois cochicha para mim: “Muito cuidado hoje à noite”.

“Ah, a gente está só tentando se entender, já que ele e minha colega de quarto são amigos”, respondo, torcendo para que Hardin não ouça.

“Eu sei, e você é ótima. Só não sei se Hardin merece sua amizade”, Landon acrescenta em alto e bom som, forçando-me a olhar para ele.

“Você não tem nada melhor pra fazer a não ser falar mal dos outros? Se manda, cara”, Hardin esbraveja atrás de mim.

Landon franze a testa e olha para mim de novo. “Não esquece o que eu falei.” Em seguida ele se afasta, e fico preocupada que o tenha magoado.

“Ei, não precisa ser assim tão cruel com ele… vocês são praticamente irmãos”, digo.

Hardin arregala os olhos. “O que foi que você disse?”, ele pergunta com um

grunhido.

“Você sabe, por causa do seu pai e da mãe dele…” Landon tinha mentido?

Ou eu não deveria ter falado sobre isso? Landon me pediu para não comentar nada com Hardin sobre o pai dele, mas não sabia que não era nem para tocar no assunto.

“Isso não é da sua conta.” Hardin olha feio para a porta por onde Landon saiu. “Não sei por que aquele imbecil foi contar isso a você, mas pelo jeito vou ter que calar a boca dele.”

“Não faça isso, Hardin. Praticamente tive que arrancar essa informação dele.” A ideia de que Hardin possa machucar Landon me deixa apavorada.

Preciso mudar de assunto e depressa. “E então, aonde vamos hoje à noite?”, pergunto, e ele me encara.

“A lugar nenhum. Não foi uma boa ideia”, ele esbraveja, vira as costas e sai andando. Fico parada ali por um minuto, esperando que Hardin mude de ideia e reapareça.

O que foi isso? Ele só pode ser bipolar, tenho certeza.

Quando volto ao alojamento, encontro Zed, Tristan e Steph sentados na cama dela. Tristan não tira os olhos de Steph, e Zed está brincando com seu isqueiro. Geralmente fico irritada com convidados inesperados, mas gosto de Zed e Tristan, e estou precisando mesmo me distrair.

“Oi, Tessa! Como foram as aulas?”, Steph pergunta com um sorrisão. É

impossível não notar que o rosto de Tristan se ilumina quando olha para ela.

“Foram boas. E as suas?” Ponho meus livros sobre a cômoda enquanto ela me conta que um dos professores derramou café na roupa e por isso eles foram dispensados mais cedo.

“Você está bonita hoje, Tessa”, Zed me diz, e eu agradeço e vou me sentar junto com os três na cama de Steph. Na verdade nem cabe todo mundo ali, mas no fim acaba dando certo. Depois de conversarmos sobre professores esquisitos de

vários tipos por alguns minutos, a porta se abre, e todo mundo se vira para ver quem é.

É Hardin. Argh.

“Puxa, cara, você poderia pelo menos bater na porta primeiro”, Steph reclama, e ele dá de ombros. “Eu poderia estar pelada ou coisa do tipo.” Ela dá risada, obviamente nem um pouco incomodada com a falta de educação dele.

“Não seria nenhuma novidade pra mim”, ele brinca, e Tristan fecha a cara enquanto os outros três dão risada. Não vejo graça nenhuma. Não gosto nem um pouco de pensar em Steph e Hardin juntos.

“Ah, cala a boca”, ela responde, ainda aos risos, e segura a mão de Tristan.

O sorriso em seu rosto se abre novamente, e ele chega um pouco mais perto dela.

“O que vocês estão tramando?”, Hardin pergunta e se senta na minha cama. Sinto vontade de mandá-lo se levantar, mas fico em silêncio. Chego a pensar por um segundo que ele veio até aqui para se desculpar, mas percebo que está só querendo passar um tempo com seus amigos, e não estou incluída entre eles.

Zed abre um sorriso. “Vamos ao cinema mais tarde. Tessa, você devia vir também.”

Antes que eu possa responder, Hardin intervém: “Na verdade, Tessa e eu já temos planos”. Noto uma entonação estranha em sua voz.

Minha nossa, como ele muda de ideia.

“Quê?”, Zed e Steph perguntam em uníssono.

“Pois é, só passei aqui pra isso.” Hardin se levanta e põe as mãos no bolso, apontando para a porta com o corpo. “Está pronta?”

Minha mente grita que não, mas faço que sim com a cabeça e me levanto da cama de Steph.

“Bom, vejo vocês mais tarde!”, Hardin anuncia e praticamente me empurra porta afora. Ele me leva até seu carro e, surpreendentemente, abre a porta do

passageiro para mim. Fico parada com os braços cruzados, só olhando para ele.

“Certo, vou me lembrar de nunca mais abrir a porta pra você…”

Balanço a cabeça negativamente. “O que foi isso? Sei muito bem que você não veio aqui pra me buscar, porque acabou de dizer que não queria mais sair comigo!”, digo aos berros.

E lá estamos nós de novo, gritando um com o outro. Ele me deixa literalmente maluca.

“Pois é, disse mesmo, agora entre no carro.”

“Não! Se você não admitir que não veio até aqui pra me ver, vou voltar lá para dentro e depois ir ao cinema com Zed”, digo, e percebo seus dentes cerrados.

Eu sabia. Não estou certa sobre como devo me sentir a respeito, mas por algum motivo percebi que Hardin não quer que eu vá ao cinema com Zed, e só por isso está tentando me levar para sair.

“Trate de admitir, Hardin, se não quiser que eu volte lá para dentro.”

“Certo, tudo bem. Eu admito. Agora entre na porcaria do carro. Não vou pedir de novo”, ele fala, encaminhando-se para o lado do motorista.

Apesar de saber que não é uma boa ideia, eu entro.

Hardin ainda parece estar irritado quando saímos do estacionamento. Ele liga uma música barulhenta no último volume. Estendo a mão e desligo.

“Não encosta no meu rádio”, ele esbraveja.

“Se você vai ser um babaca o tempo todo, não quero ser sua amiga”, digo com toda a sinceridade. Se ele vai se comportar assim, prefiro voltar de carona para o alojamento ou coisa do tipo, não importa onde estejamos.

“Não estou sendo babaca. Só não encosta no meu rádio.”

Eu me lembro de Hardin arremessando meus papéis para cima e penso que em troca poderia arrancar seu rádio e jogar pela janela. Se soubesse como tirá-lo do

painel, seria isso que eu faria.

“Que diferença faz pra você se eu for ao cinema com Zed? Steph e Tristan vão estar junto.”

“Acho que Zed não tem boas intenções a seu respeito”, ele responde baixinho, com os olhos voltados para a frente.

Dou risada, e ele franze a testa. “Ah, e você tem? Pelo menos o Zed é legal comigo.” Não consigo parar de rir. A ideia de Hardin tentando me proteger de alguma coisa é hilariante. Zed é apenas um amigo, nada mais. Assim como o próprio Hardin.

Ele revira os olhos, mas não diz nada. Liga a música outra vez, e o som das guitarras e do baixo literalmente machuca meus ouvidos.

“Você pode abaixar o som, por favor?”, peço.

Para minha surpresa, ele abaixa o volume, mas não desliga a música.

“Essa música é horrível.”

Ele dá risada e começa a batucar no volante. “Não é, não. Mas adoraria saber o que você considera música boa.” Quando ele sorri daquele jeito, parece uma pessoa divertida e despreocupada, principalmente com a janela aberta e a brisa agitando seus cabelos. Hardin levanta uma das mãos e joga os cabelos para trás. Adoro quando faz isso. Sou obrigada a tirar esse tipo de pensamento da minha cabeça.

“Bom, eu gosto de Bon Iver e The Fray”, respondo por fim.

“Ah, sim, claro”, ele comenta, dando uma risadinha.

Preciso defender minhas bandas favoritas. “E qual é o problema? São supertalentosos, e a música deles é maravilhosa.”

“Ah, sim… eles têm talento. Para fazer as pessoas dormirem.”

Quando dou um tapa em seu ombro, ele finge uma careta de dor e dá risada.

“Bom, eu adoro”, digo com um sorriso. Queria que aquele clima se mantivesse. Assim poderia ser até divertido ser amiga dele. Olho pela janela pela primeira vez, mas não reconheço o lugar. “Para onde estamos indo?”

“Para um dos meus lugares favoritos.”

“Onde é?”

“Você sempre precisa saber de tudo com antecedência, né?”

“É… eu gosto de…”

“Controlar?”

Fico em silêncio, pois sei que ele tem razão. É assim mesmo que eu sou.

“Só vou contar quando chegarmos lá… o que, aliás, não deve demorar mais que uns cinco minutos.”

Eu me recosto no assento de couro do carro e arrisco uma olhada para o banco traseiro. Uma pilha toda bagunçada de livros teóricos e papéis avulsos ocupa um dos lados, e uma blusa de moletom grossa está jogada do outro.

“Está vendo alguma coisa interessante aí atrás?”, Hardin questiona, deixando-me sem graça.

“Que carro é este?”, pergunto. Preciso de uma distração urgente, já que não sei para onde estou indo e não quero ficar levando bronca por ser abelhuda.

“Ford Capri… um clássico”, Hardin anuncia, claramente orgulhoso, e conta mais um monte de coisas sobre o carro, apesar de eu não fazer a menor ideia do que está falando. Mesmo assim, gosto de ver sua boca se mexendo enquanto fala, a maneira como seus lábios se movem sem pressa, pronunciando cada palavra lentamente. Depois de me olhar uma ou outra vez durante a conversa, ele diz de forma bastante seca: “Não gosto que fiquem me encarando desse jeito”. Mas dá um sorriso.



Entramos em uma estrada de cascalho, e Hardin desliga o rádio. O único som que ouvimos é o das pedrinhas sendo amassadas pelos pneus. De repente me dou conta de que estamos no meio do nada. Começo a ficar nervosa. Estamos a sós, realmente sozinhos. Não há carros, nem construções, nem nada por perto.

“Não se preocupe, nós não viemos até aqui para eu matar você”, ele brinca, e engulo em seco. Duvido que saiba que tenho mais medo do que sou capaz de fazer quando nós dois estamos sozinhos do que de ser assassinada.

Depois de rodar mais ou menos um quilômetro e meio, ele para o carro.

Olho pela janela e não vejo nada além de mato e árvores. Há algumas florzinhas amarelas espalhadas pela paisagem, e a brisa está bem quente.

Com certeza é um lugar agradável e sereno. Mas por que me levar até ali?

“O que viemos fazer aqui?”, pergunto quando descemos do carro.

“Bom, pra começar, uma caminhada.”

Solto um suspiro. Então ele me trouxe até aqui para a gente caminhar?

Ao perceber minha expressão contrariada, ele acrescenta: “Mas não muito longa”. Começamos a andar por uma parte da grama mais desgastada, que já devia ter sido pisada várias vezes.

Ficamos em silêncio na maior parte do tempo, a não ser por alguns resmungos de Hardin reclamando que estou indo muito devagar. Eu o ignoro e observo o cenário ao redor. Começo a entender por que gosta tanto deste lugar aparentemente sem atrativos. É bem tranquilo. E pacífico. Eu poderia ficar por aqui um tempão se tivesse trazido um livro. Ele sai da trilha e segue pelo meio das árvores. Minha desconfiança natural começa a bater, mas vou atrás dele mesmo assim. Alguns minutos depois, chegamos à beira de um córrego, na verdade mais para um rio. Não faço ideia de qual seja, mas parece bem fundo.

Sem dizer nada, Hardin tira a camiseta preta. Meus olhos percorrem seu tronco tatuado. A árvore morta e desfolhada desenhada em sua pele fica ainda mais bonita sob o sol. Ele se agacha para desamarrar as botas pretas, olha para mim e me surpreende admirando seu corpo seminu.

“Espera aí, você está tirando a roupa por quê?”, pergunto e olho para o rio.

Ai, não. “Você vai querer nadar? Aí?”, questiono, apontando para a água.

“Sim, e você também. Faço isso o tempo todo.” Ele desabotoa a calça e

tenho que me esforçar para não ficar olhando para os músculos de suas costas nuas quando se abaixa para tirá-la.

“Eu não vou nadar aí.” Até gosto de nadar, mas não em um lugar desconhecido no meio do nada.

“E por que não?” Ele aponta para o rio. “A água é limpinha, dá até para ver o fundo.”

“E daí? Deve ter peixes e sabe Deus o que mais aí dentro.” Percebo que estou sendo ridícula, mas não ligo. “Além disso, você não me avisou, então não trouxe biquíni.” Contra isso ele não deve ter argumentos.

“Está me dizendo que você é do tipo que não usa calcinha e sutiã?”, ele provoca, deixando-me sem reação. E aquelas covinhas… “É só entrar assim.”

Espera, ele me trouxe aqui para me fazer tirar a roupa e entrar nesse rio? Sinto minhas entranhas se revirarem, e minha pele inteira esquenta só de pensar em nadar nua com Hardin. O que ele está fazendo comigo? Nunca tive esse tipo de pensamento antes.

“Não vou nadar só de calcinha e sutiã, seu tarado.” Eu me sento na grama macia. “Vou ficar só olhando”, aviso.

Ele fecha a cara. Está vestindo apenas uma cueca preta bem justa. É a segunda vez que o vejo sem camisa, mas a céu aberto é muito melhor.

“Você não é nada divertida. Azar o seu”, ele diz sem se alterar e pula na água.

Mantenho o olhar voltado para a grama, arranco umas folhinhas e começo a brincar com elas entre os dedos. “A água está quentinha, Tess!”, ouço Hardin gritar lá do rio. Do lugar onde estou, consigo ver as gotas d’água escorrendo de seus cabelos escurecidos. Ele está sorrindo quando os puxa para trás e os afasta do rosto com uma das mãos.

Por um momento, me pego desejando ser diferente, mais corajosa. Como Steph. Se fosse como ela, tiraria a roupa e pularia na água com Hardin.

Então nadaria de volta para a margem e pularia de novo só para espirrar água nele. Poderia me divertir sem preocupações.

Mas não sou Steph. Sou Tessa.

“Até agora essa amizade está bem entediante…”, Hardin reclama e vem nadando para mais perto da margem. Reviro os olhos, e ele dá risada. “Pelo menos tire os sapatos e molhe os pés. Está bem gostoso, mas daqui a pouco vai começar a esfriar.”

Molhar os pés não é má ideia. Tiro os sapatos, levanto um pouco a barra das calças e mergulho os pés na água. Hardin estava certo, a água está quentinha e limpa. Mexo os dedos e abro um sorriso.

“Está boa, né?”, ele pergunta, e eu balanço a cabeça. “Então entra.”

Faço que não com a cabeça, e ele joga água em mim. Eu me inclino para trás e olho feio.

“Se você entrar, topo responder uma das suas perguntas indiscretas de

sempre. Pode ser sobre qualquer coisa, mas só uma”, ele avisa.

A curiosidade fala mais alto, e eu inclino a cabeça, pensativa. Ele é uma pessoa cheia de mistérios, e essa é uma boa chance de resolver um deles.

“Minha oferta expira em um minuto”, ele diz, desaparecendo sob a água.

Consigo ver seu corpo longilíneo nadando no rio cristalino. Parece mesmo divertido, e Hardin fez uma proposta bem interessante. Ele sabe muito bem como usar minha curiosidade contra mim.

“Tessa”, ele diz depois de pôr a cabeça para fora da água, “para de pensar tanto e pula logo.”

“Não tenho roupa para isso. Se entrar na água vestida, vou ter que entrar ensopada no seu carro”, reclamo. Quase sinto vontade de dar um mergulho.

Na verdade, é isso o que eu mais quero.

“Usa minha camiseta”, ele oferece, o que me deixa chocada. Fico esperando que diga que é brincadeira, mas isso não acontece. “Sério, pode vestir minha camiseta. Ela é bem comprida, e você pode ficar de calcinha e sutiã também, se quiser”, ele diz com um sorriso. Resolvo aceitar seu conselho e parar de pensar tanto.

“Tudo bem, mas vire de costas, e nada de ficar me olhando enquanto eu me troco… Estou falando sério!” Tento parecer o mais ameaçadora que consigo, mas ele dá risada. Em seguida se vira para a outra margem como pedi, e tiro minha blusa e pego a dele com a maior pressa possível. Quando a visto, vejo que ele estava certo — a camiseta chega até a metade das minhas coxas. Não consigo deixar de apreciar o cheiro da roupa dele, com um leve toque de perfume e um odor que só consigo classificar como sendo o do próprio Hardin.

“Anda logo ou vou virar”, ele ameaça, e sinto vontade de atirar um graveto em sua cabeça. Abro o botão da calça e a tiro. Dobro o jeans e minha blusa com cuidado e ponho ao lado dos meus sapatos na grama. Hardin se vira para mim, e eu puxo a barra de sua camiseta preta para baixo o máximo possível.

Ele arregala os olhos e examina meu corpo de cima a baixo, segura o piercing dos lábios entre os dentes e fica todo vermelho. Deve ser por causa do frio, porque sei que não seria capaz de gerar uma reação como essa.

“Hã… que tal você entrar na água?”, ele sugere, com um tom de voz mais rouco que o normal. Faço que sim com a cabeça e vou me aproximando a passos lentos da margem. “Pule logo!”

“Tá bom! Tá bom!”, grito, toda nervosa, e ele dá risada.

“Pega um pouco de impulso antes.”

“Certo.” Dou alguns passos para trás e ensaio uma corridinha. Sinto-me meio idiota, mas não vou deixar minha mania de pensar demais atrapalhar o momento. Quando dou o último passo, olho para a água e meus pés ficam paralisados na margem do rio.

“Ah, qual é? Você estava indo tão bem!” Ele joga a cabeça para trás quando cai na risada, em um gesto muito meigo.

Hardin, meigo?

“Não consigo!” Não sei ao certo o que está me impedindo. O rio é fundo o suficiente para pular com segurança, mas não para me afogar. No local onde Hardin está, a água chega até seu peito, então deve ir até pouco abaixo do meu queixo.

“Está com medo?” Seu tom de voz é tranquilo, mas bem sério.

“Não… Sei lá. Um pouco”, admito, e ele vem andando na minha direção.

“Senta aí na beirada que ajudo você a entrar.”

Eu me sento e fecho bem as pernas para ele não ver minha calcinha. Ele percebe e sorri para mim ao estender as mãos. Ele me agarra pelas pernas, e mais uma vez sinto meu corpo se incendiar. Por que sempre preciso reagir dessa maneira ao toque dele? Estou tentando fazer uma nova amizade, então preciso ignorar aquele fogo todo. Ele me pega pela cintura e pergunta: “Está pronta?”.

Faço que sim com a cabeça, e ele me suspende e me põe na água, que está morninha e produz uma sensação agradável contra minha pele quente.

Hardin logo me solta, e fico em pé dentro do rio. Estamos perto da margem, então a água nem chega à altura do meu peito.

“Não fica aí parada”, ele diz em tom de brincadeira. Eu ignoro, mas me mexo um pouquinho. A camiseta fica inflada por causa da água que entra por baixo, e eu dou um suspiro de susto e a puxo de volta. Depois que fico parada, ela parece que não vai mais sair do lugar.

“Você podia tirar isso de uma vez”, ele diz com um sorrisinho, e eu jogo água nele. “Está espirrando água em mim?” Hardin dá risada, e eu faço que sim com a cabeça, espirrando mais um pouco. Ele estende seu braço comprido, enlaça-me pela cintura e me puxa para baixo. Levo imediatamente a mão ao nariz. Não consigo ficar debaixo d’água sem o nariz tapado.

Quando voltamos à superfície, Hardin cai na gargalhada, e eu acabo rindo junto. Estou me divertindo no fim das contas, e pra valer, não como se estivesse vendo um filme bom, mas repetido.

“Não sei o que é mais engraçado: o fato de você estar se divertindo ou de precisar tapar o nariz para afundar a cabeça”, ele comenta, aos risos.

Crio coragem, movo-me na direção dele, ignorando a camiseta que não para de subir, e tento enfiar sua cabeça na água. Obviamente, ele é mais forte do que eu e não afunda, então começa a rir ainda mais, mostrando todos os seus lindos dentes brancos. Por que não pode ser assim o tempo todo?

“Acho que você ainda me deve uma resposta”, eu lembro.

Ele dá uma olhada para a margem. “Certo, mas só uma.”

Não sei que pergunta fazer, pois tenho muitas. Antes de pensar melhor a respeito, porém, ouço minha voz dizer: “Quem você ama mais que qualquer

coisa no mundo?”.

Por que fui perguntar isso? Preciso descobrir coisas mais específicas, como o motivo de ele ser um babaca. Ou a razão por que mora nos Estados Unidos.

Ele me olha com certa desconfiança, confuso com minha pergunta.

“Eu mesmo”, responde, e afunda a cabeça por alguns segundos.

Quando volta à tona, balanço a cabeça negativamente. “Isso não pode ser verdade”, contesto. Sei que Hardin é bem arrogante, mas deve amar alguém…

“E seus pais?”, pergunto, e de imediato me arrependo.

Ele fecha a cara, e seus olhos perdem a ternura que eu estava aprendendo a admirar. “Nunca mais fale dos meus pais, entendeu?”, ele esbraveja, e fico irritadíssima comigo mesma por ter estragado a diversão.

“Desculpa, só fiquei curiosa. Você disse que podia perguntar qualquer coisa”, digo baixinho. A expressão de Hardin se ameniza um pouco e ele se aproxima de mim, agitando a água ao nosso redor. “Desculpa, Hardin, não vou mais falar sobre isso”, prometo. Não estou a fim de comprar briga com ele. Hardin provavelmente vai me deixar sozinha aqui se eu irritá-lo demais.

Sou pega de surpresa quando ele me agarra pela cintura e me levanta no ar. Fico

esperneando e me debatendo, gritando para que me solte, mas ele dá risada e me atira na água. Caio alguns metros à frente, e quando volto à superfície vejo um brilho de divertimento em seus olhos.

“Você vai pagar por isso!”, grito. Ele responde fingindo um bocejo, então nado em sua direção. Hardin me segura de novo, mas dessa vez envolvo sua cintura com as coxas sem me dar conta do que estou fazendo. Um suspiro de susto escapa de seus lábios.

“Desculpa”, murmuro, e tiro as pernas dele.

Mas Hardin as agarra e as põe de volta em torno da cintura. A eletricidade que existe entre nós aparece de novo, e mais forte do que nunca. Por que isso sempre acontece quando estou com ele? Silencio meus pensamentos e enlaço seu pescoço com os braços para me equilibrar.

“O que está fazendo comigo, Tess?”, ele pergunta baixinho, passando o polegar pelo meu lábio inferior.

“Não sei…”, respondo com toda a sinceridade, ainda sentindo seu toque na minha boca.

“Essa boca… as coisas que você poderia fazer com ela”, ele fala devagar, de modo sedutor. Sinto um ardor no estômago e fico toda mole nos braços dele. “Você quer que eu pare?” Ele me olha bem nos olhos. Suas pupilas estão tão dilatadas que vejo só um pequeno círculo verde em torno delas.

Sem pensar duas vezes, faço que não com a cabeça e o puxo para junto de mim sob a água.

“Não podemos ser só amigos, você sabe, né?” A boca dele toca meu queixo, e eu estremeço toda. Hardin continua beijando meu pescoço enquanto balanço a cabeça afirmativamente. Ele está certo, não dá para

negar. Não faço a menor ideia do que podemos ser, mas com certeza nunca vou conseguir ser só amiga dele. Quando seus lábios chegam bem perto da minha orelha, solto um gemido, o que o leva a beijar o mesmo lugar de novo, dessa vez usando a língua.

“Ai, Hardin”, digo gemendo, e o aperto entre minhas pernas. Levo a mão às suas

costas e passo as unhas em sua pele. Estou prestes a explodir, e ele está só beijando meu pescoço.

“Quero fazer você gemer meu nome sem parar, Tessa. Você deixa, por favor?” A voz dele soa carregada de urgência.

E, no fundo do meu ser, sei que é impossível dizer não.

“Fala pra mim, Tessa.” Ele morde de leve minha orelha. Balanço a cabeça outra vez, com mais força do que da primeira. “Preciso que você me diga, linda, pra eu saber que me quer de verdade.” A mão dele começa a passear por baixo da camiseta preta.

“Eu quero…”, apresso-me em responder, e ele sorri junto ao meu pescoço, continuando a me atacar com sua boca. Hardin não diz nada, apenas segura minhas coxas, levanta-me um pouco mais e começa a sair da água. Quando chega à margem, ele me solta e sai do rio. Solto um resmungo de protesto, provavelmente inflando ainda mais seu ego, mas não estou nem aí. Só quero estar com ele, preciso dele. Hardin estende a mão e me puxa para fora da água.

Sem saber o que fazer, fico parada sobre a grama, sentindo a camiseta ensopada pesar sobre meus ombros, sentindo que ele está longe demais de mim.

Ele se abaixa um pouco para me olhar nos olhos. “Você quer que seja aqui? Ou no meu quarto?”

Dou de ombros, apreensiva. Não quero ir até o quarto dele, porque é longe demais — a viagem é longa o suficiente para que eu me arrependa e mude de ideia.

“Aqui”, respondo, olhando ao redor. Está deserto, e fico torcendo para que ninguém nunca venha aqui.

“Apressadinha, hein?” Hardin sorri, e eu tento revirar os olhos, mas provavelmente só consigo fazer uma cara de quem quer que ele ande logo. O

calor do meu corpo está pouco a pouco se esvaindo longe do toque de Hardin.

“Vem cá”, ele diz baixinho, e o calor retorna.

Meus pés pisam silenciosamente a grama até eu chegar a poucos centímetros de Hardin. Suas mãos se dirigem de imediato para a barra da camiseta, que ele arranca do meu corpo. Só a maneira como me olha já é suficiente para me enlouquecer. Meus hormônios estão fora de controle.

Minha pulsação se acelera quando ele mede meu corpo de cima a baixo antes de segurar minha mão.

Hardin estende a camiseta sobre a grama como se fosse uma espécie de cobertor. “Deita aí”, ele diz, puxando-me para o chão consigo. Ele me posiciona sobre o tecido molhado e se apoia sobre o cotovelo, deitado de lado, observando-me. Ninguém nunca me viu assim tão exposta antes, e Hardin já esteve com tantas meninas mais bonitas do que eu… Minhas mãos tentam cobrir meu corpo, mas ele se senta, agarra-me pelos pulsos e as afasta.

“Nunca tente se esconder assim, não de mim”, ele fala, olhando-me nos olhos.

“É que…”, começo a explicar, mas ele me interrompe.

“Não, você não vai se esconder, porque não tem motivo nenhum para ter vergonha, Tess.” Será que ele está falando sério? “Estou falando sério, olha só para você…”, ele continua, como se estivesse lendo meus pensamentos.

“Você já ficou com tantas meninas…”, rebato, e ele franze a testa.

“Mas nenhuma como você.” Sei que essa resposta pode significar muitas coisas diferentes, porém resolvo deixar passar.

“Você tem camisinha?”, pergunto, tentando me lembrar do pouco que sei sobre sexo.

“Camisinha?” Ele dá risada. “Não vamos transar”, ele diz, e eu entro em pânico. Isso é só mais um joguinho para me humilhar?

“Ah.” É só o que consigo dizer, e começo a me levantar. Mas em seguida ele me segura pelo ombro e me puxa de volta para o chão. Tenho certeza de que estou toda vermelha, e não quero me expor dessa maneira a seu olhar sarcástico.

“Aonde você vai…?”, ele começa a perguntar, mas então se dá conta do que está acontecendo. “Ei… Não, Tess, não foi isso que eu quis dizer. É que você nunca

fez nada antes… tipo, nada mesmo, então não posso transar com você…”

Ele fica me encarando por um momento. “Hoje”, ele acrescenta, e um pouco do aperto que comprime meu peito se desfaz. “Tem tantas outras coisas que quero fazer com você primeiro…”

Ele monta em cima de mim, apoiando todo o peso do corpo sobre as mãos, como se estivesse fazendo flexões de braço. Seus cabelos molhados derrubam gotas em meu rosto, e eu faço uma careta.

“Não acredito que ninguém nunca comeu você”, ele sussurra, e se deita ao meu lado outra vez. Sua mão pousa no meu pescoço e começa a descer, tocando-me apenas com a ponta dos dedos, passando pelo meu colo, pela minha barriga e parando logo acima do elástico da calcinha. Isso está acontecendo mesmo, eu e Hardin. O que ele vai fazer? Será que vai doer? Centenas de pensamentos passam pela minha cabeça, mas todos desaparecem quando sua mão entra na minha calcinha. Ele respira fundo por entre os dentes e cola sua boca à minha.

Seus dedos se movem um pouco, e eu levo um susto.

“Está gostoso?”, ele pergunta com a boca junto à minha.

Ele só está me alisando… e como isso pode ser tão bom? Faço que sim com a cabeça, e seus dedos começam a descer.

“É mais gostoso do que quando você mesma faz?”

Quê?

“É ou não é?”, ele pergunta.

“O-o quê?”, consigo dizer, apesar de no momento não ter mais nenhum controle sobre meu corpo ou sobre minha mente.

“Quando você se toca… É assim também?”

Não sei o que dizer, e fico só olhando para ele. De repente, ele se dá conta.

“Espera aí… você nunca fez isso também, né?” Sua voz sai carregada de surpresa e algo mais… tesão? Ele volta a me beijar, e seus dedos começam a

subir e descer sem parar. “Você reage tão bem ao meu toque, fica tão molhadinha”, ele diz, e eu solto um gemido. Por que essas vulgaridades parecem tão deliciosas quando saem da boca de Hardin? Sinto um apertão de leve, e uma onda de choque se espalha pelo meu corpo.

“O que… foi… isso?”, pergunto, em meio a um gemido. Ele dá uma risadinha e não me responde, mas logo em seguida faz aquilo de novo, e sinto minhas costas se arquearem sobre a grama. A boca dele vai passeando pelo meu pescoço, e depois pelo meu peito. Ele enfia a língua sob meu sutiã, e sua mão acaricia um dos meus seios. Sinto uma pressão se intensificar dentro da minha barriga, uma sensação divina. Fecho os olhos com força e mordo o lábio; minhas costas se projetam para a frente outra vez e minhas pernas começam a tremer.

“Isso mesmo, Tessa, goza pra mim”, ele diz, fazendo-me perder ainda mais o controle. “Olha pra mim, linda”, ele murmura.

Abro os olhos. A visão de sua boca contra a pele do meu peito me leva à loucura, e perco a visão por alguns instantes. “Hardin”, digo, e depois de novo, e consigo sentir pela maneira como seu rosto fica vermelho que está adorando. Com movimentos lentos, ele tira a mão da minha calcinha e põe na minha barriga. Tento controlar de novo minha respiração. Jamais senti meu corpo tão energizado antes, mas também pareço estar mais relaxada do que nunca.

“Vou dar um minutinho pra você se recuperar”, ele diz, rindo consigo mesmo e se afastando de mim.

Sinto minha testa franzir. Quero que ele fique perto de mim, mas pareço estranhamente incapaz de dizer qualquer coisa. Depois de experimentar os melhores minutos de toda a minha vida, me sento e olho para Hardin. Ele já está de calça e de tênis.

“A gente já vai?” Meu constrangimento fica claro na minha voz. Pensei que ele fosse querer que eu o tocasse também. Apesar de não saber como fazer isso, achei que ele poderia me ensinar.

“Já, você quer ficar mais?”

“Só pensei que… sei lá. Achei que você fosse querer alguma coisa…” Não faço ideia de como dizer isso. Por sorte, ele logo entende.

“Ah, não. Por enquanto não”, ele responde com um sorrisinho. Será que vai começar a ser grosseiro de novo? Espero que não, não depois do que aconteceu. Acabei de ter a mais íntima das experiências com ele. Não vou conseguir suportar se voltar a me tratar mal. Ele disse “por enquanto”. Será que vai querer alguma coisa mais tarde? Começo a me arrepender do que fiz.

Visto as roupas sobre a calcinha e o sutiã molhados e tento ignorar a umidade entre minhas coxas. Hardin pega a camiseta encharcada e entrega para mim.

Diante da minha expressão confusa, ele diz que é para eu me limpar, olhando para o meio das minhas pernas.

Ah. Desabotoo a calça, e ele não se preocupa nem em olhar para o outro lado enquanto limpo minha parte mais sensível. É impossível não notar a maneira como ele passa a língua pelo lábio inferior enquanto me observa.

Hardin tira o celular do bolso da calça e mexe na tela com o polegar.

Termino de fazer o que ele recomendou e devolvo a camiseta. Quando calço os sapatos, a atmosfera entre nós já mudou de passional para fria, e me pego desejando manter a maior distância possível dele.

Espero que fale alguma coisa enquanto voltamos ao carro, mas ele permanece em silêncio. Minha mente já começa a pensar no pior que pode acontecer em seguida. Ele abre a porta para mim, que agradeço com um aceno de cabeça.

“Algum problema?”, Hardin pergunta enquanto dirige pela estrada de cascalho.

“Não sei. Por que você está sendo tão esquisito?”, pergunto, apesar de temer sua resposta e não conseguir encará-lo.

“Quem está sendo esquisita é você.”

“Nada disso, foi você que não me disse uma palavra desde que… você sabe.”

“Desde que fiz você gozar pela primeira vez?”

Fico boquiaberta e toda vermelha. Por que ainda me surpreendo com a boca suja dele?

“Humm, é. Depois disso, você não falou mais nada. Já foi logo se vestindo, e a gente veio embora.” A sinceridade não parece ser a melhor opção para o momento, então acrescento: “Fica parecendo que estou sendo usada ou coisa do tipo”.

“Quê? Claro que não estou usando você. Quem usa as pessoas geralmente quer alguma coisa em troca”, ele responde de maneira tão brusca que sinto lágrimas se acumulando nos meus olhos. Faço de tudo para segurá-las, mas uma acaba escapando.

“Você está chorando? O que foi que eu falei?” Ele estende uma das mãos e põe sobre minha coxa. Para minha surpresa, isso me acalma. “Não foi isso que eu quis dizer… desculpe. Não estou acostumado ao que acontece depois de ficar com alguém, mas também não ia deixar você no alojamento para depois cada um seguir seu caminho. Que tal sair para jantar ou coisa do tipo? Tenho certeza de que você está morrendo de fome.” Ele aperta minha perna de leve.

Abro um sorriso, aliviada com aquelas palavras. Limpo a lágrima que escorreu prematuramente, e junto com ela se vai minha preocupação.

Não sei por que Hardin me deixa tão emotiva, em todos os sentidos possíveis. A ideia de que ele pode estar me usando me deixa mais magoada do que deveria. Meus sentimentos são confusos. Em um momento eu o odeio, e no instante seguinte quero beijá-lo. Ele me faz sentir coisas que eu nem sabia ser capaz de sentir, e não só em matéria de sexo. Hardin me faz rir e chorar, gritar e surtar, mas acima de tudo faz com que eu me sinta viva.



26

A mão de Hardin ainda está sobre minha coxa, e eu desejo que ele nunca mais a tire dali. Aproveito para dar uma rápida examinada nas tatuagens que cobrem seus braços. O símbolo do infinito logo acima do pulso chama minha atenção outra vez, e me pergunto se aquilo tem um significado especial para ele. Parece uma coisa bem pessoal, tatuado ali, logo abaixo da mão. Procuro pelo mesmo desenho em sua outra mão, mas não encontro. O

símbolo do infinito é uma tatuagem bastante comum, principalmente entre

mulheres, mas o fato de o desenho no braço dele parecer dois corações entrelaçados me deixa intrigada.

“Então, de que tipo de comida você gosta?”, ele pergunta.

Finalmente uma pergunta normal. Prendo meus cabelos bagunçados e quase secos em um coque, e penso um pouquinho sobre o que gostaria de comer. “Bom, na verdade gosto de tudo, desde que saiba o que estou comendo… e que não tenha ketchup.”

Ele dá risada. “Você não gosta de ketchup? Vocês americanos não são todos apaixonados por ketchup?”, ele provoca.

“Não faço ideia, mas acho nojento.”

Damos risada, e eu olho para Hardin, que diz: “Então podemos ir a uma lanchonete mesmo?”.

Faço que sim com a cabeça, e ele estende a mão para ligar o som, mas interrompe o gesto e volta a apoiar a mão sobre minha perna. “Quais são seus planos para depois da faculdade?”, Hardin quer saber. Na verdade, ele já me perguntou isso antes, quando estávamos em seu quarto.

“Vou mudar para Seattle para procurar emprego em uma editora ou então começar a escrever. Sei que é bobagem”, acrescento, sentindo-me envergonhada por isso. “Você já me perguntou isso antes, lembra?”

“Não é bobagem. Conheço um cara na Editora Vance. É meio longe, mas de repente vale a pena se candidatar para um estágio. Posso falar com ele.”

“Como é? Você faria isso por mim?” Minha voz sai em um gritinho agudo, porque fui pega de surpresa. Apesar de ele ter sido muito bonzinho na última hora, eu não esperava uma atitude como aquela.

“Claro, não é nada de mais.” Hardin fica um pouco sem graça, e tenho certeza de que é porque não está acostumado a ser gentil.

“Uau, obrigada. De verdade. Vou precisar de um emprego ou de um

estágio em breve, e trabalhar numa editora seria um sonho virando realidade

para mim”, declaro, batendo as mãos uma na outra.

Ele dá uma risadinha e balança a cabeça. “De nada.”

Paramos no pequeno estacionamento de uma velha construção de tijolos.

“A comida daqui é boa demais”, ele diz antes de descer do carro, ir até o porta-malas, abri-lo e tirar de lá outra camiseta preta lisa. Deve ter um estoque infinito delas. Estava gostando tanto de vê-lo sem camisa que quase esqueci que precisaria se vestir em algum momento.

Entramos e nos sentamos na lanchonete quase deserta. Uma senhora vem até a mesa para entregar os cardápios, mas ele diz que não precisa e pede um hambúrguer com fritas, indicando com um gesto que eu fizesse o mesmo.

Aceito a sugestão e peço a mesma coisa, sem ketchup, claro.

Enquanto esperamos a comida, conto a Hardin sobre minha infância em Richland, um lugar de que ele nunca ouviu falar, já que vem da Inglaterra.

Não perdeu grande coisa — é uma cidade pequena, onde a vida é sempre igual e ninguém nunca vai embora. Com exceção de mim: não vou voltar para lá. Hardin não diz muita coisa sobre seu passado, mas sou uma pessoa esperançosa e paciente. Ele parece bastante curioso a respeito da minha vida, e franze a testa quando conto sobre as bebedeiras do meu pai. Já tinha falado sobre isso para ele uma vez, no meio de uma briga, mas agora entro em mais detalhes.

Durante uma pausa na conversa, a garçonete chega com a comida, que parece estar deliciosa.

“Bom, né?”, Hardin pergunta quando dou a primeira mordida. Respondo com um aceno de cabeça e limpo a boca. A comida está deliciosa, e nós dois limpamos o prato. Estava faminta como nunca tinha ficado na vida.

O clima é relaxado na viagem de volta para o campus. Os dedos compridos dele desenham círculos na minha perna, e sinto uma pontada de decepção ao ver o símbolo da WCU quando entramos no estacionamento dos estudantes.

“Você se divertiu?”, pergunto. Sinto-me muito mais íntima dele do que há apenas algumas horas. Ele sabe muito bem ser legal quando quer.

“Ah, sim, foi divertido.” Hardin parece surpreso com isso. “Escuta só, eu até queria acompanhar você até o quarto, mas não quero ficar sendo interrogado pela Steph…” Ele sorri e se vira de lado no assento para olhar para mim.

“Tudo bem. A gente se vê amanhã”, respondo. Não sei se devo dar um beijo de despedida ou não, por isso fico aliviada quando ele põe a mão nos meus cabelos e prende uma mecha mais rebelde atrás da minha orelha.

Encosto o rosto em sua mão, e ele se inclina para a frente e cola sua boca à minha. O beijo a princípio é carinhoso e suave, mas sinto meu corpo se acender. Preciso de mais. Hardin segura meu braço e me puxa, para que eu

fique em cima dele. Obedeço e fico em seu colo, batendo as costas no volante. Sinto o assento se reclinar um pouco, proporcionando mais espaço enquanto levanto sua camiseta para pôr as mãos por baixo dela. Sua barriga é durinha, e sua pele está quente. Passo os dedos por suas tatuagens.

Sua língua acaricia a minha e ele me aperta com força. É uma sensação quase dolorosa, mas uma dor que estou disposta a suportar para tê-lo junto a mim. Hardin geme quando minhas mãos sobem mais um pouco. Adoro saber que consigo fazê-lo gemer também, que posso ter esse efeito sobre ele.

Estou a ponto de me perder de novo nessa sensação quando o toque do meu telefone nos interrompe.

“Outro alarme?”, ele provoca.

Com um sorriso, abro a boca para responder, mas me interrompo quando vejo o nome de Noah na tela do celular. Olho para Hardin e vejo que ele percebe o que está acontecendo. Sua expressão muda e, temendo estragar o momento e seu bom humor, aperto o botão de ignorar a chamada e jogo o aparelho sobre o banco do passageiro. Nesse momento, não quero nem pensar em Noah. Tranco sua imagem em um canto remoto da minha mente e jogo a chave fora.

Eu me inclino para a frente para continuar beijando Hardin, mas ele me detém e afasta o rosto.

“Acho melhor eu ir embora.” O tom de voz dele é bem sério e me deixa preocupada. Quando recuo um pouco para encará-lo, seu olhar está distante, e o gelo imediatamente apaga o fogo do meu corpo.

“Hardin, eu ignorei a chamada. Vou conversar com ele sobre tudo isso. Só não sei como, nem quando… mas vai ser em breve, prometo.” Em algum lugar no fundo da minha mente, eu sabia que precisaria terminar com Noah assim que beijei Hardin pela primeira vez. Não posso continuar nosso namoro depois de traí-lo. Essa nuvem negra de culpa ficaria pairando sobre minha cabeça pelo resto da vida, e nenhum de nós dois ia querer isso. O que sinto por Hardin é outro motivo para não ficar mais com Noah. Não amo meu namorado tanto quanto ele merece, caso contrário não teria esse tipo de sentimento por Hardin. Não gostaria de magoar Noah, mas agora não tem mais volta.

“Conversar com ele sobre o quê?”, Hardin esbraveja.

“Sobre tudo isso.” Faço um gesto apontando para nós dois. “Sobre nós.”

“Nós? Você não está me dizendo que vai terminar com ele… por minha causa, né?”

Minha cabeça começa a girar. Sei que preciso sair do colo dele naquele momento, mas fico paralisada.

“Você não… não quer que eu faça isso?” Minha voz sai em um sussurro.

“Não, por que ia querer? Quer dizer, se você está a fim de dar um pé na bunda dele, vá em frente, mas não vem me dizer que é por minha causa.”

“É que… eu pensei que…” Começo a me embananar com minhas próprias palavras.

“Já disse pra você que não namoro, Theresa”, ele fala.

Sinto meu corpo paralisar como o de uma vaca diante dos faróis de um carro. A única coisa que me motiva a sair de seu colo é que não quero que me veja chorando — de novo.

“Você é um escroto”, digo com amargura e pego minhas coisas do chão do carro. Hardin parece querer dizer alguma coisa, mas fica em silêncio. “Fica longe de mim de hoje em diante… Estou falando sério!”, grito, e ele fecha os olhos.

Vou caminhando o mais depressa que consigo até o alojamento e depois até meu quarto, e de alguma forma consigo segurar as lágrimas até entrar e fechar a

porta. Ainda bem que Steph não está, porque assim posso deixar o choro rolar solto. Como pude ser tão burra? Sabia como Hardin era, e mesmo assim topei ficar sozinha com ele — na verdade agarrei a oportunidade com unhas e dentes. Só porque ele foi legal comigo, fui logo pondo na minha cabeça que… que ele poderia ser meu namorado? Solto uma risada em meio aos soluços ao pensar em como sou idiota e ingênua. Não tenho o direito nem de estar brava. Hardin me disse que não namora, mas hoje foi tão gostoso, e ele foi tão agradável, que pensei que estivéssemos construindo algum tipo de relação.

No fim era tudo uma encenação para me levar para a cama. E eu deixei isso acontecer.



27

As lágrimas secam, e eu já estou de banho tomado e mais estável mentalmente quando Steph chega do cinema.

“E aí, como foi seu… passeio com Hardin?”, ela pergunta enquanto pega o pijama na cômoda.

“Foi tudo bem, ele voltou a ser o mesmo de sempre… com aquela gentileza habitual”, digo para ela e dou uma risada forçada. Fico com vontade de contar tudo o que aconteceu, mas tenho vergonha. Sei que ela não ia me julgar, mas, apesar de querer conversar sobre o assunto, acho que prefiro que ninguém fique sabendo.

Steph me encara com uma preocupação evidente no rosto, e sou obrigada a desviar o olhar. “Tome cuidado, certo? Você é legal demais para alguém como Hardin.”

Sinto vontade de abraçá-la e chorar em seu ombro, mas em vez disso pergunto como foi a ida ao cinema, para mudar de assunto. Ela me conta que Tristan passou o tempo todo dando pipoca em sua boca e que está começando a gostar dele. Meu estômago fica embrulhado, mas sei que é apenas inveja, pois Tristan gosta dela de um jeito que Hardin nunca vai gostar de mim. Preciso lembrar a mim mesma que já tenho alguém que me ama, e que é melhor começar a dar mais atenção a ele e manter distância de Hardin — sem direito a recaídas dessa

vez.

Na manhã seguinte, sinto-me exausta. Estou sem energia e prestes a cair no choro a qualquer momento. Meus olhos estão vermelhos e inchados por causa da choradeira da noite anterior, então vou até a cômoda de Steph e pego seu estojo de maquiagem. Com o delineador marrom, traço uma linha fina em torno dos olhos. Minha aparência fica bem melhor. Passo um pouco de base nas olheiras para acrescentar cor à minha pele. Depois de alguns toques de rímel, pareço outra pessoa. Fico satisfeita com o visual e visto minha calça jeans justa e uma blusinha. Como ainda estou me sentindo nua, pego um cardigã branco no armário. Não me arrumo tanto assim para um simples dia de aula desde que tirei a foto do anuário do meu último ano no ensino médio.

Landon manda uma mensagem de texto avisando que vai precisar ir direto para a sala, então compro um café para ele também. Ainda é bem cedo, então

vou andando em um ritmo mais lento que o habitual.

“Oi, você é Tessa, certo?”, ouço uma voz masculina dizer. Olho para trás e vejo um sujeito todo arrumadinho vindo na minha direção.

“Sou. Logan, né?”, pergunto, e ele faz que sim com a cabeça.

“Você vai aparecer por lá no fim de semana?”, ele quer saber. Deve ser um membro da fraternidade; claro que sim, é todo riquinho e lindo.

“Ah, não, esta semana não vai dar.” Dou risada, e ele ri comigo.

“Que pena, você é divertida. Bom, se mudar de ideia, já sabe onde vai ser a festa. Preciso ir. A gente se vê.” Ele se despede levantando o dedo, como se estivesse batendo na aba de um chapéu, e em seguida se afasta.

Landon já está sentado em seu lugar quando chego à classe e me agradece várias vezes por eu ter trazido café. “Você está diferente hoje”, ele comenta enquanto me sento.

“Passei maquiagem”, digo em tom brincalhão, e ele sorri. Landon não me pergunta sobre minha saída com Hardin, e me sinto grata por isso. Eu não saberia o que falar para ele.

Quando meu dia começa a ficar mais agradável e paro um pouco de pensar em Hardin, chega a hora da aula de literatura.

Hardin está sentado no seu lugar habitual. Estranhamente, está usando uma camiseta branca, fina o bastante para tornar visíveis suas tatuagens sob a roupa. Fico impressionada com o fato de gostar de suas tatuagens e piercings, já que nunca tive interesse nisso antes. Desvio o olhar rapidamente e me acomodo na carteira de sempre, ao lado dele, então pego minhas anotações. Não vou abrir mão de um ótimo lugar só por causa de um garoto mal-educado. Mesmo assim, fico torcendo para que Landon chegue logo, para não ter que ficar sozinha com Hardin.

“Tess?”, Hardin murmura quando a sala começa a se encher.

Não, nem responde. Ignora, fico repetindo para mim mesma em pensamento.

“Tess?”, ele chama de novo, dessa vez mais alto.

“Não fala comigo, Hardin”, digo por entre os dentes, evitando o contato visual. Não vou cair de novo nas armadilhas dele.

“Ah, qual é?”, ele rebate, e dá para perceber que está se divertindo com a situação.

“Estou falando sério, Hardin, me deixa em paz.” Meu tom é bastante áspero, mas não estou nem aí.

“Tudo bem, como você quiser”, ele responde, também com aspereza, e solto um suspiro.

Fico contente quando Landon aparece. Notando a tensão visível entre mim e Hardin, ele pergunta com a costumeira gentileza: “Está tudo bem?”.

“Está, sim”, minto, e a aula começa.

Hardin e eu continuamos nos ignorando pelo restante da semana, e cada

dia que passa sem nenhum contato torna mais fácil a tarefa de não pensar muito nele. Steph e Tristan continuam saindo todas as noites, então fico com o quarto para mim, o que tem um lado bom e outro ruim. É bom porque consigo estudar

bastante, mas ruim porque fico sozinha com meus pensamentos. Começo a usar um pouquinho mais de maquiagem também, mas continuo vestindo roupas largas e bem-comportadas. Na sexta-feira de manhã, sinto que consegui superar aquela situação confusa com Hardin.

Quer dizer, só até todo mundo começar a falar na festa na república. Tem festa lá toda sexta-feira — e na maioria dos sábados também —, então não entendo por que as pessoas ficam tão empolgadas.

Depois de pelo menos dez pessoas me perguntarem se vou à festa, decido fazer a única coisa que com certeza pode me impedir de ir: ligo para Noah.

“Oi, Tessa!”, ele atende todo empolgado. Faz cinco dias que não nos falamos, e estou com saudade de ouvir sua voz.

“Oi, que tal você vir me visitar?”, pergunto.

“Sim, claro. Pode ser no próximo fim de semana?”

Solto um resmungo. “Não, ainda hoje. Agora. Pode vir agora?” Sei que Noah gosta de planejar as coisas com antecedência, assim como eu, mas preciso que venha imediatamente.

“Tessa, tenho treino depois da aula. Ainda estou na escola, no horário de almoço”, ele explica.

“Por favor, Noah, estou morrendo de saudade. Você não pode sair mais cedo e vir passar o fim de semana aqui? Por favor?” Sei que estou praticamente implorando, mas não ligo.

“Hã… Sim, claro, Tessa. Vou agora mesmo. Está tudo bem?”

A felicidade toma conta de mim. Fico surpresa com a facilidade com que Noah aceita o convite, mas isso me deixa contente. “Certo, estou morrendo de saudade. Faz quase duas semanas que a gente não se vê”, lembro.

Ele dá risada. “Também estou com saudade. Vou sair de fininho daqui a alguns minutos e chego aí em umas três horas. Te amo, Tessa.”

“Também te amo”, digo antes de desligar. Bom, assunto encerrado. Não existe

mais a menor chance de eu terminar naquela festa.

Um recém-descoberto sentimento de alívio me domina enquanto caminho para a aula de literatura, entrando no lindíssimo prédio antigo de tijolos onde fica a classe. Mas esse sentimento se desfaz assim que passo pela porta e vejo Hardin de pé ao lado da carteira de Landon.

O que é isso?

Vou até lá correndo quando Hardin dá um tapa na carteira e diz com um grunhido: “Nunca mais diga isso, seu merda”.

Landon faz menção de se levantar, mas seria loucura da parte dele tentar brigar com Hardin. Landon até tem um bom físico, mas é bonzinho demais,

e não consigo imaginá-lo batendo em ninguém.

Seguro Hardin pelo braço e o afasto de Landon. Ele ergue a outra mão, e eu me encolho toda. Mas, quando se dá conta de que sou eu, volta a baixá-la e solta um palavrão baixinho para si mesmo.

“Deixa Landon em paz, Hardin!”, grito e me viro para meu amigo. Ele parece tão irritado quanto Hardin, mas no fim acaba se sentando.

“Você precisa aprender a cuidar da sua própria vida, Theresa”, Hardin resmunga grosseiramente e se acomoda em sua carteira. Gostaria muito que ele fosse se sentar lá no fundo da classe.

Sentada entre os dois, eu me inclino para o lado e sussurro para Landon:

“Está tudo bem? O que aconteceu?”.

Ele olha para Hardin e expira com força. “Ele é um imbecil, nada mais.

Isso resume tudo”, Landon diz em alto e bom som, e abre um sorriso.

Dou uma risadinha e me ajeito na cadeira. Escuto a respiração ofegante de Hardin ao meu lado e tenho uma ideia. É bem infantil, mas vou em frente mesmo assim.

“Tenho uma boa notícia!”, digo a Landon, fingindo o maior entusiasmo de que sou capaz.

“Sério? Qual?”

“Noah está vindo me visitar hoje e vai ficar aqui o fim de semana todo!”, anuncio, sorrindo e batendo as mãos uma na outra. Sei que estou exagerando, mas sinto o olhar de Hardin sobre mim, e tenho certeza de que me ouviu.

“Sério? Que ótima notícia!”, Landon comenta com toda a sinceridade.

A aula começa e termina sem que Hardin dirija a palavra a mim. É assim que vai ser daqui por diante, e por mim tudo bem. Desejo um bom fim de semana para Landon e volto para meu quarto para retocar a maquiagem e comer alguma coisa antes que Noah chegue. Fico rindo comigo mesma enquanto me maquio. Desde quando sou do tipo que precisa “retocar a maquiagem”

antes de receber uma visita do namorado? Deve ser por causa daquele dia no riacho com Hardin. Aquela experiência me transformou, ainda que o fato de ele ter me magoado logo em seguida tenha me afetado ainda mais. A maquiagem é uma mudança sutil, mas inegável.

Arrumo um pouco meu quarto depois de comer, dobrando e guardando as roupas de Steph. Espero que ela não se importe. Finalmente vem a mensagem de Noah avisando que chegou, e levanto da cama em um pulo para ir recebê-lo lá fora. Está mais bonito do que nunca com sua calça azul-marinho, seu cardigã creme e uma camisa branca por baixo. Ele usa mesmo cardigã o tempo todo, mas eu adoro. Seu sorriso afetuoso alegra meu coração, e ele me abraça e diz que está feliz em me ver.

No caminho até meu quarto, ele fica me olhando por um momento e pergunta: “Você está usando maquiagem?”.

“Sim, um pouquinho. Estou experimentando para ver se gosto”, explico.

Ele sorri. “Você está bonita”, Noah comenta, e me dá um beijo na testa.

No meu quarto, nós nos concentramos em escolher um filme na seção de comédias românticas do Netflix. Steph manda uma mensagem de texto dizendo que está com Tristan e não vai voltar para dormir, então desligo a luz e nós nos

encostamos na cabeceira da cama. Noah me envolve com um dos braços e eu encosto a cabeça em seu peito.

Essa sou eu, penso comigo mesma, e não uma maluquinha que nada em um rio vestindo a camiseta de um roqueiro.

Começamos a ver um filme do qual nunca ouvi falar, e cinco minutos depois a porta do quarto se abre. Imagino que deve ser Steph, que passou para buscar alguma coisa.

Mas, obviamente, é Hardin. Os olhos dele vão direto para o local onde Noah e eu estamos agarradinhos, iluminados pela luz da tela. Fico toda vermelha. Ele veio até aqui para contar tudo para Noah, tenho certeza. O

pânico toma conta do meu corpo, e eu me afasto do meu namorado, como se tivesse acabado de levar um susto.

“O que você está fazendo aqui?”, esbravejo. “Não pode ir entrando desse jeito.”

Hardin abre um sorriso. “Vim ver Steph”, ele responde e se senta. “Oi, Noah, legal ver você de novo.” Ele dá uma risadinha, e Noah fica todo sem graça. Deve estar se perguntando por que Hardin tem a chave do meu quarto e nem se dá ao trabalho de bater na porta.

“Ela está com Tristan, e provavelmente na sua casa”, digo com toda a calma, implorando em pensamento para que vá embora. Caso conte mesmo tudo para Noah, não sei se algum dia vou conseguir me recuperar do trauma.

“Ah, é?”, Hardin diz. Pelo sorrisinho em seu rosto, dá para ver que veio até aqui só para me atormentar. Provavelmente vai querer ficar até que eu resolva abrir o jogo com Noah. “Vocês dois vão à festa?”

“Não… não vamos. Estamos tentando ver um filme”, respondo, e Noah segura minha mão. Mesmo no escuro, consigo ver os olhos de Hardin sendo atraídos para o contato da mão de Noah com a minha.

“Que pena. Eu já vou indo…” Hardin se vira para a porta, e me sinto um pouco mais aliviada. Mas então ele se volta de novo para nós. “Ah, Noah…”, ele começa, fazendo meu coração disparar. “Bonito esse seu cardigã.”

Expiro com força, e só então percebo que estava prendendo a respiração.

“Obrigado. É da Gap”, responde Noah. Ele não faz ideia de que Hardin está tirando um sarro dele.

“Percebi. Divirtam-se”, Hardin ainda diz antes de sair do quarto.



28

“Ele não é tão ruim, acho”, Noah comenta quando Hardin fecha a porta.

Solto uma risadinha nervosa. “Como é?” Noah ergue as sobrancelhas para mim, e eu acrescento: “É que fiquei surpresa de ouvir você dizer isso”. Volto a encostar a cabeça em seu peito. A eletricidade que preenchia o ambiente poucos momentos antes já havia se dissipado.

“Não estou dizendo que acho legal que você ande com esse cara, mas ele me pareceu gente boa.”

“Hardin não é nem um pouco gente boa”, respondo, e Noah dá uma risadinha e me abraça. Se ele soubesse o que aconteceu entre nós dois, a maneira como nos beijamos, a forma como disse seu nome quando… Minha nossa, Tessa, para com isso. Levanto a cabeça para dar um beijo no queixo de Noah, e ele sorri. Quero que Noah produza em mim a mesma sensação que Hardin. Eu me sento e me viro para encará-lo. Seguro seu rosto entre as mãos e colo meus lábios aos dele. Sua boca se abre, e ele retribui o beijo.

Seus lábios são suaves… como seu beijo. Só isso não basta. Preciso de fogo, de paixão. Envolvo seu pescoço com as mãos e monto em seu colo.

“Epa, Tessa, o que você tá fazendo?”, ele pergunta, e tenta me empurrar de leve.

“Quê? Nada, é que… Acho que estou com vontade de beijar você”, respondo, olhando para baixo. Geralmente não me sinto desconfortável com Noah, mas quase nunca falamos sobre isso.

“Hã, certo…”, ele diz, e eu o beijo outra vez. Sinto seu calor, mas não seu fogo. Começo a remexer os quadris, na esperança de incendiá-lo. As mãos dele

descem para minha cintura, mas ele me segura, detendo meu movimento. Sei que combinamos esperar até o casamento, mas estamos só nos beijando. Afasto suas mãos e continuo me esfregando nele. Por mais que tente beijá-lo com mais ardor, sua boca continua tímida e suave. Até percebo que ele está ficando excitado, mas mesmo assim não toma nenhuma atitude.

Sei que estou fazendo tudo isso pelos motivos errados, mas não estou nem aí — preciso saber se Noah é capaz de mexer comigo da mesma forma que Hardin. Não é Hardin que eu quero, e sim a sensação… certo?

Paro de beijar Noah e saio de cima de seu colo.

“Isso foi bom, Tessa.” Ele sorri, e eu retribuo o sorriso. Foi “bom”. Ele é cauteloso demais, mas o amo mesmo assim. Ligo de novo o filme e, alguns

minutos depois, começo a cochilar.

“Acho melhor eu ir”, diz Hardin. Seus olhos verdes me encaram. “Aonde?” Não quero que ele vá. “Vou ficar em um hotel aqui perto; volto amanhã de manhã”, ele diz. Depois de alguns instantes, seu rosto se funde com o de Noah.

Dou um pulo de susto e esfrego os olhos. Noah, era Noah, não Hardin.

“Você está morrendo de sono, e não posso passar a noite aqui”, Noah diz enquanto acaricia de leve meu rosto.

Quero que ele fique, mas tenho medo do que posso acabar vendo ou dizendo em meu estado semiadormecido. E, de qualquer forma, Noah claramente considera uma indecência dormir no meu quarto. Os dois são opostos perfeitos. Em todos os sentidos.

“Certo, obrigada por ter vindo”, resmungo baixinho, e ele me beija de leve no rosto antes de levantar da cama.

“Eu te amo”, Noah diz. Respondo com um aceno, afundo a cabeça no travesseiro e me deixo levar por sonhos dos quais nem me lembro.

Na manhã seguinte, acordo com uma ligação de Noah no meu celular. Ele diz que já está vindo, então pulo da cama e vou correndo tomar banho, pensando no que fazer com ele hoje. Não tem nada interessante aqui por perto, a não ser que a

gente vá até o centro. Talvez seja bom mandar uma mensagem de texto para Landon perguntando o que há de divertido por aqui fora as festas de fraternidades. Ele deve ser o único entre meus amigos que pode me dar um bom conselho a esse respeito.

Decido vestir uma saia cinza de pregas e uma camisa azul, ignorando a voz de Hardin no fundo da minha mente dizendo que minhas roupas são feias, e me visto dentro da cabine do chuveiro.

Noah está no corredor na frente da minha porta quando volto, ainda com a toalha na cabeça. “Você está uma graça”, ele diz com um sorriso, e põe o braço em meu ombro quando abro a porta.

“Só preciso pentear o cabelo e me maquiar”, aviso, e pego o estojo de maquiagem de Steph, que felizmente não o levou quando saiu. Vou precisar comprar algumas coisas para mim, agora que já estou me acostumando a usar.

Noah espera pacientemente na minha cama enquanto seco os cabelos, enrolando um pouco as pontas. Paro para dar um beijo em seu rosto antes de me maquiar. “O que você está a fim de fazer hoje?” Termino de passar o rímel e dou uma última ajeitada nos cabelos.

“A faculdade fez bem para você, Tessa. Está mais linda do que nunca”, comenta Noah. “Não sei, que tal ir a um parque ou coisa do tipo e depois sair para jantar?”

Olho para o relógio. Sério que já é quase uma da tarde? Mando uma mensagem para Steph avisando que vou passar o dia fora, e ela responde que

só volta amanhã. Praticamente mora na república de Hardin nos fins de semana.

Noah abre a porta do passageiro de seu Toyota. Seus pais fizeram questão de comprar para ele um carro seguro, o último modelo. O interior do veículo é impecável, nada de pilhas de livros nem roupas sujas. Passeamos pela região até encontrar um parque, o que não demora muito. É um lugar pequeno e tranquilo, com um gramado um pouco amarelado e algumas árvores.

Quando estacionamos, Noah pergunta: “Ei, quando você vai começar a procurar um carro?”.

“Acho que nesta semana. Vou me candidatar a alguns empregos também.”

Não faço menção ao estágio na editora que Hardin me prometeu. Não sei se a oferta ainda está de pé, e não diria nada para Noah nem se soubesse.

“Que ótima notícia. Se precisar de ajuda para qualquer um dos dois, é só me avisar”, ele se prontifica.

Caminhamos pelo parque e nos sentamos a uma mesa de piquenique. Na maior parte do tempo quem fala é Noah, e eu só balanço a cabeça. Várias vezes me desligo da conversa, mas ele parece nem perceber. Andando mais um pouco, chegamos à beira de um riacho. Dou uma risadinha em virtude da ironia da situação, e Noah me olha com cara de interrogação.

“Quer entrar?”, pergunto, sem saber por que estou tentando enfatizar ainda mais um momento embaraçoso.

“Nessa água aí? Sem chance”, ele diz, aos risos, e sinto uma pontada de desânimo, repreendendo mentalmente a mim mesma. Preciso parar de ficar comparando Noah e Hardin.

“Estava só brincando”, minto, e começo a puxá-lo pela trilha.

Quando saímos do parque já são sete horas, então decidimos pedir uma pizza e voltar ao meu quarto para ver um clássico: Meg Ryan se apaixonando por Tom Hanks ao ouvir sua voz em um programa de rádio. Quando a pizza chega, estou morrendo de fome e como quase tudo sozinha. Em minha defesa, posso dizer que passei o dia todo sem pôr praticamente nada no estômago.

Na metade do filme, meu celular toca, e Noah pega o aparelho para mim.

“Quem é Landon?”, ele pergunta. Não existe nem um pingo de desconfiança em sua voz, só curiosidade. Ele nunca fez o tipo ciumento e nunca precisou.

Pelo menos até agora, meu subconsciente me lembra.

“É um amigo da faculdade”, digo antes de atender. Por que Landon me ligaria? Ele nunca me telefonou para tratar de assuntos que não fossem relacionados às aulas.

“Tessa?”, Landon fala bem alto.

“Oi. Está tudo bem?”

“Hã, na verdade não. Sei que Noah está por aí, mas…” Ele hesita.

“O que aconteceu, Landon?” Meu coração dispara. “Você está bem?”

“Estou, não é nada comigo. É Hardin.”

O pânico toma conta de mim. “H-Hardin?”, pergunto gaguejando.

“É, se eu passar o endereço você pode vir até aqui, por favor?” Escuto o som de alguma coisa arrebentando ao fundo. Levanto da cama em um pulo e calço os sapatos antes mesmo de me dar conta do que estou fazendo. Noah também se levanta, quase que por solidariedade.

“Landon, Hardin está fazendo alguma coisa com você?” Minha mente não consegue entender o que está acontecendo.

“Não, não”, ele responde.

“Manda o endereço”, peço, e em seguida escuto outra pancada.

Eu me viro para Noah. “Vou precisar do seu carro.”

Ele olha para mim. “O que está acontecendo?”

“Não sei… alguma coisa com Hardin. Me dê a chave”, peço.

Ele enfia a mão no bolso, pega a chave e diz: “Vou com você”.

Mas arranco a chave da mão dele e faço que não com a cabeça. “Não, você não… Preciso ir sozinha.”

Minhas palavras o magoam. Ele parece chateado mesmo. Sei que não é certo deixá-lo sozinho, mas a única coisa que passa pela minha cabeça no momento é que preciso ir até Hardin.



29

Landon me manda uma mensagem com o endereço — Cornell Road, 2875

—, que copio e colo no GPS do meu celular. O trajeto deve levar uns quinze minutos. O que deve estar acontecendo para Landon precisar me chamar?

Quando chego, estou tão confusa quanto no momento em que saí do quarto. Noah me telefonou duas vezes nesse meio-tempo, mas ignorei suas ligações. Precisava manter a tela do GPS aberta e, para ser sincera, o olhar no rosto dele quando o deixei sozinho ainda assombrava minha mente.

As casas da rua são todas enormes, praticamente mansões. Aquela em particular é pelo menos três vezes maior que a da minha mãe. É uma construção antiga de tijolos, com um jardim da frente em declive, que dá a impressão de que a residência fica no alto de uma colina. Mesmo com a iluminação fraca da rua, dá para ver que é linda. Deve ser a casa do pai de Hardin, já que claramente não é uma república, e essa seria a única razão para Landon também estar aqui. Respiro fundo, desço do carro e subo os degraus até a entrada. Bato com força na porta de mogno maciço, que se abre em questão de segundos.

“Tessa, obrigado por vir. Desculpe, sei que você está acompanhada. Noah também veio?”, pergunta Landon, olhando para o carro enquanto me faz um gesto pedindo que entre.

“Não, ele ficou no campus. O que está acontecendo? Cadê o Hardin?”

“Lá no quintal. Ele está descontrolado”, Landon diz com um suspiro.

“E eu estou aqui por quê?”, pergunto com a maior educação possível. O

que tenho a ver com o descontrole de Hardin?

“Então, sei que você não gosta dele, mas pelo menos vocês conseguem conversar. Ele está muito bêbado, totalmente enlouquecido. Apareceu aqui, abriu uma garrafa de uísque do pai e virou metade! Depois começou a quebrar tudo: os pratos da minha mãe, um armário de vidro, o que encontrou pela frente.”

“Como assim? Por quê?”

Hardin me disse que não bebe… era mentira também?

“O pai dele acabou de contar que vai casar com minha mãe…”

“E…?” Ainda estou confusa. “Então Hardin não quer que eles se casem?”, pergunto enquanto Landon abre caminho pela enorme cozinha, onde constato com surpresa o estrago provocado por Hardin. Os pratos quebrados

estão espalhados pelo chão, e uma cristaleira de madeira está tombada, suas portas de vidros em pedaços.

“Não, mas é uma longa história. Acho que Hardin veio para brigar com o pai. Ele nunca vem aqui. Mas depois que o pai dele ligou para contar, ele e minha mãe foram viajar para comemorar”, Landon explica e abre a porta dos fundos.

Vejo um vulto sentado a uma mesinha no quintal. Hardin.

“Não sei o que você pensa que posso fazer para ajudar, mas vou tentar.”

Landon balança a cabeça e põe a mão no meu ombro. “Ele estava gritando seu nome”, ele diz baixinho, e sinto meu coração parar.

Vou andando na direção de Hardin, que se vira para mim. Seus olhos estão vermelhos, e seus cabelos, escondidos sob um gorro cinza. Ele arregala os olhos e em seguida fecha a cara. Tenho vontade de dar meia-volta. Seu aspecto chega a ser assustador sob a luz fraca do quintal.

“O que está fazendo aqui?”, Hardin grita e se levanta.

“Foi Landon… Ele…” Assim que começo a falar me arrependo.

“Porra, você ligou para ela?”, ele berra na direção de Landon, que volta para dentro.

“Pare de implicar com ele, Hardin… Landon só está preocupado com você”, eu o repreendo.

Ele volta a se sentar e me convida com um gesto a fazer o mesmo.

Acomodo-me na cadeira em frente e o vejo levar a garrafa de bebida quase vazia

à boca. Seu pomo de adão se mexe para cima e para baixo enquanto engole. Depois de beber, Hardin bate a garrafa com tudo no tampo de vidro da mesa, dando-me um susto e me fazendo temer que mais alguma coisa se quebre.

“Ah, vocês dois são uma coisa mesmo. Tão previsíveis. O coitadinho do Hardin está chateado, então vocês se juntam e tentam me fazer sentir culpado por ter quebrado umas porcelanas vagabundas”, ele resmunga com um sorrisinho sarcástico.

“Pensei que você não bebesse”, comento, cruzando os braços.

“E não bebo mesmo. Quer dizer, não bebia. Não vem querer dar uma de superior para cima de mim. Você não é nem um pouco melhor do que eu.”

Ele aponta o dedo para mim e pega a garrafa para dar mais um gole.

É uma situação temerária, mas não consigo negar que, quando estou perto dele, mesmo nesse estado embriagado, me sinto cheia de vida. Estava com saudade da sensação que Hardin me provoca.

“Não disse que sou melhor que você. Só quero saber por que resolveu beber justo agora.”

“Que diferença faz pra você? Cadê seu namorado?” Ele me fuzila com os olhos, e o sentimento transmitido por eles é tão forte que sou obrigada a me virar para o outro lado. Se ao menos eu soubesse que sentimento é esse…

Ódio, provavelmente.

“Ficou no meu quarto. Só estou querendo te ajudar, Hardin.” Inclino-me um pouco sobre a mesa para pegar sua mão, mas ele recusa meu toque.

“Ajudar?”, ele cai na risada. Quero perguntar por que ele estava gritando meu nome se ia me tratar dessa maneira, mas não quero expor Landon mais uma vez.

“Se quer me ajudar, então vá embora.”

“Por que você não me conta o que está acontecendo?” Baixo os olhos e começo a mexer nas unhas.

Ele suspira, tira o gorro e passa as mãos pelos cabelos antes de colocá-lo de volta. “Meu pai decidiu me contar só agora que vai casar com Karen… e o casamento vai ser no mês que vem. Ele já devia ter me contado isso há muito tempo, e não pelo telefone. Tenho certeza de que Landon, o menino perfeito, já sabe de tudo faz um tempão.”

Ah. Não era isso que eu esperava que ele dissesse, por isso fico sem saber o que responder. “Com certeza ele tinha um bom motivo para não contar.”

“Nem conheço o cara. Ele não está nem aí pra mim. Sabe quantas vezes conversamos no último ano? Umas dez! Ele só se preocupa com seu casarão, com sua nova esposa e com seu novo filhinho perfeito.” Hardin dá mais um gole na bebida. Fico em silêncio enquanto ele continua: “Você precisa ver o buraco em que a minha mãe está morando na Inglaterra. Ela diz que gosta, mas sei que é mentira. A casa inteira é menor que o quarto do meu pai!

Minha mãe praticamente me obrigou a vir fazer faculdade aqui… pra ficar mais perto dele… pra ver se a gente se dava bem!”.

Com o pouco de informação que ele me deu, começo a entendê-lo muito melhor. Hardin está ressentido. E por isso é assim.

“Quantos anos você tinha quando ele foi embora?”, pergunto.

Hardin me olha com desconfiança, mas responde: “Dez. Mas, mesmo antes de ir embora, ele nunca estava por perto. Estava sempre em um bar qualquer. Porém agora ele é o cara perfeito e tem tudo isso aqui”. Ele aponta para a casa.

O pai de Hardin abandonou o filho de dez anos, assim como o meu, e também era um bêbado. Temos muito mais em comum do que eu imaginava. Aquele Hardin embriagado e magoado parece alguém muito mais jovem e mais frágil do que o sujeito de presença forte que eu conhecia até então.

“Lamento muito que tenha abandonado vocês, mas…”

“Não preciso que você tenha pena de mim”, ele interrompe.

“Não tem nada a ver com pena. Só estou tentando…”

“Tentando o quê?”

“Ajudar você. Apoiar”, digo baixinho.

Ele sorri. Seu sorriso é encantador e me dá a esperança de que eu posso

ajudá-lo a superar aquela situação, mas na verdade já sei o que está por vir.

“Você é patética. Não está vendo que não quero você aqui? Não quero seu apoio. Só porque tivemos um lance isso não significa que estou interessado em algo mais. E, mesmo assim, aqui está você, deixando de lado seu namorado bonzinho — que pelo menos quer sua companhia — para vir até aqui tentar me ‘ajudar’. Isso, Theresa, é a definição clássica de patético”, ele diz, fazendo as aspas com os dedos.

O tom de sua voz é cheio de veneno, bem como imaginei que seria, mas tento ignorar a dor que sinto no peito quando olho para ele. “Sei que não é assim que você pensa.” Eu me lembro de uma semana atrás, quando ele ria e me jogava na água. Não sei se ele é um grande ator ou um grande mentiroso.

“É, sim. Vai pra casa”, ele me diz, e ergue a garrafa para dar mais um gole.

Estendo o braço para o outro lado da mesa, arranco a bebida de sua mão e jogo no chão.

“Que porra é essa?”, ele grita, mas eu o ignoro e saio andando na direção da porta dos fundos.

Escuto seus passos cambaleantes, e ele surge na minha frente. “Aonde você vai?” Seu rosto está a poucos centímetros do meu.

“Vou ajudar Landon a limpar a bagunça que você fez e depois vou embora.” Minha voz soa muito mais tranquila do que na verdade estou.

“Por que vai ajudar Landon?” A contrariedade em seu tom de voz é bem nítida.

“Porque ele, ao contrário de você, merece minha ajuda”, respondo, e vejo a decepção estampada em seu rosto. Eu não deveria estar conversando com Hardin. Deveria estar gritando com ele, por causa das coisas terríveis que me falou, mas sei que assim só estaria fazendo seu jogo. É a especialidade de Hardin: magoar todo mundo ao seu redor e se divertir com o caos que se instala depois.

Sem dizer nada, ele sai da minha frente.

Quando entro na casa, encontro Landon agachado, levantando o armário.

“Tem uma vassoura aqui?”, pergunto quando ele termina. Landon me olha com um sorriso de gratidão.

“Bem ali”, ele aponta. “Obrigado por tudo.”

Faço um aceno de cabeça e começo a varrer os cacos dos pratos, que são muitos. Lamento muito o fato de que, quando a mãe de Landon chegar, vai descobrir que não tem mais nenhum prato em casa. Espero que nada daquilo tenha valor sentimental para ela.

“Ai!”, grito quando um pedacinho de vidro entra no meu dedo. Gotas de sangue começam a cair sobre o piso de madeira enquanto corro até a pia.

“Você está bem?”, pergunta Landon, todo preocupado.

“Estou, foi só um pedacinho, nem sei por que está saindo tanto sangue.”

Na verdade nem está doendo muito. Fecho os olhos e deixo a água fria cair sobre o ferimento. Logo depois, escuto a porta dos fundos se abrindo. Abro os olhos e vejo Hardin me encarando quando me viro.

“Tessa, posso conversar com você, por favor?”, ele pede.

Sei que seria melhor responder que não, mas alguma coisa na vermelhidão em torno de seus olhos me leva a fazer que sim com a cabeça.

Ele olha para minha mão, depois para o sangue no chão.

Hardin vem até mim correndo. “Você está bem? O que aconteceu?”

“Não foi nada, só um pedacinho de vidro”, explico.

Ele pega minha mão e põe sob a torneira. Quando toca meu braço, sinto a mesma eletricidade de sempre. Hardin olha para meu dedo, franze a testa e depois vai andando até Landon. Ele acabou de me chamar de patética e agora está todo preocupado comigo? Isso vai acabar literalmente me enlouquecendo,

vou terminar trancafiada em uma cela de hospício.

“Onde tem curativo?”, ele pergunta como se desse uma ordem, e Landon diz que no banheiro. Em menos de um minuto, Hardin volta e pega minha mão outra vez. Depois de passar antisséptico, ele cola o curativo no meu dedo com gestos delicados. Fico em silêncio, aparentemente tão confusa com o comportamento de Hardin quanto com o de Landon.

“Posso conversar com você, por favor?”, ele pede de novo, e sei que é melhor dizer que não. Mas desde quando faço o que é melhor para mim quando o assunto é Hardin?

Faço que sim com a cabeça, e ele me pega pelo pulso e me leva lá para fora.



30

Quando voltamos à mesinha do quintal, Hardin me solta e puxa uma cadeira para mim. Sentindo minha pele se incendiar com seu toque, passo os dedos sobre o pulso enquanto ele arrasta uma cadeira pelo chão de cimento e a posiciona na minha frente. Quando ele se acomoda, está tão próximo de mim que seus joelhos quase roçam os meus.

“O que você quer me dizer, Hardin?”, pergunto da forma mais brusca de que sou capaz.

Ele respira fundo, tira o gorro e o coloca sobre a mesa. Fico observando enquanto passa os dedos compridos pelos cabelos e me olha nos olhos.

“Desculpa”, Hardin diz com uma intensidade que me faz desviar o olhar e me concentrar em uma das árvores do quintal. Ele se inclina na minha direção. “Você me ouviu?”

“Sim, eu ouvi”, respondo, encarando-o. Hardin é mais sem noção do que eu imaginava se pensa que com um pedido de desculpas vou deixar de lado as coisas horríveis que faz comigo quase todos os dias.

“É difícil demais lidar com você”, ele comenta, recostando-se no assento.

A garrafa que joguei no quintal está de novo em sua mão, e ele dá mais um gole. Como ainda não desmaiou?

“Eu sou difícil? Você está de brincadeira? O que quer que eu faça, Hardin?

Você é cruel comigo… muito cruel”, digo, mordendo o lábio inferior. Não posso chorar na frente dele de novo. Noah nunca me fez chorar. Já tivemos algumas brigas ao longo dos anos, mas nunca fiquei abalada a esse ponto.

“Não é de propósito.” O tom da voz dele é grave e parece se misturar à brisa da noite.

“É, sim, e você sabe muito bem disso. Você faz tudo por livre e espontânea vontade. Nunca fui tão maltratada por alguém em toda a minha vida.”

Mordo o lábio com mais força ainda, sentindo um nó na garganta. Se eu chorar, ele vence. É isso o que quer.

“Então por que continua falando comigo? Por que não desiste?”

“Eu… na verdade não sei. Mas posso garantir que depois de hoje vou desistir. Vou trancar minha matrícula na aula de literatura e fazer essa matéria só no próximo semestre.” Até então, eu jamais tinha pensado em fazer isso, mas no momento é a melhor atitude que posso tomar.

“Por favor, não faça isso.”

“Que diferença faz pra você? Assim não precisa ser forçado a conviver com uma pessoa patética como eu, certo?” Meu sangue está fervendo. Se eu soubesse como dizer aquelas coisas horríveis que ele fala, diria.

“Não é nada disso… o patético aqui sou eu.”

Olho bem para ele. “Bom, não vou discutir.”

Ele bebe mais um gole e se recusa a me entregar a garrafa quando estendo a mão.

“Quer dizer que você é o único que pode beber?”, pergunto, e um sorriso surge no rosto dele. A luz do quintal reflete no piercing de sua sobrancelha quando ele

me entrega a garrafa.

“Pensei que fosse jogar longe de novo.”

Era o que eu deveria fazer, mas em vez disso levo a garrafa à boca. A bebida está quente e tem gosto de alcaçuz queimado e mergulhado em álcool. Sinto ânsia de vômito, e Hardin cai na risada.

“E você, desde quando bebe desse jeito? Até onde entendi, você não bebia”, comento. Preciso me lembrar de ficar brava de novo depois que ele responder.

“Fazia uns seis meses que não bebia.” Ele baixa os olhos para o chão, como se estivesse com vergonha.

“Bom, você não deveria beber nunca. Isso faz com que fique pior que o normal.”

Ainda olhando para o chão, ele assume uma expressão séria. “Acha que sou uma pessoa ruim?”

Ele está tão bêbado a ponto de achar que é uma pessoa boa?

“Acho.”

“Eu não sou. Bom, talvez seja… O que quero mesmo é que você…”, ele começa, mas em seguida se interrompe, corrige a postura e se recosta na cadeira.

“O que você quer de mim?” Preciso saber o que ele ia dizer. Devolvo a garrafa, mas Hardin a põe de volta na mesa. Não estou a fim de beber. Um único gole basta, considerando que meu juízo quando estou perto de Hardin não é dos melhores mesmo sóbria.

“Nada”, ele mente.

O que estou fazendo aqui? Noah está no meu quarto me esperando, e eu perco meu tempo com Hardin. “Preciso ir”, anuncio, levantando-me e saindo na direção da porta.

“Não vai embora”, ele fala baixinho. Meus passos se detêm quando ouço seu tom de súplica. Quando me viro, vejo que Hardin está a menos de meio metro de mim.

“Por que não? Você tem mais algum insulto que queira fazer?”, grito, dando as costas para ele. Sua mão envolve meu braço e me puxa de volta.

“Não dá as costas para mim!”, ele berra ainda mais alto que eu.

“Eu já deveria ter dado as costas para você há muito tempo!”, grito, e dou um empurrão em seu peito. “Não sei nem por que estou aqui! Vim assim que o Landon ligou! Deixei meu namorado sozinho — que aliás, como você falou, é a única pessoa que quer minha companhia — para vir falar com você! E quer saber? Você tem razão, Hardin, eu sou patética, sim. Sou patética por ter vindo até aqui, sou patética por tentar…”

Sou interrompida pelo toque dos seus lábios nos meus. Tento empurrá-lo, mas não consigo movê-lo. Meu corpo me pede para retribuir o beijo, porém eu me seguro. Sinto sua língua tentando entrar na minha boca, e seus braços me envolvendo, puxando-me mais para perto apesar da minha resistência.

Não adianta. Ele é mais forte do que eu.

“Me beija, Tessa”, ele diz com a boca colada à minha.

Faço que não com a cabeça, e ele solta um grunhido de frustração. “Por favor, me beija. Preciso de você.”

Essas palavras acabam com minha resistência. Um sujeito indecente, bêbado e terrível acabou de dizer que precisa de mim, e por algum motivo isso soa como poesia aos meus ouvidos. Hardin é como uma droga para mim. Toda vez que sinto seu gosto, quero mais. Ele consome meus pensamentos e invade meus sonhos.

Assim que meus lábios se abrem, sua boca se junta à minha, mas dessa vez não tento resistir. É impossível. Sei que essa não é a resposta para meus problemas, e que estou apenas afundando ainda mais, mas isso não importa no momento. Só o que interessa são as palavras dele e a maneira como as pronunciou: Preciso de você.

Será que Hardin precisa de mim da mesma maneira desesperada que preciso dele? Duvido, mas por ora prefiro fingir que sim. Ele leva uma das mãos ao meu rosto e passa a língua em meu lábio inferior. Estremeço toda, e ele sorri, fazendo seu piercing roçar no canto da minha boca. Ouço um farfalhar e me afasto dele.

Hardin me deixa interromper o beijo, mas continua me abraçando com força, comprimindo seu corpo contra o meu.

Olho para a porta dos fundos e torço para que Landon não tenha testemunhado meu terrível lapso de juízo. Graças a Deus, ele não está lá.

“Hardin, preciso mesmo ir. Não podemos continuar com isso. Não está fazendo bem pra nenhum de nós dois”, digo para ele, olhando para baixo.

“Podemos, sim”, ele retruca, levantando meu queixo e me obrigando a olhar em seus olhos verdes.

“Não podemos. Você me odeia, e não quero mais ser seu saco de pancadas.

É tudo muito confuso. Em um momento, você diz que não me suporta, ou então me humilha depois de uma experiência íntima.” Ele abre a boca para me interromper, mas ponho um dedo em seus lábios rosados e continuo:

“Então, no momento seguinte, você me beija e diz que precisa de mim. Não gosto da pessoa que sou quando estou com você e detesto como me sinto

depois de ouvir tantas coisas horríveis”.

“Quem você é quando está comigo?” Seus olhos verdes observam meu rosto, à espera da resposta.

“Alguém que não quero ser, uma pessoa que trai o namorado e chora o tempo todo”, explico.

“Sabe quem eu penso que você é quando está comigo?” Ele acaricia meu queixo com o polegar, e eu preciso fazer força para me concentrar na conversa.

“Quem?”

“Você mesma. Acho que esse é seu verdadeiro eu, mas está distraída demais se preocupando com o que os outros pensam para se dar conta disso.”

Fico sem saber o que fazer, mas ele parece tão sincero, tão convicto, que paro um pouco para refletir sobre aquelas palavras. “E sei muito bem como me comportei depois de fazer você gozar.” Hardin olha para minha cara fechada

antes de continuar: “Desculpa… depois do que tivemos, sei que o que fiz foi errado. Fiquei me sentindo um lixo depois que você saiu do carro”.

“Duvido”, retruco, lembrando-me do quanto chorei naquela noite.

“É verdade, juro. Sei que você me considera uma péssima pessoa… mas você me faz…” Ele se interrompe. “Esquece.”

Por que ele sempre se interrompe?

“Termina de uma vez essa frase, Hardin, ou vou embora agora mesmo”, digo a ele. E não é blefe.

Seus olhos se acendem ao me encarar e sua boca se abre lentamente, como se cada palavra fosse representar um grande ato — uma grande verdade ou uma grande mentira —, o que me deixa ansiosa por sua resposta. “Você…

você me faz querer ser bom… Quero ser uma pessoa melhor para você, Tess.”



31

Tento dar um passo para trás, mas ele me segura com força. Devo ter entendido alguma coisa errado. Meus sentimentos estão à flor da pele, então me viro para a escuridão do fundo do quintal, tentando compreender o significado daquelas palavras. Hardin quer ser uma pessoa melhor para mim? Em que sentido? Não é possível… Será?

Eu me viro de novo para ele, com os olhos enevoados. “Quê?”

Ele me parece… sincero? Esperançoso? O quê? “Você ouviu.”

“Não. Eu entendi errado.”

“Não entendeu, não. Quando estou com você me sinto… diferente de mim mesmo. Não sei como lidar com esse tipo de sentimento, Tessa, então faço a única coisa que sei fazer…” Ele faz uma pausa e solta um suspiro. “Que é ser um babaca.”

Mais uma vez entro em uma espécie de transe.

“Isso não tem como dar certo, Hardin, nós somos muito diferentes. Pra começo de conversa, você não namora, lembra?”

“Não somos tão diferentes assim… gostamos das mesmas coisas. Nós dois somos apaixonados por livros, por exemplo”, ele diz, com hálito de álcool.

Mesmo estando parada diante dele, não consigo acreditar que Hardin está tentando me convencer de que podemos ficar juntos. “Você não namora”, lembro outra vez.

“Eu sei, mas podemos… ser amigos.”

Pronto. Voltamos à estaca zero. “Pensei que você tivesse dito que não podemos ser amigos. E não vou ser sua amiga… e você sabe o que quero dizer com isso. Você quer todas as vantagens de ter uma namorada, mas sem assumir nenhum compromisso.”

O corpo dele oscila, e ele se apoia na mesa e se afasta um pouco de mim.

“E qual é o problema? Por que precisa desse rótulo?” Ainda bem que o espaço entre nós se ampliou, porque assim posso respirar um pouco de ar fresco.

“Porque, apesar de não andar demonstrando muito autocontrole ultimamente, Hardin, não quero abrir mão da minha dignidade. Não vou ser seu brinquedinho, principalmente se isso significa ser tratada como lixo.”

Levanto as duas mãos. “E, além disso, já sou comprometida.”

As covinhas diabólicas dele aparecem com seu sorriso. “E mesmo assim

olha só onde você está agora.”

Ainda pensativa, respondo: “Eu amo Noah e ele me ama”. A expressão de Hardin muda. Ele me larga e despenca sobre uma cadeira.

“Não diga isso pra mim.” Essas palavras saem mais apressadas e enroladas do que antes. Quase esqueci que ele está totalmente bêbado.

“Você só está dizendo tudo isso porque bebeu. Amanhã já vai ter voltado a me odiar.”

“Não odeio você.” Ele sai um pouco para o gramado.

Não queria que tivesse esse efeito sobre mim. Queria ser capaz de simplesmente ir embora. Mas em vez disso fico por lá e o escuto dizer: “Se me olhar nos olhos e disser que não quer mais nada comigo, eu aceito. Juro que nunca mais chego perto de você. É só me falar”.

Abro a boca para dizer exatamente isso. Para pedir que fique longe de mim, dizer que nunca mais quero olhar para ele.

Ele se vira para mim e chega mais perto. “Pode falar, Tessa, diz que nunca mais quer me ver.” Então ele me toca. Passa as mãos pelo meu braço, deixando-me toda arrepiada. “Diz que nunca mais quer sentir meu toque”, ele sussurra, levando a mão ao meu pescoço. Seu indicador fica passeando pelo meu ombro e pela minha nuca. Escuto minha respiração acelerar quando aproxima sua boca e a deixa a centímetros da minha. “Que nunca mais quer que eu beije você”, ele continua, e sinto o cheiro de uísque em seu hálito.

“Diz, Theresa”, ele murmura, e eu solto um gemido.

“Hardin”, sussurro.

“Você não consegue resistir a mim, Tessa, nem eu a você.” Sua boca está bem próxima da minha. Estamos quase nos beijando. “Fica comigo hoje à noite?”, ele pergunta, e sinto vontade de fazer tudo o que ele mandar.

Uma movimentação perto da porta chama a minha atenção, e eu me afasto bruscamente de Hardin. Quando olho para lá, vejo a expressão confusa no rosto de Landon antes de ele se virar e desaparecer dentro da casa.

Sou transportada de volta para a realidade.

“Preciso ir”, digo, e Hardin solta um palavrão baixinho.

“Por favor, fica. Passa a noite comigo, e de manhã você decide se não quer mais me ver… só fica comigo, por favor. Estou implorando, e não sou de implorar, Theresa.”

Respondo que sim com a cabeça sem nem me dar conta do que estou fazendo. “E o que vou dizer a Noah? Ele está me esperando, e estou com o carro dele.” Nem acredito que estou pensando em fazer isso.

“É só dizer que você precisa ficar porque… sei lá. É só não falar nada. O

que ele pode fazer?”

Estremeço toda. Ele vai contar para minha mãe. Sem dúvida nenhuma. A irritação toma conta de mim. Não deveria sentir medo de que meu

namorado me dedure para minha mãe, mesmo quando faço alguma coisa errada.

“Ele deve estar dormindo mesmo”, completa Hardin.

“Não, ele não tem como voltar para o hotel.”

“Hotel? Espera… ele não está ficando no seu quarto?”

“Não, ele se hospedou em um hotel perto do campus.”

“E você está dormindo lá com ele?”

“Não”, respondo envergonhada. “Ele dorme lá e eu no meu quarto.”

“Ele pelo menos é hétero?”, Hardin pergunta, com o divertimento estampado em seus olhos vermelhos.

Arregalo os meus. “Claro que é!”

“Desculpa, mas tem alguma coisa errada nisso aí. Se eu pudesse, não sairia nunca de perto de você, ia querer aproveitar toda oportunidade que surgisse para trepar.”

Fico de queixo caído. As palavras indecentes de Hardin causam um efeito estranhíssimo em mim. Meu rosto fica vermelho, e eu desvio o olhar.

“Vamos lá pra dentro”, eu o escuto dizer. “Essas árvores estão balançando demais. Acho que isso significa que bebi além da conta.”

“Você vai dormir aqui?” Pensei que ele fosse voltar para a república.

“Sim, e você também. Vamos lá.” Ele me pega pela mão e caminhamos até a porta dos fundos.

Não sei o que está acontecendo comigo, então não consigo explicar, mas preciso fazê-lo entender de alguma forma. Quando passamos pela cozinha, percebo que já está quase tudo limpo.

“Você precisa limpar o resto dessa bagunça amanhã”, digo, e ele faz que sim com a cabeça.

“Pode deixar”, ele promete. Espero que consiga cumprir essa promessa.

Segurando minha mão, ele me guia pela escadaria. Fico rezando para não encontrar Landon no corredor e fico aliviada por ele não estar lá.

Hardin abre a porta de um quarto às escuras e me puxa lá para dentro.



32

Meus olhos tentam se ajustar à escuridão, mas apenas uma parte da luz do luar consegue atravessar a janela fechada. “Hardin”, suspiro.

Ele solta um palavrão ao tropeçar em alguma coisa e preciso me esforçar para não rir.

“Estou aqui”, ele responde, e acende um abajur. Olho ao redor do quarto enorme, que parece até de um hotel. A cama coberta com lençóis escuros fica na parede oposta e parece ser king, com pelo menos umas vinte almofadas em cima. A escrivaninha é grande, feita de cerejeira, e o computador tem um monitor maior que a televisão do meu quarto no alojamento. Há um banco logo abaixo da janela principal, e as demais estão cobertas com cortinas azuis bem grossas, que não deixam a luz entrar.

“Este é… meu quarto”, ele diz, passando a mão na nuca, quase envergonhado.

“Você tem um quarto aqui?”, pergunto, mas está na cara que sim. É a casa do pai dele e de Landon também. Landon disse que Hardin quase nunca aparece, então deve ser por isso que o quarto parece um mausoléu, impessoal e imaculado.

“Pois é… Mas nunca dormi aqui… até hoje.” Ele se senta no baú posicionado ao pé da cama, desamarra as botas, tira as meias e as guarda dentro dos sapatos. Meu coração dispara diante da ideia de que vou compartilhar com Hardin uma experiência que também é inédita para ele.

“Ah. E por quê?” Aproveito para tirar vantagem de sua sinceridade de bêbado.

“Porque nunca quis. Detesto este lugar”, ele responde baixinho, desabotoa a calça preta e começa a abaixá-la.

“O que está fazendo?”

“Hã… tirando a roupa”, ele responde, afirmando o óbvio.

“Sim, mas por quê?” Apesar de meu corpo estar ansioso para sentir de novo suas mãos, espero que não pense que vamos transar.

“Bom, eu é que não vou dormir com essa calça apertada”, ele responde, dando uma risadinha. Hardin afasta os cabelos da testa, puxando-os para cima. Tudo o que faz produz uma sensação incrível no meu corpo.

“Ah.”

Ele tira a camiseta, e eu não consigo desviar o olhar. Sua barriga tatuada é

perfeita. Hardin arremessa a camiseta para mim, mas não pego, deixo-a cair no chão. Levanto uma sobrancelha, e ele sorri.

“Você pode dormir com ela. Acho que você não vai querer dormir só de calcinha e sutiã. Mas é claro que não ligo se quiser.” Ele dá uma piscadinha, e eu, uma risadinha.

Do que é que estou rindo? Não posso dormir com a camiseta dele, vou me sentir praticamente nua.

“Não ligo de dormir de roupa”, respondo.

Ele dá uma boa olhada no que estou vestindo. Até agora, Hardin não fez nenhum comentário grosseiro sobre minha saia comprida ou minha blusa larga, e espero que não comece agora.

“Tudo bem. Você que sabe. Se prefere ficar desconfortável, por mim tudo bem.” Ele vai para a cama só de cueca, e começa a jogar as almofadas no chão.

Chego mais perto e abro o baú, que, como eu imaginava, está vazio. “Ei, não joga no chão. É pra guardar aqui dentro”, aviso, mas ele dá risada e continua fazendo a mesma coisa.

Soltando um grunhido, recolho as almofadas e enfio no baú. Ele dá outra risadinha e puxa a colcha, deita na cama, põe os braços atrás da cabeça, cruza os pés e sorri para mim. As palavras tatuadas em suas costelas estão esticadas por causa da posição de seus braços. Seu corpo magro e longilíneo é uma beleza de ver.

“Você não vai reclamar de ter que dormir na cama comigo, né?”, ele pergunta, e eu reviro os olhos. Na verdade, não ia mesmo. Sei que é errado, mas quero dormir na mesma cama que Hardin mais do que qualquer outra coisa na vida.

“Não, a cama é grande o suficiente para nós dois”, respondo com um sorriso. Não sei se é por causa do sorriso dele ou porque está deitado só de cueca, mas meu humor está muito melhor do que antes.

“Essa é a Tessa que eu adoro”, ele provoca, e meu coração dispara. Sei que jamais diria isso para mim seriamente, mas é muito bom ouvir essas palavras.

Subo na cama e me encolho no meu canto, mantendo a maior distância possível do corpo de Hardin. Mais um pouco e caio. Ele dá risada, e eu me viro de lado para encará-lo. “Qual é a graça?”

“Nada”, ele mente, mordendo os lábios para não rir. Gosto desse Hardin brincalhão. Seu senso de humor é contagiante.

“Conta!”, insisto, fazendo biquinho. Os olhos dele se voltam para minha boca, e ele passa a língua pelos lábios antes de prender o piercing entre os dentes.

“Você nunca dormiu na mesma cama que um cara, né?” Ele se vira de lado e chego mais perto.

“Não”, respondo, e seu sorriso se escancara. Estamos a poucos centímetros de distância e, antes de me dar conta do que estou fazendo, estendo a mão e ponho o dedo na covinha em sua bochecha. Ele arregala os olhos de surpresa. Puxo

minha mão de volta rapidamente, mas ele a agarra e a leva de novo até o rosto e começa a mexer lentamente o pescoço.

“Não sei por que ninguém nunca comeu você, mas essa mania de planejar tudo deve aumentar bastante sua capacidade de resistir”, ele comenta, e eu engulo em seco.

“Nunca precisei resistir aos avanços de ninguém”, admito. Os meninos do colégio me achavam bonita e davam em cima de mim, é verdade, mas ninguém nunca tentou transar comigo. Minha experiência se resume a Noah. Éramos um dos casais queridinhos de toda a escola.

“Ou isso é uma mentira deslavada ou você estudou em uma escola para cegos. Só essa sua boca já torna essa história bem difícil de acreditar.”

Fico sem saber o que dizer, e ele ri. Hardin leva minha mão até sua boca e a passa sobre seus lábios úmidos. Seu hálito esquenta meus dedos, e levo um susto quando ele arreganha os dentes e morde de leve a ponta do meu indicador, fazendo eu sentir um frio na barriga. Ele baixa minha mão para seu pescoço, e meus dedos contornam o galho de trepadeira de uma de suas tatuagens. Hardin observa tudo com atenção, porém não faz nada para me deter.

“Você gosta do jeito que eu falo com você, não?” Sua expressão é bem séria, mas também muito sexy. Minha respiração acelera, e ele sorri de novo.

“Dá pra perceber que sim, porque você fica vermelha e sua respiração acelera. Responde, Tessa, usa essa sua boca para alguma coisa”, ele diz, e dou uma risadinha, por não saber o que fazer. Jamais vou admitir que as palavras dele mexem profundamente comigo.

Hardin larga minha mão, mas, envolvendo meu pulso com os dedos, elimina a distância entre nós. Sinto calor, muito calor. Preciso me refrescar, caso contrário vou começar a transpirar em breve.

“Você pode ligar o ventilador?”, peço, e ele franze a testa. “Por favor.”

Hardin suspira, mas desce da cama. “Se está com calor, por que não tira essas roupas quentes? Essa saia parece ser bem incômoda.”

Eu já esperava que ele fosse fazer comentários maldosos sobre minhas roupas,

mas dessa vez abro um sorriso, pois entendo quais são suas verdadeiras intenções no momento.

“Você tem que usar as roupas que valorizem seu corpo, Tessa. Essas escondem todas as suas curvas. Se eu não tivesse visto você de calcinha e sutiã, jamais teria descoberto como é gostosa. Essa saia parece mais um saco de batata.”

Dou risada, apesar de seu elogio conter uma boa dose de insulto. “E o que você sugere que eu use? Meia arrastão e tomara que caia?”

“Não… Bom, eu até ia gostar de ver isso, mas não. Você pode se cobrir o quanto quiser, mas usando roupas do tamanho certo. Essa blusa não tem decote, e você não devia esconder esses peitos de jeito nenhum.”

“Para de usar essas palavras comigo!”, esbravejo, e ele sorri.

Voltando para a cama, Hardin deita seu corpo praticamente nu junto ao meu. Ainda estou com calor, porém os elogios um tanto incomuns dele renovam minha confiança. Desço da cama.

“Aonde você vai?”, ele se apressa em perguntar, em pânico.

“Me trocar”, respondo, e pego sua camiseta do chão. “Agora vira para o outro lado e nada de espiar”, digo com as mãos nos quadris.

“Não.”

“Como assim, ‘não’?” Como ele pode me negar isso?

“Não vou me virar. Quero ver você.”

“Ah. Certo.” Dou um sorriso, balanço a cabeça negativamente e apago a luz.

Hardin resmunga, e eu sorrio para mim mesma enquanto abro o zíper da saia. Quando ela cai diante dos meus pés, outra luz se acende.

“Hardin!” Puxo a saia de volta às pressas. Hardin está apoiado sobre os cotovelos, olhando para mim, e não tem nenhum pudor em medir meu corpo de cima a baixo. Ele já me viu menos vestida antes, e sei que não vai ceder, então respiro fundo e tiro a blusa por cima da cabeça. Não que não esteja gostando do

joguinho que estamos fazendo. No fundo, quero que ele me olhe, que me deseje. Estou usando um conjuntinho branco de sutiã e calcinha, nada muito elaborado ou especial, mas a expressão no rosto de Hardin faz com que eu me sinta muito sexy. Visto a camiseta dele logo em seguida. Tem um cheiro delicioso, assim como Hardin.

“Vem cá”, ele murmura de onde está deitado. Ignorando meu subconsciente, que me diz para fugir dali o quanto antes, vou andando na direção da cama.



33

Os olhos ardentes de Hardin continuam fixos nos meus enquanto caminho em sua direção. Apoio o joelho na cama e subo. Ao mesmo tempo, ele ergue o corpo, encosta-se na cabeceira e estende a mão para mim. No momento em que nossas mãos se tocam, ele me segura e me puxa para junto de si. Eu coloco um joelho de cada lado de seu corpo e monto sobre ele. Já fiz isso antes com Hardin, mas nunca usando tão pouca roupa.

Mantenho o corpo elevado para evitar o contato, mas ele põe as mãos nos meus quadris e me puxa de leve para baixo. No instante em que nossos corpos se tocam, sinto um frio na barriga. Sei que a felicidade que estou sentindo não vai durar, e me sinto como a Cinderela, esperando as badaladas do relógio que vão decretar o fim da minha noite mágica.

“Bem melhor assim”, ele diz com um sorriso malicioso.

Sei que está bêbado e que só está sendo legal comigo por isso — para os padrões dele, claro —, mas não estou nem aí. Se esse vai ser meu último contato com ele, então quero aproveitar. Repito isso para mim mesma o tempo todo.

Posso fazer o que quiser com Hardin hoje à noite, porque quando o dia amanhecer vou dizer para ele nunca mais vir atrás de mim. É melhor assim, e ele também vai achar quando estiver sóbrio. Em minha defesa, posso dizer que estou tão inebriada por Hardin quanto ele pela garrafa de uísque. Essa é outra coisa que fico repetindo para mim mesma o tempo todo.

Hardin continua olhando fixamente nos meus olhos, e começo a ficar nervosa. E

agora, o que eu faço? Não tenho ideia de onde ele está querendo chegar com isso, e estou com medo de fazer alguma bobagem se tentar dar o primeiro passo.

Ele parece notar minha expressão de embaraço.

“Que foi?”, pergunta, levando a mão ao meu rosto. Seu dedo passeia pela minha bochecha, e meus olhos se fecham involuntariamente com aquele toque surpreendente e suave.

“Nada… só não sei o que fazer”, admito, olhando para baixo.

“Pode fazer o que quiser, Tess. Não precisa ficar pensando muito.”

Inclino-me um pouco para trás para criar algum espaço entre nós e levo a mão até a altura de seu peito descoberto. Peço sua permissão com o olhar, e ele concede com um aceno de cabeça. Ponho as duas mãos de leve sobre seu tórax, e ele fecha os olhos. Meus dedos passeiam pelo contorno dos pássaros

tatuados em seu peito, e vou descendo até a árvore morta em sua barriga. As pálpebras dele se movem levemente quando passo os dedos pelos escritos em suas costelas. A expressão de Hardin é de pura tranquilidade, mas sua respiração está bem mais acelerada do que poucos momentos antes. Sinto-me incapaz de me controlar e vou baixando a mão até roçar com o dedo indicador no elástico de sua cueca. Ele abre os olhos de repente e parece nervoso. Hardin nervoso?

“Posso… hã… tocar você?”, pergunto, torcendo para que ele me entenda.

Não consigo me reconhecer nesse momento. Quem é essa menina montada em cima desse sujeito com pinta de roqueiro, pedindo para tocá-lo… lá embaixo? Penso no que Hardin disse antes, sobre meu verdadeiro eu se revelar quando estou com ele. Talvez seja isso mesmo. Adoro a maneira como estou me sentindo agora. Adoro sentir a eletricidade percorrendo meu corpo quando estamos assim.

Ele faz que sim com a cabeça. “Por favor.”

Com a mão por cima do tecido, baixo um pouco mais a mão para sentir o volume sob a cueca. Ele respira fundo, e eu o toco bem de leve. Não sei o que fazer, então apenas o acaricio. Estou nervosa demais para encará-lo, então concentro meu olhar no que estou fazendo.

“Quer que eu mostre pra você como faz?”, ele pergunta baixinho, com a voz trêmula. Sua arrogância habitual tinha se transformado em algo difícil de compreender.

Balanço a cabeça afirmativamente, e ele pega minha mão e me faz tocá-lo de novo. Hardin abre meus dedos, fazendo-me envolvê-lo totalmente. Ele respira fundo, de boca aberta, e olho para ele por entre as pálpebras semicerradas. Em seguida, larga minha mão, deixando-me no controle.

“Porra, Tessa, não faz isso”, Hardin fala com um grunhido. Confusa, paro de mexer a mão e estou prestes a largá-lo quando ele diz: “Não, não isso.

Pode continuar… só falei pra você não me olhar desse jeito”.

“Que jeito?”

“Com essa carinha inocente… Esse olhar me dá vontade de fazer um monte de coisas indecentes com você.”

Sinto vontade de me jogar de costas na cama e deixá-lo fazer o que quiser.

Quero ser dele, libertar-me pelo menos por um momento da inexplicável sensação de medo que sinto às vezes. Dou um sorrisinho e volto a mexer a mão. Quero tirar sua cueca, mas fico sem jeito. Um gemido escapa dos lábios dele, e o seguro com mais força. Preciso ouvir aquilo de novo. Não sei se devo mexer a mão mais depressa ou não, por isso continuo com movimentos lentos e precisos, e ele parece gostar. Inclino-me para a frente e toco seu pescoço com os lábios, fazendo-o gemer mais uma vez.

“Ai, Tess, que delícia.” Aperto com mais força, e ele faz uma careta. “Não tão forte assim, linda”, ele diz em um tom suave, bem diferente daquele com

que costuma zombar de mim.

“Desculpa”, digo enquanto beijo seu pescoço outra vez. Minha língua vai subindo até pouco abaixo de sua orelha, e ele estremece todo. Sua mão vai até meu peito, e Hardin aperta um dos meus seios.

“Posso… tirar seu sutiã?”

A voz dele sai rouca, apressada. Fico impressionada com o efeito que estou causando nele. Faço que sim com a cabeça, e seus olhos brilham de excitação. Suas mãos estão trêmulas quando entram por baixo da camiseta e sobem pelas minhas costas, desabotoando meu sutiã com uma facilidade que me leva a pensar em quantas vezes deve ter feito isso. Afasto esses pensamentos da cabeça, e Hardin baixa as alças até meus braços, fazendo-me tirá-lo. Arremessando meu sutiã para fora da cama, ele põe as mãos de novo dentro da camiseta e pega meus seios. Seus dedos beliscam de leve meus mamilos quando ele se inclina para a frente para me beijar. Solto um gemido com a boca colada à dele e baixo a mão outra vez para segurá-lo.

“Ah, Tessa, eu vou gozar”, ele diz, e sinto minha calcinha ficar ainda mais molhada, apesar de ele estar tocando apenas meu peito. Acho que estou prestes a gozar também, só de sentir seus gemidos e suas carícias leves nos meus seios. Suas pernas ficam rígidas, e ele abre um pouco mais a boca enquanto me beija. Suas mãos despencam ao lado do corpo, e quando sinto a umidade se espalhar por sua cueca tiro minha mão de lá. Nunca tinha feito ninguém gozar. Meu peito fica em chamas, inflado por uma estranha sensação de que agora estou mais perto de me tornar uma mulher. Olho para a mancha úmida na cueca de Hardin e me admiro com o controle que tenho sobre ele. Adoro saber que posso lhe proporcionar prazer da mesma forma como faz comigo.

Hardin joga a cabeça para trás e respira fundo. Continuo sentada sobre ele, sem saber o que fazer. Depois de alguns instantes, ele abre os olhos e ergue a cabeça para me olhar. Um sorriso preguiçoso se abre em seu rosto, e ele se inclina para a frente para me beijar na testa.

“Nunca gozei desse jeito antes”, ele comenta, e eu fico toda sem graça.

“Foi tão ruim assim?”, pergunto, tentando sair de cima dele. Hardin me segura.

“Quê? Não, foi bom demais. Geralmente preciso de muito mais do que uma esfregadinha por cima da cueca.”

Sinto uma incômoda pontada de ciúme. Não quero pensar nas outras meninas que proporcionaram a Hardin essa mesma sensação. Ele aproveita meu silêncio para envolver meu rosto entre as mãos, passando os polegares pelas minhas têmporas. Meu conforto é saber que as outras precisaram fazer mais do que eu, mas o que gostaria de verdade é que não houvesse outras. Não sei por que me

sinto assim. As coisas entre nós ainda não estão resolvidas.

Nunca vamos poder namorar ou ter algo mais, então preciso viver o

momento, curtir o fato de estarmos juntos. Solto uma risadinha ao pensar nisso. Não sou do tipo que “vive o momento”, de forma nenhuma.

“O que você está pensando?”, ele pergunta, mas balanço a cabeça em um gesto de negação. Não quero confessar meu ciúme. É uma coisa sem sentido, e não estou disposta a falar sobre isso.

“Ah, qual é, Tessa, me conta”, ele insiste, e eu faço que não com a cabeça de novo. Em um gesto que aparentemente não combina em nada com ele, Hardin me segura pela cintura e começa a me fazer cócegas. Solto um grito em meio às gargalhadas e caio sobre a cama. Ele continua com as cócegas até eu não conseguir respirar. Sua risada ecoa pelo quarto, e é o som mais maravilhoso que já ouvi. Nunca tinha visto Hardin gargalhar daquela maneira, e alguma coisa me diz que ninguém viu. Apesar de seus muitos defeitos, considero-me uma pessoa de sorte por poder dividir um momento como esse com ele.

“Tudo bem… tudo bem! Eu conto!”, digo com um gritinho agudo, e ele para.

“Muito bem”, ele diz. Mas, olhando para abaixo, acrescenta: “Só espera um pouquinho. Preciso trocar de cueca”.

Fico toda vermelha.



34

Hardin vai até a cômoda, abre a primeira gaveta, pega uma cueca xadrez azul e branca e a ergue no ar fazendo uma careta.

“O que foi?”, pergunto, apoiando a cabeça no cotovelo para olhar para ele.

“Esta cueca é horrível”, ele responde.

Dou risada, mas fico contente em saber que existem roupas para ele ali. A mãe de Landon deve ter comprado tudo aquilo para Hardin, ou então o pai dele. Na

verdade, isso é um pouco triste, já que foi feito na esperança de que Hardin passasse algum tempo por lá.

“Não é tão ruim assim”, digo, e ele revira os olhos. Duvido que alguma coisa vá ficar melhor em Hardin do que sua cueca preta habitual, mas não consigo imaginar nada que possa ficar feio nele.

“Bom, é a única opção. Já volto”, ele anuncia, e sai do quarto vestindo apenas a cueca molhada.

Ai, Deus, e se Landon aparecer? Vai ser uma tremenda humilhação para mim.

Preciso procurar Landon de manhã e explicar o que aconteceu. Mas o que posso dizer? Não é o que parece. A gente estava conversando, e eu concordei em passar a noite aqui, e de alguma forma acabei só de calcinha e camiseta, e depois fiz nele a coisa mais próxima que conheço de uma punheta. Não vai soar nada bem.

Deito a cabeça nas almofadas e fico olhando para o teto. Até penso em levantar e olhar meu celular, mas acho melhor não. A última coisa que quero agora é ver uma mensagem de Noah. Ele deve estar surtando, mas, sinceramente, desde que não conte nada para minha mãe, não estou nem aí.

Sendo bem sincera, já não sinto a mesma coisa por Noah desde que beijei Hardin pela primeira vez.

Sei que amo meu namorado e sempre amei. Mas estou começando a questionar se sou mesmo apaixonada por ele a ponto de querer passar o resto da vida ao seu lado, ou se o que sinto tem mais a ver com o fato de ele ser uma presença que traz estabilidade à minha vida. Noah sempre esteve por perto para me oferecer seu apoio, e em teoria somos perfeitos um para o outro, mas não posso ignorar a maneira como me sinto quando estou com Hardin. É uma coisa que nunca experimentei antes. E não só quando estamos nos agarrando. Sinto um frio na barriga só de saber que Hardin está me olhando, fico morrendo de vontade de vê-lo mesmo quando estou irritadíssima com ele, e sua presença sempre acaba dominando meus

pensamentos mesmo quando estou tentando convencer a mim mesma de que o odeio.

Hardin me conquistou, por mais que eu me esforce para negar isso. Estou na cama com ele, e não com Noah. A porta se abre e interrompe meus pensamentos. Levanto a cabeça, vejo Hardin com a cueca xadrez e dou uma risadinha. Ficou meio grande e é bem mais comprida que a dele, mas mesmo assim está bonito.

“Gostei.” Abro um sorriso, e ele me olha feio antes de apagar a luz e ligar a televisão. Ele volta para a cama e se deita bem perto de mim.

“Então, o que você ia me contar?”, ele pergunta, para minha infelicidade.

Estava torcendo para não voltar a esse assunto. “Não vai querer dar uma de tímida, você acabou de me fazer gozar na cueca”, ele brinca, chegando mais perto de mim. Afundo a cabeça no travesseiro, e ele cai na risada.

Levanto a cabeça, e Hardin põe meu cabelo atrás da orelha antes de me beijar de leve na boca. É a primeira vez que me beija com tanto carinho e com uma intimidade maior do que em qualquer beijo de língua. Ele apoia a cabeça na almofada e muda de canal. Quero ficar abraçada com ele até cair no sono, mas acho que Hardin não é do tipo que gosta de dormir de conchinha.

Quero ser uma pessoa melhor para você, Tess. As palavras de Hardin voltam à minha mente, e fico me perguntando se foi mesmo uma afirmação sincera ou só conversa de bêbado.

“Você ainda está bêbado?”, pergunto, apoiando a cabeça em seu peito. Ele fica imóvel, mas pelo menos não me afasta para longe.

“Não, acho que aquela gritaria lá no quintal me deixou sóbrio”, ele responde. Uma de suas mãos segura o controle remoto, e a outra fica estranhamente erguida no ar, como se ele não soubesse o que fazer com ela.

“Bom, pelo menos alguma coisa boa aconteceu por causa disso.”

Ele vira a cabeça para me olhar. “É, acho que sim”, ele diz, colocando por fim a mão nas minhas costas. Ficar abraçada com ele é incrível. Por mais terríveis que forem as coisas que ele vai me dizer amanhã, esse momento ninguém pode me tirar. É meu novo lugar favorito no mundo, com a cabeça no peito dele e seu braço nas minhas costas.

“Acho que gosto mais do Hardin bêbado”, falo em meio a um bocejo.

“É mesmo?”, ele pergunta, virando-se outra vez para me olhar.

“Talvez”, provoco, fechando os olhos.

“Você é muito ruim em tentar mudar de assunto. Conta logo.”

Acho melhor fazer isso mesmo. Sei que ele não vai desistir.

“Bom, eu estava pensando em todas as meninas com quem você… tipo, fez essas coisas.” Tento esconder o rosto em seu peito, mas ele larga o controle remoto na cama e puxa meu queixo para me encarar.

“Por que estava pensando nisso?”

“Sei lá… porque não tenho experiência nenhuma, e você tem um monte. E

isso inclui até Steph”, respondo. A imagem dos dois juntos me vem à mente e revira meu estômago.

“Você está com ciúme, Tess?”, ele questiona em um tom bem-humorado.

“Não, claro que não”, minto.

“Então tudo bem se eu contar alguns detalhes?”

“Não! Por favor, não!”, imploro, e ele dá uma risadinha e me abraça com mais força.

Hardin não fala mais sobre isso, e fico aliviadíssima. Não suportaria ouvir os detalhes de suas transas. Sinto meus olhos pesados e tento me concentrar na televisão. Estou me sentindo tão confortável em seus braços…

“Você não vai dormir, né? Ainda está cedo”, eu o ouço dizer em meio à névoa do sono.

“Ah, é?” Devem ser no mínimo duas da manhã. Cheguei por volta das nove.

“É meia-noite ainda.”

“Isso não é cedo.” Solto outro bocejo.

“Para mim é. Além disso, quero retribuir o favor.”

Quê?

Ah.

Minha pele começa a formigar.

“Você também quer que eu retribua, não é?”, ele provoca, e eu engulo em seco. Claro que quero. Olho para ele, tentando esconder meu sorriso ansioso.

Hardin percebe e, com um movimento fluido e delicado, vira-me de barriga para cima para ficar sobre mim, apoiando o peso do corpo em um dos braços enquanto sua outra mão começa a descer. Levo a perna até o lado de seu corpo, e quando dobro o joelho sinto sua mão me alisando do tornozelo até a coxa.

“Tão macia”, ele comenta, repetindo o movimento. Ele me dá um apertão de leve na coxa, e minha pele se arrepia em uma fração de segundo. Hardin se inclina e dá um beijo no meu joelho. Minha perna se mexe em um sobressalto. Ele a segura e a enlaça com o braço, dando risada.

O que ele vai fazer? A espera está me deixando maluca.

“Quero sentir seu gostinho, Tessa”, ele diz, cravando os olhos em mim para observar minha reação.

Minha boca fica seca no ato. Por que ele está pedindo para me beijar se sabe que pode fazer isso sempre que quiser? Deixo os lábios entreabertos e aguardo pelo beijo.

“Não. Aqui embaixo”, ele explica, colocando a mão no meio das minhas pernas. Minha falta de experiência deve ser uma coisa estranha para Hardin, mas pelo menos ele se esforça para conter o riso. Enrugo a testa, e ele me toca com o dedo por cima da calcinha, fazendo-me respirar fundo.

Acariciando levemente meu sexo, ele continua me olhando nos olhos.

“Você já está toda molhadinha pra mim.” Sua voz parece mais áspera que o normal. Sinto seu hálito quente na minha orelha; ele passa a língua nela.

“Fala comigo, Tessa. Diz o quanto você quer.” Ele dá um sorrisinho malicioso, e eu me contorço toda quando ele aplica mais pressão na minha região mais sensível.

Não consigo dizer nada porque meu corpo está inflamado pelo seu toque.

Depois de mais alguns segundos, ele tira a mão, e solto um resmungo de protesto.

“Eu não queria que você parasse”, reclamo.

“Você ficou aí quieta”, ele esbraveja, e eu me encolho toda. Não é esse o Hardin que eu quero. Quero o Hardin sorridente e brincalhão.

“Não dava pra perceber?”, pergunto, levantando a cabeça.

Hardin se inclina para trás e se senta sobre minhas coxas, mantendo o peso de seu corpo sobre os joelhos separados. Ele passa os dedos pelas minhas coxas, e meu corpo imediatamente responde a esse gesto, remexendo meus quadris para me aproximar dos seus.

“Então fala”, pede Hardin. Ele sabe muito bem que eu quero. Só está me pedindo para dizer isso claramente. Faço que sim com a cabeça, mas ele balança o dedo de um lado para o outro.

“Nada de balançar a cabeça, você precisa me dizer o que está querendo, linda”, ele insiste, começando a se afastar. Mentalmente, avalio os prós e os contras da situação. A humilhação de pedir a Hardin que… que me beije lá embaixo é maior que o prazer que posso sentir com isso? Se for ao menos parecido com o que Hardin fez com os dedos no outro dia, sei que vale a pena. Estendo o braço e ponho a mão em seu ombro para que ele não saia de cima das minhas pernas.

“Eu quero que você faça”, digo, aproximando-me dele.

“Você quer que eu faça o quê, Theresa?” Só pode ser brincadeira. Ele sabe exatamente do que estou falando.

“Você sabe… que você me beije”, respondo, e o sorriso dele se escancara.

Hardin se inclina para a frente e me dá um selinho. Reviro os olhos, e ele repete o gesto.

“Era isso que você queria?”, ele pergunta com um sorrisinho, e dou um tapa em seu braço. Hardin vai mesmo me fazer implorar.

“Que você me beije… lá embaixo.” Fico toda vermelha e cubro o rosto com as mãos. Ele as afasta, aos risos, e eu fecho a cara. “Você está me deixando sem graça de propósito”, esbravejo. Ele continua segurando minhas mãos.

“Não quero deixar você sem graça. Só quero que me diga o que quer que eu faça.”

“Esquece, Hardin”, digo, soltando um suspiro. Porque eu estou, sim, muito sem

graça, e talvez meus hormônios enlouquecidos estejam mesmo

confundindo meus sentimentos, mas a verdade é que a vontade passou, e estou irritada com o egoísmo dele e com aquela mania constante de me provocar. Reviro os olhos, deito de lado, dando as costas para Hardin, e entro embaixo das cobertas.

“Ei, desculpa”, ele diz, mas eu ignoro. Tenho certeza de que uma parte de mim está aborrecidíssima com o fato de Hardin ter me transformado em uma típica adolescente guiada apenas pelos hormônios.

“Boa noite, Hardin”, resmungo, e ele suspira. Em seguida, murmura bem baixinho algo que me parece “Tudo bem”, mas não peço para ele repetir.

Fecho os olhos com força e tento pensar em outra coisa que não seja a língua de Hardin, ou seu braço apoiado sobre meu corpo enquanto não durmo.



35

Estou com calor, muito calor. Tento tirar as cobertas, mas não consigo.

Quando abro os olhos, a noite anterior volta com tudo à minha mente: Hardin gritando comigo no quintal, seu hálito de uísque, os cacos de vidro na cozinha, Hardin me beijando, gemendo quando o toquei, sua cueca molhada. Tento me levantar, mas ele é pesado demais. Sua cabeça está apoiada no meu peito, e seu braço envolve minha cintura, mantendo seu corpo colado ao meu. Não sei como fomos parar nessa posição. Ele deve ter feito isso enquanto dormia. Sou obrigada a admitir que não quero sair da cama, não quero sair de perto de Hardin, mas é preciso. Tenho que voltar para meu quarto. Noah está lá. Noah. Noah.

Empurro Hardin com cuidado pelo ombro, fazendo-o se deitar de barriga para cima. Ele vira de bruços e solta um resmungo, mas não acorda.

Com gestos apressados, fico de pé e recolho minhas roupas do chão. Como a covarde que sou, quero estar longe dali quando Hardin acordar. Não que isso faça diferença para ele. Na verdade, só vai poupá-lo do trabalho de gastar energia me magoando de propósito para eu ir embora. Assim é melhor para nós

dois. Apesar do tanto que rimos juntos ontem, tudo fica diferente à luz do dia. Hardin vai se lembrar do quanto nos divertimos e vai sentir a necessidade de ser ainda mais grosseiro para compensar. É isso que ele sempre faz, mas dessa vez não vou estar por perto. Por um segundo ontem à noite cheguei a pensar que talvez aquela experiência o fizesse mudar de ideia e querer passar mais tempo comigo. Mas sei que isso é impossível.

Dobro sua camiseta, guardo na gaveta da cômoda e visto minha saia.

Minha camisa está toda amarrotada depois de passar a noite no chão, mas essa está longe de ser minha maior preocupação no momento. Calço os sapatos e, quando ponho a mão na maçaneta, me pego pensando: Uma última olhadinha não vai fazer mal.

Olho de novo para Hardin, que está dormindo. Seus cabelos despenteados se espalham pelo travesseiro e seu braço está caído para fora da cama. Seu rosto está lindo e pacífico, apesar dos piercings cravados na pele.

Eu me viro e abro a porta.

“Tess?”

Meu coração dispara. Viro-me com movimentos lentos, à espera de ver os olhos verdes implacáveis de Hardin me encarando, mas eles estão fechados.

Apesar da testa franzida, ele ainda está dormindo. Não sei se fico aliviada por isso ou abalada com o fato de ele ter dito meu nome enquanto dormia. Foi isso mesmo que ele fez ou agora também estou ouvindo coisas?

Saio do quarto e fecho a porta silenciosamente atrás de mim. Não faço ideia de como sair da casa. Vou andando pelo corredor e felizmente consigo encontrar a escada sem dificuldade. Quando começo a descer os degraus, quase dou um encontrão em Landon. Meu coração se acelera quando tento encontrar alguma coisa para dizer. Seus olhos esquadrinham meu rosto, mas ele permanece em silêncio, à espera de uma explicação, talvez.

“Landon… Eu…” Na verdade, não faço ideia do que dizer.

“Você está bem?”, ele pergunta, preocupado.

“Estou, sim. Você deve estar pensando que…”

“Não estou pensando nada. Agradeço muito por ter vindo. Sei que não gosta do Hardin, mas sua presença aqui foi fundamental para mantê-lo sob controle.”

Ai, ele é tão bonzinho. Bonzinho até demais. Quase chego a sentir vontade que ele me diga que está enojado porque passei a noite aqui, deixando meu namorado sozinho no meu quarto depois de pegar seu carro e vir socorrer Hardin, só para poder me sentir tão culpada quanto deveria.

“Então você e Hardin são amigos de novo?”, ele pergunta, e eu dou de ombros.

“Não faço ideia do que somos. Nem sei o que estou fazendo. É que ele…

ele…” Caio no choro. Landon me envolve em seus braços e me oferece um abraço afetuoso e alentador.

“Está tudo bem. Sei que às vezes ele é terrível”, Landon diz baixinho.

Espera aí… ele deve pensar que estou chorando porque Hardin me maltratou.

Não deve nem imaginar que estou chorando por causa do que sinto por Hardin.

Preciso ir embora antes de arruinar o bom juízo que Landon faz de mim e antes que Hardin acorde. “Preciso ir. Noah está me esperando”, aviso, e Landon abre um sorriso antes de se despedir de mim.

Pego o carro e volto para o campus o mais depressa possível, chorando durante quase todo o trajeto. Como posso explicar tudo para ele? Sei que é isso que preciso fazer — não posso mentir para Noah. Não consigo nem imaginar quão magoado vai ficar.

Sou uma péssima pessoa por fazer isso com ele. Por que não consigo ficar longe de Hardin?

Tento me acalmar o máximo possível antes de entrar no estacionamento dos estudantes. Vou andando devagar, sem saber como encarar meu namorado.

Quando abro a porta do quarto, encontro Noah deitado na minha cama, olhando para o teto. Ele leva um susto quando me vê entrar.

“Pelo amor de Deus, Tessa! Você ficou fora a noite toda! Liguei um monte de vezes!”, ele grita. É a primeira vez que Noah levanta a voz para mim. Já brigamos antes, mas dessa vez chego a ficar assustada.

“Desculpe, Noah. Fui até a casa do Landon porque Hardin estava bêbado e quebrando as coisas, e acho que perdi a noção do tempo. Quando terminamos de arrumar tudo, já estava bem tarde, e meu celular ficou sem bateria”, minto.

Não acredito que estou mentindo para ele — uma pessoa que sempre esteve do meu lado. Sei que preciso contar tudo, mas não tenho coragem de magoá-lo.

“Por que você não usou outro telefone?”, Noah insiste, mas então fica em silêncio. “Esquece… o Hardin estava quebrando as coisas? Você está bem?

Por que continuou lá se ele estava sendo violento?”

Fico desorientada com tantas perguntas sendo despejadas sobre mim ao mesmo tempo.

“Ele não estava sendo violento, só estava bêbado. Hardin jamais ia me machucar”, digo, e imediatamente levo a mão à boca, desejando nunca ter pronunciado aquelas últimas palavras.

“Como assim, ele jamais ia machucar você? Nem conhece esse sujeito, Tessa”, ele esbraveja e dá um passo na minha direção.

“Só estou dizendo que sei que ele não ia me agredir. Pelo menos disso tenho certeza. Eu estava tentando ajudar Landon, que aliás estava lá comigo”, explico.

Por outro lado, sei que, em termos emocionais, Hardin seria bem capaz de me machucar — ele inclusive já fez isso, e com certeza vai tentar de novo.

Mesmo assim estou falando em sua defesa.

“Pensei que você fosse parar de andar com esse tipo de gente. Não foi isso que prometeu para mim e para sua mãe? Esse pessoal não faz bem para você, Tessa. Você começou a beber e a passar a noite fora, me deixou aqui plantado… Não sei nem por que me chamou para vir se era para fazer isso.”

Ele se senta na cama e esconde a cabeça entre as mãos.

“Eles são legais, é que você não conhece ninguém direito ainda. E desde quando você julga as pessoas desse jeito?”, pergunto. Na verdade, eu deveria estar pedindo perdão de joelhos pela maneira como o tratei, mas é impossível não me irritar com a forma como ele fala dos meus amigos.

Principalmente de Hardin, meu subconsciente me lembra, deixando-me ainda mais aborrecida.

“Não estou julgando ninguém, mas pensei que você jamais fosse querer andar com esses góticos.”

“Quê? Eles não são góticos, Noah, só estão tentando ser eles mesmos”, retruco, tão surpresa com meu tom de contrariedade quanto Noah.

“Bom, não estou gostando nada dessa história… eles estão mudando você.

Não vejo mais a Tessa por quem me apaixonei.” Percebo pelo seu tom de voz que ele não está falando isso por mal. Só está triste.

“Bom, Noah…”, começo a dizer, e a porta se abre. Meus olhos desviam de Noah e deparam com um Hardin furioso entrando no meu quarto.

Olho para ele, para Noah, e de novo para ele. Isso não tem como terminar bem.



36

“O que você está fazendo aqui?”, pergunto a Hardin, apesar de não querer ouvir a resposta, principalmente na frente de Noah.

“O que você acha? Você saiu de fininho enquanto eu dormia… O que foi aquilo?!”, ele esbraveja. Prendo a respiração ao ouvir sua voz ecoar pelas paredes. O rosto de Noah se contorce de raiva, e percebo que ele está começando a montar as peças do quebra-cabeça.

Eu me sinto dividida entre a necessidade de contar a Noah o que está acontecendo e a de explicar a Hardin por que fui embora.

“Responde!”, Hardin berra, ficando bem na minha frente. Fico surpresa quando

Noah se coloca entre nós.

“Não grita com ela!”, ele diz.

Fico paralisada quando o rosto de Hardin se contorce de raiva. Por que ele está tão bravo? Ontem à noite estava tirando sarro da minha falta de experiência e teria me enxotado de lá hoje de manhã de qualquer forma.

Preciso dizer algo antes que a coisa desande de vez.

“Hardin… por favor, não faz isso agora”, imploro. Se ele for embora, posso tentar explicar a Noah o que está acontecendo.

“Isso o quê, Theresa?”, Hardin pergunta, afastando-se de Noah. Espero que Noah mantenha distância dele. Duvido que Hardin pense duas vezes antes de partir para a briga. Noah está em boa forma por causa do futebol, principalmente levando em conta a magreza de Hardin, mas não tenho dúvidas de que Hardin se garante.

O que está acontecendo com a minha vida? Por que preciso me preocupar com uma briga entre Noah e Hardin?

“Hardin, vai embora, por favor, conversamos mais tarde”, peço, tentando amenizar a situação.

Mas Noah balança a cabeça em um gesto negativo. “Conversar sobre o quê? O que está acontecendo, Tessa?”

Ai, Deus.

“Conta para ele. Vai em frente, conta”, provoca Hardin.

Não acredito que ele está fazendo isso. Sei que pode ser bem maldoso quando quer, mas isso rebaixa a coisa a um nível totalmente diferente.

“Contar o quê, Tessa?”, questiona Noah, e sua postura agressiva em relação a Hardin se desfaz um pouco quando ele se volta para mim.

“Nada, só o que você já sabe, que passei a noite na casa do Hardin e do Landon”, minto. Tento encarar Hardin na esperança de que se cale, mas ele desvia

imediatamente o olhar.

“Conta para ele, Tessa, ou então conto eu”, Hardin diz com um grunhido.

Está tudo perdido. Sei que não adianta mais tentar esconder, e começo a chorar. Mas quero que Noah ouça tudo da minha boca, e não do cretino arrogante que puxou o assunto. Eu me sinto muito mal, mas não por minha causa, e sim por Noah. Ele não merece isso, e estou envergonhada pela maneira como o tratei e pelas confissões que vou ser forçada a fazer na frente de Hardin. “Noah… Eu… Eu e Hardin… A gente…”, começo.

“Ah, meu Deus”, Noah murmura, e seus olhos se enchem de lágrimas.

Como eu pude fazer isso com ele? O que estava pensando? Noah é uma pessoa boa, e Hardin consegue ser cruel a ponto de me obrigar a partir seu coração e ainda ficar por perto para assistir à cena.

Noah leva as mãos à testa e balança a cabeça. “Como pôde fazer isso, Tessa? Depois de tudo por que passamos? Quando foi que isso começou?”

Lágrimas escorrem de seus olhos azuis. Nunca me senti tão mal na vida — a causa das lágrimas sou eu. Olho para Hardin, e meu ódio por ele me consome com tamanha força que dou um empurrão nele em vez de responder à pergunta de Noah. Pego de surpresa, Hardin cambaleia para trás, mas consegue se equilibrar e evitar a queda.

“Noah, desculpa. Não sei onde estava com a cabeça.” Vou correndo até meu namorado e tento abraçá-lo, mas ele recusa meu toque. E com toda a razão. Sendo bem sincera, não tenho sido uma boa namorada faz tempo. Não sei o que estava pensando. Provavelmente alguma coisa idiota, como Hardin se tornar uma pessoa decente e virar meu namorado depois que eu terminasse com Noah… Eu não podia ser mais idiota. Ou então pensei que conseguiria manter distância de Hardin, e assim Noah jamais ficaria sabendo o que aconteceu. O problema é que não consigo ficar longe de Hardin. Sou como uma mariposa atraída pela luz, e ele sempre faz questão de me queimar. Ambas as ideias eram cretinas e ingênuas, mas não consigo fazer uma escolha certa desde que conheci Hardin.

“Também não sei onde você estava com a cabeça”, responde Noah, com um olhar de lamento e mágoa estampado nos olhos. “Acho que nem sei mais quem é você.”

Depois de dizer isso, ele sai do meu quarto. E da minha vida.

“Noah, por favor! Espera!”, grito, e saio atrás dele, mas Hardin me pega pelo braço e tenta me segurar.

“Não encosta em mim! Você é inacreditável! Isso foi muito baixo, Hardin, até mesmo para você”, digo aos gritos e livro meu braço de seu toque. Dou mais um empurrão nele, com força. Eu nunca tinha atacado ninguém na minha vida antes, e isso me faz odiá-lo ainda mais.

“Se você for atrás dele, eu desisto”, ele diz, deixando-me boquiaberta.

“Você desiste? Desiste do quê, porra? De brincar com meus sentimentos?

Odeio você!” Como ele não merece nem minha raiva, eu me acalmo e acrescento em um tom mais controlado: “Você não tem como desistir de uma coisa que nunca começou”.

Ele deixa as mãos caírem ao lado do corpo e abre a boca, mas não diz nada.

“Noah!”, grito, e saio correndo porta afora. Percorro às pressas o corredor e chego ao gramado, mas só consigo alcançá-lo já no estacionamento. Ele acelera o passo.

“Noah, por favor, me escuta. Lamento muito, muito mesmo. Eu bebi. Sei que isso não serve como desculpa, mas…” Eu me interrompo para enxugar as lágrimas, e a expressão dele se atenua.

“Não quero mais ouvir você…”, ele diz. Seus olhos estão vermelhos. Tento segurar sua mão, mas ele a afasta de mim.

“Noah, por favor, desculpa. Me perdoa. Por favor.” Não posso perdê-lo.

Simplesmente não posso.

Ele abre a porta do carro, passa a mão pelos cabelos bem penteados e se vira para mim. “Preciso de um tempo, Tessa. No momento nem sei mais o que pensar.”

Solto um suspiro e admito minha derrota, sem saber o que dizer. Ele só precisa

de um tempo para superar tudo isso, então tudo vai voltar ao normal. Ele só precisa de um tempo, fico repetindo para mim mesma.

“Eu te amo, Tessa”, Noah diz, e me pega de surpresa com um beijo na testa antes de entrar no carro e ir embora.



37

Sendo a pessoa asquerosa que é, Hardin ainda está no meu quarto quando volto, sentado na minha cama. Imagens minhas pegando um abajur e quebrando na cabeça dele surgem na minha mente, mas no momento não tenho energia suficiente para brigar.

“Não vou pedir desculpas”, Hardin avisa quando passo por ele a caminho da cama de Steph. Recuso-me a sentar na minha cama com ele lá.

“Eu sei”, digo antes de me deitar.

Não vou me deixar levar para outra briga, nem quero que ele se desculpe.

Eu o conheço bem demais para isso. Mas, pensando bem, não sei nada sobre ele. Ontem à noite Hardin era só um menino revoltado por ter sido abandonado pelo pai e usava esse ressentimento como escudo para manter as pessoas à distância. Hoje de manhã, eu o vejo como uma pessoa terrível e odiosa. Não existe nada de bom em Hardin. Se em algum momento acreditei que existia, foi só porque me deixei enganar por ele.

“Ele precisava saber”, afirma Hardin.

Mordo meu lábio para segurar o choro. Fico em silêncio até ouvir Hardin se levantar e vir na minha direção. “Vá embora, Hardin”, peço, mas quando olho o vejo de pé ao meu lado. Quando ele se senta na cama, eu me levanto em um pulo.

“Ele precisava saber”, Hardin repete, e a raiva borbulha dentro de mim. Sei que só está querendo me provocar.

“Por quê, Hardin? Por que ele precisava saber? Me diz o que isso trouxe de bom

além de magoar Noah. Para você não faz diferença se ele sabia ou não…

você podia continuar sua vida normalmente se tivesse mantido a boca fechada. Não tinha o direito de fazer isso com ele, nem comigo.” Sinto as lágrimas brotarem outra vez e não consigo segurá-las.

“Se eu fosse ele, ia querer saber”, Hardin diz com um tom de voz frio e impassível.

“Mas você não é ele e nunca vai ser. Fui burra de pensar que você poderia ser como ele. Aliás, desde quando se preocupa com o que é certo ou errado?”

“Nem tente me comparar com ele”, Hardin esbraveja, deixando-me ainda mais irritada por não responder à minha pergunta e ainda distorcer o que estou dizendo. Ele se levanta e tenta se aproximar de mim, mas eu me

encolho do outro lado da cama.

“Não existe comparação. Ainda não deu para entender? Você é um babaca cruel e asqueroso que não está nem aí para ninguém além de si mesmo. E

ele… ele me ama. Está tentando me perdoar pelos meus erros.” Olho bem em seus olhos. “Meus erros terríveis”, acrescento.

Hardin dá um passo para trás como se eu o tivesse empurrado. “Perdoar você?”

“É, ele vai me perdoar por isso. Sei que vai. Porque ele me ama, então seu plano patético de tentar fazer eu terminar na sua frente, enquanto você fica dando risada, não funcionou. Agora sai do meu quarto.”

“Não foi isso que… eu…”, ele começa, mas o interrompo. Já perdi tempo demais com Hardin.

“Fora daqui! Sei que você já deve estar tramando seu próximo golpe contra mim, mas adivinha só, Hardin? Não vai mais funcionar. Agora dá o fora do meu quarto, porra!” Fico surpresa com a aspereza das minhas próprias palavras, mas não me sinto mal em usá-las.

“Não é nada disso, Tess. Depois de ontem à noite, pensei que… Sei lá, pensei que você e eu…” Ele parece estar tropeçando nas próprias palavras, o que para

mim é inédito. Parte de mim, uma parte nada pequena, está ansiosa para ouvir o que Hardin vai dizer, mas foi assim que comecei a me envolver.

Hardin sabe como usar minha curiosidade contra mim, e para ele tudo não passa de um jogo. Limpo meus olhos com gestos furiosos, aliviada por não ter passado maquiagem ontem à noite.

“Você não acha que vou acreditar nessa conversa, né? Vai me dizer que sente alguma coisa por mim?”

Preciso parar de discutir, e ele precisa ir embora antes de cravar suas garras ainda mais em mim.

“Claro que sinto, Tessa. Por sua causa eu…”

“Não! Eu não quero ouvir nada disso, Hardin. Sei que é tudo mentira, uma forma doentia de se divertir. Só para me fazer acreditar que sente por mim o mesmo que eu sinto por você e depois puxar meu tapete. Já entendi tudo e não vou mais entrar nessa.”

“O mesmo que você sente por mim? Está me dizendo que você… você sente alguma coisa por mim?” Algo parecido com uma esperança surge em seus olhos. Ele é um ator muito melhor do que eu imaginava.

Hardin sabe que sim, não é possível que não saiba. Por que razão eu manteria aquela relação nada saudável? Dominada por um medo que nunca havia experimentado, percebo que mal consigo admitir meus sentimentos por Hardin para mim mesma, e ainda assim estou tratando do assunto abertamente, expondo-me mais do que nunca à crueldade dele.

Sinto minhas barreiras serem demolidas uma a uma pela maneira como Hardin me olha, mas não posso deixar isso acontecer. “Vai embora, Hardin.

Não vou pedir de novo. Se não sair daqui, vou chamar o segurança.”

“Tess, por favor, responde”, ele implora.

“Não me chame de Tess. Só minha família, meus amigos e as pessoas que gostam de mim de verdade podem me chamar assim… Agora sai daqui!”, grito, muito mais alto do que pretendia. Preciso que ele saia, que se afaste de mim.

Detesto quando Hardin me chama de Theresa, mas detesto ainda mais quando me chama de Tess. Alguma coisa na maneira como seus lábios se mexem ao dizer isso o faz parecer alguém tão íntimo, tão adorável… Droga, Tessa. Pare com isso.

“Por favor, eu preciso saber se…”

“Que fim de semana foi esse, amiguinhos? Estou acabada!”, anuncia Steph ao entrar no quarto, fingindo um cansaço exagerado. Porém, quando percebe meu rosto lavado de lágrimas, ela detém o passo e estreita os olhos na direção de Hardin.

“O que está acontecendo? O que você fez?”, ela grita. “Cadê o Noah?”, Steph pergunta, olhando para mim.

“Ele foi embora, e o Hardin também está de saída”, respondo.

“Tessa…”, Hardin insiste.

“Steph, por favor, pede pra ele ir embora”, suplico, e ela faz um aceno de cabeça. A boca de Hardin se contorce de irritação quando percebe que estou usando Steph contra ele. Devia estar pensando que ia conseguir me prensar contra a parede outra vez.

“Vamos lá, garotão”, ela diz, segurando-o pelo braço e o arrastando porta afora.

Fico olhando para a parede até ver a porta se fechar e imediatamente começo a ouvir a voz dos dois no corredor.

“Qual é, Hardin? Falei pra você não fazer isso. Ela é minha colega de quarto e é diferente das meninas com quem você está acostumado. Ela é meiga, inocente e, sinceramente, não é pro seu bico.”

Fico satisfeita e surpresa pela maneira como ela sai em minha defesa. Mas isso não é suficiente para aplacar o aperto que sinto no peito. Meu coração está doendo, literalmente. Pensei que sabia o que era um coração partido depois da noite com Hardin no riacho, mas aquilo não foi nada em comparação com o que estou sentindo agora. Por mais que eu deteste admitir isso, passar a noite com Hardin só fortaleceu meu sentimento por ele. Ouvir sua risada enquanto me fazia cócegas, a forma carinhosa como me beijou, seus braços tatuados me

envolvendo, a maneira como fechou os olhos quando percorri sua pele com os dedos, tudo isso fez com que eu ficasse ainda mais caidinha por ele. Esses momentos de intimidade fizeram crescer minha estima por Hardin, mas também fizeram meu sofrimento ser muito maior. Além disso, magoei Noah de tal maneira que só me resta rezar para que ele me perdoe.

“Não é nada disso.” Quando está irritado, o sotaque de Hardin se torna mais evidente e suas palavras, mais incisivas.

“Não é o cacete, Hardin, conheço você. Vai procurar outra pra atormentar.

Tem um monte de meninas por aí. Ela não é a pessoa certa pra você. Além de ter namorado, não sabe como lidar com esse tipo de situação.”

Fico incomodada de ouvi-la sugerir que sou sensível demais, uma pessoa frágil ou coisa do tipo, mas acho que ela tem razão. Não faço outra coisa além de chorar desde que conheci Hardin, e agora ele tentou arruinar meu relacionamento com Noah. Não tenho estômago para manter uma relação puramente física e sem compromisso com alguém, por melhor que isso seja.

O respeito que tenho pelo meu corpo não permite isso, e sou sentimental demais.

“Tudo bem. Vou ficar longe dela. Mas nada de aparecer com ela de novo nas festas lá em casa”, ele esbraveja, e escuto seus passos se afastando, pisando duro. Já no fim do corredor, volto a ouvir sua voz, aos gritos: “Estou falando sério, não quero mais que ela apareça na minha frente. Se isso acontecer, acabo com ela”.



38

Steph entra no quarto e me dá um abraço. É estranho constatar que bracinhos tão magros e finos podem ser tão reconfortantes.

“Obrigada por tirar Hardin daqui”, digo entre soluços, e ela me abraça com mais força. As lágrimas escorrem em abundância e sem previsão de parar tão cedo.

“Hardin é meu amigo, mas você também é, e não quero te ver chateada por

causa dele. Desculpa, é tudo culpa minha. Sabia que era melhor dar a chave reserva para o Nate, não devia ter deixado que o Hardin viesse aqui a qualquer hora. Ele é bem desagradável às vezes."

"Não, a culpa não é sua de jeito nenhum. E sou eu que preciso pedir desculpas, por atrapalhar a amizade de vocês."

"Até parece", ela diz.

Afasto-me do seu abraço e contemplo a expressão de preocupação em seu rosto. Ainda bem que ela está aqui. Steph nem imagina o quanto sou grata por sua presença. Estou me sentindo absolutamente sozinha: Noah pediu um tempo para decidir se continua ou não comigo, Hardin é um imbecil, minha mãe ia surtar se conversássemos sobre isso, e Landon ficaria decepcionadíssimo se descobrisse o quanto estou envolvida com Hardin. Eu literalmente não tenho ninguém além dessa menina tatuada, de cabelos de fogo, de quem jamais imaginaria ser amiga algum dia. Mas estou muito feliz por tê-la aqui comigo.

"Você quer conversar a respeito?"

Preciso tirar tudo isso do meu peito. Conto tudo para ela, desde a primeira vez que beijei Hardin, passando por nosso dia no riacho, até o orgasmo que lhe proporcionei na cama. Conto também que Hardin disse meu nome enquanto dormia antes de destruir toda e qualquer estima que eu poderia sentir por ele quando me obrigou a confessar tudo diante de Noah. Sua preocupação se transformou em choque e depois em tristeza. Minha camisa está encharcada de lágrimas quando termino o relato, e ela segura minha mão.

"Uau, eu nem imaginava que a coisa tinha chegado a esse ponto. Você podia ter me contado logo depois do primeiro beijo. Percebi que estava rolando alguma coisa quando Hardin veio aqui naquele dia que fomos ao cinema. Ele apareceu um minuto depois de a gente se falar no telefone,

então desconfiei que tinha vindo para ver você. Enfim, o Hardin é um cara legal às vezes. Quer dizer, no fundo o problema é que ele não sabe demonstrar afeto da maneira que você quer e precisa, e isso serve para a maioria das outras garotas também. Se eu fosse você, investia no Noah, porque Hardin não serve para ser namorado de ninguém", ela diz, apertando minha mão.

Sei que ela tem razão em tudo o que disse. Mas por que precisa doer tanto

assim?

Como sempre, Landon está encostado na parede de tijolos do lado de fora do café na manhã de segunda-feira. Faço um aceno ao vê-lo e logo reparo em uma mancha roxa em torno de seu olho esquerdo, e quando olho mais de perto vejo um hematoma em sua bochecha também.

“O que aconteceu com seu olho?!”, pergunto, indo correndo até ele.

Quando me dou conta do que está acontecendo, o choque é total e absoluto. “Landon! Foi Hardin que fez isso?”, pergunto com a voz trêmula.

“Foi…”, ele admite, deixando-me horrorizada.

“Por quê? O que aconteceu?” Quero matar Hardin por ter machucado Landon.

“Ele saiu furioso de casa depois que você foi embora e voltou mais ou menos uma hora depois, totalmente enlouquecido. Saiu caçando outras coisas para quebrar, e eu não deixei. Enfim, nós brigamos. Não foi tão ruim, na verdade. Serviu para dissipar uma parte da raiva que existe entre nós dois.

Também acertei umas boas pancadas”, ele conta, orgulhoso.

Fico sem saber o que dizer. Estou espantada com a tranquilidade de Landon ao narrar sua briga com Hardin.

“Tem certeza de que está tudo bem? Tem alguma coisa que eu possa fazer?”, pergunto. Sinto que tudo isso é culpa minha. Hardin estava bravo por minha causa, mas por que descontar em Landon?

“Não, é sério, está tudo bem”, ele sorri.

Enquanto caminhamos até a sala de aula, ele me conta que o pai de Hardin separou a briga, chegando a tempo de impedir que os dois se matassem, e que sua mãe chorou ao descobrir que Hardin tinha quebrado todos os pratos. Apesar de não ter nenhum apego sentimental à porcelana, ela ficou magoada por Hardin ter feito uma coisa daquelas.

“Mas, mudando de assunto, e entrando num muito melhor, a Dakota vai vir me visitar no próximo fim de semana. Ela vai estar aqui para a fogueira!”, ele

anuncia com um sorriso.

“Fogueira?”

“É, você não viu os cartazes espalhados pelo campus? É um evento anual, o início das comemorações de Ano-Novo. Todo mundo vai. Geralmente não curto esse tipo de coisa, mas é bem divertido. Noah também poderia vir.

Podemos ir os quatro juntos.”

Abro um sorriso e balanço a cabeça. Convidar Noah pode ser uma forma de mostrar a ele que também tenho amigos bonzinhos, como Landon. Eu sei que Hardin e Landon — quer dizer, Noah e Landon se dariam muito bem, e estou louca para conhecer Dakota.

Depois que Landon mencionou a fogueira, reparo nos cartazes colados em quase todas as paredes. Acho que estava distraída demais ao longo daquela semana para notar qualquer coisa.

Em pouco tempo chegamos à aula de literatura, e começo a esquadrinhar a sala à procura de Hardin, apesar de meu subconsciente gritar para não fazer isso. Não o vejo, mas sua voz surge na minha mente: acabo com ela.

O que mais ele pode fazer além de me expor na frente de Noah? Não sei, mas fico imaginando essas coisas até Landon interromper meus pensamentos.

“Acho que ele não está aqui. Ouvi Hardin dizer para aquele Zed que ia largar esta aula. Puxa, queria que você visse o olho roxo dele.” Landon sorri para mim, e meus olhos se voltam para a frente da sala.

Sinto vontade de dizer que não estava procurando Hardin, mas é impossível. Ele está com o olho roxo? Espero que esteja bem. Não, na verdade espero que ele esteja morrendo de dor.

“Ah, tá”, murmuro, e começo a mexer na minha camisa.

Landon não menciona mais o nome de Hardin pelo restante da aula.

Durante o resto da semana a mesma coisa se repete: não falo sobre Hardin com ninguém e ninguém fala sobre ele comigo. Tristan continuou aparecendo no

nosso quarto a semana toda, mas isso não me incomoda. Na verdade gosto de Tristan, e ele sempre faz Steph rir, e às vezes até eu, apesar de estar vivendo a pior semana da minha vida. Sem me preocupar muito com a aparência, passei a semana vestindo o que estivesse mais à mão e prendendo o cabelo em um coque. Meu curto flerte com o delineador chegou ao fim e estou de volta à minha rotina normal.

Dormir, ir para a aula, estudar, comer, dormir, ir para a aula, estudar, comer.

Na sexta-feira, Steph está claramente determinada a romper esse ciclo.

“Qual é, Tessa, é sexta. Vem também, depois a gente deixa você aqui antes de ir para a casa do Har… quer dizer, para a festa”, ela pede, mas faço que não com a cabeça. Não estou a fim de fazer nada. Preciso estudar e ligar para minha mãe. Venho evitando os telefonemas dela durante toda a semana e preciso falar com Noah para descobrir se ele já tomou uma decisão. Fiquei quieta no meu canto por toda a semana, mandando apenas algumas mensagens de texto pedindo para ele vir me ver. Queria muito que estivesse comigo na fogueira da sexta que vem.

“Acho que vou deixar para a próxima… Amanhã vou procurar um carro para comprar, então preciso descansar”, minto. Até vou olhar alguns carros amanhã, mas sei que não vou conseguir descansar se ficar aqui sozinha com meus pensamentos, remoendo a indecisão de Noah e a decisão de Hardin de manter distância de mim — que na verdade estou feliz por ele ter tomado. O

único problema é que não consigo tirá-lo da cabeça. Só preciso de mais tempo, fico repetindo para mim mesma.

Mas a maneira como ele se comportou da última vez que nos vimos, como se esperasse alguma coisa de mim, é impossível de esquecer.

Meus pensamentos se voltam para um Hardin agradável e divertido, com quem consigo me dar bem. Um Hardin que posso namorar de verdade, que me levaria ao cinema ou para jantar fora. Um Hardin que me abraçasse e se sentisse orgulhoso de ser meu namorado, que pusesse sua jaqueta nos meus ombros se eu sentisse frio e que prometesse que viria me ver no dia seguinte quando me desse um beijo de boa-noite.

“Tessa?”, Steph me chama, e meus pensamentos se dissipam como uma nuvem de fumaça. Aquela não era minha realidade, e Hardin jamais seria o menino

desse meu devaneio.

“Ah, qual é, você passou a semana inteira vestida com essa calça de moleton”, Tristan me provoca, e eu dou risada. É minha calça favorita para usar em casa, principalmente quando estou doente, ou depois de romper um relacionamento, ou as duas coisas ao mesmo tempo. Ainda não entendi como eu e Hardin conseguimos terminar uma coisa que nem tinha começado.

“Tudo bem, tudo bem. Mas vocês precisam me deixar aqui logo depois do jantar, porque tenho que acordar cedo amanhã”, aviso.

Steph começa a dar pulinhos e bater palmas. “Eba! Você só me faz um favorzinho?”, ela pede com um sorriso inocente, piscando várias vezes.

“O quê?”, resmungo, sabendo que ela estava a fim de aprontar alguma.

“Posso dar uma produzida em você? Por favoooooor”, ela diz, alongando a frase para ficar mais dramática.

“Sem chance.” Já consigo até me imaginar com o cabelo cor-de-rosa, toneladas de delineador e um sutiã fazendo as vezes de camisa.

“Nada muito exagerado, só para você parecer mais… para não parecer que você passou a semana toda hibernando de pijama.” Ela sorri, e Tristan se esforça para conter o riso.

“Tudo bem”, eu cedo, e ela começa a bater palmas outra vez.



39

Depois de depilar minha sobrancelha com uma pinça, o que doeu muito mais do que eu imaginava, Steph me vira de costas para o espelho e diz que só vai deixar que eu me veja depois de terminar. Sinto um frio na barriga quando ela começa a espalhar a base pelo meu rosto. Digo várias vezes para ela não exagerar na maquiagem, e Steph promete que não vai fazer isso. Ela faz alguns cachos no meu cabelo antes de despejar uma lata de spray quase inteira em mim e em todo o quarto.

“A maquiagem e o cabelo já estão prontos! Agora é só trocar de roupa e você já pode se ver. Tenho algumas coisas que devem servir.” Ela está obviamente orgulhosa do que fez. Só espero não estar parecendo uma palhaça. Eu a sigo até o armário e tento dar uma espiadinha no espelho, mas ela me puxa para longe.

“Veste isto aqui”, Steph diz, pegando um vestido preto em um cabide.

“Você, fora!”, ela grita para Tristan, que cai na risada, mas obedece.

É um vestidinho sem alça e absurdamente curto. “Não posso usar isso!”

“Certo… e esse?” Ela pega outro vestido preto. Deve ter no mínimo uns dez. É mais comprido que o outro e tem duas alças grossas. O decote me preocupa, porque meu busto é bem maior que o dela.

Fico olhando sem dizer nada, e ela suspira. “Experimenta, por favor?”

Concordo, tiro meu pijama confortável, dobro e ponho em cima da cama.

Ela revira os olhos com uma expressão brincalhona, e eu sorrio enquanto ponho o vestido. Sinto que ficou apertado antes mesmo de fechar o zíper.

Steph e eu não somos muito diferentes em termos de tamanho, mas ela é um pouco mais alta, e eu tenho mais curvas. O tecido é um pouco brilhante e tem uma textura sedosa. A barra do vestido chega até a metade das minhas coxas. Não é tão curto quanto eu esperava, mas é mais curto que qualquer coisa que já usei na vida. Estou me sentindo praticamente nua com as pernas assim expostas. Seguro o vestido com as mãos e tento puxá-lo mais para baixo.

“Quer uma meia-calça?”, ela pergunta.

“Ah, sim, estou me sentindo tão… pelada”, digo com uma risadinha. Ela mexe na gaveta e pega duas meias. “Esta aqui é preta e essa é de renda.”

Meia-calça de renda ainda é demais para mim, principalmente considerando que devo estar usando toneladas de maquiagem. Fico com a

lisa mesmo, e enquanto visto Steph procura sapatos no armário.

“Não posso usar salto alto!”, aviso. Na verdade não consigo nem andar de salto,

pareço um pinguim.

“Bom, tenho uns saltinhos mais baixos também, ou anabela. Sinto muito, Tessa, mas suas sapatilhas não combinam com esse vestido.”

Faço uma careta para ela, em tom de brincadeira. Não vejo nenhum problema em usar sapatilhas todos os dias. Ela pega um par de sapatos de salto pretos com detalhes prateados na frente, e sou obrigada a admitir que são muito bonitos. Mas jamais conseguiria usá-los, apesar de pela primeira vez sentir vontade de fazer isso.

“Você gostou?”

Faço que sim com a cabeça. “Gostei, mas não sei usar, não”, respondo, e ela franze a testa.

“Claro que sabe, as tiras prendem os tornozelos e não deixam você cair.”

“É pra isso que servem as tiras?”, pergunto.

Ela dá risada. “Não, mas ajudam.” Ri de novo. “Experimenta.”

Eu me sento na cama e estico a perna, pedindo que ela calce para mim.

Steph me ajuda a levantar e tento dar alguns passos. As tiras realmente me ajudam a manter o equilíbrio.

“Não aguento mais esperar! Dá só uma olhada em você”, ela diz, abrindo a outra porta do armário. Fico de queixo caído ao me ver no espelho.

Quem é essa? Meu reflexo é uma versão melhorada de mim mesma. Estava com medo de que ela exagerasse na maquiagem, mas não foi isso que aconteceu. O acinzentado dos meus olhos ficou mais vivo com a sombra marrom, e o blush rosado nas minhas bochechas ressalta minhas maçãs do rosto. Meus cabelos estão reluzentes e ondulados, e não com os cachinhos miúdos que eu esperava.

“Estou impressionada.” Abro um sorriso e me olho mais de perto. Belisco meu rosto para me certificar de que aquilo que estou vendo é real.

“Viu só? Você continua sendo a mesma pessoa. Só está mais sexy e produzida.”

Ela dá uma risadinha e chama Tristan.

Ele abre a porta e fica boquiaberto. “Cadê a Tessa?”, pergunta em tom de brincadeira, olhando ao redor do quarto, pegando um travesseiro e espiando embaixo.

“O que você acha?”, pergunto, puxando o vestido para baixo mais uma vez.

“Você está ótima, de verdade.” Ele sorri e abraça Steph pela cintura. Olho para o outro lado.

“Ah, só mais uma coisa”, ela diz, pegando um brilho labial e passando.

Fecho os olhos, e ela faz o mesmo comigo.

“Estão prontas?”, Tristan pergunta, e Steph faz que sim com a cabeça.

Antes de sairmos, pego minha bolsa e ponho um par de sapatilhas lá dentro, só por precaução.

No carro, eu me sento no banco de trás e fico olhando pela janela, deixando minha mente divagar. Quando chegamos, faço uma careta ao ver o número de motos paradas do lado de fora. Pensei que fôssemos a um lugar tipo T.G.I. Friday’s ou Applebee’s, e não a um bar de motoqueiros. Quando entramos, sinto que está todo mundo me olhando, apesar de provavelmente não ser verdade.

Steph me pega pela mão e me puxa até uma mesa no fundo do salão.

“Nate também vem. Tudo bem, né?”, ela pergunta, e nós sentamos.

“Sim, claro”, respondo. Desde que Hardin não apareça, por mim tudo bem.

Além disso, uma companhia nesse momento faria bem, porque não estou a fim de ficar segurando vela.

Uma mulher ainda mais tatuada que Steph e Tristan vem até nossa mesa, e pedimos as bebidas. Steph e Tristan vão tomar cerveja. Deve ser por isso que gostam de vir aqui, porque o bar não pede identidade. A mulher ergue uma sobrancelha quando peço uma coca, mas não estou nem um pouco a fim de beber. Preciso estudar mais um pouco quando voltar para o quarto. A mulher

vem alguns minutos depois com o pedido, e quando estou dando um gole no refrigerante ouço um assobio e vejo Nate e Zed se aproximando da nossa mesa. Quando chegam mais perto, os cabelos cor-de-rosa de Molly aparecem… e em seguida Hardin.

Cuspo o refrigerante de volta no copo.

Steph arregala os olhos quando vê Hardin, e em seguida se vira para mim.

“Juro que não sabia que ele vinha. Podemos ir embora agora mesmo se você quiser”, ela murmura enquanto Zed se acomoda ao meu lado no sofazinho.

Tenho que fazer força para não olhar para Hardin.

“Ei, Tessa, você está linda”, Zed elogia, e eu fico vermelha. “Tipo, uau!

Acho que nunca vi você assim.”

Agradeço com um sorrisinho. Nate, Molly e Hardin se sentam na mesa de trás. Sinto vontade de pedir a Steph para mudar de lugar com ela para ficar de costas para Hardin, mas não posso me prestar a esse papel. Vou simplesmente evitar o contato visual. Sou capaz de fazer isso.

“Você está linda, Tessa”, Nate diz por cima da divisória entre as mesas, e eu sorrio, porque não estou acostumada a receber tanta atenção. Hardin não faz nenhum comentário sobre meu novo visual, mas isso eu já esperava. Só por ele não estar me insultando já fico feliz.

Hardin e Molly estão sentados bem no meu campo de visão. Consigo ver o rosto dele por inteiro por entre os ombros de Steph e Tristan.

Se eu olhar só uma vez não tem problema… Dou uma espiada antes de mudar de ideia e imediatamente me arrependo. O braço de Hardin está nos ombros de Molly.

O ciúme toma conta de mim — meu castigo por olhar para onde não devia. Eles estavam juntos de novo. Ou ainda. Provavelmente nunca se

separaram. Lembro-me de quão à vontade ela estava montada sobre ele na festa e sou obrigada a engolir a bile que sobe pela garganta. Hardin é livre para fazer o

que quiser com quem bem entender.

“Ela está linda mesmo, né?”, Steph comenta, e todos balançam a cabeça.

Sinto o olhar de Hardin sobre mim, mas não me arrisco a virar para ele outra vez. Ele está usando uma camiseta branca que com certeza mostra bem suas tatuagens, e seus cabelos estão bagunçados de um jeito perfeito, mas não estou nem aí. Não me importa se ele está bonito ou se Molly está vestida de um jeito vulgar.

Ela é tão irritante com esse cabelo cor-de-rosa ridículo e essas roupas de vagabunda.

Que piranha! Fico surpresa com meus próprios pensamentos, mas a raiva que sinto dela é inegável. Acho que nunca chamei ninguém de piranha na vida, nem mesmo em pensamento.

Obviamente, ela aproveita a chance para falar comigo. “Você está bonita, menina, muito melhor que antes!”, Molly comenta, e apoia a cabeça no peito de Hardin.

Faço um breve contato visual com ela e abro um sorrisinho forçado.

“Posso dar um gole?”, Zed pede, pegando meu copo antes mesmo de eu responder.

Dou permissão para que ele beba do meu copo, o que geralmente não faço, mas estou tão sem graça que nem consigo pensar direito. Ele engole metade do meu refrigerante de um só gole, e eu dou um cutucão em suas costelas.

“Desculpe, peço outra pra você”, diz, todo charmoso. Zed é muito bonito, parece muito mais um modelo que um universitário. Se não tivesse tantas tatuagens, provavelmente seria mesmo um modelo.

Ouço um barulho vindo da outra mesa, e meus olhos se voltam para Hardin. Ele limpa a garganta outra vez, audivelmente, me encarando com olhos faiscantes. Sinto vontade de virar a cabeça para o outro lado, mas não consigo, sou capturada por seu olhar. Nesse momento, Zed estica o braço por cima do sofazinho, diretamente atrás de mim.

Hardin estreita os olhos, e eu decido me divertir um pouco.

Lembro que ele não gostou nem um pouco quando me viu com Zed, então chego mais perto dele, só um pouquinho. Hardin arregala os olhos, mas logo se recompõe. Sei que estou sendo ridícula e imatura, porém não ligo. Se temos que ficar no mesmo lugar, que ele fique tão desconfortável quanto eu.

A motoqueira volta e pergunta se já decidimos o que vamos comer. Peço um hambúrguer com fritas sem ketchup, e o restante do pessoal pede asinhas de frango apimentadas. Ela traz uma coca para Hardin e outra rodada de cerveja para os demais. Minha coca não veio, mas não quero ser rude com a garçonete e prefiro esperar.

“As asinhas daqui são as melhores”, Zed me conta, e eu sorrio para ele.

“Você vai estar lá na fogueira no fim de semana que vem?”, pergunto.

“Não sei, esse tipo de coisa não é muito a minha.” Zed dá um gole na cerveja e baixa o braço, apoiando-o no meu ombro. “Você vai?”

Não olho para Hardin, mas consigo imaginar sua irritação. Na verdade, sinto-me meio culpada por flertar com Zed dessa maneira, uma coisa que nunca fiz antes e que com certeza não sei fazer. “Vou, sim, com Landon.”

Todo mundo cai na gargalhada. “Landon Gibson?”, Zed pergunta, ainda rindo.

“Sim, ele é meu amigo”, respondo num tom irritado. Não gosto que riam dele desse jeito.

“Ele vai estar na fogueira! Que otário”, Molly diz, e eu olho feio para ela.

“De jeito nenhum. Landon é muito legal”, digo em sua defesa. Até entendo que minha definição de legal não é a mesma que a deles, mas considero a minha melhor.

“Nunca vi Landon Gibson e legal serem usados na mesma frase”, Molly responde, afastando os cabelos de Hardin do rosto com o dorso da mão.

Odeio essa menina.

“Bom, sinto muito se Landon não é legal o suficiente para andar com vocês, mas ele é legal, sim…”, começo a gritar, e me ajeito no assento, tirando o braço de Zed dos meus ombros.

“Opa, Tessa, calma aí. A gente está só brincando”, Nate diz, e Molly abre um sorrisinho falso para mim. Sinto que a aversão que tenho por ela é recíproca.

“Bom, não gosto que fiquem tirando sarro dos meus amigos, principalmente quando eles não estão por perto para se defender.” Preciso me acalmar. Ver Hardin com Molly me deixou exaltada demais.

“Tudo bem, tudo bem, desculpa. Na verdade, o cara até merece um crédito por ter deixado o Hardin de olho roxo”, Zed comenta e põe o braço no meu ombro de novo. Todo mundo menos Hardin dá risada, até eu.

“Pois é, ainda bem que o professor separou a briga, ou Hardin teria ficado ainda pior que aquele mané…”, Nate diz, e olha para mim. “Desculpa, foi sem querer”, ele acrescenta, abrindo um sorrisinho de desculpas.

O professor? A briga dos dois não foi apartada por um professor, e sim pelo pai de Hardin. Ou Landon mentiu, ou… espera aí, será que eles não sabem que a mãe de Landon e o pai de Hardin em breve vão se casar? Olho para Hardin, que parece preocupado. Ele mentiu para os amigos. Eu poderia revelar isso agora, na frente de todo mundo.

Mas não vou fazer isso. Não sou como ele. Não consigo magoar as pessoas com tanta facilidade.

A não ser Noah, meu subconsciente me lembra, e eu o faço se calar.

“Bom, acho que a fogueira vai ser divertida”, mudo de assunto.

Zed me lança um olhar cheio de interesse. “Talvez eu até apareça por lá no

fim das contas.”

“Eu vou”, Hardin anuncia da outra mesa, do nada.

Todo mundo se vira para ele, e Molly dá risada. “Ah, sim, claro que vai.”

Ela revira os olhos e ri mais uma vez.

“Não, é sério, acho que não deve ser tão ruim”, Hardin insiste, ganhando outra revirada de olhos de Molly.

Hardin quer ir porque Zed disse que ia? Talvez eu seja melhor do que imagino nessa coisa de flerte.

A garçonete traz a comida e me entrega o hambúrguer. Parece ótimo, a não ser pelo ketchup escorrendo. Torço o nariz e tento tirar um pouco do excesso com o guardanapo. Detesto ter que mandar pratos de volta para a cozinha, e minha noite já não está sendo das melhores. A última coisa que quero é atrair mais atenção.

Todo mundo cai de boca nas asinhas de frango, e eu pego algumas batatas enquanto o pessoal conversa sobre a festa de hoje à noite. A garçonete para na nossa mesa para perguntar se precisamos de mais alguma coisa.

“Não, acho que está tudo certo”, Tristan responde, e ela começa a se afastar.

“Espera. Ela pediu sem ketchup”, Hardin diz bem alto, e eu derrubo uma batatinha no prato.

A garçonete me olha com uma expressão preocupada. “Desculpe. Quer que eu leve de volta?”

Estou tão envergonhada que só consigo fazer que não com a cabeça.

“Sim, ela quer”, Hardin responde por mim.

O que ele está fazendo? E como sabe que tem ketchup no meu lanche? Só está querendo me deixar sem graça.

“Me dê aqui seu prato, querida”, ela diz com um sorriso e estende a mão.

“Trago outro pra você.” Entrego o lanche e agradeço baixando os olhos.

“O que foi isso?”, ouço Molly perguntar a Hardin. Ela precisa aperfeiçoar um pouco mais seu sussurro.

“Nada, é que ela não gosta de ketchup”, ele responde, e Molly dá uma bufada antes de tomar mais um gole da cerveja.

“E daí?”, Molly pergunta, e Hardin olha feio para ela.

“E daí nada. Desencana.”

Pelo menos sei que eu não sou a única pessoa que ele trata mal.

Meu novo lanche sem ketchup chega rápido, e eu como tudo, apesar de estar sem apetite. Zed se oferece para pagar minha parte da conta, uma atitude que considero ao mesmo tempo gentil e um pouco esquisita.

A irritação de Hardin parece crescer quando Zed me abraça outra vez quando saímos do bar.

“Logan falou que a festa já está bombando!”, diz Nate, lendo uma mensagem no celular.

“Você pode aproveitar a carona e ir comigo para lá”, Zed oferece, e franze a testa quando faço que não com a cabeça.

“Não vou à festa. Tristan vai me levar de volta.”

“Posso levar você de volta até o campus, já que estou de carro”, diz Hardin.

Quase levo um tropeção ao ouvir isso, mas felizmente Steph me segura e dá um sorrisinho para Hardin. “Não, ela vai comigo e com Tristan. Zed pode ir com a gente também.”

Se um olhar fosse capaz de matar, Steph estaria estendida no chão nesse momento.

Hardin se vira para Tristan. “Não é uma boa ideia dirigir pelo campus depois de beber. Na sexta, a polícia com certeza está procurando gente para multar.”

Steph se vira para mim, à espera de que eu diga alguma coisa, porém estou sem reação. Não quero ir sozinha no carro de Hardin, mas também não estou a fim de pegar carona com Tristan depois de ele ter bebido. Dou de ombros e me aproximo de Zed enquanto eles discutem o que fazer.

“Certo, a gente passa no campus e depois parte para a diversão”, Molly fala para Hardin, mas ele faz que não com a cabeça.

“Não, você vai com Tristan e Steph”, ele manda, e Molly abaixa a cabeça.

“Pelo amor de Deus, vamos logo!”, Nate esbraveja, tirando a chave do bolso.

“É, vamos lá, Tessa”, Hardin diz, e eu olho para Zed e depois para Steph.

“Tessa!”, Hardin chama outra vez enquanto abre a porta. Ele me olha com uma cara de quem vai me arrastar pelos cabelos se eu não entrar logo no carro. Mas por que quer minha companhia se falou para Steph que nunca mais queria me ver na frente? Ele desaparece dentro do carro e liga o motor.

“Tudo bem, só me manda uma mensagem assim que entrar no quarto”, Steph recomenda, e eu balanço a cabeça e vou andando até o carro de Hardin. Minha curiosidade fala mais alto, e eu preciso saber quais são as intenções dele. Simplesmente preciso.



40

Apesar de ter tentado evitá-lo a semana toda, no fim acabo ficando sozinha no carro com ele. Hardin nem me olha quando entro e ponho o cinto de segurança. Puxo o vestido para baixo outra vez, tentando cobrir as coxas.

Ficamos em silêncio por um momento e saímos do estacionamento. Ainda bem que Molly não veio também — preferiria ir a pé a ter que vê-la se jogando em cima dele o tempo todo.

“Qual é a do novo visual?”, ele enfim pergunta quando entramos na via expressa.

“Hã… bom, Steph queria tentar alguma coisa nova comigo, acho.”

Mantenho os olhos voltados para os edifícios que passam pela janela. A música pesada de sempre está tocando no carro.

“Meio exagerado, não acha?”, ele pergunta, fazendo-me cerrar os punhos.

Então é esse o plano dele para hoje, insultar-me até o campus.

“Você não precisava me levar de volta.” Encosto a cabeça na janela, tentando criar o máximo de espaço possível entre nós.

“Não precisa ficar na defensiva. Só estou dizendo que a transformação foi um pouco radical demais.”

“Bom, ainda bem que não me preocupo com sua opinião, mas, pela maneira como você falava do meu visual de sempre, fico surpresa que não tenha gostado mais de mim assim”, retruco, e fecho os olhos. Começo a me sentir exausta. Hardin está sugando o pouco de energia que havia em mim.

Ele ri baixinho e desliga o som. “Nunca falei que não gostava do seu visual. Das roupas, sim, mas acho que até aquelas saias longas horrorosas são melhor que isso.”

Ele está tentando se explicar, mas sua resposta não faz o menor sentido.

Aparentemente Hardin gosta da maneira como Molly se veste, que é bem mais vulgar, então qual é o problema com as roupas que estou usando?

“Está me ouvindo, Tessa?”, ele pergunta, e sinto sua mão sobre minha coxa. Afasto seu toque e abro os olhos.

“Ouvi, mas não tenho nada a dizer. Se não gosta da maneira como estou vestida, é só não olhar pra mim.” Uma coisa boa de falar com Hardin é saber que posso dizer exatamente o que passa pela minha cabeça sem medo de magoar seus sentimentos, já que ele não tem nenhum.

“Mas o problema é exatamente esse. Não consigo parar de olhar pra você.”

Quando essas palavras saem de sua boca, sinto vontade de abrir a porta do carro e me atirar no meio da estrada.

“Ah, qual é?” Dou risada. Sei que ele fala essas coisas mais agradáveis, mas não muito claras, só para me atingir com mais força ao distorcê-las em seguida e me insultar outra vez.

“Que foi? É verdade. Gostei da roupa nova, mas você não precisa de tanta

maquiagem. As meninas em geral usam toneladas só para ficar tão bonitas quanto você sem nada no rosto.”

Como é? Ele deve ter esquecido que estamos brigados, que ele tentou arruinar minha vida há menos de uma semana e que nós nos detestamos.

“Você não está esperando que eu agradeça, né?”, digo com uma risadinha.

Ele é tão incompreensível… Em um momento está carrancudo e irritado, e no seguinte me diz que não consegue parar de me olhar.

“Por que não contou a verdade sobre Landon e eu?”, ele pergunta, mudando de assunto.

“Porque está na cara que você não quer que eles saibam.”

“Então. Por que você guardaria segredo?”

“Porque é seu, não meu.”

Ele me encara com os olhos semicerrados e um leve sorriso. “Entenderia se você contasse, considerando o que fiz com Noah.”

“Pois é, mas não sou você.”

“Não é mesmo”, ele responde, com um tom de voz baixo. Depois disso permanece em silêncio pelo restante do trajeto, e eu também. Não tenho nada a dizer.

Quando enfim chegamos ao campus, Hardin estaciona na vaga mais distante possível do meu quarto. Claro.

Abro a porta, e sua mão toca mais uma vez minha coxa. “Você não vai me agradecer?” Ele sorri, e eu balanço a cabeça.

“Obrigada pela carona”, digo com um tom sarcástico. “Agora vá logo, Molly está esperando”, acrescento enquanto desço. Espero que não tenha ouvido. Não sei nem por que disse isso.

“Pois é… É melhor eu ir mesmo, ela fica bem divertida quando bebe”, ele diz

com um sorrisinho.

Tentando não demonstrar que essa frase me atingiu como um soco no estômago, me agacho para olhar pela janela do passageiro, e Hardin baixa o vidro para mim. “É, deve ficar mesmo. Enfim, Noah está vindo”, minto, e ele estreita os olhos.

“É mesmo?” Hardin começa a mexer nas unhas — um tique nervoso, presumo.

“É, sim. A gente se vê.” Sorrio e saio andando.

Hardin desce do carro e fecha a porta. “Espera!”, ele diz, e eu me viro. “É

que… Esquece, pensei que você, hã, tinha derrubado alguma coisa, mas não

foi nada.” Ele fica vermelho. Está claramente mentindo, e quero saber o que ia dizer, mas preciso manter distância, então é isso que eu faço.

“Tchau, Hardin.” Essas palavras significam muito mais para mim do que deixo transparecer. Não olho para trás para ver se está me seguindo porque sei que não está.

Tiro os sapatos de salto antes de chegar ao quarto e vou andando descalça pelo campus até lá. Assim que entro no quarto, ponho meu pijama e ligo para Noah. Ele atende no segundo toque.

“Oi”, digo com um gritinho exageradamente agudo. É só Noah, por que estou tão nervosa?

“Oi, Tessa, como foi seu dia?”, ele pergunta em um tom ameno. Nem parece o Noah frio e distante da última semana. Solto um suspiro de alívio.

“Foi legal. Vou ficar aqui no meu quarto mesmo hoje à noite. E você, o que está fazendo?” Faço questão de não mencionar o jantar com Steph e o pessoal, principalmente Hardin. Isso não ia ajudar em nada minha campanha pelo perdão.

“Acabei de sair do treino. Acho que vou aproveitar a noite para estudar, porque amanhã vou ajudar os novos vizinhos a cortar uma árvore no quintal.”

Ele está sempre ajudando todo mundo. Noah é bom demais para mim.

“Também vou estudar hoje à noite.”

“Queria que pudéssemos estudar juntos”, ele diz, e eu abro um sorriso enquanto tiro as bolinhas das minhas meias felpudas.

“É mesmo?”

“Claro que sim, Tessa. Ainda amo você e estou com saudade. Mas preciso ter certeza de que esse tipo de coisa nunca mais vai acontecer. Estou disposto a relevar tudo, mas você tem que me prometer que vai ficar longe dele”, Noah exige, recusando-se a dizer o nome de Hardin.

“Claro que vou, eu juro… Eu te amo!” Uma parte de mim sabe muito bem que só estou fazendo isso por desespero, para conseguir o perdão de Noah

— e também para não ficar totalmente sozinha e ainda mais vulnerável a Hardin —, mas ignoro.

Depois de dizermos que nos amamos mais algumas vezes, Noah aceita me acompanhar na fogueira do próximo fim de semana, e nós desligamos o telefone. Procuro na internet a loja de carros mais próxima do campus, e para minha sorte parece haver uma boa oferta de revendedoras de veículos usados para arrancar dinheiro dos estudantes. Depois de pegar o endereço de algumas, remexo no estojo de maquiagem de Steph e encontro os produtos para tirar toda aquela pintura do rosto. Leva um bom tempo, e esse processo irritante é mais um lembrete para nunca usar maquiagem de novo, por mais que fique bom.



41

Pego minhas anotações e meus livros e mergulho nos estudos. Decido fazer os trabalhos da semana seguinte. Gosto de me preparar com antecedência, assim não corro o risco de ficar para trás. Só que meus pensamentos logo se voltam para Hardin e suas mudanças de humor, e paro de prestar atenção no que deveria estar escrevendo. Faz só duas horas que falei ao telefone com Noah, mas parece o dobro disso.

Resolvo ver um filme deitada na cama até pegar no sono e escolho o filme Para

sempre, apesar de já ter visto uma porção de vezes. Menos de dez minutos depois, ouço alguém esbravejando e falando palavrões no corredor.

Aumento o volume do laptop e ignoro — é sexta-feira, está cheio de gente bêbada no campus. Alguns minutos depois, escuto mais alguns palavrões, proferidos por uma voz masculina, logo rebatida por uma feminina. O

sujeito grita mais alto, e reconheço o sotaque. É Hardin.

Pulo da cama, abro a porta e o vejo sentado no chão do corredor, apoiado na parede do meu quarto. Uma menina furiosa de cabelos platinados está de pé ao lado dele, de cara fechada e mãos na cintura.

“Hardin?”, falo, e ele olha para cima. Um sorriso enorme aparece em seu rosto.

“Theresa…”, ele diz, e começa a se levantar.

“Você pode falar pro seu namorado sair da frente da minha porta? Ele derrubou um monte de vodca no chão”, a menina berra.

Olho para Hardin. “Ele não é meu…”, começo a dizer, mas Hardin me pega pela mão e me empurra na direção da minha porta.

“Desculpe pela vodca”, ele diz, revirando os olhos para a loira. Ela solta uma bufada, volta para o quarto pisando duro e bate a porta.

“O que está fazendo aqui, Hardin?”, pergunto. Ele tenta entrar no meu quarto, mas eu bloqueio a passagem.

“Por que não posso entrar, Tessa? Vou ser legal com seu avô.” Ele dá risada, e eu reviro os olhos. Sei que é de Noah que está falando.

“Ele não está aqui.”

“Por que não? Certo, então me deixa entrar”, ele insiste.

“Não. Você está bêbado?” Examino bem seu rosto. Seus olhos estão vermelhos e o sorrisinho é revelador. Ele morde o lábio e enfia a mão nos bolsos.

“Para alguém que não bebia, você anda enchendo a cara.”

“Foram só duas vezes. Relaxa”, ele diz, passa por mim e desaba na minha cama. “Então, por que Noah não veio?”

“Não sei”, minto.

Ele balança a cabeça várias vezes, como se estivesse pensativo. “Já sei. A Gap deve ter feito uma liquidação de cardigãs, então ele deu o cano em você”, Hardin diz, e cai na gargalhada de tal forma que não consigo segurar o riso.

“E a Molly, cadê?”, pergunto. “Na liquidação do Magazine das Piranhas?”

Hardin fica em silêncio por um segundo e em seguida cai na gargalhada de novo. “Que resposta mais sem graça, Theresa”, ele brinca, e dou um chute na perna que ele deixou pendurada para fora da cama.

“Enfim, você não pode ficar aqui. Noah e eu estamos juntos de novo, oficialmente.”

O sorriso desaparece de seu rosto, e ele esfrega as mãos nos joelhos. “Belo pijama”, comenta, e eu olho para baixo.

Por que Hardin está fazendo isso? Não temos nada a ver um com o outro, e até onde sei concordamos em manter distância.

“Você precisa ir.”

“Vou tentar adivinhar: uma das condições do Noah para a reconciliação foi que você ficasse longe de mim?” O tom de voz dele parece bem mais sério.

“Pois é, e até onde sei nós dois não somos amigos e estamos brigados. Por que você largou a aula de literatura e por que bateu no Landon?”

“Por que você sempre me enche de perguntas?”, ele resmunga. “Não quero falar sobre isso! O que estava fazendo com esse pijaminha bacana antes de eu entrar? E por que a luz está apagada?” Hardin é mais divertido quando está bêbado, mas estou preocupada com o fato de beber tanto, já que antes não fazia isso.

“Eu estava vendo um filme”, respondo. Talvez se for gentil ele comece a responder às minhas perguntas.

“Que filme?”

“Para sempre”, informo, olhando para ele. Fico esperando sua risada, o que de fato acontece alguns segundos depois.

“Você vai gostar desse filme meloso. É totalmente desconectado da realidade.”

“É baseado em uma história real”, retruco.

“Mesmo assim parece uma idiotice.”

“Você por acaso assistiu?”, pergunto, e ele faz que não com a cabeça.

“Não preciso nem assistir para saber que é uma idiotice. Posso dizer como termina agora mesmo: ela recupera a memória e os dois vivem felizes para sempre”, ele diz com um tom de voz agudo.

“Não é assim que o filme termina”, digo, dando risada. Na maior parte do

tempo, Hardin me deixa maluca, mas em momentos como esse acabo esquecendo o quanto ele pode ser terrível. Ignorando o fato de que eu deveria odiá-lo, surpreendo-me jogando um dos travesseiros de Steph sobre ele em um gesto brincalhão. Ele se deixa atingir, apesar de poder ter desviado facilmente, e grita como se estivesse machucado. Caímos na risada de novo.

“Me deixa ficar aqui e ver com você”, ele pede, mas em um tom imperativo.

“Acho que não é uma boa ideia”, respondo, e ele dá de ombros.

“As piores ideias muitas vezes se revelam as melhores. Além disso, você não vai querer que eu saia dirigindo bêbado por aí, né?” Ele sorri, e eu não consigo resistir, apesar de saber que deveria.

“Tudo bem, mas você vai ficar sentado no chão, ou então na cama da Steph.”

Ele reclama, mas eu faço questão. Só Deus sabe o que pode acontecer se nós dois ficarmos deitados em uma cama de solteiro. Fico vermelha só de pensar, e depois repreendo a mim mesma por contemplar esse tipo de possibilidade logo depois de ter prometido a Noah que ficaria longe de Hardin. Na teoria, é uma promessa bem fácil de cumprir, mas de alguma forma sempre acabo indo até ele.

Ou, como aconteceu hoje, Hardin acaba vindo até mim.

Ele se acomoda no chão, e aproveito para admirá-lo vestido com uma camiseta branca. O contraste da tinta preta das tatuagens com o tecido claro é perfeito, e adoro ver os galhos de trepadeira surgindo ao fim da gola da camiseta.

Ligo o filme, e imediatamente ele pergunta: “Tem pipoca?”.

“Não. Se você queria, deveria ter trazido”, respondo, e viro um pouco a tela para que ele consiga enxergar melhor.

“Topo outros aperitivos também”, ele insiste, e dou um tapa em sua cabeça, de brincadeira.

“Fica quieto e assiste ao filme se não quiser ser posto para fora.”

Hardin finge trancar a boca e me passa a chave invisível do cadeado, que com uma risadinha faço que jogo fora. Ele encosta a cabeça na cama, e eu me sinto tranquila e em paz comigo mesmo pela primeira vez naquela semana.

Hardin está prestando mais atenção em mim do que no filme, mas não ligo. Percebo que sorri quando eu dou risada, franze a testa quando choro porque Paige perde a memória, e suspira de alívio comigo quando Paige e Leo terminam juntos no final.

“E então, o que achou?”, pergunto enquanto procuro outro filme para ver.

“Uma tremenda bobagem.” Mas ele sorri, e começo a bagunçar seus cabelos com as mãos sem me dar conta do que estou fazendo. Eu me ajeito

na cama, e ele se vira para a parede.

Como se a situação não estivesse estranha o bastante, Tessa.

“Me deixa escolher o próximo filme”, ele pede, estendendo a mão para o laptop.

“Quem disse que você pode ficar para mais um filme?”, pergunto, e ele revira os olhos.

“Não posso dirigir. Ainda estou bêbado”, Hardin argumenta com um sorrisinho

malicioso.

Sei que é mentira. Ele está quase sóbrio, mas por outro lado está certo.

Pode ficar. E eu posso aguentar a maneira como ele vai decidir me tratar amanhã, desde que passe um tempinho com ele agora. Sou mesmo patética, como Hardin disse. Mas, no momento, não estou nem aí para isso.

Sinto vontade de perguntar por que ele veio e por que não está na festa na república, mas deixo para depois do filme, porque sei que Hardin vai ficar mal-humorado quando começar a interrogá-lo. Ele escolhe um filme do Batman que nunca vi, e jura que é o melhor de todos. Dou risada de seu entusiasmo enquanto ele tenta me explicar o episódio anterior da trilogia, mas não entendo absolutamente nada. Noah e eu sempre vemos filmes juntos, mas nunca me diverti tanto quanto com Hardin. Noah fica olhando para a tela em silêncio, enquanto Hardin não se contém, não esconde suas reações e faz comentários muito engraçados.

“Minha bunda está dormente de ficar sentado no chão”, ele reclama pouco depois que o filme começa.

“A cama da Steph é macia e quentinha”, respondo, e ele franze a testa.

“Não dá pra ver a tela de tão longe. Qual é, Tessa? Não vou nem encostar em você.”

“Tudo bem”, resmungo, e chego mais para o lado.

Ele sorri e deita de bruços do meu lado, assim como eu, balançando os pés. Hardin apoia a cabeça nas mãos, em uma postura adorável. O filme é bem melhor do que eu imaginava, e devo ter curtido ainda mais que Hardin, já que, quando começam os créditos e me viro para ele, vejo que está dormindo.

Quando pega no sono, ele parece tranquilo e perfeito. Adoro ver suas pálpebras se mexendo rapidamente, seu peito subindo e descendo, e o suspiro que escapa de seus lábios carnudos. Sinto vontade de tocar seu rosto, mas acho melhor não. Apesar de saber que preciso acordá-lo e mandá-lo embora, eu o cubro e tranco a porta antes de ir me deitar na cama de Steph.

Olho para ele de novo e o admiro sob a luz fraca da tela. Parece mais jovem e

muito mais feliz quando está dormindo.

Quando pego no sono, percebo que é a segunda vez que durmo com Hardin, mas nunca dormi com Noah. Meu subconsciente me lembra de que existe uma porção de coisas que fiz com Hardin, porém nunca com Noah.



42

Um zumbido abafado invade meu sonho de forma insistente e constante.

Por que isso não para? Eu me viro para o lado, recusando-me a acordar, mas o barulho irritante continua. Estou desorientada. Então percebo que estou na cama de Steph e quase me esqueço de que Hardin está no quarto.

Como é que nós dois sempre acabamos juntos? E, acima de tudo, de onde está vindo esse barulho irritante? Sob a luz fraca que entra pela janela, vou seguindo o ruído e percebo que vem do bolso de Hardin. Atordoada como estou, chego a pensar em atender. Fico em dúvida se ponho ou não a mão em seu bolso, com os olhos cravados na marca do celular em sua calça jeans. O celular para de tocar, e enquanto volto para a outra cama aproveito para dar mais uma espiada em Hardin dormindo. Não existe nenhum vestígio de ruga entre suas sobrancelhas, e seus lábios rosados não estão franzidos. Solto um suspiro e me afasto, mas o telefone começa a vibrar de novo. Acho que posso pegar, ele não vai acordar. É difícil enfiar a mão no bolso de Hardin. Se a calça fosse menos apertada, conseguiria tirar o celular do bolso… mas não tem jeito.

“O que você está fazendo?”, ele resmunga.

Dou um pulo para trás. “Seu celular está tocando e me acordou”, sussurro, apesar de não ter mais ninguém no quarto.

Fico observando em silêncio enquanto ele enfia a mão no bolso e se esforça para tirar o telefone lá de dentro. “Que é?”, ele atende quando enfim consegue pegá-lo, e passa a mão na testa enquanto escuta a pessoa do outro lado da linha.

“Não vou voltar, estou na casa de uma amiga.”

Somos amigos? Claro que não, sou só uma desculpa conveniente para ele não voltar à festa. Fico ali parada, toda sem graça, remexendo os pés.

“Não, você não pode entrar no meu quarto. Sabe disso. Vou voltar a dormir agora, então vê se não me acorda de novo. A porta está trancada, então nem perca tempo tentando entrar.” Ele desliga, e eu instintivamente me afasto. Seu mau humor é visível, e não quero ser a próxima vítima de seu veneno. Volto para a cama de Steph e entro debaixo das cobertas.

“Desculpa se meu telefone te acordou”, ele diz baixinho. “Era Molly.”

“Ah.” Suspiro e me viro de lado, encarando a cama do outro lado do quarto. Hardin abre um sorrisinho como se adivinhasse que estou pensando

nela. Não dá para ignorar certa empolgação por ele estar aqui e não com ela, apesar de não fazer ideia de quais são seus motivos.

“Você não gosta dela, né?” Ele se vira de lado, espalhando os cabelos bagunçados pelo meu travesseiro.

Balanço a cabeça. “Não mesmo, mas não conta pra ela. Não quero briga”, peço. Sei que não posso confiar nele, mas com um pouco de sorte Hardin vai acabar se esquecendo de usar essa informação contra mim.

“Não vou contar, também não gosto dela”, ele murmura.

“Ah, sim, está na cara que você não gosta dela”, digo com o tom mais sarcástico de que sou capaz.

“Não mesmo. Quer dizer, ela é divertida e tal, mas também é muito irritante”, ele admite, fazendo minha empolgação crescer mais um pouquinho.

“Bom, então talvez seja melhor parar de sair com ela”, sugiro, e me viro de barriga para cima para que ele não veja meu rosto.

“E por acaso eu tenho algum motivo para isso?”

“Não. Só estou dizendo que, se ela é irritante, então por que insistir no erro?” Sei que não quero ouvir a resposta, mas não consigo evitar a pergunta.

“Pra passar o tempo, acho.”

Fecho os olhos e respiro fundo. Falar sobre a relação de Hardin com Molly me deixa mais abalada do que deveria.

Sua voz suave interrompe meus pensamentos possessivos. “Vem deitar aqui comigo.”

“Não.”

“Vem cá, só fica deitada aqui do meu lado. Durmo melhor quando estou perto de você”, ele diz, como se fosse uma confissão.

Eu me sento na cama e olho para ele. “Quê?” Não consigo esconder minha surpresa ao ouvir aquelas palavras. Não sei se são sinceras ou não, mas com certeza fazem minhas entranhas derreterem.

“Durmo melhor quando estou perto de você.” Ele olha para baixo. “Fazia tempo que não dormia tão bem quanto no fim de semana passado.”

“Deve ter sido culpa do uísque, não minha.” Tento não levar muito a sério a confissão. Na verdade, não sei o que dizer.

“Não, foi por sua causa”, ele garante.

“Boa noite, Hardin.” Eu me viro. Se ele continuar dizendo essas coisas e eu continuar ouvindo, vou acabar em suas garras outra vez.

“Por que você não acredita em mim?”, ele quase cochicha.

“Porque você sempre faz isso. Diz umas coisas legais e depois me ataca, e eu acabo chorando.”

“Faço você chorar?”

Como ele pode me perguntar uma coisa dessas? Hardin me viu chorando mais

vezes que qualquer outra pessoa que conheço.

“Pois é, e bastante”, respondo, agarrando-me ao cobertor de Steph.

Ouço a cama ao lado ranger de leve e fecho os olhos, em parte por medo, mas por outro motivo também. Os dedos de Hardin roçam meus braços quando ele se senta na cama de Steph, e digo a mim mesma que é tarde demais — na verdade, cedo demais, já que são quatro da manhã.

“Nunca quis fazer você chorar.”

Abro os olhos e me viro para ele. “Quis, sim. Essa foi exatamente sua intenção todas as vezes que disse coisas grosseiras para mim. E quando me forçou a contar para Noah sobre nós dois. E quando me humilhou na sua cama na semana passada porque eu não conseguia dizer o que você queria.

Hoje você diz que dorme melhor quando estou por perto, mas, se eu topasse deitar naquela cama, assim que acordasse, ia acabar ouvindo que sou feia ou insuportável. Depois do que aconteceu no riacho, pensei que… esquece. Já falei isso para você tantas vezes…” Respiro fundo, em pânico por ter falado tudo aquilo para ele.

“Mas agora estou escutando.” Os olhos dele são indecifráveis, porém me incentivam a continuar.

“Não entendo por que você gosta tanto desse joguinho de gato e rato. Uma hora você é legal, em seguida me trata mal. Diz para Steph que vai acabar comigo se eu aparecer na sua frente, aí se oferece para me trazer de volta para o campus. Você não sabe o que quer.”

“Não quis dizer isso, que ia acabar com você. É que… sei lá. Às vezes eu falo esse tipo de coisa”, ele admite, passando as mãos pelos cabelos.

“Por que largou a aula de literatura?”, finalmente pergunto.

“Porque você me pediu para manter distância, e é isso que preciso fazer.”

“Então por que não fez?” Percebo uma mudança discreta na energia entre nós. Por algum motivo estamos mais próximos, a poucos centímetros um do outro.

“Não sei”, ele responde, bufando. Hardin esfrega as mãos e em seguida as apoia sobre os joelhos.

Preciso falar alguma coisa — qualquer coisa —, mas só penso em dizer a Hardin

que não quero que ele mantenha distância, que penso nele a cada minuto do meu dia.

Por fim, ele quebra o silêncio. “Se eu fizer uma pergunta, você me responde com toda a sinceridade?”

Faço que sim com a cabeça.

“Você… sentiu minha falta essa semana?” Era a última coisa que eu esperava ouvir.

Pisco algumas vezes para tentar conter o frenesi de pensamentos que toma conta da minha mente. Eu disse que ia ser sincera na resposta, mas estou com medo.

“E então?”

“Sim”, murmuro, escondendo o rosto entre as mãos. Quando ele me segura pelos pulsos e afasta minhas mãos, sinto minha pele se incendiar.

“Sim o quê?” Seu tom de voz é sério e urgente, como se ele estivesse desesperado por uma resposta.

“Senti sua falta”, digo e engulo em seco, à espera do pior.

O que não esperava era seu suspiro de alívio e ver um sorriso se abrir em seu lindo rosto. Tenho vontade de perguntar se ele sentiu minha falta, mas Hardin volta a falar antes que eu possa fazer isso.

“Sério?”, ele pergunta, quase como se não estivesse acreditando.

Faço que sim com a cabeça, e ele abre um sorriso tímido para mim.

Hardin, tímido? Acho mais provável que ele tenha ficado satisfeito com minha resposta, pois isso significa que ainda estou em suas garras.

“Agora posso voltar a dormir?”, resmungo. Não sei o que ele pretende fazer com minha confissão, e já está bem tarde.

“Só se dormir comigo. Na mesma cama.” Ele sorri.

Solto um suspiro e murmuro: “Ai, Hardin, a gente não pode só dormir?”.

Eu me viro para o lado, tomando cuidado para não tocá-lo. Mas um puxão repentino nas minhas pernas me faz gritar de surpresa, e sinto que Hardin está me levantando da cama. Ele ignora meus pedidos para que me coloque no chão até chegarmos à minha cama. Apoiando um dos joelhos no colchão, ele me deita suavemente de lado, bem perto da parede, e se acomoda também. Olho feio para ele sem dizer nada, com medo de que, se mostrar muita resistência, vá embora, o que eu definitivamente não quero.

Com um sorrisinho no rosto, ele pega do chão o travesseiro que arremessei antes e o posiciona entre nós como uma espécie de barreira.

“Pronto, agora você pode dormir tranquila e em segurança.”

Retribuo o sorriso. Não consigo evitar. “Boa noite”, digo com uma risadinha.

“Boa noite, Tessa.” Ele dá risada também, e eu me viro para o outro lado.

De repente, não me sinto mais cansada, então fico olhando para a parede, torcendo para que a eletricidade que percorre meu corpo se dissipe logo e que eu possa dormir. Sem muita convicção, claro.

Alguns minutos depois, sinto o travesseiro se mover e o braço de Hardin me envolver pela cintura e me puxar para junto de seu peito. Eu não me movo, nem repreendo seus gestos. Estou adorando a sensação.

“Também senti sua falta”, ele sussurra junto aos meus cabelos. Abro um sorriso, apesar de saber que ele não está vendo. Sinto a leve pressão de seus lábios contra minha cabeça, e um friozinho se instala na minha barriga. Por mais que esteja amando tudo isso, quando caio no sono estou mais confusa do que nunca.



43

Meu despertador toca cedo demais, e eu me viro na cama. Levanto a mão para dar um tapa no celular e calar o bipe escandaloso que invade meus ouvidos. Ela atinge uma superfície quente e macia, e pisco várias vezes quando vejo Hardin me encarando. Pego o travesseiro para cobrir meu rosto envergonhado, mas ele o arranca de mim.

“Bom dia para você também”, diz com um sorriso, esfregando o braço.

Enquanto olho para ele, tento elaborar um pedido de desculpas. Há quanto tempo está acordado?

“Você fica uma gracinha dormindo”, ele provoca, e eu me sento em um gesto apressado, ciente de que devo estar horrível, como geralmente acontece pela manhã.

Hardin me entrega o celular. “Esse alarme é para quê?”

Desligo o alarme e desço da cama. “Vou sair para procurar um carro. Você pode ficar o quanto quiser”, aviso, mas ele franze a testa.

“Você não precisa acordar tão cedo.”

Prendo meu cabelo em um rabo de cavalo, em um esforço para impedir que pareça um ninho de pombos. “Preciso, sim… Mas você não.” Sinto-me um pouco culpada por não estar sendo simpática, mas era isso que eu esperava da parte dele também, para ser sincera.

“Precisa nada. Posso ir junto?”

Olho ao redor do quarto, perguntando-me se ouvi direito o que ele falou.

Eu me viro em sua direção, estreitando os olhos: “Procurar um carro comigo? Por que você ia querer fazer isso?”.

“E eu preciso de um motivo? Até parece que estou tramando para matar você ou coisa do tipo.” Ele dá risada e se levanta, ajeitando os cabelos com as mãos.

“Na verdade estou um pouco surpresa com esse seu bom humor logo de manhã… e por querer me acompanhar em alguma coisa… e não me insultar”, admito.

Dou as costas para ele, pego minhas roupas e minha nécessaire. Antes de ir a qualquer lugar, preciso tomar um banho.

Sem se deixar abalar pela minha sinceridade, Hardin insiste um pouco mais. “Vai ser divertido, prometo. Me deixa mostrar que nós dois… que eu posso ser uma

companhia agradável. Nem que seja só por um dia.”

Seu sorriso é lindo e convincente. Mas Noah com certeza vai acabar o namoro e nunca mais vai falar comigo se descobrir que dormi na mesma cama que Hardin, abraçada com ele. Não sei por que tenho tanto medo de perder Noah. Talvez por temer a reação da minha mãe, ou então pelo apego que ainda sinto por ele. Noah sempre esteve do meu lado, e sinto que tenho a obrigação de manter o relacionamento. Mas acho que a principal razão é a certeza de que Hardin é incapaz de ser o namorado que quero e de que preciso.

Perdida em meus pensamentos, finalmente me sinto à vontade para admitir que, para ouvir a respiração de Hardin coladinha no meu ouvido, vale a pena correr o risco de Noah nunca mais querer falar comigo.

“Planeta Terra chamando!”, Hardin grita do outro lado do quarto, interrompendo minha reflexão. Fiquei parada no meio do quarto debatendo comigo mesma e esqueci completamente que ele estava lá.

“Algum problema?”, Hardin pergunta, chegando mais perto.

Ah, nada não, só estou finalmente admitindo o que sinto por você e o que quero que exista entre nós, apesar de saber que você nunca vai gostar de verdade de ninguém, muito menos de mim.

“Só estou pensando que roupa vestir”, minto.

Ele olha para as roupas na minha mão e inclina a cabeça, mas se limita a dizer: “Então posso ir? Vai ser melhor para você também, porque assim não precisa pegar ônibus”.

Pode ser mesmo divertido. E com certeza vai ser mais prático. “Certo, tudo bem”, respondo. “Só espera eu me arrumar.” Saio para o corredor, e ele vem atrás de mim.

“O que está fazendo?”, pergunto.

“Indo com você.”

“Hã, eu estou indo tomar banho.” Mostro a Hardin minha nécessaire, que ele arranca da minha mão.

“Que coincidência… eu também!”

Malditos banheiros mistos. Ele me ultrapassa e abre a porta sem nem olhar para trás. Tenho que correr para alcançá-lo e segurá-lo pela camisa.

“Legal que você também veio”, ele brinca, e eu reviro os olhos.

“O dia mal começou e você já está me irritando”, respondo no mesmo tom.

Algumas garotas passam por nós a caminho dos chuveiros. Elas ficam olhando para Hardin sem nem se preocupar em ser discretas.

“Senhoritas”, Hardin cumprimenta, e elas riem como um bando de menininhas. Bom, tecnicamente são meninas, mas já são bem crescidinhas e deveriam saber se comportar.



44

Depois de usar o banheiro, não vejo Hardin por perto, nem ouço nenhum chuveiro ligado. Fico com medo de que ele tenha ido para algum lugar com aquelas meninas. Hardin nem trouxe roupas limpas para vestir depois do banho. Mas ele pode até usar roupas sujas de lama e ainda vai ser o cara mais lindo que já vi. Com exceção do Noah, lembro a mim mesma.

Após um banho rápido, eu me seco, me visto e volto para o quarto, onde para meu alívio encontro Hardin sentado na cama. Tomem essa, meninas, vibra uma parte de mim. Ele está sem camisa, e a água deixou seus cabelos mais escuros. Fecho a boca para garantir que não estou com a língua de fora.

“Que demora!”, ele comenta e se recosta na cama. Seus músculos se contraem quando ele põe as mãos atrás da cabeça para se apoiar à parede.

“Você falou que ia ser uma companhia agradável, esqueceu?”, digo enquanto vou até o armário de Steph e abro a porta para usar o espelho.

Pego o estojo de maquiagem e me sento no chão, cruzando as pernas.

“Essa é minha versão de uma companhia agradável.”

Fico em silêncio enquanto tento passar um pouco de maquiagem. Depois de três tentativas de fazer uma linha reta na pálpebra, atiro o delineador no espelho, e Hardin cai na risada.

“Você nem precisa usar isso aí mesmo”, ele me diz.

“Eu gosto”, respondo, e ele revira os olhos.

“Tudo bem, então a gente pode ficar aqui o dia todo enquanto você tenta pintar o rosto”, ele rebate. Realmente, uma companhia muito agradável.

Hardin percebe o que fez e pede desculpas enquanto limpo os olhos. Mas acabo desistindo mesmo da maquiagem. É difícil fazer qualquer coisa com alguém como ele me olhando.

“Estou pronta”, anuncio, e Hardin se levanta em um pulo. “Você não vai vestir uma camisa?”, pergunto.

“Vou, sim. Tenho uma no porta-malas.”

Eu estava certa: ele deve ter um estoque infinito de camisetas no carro.

Prefiro nem pensar nos motivos para isso.

Como prometido, Hardin pega uma camiseta preta no porta-malas e termina de se vestir no estacionamento.

“Para de ficar me olhando e entra no carro”, ele diz, brincando. Respondo

gaguejando que não estava olhando e faço o que ele pediu.

“Gosto de ver você de branco”, digo quando ele entra, sem parar para pensar no que estou dizendo.

Ele me olha e abre um sorrisinho pretensioso. “É mesmo?”, Hardin pergunta erguendo a sobrancelha. “Bom, e eu gosto de ver você com essa calça. Ela mostra bem sua bunda”, ele acrescenta, deixando-me de queixo caído. Hardin e suas obscenidades…

Dou um tapinha de brincadeira nele, e Hardin cai na risada. Eu me parabenizo

mentalmente por ter escolhido aquela calça. Quero que Hardin olhe para mim e, apesar de jamais ser capaz de admitir, fico lisonjeada com a maneira como me elogia.

“E então, aonde vamos?”, ele pergunta, e eu pego meu celular. Leio a lista de revendedoras de carros usados existentes em um raio de oito quilômetros e começo a ler os comentários sobre algumas delas.

“Você planeja demais as coisas. Não vamos a nenhum desses lugares.”

“Vamos, sim. Já está decidido. Tem um Prius que eu quero ver na Bob’s Super Cars”, conto, fazendo uma careta por causa do nome ridículo.

“Um Prius?”, ele questiona com um tom de desprezo.

“Sim! É um carro econômico, seguro e…”

“Chato. É fácil reconhecer alguém que quer ter um Prius. É só gritar: ‘Ei, vovó, olha só, um Prius’!”, ele diz com uma vozinha aguda e cai na risada.

“Pode tirar sarro o quanto quiser, mas vou economizar uma nota com gasolina”, argumento aos risos, e ele se inclina para o lado e belisca minha bochecha. Eu me viro para ele, perplexa com seu gesto carinhoso. Hardin parece tão surpreso com o que fez quanto eu.

“Você é uma gracinha às vezes”, ele me diz.

Olho para a frente de novo. “Puxa, valeu, hein?”

“É sério, você faz umas coisas bonitinhas”, ele murmura. Aquelas palavras parecem desconfortáveis em sua boca, e sei que ele não está acostumado a falar esse tipo de coisa.

“Tá bom…”, respondo, olhando pela janela lateral.

Cada instante que passo com Hardin faz crescer o que sinto por ele, e sei que é perigoso permitir que esses momentos íntimos e aparentemente inofensivos aconteçam, mas não tenho controle sobre mim mesma quando o assunto é ele. Eu me transformo em uma passageira de um trem desgovernado.

Hardin no fim acaba me levando até a Bob's Super Cars, e eu agradeço por isso. Bob é um sujeito baixinho, suado e cheio de gel no cabelo que cheira a nicotina e couro e cujo sorriso é adornado com um dente de ouro. Enquanto ele conversa comigo, Hardin se mantém por perto, fazendo caretas de tempos em tempos. O homenzinho parece intimidado com a aparência

agressiva dele, mas eu não o culpo por isso. Dou uma olhada no estado do Prius usado e acabo desistindo de comprá-lo. Fico com a sensação de que o carro vai enguiçar assim que sair da loja, e Bob não oferece nenhum tipo de garantia.

Passamos por mais algumas lojas, tão ruins quanto a primeira. Depois de uma manhã inteira conversando com diversos vendedores quase calvos, decido suspender a busca. Se quiser um carro decente, vou ter que procurar mais longe do campus, e não estou a fim de fazer isso hoje. Decidimos passar num drive-through, e enquanto comemos no carro Hardin me surpreende contando que Zed foi preso por vomitar no chão de uma lanchonete no ano passado. O dia está transcorrendo melhor do que eu imaginava, e pela primeira vez penso que nós dois podemos sobreviver ao semestre sem matar um ao outro.

No caminho de volta para o campus, passamos por uma sorveteria simpática, e peço para Hardin parar. Ele resmunga e finge que não está a fim, mas vejo um esboço de sorriso em sua cara fechada. Hardin diz para eu me sentar e vai fazer os pedidos. Ele volta com dois potinhos de frozen com todo tipo de cobertura possível e imaginável. Não parece nada bom, mas ele me garante que aquela era a única maneira de compensar pelo que pagamos.

Apesar da aparência nojenta, está delicioso. Antes que eu chegue à metade do meu, Hardin já devorou o seu.

"Hardin?", diz uma voz de homem.

Ele ergue a cabeça, estreitando os olhos. Que sotaque foi esse que acabei de ouvir? O desconhecido está segurando uma sacola e uma bandeja com copos de iogurte.

"Hã… oi", Hardin cumprimenta, e percebo instintivamente que aquele é seu pai. É um homem alto e magro, como Hardin, e tem o mesmo formato dos olhos, mas os seus são castanhos, e não verdes. Fora isso, os dois são bem diferentes. O pai de Hardin está vestindo uma calça social cinza e um colete de lã. Seus cabelos castanhos estão um pouco grisalhos nas laterais e sua postura é fria e

formal. Mas isso até ele abrir o mesmo sorriso cativante que surge no rosto de Hardin quando não está ocupado em ser um babaca.

“Oi, eu sou a Tessa”, apresento-me, estendendo a mão. Hardin me olha feio, mas ignoro. Sei que, se dependesse dele, não íamos nem ser apresentados.

“Olá, Tessa, eu sou Ken, pai do Hardin”, ele diz, e aperta minha mão.

“Hardin, você nem me contou que tem namorada… Vocês podiam ir jantar lá em casa. Karen pode cozinhar para nós. Ela é uma ótima cozinheira.”

Meu primeiro impulso é minimizar a raiva de Hardin e dizer a seu pai que não sou sua namorada, mas ele se manifesta primeiro.

“Hoje à noite não podemos. Eu tenho uma festa e ela não está a fim de ir”, Hardin retruca. Solto um suspiro de surpresa ao ouvir a maneira como trata

o pai. A decepção no rosto de Ken é visível, e me sinto muito mal por ele.

“Na verdade, eu adoraria ir. Também sou amiga do Landon, nós fazemos algumas aulas juntos”, acabo intervindo, e o sorriso simpático de Ken reaparece.

“É mesmo? Que ótimo. Landon é um bom garoto. Ficaria feliz em receber vocês hoje à noite”, diz Ken, e abro um sorriso.

Sinto o olhar de Hardin me fuzilar quando pergunto: “A que horas nós podemos chegar?”.

“‘Nós’?”, questiona o pai dele, e eu faço que sim com a cabeça. “Certo…

pode ser às sete. Preciso dar um tempo para Karen se programar, senão ela come meu fígado”, ele brinca, e eu sorrio. O olhar furioso de Hardin se volta para o lado de fora da janela.

“Está ótimo! A gente se vê mais tarde!”

Ele se despede de Hardin, que o ignora grosseiramente, apesar de eu chutar seu pé por baixo da mesa. Um minuto depois de seu pai sair da sorveteria, Hardin se levanta de forma abrupta e empurra a cadeira de forma violenta contra a mesa. A cadeira tomba, e ele a chuta para longe antes de sair pisando duro, deixando-me

sozinha para lidar com os olhares espantados de todos lá dentro. Sem saber o que fazer, deixo meu sorvete onde está, murmuro alguns pedidos de desculpas, levanto a cadeira com gestos inseguros e desajeitados e saio correndo atrás dele.



45

Grito o nome de Hardin, mas ele me ignora. Quando está quase chegando ao carro, ele dá meia-volta de forma tão repentina que quase trombamos.

“Como assim, Tessa? Que porra foi essa?”, ele grita comigo. As pessoas ao redor estão olhando, mas ele nem se abala. “Que tipo de joguinho está fazendo?” Ele chega ainda mais perto de mim. Está furioso, irritadíssimo.

“Não estou fazendo joguinho nenhum, Hardin… Não percebeu o quanto ele queria que você fosse? Seu pai estava só tentando se aproximar de você, e sua falta de respeito foi absurda!” Nem sei por que estou berrando, mas não vou deixar que grite comigo.

“Se aproximar de mim? Está de brincadeira comigo, porra? Ele devia ter tentado se aproximar de mim antes de abandonar a família, isso sim!” As veias no seu pescoço saltam sob a pele.

“Para de gritar assim comigo! Ele deve estar querendo compensar o tempo perdido! As pessoas cometem erros na vida, Hardin, e seu pai claramente se preocupa com você. Tem até um quarto montado para você na casa dele, com roupas e tudo, para o caso de…”

“Você não sabe merda nenhuma sobre ele, Tessa!”, Hardin berra, estremecendo de raiva. “Porra, ele vive em uma mansão com outra família, enquanto minha mãe trabalha dez horas por dia só para pagar as contas!

Nem tente vir me dar lição de moral… cuide da sua vida!”

Ele entra no carro e bate a porta com força. Eu me apresso em entrar também, com medo de que me deixe para trás, de tão bravo que está. Lá se foi nosso dia sem discussões.

Hardin está espumando, mas felizmente permanece em silêncio quando pegamos a via expressa. Se eu pudesse manter esse silêncio pelo restante do trajeto, seria ótimo. Mas uma parte de mim insiste em afirmar que Hardin precisa entender que não aceito esse tipo de tratamento. Essa é uma das poucas coisas em mim cujo crédito deve ser dado integralmente à minha mãe — ela me mostrou exatamente como não quero ser tratada por um homem.

“Certo”, digo, fingindo estar calma. “Vou cuidar da minha própria vida, mas também vou aceitar o convite para jantar hoje à noite, mesmo que você não vá.”

Como um animal selvagem que foi provocado, ele se vira na minha

direção. “Ah, não vai, não!”

Mantendo minha calma fingida, respondo: “Você não pode me dizer o que fazer ou deixar de fazer, Hardin, e caso não tenha percebido, fui convidada. É

melhor eu perguntar pro Zed se ele quer ir, então?”.

“O que você disse?!” Hardin vira o volante e para no acostamento da via movimentada, levantando uma nuvem de poeira.

Sei que peguei pesado demais, mas estou tão irritada quanto ele. “O que você está fazendo? Por que parou no acostamento desse jeito?”

“O que você tá fazendo? Primeiro diz para meu pai que vou jantar na casa dele e agora tem a cara de pau de me falar que vai levar o Zed?”

“Ah, é. Desculpe. Seus amigos não sabem que Landon é seu irmão, e você não quer que eles descubram, né?”, pergunto, dando risada ao perceber o quanto ele está sendo ridículo.

“Pra começo de conversa, ele não é meu irmão, e não é por isso que não quero o Zed por lá.” Seu tom de voz está mais contido, mas sua raiva ainda é visível.

Mesmo em meio ao caos, o ciúme de Hardin me dá uma pontinha de esperança. Sei que esse sentimento é motivado mais pela rivalidade entre os dois do que por mim, mas mesmo assim fico com um frio na barriga.

“Bom, se você não pode ir comigo, vou ter que ir com ele.” Jamais faria uma

coisa dessas, mas Hardin não sabe disso.

Ele olha pela janela por alguns segundos e em seguida solta um suspiro, dissipando um pouco da tensão. “Tessa, eu não quero ir. Não quero passar tempo nenhum com a família perfeita do meu pai. Tenho meus motivos para evitar a companhia deles.”

Também amenizo meu tom de voz. “Bom, não quero forçar a barra se isso machuca você, mas queria muito que você fosse comigo. Eu vou de qualquer forma.”

Em um momento estávamos tomando sorvete juntos, em seguida começamos a gritar um com o outro, e agora voltamos a conversar normalmente. Minha cabeça está no mínimo tão acelerada quanto meu coração.

“Machuca?”, ele questiona, incrédulo.

“Pois é, se pra você é um incômodo tão grande ir, prefiro que não vá”, respondo. Sei que não vale a pena tentar forçá-lo a fazer algo que não queira.

Hardin não tem o costume de cooperar com ninguém.

“E por que faria diferença para você se isso me machuca?” Ele me olha nos olhos. Tento virar para o outro lado, mas outra vez estou hipnotizada por Hardin.

“Por que não faria?”

“Minha pergunta foi por que faria.”

O olhar em seu rosto é quase de súplica. Ele quer que eu diga com todas

as letras, mas não posso. Minhas palavras vão acabar sendo usadas contra mim, e ele nunca mais vai querer me ver pela frente. Vou virar a menina irritante que gosta dele, e Steph já me contou como Hardin reage quando isso acontece.

“Eu me preocupo com você”, respondo, torcendo para que seja o bastante para satisfazê-lo.

Meu telefone começa a tocar, causando uma interrupção indesejada. Tiro o aparelho da bolsa e vejo que é Noah. Sem pensar duas vezes, aperto o botão de

ignorar a chamada.

“Quem é?” Hardin é tão intrometido.

“Noah.”

“Você não vai atender?” Ele parece surpreso.

“Não, nós estamos conversando.” E prefiro falar com você, acrescenta meu subconsciente.

“Ah.” É só isso que ele diz, mas o sorriso em seu rosto é perceptível.

“Então, você vai comigo? Faz um tempão que não como uma comidinha caseira, e não vou recusar o convite.” Sorrio. O clima no carro é ameno e tenso ao mesmo tempo.

“Não. Tenho outros planos”, ele murmura. Prefiro nem saber se esses planos incluem Molly.

“Ah, então tá. Você vai ficar bravo se eu for?” É uma coisa meio estranha ir à casa do pai de Hardin sem ele, mas sou amiga de Landon também e fui convidada.

“Estou sempre bravo com você, Tess”, ele responde, e a expressão brincalhona em seu rosto é visível quando ele me olha.

Dou uma risadinha. “Também estou sempre brava com você”, digo a ele, que ri baixinho. “Podemos sair daqui agora? Se a polícia aparecer, você vai ser multado.”

Ele faz que sim com a cabeça, engata a marcha e volta para a via expressa.

A briga com Hardin terminou mais depressa do que eu esperava. Acho que ele está mais acostumado a bater de frente com as pessoas do que eu. Quanto a mim, gosto muito mais de sua companhia quando não brigamos.

Prometi a mim mesma que não ia perguntar, mas preciso saber… “Então, hã… quais são seus planos… para hoje à noite?”

“Por que você quer saber?” Consigo sentir seu olhar sobre mim, mas continuo virada para a janela.

“Por nada, mas como você mencionou que tinha planos…”

“Hoje à noite tem festa de novo. É isso que eu faço toda sexta e todo sábado, com exceção de ontem e do sábado passado…”

Faço o desenho de um círculo na janela com o dedo. “Isso não cansa?

Fazer a mesma coisa todo fim de semana, com o mesmo povo bêbado?”

Espero que ele não se ofenda.

“Acho que sim. Mas somos estudantes, e eu moro em uma república. O

que mais posso fazer?”

“Sei lá… É que parece uma coisa meio chata, ter que limpar tanta bagunça todo fim de semana, principalmente para você, que nem bebe.”

“Isso é verdade, mas até agora não encontrei nada melhor para passar o tempo, então…” Ele se interrompe. Sei que ainda está olhando para mim, mas continuo voltada para o outro lado.

O restante do trajeto é feito em silêncio. Sem nenhuma tensão nem nada do tipo, só silêncio.

Enquanto vou andando sozinha até meu quarto, percebo como estou agitada. Meus sentimentos estão à flor da pele. Acabei de passar a noite e quase o dia todo com Hardin, e conseguimos ficar numa boa na maior parte do tempo. Foi divertido, na verdade, bem divertido. Por que não consigo me divertir assim com alguém que gosta mesmo de mim? Como Noah? Sei que preciso ligar para ele, mas quero curtir mais um pouquinho isso que estou sentindo.

Quando entro no quarto, para minha surpresa, vejo que Steph está lá.

Geralmente ela passa os fins de semana fora.

“Posso saber onde a senhorita estava?”, ela brinca, enfiando um punhado de

pipoca na boca.

Dou risada, tiro os sapatos e deito na cama. “Fui procurar um carro para comprar.”

“E encontrou?”, ela pergunta, e eu conto a respeito das minhas desventuras pelas lojas de usados, sem mencionar a presença de Hardin. Alguns minutos depois, alguém bate na porta, e Steph vai atender.

“O que você está fazendo aqui, Hardin?”, ela resmunga.

Hardin. Lanço um olhar apreensivo em sua direção quando ele vem até minha cama, com as mãos nos bolsos, balançando-se para a frente e para trás.

“Esqueci alguma coisa no seu carro?”, pergunto, e ouço um suspiro de Steph. Vou ter que me explicar mais tarde, apesar de não saber ao certo como foi que acabamos passando o dia juntos.

“Humm… não. Bom, hã, achei que eu poderia levar você até a casa do meu pai hoje à noite. Porque você não conseguiu encontrar um carro e tal”, ele fala, parecendo nem se dar conta da presença de Steph, que está de queixo caído. “Se você não quiser… tudo bem também, só vim oferecer uma carona.”

Eu me sento na cama, e ele prende o piercing do lábio entre os dentes.

Adoro quando faz isso. Fico tão surpresa com sua oferta que quase me esqueço de responder. “Seria ótimo. Obrigada.”

Abro um sorriso, que ele retribui, aparentemente aliviado. Hardin tira

uma das mãos do bolso, passa pelos cabelos e depois enfia de volta na calça.

“Certo… Passo por aqui às seis e meia, para você não se atrasar.”

“Obrigada, Hardin.”

“Tudo bem”, ele diz calmamente e sai do quarto, fechando a porta atrás de si.

“O que foi isso?!”, grita Steph.

“Na verdade, nem eu sei”, admito. Quando penso que Hardin não tem como ser

mais complicado, ele me faz uma coisa dessas.

“Não acredito no que acabei de ver! Hardin… a maneira como ele entrou aqui, como se estivesse todo nervoso! Ai, meu Deus! E ele se ofereceu para levar você na casa do pai dele… Espera aí, o que você vai fazer na casa do pai dele? E você pensou que tinha esquecido alguma coisa no carro? Por que eu ainda não sei de tudo isso? Preciso de detalhes!” Ela está praticamente aos berros e se acomoda no pé da minha cama.

Conto tudo, explicando que Hardin apareceu na porta do quarto ontem à noite, e que enquanto víamos um filme ele pegou no sono, e que hoje saímos para procurar um carro. Esclareço também que só não disse que estava com ele porque achei que ela ia me falar para manter distância, enquanto eu quero passar mais tempo com ele. Não entro em detalhes sobre o pai dele, conto apenas que vou jantar em sua casa, mas Steph parece estar bem mais interessada na noite passada.

“Não acredito que ele dormiu aqui. Isso não é pouca coisa. Tipo, Hardin nunca faz isso, e também nunca deixa as pessoas ficarem no quarto dele.

Ouvi dizer que tem pesadelos ou coisa do tipo, sei lá. Sério mesmo, o que você fez com ele? Eu queria ter filmado o jeito como entrou aqui!” Ela grita e cai na risada. “Ainda não acho que seja uma boa ideia, mas você consegue lidar com ele melhor do que qualquer um. Só toma cuidado”, ela avisa mais uma vez.

O que eu fiz com ele? Com certeza nada. Hardin só não está acostumado a ser bonzinho, mas por alguma razão está sendo comigo. Talvez esteja querendo me provar alguma coisa com essa tentativa de ser gentil. Não tenho certeza de nada, e minha cabeça está quase fundindo de tanto tentar entender.

Menciono o nome de Tristan, e Steph assume a conversa dali em diante.

Tento prestar atenção em seus relatos sobre a festa de ontem, em que Molly acabou ficando sem blusa (grande surpresa) e Logan venceu Nate em uma disputa de braço de ferro com os dois totalmente bêbados (ela jura que foi uma daquelas coisas que você precisa ver com os próprios olhos para achar graça). Meus pensamentos se voltam o tempo todo para Hardin, e olho no relógio para me certificar de que vou ter tempo para me arrumar. Ainda são quatro horas, e posso começar a me aprontar às cinco.

A conversa continua até as cinco e meia, e Steph fica empolgadíssima quando peço para ela arrumar meu cabelo e fazer minha maquiagem. Nem

sei por que estou tão preocupada em me produzir toda para um jantar em família ao qual nem deveria ir, mas é isso que faço. Ela aplica uma maquiagem leve, bem discreta, e fica ótima. Natural, mas bonita. Em seguida faz meus cabelos ficarem ondulados como da outra vez. Decido usar meu vestido vinho favorito, apesar da insistência de Steph em me fazer vestir algo de seu armário. É um vestido bonito e recatado, perfeito para um jantar em família.

“Pelo menos use a meia-calça de renda por baixo, ou me deixe cortar as mangas”, ela resmunga.

“Tudo bem, acho que posso usar a meia-calça. Mas não tem nada de errado com o vestido, ele fica bem em mim”, retruco.

“Eu sei, é que ele é tão… sem graça.” Ela torce o nariz, mas parece ficar mais satisfeita quando visto a meia-calça e concordo em usar salto alto. A sapatilha que pus ontem na bolsa ainda está lá, em todo caso.

Quando vai chegando perto das seis e meia, percebo que estou mais nervosa com o trajeto até a casa do que com o jantar em si. Fico ajeitando a meia-calça toda hora, e caminho um pouco pelo quarto para me acostumar com os saltos. Hardin enfim bate na porta. Steph abre um sorrisinho esquisito quando a abro.

“Uau, Tessa, você… hã… está bonita”, ele murmura, e eu sorrio. Desde quando ele diz “hã” toda vez que abre a boca?

Steph me acompanha até a porta, dá uma piscadinha e diz como uma mãe orgulhosa: “Divirtam-se!”. Hardin mostra o dedo do meio para ela, e Steph retribui o gesto grosseiro antes de fechar a porta do quarto.



46

O trajeto até a casa é tranquilo. A música de fundo no carro serve como distração, e percebo que Hardin segura o volante com uma força um pouco exagerada. Ele parece tenso durante todo o caminho, mas sei que, caso quisesse

falar sobre alguma coisa, não teria problemas em fazer isso.

Desço do carro e começo a subir os degraus que levam à porta da frente.

Com o sol ainda brilhando no céu, consigo ver as trepadeiras que cobrem as laterais da casa e suas flores brancas. Para minha surpresa, ouço a porta do carro de Hardin se abrir e se fechar, e em seguida seus passos na calçada.

Quando me viro, ele está a apenas alguns passos de mim.

“O que está fazendo?”, pergunto.

“Acompanhando você, ora.” Ele revira os olhos e aperta o passo para me alcançar no alto da escada.

“Sério? Achei que você não…”

“Pois é. Mas vamos entrar logo para ter a pior noite da nossa vida.”

Hardin abre o sorriso mais falso que já vi. Dou uma cotovelada de leve nele e toco a campainha. “Não preciso tocar a campainha”, ele diz, já virando a maçaneta. Acho que isso não é problema, já que a casa é do pai dele, mas mesmo assim fico meio sem jeito.

Quando atravessamos o hall, o pai dele aparece. A surpresa em seu rosto é evidente, mas ele abre um sorriso cativante e vai abraçar o filho. Hardin, por sua vez, evita o contato e passa direto pelo pai. Uma expressão de embaraço surge nas belas feições do sr. Scott, mas olho para o lado para que ele não fique ainda mais sem graça.

“Muito obrigada pelo convite, sr. Scott”, digo quando chego até ele.

“Obrigado você por ter vindo, Tessa. Landon me falou muito bem de você.

E, por favor, me chame de Ken”. Ele sorri, e eu o acompanho até a sala.

Landon está sentado no sofá com um livro de teoria literária no colo. Ele sorri e fecha o livro quando me vê, e vou me sentar ao seu lado. Não sei aonde Hardin foi, mas cedo ou tarde ele vai ter que aparecer.

“Então você e Hardin estão tentando ser amigos de novo?”, Landon pergunta, franzindo a testa de leve. Até quero explicar o que está acontecendo entre nós, mas sinceramente nem eu entendo.

“É uma coisa complicada.” Tento sorrir, mas acabo não conseguindo.

“Mas você ainda está com Noah, né? Porque, do jeito que Ken falou, parece

que vocês estão namorando.” Ele dá risada. Espero que minha risada em resposta não soe muito falsa. “Não tive coragem de dizer que não, mas Hardin com certeza vai se encarregar disso”, Landon acrescenta.

Eu me remexo desconfortavelmente no assento, sem saber o que dizer.

“Sim, ainda estou com Noah, mas é que…”

“Você deve ser a Tessa!” Uma voz de mulher reverbera pela sala. A mãe de Landon se aproxima de mim, e eu me levanto para cumprimentá-la. Seus olhos são reluzentes e seu sorriso é adorável. Ela está usando um vestido turquesa de um modelo parecido com o meu e um avental com estampa de morangos e bananas por cima.

“Muito prazer. Obrigada por me receber. Sua casa é linda”, digo a ela. Seu sorriso se escancara ainda mais, e ela aperta minha mão.

“Você é muito bem-vinda, querida, e o prazer é todo meu”, ela responde.

Um timer apita na cozinha, e ela leva um susto. “Bom, preciso terminar de preparar a comida, mas vejo vocês na sala de jantar daqui a pouquinho.”

“O que você está fazendo?”, pergunto a Landon quando ele pega o fichário.

“Os trabalhos da semana que vem. Esse ensaio sobre Tolstói está acabando comigo.”

Dou risada e balanço a cabeça — demorei horas para escrever o meu. “Pois é, não é nada fácil. Terminei o meu uns dias atrás.”

“Bom, se os dois nerds já terminaram de falar sobre trabalhos da faculdade, eu queria jantar ainda hoje”, Hardin diz. Olho feio para ele, mas Landon dá risada e

guarda o livro antes de irmos para a sala de jantar. Pelo jeito a briga fez bem para eles, no fim das contas.

Vou com os dois até a espaçosa sala de jantar. A mesa comprida está decorada lindamente, com louças e talheres e diversos pratos de comida no centro. Karen realmente caprichou. É melhor Hardin se comportar, ou eu acabo com ele.

“Tessa, você e Hardin vão se sentar ali”, Karen avisa, apontando para o lado esquerdo da mesa. Landon se senta na frente de Hardin. Ken e Karen se acomodam ao seu lado.

Agradeço e me sento ao lado de Hardin, que está quieto e parece bem desconfortável com a situação. Karen faz o prato de Ken, que agradece dando um beijo em seu rosto. É um gesto tão lindo e carinhoso que sou obrigada a desviar o olhar. Faço um prato com carne assada, batata e abobrinha e complemento com um pãozinho. Hardin ri baixinho ao ver a quantidade de comida que peguei.

“Que foi? Exagerei?”, sussurro.

“Nada. As garotas que comem bem são as melhores.” Ele dá risada de novo e faz um prato ainda maior que o meu.

“Então, Tessa, está gostando da Washington Central?”, Ken quer saber.

Mastigo a comida depressa para poder responder. “Estou adorando. Mas

ainda estou no primeiro semestre, então é melhor me perguntar de novo daqui a alguns meses”, brinco, e todo mundo dá risada, a não ser Hardin.

“Que bom. Já faz parte de algum clube no campus?”, Karen pergunta, limpando a boca com o guardanapo.

“Ainda não, mas quero entrar no clube de leitura no próximo semestre.”

“É mesmo? Hardin era desse clube”, Ken comenta, olhando para o filho, que estreita os olhos, claramente aborrecido.

“E vocês, o que acham de morar perto da WCU?”, pergunto para mudar o rumo da conversa. A expressão de Hardin se ameniza, o que me leva a pensar que essa

é sua maneira de me agradecer.

“Nós gostamos. Antes de Ken virar reitor, morávamos em um lugar bem menor, mas, quando encontramos esta casa, foi amor à primeira vista.”

Meu garfo cai ruidosamente sobre o prato de vidro. “Reitor? Da WCU?”, questiono, quase sem fôlego.

“Sim. Hardin não falou?”, diz Ken, olhando para o filho.

“Não… não contei.”

Karen e Landon também olham para Hardin, que se remexe na cadeira, inquieto.

Ele encara seu pai com um olhar de ódio e se levanta em um pulo, gritando: “Não! Isso mesmo, não contei nada para ela e nem acho que isso faça diferença. Não preciso do seu nome nem do seu cargo para porra nenhuma!”. Quando ele sai da mesa pisando duro, Karen faz cara de choro, e o rosto de Ken está todo vermelho.

“Desculpe, não sabia que ele…”, começo.

“Não precisa se desculpar pelo comportamento dele”, contemporiza Ken.

Ouço a porta dos fundos ser batida. “Com licença”, digo antes de me levantar e sair atrás de Hardin.



47

Saio às pressas pela porta dos fundos e vejo Hardin andando de um lado para o outro no deque do quintal. Não sei o que posso fazer para amenizar a situação, mas com certeza é melhor ficar aqui com ele do que lá dentro encarando sua família depois do que aconteceu. Sinto-me responsável, já que fiz questão de vir, mesmo sabendo que Hardin não queria. Se ele de repente virasse amigo da minha mãe, sei que ia achar muito desagradável.

Como se ela fosse querer, meu subconsciente me lembra.

Como se tivesse ouvido meus pensamentos, Hardin me lança um olhar de irritação. Quando tento me aproximar, ele se afasta.

“Hardin…”

“Não, Tessa, nem tenta”, ele diz com um tom de voz irredutível. “Sei que você vai falar que preciso voltar e me desculpar, mas isso não vai acontecer de jeito nenhum, então poupa sua saliva! É melhor você voltar lá para dentro, aproveitar o jantar e me deixar em paz.”

Dou mais um passo à frente, mas só o que consigo dizer é: “Não quero voltar lá para dentro”.

“Por que não? Você combina bem com o jeito moralista e entediante deles.”

Ai, ai! Por que vim até aqui mesmo? Ah, é: para ser o saco de pancadas de Hardin.

“Quer saber? Tudo bem! Vou deixar você em paz… só não sei por que continuo tentando!”, eu grito, torcendo para que ninguém me ouça lá dentro.

“Deve ser porque você não tem um pingo de noção.” Quando essas palavras saem de sua boca, sinto um tremendo nó na garganta.

“Pelo menos agora sei o que você pensa de mim.” Fico olhando para o quintal, tentando assimilar o choque daquelas palavras, mas é impossível.

Quando me viro para Hardin, ele me encara com seus olhos frios.

“É só isso que você tem a dizer em sua defesa?” Ele dá risada e passa as mãos pelos cabelos.

“Você não merece que eu perca meu tempo com isso. Não merece nem que eu fale com você, nem que as pessoas percam tempo organizando um jantar só para você vir e estragar tudo! É só isso que você faz: estraga tudo, sempre! E estou cansada disso.” As lágrimas escorrem pelo meu rosto, e Hardin chega mais perto. Eu recuo, mas acabo tropeçando em alguma coisa. Ele estende o braço

para me segurar, porém eu me apoio em uma cadeira. Não preciso de sua ajuda para nada.

Quando o encaro de novo, o que vejo em seu rosto é pura exaustão. E em sua voz também, quando ele me diz: “Você está certa”.

“Sei que estou.” Dou as costas para ele.

Com uma rapidez impressionante, Hardin me pega pelo pulso e me puxa para junto de seu peito. Eu me deixo levar sem resistência, desesperada para tocá-lo. Mas sei que é melhor não fazer isso e escuto o alerta do meu coração disparado dentro do peito. Eu me pergunto se Hardin também é capaz de ouvir, ou de sentir minha pulsação acelerada sob a pele. Seus olhos estão carregados de raiva, e sei que os meus não devem estar muito diferentes.

Sem nenhum aviso, ele cola seus lábios nos meus com uma força quase dolorosa. É um gesto tão cheio de urgência e vontade que fico totalmente perdida. Perdida nos braços de Hardin. Perdida no gosto salgado das minhas lágrimas em nossas bocas, perdida nos dedos que agarram meus cabelos.

Suas mãos passeiam da minha cabeça até minha cintura, e ele me põe sentada em cima do gradil. Minhas pernas se abrem para ele, que se coloca entre elas, sem nunca perder contato com minha boca. Estamos completamente envolvidos um com o outro. Meus dentes roçam de leve seu lábio inferior, e ele solta um gemido e me puxa ainda mais para perto.

A porta dos fundos se abre, interrompendo o transe. Quando me viro para olhar, fico horrorizada ao dar de cara com o rosto gentil de Landon. Ele está vermelho, com os olhos arregalados. Dou um empurrão em Hardin e desço do gradil, ajeitando meu vestido quando aterrisso no deque de madeira.

“Landon, eu…”, começo a dizer.

Ele ergue a mão me pedindo silêncio e chega mais perto de nós. A respiração de Hardin está tão ofegante que parece ecoar pela casa e pelas árvores ao redor. Seu rosto está em chamas e seus olhos estão enlouquecidos.

“Eu não entendo. Pensei que vocês se detestassem, e agora pego os dois…

Você tem namorado, Tessa. Nunca pensei que fosse assim.” As palavras de Landon são ásperas, mas seu tom de voz é ameno.

“Eu não sou… E nem sei o que isso significa”, respondo, fazendo um gesto

apontando para mim e para Hardin, que para minha sorte permanece em silêncio. “Noah já sabe, pelo menos de tudo o que aconteceu antes. Eu ia contar para você, mas não queria que sua opinião ao meu respeito mudasse”, acrescento, quase como um pedido de desculpas.

“Não sei o que pensar…”, Landon diz antes de voltar lá para dentro.

E então, como se fosse uma cena de filme, um trovão reverbera no ar.

“Acho que vai chover”, comenta Hardin, esquadrinhando com os olhos o céu cada vez mais escuro. Apesar do rosto todo vermelho, seu tom de voz é

tranquilo.

“Está preocupado com a chuva? Landon acabou de pegar a gente… se beijando”, respondo, sentindo o fogo que nos consume se apagar lentamente.

“Ele vai ficar bem.”

Olho para Hardin na expectativa de ver a presunção estampada em seu rosto, mas não é isso que encontro. Ele põe a mão nas minhas costas e me acaricia de levinho.

“Quer voltar lá para dentro ou prefere que eu leve você embora?”, pergunta.

A rapidez com que ele muda de furioso para lascivo e depois para tranquilo é de atordoar.

“Gostaria muito de voltar lá para dentro e terminar de jantar. O que você quer fazer?”

“Acho que podemos entrar. A comida está muito boa”, ele diz com um sorriso, e eu dou uma risadinha. “Adoro ouvir esse som”, Hardin me fala, olhando nos meus olhos.

“Seu humor melhorou um bocado”, comento, e ele sorri outra vez.

Hardin esfrega a nuca como sempre faz. “Pois é, também não entendo isso.”

Será que ele está tão confuso quanto eu? Queria poder ser mais racional em

relação a Hardin, para lidar melhor com seu temperamento. Quando ele fala esse tipo de coisa, tudo o que estou sentindo se fortalece ainda mais.

Gostaria muito que o sentimento fosse recíproco, mas, pelo que Steph e o próprio Hardin me disseram, isso nunca vai acontecer.

Mais um trovão estoura no céu, e ele me pega pela mão. “Vamos entrar antes que comece a chover.”

Faço que sim com a cabeça, e ele me leva lá para dentro e não solta minha mão nem mesmo quando entramos na sala de jantar. Landon repara nisso, mas não diz nada. Por mais que não queira atrair o olhar de Landon, adoro sentir a mão de Hardin contra a minha, e não tenho a menor vontade de largá-la. Landon volta a se concentrar em seu prato, e nós nos sentamos novamente. Hardin solta minha mão e olha para seu pai e para Karen.

“Desculpa por gritar com você daquele jeito”, ele murmura. A surpresa no rosto de todos é visível, e Hardin baixa os olhos para a mesa. “Espero não ter estragado o jantar que você teve tanto trabalho para fazer”, ele complementa para Karen.

Não consigo me conter, e por baixo da mesa pego a mão de Hardin e a aperto de leve.

“Tudo bem, Hardin, nós entendemos. Mas não vamos estragar nossa noite por causa disso. Vamos terminar o jantar.” Karen sorri, e Hardin retribui com um sorrisinho que eu sei que lhe custa muito. Ken não diz nada, mas balança a cabeça positivamente.

Afasto minha mão devagar, mas Hardin enlaça meus dedos com os seus e se vira para mim. Espero que meu rosto não entregue o desejo que toma conta de mim. Ao que parece, pela primeira vez na minha vida, tento não ficar pensando muito nas coisas, por exemplo no fato de estar de mãos dadas com Hardin sendo que meu namorado é Noah.

O jantar prossegue em um clima agradável, mas me sinto um pouco intimidada por Ken agora que sei que ele é o reitor. Isso não é pouca coisa.

Ele nos conta sobre sua mudança da Inglaterra e diz que adora os Estados Unidos, principalmente o estado de Washington. Hardin não solta minha mão, e

precisamos nos esforçar para comer com uma mão só, mas nenhum de nós parece incomodado com isso.

“O tempo poderia ser melhor, mas é um lugar muito bonito”, brinca Ken, e eu balanço a cabeça em concordância.

“Quais são seus planos para depois da faculdade?”, Karen me pergunta quando terminamos de comer.

“Quero me mudar para Seattle e tentar um emprego no mercado editorial enquanto trabalho no meu primeiro livro”, respondo, cheia de confiança.

“Mercado editorial? Você tem alguma editora em mente?”, Ken pergunta.

“Não exatamente. Mas estou disposta a agarrar qualquer oportunidade que aparecer para entrar nesse mercado.”

“Que ótimo. Por coincidência, tenho excelentes relações com a Vance. Já ouviu falar?”, ele pergunta, e eu olho para Hardin. Ele já tinha me dito que conhecia alguém de lá.

“Sim, ouvi falar muito bem dessa editora.” Abro um sorriso.

“Posso conversar com eles se você quiser. Seria uma ótima oportunidade.

Você parece ser uma moça muito inteligente, e eu adoraria poder ajudar.”

Desfaço o contato com Hardin e junto as duas mãos pouco abaixo do queixo. “Sério? Seria muita gentileza sua! Agradeço muito, muito mesmo!”, exclamo.

Ken me diz que vai ligar para a pessoa que ele conhece na segunda-feira, e eu continuo agradecendo. Ele garante que isso não é nada e que ajuda todo mundo de bom grado quando pode. Volto a pôr a mão debaixo da mesa, mas Hardin já afastou a sua, e quando Karen se levanta e começa a levar as coisas para a cozinha, ele pede licença e vai lá para cima.



Karen abre um sorriso de gratidão quando me ofereço para ajudar na limpeza, e parece um pouco surpresa com minha atitude. Ponho as coisas na lava-louças enquanto ela lava as travessas. Percebo que os pratos são todos novos, e me lembro do estrago que Hardin causou naquela noite. Ele pode ser muito cruel.

“Com o perdão da indiscrição, há quanto tempo você e Hardin estão juntos?” Ela fica vermelha ao fazer a pergunta, mas abro um sorriso simpático.

Acho melhor não entrar na parte do namoro, então respondo: “Bom, a gente só se conhece há mais ou menos um mês. Ele é amigo da Steph, minha colega de quarto”.

“Não conhecemos muitos amigos do Hardin. Você é… bom, você é diferente dos outros que conhecemos.”

“Pois é, nós somos bem diferentes mesmo.”

Um raio ilumina o céu, e a chuva começa a bater com força nas janelas.

“Uau, está caindo um temporal”, ela comenta, fechando a janelinha que fica sobre a pia.

“Hardin não é tão ruim quanto parece”, ela me diz, apesar de parecer mais um lembrete para si mesma do que para mim. “Ele só está magoado. Ainda acredito que em algum momento vai deixar de ser assim. Sou obrigada a dizer que fiquei surpresa por ter aparecido aqui hoje, e só posso supor que tenha sido influência sua.”

Pegando-me de surpresa, ela me envolve em seus braços e me puxa para junto de si. Sem saber o que dizer, limito-me a retribuir o abraço. Ela se afasta um pouco, mas mantém suas mãos com unhas bem-feitas nos meus ombros.

“Muito obrigada, de verdade”, ela diz, e limpa os olhos com o avental antes de voltar a se ocupar com a louça.

Ela é tão gentil comigo que fico sem jeito de dizer que não tenho nenhuma influência sobre Hardin. Ele só veio até aqui hoje à noite para me irritar. Depois de encher a lava-louças, olho pela janela e vejo as gotas de chuva baterem contra o vidro. É impressionante que Hardin — que odeia todo mundo, exceto ele mesmo e talvez sua mãe — tenha tanta gente que se importe com ele e ainda

recuse esse afeto. É muita sorte que tenha essas

pessoas em sua vida, inclusive eu. Faria qualquer coisa por ele — apesar de tentar negar, sei que isso é verdade. Não tenho ninguém a não ser Noah e minha mãe, e os dois juntos não se preocupam tanto comigo quanto a futura madrasta de Hardin se preocupa com ele.

“Vou falar com Ken. Sinta-se em casa, querida”, Karen diz para mim.

Agradeço com um aceno de cabeça e decido ir procurar Hardin, ou Landon, quem eu achar primeiro.

Landon não está em lugar nenhum no andar de baixo, então subo até o quarto de Hardin. Caso ele não esteja lá, acho que vou ter que ficar esperando sozinha no andar de baixo. Viro a maçaneta, mas a porta está trancada.

“Hardin?”, chamo, porém tão baixinho que ninguém me ouve. Bato de leve na porta, mas não ouço nenhuma resposta. Quando me viro para descer, ele abre. “Posso entrar?”, pergunto, e ele faz que sim com a cabeça e abre espaço para eu entrar. Uma brisa suave sopra no interior do quarto, e consigo sentir o cheiro da chuva. Ele se senta com os joelhos erguidos no banco que fica sob a janela, olhando para fora em silêncio. Eu me acomodo diante dele e fico à espera de uma palavra, em meio ao ruído tranquilizador da chuva.

“O que aconteceu?”, acabo perguntando. Ele me olha com uma expressão confusa, e eu explico: “Lá na sala de jantar. Você estava de mão dada comigo e aí… Por que tirou a mão?”. Fico envergonhada com o tom de desespero em minha voz. Sei que fiquei parecendo carente demais, mas agora já foi.

“Foi por causa da história do estágio…? Você não queria que eu aceitasse porque já tinha me oferecido antes?”

“Exatamente isso, Tessa”, ele responde, e olha pela janela outra vez.

“Queria que você aceitasse minha ajuda, não a dele.”

“Por quê? Não é uma competição, e você me ofereceu primeiro, então obrigada.” Quero tranquilizá-lo quanto a isso, apesar de não entender por que está tão incomodado.

Ele solta um suspiro e abraça os joelhos. Permanecemos em silêncio, e seu olhar continua voltado para o lado de fora da janela. O vento está mais forte, balançando vigorosamente as árvores, e os relâmpagos se tornam mais frequentes.

“Quer que eu vá embora? Posso ligar para Steph e perguntar se Tristan pode vir me buscar”, murmuro. Não quero ir, mas ficar aqui sentada em silêncio com Hardin está me enlouquecendo.

“Como assim? De onde tirou essa ideia, se estou dizendo justamente que quero te ajudar?”, ele retruca, elevando o tom de voz.

“S-sei lá. Você não está falando comigo, e a chuva está apertando…”, respondo, gaguejando.

“Você é enlouquecedora. Absolutamente enlouquecedora, Theresa.”

“Quê?”, pergunto com um gritinho agudo.

“Eu aqui dizendo que… que quero ajudar, e a gente fica de mãos dadas, mas não adianta… você não entende. Não sei mais o que fazer.” Hardin esconde o rosto entre as mãos. Será que ele está mesmo dizendo o que estou pensando?

“O quê? O que eu não entendo, Hardin?”

“Que eu quero você. Mais do que qualquer outra coisa na vida.” Ele desvia os olhos de mim.

Meu estômago se revira e minha cabeça começa a girar. O clima entre nós parece ter mudado de novo. A confissão inesperada de Hardin me atinge com força. Porque eu também o quero. Mais do que tudo.

“Eu sei que você… que você não sente o mesmo por mim, mas…”, ele começa, e dessa vez quem interrompe sou eu.

Tiro suas mãos de cima de seus joelhos e as puxo para junto de mim. Ele me encara com uma expressão de incerteza em seus olhos verdes. Enfio o dedo na gola de sua camiseta e o trago mais para perto. Olho em seus olhos.

Ele está com o joelho apoiado ao lado das minhas coxas, e seu corpo está inclinado sobre o meu. Hardin respira fundo algumas vezes, alternando seu olhar entre meus olhos e minha boca. Ele passa a língua pelo lábio inferior e se aproxima um pouco mais. A essa altura, esperava que ele já estivesse me beijando.

“Me beija”, eu peço.

Ele aproxima a cabeça de mim e me deita sobre o banco acolchoado. Abro as pernas para ele, pela segunda vez no dia, e ele se deita sobre mim. Seu rosto está a poucos centímetros do meu, e eu levanto a cabeça para beijá-lo.

Não aguento mais esperar. Quando nossos lábios se tocam, ele se afasta, roça o nariz no meu pescoço, me dá um beijinho de leve e em seguida volta a erguer a cabeça. Hardin beija o canto da minha boca, depois meu queixo, espalhando ondas de prazer pelo meu corpo. Sua boca toca a minha outra vez, e ele passa a língua pelo meu lábio inferior antes de fechar os seus em torno dos meus e abri-los de novo. É um beijo lento e carinhoso, sua língua acaricia a minha sem pressa. Uma de suas mãos se apoia em meu quadril, agarrando o tecido do meu vestido, enquanto a outra passeia pelo meu rosto enquanto ele me beija. Meus braços o enlaçam, mantendo-o colado junto a mim. Cada fibra do meu ser me implora para morder seu lábio e arrancar sua camiseta, mas a maneira afetuosa como ele me beija é ainda melhor que o fogo habitual.

Os lábios de Hardin se moldam aos meus, e minhas mãos passeiam por suas costas. Seus quadris estreitos se acomodam sobre os meus, e um gemido escapa da minha boca. Ele respira fundo enquanto seus lábios traçam o contorno dos meus, centímetro por centímetro.

“Ah, Tessa, as coisas que você me faz… o jeito como me sinto quando

estou com você”, ele sussurra junto à minha boca. Suas palavras me inflamam, e tateio em busca da bainha de sua camiseta. Suas mãos passam pelo meu pescoço, pelo meu peito e pela minha barriga, deixando minha pele toda arrepiada. Ele alcança o pequeno espaço livre entre nossos corpos, logo acima das minhas pernas abertas, e me acaricia de leve por cima da meia-calça. Aplica um pouco mais de pressão, e eu solto um grunhido e arqueio as costas sobre o banco.

Por mais que ele me deixe irritada ou chateada, basta um toque para eu ficar sob seu controle. Sua calma e paciência parecem estar se esgotando

— ele está tentando se conter, mas sua determinação está indo para o espaço.

Ele roça o nariz no meu rosto, e eu levanto sua camiseta e tento tirá-la, mas ela enrosca em seus cabelos, e ele termina de arrancá-la para mim. Hardin arremessa a camiseta para longe e imediatamente volta a me beijar. Seguro sua mão e a coloco de volta entre minhas pernas. Ele dá uma risadinha antes de me olhar.

“O que você quer fazer, Tessa?”, ele pergunta com a voz rouca.

“Qualquer coisa”, respondo, e estou falando sério. Estou disposta a fazer de tudo com ele, seja quais forem as consequências amanhã. Hardin disse que me quer, então eu sou dele. Desde a primeira vez que nos beijamos.

“Não diga isso, tem tanta coisa que eu posso fazer com você…”, ele diz com um grunhido e me aperta com o polegar entre as pernas. Minha imaginação enlouquece com as possibilidades.

“Você decide”, murmuro, e ele faz um movimento circular com o dedo.

“Você está toda molhadinha para mim, dá para sentir mesmo por cima da meia-calça.” Ele lambe os lábios, e eu solto outro gemido. “Vamos tirar essa meia-calça, certo?” Antes que eu responda, Hardin sai de cima de mim. Suas mãos sobem por baixo do meu vestido e ele puxa a meia-calça para baixo arrancando

minha calcinha também. Sinto o ar fresco entre as pernas, e remexo meus quadris involuntariamente.

“Caralho”, ele murmura enquanto examina meu corpo com os olhos, parando no meio das minhas pernas. Incapaz de se controlar, ele baixa a mão e me faz uma carícia com o dedo, que em seguida enfia na boca com os olhos semicerrados. Ai. Ao vê-lo fazer isso, meu corpo todo se incendeia.

“Lembra quando eu disse que queria sentir seu gostinho?”, ele pergunta, e faço que sim com a cabeça. “Bom, quero fazer isso agora. Tudo bem?” Sua expressão é de pura avidez. Fico meio desconfortável com a ideia, mas, se for tão bom quanto o que ele fez na beira do riacho, vou querer com certeza. Ele lambe os lábios outra vez, e me olha bem nos olhos. Da última vez que Hardin disse isso, acabamos brigando, porque ele foi cruel comigo. Espero que não estrague tudo de novo.

“Você quer?”, ele pergunta, e eu solto um grunhido.

“Por favor, Hardin, não me obrigue a pedir”, falo.

Ele vai baixando a mão de novo, acariciando meus quadris com gestos circulares. “Não vou fazer isso”, ele garante. Fico aliviada. Balanço a cabeça afirmativamente, e ele solta um suspiro.

“Vamos para a cama, para você ter mais espaço”, ele sugere, estendendo a mão para mim. Abaixo o vestido quando me levanto, e ele dá uma risadinha.

Hardin puxa uma cordinha e fecha as cortinas azuis e grossas, deixando o quarto quase às escuras.

“Tira tudo”, ele pede baixinho, e eu obedeço. O vestido cai aos meus pés, e fico só de sutiã, uma peça branca e básica, com um lacinho. Ele arregala os olhos e os baixa para os meus peitos, estica a mão e segura o lacinho entre os dedos.

“Lindo.” Ele sorri, e eu fico toda sem graça. Preciso comprar lingerie nova, se Hardin vai continuar a vê-la. Tento esconder meu corpo dele. Sinto-me mais à vontade com ele do que com qualquer um, mas ainda fico envergonhada por estar lá só de sutiã. Olho para a porta, e ele vai até lá para trancá-la.

“Está rindo de mim?”, esbravejo, e ele balança a cabeça.

“Jamais.” Hardin dá uma risadinha e me leva para a cama. “Deite na beirada com os pés no chão, para eu poder me ajoelhar na sua frente”, ele pede.

Deito na cama e ele se agacha no meio das minhas pernas. Meus pés ficam pendurados, sem conseguir alcançar o chão.

“Não tinha percebido que a cama era tão alta”, ele comenta, aos risos. “É

melhor deitar lá em cima mesmo.” Eu subo na cama, e Hardin também. Ele enlaça minhas coxas com os braços e dobra os joelhos para se posicionar entre minhas pernas. A ansiedade para saber como vou me sentir está acabando comigo. Eu queria ter mais experiência para saber o que esperar.

Os cabelos de Hardin fazem cócegas nas minhas coxas quando ele baixa a cabeça.

“Você vai adorar o que vou fazer”, ele murmura com a boca colada à minha barriga. Minha pulsação está aceleradíssima, e por um momento me esqueço de que estamos em uma casa com outras pessoas.

“Abre as pernas, linda”, ele sussurra, e eu obedeço. Hardin abre um sorriso e me beija logo abaixo do umbigo. Sua língua passeia pela minha pele, e meus olhos se fecham no ato. Ele dá uma mordidinha no meu quadril, e eu solto um gritinho de surpresa. Hardin suga a pele entre os lábios. Sinto um leve ardor, mas é um gesto tão sensual que nem me importo com isso.

“Hardin, por favor”, sussurro. Preciso que ele acabe logo com aquela tortura lenta e enlouquecedora.

E então, sem nenhum aviso, sua língua entra no meio das minhas pernas, fazendo-me gritar de prazer. Ele movimenta a língua em gestos acelerados, e minhas mãos agarram com força as cobertas. Estremeço toda sob seu toque

habilidoso, e ele me segura melhor entre os braços, mantendo-me na posição certa. Sinto o dedo de Hardin trabalhar com sua língua, e meu ventre começa a se inflamar. O toque frio do metal de seu piercing acrescenta uma textura diferente à sensação.

Sem pedir permissão, Hardin enfia devagarinho o dedo em mim. Fecho os olhos com força, à espera de que aquele ardor desagradável passe logo.

“Está tudo bem?” Ele levanta um pouco a cabeça. Seus lábios estão bem úmidos. Faço que sim com a cabeça, sem encontrar palavras, e ele tira o dedo lentamente e em seguida enfia de novo. Quando o gesto se combina com os movimentos de sua língua, a sensação é incrível. Solto um grunhido e levo uma das mãos a seus cabelos macios, envolvendo-os com os dedos e puxando-os de leve. Seu dedo continua entrando e saindo de mim bem devagarinho. Um trovão reverbera pela casa, sacudindo as paredes, mas estou ocupada demais para me preocupar com isso.

“Hardin”, digo com um gemido quando sua língua encontra um ponto especialmente sensível e o suga de leve. Nunca na minha vida eu tinha sentido uma coisa tão gostosa. Meu corpo está dominado pelo prazer, e arrisco uma olhadinha para Hardin, absurdamente sexy no meio das minhas pernas, com os músculos rígidos se contraindo sob a pele enquanto enfia e tira o dedo de dentro de mim.

“Quer que eu faça você gozar assim?”, ele pergunta. Solto um resmungo ao notar a ausência de sua língua, e faço que sim com a cabeça com gestos frenéticos. Ele abre um sorrisinho e volta a me chupar, dessa vez com movimentos mais acelerados bem naquele lugarzinho que estou aprendendo a amar — literalmente.

“Ai, Hardin”, sussurro, e ele solta um grunhido com a boca colada em mim, fazendo meu ventre vibrar. Minhas pernas se enrijecem, e eu murmuro seu nome várias vezes enquanto me derreto inteira por dentro.

Minha visão fica borrada, e fecho os olhos com força. Hardin me aperta e acelera os movimentos de sua língua. Tiro as mãos dos seus cabelos e cubro minha boca, mordendo os dedos para não gritar. Segundos depois, minha cabeça desaba sobre o travesseiro, e meu peito está ofegante. Preciso me esforçar para recuperar o fôlego. Meu corpo ainda está trêmulo por causa do momento de euforia vivido pouco antes.

Quase nem percebo quando Hardin vem se deitar ao meu lado na cama.

Ele se apoia sobre o cotovelo e acaricia meu rosto com o polegar, dando-me um tempo para que eu volte à realidade antes de puxar conversa.

“E então, como foi?”, ele pergunta, com um toque de incerteza na voz quando me viro para encará-lo.

“Huuuummm.” Balanço a cabeça, e ele dá risada. Foi incrível, muito mais do que incrível. Agora sei por que todo mundo faz essas coisas.

“Tanto assim, é?”, ele provoca. Seu polegar contorna meu lábio inferior.

Quando ponho a língua para fora para umedecer os lábios, toco de leve o dedo de Hardin.

“Obrigada.” Abro um sorriso tímido. Não sei por que estou tímida depois de fazer tudo aquilo, mas é assim que me sinto. Hardin me viu em meu estado mais vulnerável, em que ninguém nunca tinha visto, e isso me deixa ao mesmo tempo aterrorizada e excitada.

“Devia ter avisado antes de usar o dedo. Mas tentei pegar leve”, ele diz como quem se desculpa.

Balanço a cabeça negativamente. “Tudo bem, foi gostoso.” Fico toda vermelha. Ele sorri e ajeita meu cabelo atrás da orelha.

Meu corpo estremece todo, e Hardin franze a testa. “Está com frio?”, ele pergunta, e faço que sim com a cabeça. Ele me surpreende puxando a lateral da colcha para cobrir meu corpo quase nu.

Sentindo-me mais corajosa, eu me aninho perto dele. Seus olhos me observam com atenção enquanto me encolho e apoio a cabeça em sua barriga durinha. Sua pele está mais fria do que eu esperava, apesar de sentir a brisa gelada da chuva entrar pela janela. Puxo o lençol para cobrir seu peito e me escondo sob o tecido. Ele o levanta para ver meu rosto, e eu me escondo de novo, dando risada.

Queria poder ficar deitada lá com ele por horas e horas, sentindo seu coração bater junto ao meu rosto. “Quanto tempo ainda podemos ficar aqui antes de descer?”, pergunto.

Ele dá de ombros. “Talvez seja melhor descer agora, antes que eles pensem que a gente está trepando aqui em cima”, ele brinca, e nós dois damos risada. Estou me acostumando à sua boca suja, mas ainda me assusto um pouco ao ouvi-lo dizer aquele tipo de coisa com tanta naturalidade. O que mais me choca é a maneira como meu corpo todo se arrepia quando ele fala essas obscenidades.

Desço da cama com um resmungo. Sinto o olhar de Hardin sobre mim quando

me abaixo para pegar minhas roupas. Jogo sua camiseta para ele, que a veste rapidamente e ajeita os cabelos despenteados com as mãos. Visto a calcinha, e ele fica me olhando enquanto a ajeito melhor no corpo. Em seguida é a vez da meia-calça, e eu quase caio ao colocar os pés dentro dela.

“Para de me olhar. Você está me deixando nervosa”, reclamo, e ele sorri.

Suas covinhas se destacam mais do que nunca.

Ele enfia as mãos nos bolsos e olha para cima. Dou uma risadinha e enfim consigo vestir a meia-calça.

“Você pode fechar o zíper pra mim?”, pergunto. Seus olhos percorrem meu corpo, e vejo suas pupilas se dilatarem a quase um metro de distância.

Olho para baixo e percebo por quê. Meus seios estão para fora do sutiã, e a meia-calça de renda chega até pouco acima dos meus quadris. De repente me sinto como uma pin-up.

“S-sim. Eu… eu ajudo”, ele responde, engolindo em seco. É impressionante que um cara lindo e sexy como Hardin se deixe afetar dessa maneira por mim. As pessoas até me consideram bonita, mas não sou como as garotas com quem ele costuma ficar. Não tenho tatuagens, nem piercings, e uso roupas bem-comportadas.

Ponho o vestido e me viro para o outro lado, expondo minhas costas para Hardin, esperando que ele suba o zíper. Levanto os cabelos e os prendo no alto da cabeça. Seus dedos roçam de leve minha coluna, contornando o fecho do sutiã enquanto o vestido se fecha. Eu me estremeço toda e me encosto nele. Em um gesto proposital, esfrego o traseiro contra seu corpo e escuto um suspiro em seguida. Suas mãos descem pelos meus quadris, e ele me aperta de leve. Sinto sua ereção sob as roupas, e uma onda de eletricidade percorre meu corpo pela centésima vez no dia.

“Hardin?”, a voz de Karen o chama do corredor enquanto ela bate de leve na porta. Fico aliviadíssima por nós dois estarmos vestidos.

Hardin revira os olhos e leva a boca até minha orelha. “Fica pra mais tarde”, ele avisa, e vai andando até a porta. Ele acende a luz antes de abri-la.

“Desculpa interromper, mas fiz algumas sobremesas também, e pensei que vocês podiam querer”, ela oferece com toda a gentileza. Hardin não diz nada, mas olha para mim à espera de uma resposta.

“Sim, eu adoraria”, digo com um sorriso, que Karen retribui imediatamente.

“Ótimo! A gente se vê lá embaixo”, ela diz, e se vira para descer.

“Eu já comi a minha”, Hardin diz em um tom malicioso, e dou um tapa em seu braço.



49

Karen fez um monte de doces para nós. À medida que como, ela me conta sobre o quanto adora cozinhar. Landon não aparece para a sobremesa, mas isso não aparenta causar nenhum estranhamento. Dou uma olhada para o lugar onde ele está sentado no sofá, com o livro no colo, e lembro a mim mesma que precisamos ter uma conversa em breve. Não quero perder sua amizade.

“Também adoro cozinhar, mas não sou muito boa nisso, não”, digo a Karen, que dá risada.

“Adoraria te ensinar”, ela diz. A esperança em seus olhos castanhos é visível, e faço um gesto afirmativo com a cabeça.

“Seria muito legal.” Não tenho coragem de dizer não. Ela está se esforçando bastante para me conhecer melhor. Pensa que sou a namorada de Hardin, e não seria de bom-tom desapontá-la. Hardin também não fez questão nenhuma de desmentir seu pai, o que me dá uma pontinha de esperança. Queria que minha vida pudesse ser sempre como essa noite, passando um tempo agradável com Hardin, que não tira os olhos de mim enquanto converso com seu pai e sua futura madrasta. Ele está sendo carinhoso comigo, pelo menos na última hora, acariciando meu rosto de leve de tempos em tempos, deixando-me com um frio na barriga. A chuva continua a cair com força do lado de fora, acompanhada dos uivos do vento.

Quando terminamos, Hardin se levanta. Lanço um olhar interrogativo em sua

direção, e ele se agacha e sussurra no meu ouvido.

“Já volto, só vou usar o banheiro”, ele diz, e desaparece no corredor.

“Nem temos como te agradecer. É maravilhoso ter Hardin por aqui, mesmo que seja só para jantar”, Karen comenta, e Ken segura sua mão por cima da mesa.

“Ela tem razão, é maravilhoso para um pai ver seu único filho apaixonado.

Pensei que isso fosse impossível… ele era um… menino bem revoltado”, Ken murmura e olha para mim. Percebendo o quanto fiquei desconfortável, ele acrescenta: “Desculpe, não queria deixar você sem jeito, só estou gostando de ver meu filho feliz”.

Feliz? Apaixonado? Fico sem fôlego e começo a tossir. Dou um gole na minha água para me acalmar antes de olhar de novo para os dois. Ele pensa que Hardin está apaixonado por mim? Seria uma tremenda grosseria rir de

sua cara, mas obviamente não conhece o filho que tem.

Antes que eu possa responder, Hardin reaparece, e agradeço aos céus por não precisar contestar suas conclusões lisonjeiras, mas totalmente falsas. Ele não volta a se sentar, fica de pé atrás de mim, com a mão no meu ombro.

“Acho melhor a gente ir. Preciso levar Tessa de volta para o campus”, ele diz.

“Ah, nada disso. Vocês dois vão passar a noite aqui. Está caindo um temporal lá fora, e temos espaço de sobra, certo, Ken?”

O pai de Hardin faz que sim com a cabeça. “Claro, vocês são muito bem-vindos se quiserem ficar.”

Hardin olha para mim. Quero ficar. Para ampliar esse meu tempo com Hardin no que parece ser um mundo à parte da realidade, principalmente quando está de bom humor.

“Por mim não tem problema”, respondo. Mas não quero deixá-lo irritado caso queira ir embora. Seus olhos são indecifráveis, porém ele não parece irritado.

“Ótimo! Então está combinado. Vou preparar um quarto para Tessa… A não ser

que você queira dormir no quarto do Hardin", ela oferece. Não há nenhuma insinuação maliciosa em sua voz, apenas gentileza.

"Não, prefiro um quarto só para mim, por favor. Se não for muito incômodo."

Hardin olha feio para mim.

Então ele queria que eu dormisse em seu quarto? Esse pensamento me excita, mas não me sinto à vontade a ponto de revelar a eles que Hardin e eu já chegamos a esse estágio. Meu sempre ácido subconsciente lembra que ele não é meu namorado nem nada remotamente parecido com isso, então é impossível termos chegado a qualquer "estágio" que seja. E lembra também que eu tenho um namorado, mas não é Hardin. Ignoro sua voz, como sempre, e vou com Karen para o andar de cima. Não sei por que ela já quer que todo mundo vá para a cama, mas não me sinto à vontade para questionar.

Ela me leva ao quarto em frente ao de Hardin. Não é tão grande quanto o dele, mas é tão bem decorado quanto. A cama é um pouco menor e tem uma cabeceira branca. Há fotos de barcos e âncoras espalhadas pelas paredes.

Agradeço várias vezes, e ela me abraça de novo antes de sair.

Ando pelo quarto algumas vezes e vou olhar pela janela. O quintal é bem maior do que eu pensava. Só tinha visto o deque e as árvores do lado esquerdo. No lado direito há uma pequena construção que parece uma estufa, mas não dá para ver direito por causa da chuva.

Observando o temporal, meus pensamentos correm soltos. Hoje foi o melhor dia que tive com Hardin, apesar de suas explosões ocasionais. Ele ficou de mãos dadas comigo, o que nunca faz. Pôs a mão nas minhas costas

enquanto caminhava ao meu lado, e fez o melhor que pôde para me tranquilizar quando fiquei preocupada com Landon. Isso foi o máximo que conseguimos avançar em… nossa amizade, ou o que quer que seja. Essa é a parte realmente confusa. Sei que nunca vamos namorar de verdade, mas será que isso que estamos fazendo já não basta? Nunca imaginei que fosse topar uma amizade colorida, mas também sei que não consigo ficar longe dele. Já tentei diversas vezes e não consigo.

Uma batida de leve na porta interrompe meus pensamentos. Imagino que seja

Karen ou Hardin, mas quando abro dou de cara com Landon. Ele está com as mãos no bolso e um sorriso sem graça em seu belo rosto.

“Oi”, ele diz. Sorrio.

“Oi, quer entrar?”, pergunto, e ele faz que sim com a cabeça.

Eu me sento na cama, e ele puxa a cadeira da escrivaninha no canto e se acomoda nela.

“Eu…”, nós dois dizemos ao mesmo tempo, e caímos na risada.

“Você primeiro”, ele sugere.

“Certo, lamento muito que você tenha ficado sabendo sobre Hardin e eu dessa maneira. Não fui lá fora com essa intenção. Fui só ver se estava tudo bem. A situação com o pai dele estava tensa, e de alguma forma a gente acabou… se beijando. Sei que é uma coisa terrível da minha parte, inclusive por estar traindo Noah, mas estou muito confusa, e fiz o que pude para ficar longe de Hardin. De verdade.”

“Não estou, te julgando, Tessa. Só fiquei surpreso por ver vocês dois se agarrando lá no deque. Pensei que quando saísse fosse encontrar vocês aos berros.” Ele dá risada antes de continuar. “Percebi que estava rolando alguma coisa a mais quando vocês tiveram aquela briga no meio da aula de literatura, e depois quando você dormiu aqui no fim de semana passado, e quando ele veio arrumar briga comigo no dia seguinte. Os sinais estavam todos bem claros, mas pensei que você fosse me contar, apesar de entender seus motivos para não fazer isso.”

Sinto um peso enorme saindo dos meus ombros. “Você não está bravo comigo? Nem mudou sua opinião sobre mim?”, pergunto, e ele faz que não com a cabeça.

“Não, claro que não. Mas estou preocupado com essa sua relação com Hardin. Não quero que ele te faça sofrer, e acho que é isso que vai acabar acontecendo. Desculpe por dizer isso, mas sou seu amigo e preciso avisar.”

Meu primeiro impulso é ficar irritada e na defensiva, mas parte de mim sabe que ele tem razão. Só me resta torcer para que esteja errado.

“E o que você vai fazer com Noah?”

Solto um grunhido. “Não faço ideia. Tenho medo de me arrepender se terminar com ele, mas sei que o que estou fazendo não é justo. Ainda preciso de um tempo para me decidir.” Ele balança a cabeça

afirmativamente. “Landon, estou aliviadíssima por você não estar bravo comigo. Não foi legal da minha parte não falar nada, mas não sabia o que dizer. Desculpe.”

“Tudo bem, eu entendo.” Nós nos levantamos, e ele me abraça. E bem nesse momento a porta se abre.

“Hã… estou interrompendo alguma coisa?” A voz de Hardin ressoa pelo quarto.

“Não, pode entrar”, respondo, e ele revira os olhos. Espero que ainda esteja de bom humor.

“Trouxe umas roupas pra você dormir”, ele anuncia, e põe uma pequena pilha sobre a cama antes de sair.

“Obrigada. E você pode ficar.” Não quero que ele saia.

“Não, tudo bem”, ele diz, olhando para Landon, e sai do quarto.

“Ele é tão temperamental!”, reclamo, jogando-me na cama.

Landon dá uma risadinha e se senta de novo. “Ah, sim, temperamental é uma das descrições possíveis para ele.”

Caímos na gargalhada, e Landon começa a falar de Dakota e de como está ansioso com sua vinda na semana que vem. Quase tinha me esquecido da fogueira. Noah também vem. Talvez seja melhor dizer a ele para não vir. Mas e se essa mudança na minha relação com Hardin for só coisa da minha cabeça? Sinto que algo entre nós se transformou, e ele disse que me quer mais que qualquer outra coisa na vida. Por outro lado, não disse que sentia alguma coisa por mim, só falou que me quer. Depois de uma hora conversando com Landon sobre assuntos que variaram de Tolstói à paisagem urbana de Seattle, ele me deseja boa-noite e volta para seu quarto, deixando-me sozinha com meus pensamentos e o barulho da chuva.



50

Pego as roupas que Hardin trouxe para eu usar: uma de suas camisetas pretas lisas, uma calça xadrez vermelha e meias pretas enormes. Dou risada ao imaginar Hardin vestido daquele jeito, mas então me lembro de que ele deve tê-las tirado da cômoda que guarda as roupas que nunca usa. Levanto a camiseta, que tem o cheiro dele. Essa Hardin com certeza vestiu, e há pouco tempo. É um aroma inebriante, indescritível, com um toque de menta, meu cheiro favorito no mundo. Eu me troco e sinto que a calça é grande demais, mas mesmo assim é confortável.

Deito na cama e me cubro até o peito, com os olhos colados no teto enquanto repasso mentalmente meu dia. Sinto que estou pegando no sono, certamente para sonhar com olhos verdes e camisetas pretas.

“NÃO!” A voz de Hardin me desperta abruptamente. Estou ouvindo coisas?

“Por favor!”, ele grita outra vez. Saio da cama em um pulo e corro para o outro lado do corredor. Minha mão encontra o metal frio da maçaneta do quarto de Hardin, que graças a Deus não está trancada.

“NÃO! Por favor…”, ele berra. Na verdade nem pensei no que fazer. Se ele estiver sendo atacado, nem imagino qual vai ser minha reação. Saio tateando à procura de um abajur e acendo a lâmpada. Hardin está sem camisa, enroscado na colcha grossa, esperneando e se debatendo. Sem hesitar, eu me sento na cama e toco seu ombro. Sua pele está quente, bem quente.

“Hardin!”, chamo baixinho, tentando despertá-lo. Ele vira a cabeça para o lado e solta um resmungo, mas não acorda. “Hardin, acorda!”, eu grito e o chacoalho com mais força, colocando-me ao seu lado. Levo as duas mãos aos seus ombros e dou mais uma sacudida nele.

Seus olhos se abrem, a princípio com uma expressão de terror, depois de atordoamento, e por fim de alívio. Sua testa está coberta de suor.

“Tess”, ele fala, quase sem fôlego. A maneira como diz meu nome corta meu coração, mas a ferida se cura logo em seguida. Em questão de segundos ele está

me abraçando, puxando-me para junto de seu peito. O suor em sua pele me deixa preocupada, porém não me movo. Consigo ouvir seu coração batendo com força contra meu rosto. Pobre Hardin. Eu o abraço. Ele acaricia meus cabelos e repete meu nome sem parar, como se fosse uma espécie de talismã.

“Hardin, você está bem?” Minhas palavras são menos que um sussurro.

“Não”, ele confessa. Seu peito está subindo e descendo mais lentamente do que antes, mas sua respiração ainda está ofegante. Não quero forçar a barra falando sobre o pesadelo.

Não preciso nem perguntar se ele quer que eu fique — disso tenho certeza. Quando me levanto para apagar o abajur, o corpo dele fica paralisado.

“Eu ia só desligar a luz, ou você prefere que deixe acesa?”, pergunto.

Quando se convence das minhas intenções, ele relaxa, permitindo que eu estenda o braço até o abajur.

“Desliga, por favor”, ele pede. Quando o quarto está de novo às escuras, volto a apoiar a cabeça em seu peito. Pensei que ficar deitada dessa maneira, montada sobre ele, seria difícil, mas a posição é confortável para nós dois.

Ouvir seu coração sob a superfície rígida de seu peito é tranquilizador, ainda mais com a chuva caindo sobre o telhado. Eu daria tudo, e faria qualquer coisa, para poder passar todas as noites assim com Hardin, deitada em cima dele, seus braços me envolvendo, ouvindo sua respiração no meu ouvido.

Acordo com Hardin se movendo sob mim. Ainda estou deitada sobre ele, com os joelhos apoiados ao lado de seu corpo. Desencosto a cabeça de seu peito e deparo com seus olhos verdes deslumbrantes. À luz do dia, não tenho certeza se me quer por perto tanto quanto durante a noite. Não consigo ler a expressão em seu rosto, e a aflição toma conta de mim. Eu me mexo para sair de cima dele, sentindo meu pescoço dolorido e uma necessidade urgente de esticar as pernas.

“Bom dia.” Ele abre seu sorriso com covinhas, aplacando meu medo.

“Bom dia.”

“Aonde você vai?”, ele pergunta.

“Meu pescoço está doendo”, digo, e ele me põe deitada ao seu lado. Tomo um susto quando sinto sua mão no meu pescoço e tenho um sobressalto, mas me acalmo assim que percebo que ele vai fazer uma massagem. Fecho os olhos e faço uma careta quando ele toca um ponto dolorido, mas a dor lentamente vai desaparecendo sob seus dedos.

“Obrigado”, ele me fala.

Viro a cabeça para encará-lo. “Pelo quê?” Talvez seja uma indireta para me fazer agradecer pela massagem.

“Por… ter vindo aqui. E ficado.” Seu rosto fica vermelho, e ele desvia o olhar. Hardin está sem jeito. Ele está sempre me surpreendendo e me deixando confusa.

“Não precisa me agradecer. Você quer conversar a respeito?” Fico torcendo para que ele queira. Preciso saber o que aconteceu.

“Não”, ele responde sem hesitação, e eu concordo com um aceno de cabeça. Até sinto vontade de insistir no assunto, mas sei o que vai acontecer se fizer isso.

“Mas posso conversar sobre como você está sexy usando minha camiseta”, ele cochicha no meu ouvido, colando a cabeça à minha e tocando minha pele com os lábios. Fecho os olhos quando ele prende o lóbulo da minha orelha com a boca e dá um puxão de leve. Sinto sua ereção se insinuando junto a mim, deixando-me sem fôlego de uma forma deliciosa. Desse tipo de mudança de humor eu gosto.

“Hardin”, digo com um gritinho, e ele ri, encostando no meu pescoço.

Suas mãos passeiam pelo meu corpo. Seu polegar se enfia sob o elástico da calça de pijama xadrez. Meu pulso começa a acelerar, e fico sem fôlego quando sua mão entra pela calça. Ele sempre tem esse efeito sobre mim

— em questão de segundos, minha calcinha fica toda molhada. Sua outra mão acaricia meus seios, e ele solta um sibilo ao passar o polegar sobre um dos mamilos. Fico feliz por ter dormido sem sutiã.

“Não me canso de você, Tess.” Sua voz rouca está mais profunda do que nunca, cheia de luxúria. Ele me apalpa por cima da calcinha e me puxa para bem perto, o máximo possível. Sinto sua ereção contra mim. Seguro sua mão e a tiro da

minha calcinha. Quando viro a cabeça para olhá-lo, vejo sua testa franzida.

“Eu… quero fazer uma coisa para você”, murmuro lentamente, envergonhada.

Um sorriso surge em seu rosto, e ele segura meu queixo entre os dedos, forçando-me a encará-lo.

“O que você quer fazer?”, ele pergunta. Na verdade não sei, só quero dar a Hardin o mesmo prazer que ele proporciona a mim. Quero fazê-lo perder o controle, como na semana passada neste mesmo quarto.

“Não sei… o que você quer que eu faça?” Minha falta de experiência fica bem clara no meu tom de voz.

Hardin pega minha mão e a leva até o volume sob suas calças. “Queria muito essa sua boca gostosa em mim.”

Fico sem fôlego ao ouvir aquelas palavras e sinto uma pontada no meio das pernas.

“É isso que você quer fazer?”, ele pergunta, movendo minha mão em círculos sobre sua virilha. Seus olhos me observam atentamente, à espera de uma reação.

Faço que sim com a cabeça e engulo em seco, e em troca ganho um sorriso. Ele se senta e me puxa para cima. O nervosismo e o desejo tomam conta do meu corpo. O toque escandaloso do celular dele ecoa pelo quarto, e Hardin solta um grunhido antes de apanhá-lo na mesa. Ele olha para a tela e solta um suspiro.

“Já volto”, ele anuncia antes de sair do quarto. Quando retorna, alguns minutos depois, seu humor já mudou de novo.

“Karen está fazendo o café da manhã. Já está quase pronto.” Ele abre a

gaveta da cômoda, pega uma camiseta e veste sem nem ao menos olhar para mim.

“Certo.” Eu me levanto e vou até a porta. Preciso pôr o sutiã antes de me juntar à família dele.

“A gente se vê lá embaixo.” Seu tom de voz é frio e impessoal.

Sinto um nó na garganta. O Hardin distante e cauteloso é a versão dele que mais detesto, mais até do que o Hardin furioso. Quem foi que ligou e por que ele ficou desse jeito? Por que seu bom humor nunca dura muito?

Balanço a cabeça e saio para o corredor, sentindo um cheiro de bacon que embrulha meu estômago.

Ponho o sutiã e rearranjo a calça xadrez da melhor maneira possível. Até penso em pôr meu vestido de volta, mas não quero usar uma roupa desconfortável a essa hora da manhã. Olhando-me no espelho da parede, ajeito os cabelos despenteados com os dedos e esfrego os olhos.

Quando me aproximo da porta, Hardin a abre de repente. Em vez de olhar para ele, concentro-me no papel da parede do corredor e passo direto. Ouço seus passos atrás de mim, e quando chego à escada ele me segura e me puxa de leve pelo cotovelo.

“Que foi?”, Hardin pergunta, com a preocupação estampada no rosto.

“Nada”, respondo. Meus nervos estão à flor da pele, e ainda estou de barriga vazia.

“Conta”, ele pede, inclinando a cabeça e fazendo seu rosto dominar meu campo de visão.

Acabo cedendo. “Quem ligou para você?”

“Ninguém.”

Mentira. “Foi Molly?” Não quero nem ouvir a resposta.

Ele não diz nada, mas sua expressão mostra que eu estava certa. Hardin saiu do quarto quando eu estava prestes a… fazer aquilo nele… para atender um telefonema de Molly? Estou absolutamente perplexa.

“Tessa, não é o que…”, ele começa, mas liberto meu braço com um puxão, e ele cerra os dentes.

“Oi.” Landon aparece no corredor, e eu abro um sorriso. Seus cabelos estão meio espetados, e ele está usando uma calça xadrez parecida com a minha. Está uma

gracinha assim, todo sonolento. Passo por Hardin e vou andando até Landon. Recuso-me a admitir que estou chateada por ele ter atendido um telefonema de Molly em um momento como aquele.

“Dormiu bem à noite?”, Landon pergunta, e eu vou descendo com ele a escada, deixando o carrancudo Hardin sozinho.

Como eu já imaginava, Karen caprichou no café da manhã. Quando Hardin aparece, alguns minutos depois, já fiz um prato com ovos, bacon, uma torrada, um waffle e algumas uvas.

“Obrigada por fazer o café da manhã para nós”, agradeço a Karen por mim

e por Hardin. Sei que ele não faz a menor questão de agradecer pessoalmente.

“É um prazer, querida… Você dormiu bem? Espero que a chuva não tenha atrapalhado seu sono.” Ela sorri.

Hardin fica todo tenso do meu lado, provavelmente com medo de que eu mencione seu pesadelo. A essa altura, ele já devia saber que jamais faria isso, e essa falta de confiança me incomoda.

“Dormi muito bem, na verdade. Muito melhor do que lá na minha caminha no dormitório!” Dou risada, e todo mundo faz o mesmo — menos Hardin, claro. Ele dá um gole no suco de laranja e mantém os olhos voltados para a parede. O restante da refeição é preenchido com conversas amenas, como Ken e Landon conversando sobre um jogo de futebol americano.

Depois de comer, ajudo Karen a arrumar a cozinha. Hardin fica parado na porta, olhando, mas não oferece ajuda.

“Por acaso lá no quintal tem uma estufa?”, pergunto para Karen.

“Tem, sim. Este ano não consegui fazer muita coisa, mas adoro jardinagem. Precisava ver no último verão”, ela responde. “Você gosta?”

“Ah, sim, minha mãe também tem uma estufa no quintal, e foi onde eu passei boa parte do meu tempo livre quando era criança.”

“Sério? Bom, se você vier mais vezes, podemos fazer algumas coisas juntas”, ela

sugere. Karen é extremamente gentil e amável. Tudo o que eu gostaria que minha mãe fosse.

Abro um sorriso. “Seria ótimo.”

Hardin desaparece por um instante, e quando volta limpa a garganta ruidosamente. Nós duas nos viramos para ele.

“Temos que ir”, ele diz, e eu fecho a cara. Minhas roupas e minha bolsa estão em suas mãos, assim como minhas sapatilhas. Acho estranho Hardin não me dar tempo nem para tirar o pijama, e fico incomodada por ele ter mexido nas minhas coisas, mas relevo tudo isso. Nós nos despedimos e, enquanto dou um abraço em Karen e Ken, Hardin fica me esperando na porta, impaciente.

Prometo a eles que voltarei em breve e espero poder cumprir a promessa.

Sabia que em algum momento teria que ir embora, mas foi tão bom passar um tempo longe da rotina, com minhas listas, meus alarmes e minhas obrigações… Ainda não estava pronta para voltar.



51

No caminho de volta, o clima fica bem esquisito. Com minhas roupas no colo, fico olhando pela janela, à espera de que Hardin quebre o silêncio. Ele não faz nem menção disso, então pego meu celular na bolsa. Está desligado.

A bateria deve ter acabado durante a noite. Tento ligar mesmo assim, e a tela se acende. Fico aliviada ao ver que não tem nenhuma mensagem de texto ou de voz. Os únicos ruídos que ouço são do carro, da chuva leve e o do guincho baixinho do limpador de para-brisa.

“Ainda está brava?”, ele finalmente pergunta, quando entramos no campus.

“Não”, minto. Não estou exatamente brava, e sim chateada.

“Estou vendo que está. Pare de ser criança.”

“Não estou, não. E para você não faz diferença, já que vai me deixar aqui para ir

encontrar Molly.” Essas palavras escapam da minha boca antes que eu possa fazer alguma coisa para detê-las. Detesto sentir o que sinto em relação a ele e Molly. Meu estômago se revira quando penso nos dois juntos.

O que ele vê de tão interessante nela, aliás? O cabelo cor-de-rosa? As tatuagens?

“Não é isso que vou fazer. Não que seja da sua conta, claro”, ele esbraveja.

“Bom, você atendeu o telefone correndo quando eu ia… você sabe”, murmuro. Era melhor ter ficado quieta. Não estou a fim de brigar com Hardin agora. Principalmente levando em conta que não sei quando vamos nos ver de novo. Ele não podia ter largado a aula de literatura. Hardin mexe comigo em todos os sentidos.

“Não é nada disso, Theresa”, ele afirma.

Então voltei a ser Theresa?

“Ah, não, Hardin? Pois é o que parece. Mas, enfim, não estou nem aí. Sabia que isso não ia durar”, admito por fim, para ele e para mim mesma. Não queria ir embora da casa do pai dele porque sabia que, assim que ficasse sozinha com Hardin, voltaríamos à estaca zero. Como sempre.

“O que não ia durar?”

“Isso… nós dois. Você ser legal comigo.” Não tenho coragem de encará-lo.

É assim que Hardin me faz amolecer todas as vezes.

“E agora, então? Você vai ficar me evitando por mais uma semana? Nós dois sabemos que no fim de semana você vai estar na minha cama outra vez”, ele retruca.

Não é possível que tenha dito isso.

“Como é?!”, grito. Estou sem palavras. Ninguém nunca falou assim comigo — ninguém nunca me tratou com tanto desrespeito. As lágrimas surgem nos meus olhos, e o carro vai diminuindo a velocidade até parar.

Antes que ele possa responder, abro a porta, pego minhas coisas e vou correndo

para meu quarto. Corto caminho pela grama molhada e me repreendo mentalmente por não ter ido pela calçada, mas preciso me afastar de Hardin o mais depressa possível. Quando ele disse que me queria, foi só no sentido sexual da coisa. Sempre soube disso, mas mesmo assim é um golpe difícil de assimilar.

“Tessa!”, ele grita. Um dos sapatos de Steph cai no chão, mas continuo correndo. Depois compro um novo para ela.

“Porra, Tessa! Espera!”, ele berra de novo. Não esperava que ele viesse atrás de mim. Começo a correr mais rápido, e finalmente chego ao alojamento e atravesso às pressas os corredores. Quando abro a porta do quarto, estou aos prantos, e a bato com força atrás de mim. Minhas lágrimas estão misturadas à água da chuva, e me viro para pegar minha toalha…

Então fico paralisada ao ver Noah sentado na minha cama.

Ai, Deus, não agora. Hardin vai aparecer na porta a qualquer momento.

Noah se levanta e vem correndo até mim. “Tessa, o que aconteceu? Onde você estava?” Ele tenta segurar meu rosto, mas eu viro a cabeça. A dor em seus olhos é visível quando recuso seu toque.

“É que… desculpe, Noah”, grito quando Hardin escancara a porta, fazendo os batentes rangerem.

Os olhos arregalados de Noah se estreitam quando pousam sobre Hardin.

Ele dá um passo atrás, com uma expressão horrorizada. Hardin atira no chão o sapato que deixei cair no gramado e entra no quarto sem dar a mínima bola para a presença de Noah.

“Eu não queria dizer isso que acabei de falar.” Hardin se aproxima de mim.

“Era com ele que você estava? A noite toda? Essas roupas são dele? Tentei ligar para você a madrugada toda e a manhã inteira… deixei uma infinidade de mensagens de texto e de voz… e você com ele?” A raiva é perceptível na voz de Noah.

“Quê? Eu…”, começo a dizer, mas me interrompo e me viro para Hardin.

“Você mexeu no meu telefone, né? Você apagou as mensagens!”, grito.

Minha mente me manda falar com Noah, mas meu coração está voltado para Hardin.

“É… apaguei, sim”, ele admite.

“Por que você fez isso? Você pode atender às ligações da Molly, mas apaga as mensagens do meu namorado?!” Ele faz uma careta quando chamo Noah de meu namorado. “Como você tem a cara de pau de continuar com esses

joguinhos comigo, Hardin?”, berro, aos prantos outra vez.

Noah me segura pelo pulso e me vira para ele, o que leva Hardin a lhe dar um empurrão na altura dos ombros.

“Não encosta nela”, ele diz com um grunhido.

Isso não pode estar acontecendo. Vejo a novela mexicana em que se transformou minha vida ser encenada diante dos meus olhos.

“Não venha me dizer o que eu posso ou não fazer com minha namorada, seu cretino”, Noah responde, e empurra Hardin de volta.

Hardin vai para cima de Noah outra vez, mas eu o seguro pela camisa.

Talvez seja melhor deixá-los brigar. Hardin está merecendo um belo soco na cara.

“Para com isso! Vá embora, Hardin!”, peço, enxugando as lágrimas.

Hardin olha feio de novo para Noah e se põe entre mim e ele. Coloco as mãos em suas costas, na tentativa de acalmá-lo.

“Não, dessa vez eu não vou embora, Tessa. Já fiz isso mais vezes do que deveria.” Ele solta um suspiro e passa a mão pelos cabelos.

“Tessa, pede pra ele sair daqui!”, Noah implora, mas eu ignoro. Preciso saber o que Hardin quer me falar.

“Eu não quis dizer nada daquilo que falei no carro, nem sei por que atendi à

ligação da Molly. Acho que foi por força do hábito… Por favor, me dê uma chance. Sei que você já me deu chances demais, mas preciso de mais uma.

Por favor, Tess.” Ele solta o ar com força e parece exausto.

“Por quê, Hardin? Já dei um monte de chances pra você ser meu amigo”, respondo. “Acho que nem consigo tentar de novo.” Noto a presença de Noah nos observando boquiaberto, mas não dou a mínima. Sei que isso é errado

— que estou errada —, mas nunca quis tanto uma coisa na minha vida.

“Não quero ser só seu amigo… Quero algo mais.” Suas palavras me deixam sem fôlego.

“Quer nada.” Hardin não namora, meu subconsciente lembra.

“Quero, sim. Eu quero.”

“Você já disse que não namora e que eu não faço seu tipo”, relembro.

Minha mente parece indiferente ao fato de que estou tendo essa conversa com Hardin bem na frente de Noah.

“Você não faz meu tipo, assim como eu não faço o seu. Mas é por isso que fazemos tão bem um para o outro… somos ao mesmo tempo muito diferentes e muito parecidos. Uma vez você me disse que eu desperto o que existe de pior em você. Bom, você desperta o que existe de melhor em mim.

Sei que você também sente isso, Tessa. E é verdade que eu não namoro, mas isso não vale para você. Você me faz querer namorar e querer ser uma pessoa melhor. Quero ser digno de você, que seu desejo por mim seja tão intenso quanto o meu por você. Quero poder brigar com você, quero que a gente grite um com o outro quando ninguém quer assumir que está errado.

Quero fazer você rir e ouvir suas opiniões sobre os clássicos da literatura, eu simplesmente… Eu preciso de você. Sei que sou cruel às vezes… bom, na verdade o tempo todo, mas isso é só porque não sei ser de outro jeito.” Sua voz se transforma em um sussurro e seus olhos se arregalam. “Sou assim há muito tempo e nunca quis ser nada diferente. Pelo menos até agora, até conhecer você.”

Estou estupefata. Hardin falou tudo o que sempre quis ouvir, mas jamais imaginei que fosse capaz de dizer. Esse não é o Hardin que conheço, mas a maneira como aquelas palavras saíram de sua boca, com uma urgência absoluta, com a respiração ofegante, de alguma forma o tornaram muito mais sincero e natural.

Só não sei como ainda estou de pé depois de ouvir sua declaração.

“O que é isso? Tessa?”, Noah questiona, quase histérico.

“Acho melhor você ir”, murmuro, sem tirar os olhos de Hardin.

Noah dá um passo à frente, triunfante. “Obrigado! Pensei que esse showzinho nunca fosse acabar.”

Hardin parece desolado, absolutamente arrasado.

“Noah, eu estava falando com você”, esclareço.

Ouço os dois respirando fundo. O alívio toma conta do rosto de Hardin, e estendo a mão em sua direção, enlaçando seus dedos trêmulos aos meus.

“Quê?”, Noah grita. “Você não pode estar falando sério, Tessa! Nós estamos juntos há tanto tempo… esse cara está só usando você. Logo mais vai dar um pé na sua bunda, mas eu te amo! Não faça isso, Tessa”, ele suplica.

Sinto pena dele e fico muito chateada com o que estou fazendo, mas não posso continuar com Noah. Quero estar com Hardin. Mais do que qualquer outra coisa na vida.

E Hardin também. Ele quer algo mais comigo.

Meu coração dispara, e eu olho para Noah, que abre a boca para falar.

“Se eu fosse você ficava quieto. Agora”, Hardin avisa.

“Lamento muito que tenha acontecido dessa forma, de verdade”, digo.

Noah não responde. Com uma expressão de desânimo, ele pega sua mochila e sai do quarto.

“Tessa… Eu… Sério que você sente o mesmo por mim?”, Hardin pergunta, ofegante, e eu faço que sim com a cabeça.

Como será que ele ainda não percebeu?

“Nada de balançar a cabeça. Por favor, diga.” O desespero por trás de suas palavras é nítido.

“Sim, eu sinto, Hardin”, respondo. Não faço um discurso sincero e comovente como o dele, mas essas palavras parecem bastar.

O sorriso que recebo em retribuição aplaca um pouco da dor que sinto por ter partido o coração de Noah.

“E agora, o que a gente faz?”, ele pergunta. “Não tenho muita experiência

nisso.” Hardin fica vermelho.

“Me beija”, eu digo, e ele me puxa para junto do seu corpo e agarra com força o tecido de sua camiseta nas minhas costas. Seus lábios estão frios, mas sua língua está quente quando entra na minha boca. Apesar do caos que tomou conta do meu quarto momentos antes, estou tranquila. Parece até que estou sonhando. De alguma forma, sei que se trata da calmaria que antecede uma tempestade, mas no momento Hardin é minha tábua de salvação. Só espero que ele não afunde comigo.



52

Quando Hardin enfim encerra nosso beijo, vai se sentar na minha cama, e eu me junto a ele.

Ficamos em silêncio por alguns minutos, e começo a ficar apreensiva, como se soubesse que deveria me comportar de outra maneira agora que somos… algo mais, só que não tenho ideia do que fazer.

“O que você planejou para hoje?”, ele pergunta.

“Nada, vou ficar estudando”, respondo.

“Legal.” Ele estala a língua no céu da boca. Hardin parece estar apreensivo também, e fico contente que não seja só eu.

“Vem cá”, ele me chama, abrindo os braços.

Assim que me sento em seu colo, a porta se abre, e ele solta um grunhido.

Steph, Tristan e Nate entram no quarto e ficam olhando para nós enquanto saio de cima de Hardin e me acomodo ao lado dele na cama.

“Então vocês estão trepando mesmo?”, Nate pergunta sem expressar nenhuma surpresa.

“Não! Nada disso!”, grito. Não sei o que dizer para eles, então fico à espera de que Hardin se manifeste. Ele fica em silêncio, e Tristan e Nate começam a falar sobre a festa de ontem à noite.

“Pelo jeito não perdi muita coisa”, Hardin diz a eles, e Nate dá de ombros.

“Não mesmo, mas só até Molly fazer um striptease. Ela ficou peladinha, você precisava estar lá para ver”, diz Nate. Faço uma careta e olho para Steph, que está encarando Tristan, provavelmente torcendo para que ele não faça nenhum comentário a respeito.

Hardin abre um sorriso. “Não é nada que eu não tenha visto antes.”

Solto um ruído estranho, que tento esconder como se fosse um acesso de tosse. Não acredito que ele disse isso.

A expressão dele muda quando se dá conta do que acabou de fazer.

Talvez tenha sido uma péssima ideia. Já estava tudo meio esquisito, e com a chegada do pessoal ficou ainda pior. Por que ele não contou que estamos namorando? Aliás, nós estamos namorando? Não sei. Acho que sim, depois daquela declaração, mas não conversamos a respeito. Será que precisamos? Essa indefinição está me enlouquecendo. Durante todo o tempo que fiquei com Noah, nunca questionei o que ele sentia por mim. Nunca tive que lidar com antigas amizades coloridas — sou a única menina que ele beijou na vida, e

acho isso ótimo. Queria que Hardin nunca tivesse feito nada com ninguém, ou

pelo menos que tivesse feito com menos gente.

“A gente vai jogar boliche depois que eu me trocar. Você quer vir?”, Steph pergunta, e faço que não com a cabeça.

“Preciso estudar. Não fiz quase nada nesse fim de semana”, digo a ela, e desvio o olhar quando as lembranças dos últimos dias invadem minha mente.

“Vamos lá, vai ser divertido”, Hardin me chama, mas balanço a cabeça negativamente. Não posso ir mesmo, e meio que esperava que ele fosse ficar comigo. Steph entra no armário e volta alguns minutos depois vestindo outra roupa.

“Estão prontos? Tem certeza de que não quer ir?”, ela pergunta.

Balanço a cabeça. “Tenho.”

Eles se levantam para sair, e Hardin me faz um tchauzinho com a mão e abre um sorriso antes de sair do quarto. Fico decepcionada com seu gesto de despedida e espero que ele tenha combinado de ir jogar boliche antes do nosso fim de semana juntos — e de todo o drama.

Mas o que eu esperava? Que ele viesse me dar um beijo, dizendo que ia sentir saudades? É uma ideia risível. Não sei se alguma coisa vai mudar entre nós além do fato de não tentarmos mais evitar a presença um do outro. Estou acostumada demais com meu esquema com Noah, então não faço ideia de como vai ser com Hardin, e detesto o fato de não estar no controle da situação.

Depois de uma hora de estudo e de uma tentativa de tirar um cochilo, pego o celular para mandar uma mensagem para Hardin. Espera aí, eu nem tenho o número dele. Nunca tinha me dado conta disso — nunca conversamos por telefone ou por mensagem. Não precisávamos disso, pois não queríamos a companhia um do outro. Isso vai ser mais complicado do que eu imaginava.

Ligo para minha mãe para conversarmos um pouco e principalmente para saber se Noah já contou a ela o que aconteceu. O caminho de volta demora só duas horas, e tenho certeza de que ele não perde tempo quando o assunto é me dedurar. Ela atende dizendo um simples “alô”, então percebo que ainda não sabe de nada. Conto sobre minha tentativa fracassada de comprar um carro e da possibilidade de conseguir um estágio na editora. Como seria de esperar, ela

lembra que já estou na faculdade há um mês e que a essa altura já deveria ter comprado um carro. Reviro os olhos e fico escutando seu falatório sobre o que fez na última semana. A tela do meu telefone ilumina no meio da chamada. Ponho a ligação no viva-voz e leio a mensagem.

Devia ter vindo com a gente. Comigo. Meu coração dispara. É Hardin.

Fingindo que estou ouvindo o que minha mãe diz, solto alguns murmúrios de concordância enquanto digito.

Você é que devia ter ficado. Fico olhando para a tela à espera da resposta.

Tô indo buscar vc, ele se manifesta depois do que me parece ser uma eternidade.

Quê? Não, não quero jogar boliche, e você já está aí. Agora fica.

Já saí. Se arruma. Ele é mandão mesmo por mensagem de texto.

Minha mãe ainda está falando, e eu não tenho a menor ideia de qual é o assunto. Parei de ouvir quando recebi a mensagem de Hardin. “Mãe, ligo para você mais tarde”, interrompo.

“Por quê?”, ela pergunta, surpresa e irritada.

“Eu… hã… é que derramei café no meu material. Preciso desligar.”

Vou correndo até o armário, tiro o pijama de Hardin, pego minha calça jeans nova e uma blusinha roxa. Dou uma penteada nos cabelos, que não estão tão ruins, considerando que não tomo banho desde ontem. Olho no relógio e vou até o banheiro escovar os dentes, e quando volto para o quarto Hardin está me esperando na minha cama.

“Onde você estava?”, ele pergunta.

“Escovando os dentes”, respondo, guardando minha nécessaire.

“Está pronta?” Hardin se levanta e vem andando até mim. Eu meio que espero um abraço, que acaba não vindo. Ele simplesmente vai até a porta.

Balanço a cabeça, pego a bolsa e o celular.

Quando entramos no carro, ele deixa o rádio ligado, mas baixinho.

Realmente não quero jogar boliche. Detesto boliche e quero passar um tempinho com ele. Não estou gostando nada da dependência que sinto em relação a Hardin.

“Quanto tempo você acha que vamos ficar lá?”, pergunto depois de alguns minutos de silêncio.

“Não sei… por quê?” Ele me olha de lado.

“Sei lá… Não gosto de boliche.”

“Vai ser divertido. Está todo mundo lá”, ele garante. Espero que esse todo mundo não inclua Molly, sua transa nas horas vagas.

“Então tá”, resmungo, olhando pela janela.

“Você não quer ir?” O tom de voz dele é baixo e contido.

“Na verdade, não. Foi por isso que recusei o convite da primeira vez.”

Solto uma risadinha sem graça.

“Vamos para outro lugar, então?”

“Para onde?” Estou irritada com ele, mas não sei direito por quê.

“Para casa”, ele sugere, e sorrio e balanço a cabeça. O sorriso dele se escancara, revelando as covinhas de que tanto gosto. “Está decidido, então.”

Ele estende o braço e apoia a mão na minha coxa. Minha pele se acende toda, e ponho minha mão sobre a dele.

Quinze minutos depois, estamos estacionando na frente da república. Não vinha aqui desde que Hardin e eu brigamos e voltei a pé para o campus. Ele

me leva para o andar de cima, e alguns caras nem reparam na nossa presença — devem estar acostumados a ver Hardin chegando com alguma menina. Meu estômago revira só de pensar nisso. Preciso parar, caso contrário vou acabar enlouquecendo, e não há nada que possa fazer para mudar o passado.

“Aqui estamos nós”, Hardin diz enquanto destranca a porta. Ele acende a luz quando entramos, tira as botas, sobe na cama e dá um tapinha no colchão.

Enquanto caminho em sua direção, a curiosidade acaba falando mais alto.

“Molly estava lá? No boliche?”, pergunto, olhando para a janela.

“Claro que estava”, ele responde com a maior naturalidade. “Por quê?”

Eu me sento na cama macia, e Hardin me puxa para junto dele pelos tornozelos. Dou uma risadinha e chego mais perto, pondo os pés ao lado de seu corpo.

“Só para saber…”, digo, e ele sorri.

“Ela sempre está com a gente. Faz parte do grupo.”

Sei que é bobagem ter ciúme, mas Molly me incomoda. Age como se gostasse de mim, e sei que não é verdade. Além disso, é louquinha por Hardin. Agora que nós somos… o que quer que seja, não quero mais Molly perto dele.

“Você não acha que eu quero trepar com ela, né?”

Dou um tapa em seu braço por causa desse linguajar. Adoro ouvir palavras obscenas de sua boca, mas não quando o assunto é ela.

“Não. Bom, quer dizer… talvez. Sei que você já fez isso antes e não quero que aconteça de novo”, digo. Como tenho certeza de que ele vai tirar sarro do meu ciúme, viro a cabeça para o outro lado.

Ele põe a mão no meu joelho e dá um apertão de leve. “Não vou fazer isso… não mais. Não precisa se preocupar com ela, tá?” Suas palavras são gentis e suaves, e eu acredito em sua sinceridade.

“Por que não contou para ninguém sobre nós?” Sei que o melhor que posso fazer é calar a boca, mas isso está me incomodando.

“Não sei… Não sabia direito o que você queria que eu fizesse. Além disso, o que somos ou deixamos de ser é problema nosso, não deles”, ele explica. É

uma resposta muito melhor do que aquela que estava martelando na minha

cabeça.

“Acho que você tem razão. Pensei que você estivesse com vergonha ou coisa do tipo…”, comento, e ele dá risada.

“E por que eu teria vergonha? Olha só para você.” Sua expressão fica mais séria, e ele passa a mão na minha barriga. Seus dedos levantam minha blusa, e Hardin faz movimentos circulares em minha pele nua. Fico toda arrepiada, e ele sorri.

“Adoro a maneira como seu corpo reage a mim”, Hardin sussurra. Já sei o

que vai acontecer depois disso e mal posso esperar.



53

Os dedos de Hardin vão subindo pela minha blusa, fazendo minha respiração se acelerar. Um sorriso aparece em seu lindo rosto quando ele percebe isso.

“Só um toquezinho e você já está ofegante”, sua voz rouca murmura. Ele se inclina na minha direção, puxando meus pés até seu colo para poder levar a boca ao meu pescoço. Sua língua passeia brevemente pela minha pele, e eu estremeço toda. Meus dedos enlaçam seus cabelos, e dou um puxão neles quando sinto seu toque sobre mim. Uma de suas mãos se encaminha para o meio das minhas pernas, mas eu a seguro pelo pulso para detê-lo.

“Que foi?”, ele pergunta.

“Nada… É que eu pensei que fosse fazer alguma coisa para você dessa vez.”

Desvio o olhar, mas ele segura meu queixo com os dedos, forçando-me a fazer contato visual. Hardin tenta esconder seu sorrisinho presunçoso, porém ele é perceptível mesmo assim.

“E o que você quer fazer para mim?”

“Bom… pensei que eu podia, você sabe… aquilo que a gente tinha falado.”

Não sei por que fico tão tímida se Hardin fala de tudo com a maior naturalidade,

mas a palavra “boquete” não faz parte do meu vocabulário.

“Você quer chupar meu pau?”, ele pergunta, claramente surpreso.

Estou oficialmente horrorizada. Mas, por algum motivo, excitada também.

“Humm… é. Quer dizer, se você quiser.” Espero que, quando tiver mais intimidade com ele, consiga falar normalmente sobre esse tipo de coisa.

Adoraria ficar à vontade com Hardin a ponto de ter a coragem de dizer exatamente o que quero fazer com ele.

“Claro que sim. Penso na sua boca me chupando desde a primeira vez que te vi.” Fico estranhamente lisonjeada com esse comentário, mas então ele acrescenta: “Tem certeza? Você já viu… já viu um pinto antes?”.

Ele já sabe a resposta para essa pergunta. Deve estar só querendo ouvir a confirmação da minha boca.

“Claro que já. Não pessoalmente, mas em fotos, e uma vez passei na frente da casa de um vizinho que estava vendo filme pornô”, conto, e ele precisa segurar o riso. “Pode parar de rir de mim, Hardin”, aviso.

“Pode deixar, linda, desculpa. É que eu nunca tinha conhecido ninguém com tão pouca experiência. Mas isso não é nada, juro para você. Às vezes sua

inocência me pega de surpresa, só isso. Por outro lado, é uma delícia saber que fui a única pessoa a fazer você gozar, incluindo você mesma.” Ele não dá risada dessa vez, o que me tranquiliza.

“Certo… então vamos começar.”

Ele sorri e faz um carinho no meu rosto com o polegar. “Que safadinha, gostei”, ele diz, e se levanta.

“Aonde você vai?”, pergunto, e ele sorri.

“Lugar nenhum, só estou tirando a calça.”

“Queria fazer isso eu mesma”, digo, fazendo um biquinho de tristeza.

Hardin dá uma risadinha e puxa as calças de novo para cima.

“É toda sua, linda.” Ele põe as mãos na cintura.

Sorrio e me aproximo dele, baixando suas calças. Será que tiro a cueca também? Hardin dá um passo atrás e se senta na cama. Eu me ajoelho diante dele e o escuto respirar fundo.

“Chega mais perto, linda.”

Eu obedeço e ponho a mão em seus joelhos dobrados.

“Está tudo bem?”, ele pergunta, cauteloso.

Faço que sim com a cabeça, e ele me puxa pelos cotovelos.

“Vamos dar uns beijos primeiro, certo?”, Hardin sugere, e me põe em cima dele.

Sou obrigada a admitir que estou aliviada. Ainda quero fazer isso, mas preciso me acostumar melhor com a ideia, e uns beijos com certeza vão me deixar mais à vontade. Hardin me beija devagar no começo, mas em questão de segundos a eletricidade toma conta de mim. Seguro seu braço com força entre os dedos e me remexo em seu colo. O volume em sua cueca começa a crescer, e puxo de leve seus cabelos. Queria estar de saia, assim poderia senti-lo melhor… Fico chocada com meus próprios pensamentos enquanto desço a mão para sua cueca.

“Porra, Tessa. Se continuar fazendo isso, vou gozar na cueca de novo”, ele geme, e eu paro, descendo de seu colo. Eu me ajeito para ficar de joelhos outra vez.

“Tira a calça”, ele pede, e eu faço que sim com a cabeça antes de desabotoá-la e baixá-la. Sentindo-me mais corajosa, tiro a blusa e jogo de lado. Hardin morde o lábio quando me agacho de novo diante dele. Meus dedos seguram o elástico de sua cueca, e ele se levanta um pouco para eu poder arrancá-la.

Sinto meus olhos se arregalando e solto um suspiro de surpresa ao me ver diante da imagem da virilidade de Hardin. Uau, é bem grande. Muito maior do que eu esperava. Como vou conseguir enfiar na boca?

Fico só observando por alguns instantes e em seguida o toco com o dedo indicador. Hardin dá uma risadinha quando ele se move de leve, mas logo volta à

posição original.

“Como é que… Quer dizer… O que eu faço primeiro?”, questiono, insegura.

Estou intimidada com o tamanho, mas quero fazer mesmo assim.

“Eu te ajudo… Segura com os dedos, que nem da outra vez…”

Eu o envolvo entre os dedos e o balanço um pouquinho. Sua pele nessa região é bem mais macia do que eu imaginava. Sei que estou cutucando e examinando como se fosse um projeto científico, mas é novidade para mim, então em certo sentido não deixa de ser um processo de aprendizagem.

Aperto de leve e movo minha mão para cima e para baixo, lentamente.

“Assim?”, pergunto, e ele confirma com a cabeça, respirando fundo.

“Agora… põe na boca. Não tudo. Quer dizer, se você conseguir… Enfim, põe o quanto aguentar.”

Respiro fundo e me abaixo. Abrindo a boca, eu o envolvo lentamente, até mais ou menos a metade. Hardin solta um sibilo e põe a mão no meu ombro. Tiro um pouco da boca e sinto um gosto salgado. Ele já gozou? O

gosto passa logo, e movo a cabeça para cima e para baixo. Algum instinto desconhecido me diz para acariciá-lo com a língua enquanto faço isso.

“Ai, caralho. Isso, assim mesmo”, Hardin diz com um grunhido, e eu repito o movimento. Ele aperta meu ombro com força e começa a remexer os quadris para acompanhar a ação da minha boca. Vou um pouco mais além, abocanhando-o quase por inteiro, e olho para ele. Seus olhos estão revirados e sua aparência é divina. A musculatura rígida sob sua pele tatuada está contraída, fazendo a inscrição tatuada em suas costelas estremecer de leve. Volto a me concentrar no movimento de sucção e começo a fazer movimentos mais velozes.

“Usa sua mão… no resto…”, ele pede, ofegante, e eu obedeço. Minha mão se move para a cima e para baixo na base, enquanto minha boca se encarrega da parte de cima. Faço mais um movimento de sucção, e ele solta outro grunhido.

“Porra… Tessa… Estou quase lá”, ele fala, todo tenso. “Se não quiser que eu

goze na sua boca… então… é melhor parar.”

Olho para ele, mas não tiro a boca. Adoro vê-lo perder o controle por minha causa.

“Ai, caralho… continua olhando… para mim.” Seu corpo se enrijece todo enquanto ele me olha. Pisco algumas vezes, só para fazer charme. Hardin repete meu nome várias vezes, deliciosamente acompanhado de palavras obscenas, e sinto um leve movimento na minha boca, e logo em seguida um líquido quente e salgado entra pela minha garganta em jorros curtos e rápidos. Engasgo um pouco e afasto a cabeça. O gosto não é tão ruim quanto eu imaginava, mas também não é nada bom. As mãos dele passeiam dos meus ombros até meu rosto.

Ele está sem fôlego e um pouco desnorteado. “Então… como foi?”

Eu me levanto e me sento ao seu lado na cama. Ele me envolve em seus

braços e apoia a cabeça no meu ombro. “Foi legal, achei”, respondo, e ele dá risada.

“Legal?”

“É, até que foi divertido ver você desse jeito. E o gosto não é tão ruim quanto eu imaginava”, confesso. Deveria estar envergonhada por admitir que gostei, mas não é assim que me sinto. “E pra você, como foi?”, pergunto, apreensiva.

“Foi uma surpresa bem agradável. A melhor chupada que já me deram.”

Fico vermelha ao ouvir suas palavras. “Até parece.” Dou risada. Na verdade gosto de seu empenho em me deixar mais à vontade com minha falta de experiência.

“Não, é sério. Você é tão… pura… Isso mexe comigo. E, puta que pariu, quando você olhou pra mim…”

“Tá bom! Tá bom!”, eu o interrompo e faço um sinal com a mão para que ele pare de falar. Não quero ouvir uma descrição em detalhes da minha primeira vez fazendo isso. Hardin dá uma risadinha e me deita no colchão.

“Agora é a minha vez de fazer o que você fez para mim”, ele murmura no meu

ouvido e beija meu pescoço. Hardin segura minha calcinha e a puxa para baixo. “Quer com o dedo ou com a língua?”, ele sussurra tentadoramente.

“Com os dois”, respondo, e ele sorri.

“Você é que manda.” Ele baixa a cabeça. Solto um gemido e puxo seu cabelo. Sempre faço isso com Hardin, e ele parece gostar. Sinto minhas costas se arquearem sobre o colchão, e em questão de minutos estou em um estado de pura euforia, gritando o nome dele enquanto me derreto toda por dentro.

Depois que minha respiração volta ao normal, eu me sento e começo a percorrer com os dedos as tatuagens em seu peito. Ele me observa com cautela, mas permite que eu continue. Hardin permanece em silêncio, deitado ao meu lado, deixando-me curtir meu estado de graça.

“Ninguém nunca me tocou desse jeito”, ele diz, e eu deixo de lado todas as perguntas que sinto vontade de fazer. Em vez de interrogá-lo, abro um sorriso e dou um beijinho em seu peito.

“Dorme comigo hoje à noite?”, ele pergunta, e eu faço que não com a cabeça.

“Não posso. Amanhã é segunda-feira e a gente tem aula.” Até quero passar a noite com ele, mas não em um domingo.

“Por favor”, ele pede, com uma expressão amena no rosto.

“Eu não trouxe roupa para amanhã.”

“Pode usar a mesma de hoje. Fica comigo, por favor. Só por uma noite.

Prometo que você vai chegar na hora certa.”

“Não sei…”

“Vamos até chegar quinze minutos mais cedo, para você ter tempo de parar no café e encontrar Landon”, ele diz, deixando-me boquiaberta.

“Como você sabe disso?”

“Eu fico de olho em você… Quer dizer, não o tempo todo. Mas sei mais do que

você imagina", ele diz, e meu coração acelera. Estou me apaixonando por ele — muito e bem depressa.

"Eu fico", respondo, mas levanto a mão antes de acrescentar: "Mas com uma condição".

"Que condição?"

"Que você volte para a aula de literatura", peço, e ele ergue a sobrancelha.

"Combinado."

Abro um sorriso ao ouvir sua resposta, e ele me puxa para junto do peito.



54

Depois de passar alguns minutos nos braços de Hardin, comecei a pensar no fato de ter aceitado passar a noite com ele.

"E o banho?", lembro a ele.

"Pode tomar aqui, tem um banheiro no fim do corredor." Ele beija minha mandíbula, descendo e subindo por ela. Seus beijos em minha pele confundem minha cabeça; ele sabe bem o que está fazendo.

"Em uma fraternidade? Qualquer um pode entrar."

"Primeiro: dá para trancar a porta. Segundo: é claro que vou acompanhar você", ele diz, e continua me beijando.

Não gosto do tom de voz, mas decido não dar importância. "Certo.

Gostaria de tomar um banho agora, antes que fique tarde demais."

Ele assente, levanta e pega a calça jeans. Saio da cama e faço a mesma coisa, sem vestir a calcinha.

"Sem calcinha?" Ele ri.

Ignoro o comentário, reviro os olhos e pergunto: “Você tem xampu? Não tenho nem uma escova”. Começo a ficar nervosa pensando em todas as coisas que não tenho. “E cotonete? E fio dental?”

“Relaxa, temos cotonete e fio dental. Deve ter uma escova de dente nova, e sei que tem umas duas escovas de cabelo. Deve ter até calcinha, de todos os tamanhos, se você quiser”, ele diz.

“Calcinha?”, pergunto, mas logo percebo que se refere às que foram deixadas por outras garotas. “Melhor não”, digo, e ele ri. Espero que Hardin não tenha uma coleção esquisita de calcinhas das garotas com quem dormiu.

Ele me leva ao banheiro. Eu me sinto mais à vontade do que pensei, porque estive ali algumas vezes.

Hardin abre o chuveiro e tira a camiseta.

“O que vai fazer?”, pergunto.

“Tomar banho.”

“Ah, pensei que eu ia tomar.”

“Toma comigo”, ele diz casualmente.

“Hum… não. Não tomo.” Dou risada. Não posso tomar banho com ele.

“Por que não? Já te vi, você já me viu. Qual é o problema?”, ele resmunga.

“Não sei… Só não quero.” Sei que ele já me viu nua, mas tomar banho parece íntimo demais. Mais íntimo do que o que já fizemos.

“Tudo bem, você vai primeiro, então”, ele diz, mas sua voz está um pouco alterada.

Sorrio de modo meigo, ignoro o tom azedo e tiro a roupa. Ele observa meu corpo e então desvia o olhar. Coloco a mão debaixo d’água para conferir a temperatura e depois entro.

Hardin permanece em silêncio enquanto molho os cabelos. “Hardin?”, chamo.

Ele saiu do banheiro?

“Oi?”

“Pensei que você tivesse saído.”

Ele puxa a cortina um pouco e olha para mim. “Não, ainda estou aqui.”

“Algum problema?”, pergunto, franzindo o cenho. Ele balança a cabeça para negar, mas não diz nada. Está mesmo emburrado porque não quis tomar banho com ele? Sinto vontade de pedir para ele entrar, mas quero que perceba que as coisas não são sempre como quer. Ele sai de onde está e ouço quando se senta no vaso sanitário.

O xampu e o sabonete líquido têm um cheiro almiscarado forte. Sinto falta de meu xampu de baunilha, mas por uma noite não tem problema.

Seria melhor se Hardin ficasse em meu quarto comigo, porém Steph estaria lá, seria estranho explicar tudo, e acho que ele não seria tão carinhoso na presença dela. Pensar nisso me irrita, mas tento ignorar.

“Pode me dar uma toalha?”, pergunto, e fecho o chuveiro. “Ou duas, se tiver mais.” Queria usar uma para os cabelos e outra para o corpo.

A mão dele aparece entre as cortinas segurando duas toalhas. Agradeço, e Hardin murmura algo que não compreendo.

Ele tira a calça jeans enquanto eu me seco e volta a abrir o chuveiro. Com os braços compridos, afasta a cortina e não consigo deixar de olhar para seu corpo nu. Quanto mais o vejo sem roupa, mais gosto das tatuagens.

Continuo olhando enquanto Hardin se posiciona embaixo do chuveiro. O

jato de água molha seus cabelos escuros e ele fecha a cortina. Eu deveria ter tomado banho com ele, não porque ficou emburrado, mas porque devia ser bom.

“Vou voltar para o quarto”, digo a ele, já que está me ignorando.

Hardin afasta a cortina, fazendo as argolas rasparem na barra. “Não vai, não.”

“Qual é o seu problema?”, pergunto rispidamente.

“Nenhum, mas você não vai voltar sozinha. Trinta caras moram aqui, e não quero que fique zanzando pelo corredor.”

“Não, tem mais alguma coisa. Você está emburrado desde que eu disse que não ia tomar banho com você.”

“Não estou, não.”

“Diga o que aconteceu ou vou sair de toalha”, ameaço, sabendo que nunca faria isso de fato. Ele estreita os olhos e segura meu braço para me deter,

espirrando água no chão.

“Só não gosto que me neguem as coisas.” Sua voz está baixa, mas muito mais suave do que momentos atrás.

Imagino que, quando o assunto é mulher, Hardin quase sempre ou sempre consegue o que quer. Eu deveria dizer que ele precisa se acostumar, mas a verdade é que eu também nunca tinha negado nada até aqui. Quando me toca, faço o que ele quer.

“Bom, não sou como as outras garotas, Hardin”, digo, e meu ciúme é evidente.

Ele sorri brevemente enquanto a água molha seu rosto. “Eu sei, Tess, eu sei.” Hardin fecha a cortina e logo depois o chuveiro, enquanto eu me visto.

“Pode vestir uma roupa minha para dormir”, ele diz, e eu concordo. Mal escuto sua voz, porque estou concentrada demais em seu corpo molhado à minha frente. Ele passa a toalha branca nos cabelos, deixando-os despenteados, e a enrola na cintura. A toalha está muito baixa em seu quadril, e ele fica maravilhoso assim. Parece que a temperatura aumentou vinte graus. Inclinando-se para abrir um armário, ele pega uma escova e a coloca na minha mão.

“Vem”, ele diz, e eu balanço a cabeça, tentando afastar os pensamentos maliciosos da minha mente. Atravessamos o corredor e viramos, então um garoto alto e loiro quase tromba comigo… Olho para o rosto dele e gelo.

“Não vejo você há um tempo”, ele sussurra, e eu me sinto enojada.

“Hardin”, chamo. Em pouco tempo, ele se lembra de que é o mesmo cara que me atacou numa festa.

“Fica longe dela, Neil”, Hardin grita, e Neil empalidece. Não devia ter visto Hardin. Falha dele.

“Foi mal, Scott”, ele diz e se afasta.

“Obrigada”, sussurro a Hardin. Ele segura minha mão e destranca a porta.

“Eu deveria simplesmente encher o cara de porrada, não acha?”, Hardin diz quando me sento na cama.

“Não! Não deveria!”, imploro. Não sei se ele está falando sério, mas não quero descobrir. Hardin pega o controle remoto da cômoda e liga a televisão, e em seguida abre a gaveta e joga para mim uma camiseta e um calção.

Tiro a calça jeans e visto o calção, dobrando o elástico da cintura algumas vezes.

“Será que posso usar a camiseta que você usou hoje?” Só percebo que meu pedido é estranho quando termino de falar.

“O quê?” Ele sorri.

“Eu… bem… não importa. Nem sei por que pedi isso”, minto. Quero usar sua camiseta suja porque gosto do cheiro dela. É esquisito e maluco. Ele ri e pega a camiseta do chão, então se aproxima de mim.

“Aqui está, linda”, ele diz, e a entrega a mim. Que bom que não me deixou

mais sem graça, mas ainda me sinto estranha.

“Obrigada”, digo. Tiro minha camiseta e o sutiã, depois visto a dele.

Inspiro e descubro que o cheiro é tão gostoso quanto pensei.

Ao ver isso, ele olha para mim com carinho. “Você é linda”, diz, e desvia o olhar. Tenho a sensação de que Hardin não tinha a intenção de dizer isso em voz alta, e meu coração se alegra ainda mais. Sorrio e dou um passo na direção dele.

“Você também.”

“Já chega”, Hardin diz, rindo e ficando vermelho. “A que horas você precisa acordar amanhã?”, ele pergunta enquanto muda de canal.

“Cinco, vou colocar o alarme.”

“Cinco? Cinco da manhã? Sua primeira aula é às nove. Por que você levanta tão cedo?”

“Não sei. Para me preparar, acho.” Passo a escova pelos cabelos.

“Bom, vamos acordar às sete. Meu corpo não funciona antes disso”, ele diz.

Resmungo. Hardin e eu somos muito diferentes.

“Seis e meia?”, tento negociar.

“Está bem, seis e meia”, ele concorda.

Passamos o resto da noite assistindo a programas aleatórios na TV, e Hardin dorme com a cabeça no meu colo, enquanto passo meus dedos por seus cabelos. Deito ao lado dele, tentando não despertá-lo.

“Tess?”, ele resmunga e mexe as mãos à frente do corpo como se estivesse à minha procura.

“Aqui”, sussurro atrás dele. Hardin se vira e me abraça antes de voltar a dormir. Ele diz que dorme melhor quando estou por perto, e acho que comigo é a mesma coisa.

Na manhã seguinte, meu alarme toca às seis e meia e eu corro para vestir as roupas de ontem e acordar Hardin para que se vista também. É tão difícil acordá-lo. Eu me sinto apressada e despreparada, mas chegamos no meu quarto às sete e quinze, e assim tenho tempo suficiente para trocar de roupa pentear os cabelos e escovar os dentes de novo. Steph dorme, e eu impeço Hardin de virar um copo de água na cabeça dela para acordá-la. Fico feliz que ele não faça nenhum comentário grosseiro quando visto minha saia comprida e a blusinha azul.

“Viu, ainda são oito. Temos vinte minutos até sair para tomar café”, Hardin diz.

“Temos?”

“Sim, pensei em acompanhar você. Se não quiser, tudo bem também”, ele diz, e desvia o olhar.

“Claro que quero.” Não estou acostumada com o que mudou entre a gente.

Vai ser bom não ter que evitá-lo ou me preocupar se vou vê-lo ou não. O

que Landon vai pensar? Vamos contar a ele?

“O que vamos fazer com nossos vinte minutos?”, pergunto sorrindo.

“Tenho algumas ideias.” Hardin sorri também e me puxa para si.

“Steph está aqui”, lembro enquanto ele lambe atrás da minha orelha.

“Eu sei, só estamos nos beijando.” Hardin diz rindo e pressiona os lábios contra os meus.

Saímos antes de Steph acordar, e ele se oferece para levar minha bolsa, um gesto gentil e inesperado.

“Onde estão seus livros?”, pergunto.

“Nunca levo. Pego um emprestado toda aula. Assim, não tenho que carregar tudo isso”, ele diz, e aponta minha bolsa em seu ombro. Reviro os olhos e dou risada.

Quando chegamos ao café, Landon está recostado na parede de tijolos aparentes e parece surpreso ao nos ver juntos. Olho para ele como se dissesse “Explico depois”, e ele sorri.

“Bom, melhor eu ir, tenho aulas para dormir”, Hardin diz, e eu concordo.

O que devo fazer? Abraçá-lo?

Mas, antes que eu consiga decidir, ele solta minha bolsa e passa o braço pela minha cintura, então me puxa contra o peito e me beija. Não sei como isso aconteceu. Retribuo o beijo e ele me solta.

“Até mais tarde”, ele diz sorrindo, então olha para Landon. Não podia ser mais esquisito. Landon fica boquiaberto e eu fico sem jeito.

“Hum… desculpa.” Não sou chegada em demonstrações públicas de afeto.

Noah e eu nunca fomos disso, a não ser naquela vez em que tentei beijá-lo no shopping para tirar Hardin da cabeça. “Tenho muitas novidades”, digo a Landon, que pega a minha bolsa.



55

Landon permanece em silêncio durante a maior parte do tempo que passo explicando meu rompimento com Noah e quando digo que não sei como nomear meu relacionamento com Hardin, já que acho que estamos namorando, mas ainda não discutimos a questão em termos técnicos.

“Sei que já te alertei, então não vou fazer isso de novo. Mas, por favor, tome cuidado com ele, ainda que eu admita que ele parece apaixonado, pelo menos como pareceria alguém como ele”, Landon diz quando nos sentamos.

Para mim, é muito importante que ele esteja se esforçando para ser compreensivo e incentivador, ainda que não goste de Hardin.

Ao entrar na sala da terceira aula, meu professor de sociologia faz um gesto para que eu me aproxime de sua mesa.

“Você foi chamada na sala do reitor”, ele diz.

O quê? Por quê? Um milhão de perguntas surge em minha mente, e então eu me lembro de que o pai de Hardin é o reitor. Relaxo um pouco, mas em seguida meus nervos me dominam por outros motivos. O que ele quer comigo? Sei que a faculdade não é como o colégio, mas estou sendo chamada na sala do reitor, embora ele seja ninguém menos do que o pai do meu… namorado?

Coloco a bolsa no ombro e atravesso o campus até o prédio da reitoria. É

um caminho longo e demoro mais de meia hora para chegar lá. Digo meu nome à recepcionista e ela logo pega o telefone. Não ouço nada além de “Dr.

Scott”.

“Ele está à sua espera”, ela diz com um sorriso profissional e aponta a porta de madeira do outro lado do corredor.

Eu me aproximo, mas, antes de bater, a porta se abre e Ken me recebe com um sorriso. “Tessa, obrigado por ter vindo”, ele diz, e me leva para dentro, fazendo um gesto para que eu me sente. Ele se senta na cadeira imponente atrás de uma grande mesa de cerejeira. Eu me sinto muito mais intimidada por ele nesse escritório do que me senti em sua casa.

“Desculpa por te tirar da aula. Não consegui pensar em outra forma de chamar você, sabe que conversar com Hardin pode ser meio… difícil.”

“Tudo bem, sem problemas. Aconteceu alguma coisa?”, pergunto com nervosismo.

“Nada. Só quero discutir algumas coisas. Vamos começar com o estágio.”

Ele se inclina para a frente e apoia as mãos na mesa. “Fico feliz de dizer que conversei com meu amigo na Vance, e ele adoraria te receber o mais rápido possível. Se estiver livre amanhã…”, ele diz.

“Sério?”, grito, e minha empolgação faz com que eu me levante. Sentindo-me esquisita por estar de pé, eu me sento depressa. “Que ótimo, muito obrigada! Não faz ideia de como estou agradecida!”, digo a ele. São ótimas notícias, não acredito que ele fez isso por mim.

“O prazer é meu, Tessa.” Ele ergue as sobrancelhas com interesse. “Então, posso dizer a ele que você vai amanhã?”

Não quero perder nenhuma aula, mas é um bom motivo e estou adiantada, então não vejo problema. “Claro. Obrigada mais uma vez. Uau”, digo, e ele ri.

“Agora, a segunda coisa, e, se você disser não, não há problema algum. É

um pedido pessoal, ou favor. Seu estágio não tem nada a ver com isso”, ele diz e eu me sinto mais nervosa. Balanço a cabeça e ele continua: “Não sei se Hardin disse a você que Karen e eu vamos nos casar no próximo fim de semana”.

“Sabia que vocês iam casar. Parabéns, aliás”, digo a ele. Não sabia que estava tão perto. Penso em quando Hardin destruiu os pratos da casa deles e bebeu uma

garrafa quase inteira de uísque.

Ele sorri de modo gentil. “Muito obrigado. Eu queria saber… se haveria possibilidade… de você convencer Hardin a ir.” Ele desvia o olhar para a parede. “Sei que isso é ultrapassar os limites, mas eu detestaria que ele não estivesse presente e, para ser sincero, acredito que você é a única pessoa que poderia convencer meu filho a ir. Já pedi algumas vezes e ele disse não na hora.” Ken solta um suspiro de frustração.

Não faço ideia do que dizer a ele. Adoraria conseguir fazer Hardin ir ao casamento do pai, mas duvido que ele me ouça. Por que todo mundo acha que ele me ouve? Eu me lembro de quando Ken me disse que ele estava apaixonado por mim — uma ideia absurda.

“Vou falar com Hardin, eu também adoraria que ele fosse”, digo com toda a sinceridade.

“É mesmo? Muito obrigado, Tessa. Espero que não se sinta pressionada, mas espero ver vocês dois lá.”

Um casamento com Hardin? A ideia é ótima, mas vai ser muito difícil convencê-lo.

“Karen gosta muito de você, e adorou que vocês vieram no fim de semana.

Você é bem-vinda a qualquer momento.”

“Gostei muito de ter ido. Talvez fale com ela sobre as aulas de culinária que me ofereceu.” Dou uma risadinha, e ele também ri. Ken parece tanto com Hardin quando sorri que sinto meu coração se aquecer. Ele está tão desesperado para ter um relacionamento com o filho revoltado que chego a

sentir pena dele. Se puder fazer alguma coisa para ajudar, vou fazer.

“Ela adoraria! Pode ir quando quiser”, Ken diz, e eu me levanto.

“Obrigada de novo por me ajudar com o estágio. É muito importante para mim.”

“Analisei sua ficha e fiquei impressionado. Hardin poderia aprender muito com você”, ele diz com os olhos verdes cheios de esperança.

Sinto o peito transbordar de alegria. Sorrio e me despeço. Quando chego à classe, tenho cinco minutos até a aula de literatura britânica. Hardin está sentado em sua cadeira de sempre, e não consigo controlar meu sorriso.

“Você cumpriu sua promessa, e eu também”, ele diz e retribui o sorriso.

Cumprimento Landon e me sento entre eles.

“Por que demorou tanto?”, Hardin sussurra quando o professor começa a falar.

“Conto depois da aula.” Sei que, se tocar nesse assunto agora, ele vai fazer uma cena na frente de todo mundo.

“Conta.”

“Eu disse que conto depois da aula. Não é nada demais”, digo. Ele suspira, mas não insiste.

Quando a aula termina, Hardin e Landon se levantam e não sei com quem conversar. Normalmente converso com Landon e saímos juntos, mas agora Hardin voltou e eu já não sei.

“Você ainda vai à fogueira com a gente na sexta-feira? Você podia jantar em casa antes. Sei que minha mãe adoraria”, Landon diz antes que Hardin possa falar.

“Sim, claro, eu vou. Adorei o convite para jantar. É só dizer o horário e estarei lá.” Mal posso esperar para conhecer Dakota. Ela faz Landon feliz, e por isso já gosto dela.

“Te mando uma mensagem de texto”, ele diz e se afasta.

“Te mando uma mensagem de texto”, Hardin o imita, e eu reviro os olhos.

“Não tira sarro dele”, aviso.

“Ah, sim, esqueci que você fica brava. Lembro que quase pulou para cima de Molly quando ela tirou sarro dele.” Hardin ri, e eu o empurro.

“Estou falando sério, deixa o Landon em paz”, digo. E, para acalmar os ânimos, acrescento: “Por favor”.

“Ele está morando com meu pai. Tenho direito de tirar sarro dele.” Hardin sorri e eu dou risada. Quando saímos do prédio, decido que é agora ou nunca.

“Por falar no seu pai…” Olho para ele e percebo que já ficou tenso. Seu olhar é de desconfiança enquanto espera pelo que direi em seguida. “Fui até a reitoria hoje. Ele conseguiu uma entrevista para mim na Vance amanhã.

Não é ótimo?”

“Ele o quê?”, Hardin pergunta.

Lá vamos nós.

“Ele conseguiu uma entrevista para mim. É uma grande oportunidade, Hardin”, digo, esperando que seja compreensivo.

“Legal”, ele suspira.

“Tem mais.”

“Claro que tem…”

“Seu pai me convidou para ir ao casamento no próximo fim de semana…

Bem, convidou nós dois. Ele nos convidou para ir ao casamento.” Mal consigo terminar a frase, porque Hardin está fazendo cara feia para mim.

“Eu não vou. Fim de papo.” Ele se vira e faz menção de ir embora.

“Espera, escuta primeiro, por favor.” Seguro seu punho, mas ele se solta.

“Não, você precisa ficar fora disso, Tessa. Sem brincadeira. Cuida da sua vida pelo menos uma vez.”

“Hardin…”, começo, mas ele me ignora.

Hardin caminha até o estacionamento. Meus pés estão pesados, não consigo segui-lo. Observo quando seu carro branco deixa a vaga. Ele está exagerando e não vou alimentar essa reação. Precisa de um tempo para esfriar a cabeça antes de conversarmos de novo. Sabia que ele não ia aceitar ir, mas pensei que, pelo menos, podia falar sobre o assunto.

Mas a quem quero enganar? Acabamos de começar isso, faz dois dias. Não sei por que fico pensando que as coisas vão ser diferentes. Elas são, de certo modo. Hardin anda mais legal comigo, na maior parte do tempo, e me beijou em público, o que foi bem surpreendente. Mas continua sendo o mesmo: é teimoso e tem um problema de comportamento. Suspirando, jogo a bolsa no ombro e volto para meu quarto.

Steph está sentada de pernas cruzadas no chão, olhando para a TV, quando entro. “Onde você estava ontem à noite? Hoje era dia de aula, jovenzinha”, ela provoca. Reviro os olhos, brincando.

“Eu… saí”, digo a ela. Não sei se devo contar que estava com Hardin.

“Com Hardin”, ela diz, e eu desvio o olhar. “Sei que estava com ele. Hardin me pediu seu telefone e então saiu da pista de boliche e não voltou mais.”

Steph abre um sorriso cheio de malícia para mim.

“Não conta pra ninguém. Não sei bem o que está acontecendo”, digo.

Steph promete ficar calada, e passamos o resto da tarde falando sobre ela e Tristan, até ele chegar para irem jantar fora. Ele a beija assim que ela abre a porta, segura sua mão enquanto pega as coisas e sorri para ela o tempo todo.

Por que Hardin não pode ser assim comigo?

Não tive notícias dele, mas não quero enviar mensagem primeiro. É

bobagem, eu sei, mas não me importo. Quando Steph e Tristan saem, estudo um pouco e arrumo minhas coisas. No caminho do banho, meu telefone toca. Meu coração acelera assim que vejo o nome de Hardin.

Fica comigo hj à noite?

Ele não fala comigo há horas, mas quer que eu passe a noite com ele? De novo?

Por quê? Pra você ser grosso comigo?, respondo. Quero vê-lo, mas ainda estou irritada.

Estou indo. Reviro os olhos ao ver o tom de autoridade, mas não consigo me

controlar: estou ansiosa para vê-lo.

Eu me apresso, tomo um banho para não ter que fazer isso na república de novo. Mal tenho tempo de separar minhas roupas para amanhã. Não gosto do fato de que terei que pegar um ônibus para ir à Vance, uma vez que de carro eu demoraria apenas meia hora, então volto a pensar em procurar um carro. Estou dobrando minhas roupas quando Hardin abre a porta, sem bater, claro.

“Pronta?”, ele pergunta e pega minha mala. Balanço a cabeça afirmativamente, coloco a bolsa no ombro e saio com ele. Caminhamos em silêncio até o carro, e eu me pego rezando para que o resto da noite não seja assim.



56

Olho pela janela do passageiro, não quero ser a primeira a falar. Depois de alguns quarteirões, Hardin liga o rádio e aumenta muito o volume. Reviro os olhos, mas ignoro — até onde dá. Odeio o gosto musical dele, fico com dor de cabeça na hora. Sem pedir, giro o botão do volume para abaixar e Hardin olha para mim.

“O que foi?”

“Nossa! Tem alguém nervosinha”, ele diz.

“Não, só não queria ouvir isso, e se tem alguém de mau humor é você. Foi supergrosseiro comigo, e aí envia uma mensagem de texto pedindo para passar a noite com você. Não entendo.”

“Fiquei puto porque você falou do casamento. Agora que está resolvido que não vamos, não tenho motivos para ficar assim.” Seu tom de voz é calmo e firme.

“Não está resolvido… nem conversamos a respeito.”

“Conversamos, sim. Eu disse que não vou. Então esquece, Theresa.”

“Bom, talvez você não vá, mas eu vou. E vou à casa do seu pai para aprender a cozinhar com Karen no fim de semana”, digo.

Hardin range os dentes e olha para mim. “Você não vai ao casamento. E o que está acontecendo? Você e Karen são melhores amigas agora? Você mal a conhece!”

“E daí? Eu mal te conheço”, digo. Ele parece triste, e eu me sinto mal por isso, mas é verdade.

“Por que você está sendo tão difícil?”, ele pergunta, ainda com raiva.

“Porque você não vai mandar em mim, Hardin. Pode esquecer. Eu vou ao casamento, e gostaria muito que você fosse comigo, se quiser. Talvez você até se divirta. Seria muito importante para seu pai e Karen, não que você se importe com isso.”

Ele não diz nada. Solta um longo suspiro e volto a olhar pela janela. O

restante do trajeto é feito em silêncio, nós dois estamos irritados demais para falar. Quando estacionamos na fraternidade, Hardin pega minha bolsa no banco de trás e a coloca no ombro.

“Por que você faz parte de uma fraternidade?”, pergunto. Quero entender isso desde que descobri seu quarto.

Ele respira fundo enquanto sobe a escada. “Porque, quando concordei em

vir para cá, o dormitório estava cheio, e eu não queria morar com meu pai de jeito nenhum. Então foi a única opção que tive.”

“E por que fica aqui?”

“Porque não quero morar com meu pai, Tessa. E dá uma olhada nesta casa: é bonita, e meu quarto é o maior.” Ele sorri um pouco, e fico feliz ao ver que sua raiva está diminuindo.

“Por que não mora fora do campus?”, pergunto, mas ele dá de ombros.

Talvez não queira arrumar um emprego.

Eu o sigo em silêncio até seu quarto e espero enquanto destranca a porta.

Por que essa obsessão com o próprio quarto?

“Por que você não deixa ninguém entrar no seu quarto?”, pergunto. Ele revira os olhos e coloca minha mala no chão.

“Por que você faz tantas perguntas?”, ele resmunga e se senta em uma cadeira.

“Sei lá. Por que você não responde?”, pergunto, mas é claro que ele me ignora. “Posso pendurar minha roupa para amanhã? Não quero que fique amassada dentro da minha bolsa.”

Ele parece pensar na pergunta por um segundo, mas logo assente e levanta para pegar um cabide no armário. Pego a saia e a blusa e penduro no cabide, ignorando a cara feia que ele faz para minha roupa.

“Preciso levantar mais cedo do que o normal amanhã para estar no ponto de ônibus às oito e quarenta e cinco. Vou pegar o ônibus três ruas acima, e descer a dois quarteirões da editora”, digo.

“O quê? Você vai lá amanhã? Por que não me contou?”

“Eu contei… Você estava ocupado demais fazendo birra”, rebato.

“Levo você lá. Não precisa ficar uma hora dentro do ônibus.”

Quero recusar a oferta só para irritá-lo, mas decido não fazer isso. Vai ser muito melhor ir para lá de carro do que em um ônibus lotado.

“Vou comprar um carro logo. Não posso ficar sem. Se eu conseguir o estágio, teria que ir para lá três vezes por semana.”

“Eu levaria você”, ele diz, a voz quase um sussurro.

“Vou comprar um carro. Não posso correr o risco de você não ir me buscar um dia porque está bravo comigo.”

“Eu nunca faria isso.” Seu tom é sério.

“Faria, sim. E então eu teria que encontrar um ônibus de última hora.

Não, obrigada”, digo meio na brincadeira. Sinceramente, acho que poderia

contar com ele, mas não quero correr riscos. Hardin é instável demais.

Ele liga a televisão e levanta para trocar de roupa. Eu o observo. Por mais irritada que possa estar, nunca deixaria passar uma chance de vê-lo tirando a roupa. Hardin tira a camiseta primeiro, então observo seus músculos se contraírem sob a pele enquanto desabotoa e tira a calça jeans preta. Quando penso que vai ficar só de cueca, ele pega uma calça de algodão da cômoda e

veste. Fica sem camisa, para minha sorte.

“Toma”, ele murmura e me dá a camiseta que acabou de tirar. Não consigo controlar meu sorriso ao pegá-la. Vai ser assim agora. Ele deve gostar de me ver com a camiseta dele tanto quanto gosto de sentir seu cheiro no tecido.

Hardin se concentra na televisão enquanto visto a camiseta dele e uma legging. É justa, mas confortável. Hardin pigarreia e percorre meu corpo com os olhos.

“Hum… que sexy.”

Fico corada. “Obrigada.”

“Bem melhor do que a calça larga”, ele provoca, e dou risada enquanto me sento no chão. Eu me sinto estranhamente à vontade no quarto dele. Não tenho certeza se são os livros ou Hardin.

“Você estava falando sério no carro quando disse que mal me conhece?”, ele pergunta de modo contido. Eu não esperava por isso.

“Mais ou menos. Não é fácil conhecer você.”

“Eu sinto que te conheço”, ele diz, com os olhos fixos nos meus.

“Sim, porque eu deixo. Conto coisas sobre mim.”

“Eu também conto. Pode não parecer, mas você me conhece mais do que qualquer outra pessoa.” Ele olha para o chão, e então para meus olhos de novo. Parece triste e vulnerável, muito diferente do garoto raivoso de sempre, mas igualmente atraente.

Não sei bem o que dizer a respeito dessa confissão. Sinto que conheço Hardin

num nível muito pessoal, como se de algum modo estivéssemos ligados muito mais profundamente do que se tivéssemos mais informações um sobre o outro, mas não me parece nem de perto suficiente. Preciso saber mais.

“Você também me conhece melhor do que ninguém”, digo. Hardin conhece a Tessa de verdade. Não a Tessa que finjo ser com minha mãe, nem mesmo com Noah. Conto a ele sobre a partida de meu pai, as críticas de minha mãe e meus medos, coisas que nunca contei a ninguém. Hardin parece gostar muito do que eu disse: ele abre um sorriso e se aproxima de mim, pega minha mão e me puxa.

“O que você quer saber, Tessa?”, ele pergunta, e meu coração se aquece.

Hardin finalmente está pronto para me contar mais sobre si mesmo. Estou mais perto de compreender esse cara estourado, mas que sabe ser adorável de vez em quando.

Hardin e eu ficamos deitados na cama, olhando para o teto, e eu faço pelo menos cem perguntas. Ele fala sobre o lugar onde cresceu, Hampstead, e diz que era muito legal morar lá. Fala sobre a cicatriz no joelho, da primeira vez que subiu numa bicicleta sem rodinhas, e conta que sua mãe desmaiou ao ver o sangue. Seu pai estava no bar aquele dia — o dia todo —, e foi a mãe quem cuidou de tudo. Ele me conta sobre a escola e diz que passava a maior

parte do tempo lendo. Nunca foi muito social, e conforme foi crescendo seu pai passou a beber cada vez mais, e seus pais brigavam cada vez mais. Hardin me conta que foi expulso do ensino médio por indisciplina, mas a mãe implorou para que a direção o deixasse voltar. Começou a fazer tatuagens aos dezesseis anos, no porão de um amigo. A primeira foi uma estrela, e depois ele quis muitas outras. Diz que não tem um motivo especial para não tatuar as costas. Detesta pássaros, apesar dos dois que tem acima de sua clavícula, e adora carros clássicos. O melhor dia de sua vida foi quando seus pais se divorciaram. O pai parou de beber quando ele tinha catorze anos e está tentando compensar pelo passado terrível, mas Hardin nem quer saber.

Minha mente está confusa com tantas informações e acho que finalmente consigo entendê-lo. Ainda há muito mais coisas que eu adoraria saber sobre Hardin, mas ele adormece enquanto me conta sobre a casinha que ele, a mãe e um amigo fizeram com caixas de papelão quando tinha oito anos. Fico olhando para Hardin dormindo, e ele parece muito mais jovem agora que sei sobre sua

infância, que foi feliz até o alcoolismo do pai envenenar tudo, culminando no Hardin furioso de hoje. Eu me inclino para a frente e dou um beijo no meu rebelde orgulhoso, então me deito e durmo também.

Não quero acordá-lo, só puxo um pouquinho o edredom para me cobrir.

Nessa noite, meu sono é perturbado pelas imagens de um menininho de cabelos encaracolados caindo de uma bicicleta.

“Para!”

Acordo com a voz cheia de dor de Hardin. Olho ao redor à procura dele, e então o vejo se debatendo no chão. Saio depressa da cama para me aproximar dele e o chacoalho com cuidado para despertá-lo. Lembro como foi difícil da última vez, então me abaixo e o seguro pelos ombros, embora ele tente se livrar de mim. Um gemido escapa dos seus lábios perfeitos e, então, seus olhos se abrem.

“Tess”, Hardin diz e me abraça. Está ofegante, suado. Eu devia ter perguntado sobre os pesadelos, mas não quis abusar. Hardin me contou muito, muito mais do que eu esperava saber.

“Estou aqui, estou aqui”, digo para consolá-lo. Puxo o braço dele, fazendo um gesto para que me acompanhe até a cama. Quando Hardin me vê, a confusão e o medo desaparecem aos poucos.

“Pensei que você tivesse ido embora”, ele sussurra. Nós nos deitamos e Hardin me puxa para perto dele, bem perto. Passo meus dedos por seus cabelos úmidos e desgrenhados, e ele fecha os olhos.

Não digo nada, só continuo os carinhos para acalmá-lo.

“Nunca me deixe, Tess”, ele sussurra e volta a dormir. Meu coração quase explode com esse pedido, e sei que, enquanto me quiser, vou ficar aqui.



57

Na manhã seguinte, acordo antes de Hardin e consigo empurrá-lo para o lado e desenrolar nossas pernas sem que ele acorde. Ao lembrar como ele disse meu

nome aliviado e contou seus segredos, sinto um frio na barriga.

Hardin se expôs totalmente ontem à noite, e isso me fez gostar ainda mais dele. A intensidade dos meus sentimentos por ele me assusta. Embora reconheça que eles existem, não estou pronta para enfrentá-los. Apanho a chapinha e o estojo pequeno de maquiagem de Steph que peguei emprestado, com permissão dela, e vou ao banheiro.

O corredor está vazio, e ninguém bate na porta enquanto me arrumo. Não tenho a mesma sorte ao voltar para o quarto de Hardin. Três caras andam pelo corredor em minha direção, e um deles é Logan.

“Oi, Tessa!”, ele diz e lança seu sorriso perfeito.

“Oi, tudo bem?” Sinto-me esquisita com os três olhando para mim.

“Estava de saída. Você mudou para cá ou algo assim?”, ele diz e ri.

“Não, estou só… visitando.” Não faço ideia do que dizer. O cara alto se inclina e cochicha algo no ouvido de Logan. Não consigo ouvir o que ele diz, mas desvio o olhar. “Bom, até mais”, digo.

“É, até a festa de hoje à noite”, Logan diz e se afasta.

Que festa? Por que Hardin não me contaria sobre uma festa? Ele não vai estar aqui? Ou ele não quer que você venha, meu subconsciente acrescenta. E

quem dá uma festa numa terça-feira?

Quando chego à porta de Hardin, ela se abre antes mesmo que eu gire a maçaneta.

“Onde você estava?”, ele pergunta, abrindo a porta apenas o suficiente para eu entrar.

“No banheiro. Não quis te acordar”, digo a ele.

“Já te falei para não ficar andando pelo corredor sozinha, Tessa”, ele me repreende.

“E eu falei que você não manda em mim, Hardin”, digo com sarcasmo, e seu rosto se suaviza.

“Touché.” Ele ri e se aproxima de mim. Apoia uma das mãos nas minhas costas e a outra na minha barriga, por baixo da camiseta. Seus dedos são ásperos, têm calos, mas deslizam delicadamente por minha pele, subindo cada vez mais.

“Você devia usar um sutiã quando for perambular pelos corredores de uma fraternidade, Theresa.” Hardin encosta a boca em minha orelha assim que seus dedos encontram meus seios. Ele acaricia os mamilos com os polegares, deixando-os rígidos com seu toque. Hardin respira fundo e eu fico congelada, mas meu coração está aos pulos. “Nunca se sabe se há um pervertido lá fora”, ele diz baixinho em meu ouvido.

Hardin belisca meus mamilos levemente. Encosto a cabeça em seu peito e não consigo controlar meus gemidos enquanto os dedos dele continuam a explorar.

“Aposto que conseguiria fazer você gozar só assim”, ele diz, e aplica mais pressão.

Eu não fazia ideia de que isso poderia ser tão… bom. Balanço a cabeça afirmativamente. Hardin ri, com os lábios encostados em minha orelha.

“Quer que eu faça você gozar?”, ele pergunta, e balanço a cabeça de novo. Ele nem precisava perguntar. Minha respiração ofegante e os joelhos trêmulos deixavam isso bem claro.

“Certo, vamos para a…”, ele começa a dizer, mas o alarme do meu celular toca.

Volto à realidade. “Ai, meu Deus, precisamos sair em dez minutos, Hardin, e você nem se vestiu. Nem eu!”

Eu me afasto, mas ele balança a cabeça negativamente e me puxa de volta, dessa vez tirando minha calça e a calcinha. Hardin pega meu telefone e o desliga.

“Só preciso de dois minutos. Vão sobrar oito para a gente se vestir.”

Hardin me levanta do chão e me leva para a cama. Ele me senta na beirada, se ajoelha na minha frente e me puxa pelos tornozelos. “Abre as pernas, linda”, Hardin diz, e eu obedeço.

Sei que não planejava fazer isso hoje cedo, mas não consigo pensar num modo melhor de começar o dia. Seus dedos compridos percorrem minhas coxas e ele me segura com uma das mãos. Abaixa a cabeça e lambe toda a extensão do meu sexo antes de começar a chupar. É aquele ponto de novo, minha nossa. Levanto o quadril e ele me empurra para baixo e continua a me segurar. Usando a outra mão, enfia um dedo em mim, com movimentos mais rápidos do que antes. Não sei se prefiro o dedo ou sua chupada, mas a combinação é de arrepiar. Em poucos segundos, sinto aquele calor na boca do estômago e ele movimenta o dedo mais depressa.

“Vou tentar enfiar dois, tá?”, ele diz, e eu solto um gemido, aprovando. A sensação é estranha e um pouco desconfortável, como na primeira vez em que ele enfiou um dedo em mim, mas, quando Hardin volta a me chupar, eu me esqueço da dor. Reclamo quando afasta a boca de novo.

“Nossa, você é apertadinha, linda.” As palavras dele são o bastante para me descontrolar. “Você está bem?”, ele pergunta.

Eu o seguro pelos cachos e forço sua cabeça para baixo. Ele ri e começa a me chupar de novo. Digo seu nome entre gemidos e puxo seus cabelos ao atingir o orgasmo mais forte de todos. Não que tenha gozado muitas vezes, mas esse foi, sem dúvida, o mais rápido e o mais forte. Hardin beija meu quadril antes de se levantar e caminhar em direção ao guarda-roupas.

Levanto a cabeça e tento recuperar o fôlego. Ele volta e me seca com uma camiseta, o que poderia ser bem mais constrangedor se eu estivesse sendo racional.

“Volto já. Vou escovar os dentes.” Ele sorri e sai do quarto. Fico de pé e me visto, então vejo que horas são. Temos três minutos para sair. Quando volta, Hardin se veste depressa e saímos.

“Você sabe chegar lá?”, pergunto quando ele sai do estacionamento.

“Sim, o melhor amigo do meu pai da época de faculdade é Christian Vance”, ele me diz. “Já estive lá algumas vezes.”

“Ah… nossa.” Sabia que Ken tinha um contato lá, mas não que o CEO era o melhor amigo dele.

“Não se preocupa, ele é bacana. Meio quadrado, mas bacana. Você vai conseguir.” O sorriso dele é contagioso. “E está linda.”

“Obrigada. Parece que você está de bom humor hoje”, digo, brincando.

“Enfiar a cabeça entre as suas coxas logo cedo parece um sinal de que o dia vai ser bom.” Ele ri e segura minha mão.

“Hardin!”, eu o repreendo, mas ele só ri mais.

O trajeto é rápido e em pouco tempo entramos em um estacionamento atrás de um prédio de seis andares com laterais de vidro e um enorme V na frente.

“Estou nervosa”, admito enquanto confiro minha maquiagem no espelho.

“Não fica. Você vai se dar bem. É muito inteligente, e ele vai perceber isso”, Hardin me garante.

Adoro quando ele é assim legal.

“Obrigada”, digo, e me inclino para beijá-lo. É um beijo doce e simples.

“Vou ficar no carro esperando você”, ele diz e me beija de novo.

O lado de dentro do prédio é tão elegante quanto o de fora. Quando chego à recepção, recebo um crachá e me orientam ao sexto andar. Chego à recepção do andar e dou meu nome a um rapaz.

Ele abre um sorriso perfeito de dentes brancos e me leva a um escritório enorme, dizendo a um homem de meia-idade com uma barba curta do outro lado da porta: “Sr. Vance, Theresa Young chegou”.

O sr. Vance faz um gesto para eu entrar e caminha na minha direção para apertar minha mão. Seus olhos verdes podem ser vistos do outro lado da sala e seu sorriso é reconfortante, o que me deixa relaxada quando pede que eu me sente.

“É um prazer te conhecer, Theresa. Obrigado por ter vindo”, ele diz.

“Pode me chamar de Tessa. E agradeço por me receber”, digo, sorrindo.

“Então, Tessa, você está no primeiro ano de letras?”, ele pergunta.

“Sim, senhor”, respondo, assentindo.

“Ken Scott me deu uma ótima recomendação, disse que perderia muito se não te oferecesse um estágio.”

“Ken é muito gentil”, digo. Ele concorda, esfregando a barba.

O sr. Vance me pede para dizer o que tenho lido ultimamente e quem são os autores de que mais gosto e de que menos gosto, e para explicar o motivo. Ele balança a cabeça afirmativamente e murmura enquanto falo.

Quando termino, ele sorri.

“Bem, quando você pode começar? Ken me disse que você pode organizar suas aulas para vir aqui dois dias na semana e ir à faculdade nos outros três”, ele diz, me surpreendendo.

“Sério?” Só consigo dizer isso. Está muito além do que eu esperava. Pensei que teria que fazer aulas à noite e trabalhar durante o dia, se conseguisse o estágio.

“Sim, e você também vai matar horas de estágio obrigatório assim.”

“Muito obrigada. É uma oportunidade incrível, obrigada, obrigada mesmo.” Não consigo acreditar na minha sorte.

“Falamos sobre seu salário na segunda, quando você começar.”

“Salário?” Pensei que seria um estágio não remunerado.

“É claro que você vai receber pelo seu trabalho.” Ele sorri.

Balanço a cabeça afirmativamente. Se abrir a boca, vou agradecer a ele pela milésima vez.

Praticamente corro até o carro, e Hardin sai de dentro dele quando me aproximo.

“E então?”, ele pergunta quando comemoro.

“Consegui! É remunerado e vou trabalhar dois dias por semana, para poder estudar três… e vai contar como estágio obrigatório… e ele foi muito bacana… e seu pai é maravilhoso por fazer isso por mim… e você também, claro, e estou

tão feliz e… bom, acho que é isso!” Começo a rir e ele me abraça, aperta e me pega no colo.

“Estou muito feliz por você”, Hardin diz, e envolvo seus cabelos com meus dedos.

“Obrigada”, digo, e ele me coloca no chão. “Sério, obrigada por me trazer e por esperar no carro.”

Hardin diz que não tem problema nenhum e, quando entramos no carro, pergunta: “O que você quer fazer agora?”.

“Ir para a faculdade, claro. Ainda podemos pegar a aula de literatura britânica.”

“Sério? Aposto que poderíamos encontrar algo muito mais divertido para

fazer.”

“Não. Já perdi muitas aulas esta semana. Não quero perder mais nenhuma.

Vou para a aula, e você também deveria ir.” Sorrio.

Ele revira os olhos, mas balança a cabeça concordando.

Chegamos na hora e conto a Landon sobre o estágio. Ele me parabeniza e me dá um abraço apertado. Hardin finge que vai vomitar atrás de nós e dou um chute na canela dele.

Depois da aula, saímos todos juntos e Landon e eu conversamos sobre os detalhes da fogueira na sexta. Concordo em encontrá-lo em sua casa às cinco para o jantar e combinamos de sair às sete. Hardin permanece em silêncio durante a conversa, e fico me perguntando se ele vai comigo. Tinha dito que ia, mas tenho quase certeza de que era só para competir com Zed. Landon se despede quando chegamos ao estacionamento e se afasta assoviando.

“Scott!”, alguém chama. Nós dois nos viramos e vemos Nate e Molly caminhando na nossa direção. Que ótimo. Ela está usando uma regatinha e uma saia de couro vermelha. Ainda é terça, mas ela já esgotou a cota de piranhice da semana.

“Oi”, Hardin diz e se afasta um pouco de mim.

“Oi, Tessa”, Molly diz.

Eu a cumprimento e espero meio sem jeito enquanto Hardin e Nate se cumprimentam.

“Está pronto?”, Nate pergunta a ele, e fica claro que Hardin pediu para o encontrarem aqui. Não sei por que pensei que ficaríamos juntos de novo, não podemos passar todos os dias juntos, mas ele poderia ter dito algo.

“Sim, pronto”, Hardin diz e olha para mim. “Até mais, Tessa”, ele diz casualmente e se afasta com eles. Molly olha para trás com um sorrisinho no rosto coberto por maquiagem enquanto se acomoda no banco do passageiro do carro de Hardin e Nate se senta no banco traseiro.

Fico parada no meio do estacionamento tentando entender o que acabou de acontecer.



58

Enquanto volto para o quarto, percebo como fui tola por pensar que Hardin mudaria. Deveria ter sido mais esperta. Deveria saber que era bom demais para ser verdade. Hardin me beijando na frente de Landon, sendo legal e querendo mais. Hardin me contando sobre sua infância. Eu deveria ter me dado conta de que, assim que seus amigos chegassem, ele voltaria a ser o Hardin que há duas semanas eu odiava.

“Ei, você vai hoje à noite?”, Steph pergunta quando entro no quarto.

Tristan está sentado na cama dela, observando a namorada com a admiração com que eu gostaria que Hardin olhasse para mim.

“Não, vou estudar”, digo. É bom saber que todo mundo foi convidado, mas Hardin nem achou que precisava comentar sobre a festa comigo.

Provavelmente para poder ficar com Molly sossegado.

“Ah, vamos! Vai ser divertido. Hardin vai estar lá.” Ela sorri e eu me forço para sorrir também.

“É sério, preciso ligar para minha mãe, contar o que ando fazendo e planejar a semana que vem.”

“Creeeedo”, Steph provoca e pega a bolsa. “Bom, você quem sabe. Vou passar a noite fora. Se precisar de alguma coisa, é só me ligar”, ela diz e me abraça antes de sair.

Telefono para minha mãe e conto sobre o estágio, e é claro que ela fica mais do que feliz com a oportunidade incrível. Deixo Hardin de fora da história, mas comento sobre Ken, dizendo que ele está prestes a se tornar padrasto de Landon, o que é verdade. Ela pergunta sobre Noah, mas eu me esquivo. Fico surpresa e grata por descobrir que ele não contou tudo à minha mãe. Noah não me deve nada, e fico contente pela omissão. Depois de ouvi-la falar por muito tempo sobre sua nova colega de trabalho, que minha mãe acredita estar tendo um caso com o chefe, digo que preciso muito estudar e desligo. Imediatamente, volto a pensar em Hardin, como sempre.

Minha vida era muito mais simples antes de conhecê-lo, e agora… é complicada e estressante — ou vivo extremamente feliz ou sinto um peso no peito quando penso nele com Molly.

Vou enlouquecer se ficar sentada aqui, e são só seis da tarde quando desisto de tentar estudar. Talvez devesse sair para andar. Preciso fazer mais amigos. Pego o telefone e ligo para Landon.

“Oi, Tessa!” Sua voz é simpática e aplaca um pouco minha ansiedade.

“Oi, Landon, está ocupado?”, pergunto.

“Não, só estou assistindo ao jogo. Por quê, aconteceu alguma coisa?”

“Não, só estava pensando se poderia visitar você… Se sua mãe não se importar, poderíamos começar aquelas aulas.” Dou uma risadinha sem graça.

“Sim, claro. Ela adoraria… vou avisar que você está vindo.”

“Certo, o próximo ônibus só sai em trinta minutos, mas chego aí logo”, digo.

“Ônibus? Ah, sim, esqueci que você não tem carro. Vou buscar você.”

“Não, não precisa mesmo. Não me incomodo, e não quero que você tenha trabalho.”

“Tessa, são alguns poucos quilômetros. Estou saindo”, ele diz, e eu acabo concordando.

Pego minha bolsa e confiro meu telefone mais uma vez. Claro que Hardin não enviou mensagem nem me ligou. Detesto ser tão dependente, principalmente porque está claro que não posso depender dele.

Decidida a mudar, desligo o telefone. Se deixá-lo ligado, vou enlouquecer olhando para ele toda hora. Acho melhor deixá-lo no quarto, e o enfio na primeira gaveta da cômoda antes de sair para esperar Landon chegar.

Minutos depois, ele estaciona e buzina de leve. Eu me assusto na calçada e nós dois estamos rindo enquanto entro no carro.

“Minha mãe está enlouquecendo na cozinha agora, então se prepare para uma aula muito detalhada”, ele diz.

“É mesmo? Adoro detalhes!”

“Eu sei. Somos parecidos”, ele diz e liga o rádio.

Ouço a batida familiar de uma das minhas canções preferidas. “Posso aumentar o volume?”, pergunto, e Landon concorda.

“Você gosta de Fray?”, ele pergunta num tom surpreso.

“Adoro! É minha banda preferida. Você gosta deles?”

“Claro, quem não gosta?”, ele ri. Quase digo que Hardin não gosta, mas mudo de ideia.

Quando chegamos, Ken nos recebe na porta com um sorriso simpático.

Espero que não estivesse pensando que Hardin viria comigo, mas não vejo decepção em seu olhar, e sorrio.

“Karen está na cozinha. Entrem por sua conta e risco”, ele diz, brincando.

Mas não tanto assim. O balcão está cheio de panelas, tigelas e um monte de outras coisas que não reconheço.

“Tessa! Estou preparando tudo!” Ela sorri enquanto faz um gesto para mostrar os equipamentos esquisitos.

“Posso ajudar com alguma coisa?”

“Não, agora não. Estou quase terminando. Pronto.”

“Espero não ter avisado muito em cima da hora”, digo.

“Não, querida, você é sempre bem-vinda aqui”, ela me garante, e percebo que está sendo sincera.

Karen me dá um avental para usar e prendo os cabelos em um coque.

Landon se senta e conversa conosco por alguns minutos enquanto ela me mostra todos os ingredientes para fazer cupcakes. Despejo tudo na batedeira e a ligo na velocidade mais baixa.

“Já me sinto uma profissional.” Dou risada e Landon se recosta, passando a mão no meu rosto.

“Desculpa, mas tem um pouco de farinha.” Ele cora e eu sorrio.

Começo a despejar a massa nas formas. Quando as colocamos no forno e começamos a falar sobre a faculdade e a vida em geral, Landon nos deixa e vai para a sala terminar de assistir ao jogo.

Ficamos conversando enquanto nossos bolinhos assam e esfriam. Quando ela diz que está na hora de decorar os cupcakes, olho para eles e fico muito satisfeita com a aparência dos meus. Karen me mostra como usar o saco de confeiteiro para fazer um L em cima de um deles, e o separa para Landon.

Ela desenha flores e grama com destreza nos dela, e eu faço o melhor que consigo com os meus.

“Da próxima vez podemos fazer cookies.” Ela sorri e coloca os cupcakes em uma bandeja.

“Adorei a ideia”, digo, mordendo um cupcake.

Enquanto Karen ajeita a bandeja, ela pergunta: “Onde está Hardin?”.

Mastigo lentamente, tentando entender se há um motivo para a pergunta.

“Está na casa dele”, respondo. Ela franze o cenho, mas não insiste.

Landon entra de novo na cozinha e Karen sai para levar alguns cupcakes para Ken.

“Esse é para mim?”, Landon pergunta levantando o cupcake com a letra L

torta na cobertura.

“Sim. Preciso melhorar minhas habilidades decorativas.”

Ele dá uma mordida grande. “O importante é que o gosto é bom”, diz com a boca cheia. Dou risada e ele limpa a boca.

Como mais um cupcake e Landon fala sobre o jogo, para o qual eu não ligo, mas ele é legal, então finjo que ligo. Volto a pensar em Hardin e olho pela janela.

“Você está bem?” Landon me tira dos meus pensamentos.

“Sim, desculpa. Eu estava prestando atenção… no começo.” Sorrio como que pedindo desculpas.

“Tudo bem. É o Hardin?”

“Sim… como você sabe?”, pergunto.

“Onde ele está?”

“Na república. Tem uma festa hoje…”, começo, e então decido me abrir

com ele. “Ele não me disse nada. Encontrou os amigos e só disse: ‘Até mais, Tessa’. Eu me sinto uma idiota por dizer isso, sei que devo parecer uma boba,

mas estou enlouquecendo. Tem aquela Molly, com quem ele ficava, e ela está com ele agora, e ele não disse a ninguém que estamos… seja lá o que estamos.” Suspiro.

“Namorando?”, Landon pergunta.

“Sim… Bom, eu pensei que sim, mas não sei agora.”

“Por que não tenta conversar com ele? Por que não vai à festa?”

Olho para ele. “Não posso simplesmente aparecer lá.”

“Por que não? Você já foi às festas de lá, e você e Hardin estão meio saindo, ou sei lá o quê, e sua colega de quarto vai estar lá. Eu iria, se fosse você.”

“É mesmo? Steph me convidou… mas não sei.”

Quero ir só para ver se Hardin está com Molly, mas me sentiria uma idiota aparecendo lá sem mais nem menos.

“Acho que você deveria ir.”

“Você vai comigo?”, pergunto.

“Ah não, Tessa, desculpa. Somos amigos, mas nãão.”

Eu sabia que ele não iria, mas não custava perguntar. “Acho que vou. Pelo menos para falar com ele.”

“Ótimo. Mas limpe a farinha do rosto primeiro.”

Ele ri e eu empurro seu braço com delicadeza. Fico conversando mais um pouco com Landon. Não quero que ele pense que só queria uma carona para a festa, apesar de saber que ele nunca diria isso.

“Boa sorte, telefone se precisar de mim”, Landon diz quando saio do carro na frente da república. Quando ele se afasta, penso que é irônico o fato de ter deixado meu telefone no quarto para evitar me preocupar com Hardin, mas ter ido até a casa dele.

Há um grupo de garotas com roupas curtas no quintal, e eu observo a minha:

jeans e blusa de lã. Passei pouca maquiagem e meus cabelos estão presos num coque no topo da cabeça. No que eu estava pensando quando decidi vir aqui?

Engulo a ansiedade e entro. Não vejo rostos familiares, só Logan, que está bebendo algo no corpo de uma garota só de calcinha e sutiã. Entro na cozinha e alguém me entrega um copo vermelho de bebida, que levo à boca.

Se vou confrontar Hardin, preciso de álcool. Passo pela sala de estar lotada e vou até o sofá onde o grupo dele costuma ficar. Entre corpos e por cima de ombros, vejo os cabelos cor-de-rosa de Molly…

E me sinto enojada ao ver que ela não está sentada no sofá, e sim no colo de Hardin. Ele apoia a mão em sua coxa e ela se recosta nele, rindo com os amigos como se fosse a coisa mais normal do mundo.

Como me enfiei nessa situação com Hardin? Deveria ter ficado longe dele.

Eu sabia disso, mas agora percebo tudo como se levasse um tapa na cara.

Deveria ir embora. Não me encaixo aqui, não quero chorar na frente dessas pessoas de novo. Estou cansada de chorar por Hardin, e estou cansada de tentar fazer com que ele seja algo que não é. Sempre que acho que estou no fundo do poço, ele faz alguma coisa que me faz perceber que não tinha ideia da dor que sentimentos não correspondidos podem causar. Observo quando Molly coloca sua mão sobre a mão de Hardin. Ele tira a dele, mas a coloca no quadril dela, apertando de brincadeira. Molly ri. Tento me forçar a me mover, a me afastar, a rastejar, a fazer qualquer coisa para sair, mas meus olhos estão grudados no cara por quem eu estava me apaixonando enquanto os olhos dele estão grudados em Molly.

“Tessa!”, alguém diz. Hardin levanta a cabeça e seus olhos verdes encontram os meus. Estão arregalados em choque, e Molly olha na minha direção, então deita ainda mais em cima de Hardin. Ele entreabre os lábios como se fosse dizer alguma coisa, mas não diz.

Zed aparece do meu lado e finalmente consigo desviar o olhar. Tento sorrir para ele, mas estou usando toda a minha energia para evitar o choro.

“Quer uma bebida?”, ele pergunta. Olho para baixo. Eu estava segurando um copo de cerveja, não estava?

Meu copo está aos meus pés, e a cerveja molhou o carpete. Dou um passo para trás. Normalmente, eu limparia e pediria desculpa, mas, nesse momento, prefiro fingir que não é meu. A casa está tão lotada que ninguém vai perceber.

Tenho duas opções: posso sair correndo em prantos e mostrar para Hardin que ele acabou comigo, ou posso fazer cara de durona e fingir que não me importo com ele e com o modo como acomoda Molly em seu colo.

Escolho a segunda opção.

“Sim, por favor, quero uma bebida”, digo com a voz embargada.



59

Vou com Zed para a cozinha, me preparando mentalmente para sobreviver à festa. Queria ir até Hardin e xingá-lo, dizer para nunca falar comigo de novo, dar um tapa na cara dele e arrancar os cabelos cor-de-rosa da cabeça de Molly. Mas Hardin provavelmente ficaria rindo o tempo todo, então, decido só beber o drinque que Zed faz para mim. Peço mais um. Hardin já estragou muitas noites da minha vida, e me recuso a permitir que aconteça de novo.

Zed prepara mais um drinque, mas, quando mostro o copo vazio, alguns minutos depois, ele ri e levanta as mãos.

“Nossa! Calma, maluca. Você já bebeu dois!”

“Mas é muito gostoso!” Dou risada e passo a língua nos lábios para sentir o gostinho de novo.

“Bom, vamos devagar com este, está bem?”

Concordo, então ele prepara mais um e diz: “Acho que vão fazer mais uma rodada de Verdade ou Desafio”.

Por que esse pessoal gosta tanto desse jogo? Pensei que as pessoas parassem com essa brincadeira idiota depois da escola.

A dor em meu peito volta quando começo a pensar em todas as coisas que Hardin e Molly já devem ter sido desafiados a fazer hoje.

“O que perdi nas outras rodadas?”, pergunto a ele com o sorriso mais sedutor que consigo abrir. Devo estar parecendo uma louca, mas Zed retribui o sorriso, então acho que funcionou.

“Só pessoas bêbadas se beijando, como sempre.” Ele dá de ombros. O nó na minha garganta sobe, mas eu faço com que desça de novo com mais um gole de bebida. Dou uma risada forçada e continuo a beber enquanto voltamos para perto dos outros. Zed se senta no chão, na diagonal de Hardin e Molly, e eu me sento ao lado dele, mais perto do que deveria, mas a ideia é essa. Uma parte de mim achava que Hardin já teria tirado Molly do seu colo, mas ela continua ali. Então, eu me encosto mais um pouco no Zed.

Hardin estreita os olhos, mas eu o ignoro. Molly ainda está no colo dele, como a vaca que é, e Steph abre um sorriso solidário para mim, olhando em seguida na direção de Hardin. A vodca está começando a fazer efeito quando chega a vez de Nate.

“Verdade ou desafio?”, Steph pergunta.

“Verdade”, ele responde, e ela revira os olhos.

“Cagão.” Seu rico vocabulário sempre me surpreende. “Certo… é verdade que você mijou no guarda-roupa de Tristan no fim da semana passada?”, ela pergunta. Todos começam a rir, menos eu. Não faço ideia do que estão falando.

“Não! Já disse que não fui eu!”, ele resmunga, fazendo todo mundo rir mais

ainda. Zed olha para mim e pisca em meio à confusão.

Eu não tinha olhado direito antes, mas, nossa!, ele é lindo. Bem lindo.

“Tessa, você vai participar?”, Steph pergunta, e eu balanço a cabeça afirmativamente. Olho para Hardin, que está olhando para mim. Sorrio para ele, depois para Zed de novo. A cara feia de Hardin diminui um pouco a pressão em meu peito. Ele deve estar se sentindo tão mal quanto eu.

“Certo, verdade ou desafio?”, Molly pergunta.

É claro que tinha que ser ela a perguntar.

“Desafio”, digo, corajosa. Só Deus sabe o que vai me pedir para fazer.

“Desafio você a beijar Zed.” Ouço pessoas gritando e rindo.

“Já sabemos a opinião dela sobre beijar. Escolhe outra coisa”, Hardin diz entre os dentes.

“Na verdade, tudo bem.” Se ele quer brincar, vamos lá.

“Acho que você não…”, Hardin começa a dizer.

“Cala a boca, Hardin”, Steph diz e me lança um sorriso encorajador.

Não acredito que concordei em beijar Zed, apesar de ele ser uma das pessoas mais atraentes que já vi. Só beijei Noah e Hardin até hoje. Acho que Johnny, do ensino fundamental, não conta, até porque ele tinha gosto de cola.

“Tem certeza?”, Zed pergunta. Ele está tentando agir como se estivesse preocupado, mas vejo em seu rosto de traços perfeitos que está bem animado.

“Claro.” Tomo mais um gole e me controlo para não olhar para Hardin, para não mudar de ideia. Todo mundo está olhando para nós quando Zed lambe os lábios e se inclina para me beijar. Sua boca está fria por causa da bebida, e sinto a doçura do drinque em sua língua. Seus lábios são macios, mas pressionam fortemente os meus, e ele movimenta a língua em sincronia com a minha. Sinto um calor subindo em minha barriga, nem de perto tão quente quanto com Hardin, mas é tão bom que quando Zed põe as mãos na minha cintura, nós dois

ficamos de joelhos e…

“Certo… caramba. Ela disse um beijo, não pra trepar na frente de todo mundo”, Hardin diz, e Molly o manda calar a boca.

Olho para Hardin. Ele parece irritado, mais do que irritado. Mas foi ele quem causou isso.

Eu me afasto de Zed e sinto o rosto corar quando todos continuam olhando para nós. Steph faz sinal de positivo, mas olho para o chão. Zed

parece bem satisfeito. Eu me sinto envergonhada, mas animada com a reação de Hardin.

“Tessa, sua vez de perguntar a Tristan”, Zed diz. Tristan escolhe o desafio.

Nada criativa, peço para ele tomar uma dose.

“Zed, verdade ou desafio?”, Tristan pergunta enquanto serve a dose.

Bebo o resto do drinque e, quanto mais bebo, mais amorteço minhas emoções.

“Desafio”, Zed responde, e Steph sussurra algo no ouvido dele que faz com que sorria.

“Desafio você a ficar com Tessa lá em cima por dez minutos”, Tristan diz, e isso me assusta. É demais.

“Essa é boa!”, Molly diz, e ri às minhas custas.

Zed olha para mim como se perguntasse se concordo. Sem pensar, eu me levanto e pego a mão dele, que parece tão surpreso quanto todos os outros, mas se levanta também.

“Isso não é Verdade ou Desafio. É só… hum… um jogo idiota”, Hardin diz.

“E daí? Os dois são solteiros e é divertido, então por que você se importa?”, Molly pergunta a ele.

“Eu… não me importo. Só acho idiota”, Hardin responde e meu peito dói de novo. Ele não pretendia mesmo contar a nenhum dos amigos que somos…

somos… seja lá o que somos. Ele me usou todo esse tempo. Sou só mais uma garota para ele e fui idiota, mais do que isso, por pensar diferente.

“Ainda bem que não é mesmo da sua conta, Hardin”, eu rebato e puxo Zed pela mão.

Escuto algumas pessoas dizerem “Na cara!” ou “Caramba!”, e Hardin xinga todo mundo enquanto Zed e eu nos afastamos. Encontramos um quarto qualquer no andar de cima e Zed empurra a porta para abri-la e acende a luz.

Agora que estou longe de Hardin, começo a me sentir muito mais nervosa por estar sozinha com Zed. Por mais irritada que esteja, não quero dar uns amassos com ele. Bem, não diria que não quero, mas não devo. Não sou esse tipo de garota.

“Então, o que você quer fazer?”, pergunto.

Ele dá uma risadinha e me leva para a cama. Ai, Deus.

“Vamos só conversar, está bem?”, Zed diz, e eu concordo, olhando para o chão. “Não que eu não fosse adorar fazer muitas outras coisas, mas você está bêbada e não quero me aproveitar disso.”

Eu me assusto.

“Surpresa?” Ele sorri e eu dou risada.

“Um pouco”, admito.

“Por quê? Não sou um idiota como Hardin”, ele diz, e eu desvio o olhar.

“Sabe, pensei que estivesse rolando alguma coisa entre vocês dois.”

“Não… somos só… bem, éramos amigos, mas não somos mais.” Não quero admitir que fui uma burra por acreditar nas mentiras de Hardin.

“Você ainda está com aquele seu namorado?”, ele pergunta.

Aliviada por não estar falando sobre Hardin, eu relaxo e digo: “Não, terminamos”.

“Ah, que pena. Ele era um cara de sorte.” Zed diz isso com um sorriso meigo.

Ele é tão charmoso. Eu me pego olhando em seus olhos cor de caramelo.

Ele tem mais cílios do que eu.

“Obrigada.”

“Posso chamar você para sair um dia desses? Um encontro de verdade?

Tipo… não em um quarto de república”, ele diz e ri meio sem graça.

“Hum…” Não sei o que responder.

“O que acha de eu perguntar de novo amanhã, quando você estiver sóbria?” Ele é muito mais gentil do que pensei que seria. Normalmente, caras atraentes como ele são idiotas… como Hardin.

“Combinado.”

Ele segura minha mão de novo.

“Beleza! Vamos descer então.”

Quando descemos, Hardin e Molly ainda estão no sofá, mas agora ele está segurando uma bebida e Molly saiu do seu colo, mas se sentou no sofá e colocou as pernas em cima dele. Quando os olhos de Hardin param na minha mão, que segura a mão de Zed, eu solto, mas logo volto atrás. Hardin range os dentes e eu olho para os outros.

“Como foi?”, Molly ri.

“Divertido”, respondo. Zed permanece em silêncio. Vou agradecer a ele mais tarde por não ter me corrigido.

“É a vez de Molly”, Nate diz quando nos sentamos no chão.

“Verdade ou desafio?”, Hardin pergunta a ela.

“Desafio, claro.”

Hardin olha bem dentro dos meus olhos e diz: “Desafio você a me beijar”.

Meu coração para, literalmente. Não bate mais. Hardin é muito mais idiota do que pensei. Meus ouvidos estão zunindo e meu coração bate forte quando Molly faz uma cara de exibida para mim antes de se atracar com Hardin.

Toda a raiva que sinto dele é levada e substituída pela dor, uma dor forte, e sinto lágrimas quentes em meu rosto. Não posso mais ver. Não consigo.

Segundos depois, fico de pé e passo pela multidão embriagada. Ouço Zed e Steph me chamarem, mas a sala parece estar rodando. Quando fecho os olhos, só consigo ver Molly e Hardin. Empurrando as pessoas e sem olhar para trás, finalmente chego à porta e o ar fresco do lado de fora enche meus pulmões e me leva de volta à realidade.

Como ele pode ser tão cruel? Desço a escada correndo até a calçada. Preciso ir

embora. Gostaria de nunca tê-lo conhecido, gostaria de ter caído com uma colega de quarto diferente. Gostaria de nunca ter entrado na WCU.

“Tessa!” Escuto e me viro, convencida de que estou imaginando coisas, até ver Hardin correndo atrás de mim.



60

Nunca fui muito atlética, mas minha adrenalina está a mil e forço minhas pernas para ir mais depressa. Chego ao fim da rua, mas começo a cansar.

Aonde estou indo? Não me lembro do caminho que fiz para voltar ao dormitório da última vez, e fiz a burrice de deixar o telefone no quarto. Para mostrar que sou independente de Hardin. Do cara que está correndo atrás de mim e gritando.

“Tessa, para!”

E eu paro. Paro de repente. Por que estou fugindo? É ele que precisa explicar por que não para de jogar comigo.

“O que Zed disse a você?”

O quê? Quando me viro para olhar, ele está a poucos metros e parece assustado. Não esperava que eu fosse parar.

“O quê, Hardin? O que você quer comigo?”, grito. Meu coração está acelerado por causa da corrida e por Hardin tê-la interrompido.

“Eu…” Ele parece não saber o que dizer, pela primeira vez. “Zed disse alguma coisa a você?”

“Não… por que diria?” Dou mais um passo à frente para ficar cara a cara com ele, e a raiva vai diminuindo.

“Desculpa, tá?”, ele diz baixinho. Olha nos meus olhos e estende a mão para pegar a minha, mas eu me afasto. Ele ignora minha pergunta sobre Zed, mas estou irritada demais para me importar.

“Desculpa? Desculpa?”, repito, e minha voz sai como se eu estivesse rindo.

“Sim, desculpa.”

“Vá para o inferno, Hardin.” Começo a me afastar, mas ele agarra meu braço de novo. Minha raiva aumenta. Levanto a mão e dou um tapa nele, forte. Fico tão surpresa diante da minha violência quanto ele, e sinto vontade de pedir desculpas por tê-lo agredido, mas a dor que me causou é muito mais forte do que um tapa na cara.

Ele leva a mão ao rosto, esfregando a pele vermelha. Olha para mim, e seu olhar é uma mistura de raiva e confusão.

“Qual é o seu problema? Você beijou Zed!”, ele grita. Um carro passa e o motorista fica olhando, mas ignoro. Não me importo com o escândalo agora.

“Não acredito que você está tentando por a culpa em mim! Você mentiu e me fez de boba, Hardin! Quando pensei que podia confiar em você, você me

humilhou! Se queria ficar com Molly, por que não disse para eu te deixar em paz? Não, em vez disso, você veio com aquela palhaçada de dizer que queria mais e implorar para eu passar a noite com você, só para poder me usar! Para que você fez isso? O que conseguiu? Além de um boquete?”, grito.

Sinto-me estranha ao usar essa palavra.

“O quê? Você acha que é isso que estou fazendo? Acha que estou usando você?”, ele grita.

“Não, não é o que eu acho, Hardin… é o que eu sei. Mas adivinha só. Já chega. Cansei. Estou mais do que cansada. Vou mudar de quarto, se precisar, para não ter que ver você de novo!”, eu digo, e estou sendo sincera. Não preciso de ninguém para piorar minha vida.

“Você está exagerando”, ele diz normalmente, e preciso me controlar muito para não dar outro tapa na cara dele.

“Estou exagerando? Você não contou aos seus amigos sobre nós dois…

você não me contou sobre essa festa, e me deixou plantada no estacionamento como uma idiota enquanto ia embora com Molly, justo com ela! E aí apareço aqui e vejo a menina no seu colo, e você dá um beijo nela.

Bem na minha frente, Hardin. Eu diria que minha reação é bem justificada”, digo, com a voz muito mais baixa no fim, exausta. Seco as lágrimas do rosto e olho para o céu escuro.

“Você beijou Zed bem na minha frente! E não falei sobre a festa porque não tenho que falar! Você não teria ido, de qualquer maneira… Estaria ocupada demais estudando ou olhando pro teto!”, ele vocifera.

Com meus olhos marejados, simplesmente pergunto: “Então, por que perder seu tempo comigo? Por que me seguiu até aqui, Hardin?”. Ele não diz nada, e essa é sua resposta. “Foi o que pensei. Você pensou que viria até aqui, pediria desculpas e eu aceitaria e continuaria sendo um segredo, sua namoradinha chata e secreta. Mas você está enganado: confundiu minha educação com fraqueza e se enganou redondamente.”

“Namoradinha? Você pensou que a gente estava namorando?”, ele grita.

A dor em meu peito cresce e mal consigo ficar de pé. “Não… eu”, começo a dizer. Mas não sei como continuar.

“Você pensou, não pensou?”, ele diz, rindo.

“Quer saber? Pensei”, admito. Já fui humilhada, então não tenho nada a perder. “Você veio com aquela história de querer mais, e eu acreditei em você. Acreditei em toda a merda que falou, todas as coisas que disse nunca ter contado para ninguém, mas tenho certeza de que também era mentira.

Tenho certeza de que nada daquilo nem aconteceu.” Dou de ombros, desistindo. “Mas sabe de uma coisa? Nem estou brava com você. Estou brava comigo por ter acreditado. Sabia como você era antes mesmo de me apaixonar. Sabia que você me machucaria. O que você disse mesmo? Que me destruiria? Não, que acabaria comigo. Bem, parabéns, Hardin, você

conseguiu”, eu digo, chorando.

Vejo a dor nos olhos dele… bem, parece dor. Provavelmente está achando graça.

Não me importo mais em ganhar ou perder, nem em jogar esse joguinho cansativo. Eu me viro de costas para ele de novo e começo a caminhar em direção à casa, pensando em pegar o telefone de alguém para chamar Landon ou conseguir uma carona de volta até o dormitório.

“Aonde você vai?”, ele pergunta. Dói perceber que não tem nada a dizer, que não me deu explicação nenhuma. Só confirmou o que eu já sabia, que ele não tem coração.

Caminho mais depressa e o ignoro. Ele anda atrás de mim, chamando-me algumas vezes mais, mas eu me recuso a me deixar envolver por sua voz de novo.

Quando chego à entrada da casa, é claro que vejo os cabelos cor-de-rosa de Molly lá fora. “Aaahhh, olha só, ela está esperando por você. Vocês dois são realmente perfeitos um para o outro”, digo para Hardin, olhando para trás.

“Não é nada disso, e você sabe”, ele resmunga.

“Eu não sei de nada, isso ficou muito claro”, eu digo, e subo dois degraus por vez.

Zed aparece na porta, e eu corro até ele. “Posso usar seu telefone. Por favor?”, eu peço e ele concorda.

“Você está bem? Tentei te seguir, mas você já estava longe”, ele diz, e eu balanço a cabeça afirmativamente.

Hardin permanece na nossa frente por um segundo enquanto eu telefono para Landon e peço para ele me buscar. Zed e Hardin se entreolham por um instante quando me ouvem dizer o nome dele, e então Zed desvia o olhar e se volta para mim. “Ele está vindo?”, pergunta com a voz cheia de preocupação.

“Sim, ele vai chegar aqui em alguns minutos. Obrigada por me deixar usar seu telefone”, digo a ele, ignorando Hardin.

“Sem problema. Você quer que eu espere com você?”, Zed pergunta.

“Não, eu espero com ela”, Hardin diz, com a voz cheia de raiva.

“Adoraria se você esperasse comigo, Zed”, digo, e desço a escada com ele.

Hardin, como o idiota que é, fica atrás de nós, sem jeito. Steph, Tristan e Molly também descem.

“Você está bem?”, Steph pergunta.

“Sim”, digo, assentindo. “Mas vou embora. Não deveria ter vindo.”

Quando Steph me abraça, Molly diz baixinho: “Falou e disse”.

Levanto a cabeça ao ouvir a voz dela. Detesto brigas, mas detesto Molly ainda mais. “Você tem razão! Eu não deveria estar aqui. Não sou tão boa quanto você em ficar bêbada e me jogar em cima de todos os caras da festa.”

“Como é?”, ela diz.

“Você me ouviu.”

“Qual é o seu problema? Está brava porque beijei Hardin? Adivinha só, querida, eu beijo Hardin o tempo todo”, ela se gaba.

Sinto o sangue sumir do rosto. Olho para Hardin, que não diz nada. Então ele estava com Molly todo esse tempo? Isso não me surpreende tanto quanto deveria. Nem tenho o que dizer a ela. Tento pensar numa resposta, mas não

consigo. Tenho certeza de que, assim que for embora, pensarei em dez respostas, mas no momento, não tenho nada.

“Vamos entrar…”, Tristan sugere, e segura Molly e Steph pelo braço. Tento sorrir em agradecimento.

“Você também, Hardin, sai de perto de mim”, eu digo, olhando para a rua.

“Eu não beijei Molly… ultimamente, quero dizer. Foi só hoje, juro”, ele diz.

Por que está dizendo isso na frente deles?

Molly se vira.

“Não estou nem aí para quem você beija. Agora sai de perto de mim”, repito.

Sinto um grande alívio quando vejo o carro de Landon se aproximar.

“Obrigada de novo”, digo a Zed.

“Sem problemas, não se esquece do que conversamos”, ele diz esperançoso, fazendo-me lembrar de nosso possível encontro.

“Tessa…”, Hardin diz quando me aproximo do carro. Eu o ignoro e ele chama mais alto. “Tessa!”

“Eu já disse tudo o que tinha a dizer a você, Hardin. Não quero mais ouvir sua voz e suas mentiras… Agora me deixa em paz, porra!”, eu grito, virando para ele. Sei que todo mundo está olhando para nós, mas já cansei.

“Tessa… eu…”

“Você o quê, Hardin? Você o quê?”, grito ainda mais alto.

“Eu… eu te amo!”, ele berra.

E o ar escapa dos meus pulmões.

E Molly parece engasgar.

E Steph parece ter visto um fantasma.

E, por alguns segundos, todo mundo fica ali, parado, como se algo estranho tivesse passado por nós e nos congelado. Quando finalmente consigo falar, digo baixinho: “Você é doente, Hardin. Você é bem doente”.

Apesar de saber que isso faz parte do jogo dele, ainda assim ouvir tais palavras desperta algo dentro de mim. Seguro a maçaneta da porta do carro de Landon, mas sou puxada por Hardin.

“É verdade, eu te amo. Sei que você não vai acreditar em mim, mas eu te amo.” Seus olhos estão marejados. A boca está contraída, e ele cobre o rosto com as mãos. Dá um passo para trás, outro para a frente, e, quando tira a mão, seus olhos verdes parecem sinceros, em pânico.

Hardin… é melhor ator do que eu pensava. Não acredito que está fazendo

isso na frente de todo mundo.

Eu o empurro para trás e abro a porta do carro, trancando antes que ele consiga se equilibrar de novo. Enquanto Landon se afasta, Hardin bate as mãos contra a janela, e eu coloco as mãos no rosto para que ele não me veja chorar.



61

Quando finalmente paro de soluçar, Landon pergunta baixinho: “Ouvi Hardin dizer que te ama?”.

“Sim… não sei… Ele só estava tentando fazer uma cena ou coisa assim”, digo, e quase começo a chorar de novo.

“Você acha… Não se irrite comigo… Mas você acha que ele estava sendo sincero?”

“O quê? Claro que não. Nem tenho certeza de que ele gosta de mim. Sei lá, quando estamos sozinhos, ele é muito diferente, e acho que talvez se importe comigo. Mas sei que não me ama. Hardin não é capaz de amar ninguém além de si mesmo”, explico.

“Estou do seu lado, Tessa, juro que estou”, Landon diz. “Mas o olhar dele

quando nos afastamos… Ele parecia arrasado. Ninguém fica arrasado sem estar apaixonado.”

Não pode ser verdade. Senti meu coração se despedaçar quando ele beijou Molly, mas não amo Hardin.

“Você ama Hardin?”, Landon pergunta.

“Não, não amo… Ele é… bem, ele é um idiota. Eu o conheço a menos de dois meses, e metade desse tempo… na verdade, todo esse tempo, passamos brigando. Não se pode amar alguém em apenas dois meses.” Minha voz é estridente e as palavras saem depressa. “Além disso, ele é um idiota.”

“Você já disse isso”, Landon comenta, e eu percebo que ele quer sorrir, mas tenta se controlar.

Não gosto da pressão que sinto no peito enquanto falamos do fato de amar ou não Hardin. Sinto náuseas e o carro parece abafado. Desço um pouco o vidro e recosto a cabeça nele, sentindo o ar que entra passar por mim.

“Você quer ir para a minha casa ou para a sua?”, ele pergunta.

Quero ir para o meu quarto, deitar encolhida na cama, mas receio que Steph ou Hardin apareçam. As chances de Hardin ir à casa do pai são tão pequenas que me parece a melhor opção.

“Para a sua, mas podemos passar no meu quarto para pegar umas roupas?

Desculpe por pedir tudo isso.”

“Tessa, é um trajeto curto e você é minha amiga. Para de agradecer e de se desculpar”, ele diz com firmeza, mas seu sorriso meigo me faz rir.

Landon é a melhor pessoa que conheci aqui e é muita sorte tê-lo por

perto.

“Bom, vou agradecer mais uma vez por ser um ótimo amigo”, digo, e ele franze o cenho de modo brincalhão.

“De nada. Agora, vamos mudar de assunto.”

Entro no quarto e pego roupas e livros. Parece que não fico mais ali. Vai ser a primeira noite em muitas que durmo sem Hardin. Eu estava começando a me acostumar, como fui idiota. Pego o telefone de dentro da gaveta e volto para o carro de Landon.

Quando chegamos à casa dele, já passa das onze. Estou exausta, e feliz por Ken e Karen estarem dormindo quando chegamos. Landon coloca uma pizza no forno para nós e como mais um dos cupcakes que fizemos. Aquele momento na cozinha com Karen parece ter acontecido semanas atrás, não horas. Tive um dia bem longo, e começou muito bem com minha manhã com Hardin e a entrevista de estágio, mas então ele arruinou tudo, como sempre faz. Depois que comemos a pizza, Landon e eu voltamos para o andar de cima e ele me leva para o quarto de hóspedes onde fiquei da última vez.

Bem, não fiquei ali, exatamente, já que fui acordada por Hardin gritando. O

tempo não tem feito sentido desde que nos conhecemos. Tudo aconteceu muito depressa, e fico tonta de pensar nos bons momentos que tivemos e em como foram entremeados por muitas discussões. Agradeço a Landon de novo e ele revira os olhos antes de ir para o quarto. Ligo o telefone e encontro muitas mensagens de texto de Hardin, Steph e da minha mãe.

Apago todas sem ler, menos as da minha mãe. Já sei o que está escrito nelas e chega dessa história por hoje. Desabilito as notificações de mensagens, visto o pijama e vou para a cama.

É uma da manhã e tenho que me levantar daqui a quatro horas. Amanhã vai ser um longo dia. Se eu não tivesse perdido as aulas da manhã de hoje, ficaria em casa, ou melhor, aqui. Ou iria para o dormitório. Por que convenci Hardin a voltar para a aula de literatura britânica? Depois de virar para um lado e para o outro na cama, olho para o relógio para ver que horas são: quase três. Apesar de hoje ter sido um dos melhores e depois um dos piores dias da minha vida, estou exausta demais para conseguir dormir.

Quando dou por mim, estou na porta do quarto de Hardin. E entro. Sem ninguém por perto para me julgar, abro a segunda gaveta e pego uma camiseta branca. Percebo que nunca foi usada, mas não me importo. Tiro minha camiseta e visto a branca. Deito na cama e afundo a cabeça no travesseiro. Sinto o cheiro do

perfume almiscarado dele e finalmente adormeço.



62

Quando acordo, preciso de um momento para me lembrar de que não estou na cama com Hardin. O sol brilha pacificamente pela janela e, quando olho para a frente, vejo alguém e me sento rapidamente, tentando me orientar. Quando meus olhos se ajustam, tenho certeza de que estou enlouquecendo.

“Hardin?”, digo baixinho e passo a mão nos olhos.

“Oi”, ele diz, sentado numa poltrona, com os cotovelos apoiados nos joelhos.

“O que você está fazendo aqui?”, pergunto. Meu coração já está doendo.

“Tessa, precisamos conversar”, ele diz, com olheiras profundas.

“Você estava me vendo dormir?”, pergunto.

“Não, claro que não, faz só alguns minutos que entrei aqui”, ele diz. Penso que pode ter tido pesadelos dormindo sem mim. Se não tivesse visto com meus próprios olhos, diria que também fazem parte dos seus joguinhos, mas eu me lembro de ter segurado seu rosto suado e de ter visto o medo em seus olhos verdes.

Permaneço em silêncio. Não quero brigar com ele. Só quero que vá embora. Detesto o fato de não querer realmente que vá embora, mas sei que tem que ir.

“Precisamos conversar”, ele repete. Balanço a cabeça negativamente e Hardin passa as mãos pelos cabelos, respirando fundo.

“Tenho que ir para a aula”, digo a ele.

“Landon já saiu. Eu desliguei seu alarme. Já são onze horas.”

“Você o quê?”

“Você ficou acordada até tarde e pensei que…”, ele começa.

“Como você ousa? Vai embora.” A dor que ele me causou ontem ainda está fresca, e acaba diminuindo a raiva que sinto por ter perdido as aulas da manhã, mas não posso demonstrar fraqueza, caso contrário, ele vai se aproveitar disso. Sempre se aproveita.

“Você está no meu quarto”, ele diz.

Saio da cama, e não me importo com o fato de estar usando só uma camiseta dele. “Você tem razão. Eu saio”, digo. O nó na minha garganta aumenta e as lágrimas ameaçam rolar.

“Não, o que quero dizer é… você está no meu quarto. Por quê?” Sua voz é

séria.

“Não sei… Eu só… não consegui dormir…”, admito. Preciso parar de falar.

“Não é bem seu quarto, de qualquer jeito. Dormi aqui tantas vezes quanto você. Na verdade, até mais agora”, eu digo.

“Sua camiseta estava apertada?”, ele pergunta, com os olhos focados na camiseta branca. Claro que está tirando sarro de mim.

“Vai em frente, continua me provocando”, digo, e as lágrimas tomam meus olhos. Hardin me encara, mas desvio o olhar.

“Eu não estava provocando você.” Ele se levanta da poltrona e dá um passo na minha direção. Eu me afasto e levanto as mãos para bloqueá-lo, e Hardin para. “Só me ouça, está bem?”

“O que mais você pode ter a dizer, Hardin? Sempre fazemos isso. Brigamos pelo mesmo motivo sem parar, e piora toda vez. Não aguento mais. Não aguento.”

“Eu pedi desculpas pelo beijo”, ele diz.

“Isso não tem nada a ver. Bom, tem um pouco, mas tem muito mais coisa.

O fato de você não entender isso prova que estamos perdendo nosso tempo.

Você nunca vai ser quem eu preciso que seja, e não sou quem você quer que eu

seja.” Seco os olhos quando ele olha pela janela.

“Mas você é quem eu quero que seja”, Hardin diz.

Gostaria de poder acreditar nele, gostaria que não fosse tão ruim com sentimentos.

“Você não é.” É tudo o que consigo dizer. Não quero chorar na frente dele, mas não consigo me controlar. Já chorei tantas vezes desde que o conheci, e se der para trás as coisas sempre vão ser assim.

“Não sou o quê?”

“Quem eu quero que seja. Você não faz nada além de me machucar.” Passo por ele e atravesso o corredor até o quarto de hóspedes. Visto a calça de qualquer jeito e pego minhas coisas. Hardin observa todos os meus movimentos.

“Você não ouviu o que eu disse ontem?”, ele diz finalmente.

Queria que não tocasse nesse assunto.

“Responde”, ele diz.

“Sim… eu ouvi”, digo, evitando olhar em sua direção.

Sua voz se torna hostil. “E não tem nada a dizer sobre isso?”

“Não”, minto. Ele para na minha frente. “Sai”, peço.

Hardin está perigosamente perto de mim, e sei o que ele vai fazer quando se movimenta para me beijar. Tento me afastar, mas suas mãos fortes me puxam para mais perto, seguram-me no lugar. Seus lábios tocam os meus, e sua língua tenta entrar na minha boca, mas eu não deixo.

Ele joga a cabeça para trás levemente. “Me dá um beijo, Tess”, ele pede.

“Não.” Empurro seu peito.

“Diz que você não sente a mesma coisa e eu deixo você ir.” Seu rosto está a centímetros do meu, sinto seu hálito quente em meu rosto.

“Eu não sinto.” Dói dizer isso, mas ele precisa sair da minha frente.

“Você sente, sim”, ele diz em um tom desesperado. “Sei que sente.”

“Não sinto, Hardin, nem você. Não pode achar que acreditei no que disse.”

Ele me solta. “Você não acredita que eu te amo?”

“Claro que não, você acha que sou tão idiota assim?”

Ele olha para mim por um segundo, então abre a boca e a fecha de novo.

“Você tem razão”, ele diz.

“O quê?”

Ele dá de ombros. “Você tem razão, não amo. Eu não te amo. Só estava aumentando o drama.” Ele ri um pouquinho. Eu sabia que não estava sendo sincero, mas isso não faz com que doa menos. Uma parte de mim, maior do que quero aceitar, esperava que me amasse de verdade.

Hardin se encosta na parede quando saio do quarto, com a bolsa na mão.

Quando chego à escada, Karen sorri para mim. “Tessa, querida, não sabia que estava aqui!” Seu sorriso desaparece quando ela percebe que estou alterada. “Você está bem? Aconteceu alguma coisa?”

“Não, estou bem. Fiquei trancada para fora do meu quarto ontem à noite, e eu…”

“Karen”, Hardin diz atrás de mim.

“Hardin!” Um sorriso aparece brevemente em seu rosto. “Vocês querem comer alguma coisa, tomar café da manhã? Bom, almoçar, já é meio-dia.”

“Não, obrigada, eu estava voltando para casa”, digo e desço.

“Posso comer”, Hardin diz atrás de mim. Ela parece surpresa ao olhar para mim e então para ele. “Certo, ótimo! Estarei na cozinha!”

Ela desaparece, e eu caminho para a porta.

“Aonde você vai?” Hardin segura meu punho. Eu tento me livrar, e ele logo me solta.

“Para o dormitório, como acabei de dizer.”

“Você vai andando?”

“Qual é o seu problema? Você age como se nada estivesse acontecendo, como se não tivéssemos acabado de brigar, como se você não tivesse feito nada. Você é muito maluco, Hardin… Maluco de manicômio, que toma remédios, que fica em celas protegidas. Você diz coisas horrorosas para mim e depois quer me dar uma carona?” Não consigo acompanhá-lo.

“Eu não disse nada horrível, na verdade. Só disse que não te amo, e você disse que já sabia. E eu não estava oferecendo uma carona. Só perguntei se você ia voltar andando.”

Sua expressão contida me deixa confusa. Por que viria aqui para me encontrar se não se importasse comigo? Não tem nada melhor para fazer do que me torturar?

“O que eu fiz?”, pergunto por fim. Estou esperando para perguntar isso há um tempo, mas sempre tive medo da resposta.

“O quê?”

“O que eu fiz para você me odiar?”, pergunto, tentando manter a voz baixa para que Karen não me ouça. “Você pode ter praticamente qualquer garota que quiser, mas continua perdendo seu tempo, e o meu, com novas maneiras de me ferir. Pra quê? Você me odeia tanto assim?”

“Não, não é isso. Não odeio você, Tessa. Você é só um alvo fácil… Eu gosto da caça, entende?”, ele diz, gabando-se. Antes que possa dizer mais alguma coisa, Karen o chama e pergunta se ele quer picles no sanduíche.

Hardin caminha até a cozinha e responde. Vou embora.

A caminho do ponto de ônibus, percebo que já perdi tantas aulas ultimamente que tanto faz se perder o resto do dia para comprar um carro.

Felizmente, o ônibus passa minutos depois e encontro um assento bem no fundo.

Quando me sento, penso no que Landon disse a respeito de relacionamentos. Se você não ama a pessoa, ela não pode te causar dor.

Hardin sempre me decepciona, mesmo quando penso que não tem como me decepcionar mais.

E eu amo ele. Amo Hardin.



63

O vendedor é meio assustador e cheira a cigarro, mas não posso continuar enrolando. Depois de uma hora de negociação, faço para ele um cheque com a entrada e ele me dá as chaves de um Corolla 2010 bem razoável. A tinta branca está riscada em alguns pontos, mas consegui convencê-lo a baixar o preço o suficiente para deixar passar. Telefono para minha mãe antes de sair do estacionamento para contar, e é claro que ela diz que eu deveria ter comprado um carro maior e relaciona uma lista de motivos. Acabo fingindo que tive um problema com o celular e desligo.

É incrível dirigir meu próprio carro. Não tenho mais que depender do transporte público e agora posso ir ao estágio com ele. Espero que ter cortado relações com Hardin não prejudique o estágio. Acho que não, mas e se ele ficar entediado de só me fazer chorar e se dedicar a destruir essa oportunidade? Talvez eu devesse conversar com Ken e dizer que Hardin e eu não estamos mais… namorando? Ele pensa que estamos, então terei que inventar algo além de “Seu filho é a pessoa mais cruel do mundo e ele me faz mal, por isso não posso mais ficar perto dele”.

Ligo o rádio e aumento o volume mais do que o normal, mas isso acaba funcionando. Consigo parar de pensar tanto e me concentro na letra das músicas. Ignoro o fato de que todas me fazem lembrar de Hardin.

Antes de voltar ao campus, decido sair para comprar umas roupas. Está esfriando, então preciso de umas calças, e estou cansando de vestir as saias compridas o tempo todo. Acabo comprando roupas novas para usar na editora, saias lisas e cardigãs, e duas calças jeans. São mais justas do que as que costumo usar, mas ficam bonitas em mim.

Steph não está no quarto quando volto, o que é bom. Acho que preciso pensar em mudar. Gosto dela, mas não podemos continuar morando juntas se Hardin vai estar sempre por perto. Dependendo de quanto ganhar no estágio, posso alugar um apartamento e morar fora do campus. Minha mãe ficaria maluca, mas não é uma decisão dela.

Dobro minhas roupas novas e guardo antes de pegar minha nécessaire e ir para o banheiro. Quando volto, Steph e Zed estão sentados na cama dela, olhando para o computador.

Ótimo.

Ela parece com sono. “Oi, Tessa. Hardin encontrou você ontem à noite?”

Balanço a cabeça afirmativamente e ela pergunta: “Vocês se entenderam?”.

“Não. Bom, sim, acho. Cansei dele”, digo. Steph arregala os olhos. Ela deve ter pensado que ele enfiaria as garras em mim de novo.

“Bem, por um lado, fico contente”, Zed sorri, e Steph dá um tapa em seu braço. O telefone de Steph toca e ela olha para a tela.

“Tristan chegou, temos que ir. Quer ir junto?”, ela pergunta.

“Não, obrigada, vou ficar aqui… mas comprei um carro hoje!”, digo, e ela comemora.

“Puxa! Que incrível!”, Steph diz. Balanço a cabeça, concordando. “Quero ver quando eu voltar”, ela diz, e eles caminham em direção à porta. Steph sai, mas Zed permanece ali.

“Tessa?” Sua voz é muito suave. Olho para ele, que sorri. “Você pensou no nosso encontro?”, ele pergunta, olhando em meus olhos.

“Eu…” Estou prestes a dizer não, mas por quê? Ele é muito atraente e parece legal. Não tirou proveito de mim quando poderia ter feito isso com facilidade. Sei que vai ser uma companhia melhor do que Hardin. Qualquer pessoa seria, para ser sincera. “Claro”, sorrio.

“Claro, tipo, você aceita o convite?” O sorriso dele aumenta.

“Sim, por que não?”, respondo.

“Hoje à noite então?”

“Sim, pode ser hoje à noite.” Não acho que seja um dia bom, já que tenho que estudar para compensar o que perdi, mas ainda estou adiantada, apesar de ter faltado a algumas aulas esta semana.

“Excelente. Chego às sete, combinado?”

“Está bem.”

Ele morde o lábio inferior com os dentes perfeitos. “Até mais tarde”, Zed diz. Sinto que estou corada, e aceno enquanto ele sai do quarto.

São quatro da tarde agora, então tenho três horas. Faço uma escova e enrolo a ponta dos cabelos, e para minha surpresa ficam muito bons. Passo uma maquiagem leve e visto uma das minhas roupas novas, uma calça jeans escura, uma blusa branca e um cardigã comprido marrom. Fico nervosa quando me olho no espelho. Será que deveria trocar de roupa? Troco por uma blusa azul e uma saia de botões. Não acredito que tenho um encontro com Zed. Só tive um único namorado a vida toda, e agora tenho um encontro depois de toda a confusão com Hardin. Talvez os caras tatuados e com piercing sejam meu novo tipo.

Pego um exemplar antigo de Orgulho e preconceito e começo a ler para passar o tempo. Mas minha mente vagueia e não paro de pensar em Noah.

Devo ligar para ele? Pego o telefone e procuro na agenda até chegar ao nome dele. Olho para a tela. Minha culpa e meu bom senso brigam até que jogo o telefone de novo na cama.

Poucos minutos depois, ouço uma batida na porta. Sei que deve ser Zed, porque Hardin não bateria. Entraria de modo bem grosseiro e espalharia todas as minhas coisas.

Quando abro a porta, fico boquiaberta. Zed está vestindo uma calça jeans preta justa, tênis branco e uma camiseta com uma jaqueta jeans por cima.

Ele está maravilhoso.

“Você está linda, Tessa”, ele diz, e então me entrega uma flor.

Uma flor? Fico surpresa e lisonjeada com sua delicadeza.

“Obrigada.” Sorrio e cheiro o lírio branco.

“Está pronta?”, ele pergunta educadamente.

“Sim, aonde você vai me levar?”, pergunto enquanto saímos.

“Pensei em irmos jantar e assistir a um filme, algo casual, sem pressão.”

Ele sorri.

Levo a mão à porta do carro do passageiro, mas ele me impede. “Permita-me”, Zed diz de modo bem-humorado.

“Ah, obrigada.”

Ainda estou nervosa, mas Zed é tão legal que é fácil relaxar. Quando entramos no carro, ele desliga o rádio e diz amenidades, pergunta sobre minha família e meus planos para depois da faculdade. Zed me conta que está estudando engenharia ambiental, o que me surpreende e me interessa.

Chegamos a um restaurante estilo café e nos sentamos do lado de fora.

Depois de fazer os pedidos, continuamos conversando até a comida chegar.

Zed come tudo e começa a roubar batatas fritas do meu prato.

Levanto o garfo de modo ameaçador. “Se você pegar mais uma, vou ter que te matar”, brinco.

Ele lança um olhar fingindo inocência e ri. Dou risada por muito tempo, e é ótimo.

“Você tem um sorriso lindo”, ele diz, e eu reviro os olhos.

Acabamos indo ver uma comédia ruim. Mas tudo bem, porque nos divertimos sozinhos com piadinhas ao longo do filme, e mais para o fim ele segura a minha mão. Não é desconfortável, como pensei que seria, mas não é a mesma sensação

de quando Hardin me toca. Nesse momento, percebo que passei horas sem pensar nele, o que é ótimo, pois andava consumindo meus pensamentos todos os dias, o dia todo.

Quando Zed me leva de volta ao campus, já são quase onze. Fico contente por ser quarta-feira. Faltam só mais dois dias para o fim de semana, quando vou poder colocar o sono em dia.

Ele sai do carro e se aproxima de mim enquanto ajeito a bolsa. “Eu me diverti muito. Obrigado por ter aceitado sair comigo”, ele diz.

“Eu também me diverti”, eu digo, e sorrio.

“Eu estava pensando… lembra quando me perguntou se eu ia à fogueira?”

Confirmo com a cabeça, e ele pergunta: “Você se importa se eu for?”.

“Não, seria legal. Mas vou com Landon e a namorada dele.” Não me lembro de Zed tirando sarro dele, mas só quero deixar claro que não aprovo as piadas.

“Tudo bem, Landon parece legal”, ele diz. Sorrio.

“Bem, então está combinado. Encontro você aqui?”, sugiro. De jeito nenhum vou levá-lo para jantar na casa de Landon.

“Combinado. Obrigada de novo por hoje.” Zed dá um passo à frente.

Ele vai me beijar? Começo a entrar em pânico. Mas, em vez disso, ele pega minha mão e a leva à boca. Dá um beijo nela, e sinto os lábios macios contra minha pele quente, num gesto muito fofo.

“Boa noite, Tessa”, ele diz, e entra no carro.

Solto um suspiro forte, aliviada por Zed não ter tentado me beijar. Ele é bonito, e o beijo no Verdade ou Desafio foi ótimo, mas o momento não parece adequado.

Na manhã seguinte, Landon está esperando no café e conto a ele sobre Zed.

Irritantemente, a primeira coisa que ele diz é: “Hardin sabe disso?”.

“Não, e não precisa saber. Não é da conta dele.” Percebo que meu tom foi um

pouco grosseiro, então acrescento: “Desculpa, mas é um assunto difícil”.

“Claro. Só toma cuidado”, ele avisa, meigo, e eu prometo que tomarei.

O resto do dia passa voando, e Landon não fala de novo sobre Hardin e Zed. Finalmente, chega a hora da aula de literatura britânica, e eu fico tensa ao entrar na sala com Landon. Hardin está sentado no lugar de sempre. Meu peito dói ao vê-lo. Ele olha para mim, mas volta a olhar para a frente.

“Saiu com Zed ontem?”, ele pergunta quando me sento. Eu estava rezando para ele não falar comigo.

“Não é da sua conta”, respondo baixinho.

Hardin se vira na cadeira e aproxima o rosto do meu. “A fofoca corre no grupo, Tessa. Lembre-se disso.”

Ele está tentando me ameaçar insinuando que vai contar aos amigos dele todas as coisas que fizemos? Sinto o peito queimar.

Desvio o olhar e me concentro no professor, que pigarreia e diz: “Certo, pessoal, vamos começar de onde paramos ontem, na discussão do livro O

morro dos ventos uivantes”.

Eu me assusto. A discussão sobre O morro dos ventos uivantes só deveria começar na próxima semana. É isso que dá faltar às aulas. Sinto os olhos de Hardin em mim. Talvez, como eu, ele esteja pensando na primeira vez em que estive em seu quarto, quando ele me flagrou lendo seu exemplar do romance.

O professor anda à nossa frente, com as mãos nas costas. “Então, como sabemos, Catherine e Heathcliff tinham uma relação muito intensa, e a

paixão era tão forte que arruinava a vida de todos os outros personagens.

Algumas pessoas dizem que eles eram péssimos um com o outro, outras afirmam que deveriam ter se casado em vez de negar seu amor.” Ele para, olhando para todos nós. “Então, o que acham?”

Normalmente, eu levantaria a mão de imediato, orgulhosa em exibir meu grande

conhecimento de romances clássicos, mas essa pergunta me parece muito pessoal.

Alguém no fundo da sala responde: “Acho que eles eram péssimos um com o outro. Brigavam o tempo todo, e Catherine se recusava a admitir seu amor por Heathcliff. Casou com Edgar apesar de saber que sempre tinha amado Heathcliff. Se eles tivessem ficado juntos, todo mundo teria sofrido bem menos”.

Hardin olha para mim, e sinto meu rosto esquentar. “Acho que Catherine era uma vaca fresca e egoísta”, ele diz. Muitas pessoas se assustam e o professor arregala os olhos, mas Hardin continua. “Desculpe, mas ela se achava boa demais para Heathcliff, e talvez fosse, mas sabia que Edgar não chegava aos pés dele e, mesmo assim, se casou. Catherine e Heathcliff eram muito parecidos, por isso não se davam bem, mas se Catherine não fosse tão teimosa eles poderiam ter tido uma vida longa e feliz juntos.”

Eu me sinto uma tola quando começo a comparar Hardin e eu com os personagens do romance. A diferença é que Heathcliff amava Catherine do fundo do coração, tanto que a viu se casar com outro homem e só muito tempo depois se casou com outra pessoa. Hardin não me ama dessa maneira, ou de maneira nenhuma, por isso ele não tem o direito de se comparar a Heathcliff.

A sala toda parece estar olhando para mim, esperando minha resposta.

Eles provavelmente esperam uma discussão como a da última vez, mas eu me calo. Sei que Hardin está tentando me provocar, e não vou morder a isca.



64

Depois da aula, eu me despeço de Landon e procuro o professor para explicar minhas faltas. Ele me parabeniza pelo estágio e explica que mudou um pouco o calendário. Continuo conversando até Hardin sair da sala.

Volto para o quarto e deixo todas as minhas anotações e meus livros sobre a cama. Tento estudar, mas me sinto um pouco intranquila esperando Steph, Hardin ou uma das muitas outras pessoas que sempre entram e saem do meu quarto aparecer. Coloco meu material de estudo na bolsa e caminho até o carro.

Vou encontrar um lugar para estudar fora do campus, talvez uma cafeteria.

Dirigindo em direção ao centro, vejo uma pequena biblioteca na esquina de uma rua movimentada. Há poucos carros no estacionamento, então entro.

Caminho até os fundos da biblioteca e me sento ao lado da janela, pegando todos os meus livros e anotações para poder começar. Pela primeira vez, posso estudar em paz, sem distrações. Este será meu novo santuário, o lugar perfeito para os estudos.

“Senhorita, vamos fechar em cinco minutos”, uma bibliotecária idosa se aproxima para informar.

Fechar? Olhando pela janela, vejo que está escuro lá fora. Nem notei que o sol estava se pondo. Estava tão envolvida com os livros que as horas passaram e nem me dei conta. Preciso vir aqui mais vezes.

“Ah, certo, obrigada”, respondo, e guardo minhas coisas. Confiro o telefone e vejo uma nova mensagem de texto de Zed.

Só queria dar boa-noite. Estou ansioso para sexta.

Ele é muito bacana, então respondo. Ah, obrigada. Também estou ansiosa.

Quando chego ao quarto, vejo que Steph ainda não chegou, então visto meu pijama e pego O morro dos ventos uivantes. Adormeço depressa, sonhando com Heathcliff.

A quinta-feira passa tranquilamente, e Hardin e eu ignoramos um ao outro na aula. Passo a tarde na biblioteca até ela fechar, e vou para a cama cedo.

Quando acordo na sexta-feira, vejo uma mensagem de texto de Landon me dizendo que não vai para a faculdade porque Dakota vai chegar mais cedo do

que pensou. Por um momento, penso em faltar à aula de literatura britânica, mas mudo de ideia. Não posso permitir que Hardin destrua tudo de que gosto.

Demoro um pouco mais para me arrumar, prendendo a franja para trás antes de enrolar os cabelos. Parece que não vai fazer muito frio, então uso um colete de lã e uma calça jeans. Encontro Logan na minha frente na fila do café antes da aula.

Não consigo passar despercebida. Ele se vira.

“Oi, Tessa.”

“Oi, Logan. Como você está?”, pergunto por educação.

“Bem. Você vai hoje à noite?”

“À fogueira?”

“Não, à festa. A fogueira vai ser chata, como sempre.”

“Bom, eu vou à fogueira.” Dou risada, e ele também.

“Bom, se ficar entediada, pode ir nos encontrar”, ele diz, pegando o café.

Agradeço quando ele se afasta, aliviada por ver que o grupo de Hardin parece não estar interessado na fogueira, o que quer dizer que não vou precisar lidar com eles hoje.

Quando chega a hora da aula de literatura britânica, vou direto para minha cadeira sem olhar na direção de Hardin. A discussão sobre O morro dos ventos uivantes continua, mas ele permanece em silêncio. Assim que somos dispensados, pego as minhas coisas e praticamente saio correndo.

“Tessa!” Escuto ele me chamar, mas caminho mais depressa ainda. Sem Landon comigo, eu me sinto mais vulnerável. Quando chego à calçada, sinto alguém tocar meu braço. Sei que é Hardin pelo modo como minha pele formiga.

“O que foi?!”, grito.

Ele dá um passo para trás e me estende um caderno. “Você derrubou isto.”

Alívio e decepção duelam dentro de mim. Gostaria que a dor no meu peito passasse. Mas, em vez de diminuir, ela parece aumentar a cada momento de cada dia. Eu não deveria ter admitido para mim mesma que o amo. Se continuasse ignorando o fato, talvez doesse menos.

“Ah, obrigada”, eu digo, e pego o caderno da mão dele. Hardin olha em meus olhos e ficamos nos encarando até que, segundos depois, eu me lembro de que

estamos numa calçada movimentada e olho para todas as pessoas que passam ao nosso lado. Hardin balança a cabeça para afastar os cabelos e passa a mão neles. Então se vira e se afasta.

Sigo em direção ao meu carro e dirijo até a casa de Landon. Marquei de ir às cinco. São três ainda, mas não vou conseguir ficar sozinha no meu quarto.

Enlouqueci desde que Hardin entrou na minha vida.

Quando chego, Karen abre a porta com um sorrisão e me convida a entrar.

“Estou sozinha aqui por enquanto. Dakota e Landon foram ao mercado

comprar algumas coisas para mim”, ela diz enquanto me leva até a cozinha.

“Tudo bem, desculpa por ter vindo tão cedo.”

“Ah, não se desculpe. Você pode me ajudar a cozinhar!” Ela me entrega a tábua e algumas cebolas e batatas para fatiar, e falamos sobre o clima e sobre o inverno que se aproxima.

“Tessa, você ainda quer me ajudar com a estufa? Ela tem controle de temperatura, por isso não precisamos nos preocupar com o inverno.”

“Sim, claro! Eu adoraria!”

“Ótimo, pode ser amanhã? Vou estar um pouco ocupada no próximo fim de semana”, ela diz, brincando.

O casamento dela. Quase esqueci. Tento retribuir o sorriso. “Verdade, só um pouquinho.” Gostaria de ter conseguido convencer Hardin a ir, mas foi impossível naquele dia e é ainda mais impossível agora.

Karen coloca o frango no forno e pega pratos e talheres para arrumar a mesa. “Hardin vem jantar hoje?”, ela pergunta quando começamos a dispor os talheres. Está claro que tenta parecer indiferente, mas vejo que pergunta com certo nervosismo.

“Não, ele não vem”, digo a ela e olho para baixo.

Karen para o que está fazendo. “Não quero ser intrometida, mas vocês estão bem?”

“Não tem problema.” Acho melhor contar a ela. “Acho que não estamos bem.”

“Ah, querida, sinto muito em ouvir isso. Vocês dois tinham alguma coisa, parecia. Mas sei que é muito difícil estar com alguém que tem medo de mostrar seus sentimentos.”

Essa conversa faz com que eu me sinta meio esquisita. Não posso conversar sobre coisas assim nem mesmo com minha mãe, mas algo na receptividade de Karen faz com que eu consiga com ela. “Como assim?”

“Bem, não conheço Hardin tão bem quanto gostaria, mas sei que ele é muito retraído emocionalmente. Ken passava noites em claro preocupado com ele. Sempre foi infeliz.” Seus olhos ficam marejados. “Ele não dizia nem mesmo à mãe que a amava.”

“O quê?”, pergunto de novo.

“Ele simplesmente não dizia. Não sei por quê. Ken não consegue se lembrar de nenhuma vez em que Hardin tenha dito isso para ele. É muito triste, não só para o Ken, mas para Hardin também.” Ela seca os olhos.

Para alguém que se recusa a dizer “eu te amo”, até mesmo aos próprios pais, com certeza ele foi bem rápido usando as palavras contra mim daquele modo odioso.

“Ele é… muito difícil de entender.” É só o que consigo dizer.

“Sim, sim, ele é. Mas, Tessa, espero que continue vindo mesmo que não se entendam.”

“Claro”, digo a ela.

Talvez por perceber que estou chateada, Karen começa a falar da estufa enquanto esperamos a comida ficar pronta, e então levamos tudo para a mesa. No meio de uma frase, Karen para e abre um largo sorriso. Eu me viro e vejo Landon entrando na cozinha seguido por uma garota linda de cabelos encaracolados. Eu sabia que Dakota era bonita, mas ela é ainda mais do que eu tinha imaginado.

“Oi. Você deve ser Tessa”, ela diz quando Landon abre a boca para nos apresentar. Dakota se aproxima no mesmo momento e me abraça, e gosto dela na mesma hora.

“Ouvi muitas coisas a seu respeito… É muito bom finalmente conhecer você!”, eu digo, e ela sorri. Landon a observa passar por mim e abraçar Karen, e então se sentar ao balcão.

“Passamos pelo Ken na volta. Ele estava no posto de gasolina, então deve chegar a qualquer momento”, Landon diz à mãe.

“Ótimo, Tessa e eu já arrumamos a mesa.”

Landon se aproxima de Dakota, passa os braços pela cintura dela e a leva até a mesa. Eu me sento na frente deles e olho para o lugar vazio ao meu lado, que Karen havia deixado por “questões de simetria”, mas fico um pouco triste. Em outra realidade, Hardin sentaria ali e seguraria minha mão como Landon segura a de Dakota, e eu poderia me recostar nele sem medo de ser rejeitada. Estou começando a me arrepender por não ter convidado Zed, ainda que a situação fosse ser bizarra. Mas jantar sozinha com dois casais profundamente apaixonados talvez seja pior ainda.

Ken entra e me tira dos meus pensamentos. Ele se aproxima de Karen e beija seu rosto antes de se sentar.

“O jantar parece ótimo, querida”, ele diz, e coloca um guardanapo no colo de um modo brincalhão. “Dakota, você fica mais bonita cada vez que a vejo.”

Ele sorri para ela, e então se vira para mim. “E, Tessa, parabéns por ter conseguido o estágio na Vance. Christian telefonou e me contou. Você causou uma ótima impressão nele.”

“Obrigada de novo pela ajuda. É uma oportunidade maravilhosa.” Eu sorrio e todos ficamos em silêncio por um momento enquanto provamos o frango de Karen, que está delicioso.

“Desculpa, estou atrasado”, escuto alguém dizer atrás de mim e solto o garfo no prato.

“Hardin! Não sabia que você vinha!”, Karen diz, toda simpática, e então olha

para mim. Desvio o olhar. Minha pulsação já acelerou.

“Sim, lembra que conversamos sobre isso semana passada, Tessa?” Ele dá um sorriso ameaçador e se senta ao meu lado.

Qual é o problema dele? Por que não consegue me deixar em paz? Sei que, em parte, é minha culpa por permitir que me afete, mas Hardin gosta de brincar

de gato e rato. Todos olham para mim, então confirmo, balançando a cabeça, e pego meu garfo. Dakota parece confusa e Landon, preocupado.

“Você deve ser Delilah”, Hardin diz a ela.

“Dakota”, ela o corrige com doçura.

“É, Dakota. Mesma coisa”, ele diz, e eu o chuto por baixo da mesa.

Landon olha para Hardin fixamente, mas ele não parece notar. Karen e Ken começam a conversar entre eles, assim como Dakota e Landon.

Permaneço concentrada na minha comida e penso numa saída estratégica.

“Então, como está sua noite até agora?”, Hardin pergunta num tom casual.

Ele sabe que não vou fazer um escândalo, por isso está aproveitando para me irritar.

“Boa”, respondo baixinho.

“Não vai perguntar como está a minha?” Ele ri.

“Não”, murmuro, e continuo comendo.

“Tessa, o carro lá fora é seu?”, Ken pergunta. Eu confirmo.

“Ah, sim, finalmente comprei um carro!”, digo, com um pouco mais de animação, na esperança de que todo mundo se envolva no assunto e eu não tenha que ficar conversando só com Hardin.

Ele ergue uma sobrancelha para mim. “Quando?”

“Esses dias”, respondo. Sabe, no dia em que me disse que gosta da caça.

“Ah. Onde você comprou?”

“Numa loja de usados”, respondo, e observo Dakota e Karen tentarem esconder um sorriso. Percebendo uma oportunidade de tirar a atenção de mim, digo: “Dakota, Landon me contou que você está pensando em ir para Nova York estudar balé!”. Ela nos conta sobre seus planos de se mudar e Landon parece verdadeiramente feliz por ela, apesar da distância.

Quando ela termina, Landon olha para o telefone e diz: “Bem, precisamos ir. A fogueira não espera ninguém”.

“Mesmo?”, Karen diz. “Pelo menos levem a sobremesa!”

Landon concorda e a ajuda a arrumar a sobremesa em um pote.

“Você vai comigo?”, Hardin pergunta. Olho ao redor como se estivesse confusa, sem saber com quem ele está falando. “Estou falando com você”, ele confirma.

“O quê? Não, você não vai”, digo a ele.

“Vou, sim. E você não pode me impedir de ir, então pode muito bem ir comigo.” Ele sorri e tenta colocar a mão na minha coxa.

“Qual é o seu problema?”, pergunto em voz baixa.

“Podemos conversar lá fora?”, Hardin pergunta e olha na direção do pai.

“Não”, respondo. Sempre que Hardin e eu “conversamos”, acabo chorando.

Mas ele fica de pé depressa e segura minha mão, puxando-me. “Vamos lá fora”, diz, e me leva pela sala de estar até a porta da frente.

Lá fora, eu puxo meu braço e aviso: “Não encosta em mim!”.

Ele dá de ombros. “Desculpe, mas você não queria vir comigo.”

“Não queria mesmo.”

“Sinto muito. Por tudo, tá?” Ele segura a argola do lábio entre os dentes e eu

evito olhar para sua boca. Fixo o olhar nos olhos dele, que observam meu rosto.

“Você sente muito? É mentira, Hardin, você só quer me perturbar. Pare.

Estou cansada, esgotada de brigar com você o tempo todo. Não dá mais. Não tem mais ninguém para você incomodar? Que droga, posso até ajudar a encontrar alguém para você torturar, desde que não seja eu.”

“Não é isso o que estou fazendo. Sei que estou sempre mudando de ideia com você, e não sei por que faço isso. Mas se me der uma chance, só mais uma, vou parar. Tentei ficar longe de você, mas não consigo. Preciso de você…” Ele olha para baixo, raspando a ponta das botas uma na outra.

O atrevimento dele me ajuda a controlar as lágrimas dessa vez. Hardin já viu o suficiente de lágrimas minhas. “Pare! Pare agora. Você não se cansa disso? Se precisasse de mim, não me trataria como trata. Você mesmo disse que é da caça que gosta, lembra? Não pode aparecer aqui depois de tudo o que aconteceu e agir como se não fosse nada.”

“Não quis dizer isso. Você sabe que não.”

“Então admite que só queria me machucar?” Olho para ele, tentando me proteger.

“Sim…” Hardin olha para baixo.

Estou confusa. Ele diz que quer mais, então beija Molly, aí diz que me ama e retira o que disse, e agora está se desculpando de novo? “Por que devo perdoar você se admite que fez algo só para me machucar?”

“Mais uma chance? Por favor, Tess. Vou contar tudo”, ele implora. Quase acredito na dor em seus olhos quando ele olha para mim.

“Não posso. Preciso ir.”

“Por que não posso ir com você?”, ele pergunta.

“Porque… porque vou encontrar Zed.”

Vejo sua expressão mudar e ele murchar à minha frente. Preciso de todo o meu

autocontrole para não consolá-lo. Mas Hardin fez isso consigo mesmo.

Ainda que se importe, é tarde demais.

“Zed? Vocês estão… namorando?” Seu tom é de raiva.

“Não, ainda nem falamos sobre isso. Somos apenas… não sei, estamos saindo, acho.”

“Vocês não falaram a respeito ainda? Então, se ele pedir, você vai aceitar?”

“Não sei…” E sinceramente não sei. “Ele é gentil e educado, e me trata bem.” Por que estou me explicando para esse cara?

“Tessa, você nem conhece Zed, você não sabe…”

A porta da frente se abre e um Landon exuberante pergunta: “Pronta?”.

Ele olha para Hardin, que pela primeira vez parece desprotegido e até…

magoado.

Eu me forço a andar na direção do carro e sigo Landon quando ele sai.

Não consigo evitar e olho para Hardin, que ainda está na varanda, olhando para mim enquanto saio.



65

Paro na vaga ao lado de Landon e envio uma mensagem de texto para Zed avisando que cheguei. Ele responde na hora pedindo que eu o encontre no lado esquerdo do campo.

Digo isso a Landon quando ele e Dakota se aproximam.

“Tudo bem”, Landon diz, mas não parece muito animado.

“Quem é Zed?”, Dakota pergunta.

“Ele é meu… amigo.” Ele é só meu amigo.

“Hardin é seu namorado?”, ela pergunta.

Olho para ela. Não parece estar insinuando nada, só está confusa. Bem-vinda ao clube.

“Não, amor”, Landon ri. “Nenhum dos dois é namorado dela.”

Também dou risada. “Não é tão ruim quanto parece.”

Assim que nos aproximamos, a banda da escola começa a tocar e o campo vai enchendo. Fico aliviada quando vejo Zed recostado na cerca. Aponto para ele e nos aproximamos.

“Ah”, Dakota diz quando chegamos perto. Não sei se ela se surpreendeu com as tatuagens e piercings ou com sua aparência. Talvez as duas coisas.

“Oi”, Zed diz sorrindo, e me abraça. Sorrio e o abraço.

“Oi, sou Zed. É um prazer conhecer vocês dois.” Ele assente na direção de Landon e de Dakota. Sei que já viu Landon, então talvez só esteja tentando ser educado.

“Você está aqui há muito tempo?”, pergunto.

“Uns dez minutos. Tem muito mais gente do que eu esperava.”

Landon segue na frente. Nós o seguimos até uma área menos cheia perto da fogueira que foi montada e nos sentamos na grama. Dakota se senta entre as pernas dele e se recosta em seu peito. O sol está se pondo e o vento sopra mais forte. Eu deveria estar usando uma blusa de manga comprida.

“Você já veio a um evento assim?”, pergunto a Zed, que nega com a cabeça.

“Não, não é bem minha praia”, ele diz rindo. “Mas estou feliz por estar aqui hoje.”

Sorrio com o comentário e, no mesmo momento, alguém sobe ao palco e nos recebe em nome da escola e da banda. Depois de alguns minutos falando sem

parar, finalmente começam a contagem regressiva para que a fogueira

seja acesa, e três, dois, um… o fogo pega e toma o monte de madeira. É bem bacana ver as chamas de perto, e imagino que logo, logo estarei bem aquecida.

“Quanto tempo você vai ficar aqui?”, Zed pergunta a Dakota.

Ela franze o cenho. “Só o fim de semana. Queria poder vir para o casamento na semana que vem.”

“Que casamento?”, Zed pergunta.

Olho para Landon, que responde: “Da minha mãe”.

“Ah…” Ele para e olha para baixo, como se estivesse pensando em alguma coisa.

“O que foi?”, pergunto.

“Nada. Só estou tentando lembrar quem disse algo sobre um casamento no próximo fim de semana… Ah, sim, foi Hardin. Ele me perguntou o que devia vestir para ir a um casamento.”

Meu coração para de bater. Espero que não fique claro em meu rosto.

Então, definitivamente, Hardin não contou a nenhum de seus amigos que seu pai é o reitor, ou que vai se casar com a mãe de Landon.

“Coincidência, né?”, ele diz.

“Não, eles são…”, Dakota começa.

Eu a interrompo: “É mesmo, mas em uma cidade deste tamanho provavelmente tem um monte de casamentos todo fim de semana”.

Zed balança a cabeça concordando e Landon sussurra algo no ouvido de Dakota.

Hardin está pensando em ir mesmo?

Zed ri. “Não consigo imaginar Hardin em um casamento.”

“Por que não?” Meu tom de voz é um pouco mais pesado do que eu gostaria.

“Não sei, porque é Hardin. Acho que ele só iria a um casamento se pensasse que pudesse transar com as madrinhas. Todas elas”, Zed diz, revirando os olhos.

“Pensei que vocês fossem amigos”, digo.

“Somos. Não estou criticando… mas é assim que ele é. Transa com uma garota diferente por semana, às vezes mais do que uma.”

Meus ouvidos zunem e o fogo esquenta minha pele. Eu me levanto quase sem perceber.

“Aonde você vai? O que foi?”, Zed pergunta.

“Nada. É que… preciso de um pouco de ar fresco”, digo. Sei que isso é bem idiota, mas não me importo. “Já volto, só preciso de um segundo.” Saio depressa antes que um deles me siga.

Qual é o meu problema? Zed é bonzinho e gosta de mim, curte minha companhia, mas é só alguém dizer uma coisinha que seja sobre Hardin para eu não conseguir parar de pensar nele. Caminho rapidamente entre as

barracas e respiro fundo algumas vezes antes de voltar para perto deles.

“Desculpa, o fogo estava… quente demais”, eu minto, e me sento de novo.

Zed está segurando o telefone e vira a tela para que eu não a veja ao guardá-lo no bolso. Ele diz que não tem problema e conversamos com Landon e Dakota por uma hora.

“Estou ficando meio cansada, acordei muito cedo hoje”, Dakota diz a Landon, que assente.

“Sim, estou cansado também. Vamos embora.” Landon se levanta e ajuda Dakota a se levantar.

“Você também quer ir?”, Zed me pergunta.

“Não, estou bem. A menos que você queira.”

Ele balança a cabeça negativamente. “Estou tranquilo.” Nós nos despedimos de Dakota e Landon e os observamos enquanto se afastam.

“Então, qual é o motivo da fogueira?”, eu pergunto a Zed, sem ter certeza se ele sabe.

“Acho que é para comemorar o fim da temporada de futebol americano”, ele diz. “Ou a metade, ou algo assim.” Olho ao redor e percebo, pela primeira vez, que muitas pessoas estão usando camisetas de times.

“Ah.” Olho para Zed. “Entendi agora”, digo, e dou risada.

“Pois é”, ele diz, e estreita os olhos. “Aquele ali é o Hardin?”

Viro a cabeça na direção em que ele está olhando. Hardin está vindo com uma morena baixa vestindo saia.

Eu me aproximo de Zed. É exatamente por isso que não dei atenção a Hardin na varanda. Ele já encontrou uma garota para trazer aqui só para me irritar.

“Oi, Zed”, a garota diz com a voz estridente.

“Oi, Emma.” Zed passa o braço pelos meus ombros. Hardin olha fixamente para ele, mas senta conosco.

Sei que estou sendo mal-educada por não me apresentar à garota, mas já não gosto dela.

“Como está a fogueira até agora?”, Hardin pergunta.

“Quente, e quase no fim, acho”, Zed responde.

Há uma tensão entre os dois. Consigo sentir. Não sei o motivo. Hardin deixou claro para seus amigos que não está nem aí para mim.

“Vendem comida aqui?”, a garota diz com sua voz irritante.

“Sim, tem uma área de alimentação”, digo a ela.

“Hardin, vamos comigo comprar alguma coisa”, ela pede. Ele revira os olhos, mas se levanta.

“Pode me trazer um pretzel?”, Zed grita, sorrindo, e Hardin range os dentes.

O que está acontecendo com eles?

Assim que Hardin e Emma saem, eu me viro para Zed. “Ei, vamos

embora? Não quero ficar perto do Hardin. A gente meio que se odeia, se você esqueceu.” Tento rir, mas não consigo.

“Sim, claro, claro”, ele diz. Nós nos levantamos e ele pega minha mão.

Caminhamos de mãos dadas e fico olhando ao redor torcendo para que Hardin não nos veja.

“Quer ir à festa?”, Zed pergunta quando chegamos ao estacionamento.

“Não, não quero ir para lá.” É o último lugar para onde quero ir.

“Certo, então podemos nos encontrar outro…”, ele começa.

“Não, ainda quero ficar com você. Só não quero ficar aqui nem naquela república”, digo depressa.

Ele parece surpreso e olha em meus olhos. “Certo… bom, podemos ir para a minha casa. Se quiser. Se não quiser, podemos ir a outro lugar. Não sei onde mais tem para ir nesta cidade.” Ele ri e eu também.

“Vamos para a sua casa. Sigo você até lá”, digo a ele.

Durante o trajeto, fico pensando na cara de Hardin quando voltar e não nos encontrar. Ele trouxe uma garota com ele, por isso não tem direito de ficar triste, mas, mesmo assim, continuo sentindo um aperto no peito.

O apartamento de Zed fica perto do campus, e é pequeno, mas limpo. Ele me oferece uma bebida, mas eu recuso, já que planejo voltar dirigindo para o dormitório hoje.

Eu me sento no sofá, e ele me dá o controle remoto e volta para a cozinha para preparar uma bebida. “Pode escolher o canal. Não sei o que você gosta de assistir.”

“Você mora sozinho?”, pergunto. Ele confirma. Eu me sinto um pouco estranha quando Zed se senta ao meu lado e passa o braço pela minha cintura, mas escondo o nervosismo com um sorriso. O telefone de Zed toca no bolso e ele se levanta para atender. Ergue um dedo para dizer que já volta e parte em direção à pequena cozinha.

“Fomos embora”, ouço Zed dizer. “Beleza.” O resto da conversa que escuto não faz sentido para mim… Só a parte do “fomos embora”.

Será que ele está falando com Hardin? Eu me levanto e estou caminhando em direção à cozinha quando ele desliga.

“Quem era?”, pergunto.

“Ninguém importante”, Zed diz e me leva de volta ao sofá. “Estou feliz por estarmos nos conhecendo. Você é diferente das outras garotas daqui”, ele diz, todo gentil.

“Eu também. Você conhece Emma?” Não consigo não perguntar.

“Sim, a namorada dela é prima do Nate.”

“Namorada?”

“Sim, elas estão juntas faz tempo. Emma é bem legal.”

Então, Hardin não estava ali com ela, não no sentido que pensei, pelo menos. Talvez tenha ido à fogueira para tentar conversar comigo de novo, e

não para me magoar com outra garota.

Olho para Zed quando ele se inclina para me beijar. Seus lábios estão frios por causa da bebida e têm gosto de vodca. Ele passa as mãos delicadamente pelos meus braços, e então pela cintura. A cara de triste de Hardin surge em minha mente, e me lembro de como implorou por mais uma chance e não acreditei nele, do modo como me observou partir, dos ataques em sala de aula a respeito de Catherine e Heathcliff, do fato de sempre aparecer quando não quero, de não dizer à mãe que a ama, e de como disse que me amava na frente de todo mundo. Penso em como voltou atrás, em como quebra as coisas quando está nervoso, no fato de ter ido à casa do pai hoje apesar de detestar ficar ali, e no fato de ter

perguntado a Zed o que vestir num casamento. Tudo faz perfeito sentido, e sentido nenhum ao mesmo tempo.

Hardin me ama. De sua maneira problemática, ele me ama. Percebo isso de repente.

“O quê?”, Zed diz, e interrompe nosso beijo.

“O quê?”, repito as palavras dele.

“Você acabou de dizer ‘Hardin’.”

“Não disse, não”, eu me defendo.

“Disse, sim.” Ele se levanta e se afasta do sofá.

“Preciso ir… desculpa”, digo, pego minha bolsa e saio correndo pela porta antes que Zed possa dizer alguma coisa.



66

Paro um segundo para pensar no que estou fazendo. Deixei Zed para encontrar Hardin, mas preciso pensar no que vai acontecer depois. Ele vai me dizer coisas horrorosas, vai me xingar, vai me fazer ir embora, ou vai admitir que tem sentimentos por mim e que todos esses joguinhos vêm do fato de não conseguir lidar com o que sente e se expressar normalmente. Se for o primeiro caso, o mais provável, não vou ficar pior do que estou agora.

Mas, se for o segundo, estou pronta para perdoá-lo por todas as coisas terríveis que disse e fez para mim? Se nós dois admitirmos como nos sentimos, tudo vai mudar? Ele vai mudar? É capaz de se importar comigo como preciso e, se for, consigo lidar com todas as alterações de humor dele?

O problema é que não consigo responder nenhuma dessas perguntas sozinha. Odeio o modo como Hardin permeia meus pensamentos e faz com que eu me sinta insegura em relação a mim mesma. Detesto não saber o que ele vai fazer ou dizer.

Paro na maldita república na qual passei tempo demais. Detesto essa casa.

Odeio um monte de coisas no momento, e minha raiva de Hardin está em ponto de ebulição. Estaciono e subo a escada correndo, entrando na casa lotada. Sigo diretamente para o sofá velho onde Hardin costuma ficar, mas não o vejo e me escondo atrás de um cara grandalhão antes que Steph ou outra pessoa me veja.

Subo correndo para o quarto dele. Bato na porta, irritada por encontrá-la trancada mais uma vez.

“Hardin, sou eu, abre a porta!”, grito desesperadamente e continuo a bater, mas ninguém responde. Onde ele está? Não quero telefonar para descobrir, mesmo que seja a opção mais fácil. Estou furiosa e sinto que preciso continuar assim para poder dizer ao vivo o que quero — o que preciso dizer

—, e não me sentir mal com isso.

Telefono para Landon para saber se Hardin está na casa do pai, e descubro que não. O único outro lugar onde penso em procurar é na fogueira, mas duvido que esteja lá. Só que não tenho outra opção no momento.

Então, volto ao estádio e estaciono, repetindo as palavras furiosas em que pensei para não me esquecer de nenhuma caso ele esteja aqui. Eu me aproximo do campo e vejo que quase todo mundo já foi e que o fogo está quase extinto. Caminho por ali e observo os casais à luz cada vez mais fraca,

para ver se encontro Hardin e Emma, sem sucesso.

Quando desisto, vejo Hardin recostado numa cerca perto do gol. Ele está sozinho, e não parece perceber que estou andando na direção dele quando se senta na grama, passando a mão nos lábios. Quando tira a mão, vejo que está vermelha. Ele está sangrando?

De repente, Hardin levanta a cabeça como se percebesse minha presença.

Sim, o canto da boca dele está sangrando e um hematoma começa a se formar no rosto.

“O que aconteceu?”, pergunto e me ajoelho na frente dele.

Ele olha para mim e o assombro em seus olhos faz minha raiva derreter como açúcar na língua.

“Por que se importa? Onde está seu namorado?”, Hardin grita.

Ignoro o comentário e tiro a mão dele de cima da boca, para ver o lábio ferido. Ele se afasta de mim, mas eu me controlo. “Quero saber o que aconteceu”, exijo.

Hardin suspira e passa a mão pelos cabelos. Os nós de seus dedos estão machucados e sangrando. Há um corte no dedo indicador que parece profundo e deve estar doendo.

“Você se meteu numa briga?”

“Que perspicaz”, ele rebate.

“Com quem? Você está bem?”

“Estou, agora me deixa em paz.”

“Vim aqui para encontrar você”, digo e me levanto, tirando a grama seca da calça jeans.

“Certo. E me encontrou. Agora pode ir.”

“Você não tem que ser tão idiota”, digo. “Tem que ir para casa e se limpar.

Talvez precise de pontos nesse dedo.”

Hardin não responde, mas se levanta e se afasta. Vim aqui para gritar com ele por ser tão idiota e dizer como me sinto, mas ele está dificultando as coisas… Eu sabia que faria isso.

“Aonde você vai?”, pergunto, indo atrás dele como um cachorrinho perdido.

“Para casa. Bom, vou telefonar para Emma e ver se ela pode vir me pegar.”

“Ela deixou você aqui?” Não gosto nem um pouco dessa menina.

“Não. Bem, teoricamente, mas eu disse para ela ir embora.”

“Eu levo você”, digo, segurando a jaqueta dele. Hardin se afasta de mim e sinto vontade de dar um tapa nele. Minha raiva está voltando e estou mais irritada do que antes. A situação se inverteu. Nossa dinâmica, ou seja lá o que for, mudou. Normalmente, eu fujo dele.

“Para de fugir de mim!”, eu grito. Ele se vira, com os olhos arregalados. “Eu disse que vou levar você!”

Hardin quase sorri, mas franze o cenho e suspira. “Beleza. Onde está seu

carro?”

O cheiro dele invade o carro imediatamente, mas agora há um toque metálico misturado. Ainda assim é meu cheiro preferido no mundo todo.

Ligo o aquecedor e esfrego os braços para me esquentar.

“Por que você veio?”, ele pergunta, quando saio com o carro.

“Para encontrar você.” Eu tento me lembrar de tudo que planejei dizer, mas minha mente está vazia e só consigo pensar em beijar sua boca machucada.

“Para quê?”, ele pergunta baixinho.

“Para conversar. Temos muito o que falar.” Sinto vontade de chorar e de rir ao mesmo tempo, e não tenho ideia do motivo.

“Pensei que tivesse dito que não tínhamos nada para falar”, ele diz e se vira para olhar pela janela com uma tranquilidade que considero mais do que irritante.

“Você me ama?” As palavras saem apressadas e abafadas. Não era o que eu estava planejando dizer.

Hardin inclina a cabeça para olhar para mim. “Como é?” Seu tom é de choque.

“Você me ama?”, repito, temendo que meu coração saia do peito.

Ele olha para a frente. “É sério que você está me perguntando isso enquanto dirige?”

“O que importa onde ou quando? É só me responder”, eu praticamente imploro.

“Eu… não sei… Não, não amo.” Ele olha ao redor, quase como se quisesse fugir. “E você não pode simplesmente perguntar a uma pessoa se ela te ama quando está presa num carro ao seu lado. Qual é o seu problema?”, ele fala mais alto.

Ai. “Tá.” É só o que consigo dizer.

“Por que você quer saber?”

“Não importa.” Estou confusa agora, muito confusa, e meu plano de falar sobre nossos problemas se desfez na minha frente, assim como o pouco de dignidade que eu ainda tinha.

“Diga por que me perguntou isso. Agora”, ele exige.

“Você não manda em mim!”, rebato.

Paro na frente da república e Hardin olha para o jardim cheio. “Me leva para a casa do meu pai.”

“O quê? Não sou motorista de táxi.”

“Me leva lá, pego meu carro de manhã.”

Se o carro dele está aqui, por que não vai dirigindo? Mas ainda não quero que a conversa termine, por isso reviro os olhos e parto em direção à casa do pai dele.

“Pensei que você detestasse aquela casa”, digo.

“Detesto. Mas não estou a fim de ver um monte de gente no momento”, ele diz baixinho. E então, mais alto, continua: “Você vai me contar por que perguntou? Tem alguma coisa a ver com Zed? Ele disse alguma coisa?”.

Hardin parece bem nervoso. Por que sempre pergunta se Zed disse alguma coisa?

“Não… não tem nada a ver com Zed. Eu só queria saber.” Não tem mesmo a ver com Zed. Tem a ver com o fato de eu o amar, e ter pensado por um segundo que ele também me ama. Quanto mais tempo passo perto de Hardin, mais ridícula essa possibilidade parece.

“Aonde você e Zed foram quando saíram da fogueira?”, ele pergunta quando estaciono na frente da casa do pai dele.

“Para o apartamento dele”, digo.

O corpo de Hardin fica tenso e ele cerra os punhos ensanguentados, rasgando ainda mais a pele dos nós dos dedos. “Você dormiu com ele?”, Hardin pergunta, e fico boquiaberta.

“O quê? Por que você acha isso? Achei que me conhecesse! E quem você pensa que é para me fazer essa pergunta tão pessoal? Deixou claro que não gosta de mim. E daí se eu dormisse?”, grito.

“Então não dormiu?”, ele pergunta de novo, sem piscar.

“Meu Deus, Hardin! Não! Ele me beijou, mas eu não faria sexo com alguém que mal conheço!”

Ele se inclina para a frente e desliga o carro, segurando a chave com a mão ensanguentada e tirando-a da ignição.

“Você retribuiu o beijo?” Seus olhos estão semicerrados, e ele parece olhar através de mim.

“Sim… bem, não sei. Acho que sim.” Não me lembro de nada, só do rosto de Hardin na minha mente.

“Como assim você não sabe? Andou bebendo?” A voz dele está mais alta agora.

“Não, eu…”

“Você o quê?” Ele grita e vira o corpo para olhar para mim. Não consigo entender a energia entre nós. Por um momento, fico pensando nisso.

“Eu… fiquei pensando em você”, admito, finalmente.

Sua expressão tensa se alivia e Hardin olha nos meus olhos. “Vamos entrar”, ele diz e abre a porta do passageiro. “Vem.” Saio do carro e o sigo pela calçada.



67

Karen e Ken estão sentados no sofá da sala e olham para nós quando entramos.

“Hardin! O que aconteceu?”, seu pai pergunta, em pânico. Ele se levanta e se aproxima, mas Hardin o afasta.

“Estou bem”, ele resmunga.

“O que aconteceu?”, Ken pergunta para mim.

“Ele brigou com alguém, mas ainda não me disse com quem nem por quê.”

“Eu estou bem aqui… e já disse que estou bem, porra”, Hardin diz com raiva.

“Não fale assim com seu pai!”, eu o repreendo. Ele arregala os olhos, mas, em vez de gritar comigo, segura meu punho com a mão machucada e me puxa dali. Ken e Karen ficam falando sobre o estado de Hardin enquanto ele me leva para cima, e escuto o pai dele tentando entender por que o filho agora ficava tanto lá, se nunca tinha sido assim.

Quando chegamos ao quarto, Hardin me vira, prendendo meus pulsos contra a parede e se aproxima, deixando poucos centímetros entre nós.

“Nunca mais faça aquilo”, ele diz, rangendo os dentes.

“O quê? Me solta agora mesmo”, digo.

Ele revira os olhos, mas me solta, então caminha até a cama. Permaneço perto da porta.

“Não me diz como falar com meu pai. Você tem que se preocupar com seu pai antes de tentar se meter com o meu.”

Assim que diz isso, Hardin se arrepende e se retrata. “Desculpe. Não quis dizer isso… simplesmente saiu.” Ele dá um passo à frente com os braços abertos, mas dou um passo para trás.

“É… sempre ‘sai’.” Não consigo controlar as lágrimas que tomam meus olhos. Colocar meu pai na história é demais, até mesmo para Hardin.

“Tess, eu…”, ele começa, mas se interrompe quando levanto uma mão.

O que estou fazendo aqui? Por que continuo achando que essa série infinita de insultos vai parar por tempo suficiente para a gente conversar direito?

Porque sou uma imbecil, por isso.

“Estou bem, de verdade. É assim que você é, é isso o que faz. Você encontra a fraqueza das pessoas e explora isso. Usa para seu benefício. Há

quanto tempo está esperando uma oportunidade para dizer algo sobre meu pai? Provavelmente desde que me conheceu!”, eu grito.

“Droga! Não é isso! Eu não pensei antes de falar! E não se faça de vítima…

você me provoca de propósito!”, ele grita mais alto do que eu.

“Eu provoco você? Eu provoco você? Dê um exemplo!” Sei que todo mundo da casa está ouvindo. Mas, pela primeira vez, não me importo.

“Você me tira do sério! Briga comigo o tempo todo! Sai com Zed… porra!

Acha que eu gosto de ser assim? Acha que eu gosto de saber que você tem esse poder sobre mim? Odeio como você mexe comigo. Odeio não conseguir parar de pensar em você! Odeio você… de verdade! Você se acha…” Hardin para e olha para mim. Eu me forço a olhar para ele, mantendo a fachada, sem revelar que cada sílaba acabou comigo.

“É disso que estou falando!” Ele passa as mãos pelos cabelos enquanto anda de um lado para o outro do quarto. “Você me deixa louco, literalmente maluco! E aí tem coragem de perguntar se eu te amo? Por que perguntaria uma coisa dessas? Porque eu disse daquela vez, sem querer? Já falei que não era sério, então por que perguntou de novo? Você gosta de levar fora? É por isso que continua me procurando?”

Tudo o que quero fazer é sumir, fugir desse quarto e nunca, nunca mais voltar. Preciso correr. Preciso ir embora.

Tento me controlar, mas minha raiva é grande demais, e grito a única coisa que sei que vai abalá-lo, que vai tirar seu autocontrole. “Não, eu continuo

procurando você porque eu te amo!”

Cubro a boca com a mão no mesmo instante, queria poder retirar o que disse. Hardin não tem como me machucar mais do que já machucou, e não quero passar os próximos anos pensando no que ele teria feito se eu dissesse isso. Aceito que não me ame. Eu me enfiei nisso sabendo como ele era, desde o começo.

Hardin parece abalado. “Você o quê?” Ele pisca rapidamente, como se tentasse processar as palavras.

“Vai em frente, diz que me odeia de novo. Pode explicar como sou idiota por amar alguém que não me suporta”, digo. Minha voz sai estranha, parecendo mais um gemido. Seco os olhos e o encaro de novo, com a sensação de que fui derrotada e preciso sair de cena para me recuperar. “É

melhor eu ir.”

Quando começo a me virar, Hardin dá um passo grande para diminuir a distância entre nós. Ele apoia a mão em meu ombro, mas eu me recuso a olhar. “Droga, espera”, ele diz com a voz cheia de emoção.

A pergunta é: que emoção?

“Você me ama?”, Hardin sussurra, colocando a mão machucada no meu queixo para levantar meu rosto e me fazer olhar para ele. Desvio o olhar e confirmo com a cabeça, lentamente, esperando que ria da minha cara.

“Por quê?” Seu hálito está quente em meu rosto.

Finalmente olho para ele, que parece… assustado? “O quê?”, digo baixinho.

“Por que você me ama? Como pode?” Sua voz falha e ele olha para mim.

Tenho a sensação de que as palavras que direi agora vão determinar meu destino mais do que qualquer coisa que já tenha feito.

“Como você pode não saber que eu te amo?”, pergunto em vez de responder.

Ele acha que não é digno do meu amor? Não tenho explicação para isso, só sei

que amo. Hardin me deixa maluca, mais brava do que nunca, mas eu me apaixonei por ele, completamente.

“Você disse que não me amava. E saiu com Zed. Você sempre me deixa.

Você foi embora mais cedo quando implorei por outra chance. Eu disse que te amo, e você nem quis saber. Sabe como foi duro para mim?”

Devo estar imaginando as lágrimas que vejo no canto de seus olhos, mas estou mais atenta aos dedos calejados dele em meu queixo.

“Você retirou o que disse antes que eu pudesse absorver tudo. Fez um monte de coisa para me machucar”, eu digo, e ele balança a cabeça afirmativamente.

“Eu sei… sinto muito. Posso compensar tudo isso? Sei que não mereço você. Não tenho nem o direito de pedir isso… mas, por favor, só uma chance. Não estou prometendo não brigar com você, nem não me irritar com você, mas estou prometendo me doar a você, completamente. Por favor, quero tentar ser o que você precisa.” Ele parece tão vulnerável que derreto.

“Quero acreditar que vai dar certo, mas não sei como daria. Muita coisa aconteceu.”

Mas meus olhos me traem quando as lágrimas caem. Hardin tira a mão de meu queixo e as pega, no mesmo instante em que uma única lágrima escorre por seu rosto.

“Lembra quando me perguntou quem é a pessoa que mais amo no mundo?”, ele pergunta, com a boca a centímetros da minha.

Balanço a cabeça para confirmar, mas parece que isso foi há muito tempo, e não pensei que ele estivesse prestando atenção.

“É você. Você é a pessoa que mais amo no mundo.”

Suas palavras me surpreendem e dissolvem a dor e a raiva em meu peito.

Antes de acreditar nele e me jogar em seus braços, pergunto: “Isso não faz parte dos seus joguinhos sujos, faz?”.

“Não, Tessa. Já chega de jogos. Só quero você. Quero ficar com você, em um relacionamento de verdade. Você vai ter que me ensinar como é isso, claro.” Ele ri com nervosismo e eu também começo a rir.

“Senti falta da sua risada. Não tenho ouvido muito. Quero fazer você rir, não chorar. Sei que sou muito difícil…”

Eu o interrompo grudando meus lábios nos dele. Os beijos são intensos e

sinto o gosto de sangue do corte. Meus joelhos bambeiam com o arrepio que me percorre, parece que não sinto os lábios dele nos meus há muito tempo.

Amo tanto esse imbecil problemático e revoltado que tenho medo de sufocar. Ele me levanta e eu envolvo seu corpo com minhas pernas, enfiando os dedos em seus cabelos. Hardin geme enquanto me beija e respira fundo, puxando-me com mais força. Minha língua percorre seu lábio inferior e, quando ele faz uma careta, eu paro.

“Com quem você brigou?”, pergunto, e Hardin ri.

“Você está perguntando isso agora?”

“Sim, quero saber.” Sorrio.

“Você sempre tem muitas perguntas. Não posso responder mais tarde?”

Ele faz um bico.

“Não, quero que me conte.”

“Só se você ficar.” Ele me abraça mais forte contra seu corpo. “Por favor?”

“Tá bom”, digo, e volto a beijá-lo, esquecendo totalmente a pergunta.



68

Por fim, paramos de nos beijar e eu me sento aos pés da cama. Hardin me segue e se senta perto da cabeceira.

“Certo, agora pode me dizer com quem brigou. Foi com Zed?”, pergunto, com medo da resposta.

“Não. Foi com uns caras aí.”

Fico aliviada por não ter sido Zed, mas então penso no que ele disse.

“Espere. Uns? Quantos?”

“Três… ou quatro. Não sei ao certo.” Ele ri.

“Não tem graça… E por que vocês brigaram?”

“Não sei…” Ele dá de ombros. “Eu estava bravo por você ter saído com Zed e me pareceu uma boa ideia na hora.”

“Bom, não foi uma boa ideia. Você ficou todo arrebentado.” Faço uma cara feia e ele inclina a cabeça para o lado. “O que foi?”

“Nada… vem aqui”, Hardin diz e abre os braços para mim. Eu me movimento pela cama e me recosto nele, entre suas pernas.

“Desculpa pelo jeito como tratei… bem, como trato você”, ele diz baixinho em meu ouvido.

Sinto um arrepio pelo corpo devido à respiração em meu ouvido e ao pedido de desculpa. “Tudo bem. Bom, não está tudo bem. Mas você tem mais uma chance.”

Espero que ele não faça com que eu me arrependa. Acho que não consigo mais lidar com o Hardin frio.

“Obrigado. Sei que não mereço, mas sou egoísta o bastante para aceitar”, ele diz, com os lábios encostados em meus cabelos. Hardin me abraça, e ficar com ele desse jeito é estranho e nostálgico ao mesmo tempo.

Permaneço em silêncio e ele vira meus ombros levemente para que eu o olhe. “O que foi?”, Hardin pergunta.

“Nada. Só estou com medo de você mudar de ideia de novo”, digo. “Quero

mergulhar de cabeça nisso, mas posso me machucar.”

“Nunca vou mudar de ideia. Tenho lutado contra o que sinto por você. Sei que não pode confiar no que digo, mas quero reconquistar sua confiança.

Não vou machucar você de novo”, ele promete e encosta a cabeça na minha.

“Por favor, não me machuca”, imploro. Não me importa se estou sendo ridícula.

“Eu te amo, Tessa”, ele diz, e meu coração quase pula do peito. As palavras parecem perfeitas vindas de seus lábios, e eu faria qualquer coisa para poder ouvi-las de novo.

“Também te amo, Hardin.” É a primeira vez que dizemos isso direito, e eu luto com o pânico que ameaça tomar conta de mim, de que ele volte atrás.

Mas, mesmo que isso aconteça, sempre terei a lembrança de como foi ouvir as palavras, como fizeram com que eu me sentisse.

“Diz de novo”, Hardin sussurra, e me vira para olhar para ele. Vejo mais vulnerabilidade em seus olhos do que pensei que veria. Fico de joelhos e seguro o rosto dele com as mãos, passando os polegares pela barba rala em seu rosto perfeito. Percebo, em seu rosto, que ele precisa que eu diga, muitas e muitas vezes. Direi quantas forem necessárias, até ele acreditar que é digno de amor.

“Eu te amo”, repito e o beijo. Ele murmura ao passar a língua delicadamente na minha. Beijar Hardin é sempre novo e diferente, e ele parece uma droga da qual não me canso. Segura minha nuca, unindo nossos peitos. Minha mente pede que eu vá devagar, que o beije lentamente e aproveite cada segundo dessa calma entre nós. Mas meu corpo pede para eu segurar os cabelos dele com força e tirar sua camiseta. Hardin desce os lábios pela minha mandíbula e eles param em meu pescoço.

É o que basta para eu perder o controle. Assim somos nós: raiva, intensidade e agora amor. Um gemido involuntário escapa de meus lábios e ele geme contra meu pescoço, segura minha cintura e nos vira, ficando sobre mim.

“Eu… senti muito… sua falta”, ele diz enquanto beija meu pescoço. Não consigo manter os olhos abertos. É tão bom. Ele abre minha jaqueta e olha para meu corpo com olhos famintos. Sem pedir permissão, ele tira minha blusa e

respira fundo quando arqueio as costas para soltar meu sutiã.

“Senti saudade do seu corpo… de como você se encaixa perfeitamente na minha mão”, Hardin geme ao segurar meus seios. Volto a gemer e ele pressiona a parte inferior do corpo contra o meu, e consigo sentir sua ereção em minha barriga. Nossa respiração está rápida e descontrolada, e nunca o desejei tanto. Parece que o fato de admitirmos nossos sentimentos não diminuiu a intensidade entre nós. Que bom. Ele desce a mão pela minha barriga nua e abre o botão do meu jeans. Ao descer os dedos para dentro da calcinha, Hardin diz, ainda me beijando: “Estava com saudade de sentir você toda molhada para mim”.

As palavras dele mexem comigo, e eu levanto o quadril de novo, implorando por contato.

“O que você quer, Tessa?” Ele respira forte contra meu pescoço.

“Você”, respondo antes que minha mente consiga processar a resposta.

Mas sei que é verdade: quero Hardin do modo mais selvagem e profundo

que há. Seus dedos me penetram com facilidade e jogo a cabeça para trás enquanto ele entra e sai.

“Adoro observar você, ver como te dou prazer”, ele diz, e eu solto um gemido em resposta. Puxo a camiseta dele pelas costas. Hardin está com roupas demais, mas não consigo formar uma frase coerente pedindo que as tire. Como passamos de “Odeio você” para “Eu te amo” e agora isso? Não me importo, só quero saber do que ele me faz sentir, como sempre me faz sentir. Seu corpo desliza pelo meu e ele tira a mão de dentro da minha calcinha. Protesto contra a falta de contato e ele sorri.

Quando desce minha calça e minha calcinha, faço um gesto para seu corpo todo vestido. “Tire a roupa”, eu digo, e ele ri.

“Sim, senhora.” Hardin ri de novo e tira a camiseta, revelando a pele tatuada. Quero passar a língua pelo contorno de cada tatuagem. Adoro ver que o símbolo do infinito acima de seu punho não combina com as chamas desenhadas embaixo.

“Por que você fez essa tatuagem?”, pergunto, passando o dedo indicador sobre o

desenho.

“O quê?” Ele está distraído, com os olhos e as mãos voltados para meus seios.

“Esta tatuagem. Ela é tão diferente das outras. Mais suave e meio…

feminina?”

Ele passa os dedos pelos meus seios e se inclina para a frente, pressionando o pênis contra minha perna. “Feminina, é?” Ele sorri e passa os lábios pelos meus, então se afasta e ergue uma sobrancelha.

Não me interesso mais por sua tatuagem ou pelo motivo que o levou a fazê-la. Só quero tocá-lo, sentir sua boca na minha.

Antes que arruinemos o momento com mais palavras, seguro seus cabelos e puxo seu rosto para perto do meu. Eu o beijo levemente na boca e passo para o pescoço. Em minha experiência muito detalhista, embora limitada, em dar prazer a ele, aprendi que o ponto em seu pescoço logo acima da clavícula o deixa maluco. Dou beijos quentes e úmidos ali, sentindo seu corpo estremecer e ficar tenso enquanto levanto o quadril para ele mais uma vez. É delicioso sentir o corpo nu de Hardin sobre o meu. Nossa pele já começa a brilhar um pouco com a transpiração. Se um pequeno movimento for feito, estaremos em outro nível. Um nível para o qual eu não estivera preparada antes. Sentir os músculos tensos dele enquanto se esfrega lentamente no meu corpo, gemendo, é demais para mim.

“Hardin…”, digo enquanto ele continua se esfregando em mim.

“Sim, linda?” Ele para de se mexer. Encosto os pés em suas pernas e o forço a se mexer de novo. Hardin fecha os olhos. “Porra”, ele continua gemendo.

“Eu quero”, digo.

“Quer o quê?” Sua respiração está quente e pesada contra minha pele suada.

“Eu quero… você sabe”, digo, percebendo de repente que tenho vergonha de dizer, apesar da situação.

“Ah”, ele diz, então para de se mexer de novo e olha em meus olhos.

Parece estar travando uma batalha interna consigo mesmo. “Eu… não sei se é uma boa ideia…”

O quê? “Por quê?” Eu o empurro. Lá vamos nós de novo.

“Não… não, linda. Estou falando de hoje.” Hardin me abraça e me coloca de lado, deitando-se ao meu lado. Não consigo olhar para ele, estou me sentindo humilhada.

“Escuta o que vou dizer”, ele diz, erguendo minha cabeça com a mão em meu queixo. “Eu quero. Porra, como eu quero. Mais do que qualquer coisa, pode acreditar. Quero sentir você desde que te vi, mas eu… acho que depois de tudo hoje… quero que você esteja pronta. Quer dizer, pronta de verdade, porque, quando fizermos isso, não tem como voltar. Já era.”

Minha humilhação diminui e olho para ele. Sei que está certo. Sei que preciso pensar melhor, mas tenho dificuldade em acreditar que minha resposta será diferente amanhã. Devo pensar nisso quando não estiver sob a influência do corpo nu dele se esfregando no meu. Hardin é pior do que álcool correndo pelas minhas veias.

“Não fica chateada comigo, por favor, só pensa um pouco sobre isso. Se tiver certeza de que é o que quer fazer, vou te comer com gosto. Sem parar, onde e quando você quiser. Eu quero…”

“Está bem, está bem!” Levo a mão à boca dele para que se cale. Hardin ri e dá de ombros, como se dissesse “Só estou falando”.

Quando tiro a mão de sua boca, ele morde a palma de brincadeira e me puxa para si. “Acho melhor vestir uma roupa para você não ficar com tanta vontade”, ele brinca, e eu fico corada.

Não consigo decidir qual aspecto disso tudo é mais surpreendente: o fato de eu ter acabado de sugerir sexo, ou o fato de ele ter me respeitado o suficiente para dizer não.

“Mas, primeiro, vou fazer você se sentir bem”, ele diz, e me deita de barriga para cima rapidamente. Posiciona a boca entre minhas pernas e, poucos minutos depois, elas começam a tremer e eu tampo a boca com a mão para não começar a gritar o nome dele para todo mundo ouvir.



69

Acordo e escuto Hardin roncando baixinho, com os lábios encostados em minha orelha. Minhas costas estão grudadas em seu peito e as pernas dele estão entrelaçadas nas minhas. Lembranças da noite passada me fazem sorrir, mas logo depois a sensação de euforia é substituída pelo pânico.

Será que Hardin vai sentir a mesma coisa à luz do dia? Ou vai me torturar e me assombrar por ter me oferecido a ele? Eu me viro lentamente para olhá-lo, examinar seus traços perfeitos e ver que a carranca é suavizada enquanto dorme. Estendo o braço e passo o indicador pelo piercing da sobrancelha, então desço para o hematoma em seu rosto. Seu lábio parece melhor, assim como os nós de seus dedos, já que finalmente concordou em me deixar lavá-los ontem à noite.

Hardin abre os olhos quando meu dedo passa por seus lábios. “O que está fazendo?”, pergunta. Não consigo definir se o tom de voz é amigável ou não, e fico tensa.

“Desculpa, eu estava só…” Não sei o que dizer, não sei como vai estar o humor dele depois de termos dormido abraçados.

“Não para”, ele sussurra, fechando os olhos de novo. Metade do peso no meu peito desaparece, e eu sorrio antes de contornar seus lábios cheios de novo, tomando o cuidado de evitar o machucado.

“O que pretende fazer hoje?”, ele pergunta alguns minutos depois, voltando a abrir os olhos.

“Combinei com Karen que cuidaríamos da estufa lá nos fundos”, digo. Ele se senta.

“É mesmo?” Deve estar furioso. Sei que não gosta da Karen, apesar de ser uma das pessoas mais doces que conheço.

“É”, eu digo.

“Bom, acho que não preciso me preocupar se minha família vai gostar de você.

Devem gostar mais de você do que de mim.” Ele ri e passa o polegar pelo meu rosto, e sinto um arrepio na espinha. “O problema disso é que, se eu continuar aparecendo aqui, meu pai pode começar a achar que gosto dele”, conclui com um tom suave, mas com os olhos intensos.

“Talvez você e seu pai pudessem fazer alguma coisa enquanto eu e Karen ficamos na estufa”, sugiro.

“Não, de jeito nenhum”, ele resmunga. “Vou voltar para minha casa,

minha casa de verdade, enquanto você trabalha aqui.”

“Eu queria que você ficasse. Pode ser que demore um pouco. A estufa está bem malcuidada”, digo.

Ele parece não saber o que dizer, e isso faz meu coração se acalentar com a ideia de que não quer ficar longe de mim por muito tempo. “Eu… eu… não sei, Tessa. Meu pai provavelmente não quer ficar perto de mim”, ele diz.

“Claro que quer. Quando foi a última vez que vocês dois ficaram sozinhos?”

Ele dá de ombros. “Não sei… anos. Não é uma boa ideia”, ele diz, passando as mãos pela cabeça.

“Se você se sentir desconfortável, pode ficar comigo e com Karen na estufa.” Sinceramente, estou surpresa só de Hardin considerar a ideia de ficar com o pai.

“Está bem… Mas só estou fazendo isso porque não quero nem pensar em deixar você, nem por um minuto…” Ele para. Sei que não é bom em expressar como se sente, então fico calada, e dou um tempo para se recompor. “Bom, vamos dizer que é pior do que ficar com o chato do meu pai.”

Sorrio, apesar das palavras grosseiras contra Ken. O pai que Hardin conhece da infância não é o mesmo homem que está no andar de baixo, e espero que consiga perceber isso. Quando saio da cama, lembro que não trouxe roupa, escova de dente, nada.

“Preciso ir ao dormitório pegar uma coisas”, digo, e ele fica tenso.

“Por quê?”

“Porque não tenho outra roupa e preciso escovar os dentes”, explico.

Quando olho para Hardin, vejo que está sorrindo levemente. “O que foi?”, pergunto, com medo da resposta.

“Nada… você vai demorar muito para voltar?”

“Bom, pensei que você fosse comigo.” Quando digo isso, Hardin relaxa visivelmente. O que ele tem?

“Ah.”

“Você vai me dizer por que está estranho?”, pergunto com as mãos no quadril.

“Não estou… só pensei que você estivesse tentando se livrar de mim.” A voz dele está diferente, como se estivesse com medo, e sinto vontade de me aproximar e abraçá-lo. Mas, em vez disso, faço um gesto para que se aproxime e ele assente antes de se levantar e ficar na minha frente.

“Não vou a lugar nenhum. Só preciso de umas roupas”, digo de novo.

“Eu sei… vai demorar um pouco para eu me acostumar. Normalmente vejo você fugindo de mim, não saindo e voltando.”

“Bom, estou acostumada a ver você me afastando, então nós dois precisamos nos acostumar.” Sorrio e encosto a cabeça em seu peito. Eu me

sinto estranhamente confortada com a preocupação dele. Estava morrendo de medo de que mudasse de ideia de manhã, e é bom saber que só estava assustado.

“Sim, acho que sim. Eu te amo”, ele diz, e sinto o poder dessas palavras assim como na primeira vez, e na vigésima, ontem à noite.

“Eu também te amo”, digo.

Ele franze a testa. “Não diz também.”

“O quê? Por quê?” Minha dúvida volta, e espero que Hardin me trate mal, mas torço para que isso não aconteça.

“Não sei… parece que você só está concordando comigo.” Ele olha para baixo.

Eu me lembro da promessa que fiz a mim mesma ontem à noite, de que faria o que fosse preciso para ajudá-lo a vencer sua insegurança.

“Eu te amo”, digo. Hardin olha para mim. Seus olhos se suavizam e ele pressiona levemente os lábios contra os meus.

“Obrigado”, ele diz quando se afasta.

Não acredito em como fica perfeito com uma camiseta branca lisa e calça jeans escura. Não usa nada de diferente além de camiseta lisa branca ou preta e calça preta sempre, mas fica perfeito, todos os dias. Ele não precisa seguir nenhuma tendência da moda: seu estilo simples é muito adequado à sua pessoa. Visto as roupas de ontem à noite e ele pega minha bolsa antes de descermos a escada.

Karen e Ken estão na sala. “Fiz o café”, Karen diz alegremente.

Eu me sinto um pouco desconfortável com Karen e Ken sabendo que passei a noite com Hardin de novo. Sei que compreendem totalmente, e somos adultos, mas isso não me impede de corar.

“Obrigada.” Eu sorrio e ela olha para mim com curiosidade. Sei que vai fazer perguntas quando estivermos na estufa. Caminho até a cozinha e Hardin me segue. Enchemos nossos pratos e nos sentamos à mesa.

“Landon e Dakota estão aqui?”, pergunto a Karen quando ela entra. Dakota provavelmente vai ficar confusa ao me ver com Hardin depois de ter me visto com Zed ontem à noite, mas afasto esse pensamento.

“Não, eles foram passar o dia em Seattle, para visitar pontos turísticos.

Ainda vamos mexer na estufa hoje?”

“Claro. Só preciso passar no dormitório e trocar de roupa”, digo a ela.

“Excelente! Vou pedir para Ken trazer o saco de adubo do galpão.”

“Se você esperar a gente, talvez Hardin possa ajudar Ken nisso.” Faço essa oferta em dúvida, olhando para Hardin.

“Ah, você também vai ficar aqui hoje?”, ela pergunta e sorri mais. Como Hardin

não vê que essas pessoas se importam com ele?

“Hum… sim. Eu pretendia ficar aqui hoje… acho. Se não tiver problema para você”, ele diz, gaguejando um pouco.

“Claro que não há problema. Ken! Você ouviu? Hardin vai ficar aqui o dia

todo!” A animação dela me faz sorrir, mas Hardin revira os olhos.

“Seja bonzinho”, sussurro em seu ouvido quando ele abre o sorriso mais falso que já vi. Então, dou risada e chuto sua perna.



70

Troco de roupa e tomo um banho rápido, apesar de saber que vou me sujar mexendo na estufa com Karen. Hardin espera pacientemente, mexendo em minha gaveta de roupa íntima para passar o tempo. Quando termino, ele me pede para pegar mais roupas para passar outra noite com ele, o que me faz sorrir. Passaria todas as noites com ele, se pudesse.

Enquanto voltamos de carro, pergunto: “Você quer pegar seu carro e levar para a casa do seu pai?”.

“Não, assim está bom. Desde que você pare de andar de um lado para outro da pista.

“Como é? Sou uma motorista incrível”, digo, na defensiva.

Ele ri, mas se mantém calado. “O que fez você decidir comprar um carro?”

“Bem, consegui o estágio, e não queria continuar dependendo do transporte público ou de outras pessoas para ir aonde preciso.”

“Ah… você foi sozinha?”, ele pergunta, e olha pela janela.

“Sim… por quê?”

“Só para saber”, ele mente.

“Eu estava sozinha. Foi um dia ruim para mim”, digo, e ele se retrai.

“Quantas vezes você saiu com Zed?”, Hardin pergunta.

Por que ele está tocando nesse assunto agora? “Duas vezes: fomos jantar e ao cinema, depois ver a fogueira. Você não tem com que se preocupar.”

“Ele só beijou você uma vez?”

Ai. “Sim, só uma vez. Bem, além daquela vez que… você viu. Agora podemos mudar de assunto? Não perguntei nada sobre Molly, perguntei?”, digo.

“Certo… certo. Não vamos brigar. É o nosso recorde de tempo sem brigar, e não queremos perder isso”, ele diz. Hardin pega minha mão e traça pequenos círculos em minha pele com o polegar.

“Certo”, eu digo, ainda um pouco irritada. A imagem de Molly no colo dele embaça minha visão.

“Ah, para com isso, Tessa, sem bico.” Ele ri e me cutuca.

Não controlo uma risadinha. “Não me distrai, estou dirigindo!”

“Esta é provavelmente a única vez em que me pede para não tocar em você.”

“Não sei, não… Não fique se achando tanto.”

Nós rimos juntos e o som é adorável. Ele leva a mão à minha coxa e sobe e desce os dedos compridos.

“Tem certeza?”, a voz rouca dele sussurra e minha pele se arrepia. Meu corpo reage a Hardin depressa, minha pulsação está forte. Eu me surpreendo e balanço a cabeça, fazendo com que ele suspire e afaste a mão. “Sei que não é verdade… mas prefiro que você não saia da estrada, então só vou meter o dedo mais tarde.”

Dou um tapa nele, corando. “Hardin!”

“Desculpa, linda.” Ele sorri, levantando as mãos para alegar inocência, então olha pela janela. Adoro quando me chama de linda. Ninguém nunca me chamou assim antes. Noah e eu sempre achamos ridículos os apelidos que as pessoas usam, sempre os consideramos infantis demais, mas quando Hardin me chama de linda eu me sinto superfeliz.

Quando voltamos para a casa do pai dele, Ken e Karen estão no quintal à nossa espera. Ken está diferente, de jeans e uma camiseta da WCU. Nunca o vi vestido tão casualmente e, na verdade, ele parece mais com Hardin assim. Os dois nos cumprimentam com um sorriso que Hardin tenta retribuir, mas parece desconfortável enquanto enfia as mãos nos bolsos.

“Quando estiver pronto…”, Ken diz a Hardin. Ele parece tão pouco à vontade quanto o filho, e mais nervoso.

Hardin parece mais apreensivo, e olha para mim. Faço um meneio de cabeça para incentivá-lo, surpresa por ter me tornado alguém que ele procura quando precisa de conforto. Parece que nosso relacionamento mudou drasticamente, e isso me deixa feliz de um modo que eu não esperava.

“Estaremos na estufa. Levem o adubo para lá”, Karen diz, e dá um beijinho no rosto de Ken. Hardin desvia o olhar, e por um segundo penso que vai me beijar também, mas não me beija. Sigo-a até a estufa e, quando entramos, eu me

surpreendo. É enorme, maior do que parece de fora, e Karen não estava brincando quando disse que precisa de mais coisas. Está praticamente vazia.

Ela coloca as mãos no quadril e diz contente: “Vai ser um baita projeto, mas acho que conseguiremos”.

“Também acho”, digo.

Hardin e Ken entram carregando dois sacos de adubo cada. Eles permanecem calados quando os deixam no chão, onde Karen manda, e saem de novo. Vinte sacos de adubo, centenas de sementes e dezenas de flores e plantas depois, estamos prontas para começar.

Quando percebo, a luz do sol começou a diminuir, e já faz algumas horas que não vejo Hardin. Espero que ele e Ken ainda estejam vivos.

“Acho que já fizemos o suficiente por hoje”, Karen diz, limpando o rosto.

Estamos cobertas de terra.

“Sim, é melhor eu ver como Hardin está”, digo a ela, que ri.

“É muito importante para nós, principalmente para Ken, que Hardin esteja vindo mais aqui, e sei que devemos agradecer a você por isso. Imagino que tenham resolvido suas diferenças.”

“Mais ou menos… Acho que sim.” Dou uma risadinha. “Ainda somos muito diferentes.” Ela não tem nem ideia…

Karen me dá um sorriso cúmplice. “Bem, às vezes precisamos de alguém diferente. É bom ser desafiado.”

“Bom, Hardin é bem desafiador.”

Nós duas rimos e ela me puxa para um abraço. “Querida, você fez mais por nós do que imagina.” Meus olhos começam a marejar e eu meneio a cabeça.

“Espero que não se importem por eu ter dormido aqui. Hardin pediu para eu dormir de novo.” Digo isso tentando não olhar nos olhos dela.

“Não, claro que não. Vocês são adultos e imagino que estejam se protegendo.”

Ai, Deus. Sei que meu rosto está mais vermelho do que as raízes que acabamos de plantar. “Nós… hum… não…”, eu gaguejo. Por que estou falando sobre isso com a futura madrasta de Hardin? Fico muito sem graça.

“Ah”, ela diz, igualmente envergonhada. “Vamos entrar.”

Eu a sigo para dentro da casa, e tiramos os sapatos sujos na porta. Olho para a sala e vejo Hardin sentado na beira do sofá e Ken em uma poltrona.

Hardin olha em meus olhos e vejo alívio neles.

“Vou preparar a comida enquanto você se limpa”, Karen diz.

Hardin fica de pé e se aproxima de mim. Parece feliz por ter saído da sala.

“Desço daqui a pouco”, digo, e sigo Hardin escada acima.

“Como foi?”, pergunto quando entramos no quarto dele.

Em vez de responder, ele segura meu rabo de cavalo e me beija. Nós nos encostamos na porta e ele pressiona o corpo contra o meu. “Estava com saudade.”

Sinto que derreto por dentro. “Mesmo?”

“Mesmo. Passei as últimas horas com meu pai em um silêncio esquisito, trocando comentários de vez em quando. Preciso de uma distração.” Ele passa a língua por meu lábio inferior e minha respiração se acelera. Isso é diferente. Gostoso e bem quente, mas diferente.

Hardin desce as mãos pela minha barriga e para no botão da calça.

“Preciso de um banho. Estou cheia de terra”, digo, rindo.

Sua língua percorre meu pescoço. “Gosto de você assim, linda e suja.” Ele abre um sorriso com aquelas covinhas.

Delicadamente eu o empurro e pego minha bolsa antes de ir para o banheiro. Minha respiração está acelerada e me sinto um pouco desorientada. Quando

tento fechar a porta do banheiro, vejo que ela para no

meio do caminho e fico confusa. Até olhar para baixo e ver a bota de Hardin.

“Posso ir junto?” Ele sorri e entra no banheiro sem esperar minha resposta.



71

Ele segura a barra da camiseta e a puxa para cima, e se vira para trás para ligar o chuveiro.

“Não podemos tomar banho juntos! Estamos na casa do seu pai, e Landon e Dakota podem chegar a qualquer momento”, digo. Fico animada com a ideia de ver Hardin totalmente nu no chuveiro, mas é demais.

“Bem, então vou tomar um banho quente enquanto você fica aí pensando na vida.” Consigo ver os músculos sob a pele dele. Hardin olha para mim, percorrendo meu corpo vestido de alto a baixo, assim como eu observo o corpo nu dele. A água o cobre, faz sua pele tatuada brilhar. Não percebo que estou olhando até ele fechar a cortina abruptamente, escondendo o corpo perfeito.

“Você não adora tomar um banho quente depois de um dia longo?” Sua voz está meio abafada pelo barulho da água, mas ainda assim consigo perceber sua risada.

“Não sei, um cara pelado e grosseiro roubou meu chuveiro”, eu digo, e ele ri.

“Um cara pelado e gostoso?”, ele provoca. “Entra logo antes que a água esfrie.”

“Eu… eu quero, mas tomar banho com alguém é algo muito íntimo, íntimo demais.”

“Vem, vive um pouco. É só um banho”, ele diz e abre a cortina. “Por favor.” Hardin abre a cortina e observo seu peito longo e tatuado, brilhando com a água que desce por sua pele.

“Está bem”, eu sussurro e tiro a roupa enquanto ele observa todos os meus movimentos. “Para de olhar”, eu o repreendo. Ele finge estar magoado, e coloca

a mão sobre o coração.

“Está questionando minha nobreza?” Ele ri e eu balanço a cabeça devagar em afirmação, tentando controlar meu sorriso. “Estou profundamente ofendido.”

Ele pega minha mão para ajudar, e eu não acredito que vou tomar banho com alguém. Tento me cobrir com os braços enquanto espero que ele me dê espaço embaixo da água.

“É estranho adorar como você fica tímida comigo?”, ele pergunta, descruzando meus braços e quebrando meu escudo. Permaneço em silêncio

e ele puxa meus braços para me colocar mais perto da água que ele está bloqueando com o corpo. Hardin abaixa a cabeça, molhando meus ombros nus.

“Gosto que você seja muito tímida e inocente, e ainda assim permita que eu faça todo tipo de coisa com você.” Seu hálito está mais quente que a água contra minha orelha. Hesito enquanto as mãos dele descem pelos meus braços lentamente. “E sei que você gosta quando falo safadeza.”

Eu me assusto e ele sorri, próximo ao meu pescoço. “Olha como sua pulsação aumenta… quase consigo ver suas veias através da sua pele delicada.” Hardin coloca o indicador bem no ponto em que sinto a pulsação no meu pescoço. Não faço ideia de como estou de pé: minhas pernas, e meu cérebro, viraram gelatina.

Seus dedos percorrendo meu corpo me fazem parar de me preocupar com o fato de não estarmos sozinhos na casa, dando-me vontade de ser descuidada e deixar Hardin fazer o que quiser comigo. Quando seus dedos compridos

envolvem

meu

quadril,

eu

me

inclino

para

ele

involuntariamente.

“Eu te amo, Tessa. Você acredita em mim, não é?”, ele pergunta.

Eu confirmo, tentando imaginar por que está me perguntando isso agora, depois de termos repetido essa frase tantas vezes nas últimas vinte e quatro horas. “Acredito.” Minha voz sai rouca, então pigarreio.

“Ótimo. Nunca amei ninguém antes.” Ele vai de brincalhão a sedutor e depois a sério rápido demais, mal consigo acompanhar.

“Nunca?” Acho que já sabia disso, mas é muito diferente ouvi-lo falando, principalmente por estarmos sem roupa no chuveiro. Pensei que estaria com a cabeça entre minhas pernas, não expressando seus sentimentos.

“Não, nunca. Nem cheguei perto disso”, Hardin admite.

Eu me pergunto se ele já teve uma namorada… não, não quero saber. Ele me disse que não namora, então vou me contentar com isso.

“Ah.” É só o que digo.

“Você me ama como amou Noah?”, ele pergunta.

Emito um tipo de tosse e engasgo, então desvio o olhar. Pego o xampu da prateleira. Estamos no chuveiro há vários minutos e nem comecei a tomar banho.

“E então?”, ele pressiona.

Não sei como responder. É totalmente diferente com Hardin. Eu amava Noah, acho. Sei que o amava, mas não assim. Amar Noah era confortável e seguro, sempre calmo. O amor com Hardin é selvagem e excitante, traz à vida todos os meus nervos, e nunca me canso dele. Não quero ficar longe nunca. Apesar de Hardin ter me deixado maluca, senti sua falta e precisei me segurar para me manter afastada.

“Entendo isso como um não”, ele diz e se vira de costas, deixando que eu

tenha acesso total à água. Eu me sinto apertada no espaço, sem ar, em meio ao vapor da água quente.

“Não é a mesma coisa.” Como explicar isso sem parecer maluca? Hardin solta os ombros. Sei que, se ele estivesse olhando para mim, veria que está com uma cara feia. Levo as mãos à cintura dele e pressiono meus lábios em suas costas. “Não é a mesma coisa, mas não como você está pensando”, digo.

“Eu te amo de um modo diferente. Noah era muito confortável para mim, parecia da família. Eu sentia que tinha que amar Noah, mas não amava, pelo menos não do jeito que amo você. Só quando me dei conta de que te amava foi que percebi como o amor era diferente do que eu pensava que fosse. Não sei se faz sentido.” Sinto uma pontada de culpa por dizer que não amava Noah, mas acho que soube disso na primeira vez em que beijei Hardin.

“Faz.” Quando ele se vira, seus olhos estão bem mais suaves. O desejo, e então a apreensão, sumiram, substituídos por… amor? Ou alívio? Não sei, mas ele se inclina e beija minha testa. “Só quero ser a única pessoa que você vai amar. Assim como você é para mim.”

Como Hardin era tão idiota antes e agora diz essas coisas carinhosas?

Apesar do toque de posse em sua voz, as palavras são doces e surpreendentemente modestas para ele.

“Do jeito mais importante, você é”, prometo a ele, que parece satisfeito com minha resposta quando seu sorriso volta ao rosto.

“Agora, você pode se afastar para eu poder tirar essa sujeira de mim antes que a água esfrie?”, digo, e o empurro delicadamente.

“Faço isso para você.” Ele pega a esponja e a cobre com sabonete líquido.

Prendo a respiração por todo o tempo que ele me lava, e estremeço quando passa pelos pontos sensíveis, demorando neles.

“Eu pediria para você me lavar, mas não conseguiria impedir o que aconteceria depois.” Ele pisca para mim e eu sinto meu rosto corar. Quero descobrir o que

aconteceria depois, e adoraria tocar todas as partes do corpo dele. Mas Karen provavelmente já terminou de fazer a comida e pode vir nos chamar em breve.

Sei que o mais responsável a fazer seria concordar em sair do chuveiro, mas é difícil me concentrar em ser responsável com ele nu na minha frente.

Eu o toco, pegando seu pênis, e ele dá um passo para trás, recostando-se na parede. Olha para mim enquanto eu o masturbo lentamente.

“Tess”, ele geme, encostando a cabeça na parede de azulejos.

Continuo o movimento, esperando que Hardin solte mais um gemido.

Adoro os sons que ele emite. Olho para baixo, admirando o modo como a água nos molha, ajudando minha mão a descer e subir.

“Você faz eu me sentir tão bem.”

Seu olhar em mim faz com que eu me sinta um pouco nervosa, mas o modo como range os dentes e como revira os olhos, tentando mantê-los

abertos, faz com que eu queira proporcionar mais prazer ainda. Passo o polegar pela cabeça do pênis dele, e Hardin sussurra um palavrão.

“Já vou gozar. Porra.” Ele fecha os olhos e sinto o calor de seu esperma misturado com a água quente, e fico olhando até só ver água em minha mão. Hardin se inclina para a frente, sem fôlego, e me beija.

“Incrível”, ele sussurra, beijando-me de novo.

Quando já estou limpa e me sentindo calma, mas ainda excitada pelos toques de Hardin, eu me seco rapidamente e visto a legging e uma camiseta que pego da bolsa, então penteio os cabelos e prendo em um coque. Hardin enrola uma toalha na cintura e para atrás de mim, observando-me pelo espelho. Ele está lindo, como um deus, perfeito. E é meu.

“Essa calça vai me distrair”, ele diz.

“Você sempre foi assim pervertido?”, eu provoco, e ele confirma.

* * *

Só quando chegamos à cozinha me dou conta de que estamos os dois de cabelos molhados. Está na cara que acabamos de tomar banho juntos. Hardin não parece se importar, mas ele não é exatamente educado.

“Tem sanduíches em cima do balcão”, Karen avisa alegremente, apontando onde Ken está sentado com uma pilha de pastas à frente. Ela não parece se surpreender ou se importar com nossa aparência. Minha mãe ficaria maluca se soubesse o que acabei de fazer. Principalmente com alguém como Hardin.

“Muito obrigada”, digo a ela.

“Eu me diverti hoje, Tessa”, Karen diz, e começamos a falar sobre a estufa de novo enquanto pegamos um sanduíche e nos sentamos para comer.

Hardin come em silêncio, olhando para mim de vez em quando.

“Talvez possamos fazer mais alguma coisa no próximo fim de semana”, sugiro, e então me corrijo. “Ou melhor, no fim de semana depois.” Dou risada.

“Sim, claro.”

“Ah, o casamento vai ter um tema, ou algo assim?”, Hardin interrompe.

Ken olha para ele.

“Bom, não tem exatamente um tema, mas escolhemos branco e preto para a decoração”, Karen diz com nervosismo. Tenho certeza de que essa é a única conversa que têm com Hardin desde que Ken contou sobre o casamento e ele ficou bravo.

“Ah. Então, o que devo vestir?”, ele pergunta casualmente. Sinto vontade de beijá-lo depois de ver a reação do pai dele.

“Você vai?”, Ken pergunta, claramente surpreso, mas muito feliz.

“Sim… acho.” Hardin dá de ombros e morde o sanduíche mais uma vez.

Karen e Ken trocam um sorriso, e Ken se levanta e se aproxima de Hardin.

“Obrigado, filho, isso é muito importante para mim.” Ele dá um tapinha no

ombro dele. Hardin fica tenso, mas recompensa o pai com um sorriso amarelo.

“Que ótima notícia!”, Karen diz e aplaude.

“Não é nada demais”, Hardin resmunga. Eu me sento ao seu lado e coloco a mão sobre a dele por baixo da mesa. Nunca pensei que conseguiria fazer com que concordasse em ir ao casamento, muito menos com que falasse sobre o assunto na frente de Ken e Karen.

“Eu te amo”, sussurro em seu ouvido quando Karen e Ken não estão prestando atenção.

Ele sorri e aperta minha mão. “Eu te amo”, ele diz.

“Hardin, como está indo a faculdade?”, Ken pergunta.

“Bem.”

“Percebi que você mudou as aulas de novo.”

“E?”

“Você ainda estuda letras, não é?”, Ken continua, testando a sorte. Percebo que Hardin está ficando irritado.

“Sim.”

“Que ótimo! Eu me lembro de quando você tinha dez anos e passava os dias recitando trechos de O grande Gatsby. Sabia que você seria especialista em literatura”, Ken diz.

“É? Você se lembra disso?”, Hardin responde com grosseria. Aperto a mão dele, tentando pedir que se acalme.

“Claro que lembro”, Ken diz com calma.

Hardin reage e revira os olhos. “Acho difícil acreditar nisso, já que você vivia bêbado e, se me lembro bem, e lembro, rasgou esse livro quando bati com ele em seu copo de uísque sem querer e derramou. Não me venha com recordações se

não sabe o que está dizendo.” Ele se levanta quando Karen e eu reagimos assustadas.

“Hardin!”, Ken diz quando ele sai da sala.

Corro atrás de Hardin e escuto Karen gritar com Ken. “Você não deveria ter ido tão longe com ele, Ken! Hardin tinha acabado de concordar em ir ao casamento. Pensei que tivéssemos combinado que daríamos pequenos passos. E aí você diz uma coisa dessas. Deveria ter deixado o assunto pra lá.”

Apesar de parecer brava, percebo pelas falhas em sua voz que, na verdade, ela está chorando.



72

Ouço Hardin bater a porta do quarto enquanto subo a escada. Giro a maçaneta, esperando encontrar a porta trancada, mas ela abre.

“Você está bem?”, pergunto, sem saber o que dizer.

Ele responde pegando o abajur do criado-mudo e jogando-o contra a parede. A base de vidro se despedaça com o impacto. Dou um pulo para trás e grito sem querer. Ele caminha até a mesa, pega o teclado do computador e o joga para trás.

“Hardin, por favor, para!”, eu grito.

Ele não olha para mim, mas joga o monitor no chão e começa a gritar.

“Por quê? Por quê, Tessa? Ele pode comprar uma merda de computador novo!”

“Você tem razão”, digo. Então piso no teclado, quebrando-o ainda mais.

“O que você está fazendo?”, Hardin pergunta quando pego o teclado e o jogo no chão de novo. Não sei bem o que estou fazendo, mas o teclado já está quebrado, e essa me parece a melhor ideia no momento.

“Estou ajudando você”, digo. A confusão toma seus olhos furiosos, mas a risada chega logo. Pego o monitor e o jogo no chão. Ele se aproxima com um

sorrisinho e me impede de jogá-lo no chão mais uma vez, pegando o monitor das minhas mãos e colocando-o em cima da mesa.

“Você não está brava comigo por ter gritado daquele jeito com meu pai?”, Hardin pergunta, e segura meu rosto, passando os polegares sobre ele, com os olhos verdes nos meus.

“Não, você tem todo o direito de dizer o que pensa. Eu nunca ficaria brava com você por isso.” Hardin acabou de ter a maior briga com o pai, mas está preocupado com o que eu vou pensar? “A menos que você estivesse sendo um idiota sem motivo, mas não foi o caso.”

“Nossa…”, ele diz.

O pequeno espaço entre nossos lábios é muito tentador. Eu me inclino para a frente e grudo os meus nos dele, e Hardin logo abre a boca, aprofundando o beijo. Agarro seus cabelos e ele geme quando beijo mais forte. Sua raiva desaparece. Eu o afasto um pouco e ele me vira de modo a me encostar na mesa. Leva as mãos ao meu quadril e me coloca em cima dela. Sou sua distração. Pensar que sou o que Hardin precisa faz com que me sinta necessária de um jeito que nunca tinha sentido. Eu me sinto mais forte

agora, mais marcante na vida dele, e jogo a cabeça para trás enquanto Hardin continua a passar a língua na minha, parado entre minhas pernas.

“Mais perto”, ele sussurra em meus lábios. Segura a parte de trás das minhas pernas e me puxa para a beirada da mesa. Seguro a calça dele e Hardin afasta a boca da minha.

“O quê…?” Ele ergue uma sobrancelha para mim. Deve me achar maluca por ter entrado ali para ajudá-lo a quebrar as coisas e depois tentar tirar sua roupa. E talvez eu seja. Não me importo no momento. Só me importa a maneira como a curva de sua clavícula é encoberta pela luz da lua que entra pela janela, o modo como suas mãos seguram meu rosto como se eu fosse frágil, apesar de Hardin ter tentado quebrar tudo no quarto minutos antes.

Respondo sem palavras, envolvendo-o com minhas pernas e puxando-o para mim.

“Pensei que você fosse entrar aqui para me dar uma bronca.” Ele sorri e encosta

a testa na minha.

“Pensou errado”, digo com um sorriso irônico.

“Muito. Não quero voltar lá para baixo hoje”, ele diz, olhando em meus olhos.

“Tudo bem. Você não tem que descer.”

Hardin relaxa e apoia a cabeça em meu ombro. Fico surpresa ao ver como isso é fácil entre nós. Pensei que fosse brigar comigo, talvez até tentar me fazer sair quando entrei, mas está se apoiando em mim. Sei que está tentando lidar com essa relação da melhor maneira, apesar de ter um humor extremamente inconstante.

“Eu te amo”, digo a ele, e sinto o piercing de seu lábio raspar em meu pescoço quando ele sorri.

“Eu te amo”, ele responde.

“Quer falar sobre o que aconteceu?”, pergunto, mas ele nega com a cabeça, que ainda está em meu pescoço. “Tudo bem. Quer ver um filme? Uma comédia talvez?”, sugiro.

Depois de uma longa pausa, ele olha em direção à cama. “Você trouxe seu laptop?” Eu confirmo balançando a cabeça, e ele diz: “Vamos ver Para sempre de novo”.

Dou risada. “Está querendo ver de novo um filme que supostamente odiou?”

“Sim… Bom, odiar é um pouco pesado, só acho que é uma história de amor boba”, ele corrige.

“Então por que quer ver?”

“Porque quero ver você vendo”, ele responde.

Lembro como ele olhou para mim o tempo todo quando assistimos ao filme em meu quarto naquela noite. Parece que muito tempo já se passou desde então. Eu não fazia ideia do que aconteceria entre nós. Nunca pensei

que chegaríamos ao ponto em que estamos.

Meu sorriso é a resposta de que ele precisa quando segura minha cintura.

“Envolva meu corpo com suas pernas”, ele diz, depois me leva para a cama.

Poucos minutos depois, Hardin está deitado ao meu lado, olhando para meu rosto enquanto assisto ao filme. Na metade, sinto meus olhos pesando.

“Estou ficando com sono”, digo com um bocejo.

“Os dois morrem. Você não vai perder muita coisa.”

Dou uma cotovelada nele. “Você tem problemas.”

“E você fica linda quando está com sono.” Ele fecha meu laptop e me puxa para a cama com ele.

“E você é estranhamente gentil quando estou com sono”, digo.

“Não, sou gentil porque te amo”, ele sussurra. Eu relaxo. “Durma, linda.”

Ele dá um beijinho na minha testa. Estou cansada demais para tentar qualquer outra coisa.

Na manhã seguinte, a luz do sol que entra no quarto é forte. Quando me viro para esconder o rosto no ombro de Hardin, ele suspira dormindo e me puxa para mais perto. Pego no sono e, quando acordo de novo, ele está olhando para o teto. Seus olhos estão entreabertos e sua expressão é indecifrável.

“Tudo bem?”, pergunto, chegando mais perto e me aconchegando nele.

“Tudo bem”, ele responde, mas percebo que está mentindo.

“Hardin, se estiver acontecendo alguma coisa…”, eu começo.

“Não é nada, estou bem.” Decido deixar para lá. Ficamos bem até agora, e é um recorde para nós. Não quero estragar isso. Levanto a cabeça e dou um beijo ao lado de seu queixo, e ele me abraça mais forte.

“Tenho que fazer algumas coisas hoje, então, quando estiver pronta, pode me

deixar em casa?”, ele pergunta. Sinto um frio na barriga, percebendo sua voz distante.

“Claro”, respondo, e saio de seus braços. Ele tenta segurar meu punho, mas eu me movo depressa demais. Pego minha bolsa e vou ao banheiro trocar de roupa e escovar os dentes. Passamos um tempo em nossa pequena bolha, e temo que, sem essa proteção, ele não seja o mesmo.

Fico aliviada por não encontrar Landon e Dakota no corredor, e ainda mais aliviada por Hardin estar vestido quando volto. Quero acabar logo com isso. Ele tirou os cacos de vidro do chão e o teclado está na lata de lixo. O

abajur e o computador estão empilhados ali perto.

No andar de baixo, eu me despeço de Ken e Karen, mas Hardin sai sem dizer nada. Garanto que ele vai ao casamento, apesar do drama da noite passada. Conto sobre o computador e o abajur, mas eles não parecem se importar muito.

“Você está brava?”, Hardin pergunta depois de dez minutos de silêncio.

“Não.” Não estou brava, só… nervosa. Sinto que algo mudou entre nós e não estava esperando por isso.

“Parece que está.”

“Mas não estou.”

“Precisa me dizer se estiver.”

“Você parece distante e agora quer ir para sua casa. Pensei que estivesse tudo bem entre nós”, eu digo.

“Você está brava porque tenho coisas para fazer hoje?” Quando ele diz isso, percebo como estou sendo ridícula e obsessiva. É por isso que estou chateada?

Porque ele não vai passar o dia comigo?

“Talvez”. Dou risada da minha própria tolice. “Só não quero que você se afaste de mim.”

“Não estou me afastando… não é essa minha intenção, pelo menos. Sinto muito se você se sentiu assim.” Ele pousa a mão na minha coxa. “Nada vai mudar, Tessa.”

As palavras dele me acalmam, mas ainda há certa incerteza por trás do meu sorriso.

“Você quer ir comigo?”, ele pergunta por fim.

“Não, tudo bem. Preciso estudar um pouco.”

“Certo, Tess, você precisa se lembrar de que essa situação é nova para mim. Não estou acostumado a ter que pensar em outras pessoas quando faço planos.”

“Eu sei.”

“Posso ir ao dormitório quando acabar, ou podemos jantar, alguma coisa assim.”

Levo a mão ao rosto dele e a desço por seus cabelos despenteados. “Tudo bem, de verdade, Hardin. Avisa quando terminar e aí decidimos o que fazer.”

Quando paramos na frente da casa dele, Hardin se inclina e me dá um beijo rápido, então sai do carro.

“Mando uma mensagem”, ele diz, e sobe a escada daquela maldita casa.



73

O vazio que sinto depois de deixar Hardin em casa é estranho, e faz com que eu me sinta meio ridícula. Depois do trajeto curto de volta ao dormitório, sinto como se o tivesse deixado há horas. Steph não está no quarto quando chego, mas fico contente. Preciso estudar e me preparar para meu primeiro dia na editora. Tenho que decidir o que vestir, o que levar, o que vou dizer.

Pego minha agenda, planejo minha semana toda e então começo a pensar nas roupas. No primeiro dia na editora vou usar minha saia preta nova, uma blusa vermelha e sapatos pretos de salto não muito alto, mas mais altos do que eu pensaria em usar dois meses atrás. A roupa é muito profissional, mas ainda

feminina. Distraída, penso se Hardin vai gostar.

Para não pensar nele, termino todos os trabalhos da semana e mais alguns.

Quando acabo, o sol já desapareceu e estou faminta, mas a lanchonete do campus está fechada. Hardin ainda não enviou uma mensagem, então acho que não vamos jantar.

Pego a bolsa e saio para comer alguma coisa. Eu me lembro de ter visto um restaurante chinês perto da pequena biblioteca, mas quando chego o lugar está fechado. Pesquiso os restaurantes mais próximos e encontro um lugar chamado Ice House. Quando chego lá, é pequeno e parece feito de alumínio, mas estou com fome, e pensar em encontrar outro lugar para comer faz meu estômago roncar ainda mais. Saio e percebo que é um tipo de bar que serve comida. Está bem cheio, mas, para minha surpresa, encontro uma mesa pequena no fundo.

Ignoro os olhares das pessoas ali, que devem estar se perguntando por que estou sozinha. Estou acostumada com isso. Não sou do tipo que precisa sempre de companhia. Saio para fazer compras sozinha, como sozinha, fui ao cinema sozinha algumas vezes, quando Noah não podia ir comigo. Nunca tinha me importado em ficar sozinha… até agora, para ser sincera. Sinto falta de Hardin mais do que deveria, e me preocupa o fato de ele não ter se dado ao trabalho de enviar uma mensagem.

Faço o pedido e, enquanto espero a comida, a garçonete traz um drinque cor-de-rosa com um guarda-chuvinha amarelo.

“Eu não pedi isso”, digo, mas ela coloca o copo na minha frente mesmo assim.

“Ele pediu.” A garçonete sorri e inclina a cabeça em direção ao bar. No mesmo instante, torço para que seja Hardin e viro a cabeça para olhar. Mas não é. Zed acena e abre um sorriso lindo do outro lado do salão. Nate se aproxima e se senta no banco vazio ao lado dele, e também sorri para mim.

“Ah, obrigada”, digo a ela. Parece que todos os lugares perto desse campus permitem que menores de idade bebam, ou talvez esses caras só frequentem lugares onde possam beber. Ela diz que meu pedido vai chegar daqui a pouco e se afasta.

Alguns momentos depois, Zed e Nate se aproximam, puxam uma cadeira cada

um e se sentam. Espero que Zed não esteja bravo comigo pelo que aconteceu na sexta-feira.

“Você é a última pessoa que esperaria ver aqui, ainda mais num domingo”, Nate diz.

“Foi por acaso. Eu ia ao restaurante chinês, mas estava fechado”, digo.

“Você viu Hardin por aí?”, Zed pergunta com um sorriso antes de olhar para Nate, que olha para ele de modo misterioso e então se vira para mim.

“Não. E vocês?”, pergunto a eles. Está claro, na minha voz, que estou irritada.

“Vimos faz algumas horas, mas ele deve chegar logo”, Nate responde.

“Aqui?”, pergunto. Minha comida chega, mas perdi o apetite. E se Molly estiver com ele? Não vou aguentar, não depois do fim de semana que acabamos de ter juntos.

“Sim, a gente vem sempre aqui. Posso telefonar para ele para saber quando vai chegar”, Zed sugere, mas eu recuso.

“Não, tudo bem. Na verdade, já estou indo embora.” Olho ao redor procurando a garçonete para pedir a conta.

“Não gostou da bebida?”, Zed pergunta.

“Na verdade, não provei. Obrigada por ter pedido para mim, mas preciso ir.”

“Vocês andaram brigando de novo?”, ele pergunta.

Nate faz menção de dizer algo, mas Zed lança a ele um olhar do outro lado da mesa. O que está acontecendo? Zed toma um gole da bebida e olha para Nate de novo.

“Ele disse alguma coisa?”, pergunto.

“Nada, só que vocês estão se entendendo melhor agora”, Zed diz. O bar, que já é pequeno, parece ainda menor agora, e estou desesperada para ir embora.

“Ah, ali estão eles!”, Nate diz.

Olho para a porta e vejo Hardin, Logan, Tristan, Steph e Molly… Eu tinha certeza. Sei que são amigos, e não quero parecer controladora nem nada assim, mas não suporto ver Hardin perto daquela garota.

Quando Hardin me vê, parece surpreso e quase temeroso. De novo, não. A

garçonete se aproxima enquanto caminham em direção à nossa mesa.

“Pode embrulhar para viagem e trazer a conta, por favor?”, peço a ela, que parece surpresa, então olha para todos que acabaram de chegar e concorda, voltando com meu prato para a cozinha.

“Você já vai?”, Steph pergunta. Os cinco se sentam à mesa ao lado da nossa. Eu me recuso a olhar para Hardin. Odeio ver como fica diferente quando está com os amigos. Por que não pode ser o mesmo Hardin com quem passei o fim de semana?

“Eu… tenho que estudar”, minto.

Ela sorri. “Você deveria ficar… Já estuda demais!”

A pouca esperança que tinha de que Hardin me abraçasse e me dissesse que sentiu minha falta desaparece. A garçonete chega com minha comida, e eu entrego a ela uma nota de vinte e me levanto para sair.

“Bom, tchau para vocês”, digo. Olho para Hardin e de novo para o chão.

“Espera”, Hardin diz. Eu me viro e olho para ele. Por favor, que não faça um comentário grosseiro nem beije Molly de novo.

“Você não vai me dar um beijo de boa-noite?”

Ele sorri. Olho em volta e todos os amigos dele parecem um pouco surpresos e confusos. “O-o quê?”, pergunto, gaguejando. Endireito os ombros e olho para ele de novo.

“Não vai me dar um beijo antes de sair?” Ele se levanta e caminha na minha direção. Eu queria isso, mas agora me sinto desconfortável com todo mundo olhando.

“Hum…” Não sei o que dizer.

“Por que daria?” Molly ri. Meu Deus, não suporto essa menina.

“Porque eles estão juntos, claro”, Steph diz a ela.

“O quê?”, diz Molly.

“Cala a boca, Molly”, Zed diz, e sinto vontade de agradecer, mas alguma coisa em sua voz me faz achar estranhas as palavras que escolheu. Isso é mais do que desconfortável.

“Tchau, pessoal”, digo de novo e caminho em direção à porta.

Hardin me segue e segura meu braço para me impedir. “Por que você vai embora? E por que está aqui, para começo de conversa?”

“Bom, eu estava com fome e vim aqui para comer. Agora estou saindo porque você estava me ignorando e eu…”

“Eu não estava ignorando você, só não soube o que dizer ou fazer. Não pensei que veria você aqui, fui pego de surpresa”, ele explica.

“Sim, com certeza. Você não me enviou nenhuma mensagem o dia todo e agora está aqui com Molly.” Minha voz sai mais estridente do que eu pretendia.

“E Logan, Tristan e Steph. Não só com Molly”, ele diz.

“Eu sei… mas vocês têm um passado e isso me incomoda.” Certamente

quebrei o recorde de crise de ciúme mais rápida.

“É o que você disse: passado. Não foi nada como isto… como nós”, ele diz.

Suspiro. “Eu sei, mas não consigo me controlar.”

“Eu sei. Como acha que me senti quando entrei e vi você sentada com Zed?”

“Não é a mesma coisa. Você e Molly dormiram juntos.” Só dizer isso já dói.

“Tess…”

“Eu sei, é loucura, mas não consigo controlar.” Desvio o olhar.

“Não é loucura. Eu entendo. Só não sei o que fazer em relação a isso.

Molly faz parte do grupo e provavelmente sempre vai fazer.”

Não sei o que esperava que ele dissesse, mas esse “foi mal” não serve.

“Certo.” Eu deveria estar feliz por ele ter contado a todo mundo que estamos juntos, mas a coisa toda é esquisita.

“Vou nessa”, digo a ele.

“Então vou com você.”

“Tem certeza de que quer deixar seus amigos?”

Ele revira os olhos e me acompanha até o carro. Tento esconder meu sorriso quando entramos. Pelo menos sei que prefere ficar comigo a ficar com Molly.

“Você chegou faz tempo?”, Hardin pergunta quando saio do estacionamento.

“Uns vinte minutos.”

“Ah. Você não marcou com Zed lá, né?”

“Não. Foi o único lugar aberto que encontrei. Não fazia ideia de que ele estava ali, ou de que você ia aparecer. Afinal, você não me escreveu.”

“Ah”, Hardin diz e faz uma pausa. Ele olha para mim de novo e diz: “Sobre o que vocês conversaram?”.

“Nada. Ele ficou cinco minutos na minha mesa e logo vocês chegaram.

Por quê?”

“Só curiosidade.” Ele tamborila os dedos no joelho. “Senti saudade hoje.”

“Eu também”, digo quando entramos no campus. “Estudei bastante e preparei tudo para meu primeiro dia na editora.”

“Você quer que eu leve você até lá amanhã?”

“Não, foi para isso que comprei o carro, lembra?” Dou risada.

“Mesmo assim, eu poderia levar você”, ele oferece quando chegamos no quarto e entramos.

“Não, tudo bem. Vou dirigindo. Mas obrigada mesmo assim.”

Quando estou prestes a perguntar o que ele fez o dia todo, e por que não enviou uma mensagem se sentiu tanto minha falta, paro de respirar porque o pânico me domina.

Minha mãe está de pé na frente da minha porta, com os braços cruzados e

parecendo furiosa.



74

Os olhos de Hardin seguem os meus e se arregalam ao vê-la. Ele pega minha mão, mas eu a afasto e dou um passo à frente. “Oi, mã…”

“O que está acontecendo?!”, ela grita quando nos aproximamos.

Quero encolher e sumir.

“O quê?” Ainda não sei o que ela sabe, então permaneço em silêncio.

Quando ela está nervosa, seus cabelos loiros parecem mais claros e grudados em seu rosto perfeitamente carrancudo.

“Onde você está com a cabeça, Theresa? Noah tem me evitado há duas semanas, mas encontrei a sra. Porter no mercado. E você sabe o que ela disse? Que vocês terminaram! Por que não me contou? Precisei descobrir do jeito mais humilhante!”, ela grita.

“Não é nada demais, mãe”, eu digo, e ela se assusta. Hardin fica atrás de mim, mas sinto sua mão nas minhas costas.

“Não é nada demais? Como você ousa…? Vocês estão juntos há anos. Ele é bom com você, Tessa. Tem um futuro e vem de uma ótima família!” Ela para e respira um pouco, mas eu não interrompo, sabendo que tem mais a dizer.

Ela se endireita e fala com o máximo de calma que consegue. “Felizmente, acabei de conversar com ele, que concordou em voltar, apesar do seu comportamento promíscuo.”

A raiva ferve dentro de mim. “Como eu ouso? Não sou obrigada a ficar com Noah. E o que a família dele tem a ver? Eu não estava feliz, e é só isso que importa. E não acredito que falou com ele sobre isso… Não sou criança!”

Passo por ela para abrir a porta. Hardin me segue e minha mãe vem logo atrás.

“Você não faz ideia de como está sendo ridícula. E agora aparece aqui com… esse… esse… punk! Olhe para ele, Tessa! É assim que você se rebela contra mim? Fiz alguma coisa para me odiar?”

Hardin está de pé perto da cômoda com a mandíbula tensa e as mãos enfiadas nos bolsos. Se ela soubesse que o pai dele é o reitor e tem ainda mais dinheiro do que a família do Noah… Mas não vou contar, porque isso não é importante.

“Não tem nada a ver com você! Por que sempre acha que tudo está relacionado a você?” As lágrimas querem escapar, mas me recuso a permitir que minha mãe consiga me abalar. Odeio chorar quando estou brava, porque

faz com que pareça fraca, mas não consigo controlar.

“Você tem razão, não tem nada a ver comigo… tem a ver com seu futuro!

Você tem que pensar nisso, não apenas em como está se sentindo agora. Sei que ele parece divertido e perigoso, mas você não tem futuro nenhum aqui!”

Ela aponta para Hardin. “Não com ele… essa aberração!”

Quando percebo, estou bem diante do rosto da minha mãe. Hardin dá um passo à frente e me puxa pelo cotovelo para me afastar dela. “Não fala assim dele!”, grito.

Os olhos da minha mãe estão arregalados e vermelhos. “Quem é você?

Minha filha nunca falaria comigo desse jeito! Ela nunca jogaria tudo pela janela e seria assim desrespeitosa!”

Começo a me sentir culpada, mas é exatamente o que ela quer, e preciso lutar contra isso para defender o que eu quero. “Não estou jogando nada pela janela! Meu futuro não está nem em questão aqui. Estou estudando e vou começar um estágio ótimo amanhã! Você está sendo muito egoísta vindo aqui para tentar fazer com que eu me sinta mal por estar feliz. Ele me faz feliz, mãe, e, se não consegue aceitar isso, é melhor ir embora.”

“Como é?”, ela vocifera, mas a verdade é que estou tão surpresa com o que acabei de dizer quanto ela. “Você vai se arrepender disso, Theresa! Nunca achei que me daria tamanho desgosto!”

O quarto começa a girar. Não estava preparada para entrar numa guerra com minha mãe, não hoje, pelo menos. Sabia que seria uma questão de tempo até que descobrisse tudo, mas não pensei que seria agora.

“Sabia que havia alguma coisa acontecendo desde a primeira vez que vi esse garoto aqui. Só não pensei que você abriria as pernas tão depressa!”

Hardin se coloca entre nós. “Você está levando isso longe demais”, ele avisa com um olhar intenso. Talvez ele seja a única pessoa capaz de pôr minha mãe para correr.

“Fica fora disso!”, ela diz, cruzando os braços de novo. “Se continuar a ver esse garoto, nossas relações estão cortadas, e duvido que consiga pagar a faculdade sozinha. Só este quarto me custou uma fortuna!”, ela grita.

Fico abismada por ela chegar a esse ponto. “Está ameaçando meus estudos porque não aprova o cara que eu amo?”

“Ama?” Ela ri. “Ah, Theresa, como você é ingênua. Você não faz ideia do que é o amor.” Ela ri, emitindo um som que mais parece a risada de um louco. “E você acha que ele ama você?”

“Eu amo, sim”, Hardin interrompe.

“Claro que ama!” Ela joga a cabeça para trás.

“Mãe.”

“Theresa, estou avisando: se continuar se encontrando com ele, haverá consequências. Vou embora agora, mas espero um telefonema quando estiver de cabeça fria.” Ela sai batendo os pés, e seus passos ecoam no

corredor.

“Desculpa, de verdade”, digo a Hardin.

“Não precisa se desculpar.” Ele segura meu rosto com as mãos. “Estou orgulhoso do jeito como se posicionou.” Ele beija meu nariz. Olho ao redor e me pergunto como as coisas chegaram a esse ponto. Eu me encosto no peito de Hardin e ele me abraça, massageando os músculos tensos do meu pescoço.

“Não acredito que ela fez isso, não acredito que agiu assim e ameaçou não pagar minha faculdade. E ela nem paga tudo, tenho uma bolsa e consegui um financiamento estudantil. Minha mãe só paga vinte por cento, o mais pesado é o quarto. Mas e se ela parar de pagar? Vou precisar de outro emprego além do estágio.” Começo a chorar. Hardin leva a mão à minha nuca e direciona minha cabeça para baixo, para que eu chore em seu peito.

“Shh… shh… está tudo bem, vamos dar um jeito. Você pode ir morar comigo”, ele diz. Dou risada e seco os olhos. “É sério. Ou então podemos alugar um apartamento fora do campus. Tenho dinheiro.”

Olho para ele. “Você não pode estar falando sério.”

“Estou.”

“Não podemos morar juntos.” Dou risada e fungo.

“Por que não?”

“Porque nos conhecemos há poucos meses, e a maior parte do tempo passamos brigando”, eu lembro.

“Conseguimos nos dar muito bem este fim de semana.” Ele sorri e nós dois começamos a rir.

“Você é maluco. Não vou morar com você”, digo, e ele me abraça de novo.

“Pensei nisso… Quero sair da fraternidade de qualquer jeito. Eu não me encaixo ali, se você ainda não percebeu”, ele diz e ri. É verdade. O pequeno grupo de amigos dele são as únicas pessoas nas festas que não usam camisa polo e calça cáqui todo dia. “Entrei para irritar meu pai, mas não deu tão certo quanto eu esperava.”

“Você poderia ter alugado um apartamento, se não gosta da casa”, digo. De jeito nenhum vou morar com ele em tão pouco tempo.

“Sim, mas não seria tão divertido.” Hardin abre um sorriso e ergue as sobrancelhas para mim.

“Nós nos divertimos lá”, eu provoco.

Ele sorri ainda mais, então leva as duas mãos à minha bunda e aperta.

“Hardin!”, eu o repreendo, de brincadeira.

A porta se abre e eu seguro a respiração. Penso na cara furiosa da minha mãe e sinto medo de que tenha voltado para o segundo round.

Fico aliviada ao ver Steph e Tristan entrando no quarto.

“Acho que perdi algo importante. Sua mãe acabou de mostrar o dedo do meio para mim no estacionamento”, Steph diz, e não consigo controlar o

riso.



75

Steph vai para o apartamento de Tristan e Hardin acaba passando a noite em meu quarto. Passamos o resto do tempo conversando e nos beijando até ele adormecer com a cabeça no meu colo. Sonho com uma época e um lugar onde poderíamos viver juntos. Adoraria acordar toda manhã e encontrar Hardin ao meu lado, mas isso não é realista. Sou jovem demais, e seria muito prematuro.

Na manhã de segunda-feira, acordo dez minutos mais tarde, o que desestrutura minha manhã inteira. Depois de tomar banho e fazer a maquiagem depressa, acordo Hardin antes de ligar o secador de cabelo.

“Que horas são?”, ele resmunga.

“Seis e meia. Ainda tenho que secar o cabelo.”

“Seis e meia? Você só entra às nove. Volta a dormir.”

“Não, tenho que arrumar o cabelo e tomar café. Preciso sair às sete e meia, levo quarenta e cinco minutos para chegar lá.”

“Ainda assim você chegaria quarenta e cinco minutos antes. Melhor sair às oito.” Ele fecha os olhos e rola para o outro lado.

Eu o ignoro e ligo o secador. Hardin pega um travesseiro e cobre a cabeça.

Depois de enrolar os cabelos, olho minha agenda para confirmar se não esqueci nada.

“Você vai para a aula direto daqui?”, pergunto enquanto me visto.

“Provavelmente.” Ele sorri e sai da cama. “Posso usar sua escova de dente?”

“Hum, acho que sim… Compro uma nova na volta.” Ninguém nunca pediu para usar minha escova de dente. Eu me imagino colocando-a em minha boca depois de Hardin usá-la, mas não me sinto bem.

“Ainda acho que você não deveria sair antes das oito. Pensa nas coisas que poderíamos fazer em trinta minutos”, Hardin diz, e eu olho para ele e para suas covinhas tentadoras, notando o modo como olha meu corpo de cima a baixo. Vejo o volume em sua cueca e meu corpo esquenta imediatamente.

Meus dedos param no botão do meio da camisa enquanto ele atravessa o quarto preguiçosamente, parando atrás de mim. Faço um gesto para que suba o zíper da minha saia. Ele obedece, mas suas mãos passam pela minha pele nua delicadamente.

“Tenho que sair. Ainda preciso tomar café”, digo com pressa. “E se tiver

trânsito? Um acidente? Um pneu pode estourar ou posso precisar abastecer.

Talvez eu me perca ou não encontre um lugar para estacionar. Se estacionar muito longe, vou ter que andar muito e talvez fique sem fôlego, então vou precisar de alguns minutos para…”

“Você precisa se acalmar, linda. Está uma pilha de nervos.” Hardin respira perto da minha orelha. Olho para ele pelo espelho. Está sempre perfeito quando acorda, e sua sonolência o deixa mais delicado.

“Não consigo controlar. Esse estágio é muito importante para mim. Não posso correr o risco de estragar tudo.” Minha mente está a mil por hora. Vou ficar bem amanhã, quando vou saber o que esperar e puder planejar minha semana direitinho.

“Você não pode aparecer nervosa desse jeito lá. Eles vão te comer viva.”

Hardin beija meu pescoço.

“Vou ficar bem.” Assim espero. Minha pele fica toda arrepiada com a respiração quente dele em meu pescoço.

“Vou deixar você relaxada.” A voz dele está baixa e sedutora, tomada pelo sono.

“Eu…”

Hardin passa os dedos pela minha clavícula e vai descendo pelo peito.

Nossos olhos se encontram no espelho e eu suspiro, rendendo-me. “Cinco minutos?”, pergunto e imploro ao mesmo tempo.

“Só preciso disso.”

Tento me virar, mas ele me impede. “Quero que veja”, ele ronrona em meu ouvido. Sinto o formigamento familiar entre minhas pernas ao ouvir o que Hardin diz. Eu me assusto e ele passa meus cabelos por cima do ombro esquerdo e esfrega o corpo no meu, depois desce a mão até a barra da minha saia comprida.

“Que bom que você não está usando meia-calça hoje. Devo dizer que sou fã

dessa saia.” Ele a sobe até minha cintura. “Principalmente quando está assim.”

Olho para as mãos dele pelo espelho. Minha pulsação está forte. Seus dedos estão levemente frios ao entrar na minha calcinha. O contato faz com que eu me sobressalte levemente e Hardin ri com os lábios encostados em meu pescoço. Sua outra mão está em meu peito, segurando-me no lugar. Eu me sinto muito exposta, mas muito excitada também. Vê-lo me tocar leva minha mente a lugares que eu não conhecia. Seus dedos se movem lentamente dentro de mim e ele beija meu pescoço de leve.

“Olhe como você é linda”, ele sussurra contra minha pele. Eu me vejo no espelho e mal reconheço a garota à minha frente. Meu rosto está corado; meus olhos estão arregalados e excitados. Com a saia levantada e os dedos de Hardin dentro de mim, pareço diferente… até sensual.

Meus olhos se fecham e sinto um frio na barriga. Hardin continua a

carícia lenta e eu mordo o lábio inferior para conter um gemido.

“Abre seus olhos”, ele diz. Eu o encaro e isso me deixa maluca. Hardin está de pé atrás de mim, abraçando-me, observando-me reagir a seu toque, e pronto. Rolo a cabeça para trás, encostando-a no ombro dele, e minhas pernas começam a tremer.

“Isso, linda”, ele diz e me aperta, segurando-me enquanto minha visão começa a escurecer e eu digo seu nome em um gemido.

Quando abro os olhos de novo, Hardin beija minha têmpora e prende uma mecha atrás da orelha, então puxa a saia para baixo de novo. Eu me viro para ele e olho o relógio. São só sete e trinta e cinco.

Ele realmente só precisa de cinco minutos, penso e sorrio.

“Viu? Agora você está muito mais relaxada e pronta para começar sua escalada na América corporativa!” Ele sorri, obviamente orgulhoso de si mesmo. E quem pode culpá-lo?

“É verdade. Mas você é um americano terrível”, eu provoco, pegando minha bolsa.

“Não posso negar”, ele diz. “É sua última chance. Meu carro não está aqui, mas eu poderia levar você com seu carro.”

“Não, mas obrigada.”

“Boa sorte, você vai arrebentar.”

Ele me beija de novo e eu agradeço e pego minhas coisas, deixando-o em meu quarto. A manhã acabou sendo ótima, ainda que eu tenha acordado dez minutos atrasada. Não pego trânsito, então chego ao estacionamento da editora às oito e meia. Telefono para Hardin para passar o tempo.

“Tudo bem?”, ele diz do outro lado.

“Sim, já estou aqui.” Consigo imaginar um sorriso em seu rosto.

“Eu disse. Você poderia ter ficado mais dez minutos e me chupado.”

Dou risada. “Sempre um pervertido, desde cedo.”

“Sou sempre igual.”

“Não vou negar.” Ficamos discutindo suas qualidades até que chega a hora de eu entrar. Subo até o último andar, onde fica o escritório da editora, e digo meu nome à mulher da recepção.

Ela telefona para alguém e, alguns momentos depois, sorri. “O sr. Vance vai recebê-la pessoalmente. Ele virá em um segundo.”

A porta do escritório onde fui entrevistada se abre, e o próprio sr. Vance sai dali. “Srta. Young!”, ele me cumprimenta. Está vestindo um terno tão lindo que me sinto um pouco intimidada, mas feliz por estar vestida como uma profissional. Ele segura uma pasta grossa embaixo do braço.

“Olá, sr. Vance.” Sorrio e estendo a mão para cumprimentá-lo.

“Pode me chamar de Christian. Vou mostrar sua sala.”

“Sala?”, digo, assustada.

“Sim, você precisa de espaço. Não é muito grande, mas é sua. Vamos

analisar sua papelada aqui.” Ele sorri e então sai tão depressa que me esforço para segui-lo de salto. O sr. Vance vira à esquerda em um corredor cheio de pequenas salas.

“Chegamos”, ele diz. Há um crachá preto com meu nome em letras grandes e brancas ao lado da porta.

Devo estar sonhando. A sala é do tamanho do meu quarto no campus. O

sr. Vance e eu temos visões diferentes no que diz respeito a tamanho. Do lado de dentro, há uma mesa de cerejeira de tamanho médio, dois arquivos, duas cadeiras, uma estante, um computador e uma janela! Ele se senta à frente da mesa, então me sento diante dele. Vou precisar de um tempo para me acostumar com a ideia de que esta é minha sala.

“Então, srta. Young, vamos analisar quais são suas atribuições”, ele diz.

“Você vai ter que analisar dois manuscritos por semana, pelo menos. Se forem excelentes e combinarem com o que publicamos aqui, deve passar para mim. Se não valer a pena, pode descartar.”

Fico boquiaberta. Esse trabalho realmente é um sonho realizado. Vou receber para ler, e ainda matar horas de estágio.

“Começaremos com quinhentos dólares por semana. Depois dos noventa dias de experiência, você vai receber um aumento.”

Quinhentos por semana! É o suficiente para eu alugar um apartamento.

“Obrigada. É muito mais do que eu esperava”, digo. Quero telefonar para Hardin e contar tudo assim que possível.

“O prazer é meu. Tenho ótimas referências, sei que você vai ser uma boa funcionária. E espero que consiga convencer Hardin de que esta editora é legal, para que ele volte a trabalhar para mim”, ele diz, brincando.

“O quê?”

“Hardin trabalhava aqui antes de ir para a Bolthouse. Ele começou como estagiário no ano passado, era ótimo, e eu o contratei rapidamente. Mas

ofereceram mais dinheiro a ele e o deixaram trabalhar de casa. Hardin disse que não gostava do ambiente de escritório, por isso aceitou. Vai entender…”

Ele sorri e mexe no relógio.

Dou risada, nervosa. “Vou lembrar a ele como aqui é incrível.” Eu não fazia ideia de que Hardin trabalhava. Ele nunca me contou.

O sr. Vance desliza a pasta sobre a mesa para mim. “Vamos resolver essa papelada.”

Depois de trinta minutos de “assine aqui” e “rubrique aqui”, finalmente terminamos, e o sr. Vance me deixa para que me “familiarize” com o computador e o escritório.

Mas, assim que ele sai e fecha a porta, só consigo dar um gritinho, girar na minha cadeira nova, na minha mesa nova, na minha sala nova!



76

Quando volto para o carro depois do primeiro dia, que não poderia ter sido melhor, telefono para Hardin, mas ele não atende. Quero contar que a manhã foi incrível e perguntar por que não me contou que trabalhou na editora e agora trabalha de casa para a concorrência.

Quando chego ao campus, ainda é uma da tarde. Fui dispensada cedo, porque estavam todos ocupados com reuniões de diretoria ou algo assim.

Tenho o dia todo livre, então acabo indo ao shopping dar uma volta. Depois de entrar e sair de quase todas as lojas, entro na Nordstrom, pensando em comprar mais umas roupas para o estágio. Lembro-me de Hardin e eu na frente do espelho logo cedo, e penso que devia comprar calcinhas e sutiãs novos. Minha roupa íntima é muito simples e já está meio velha. Hardin parece não se incomodar, mas adoraria ver seu rosto se tirasse a blusa e estivesse vestindo um sutiã que não fosse preto ou branco liso. Procuro nas araras e encontro alguns conjuntos interessantes. Meu preferido é um corde-rosa, feito quase totalmente de renda. Fico corada só de tirá-lo da arara, mas gosto muito dele. Uma

vendedora de cabelos enrolados e um batom vermelho demais se aproxima para me ajudar.

“Ah, esse é lindo, mas o que acha deste?”, ela diz, então pega algo que parece um emaranhado de fios pink em um cabide.

“Hum… não é bem meu estilo”, digo, olhando para o chão.

“Você prefere peças com mais pano?”, ela pergunta. Por que preciso discutir minhas preferências no que diz respeito à roupa íntima? Não poderia ser mais humilhante.

“Você deveria ver as tipo shorts. São sexy, mas não demais”, ela diz, então mostra o conjunto cor-de-rosa que estou segurando com uma calcinha diferente. Calcinha tipo shorts. Nunca liguei muito para lingerie, porque ninguém via a minha. Não imaginava que fosse tão desconfortável e complicado comprar.

“Certo.” Eu concordo e ela pega mais alguns da arara: um preto, um branco e um vermelho. O vermelho é um pouco chocante para mim, mas devo admitir que desperta minha curiosidade. Até mesmo o branco e o preto são um tanto exóticos, porque são de renda.

O sorriso da vendedora é largo e assustador. “Experimente. São do mesmo estilo.” Concordo educadamente e pego as peças da mão dela, torcendo para

que não me siga quando eu me afastar. Aliviada por estar sozinha, procuro entre as araras e encontro alguns vestidos e sapatos finos e confortáveis.

Tenho que pedir à moça da caixa registradora para repetir três vezes o total antes de finalmente pagar. Lingerie pode ser muito mais cara do que eu imaginava. É melhor Hardin gostar do que comprei.

Quando volto para o quarto, Steph não está e Hardin ainda não ligou, então decido tirar um cochilo. Guardo minhas roupas novas e apago a luz.

Acordo com um toque desconhecido. Eu me viro e abro os olhos. Hardin está sentado na cadeira com os pés sobre a cômoda de Steph.

“Foi bom o cochilo?”, ele pergunta com um sorriso.

“Foi. Como você entrou aqui?” Esfrego os olhos.

“Peguei minha chave de novo com Steph.”

“Ah. Há quanto tempo está aqui?”

“Meia hora. Como foi seu dia na editora? Pensei que chegaria mais tarde, ainda são seis. Mas aqui está você, desmaiada e roncando. Não pode ter sido um longo dia.” Ele ri.

Eu me apoio no cotovelo e olho para ele. “Foi ótimo. Tenho uma sala só para mim, com meu nome na parede e tudo. Nem consigo acreditar! É

incrível! Vou receber muito mais do que pensei, e para ler manuscritos. Não é perfeito? Só estou com medo de estragar as coisas, porque tudo parece perfeito demais”, digo.

“Nossa, Vance deve gostar de você.” Ele levanta uma sobrancelha. “Mas você vai se dar bem, não se preocupe.”

“Ele disse que você trabalhou lá”, comento, testando sua reação.

“Imaginei que diria.”

“Por que você não me contou? E por que não me disse que trabalha?

Como consegue tempo para isso?”

“Você faz muitas perguntas.” Hardin passa as mãos pelos cabelos. “Mas vou responder. Não contei porque… bem, não sei por quê. E tenho tempo para trabalhar. Sempre que não estou com você, tenho tempo.”

Eu me sento de pernas cruzadas e olho para ele. “O sr. Vance gosta muito de você. Disse que quer que você volte para a editora.”

“Imagino, mas não vou voltar. Estou ganhando mais e tenho menos trabalho”, ele se gaba. Reviro os olhos.

“Fala mais sobre o trabalho. O que você faz exatamente?”

Ele dá de ombros. “Leio manuscritos e edito. A mesma coisa que você, mas eu

me envolvo mais no processo.”

“E você gosta?”

“Sim, Tessa, eu gosto.” Seu tom de voz é um pouco ríspido.

“Que bom. Quer trabalhar para a Portland Independent quando se formar?”

“Não sei o que quero fazer.” Ele revira os olhos.

“Eu disse alguma coisa errada?”, pergunto.

“Não, mas você faz perguntas demais.”

“Você acha?”

“Você não precisa saber todos os detalhes da minha vida”, Hardin diz.

“Só estou puxando assunto, conversando casualmente sobre seu trabalho”, digo. “As pessoas fazem isso. Desculpa por me interessar pelo seu dia a dia.”

Hardin não diz nada. Qual é o problema dele? Tive um dia incrível e a última coisa que quero é brigar. Olho para o teto e também fico calada.

Acabo contando os quadrados do revestimento, noventa e cinco, e quarenta parafusos.

“Preciso tomar um banho”, digo, por fim.

“Então vai”, ele diz.

Reviro os olhos e pego minha nécessaire. “Sabe, pensei que você tinha superado isso, essa coisa de ser um idiota sem motivo”, digo, então saio do quarto.

Demoro no banho, raspo as pernas para poder usar amanhã o vestido que comprei, no meu primeiro dia de trabalho de verdade na editora. Estou mais do que nervosa, mas minha animação supera tudo. Gostaria muito que Hardin não estivesse sendo tão chato. Só perguntei a ele sobre o emprego que eu não sabia que tinha. Gostaria de poder falar sobre isso, mas tem muita coisa de Hardin que não sei, o que me deixa bem desconfortável.

Tento pensar num jeito de explicar isso a ele, mas, quando volto ao quarto, ele foi embora.



77

Estou mais do que irritada com a atitude desnecessária de Hardin, mas tento me esquecer dela enquanto desembaraço os cabelos molhados e visto a lingerie cor-de-rosa que comprei. Coloco uma camiseta e me organizo para amanhã. Fico imaginando aonde ele pode ter ido. Sei que estou obcecada e meio maluca, mas não consigo parar de pensar que pode estar com Molly.

Enquanto decido se devo ou não ligar, recebo uma mensagem de Steph dizendo que vai passar a noite fora. Ela devia morar com Tristan e Nate, porque passa cinco noites por semana lá e o namorado a adora. Ele provavelmente conta tudo a ela sobre o trabalho, não é grosseiro nem vai embora sem qualquer motivo.

“Steph tem muita sorte”, digo a mim mesma, pegando o controle remoto.

Meus dedos apertam os botões distraidamente e acabo parando num capítulo de Friends que já vi pelo menos cem vezes. Não consigo me lembrar da última vez que vi TV, mas é bom ficar deitada na cama assistindo a uma comédia despretensiosa, para esquecer a última briga sem sentido com Hardin.

Depois de alguns episódios de algumas séries, sinto meus olhos pesarem.

Em meu estado sonolento, minha raiva desaparece, e mando uma mensagem de boa-noite para Hardin, mas pego no sono sem ter recebido resposta.

“Merda.” Um som alto de batida me acorda. Eu me assusto e acendo o abajur, então vejo Hardin, cambaleante, tentando entrar no quarto escuro.

“O que está fazendo?”, pergunto.

Quando ele olha para a frente, vejo seus olhos vermelhos e vidrados.

Hardin está bêbado. Ótimo.

“Vim ver você”, ele diz e se senta na cadeira.

“Por quê?”, resmungo. Quero que fique comigo, mas não que apareça bêbado às duas da madrugada.

“Porque senti sua falta.”

“Então por que saiu?”

“Porque você estava me irritando.”

Ai. “Certo, vou dormir. Você está bêbado e certamente vai ser um babaca de novo.”

“Não sou um babaca, Tessa. E não estou bêbado… Bom, estou, mas e daí?”

“Não me importo que você esteja bêbado, mas amanhã tenho aula e preciso dormir.” Eu passaria a noite acordada com ele se soubesse que não me machucaria com suas palavras.

“Amanhã tenho aula”, ele me imita. “Você é muito quadrada.” Hardin ri como se tivesse acabado de dizer a coisa mais engraçada do mundo.

“É melhor ir embora”, digo e me deito, virando para a parede. Não gosto desse Hardin. Quero meu Hardin meigo de volta. Não esse idiota bêbado.

“Ah, linda, não fica brava comigo”, ele diz, mas eu o ignoro. “Você quer mesmo que eu vá? Sabe o que acontece quando durmo sem você”, ele completa, quase num sussurro.

Sinto o coração amolecer. Sei o que acontece, mas não é justo que use isso contra mim quando está sendo um bêbado chato.

“Tudo bem. Você pode ficar, mas vou voltar a dormir.”

“Por quê? Não quer ficar conversando comigo?”

“Você está bêbado e está sendo um babaca”, eu digo, virando para ele.

“Não estou sendo um babaca”, ele diz, com a expressão neutra. “Só disse que você estava me irritando.”

“Não é algo legal de dizer. Principalmente porque só perguntei sobre seu

trabalho.”

“Ai, Deus, esse papo de novo, não. Deixa isso pra lá, Tessa. Não quero falar sobre esse assunto.” Sua voz está estridente e ele arrasta as palavras.

“Por que você bebeu?” Não me importo que beba; não sou a mãe de Hardin e ele já é adulto. O que me incomoda é que só bebe quando tem um motivo para isso. Nunca é só por diversão.

Ele desvia o olhar para a porta, como se planejasse escapar. “Eu… eu não sei… Só gosto de tomar uma… bom, umas. Pode parar de ficar brava comigo?

Eu te amo”, ele diz, olhando em meus olhos.

Suas palavras dissolvem a maior parte da minha raiva e de repente quero ficar abraçada com ele.

“Não estou brava com você, só não quero que a gente ande para trás. Não gosto quando é grosso comigo sem motivo e vai embora. Se está bravo, quero que converse comigo a respeito.”

“Você sempre precisa controlar tudo”, ele diz, e depois parece se arrepender um pouco.

“Como?”

“Você é muito controladora.” Ele dá de ombros, como se fosse um fato.

“Não sou, não. Só gosto das coisas de determinado jeito.”

“Sim, do seu jeito.”

“Bom, então acho que vamos continuar brigando. Tem mais alguma coisa que você queira jogar na minha cara?”, provoco.

“Não, só que você é muito controladora e quero muito que vá morar comigo.”

O quê? A mudança de assunto me deixa perdida.

“Você deveria ir morar comigo… encontrei um apartamento hoje. Ainda não assinei nada, mas é um lugar legal.”

“Quando?” É difícil acompanhar as cinco personalidades de Hardin Scott.

“Quando saí daqui.”

“Antes de se embebedar?”, pergunto.

Ele revira os olhos. A luz do abajur reflete o metal do piercing na sobrancelha, e eu me esforço para ignorar o fato de que é muito atraente.

“Sim, antes de beber. E aí, o que me diz? Vai morar comigo?”

“Sei que você é novo nesse lance de namorar, mas um não costuma ofender o outro e propor que morem juntos na mesma frase”, digo, mordendo o lábio inferior para conter um sorriso.

“Bom, às vezes a namorada precisa aprender a pegar leve”, ele sorri. Até bêbado Hardin é charmoso.

“Bom, então o namorado precisa parar de ser babaca”, digo, para me vingar.

Ele ri, sai da cadeira e caminha até a cama. “Estou tentando não ser um babaca, de verdade. Às vezes, não consigo.” Hardin se senta na beirada da cama. “Sou muito, muito bom nisso!”

“Eu sei”, suspiro. Independentemente desse episódio de hoje, sei que está tentando ser mais gentil. Não quero dar desculpas por ele, mas tem se saído muito melhor do que eu esperava.

“Então, você vai morar comigo?” Hardin sorri, esperançoso.

“Meu Deus, vamos dar um passo de cada vez. Por enquanto, vou parar de ficar brava com você”, digo e me sento. “Vem pra cama comigo.” Ele ergue uma sobrancelha, como se dissesse “Viu? Controladora!”, mas se levanta e tira a calça jeans mesmo assim. Quando tira a camiseta, ele a estende para mim, e eu adoro o fato de Hardin querer que eu vista suas camisetas tanto quanto eu.

Tiro a minha para vestir a dele, mas Hardin me interrompe.

“Porra”, ele diz, e eu olho para a frente. “O que é isso?” Seus olhos estão arregalados e parecem intensos.

“Eu… comprei lingerie nova hoje.” Fico corada e desvio o olhar.

“Estou vendo… Porra”, ele repete.

“Você já disse isso.” Dou risada. Os olhos dele brilham para mim, fazendo minha pele formigar.

“Você está incrível”, ele diz. “Sempre está, mas isso é…”

Com a garganta seca, olho para o volume em sua cueca. O clima entre nós mudou pela quinta vez hoje.

“Eu pretendia mostrar isso mais cedo, mas você estava ocupado sendo um babaca.”

“Hum…”, Hardin murmura, claramente sem prestar atenção no que estou

dizendo. Ele apoia um joelho na cama e olha meu corpo de cima a baixo de novo antes de subir em cima de mim.

Sua boca tem gosto de uísque e hortelã, uma combinação deliciosa. Nossos beijos são suaves e provocantes, e nos afastamos de tempos em tempo, a língua dele procurando a minha em seguida. Hardin segura meus cabelos e consigo sentir sua ereção pressionando minha barriga quando aproxima o corpo do meu. Ele os solta para se apoiar no cotovelo e usar a outra mão para me tocar. Seus dedos compridos percorrem a lateral do meu sutiã de renda, entram e saem dali. Hardin lambe os lábios enquanto envolve meus seios com as mãos grandes, acariciando-os sem parar.

“Não consigo decidir se quero que você fique com isto…”, ele diz. Eu não me importo nem um pouco. Estou hipnotizada por seus dedos habilidosos em minha pele.

“Tira”, ele diz, e solta o fecho. Arqueio as costas para ajudá-lo, e Hardin geme quando encosta o pênis em mim.

“O que você quer fazer, Tess?” A voz dele está trêmula e descontrolada.

“Eu já disse”, respondo, e ele puxa minha calcinha para o lado. Gostaria que não tivesse bebido hoje, mas seu estado embriagado me deixa com menos vergonha.

Grito quando seus dedos me penetram e jogo um dos braços em volta dele, tentando me segurar em alguma coisa, qualquer coisa. Com a outra mão, seguro seu pênis. Ele geme e aperto um pouco, então faço um movimento leve.

“Você tem certeza?”, Hardin diz ofegante. Consigo perceber a incerteza em seus olhos verdes.

“Sim, tenho certeza. Não pensa demais.” Caramba, a situação se inverteu, e agora sou eu quem diz isso a ele.

“Eu te amo. Você sabe disso, certo?”

“Sei.” Volto a beijá-lo. “Eu te amo, Hardin.”

Ele continua enfiando e tirando devagar os dedos, então leva sua boca ao meu pescoço. Chupa minha pele com força, depois escorrega a língua sobre a região para diminuir a dor. Faz isso várias vezes, e meu corpo fica em chamas.

“Hardin, eu vou…”, começo a dizer, e ele rapidamente tira a mão e me beija enquanto solto gemidos. Ele puxa a calcinha para baixo. Apoia as duas mãos nas minhas coxas e aperta com cuidado antes de beijar minha barriga e ir descendo até a região molhada. Meu corpo involuntariamente se ergue na cama e ele movimenta a língua para cima e para baixo enquanto abraça minhas coxas, mantendo-as separadas. Em poucos segundos, minhas pernas começam a tremer e agarro os lençóis enquanto ele continua me chupando.

“Isso é bom?”, Hardin pergunta com a cabeça entre minhas pernas.

Gemidos escapam de meus lábios enquanto eu tento dizer alguma coisa,

qualquer coisa. Hardin fala obscenidades e me lambe entre uma e outra, num padrão delicioso. Meu corpo treme e meus dedos dos pés se contraem.

Quando recobro a consciência, ele me beija, e o gosto de sua boca é estranho. Minha respiração está ofegante.

“Você tem…”, ele começa.

“Shhh… Sim, tenho certeza”, digo e o beijo, com força. Minhas mãos arranham as costas dele, e então puxam sua cueca para baixo. Ele suspira ao se ver livre da

peça, e nós dois gememos quando nossas peles se tocam de novo.

“Tessa, eu…”

“Shh…”, digo a ele de novo. Quero isso mais do que qualquer coisa, e preciso que pare de falar.

“Tessa, preciso dizer uma coisa…”

“Shh, Hardin, por favor, para de falar”, eu imploro e o beijo de novo.

Seguro seu pênis e escorrego a mão, subindo e descendo. Ele fecha os olhos e respira fundo. O instinto toma conta de minhas atitudes e eu passo o polegar sobre a cabeça, na umidade presente ali, e o sinto latejar na minha mão.

“Vou gozar se você fizer isso de novo”, Hardin diz. De repente, ele se afasta e sai da cama. Antes que eu possa perguntar aonde está indo, Hardin pega um pacotinho da calça jeans.

Isso vai mesmo acontecer.

Sei que deveria sentir medo ou nervosismo, mas só sinto meu amor por ele, e o dele por mim.

A ansiedade a respeito do que vai acontecer toma conta de mim, e o tempo parece andar mais devagar enquanto espero que volte para a cama. Sempre pensei que minha primeira vez seria com Noah, na nossa noite de núpcias.

Estaríamos em uma cama enorme em um bangalô bem chique em uma ilha tropical. Mas estou aqui em meu quarto pequeno, na minha cama pequena, com Hardin, e eu não mudaria nadinha a respeito.



78

Só vi camisinhas nas aulas de educação sexual, onde pareciam muito intimidadoras. Mas agora, aqui, só quero arrancá-la da mão de Hardin e colocá-la nele o mais rápido possível. Ainda bem que Hardin não pode ouvir meus pensamentos indecentes, apesar de suas palavras serem muito mais fortes do que

qualquer ideia minha.

“Você…” A voz dele está baixa.

“Se perguntar de novo se tenho certeza, eu mato você.”

Ele sorri e depois ri, balançando a camisinha entre o polegar e o indicador. “Eu ia perguntar se vai me ajudar a colocar ou se devo fazer isso sozinho?”

Mordo o lábio. “Ah, eu quero ajudar… mas você precisa mostrar como se faz”, eu digo, percebendo que aprender sobre preservativos na aula de educação sexual não me preparou para este momento, e não quero fazer tudo errado.

“Certo.” Nós nos sentamos na cama e eu cruzo as pernas. Ele se inclina para a frente e beija minha testa. Quando abre a embalagem, eu estendo a mão, mas Hardin só ri e balança a cabeça. “Eu mostro. É assim…” Ele pega o pequeno disco e usa nossas mãos entrelaçadas para colocar a camisinha, que é escorregadia. “Agora, é só descer”, ele diz com o rosto vermelho. Quando nossas mãos passam com a camisinha por sua pele rígida, ele estreita os olhos e fica um pouco maior.

“Nada mal para uma virgem e um bêbado”, eu digo brincando.

Hardin ergue uma sobrancelha para mim e sorri. Ainda bem que estamos brincando, assim a situação não parece tão intensa. Fico menos nervosa com o que está prestes a acontecer.

“Não estou bêbado, linda. Tomei umas, mas discutir com você me deixou sóbrio, como sempre.” Ele sorri e passa o polegar pelo meu lábio inferior.

Fico aliviada com sua resposta. Não quero que apague no meio nem que vomite em mim. Dou risada de meus pensamentos e olho para ele de novo.

Seus olhos estão focados, não vidrados como estavam há uma hora.

“E agora?”, eu digo, sem conseguir me controlar.

Hardin ri, pega minha mão e a envolve em seu pênis. “Está com vontade?”, ele provoca, e eu confirmo balançando a cabeça. “Eu também”, Hardin admite. Adoro sentir sua ereção na minha mão. Mudando de posição,

ele se coloca à minha frente. Com um joelho, abre minhas pernas, e sinto seus dedos me acariciarem.

Será que ele vai ser delicado comigo? Espero que sim.

“Você está bem molhadinha, então vai ser mais fácil.” Ele inspira e me beija lentamente, sua língua provocando a minha. Seus lábios parecem se moldar nos meus, como se feitos para mim. Hardin se afasta um pouco e beija o contorno da minha boca, depois meu nariz, e meus lábios de novo.

Levo as mãos às costas dele em uma tentativa desesperada de puxá-lo para mais perto.

“Devagar, linda, precisamos ir devagar”, ele sussurra em meu ouvido. “Vai doer no começo, então diga se quiser que eu pare. Estou falando sério, tá?”

Hardin fala isso com delicadeza e olha em meus olhos, esperando uma resposta.

“Tá”, respondo. Sei que perder a virgindade dói, mas não pode ser tão ruim. Pelo menos é o que eu espero.

Ele me beija de novo. Sinto o preservativo contra meu corpo e estremeço.

Segundos depois, Hardin me penetra…

É uma sensação estranha… Meus olhos se fecham e eu fico tensa.

“Você está bem?”

Balanço a cabeça para confirmar e ele me penetra mais. Eu me retraio ao sentir o ardor. É ruim, como todo mundo diz… ou pior.

“Porra”, Hardin geme. Seu corpo está parado, não se move, mas ainda assim é incrivelmente desconfortável.

“Posso me mexer?” Sua voz está rouca.

“Sim”, digo. A dor continua, mas Hardin beija meu corpo todo, minha boca, meu rosto, meu nariz, meu pescoço e as lágrimas que se formam no canto dos meus olhos. Procuro me concentrar em apertar seus braços e sinto sua língua quente

em meu pescoço.

“Ahhh”, ele geme, e joga a cabeça para trás. “Eu te amo, te amo muito, Tess.” Hardin respira contra meu rosto. O conforto de sua voz diminui um pouco minha dor, mas ela persiste enquanto ele movimenta o quadril.

Quero dizer que o amo muito, mas tenho medo de começar a chorar.

“Você quer que eu… porra… você quer que eu pare?” Ele hesita. Consigo perceber o prazer e a preocupação em conflito em sua voz.

Balanço a cabeça para indicar que não quero que ele pare e observo maravilhada quando fecha os olhos com força de novo. Sua mandíbula está trancada, seus músculos se contraem sob a pele tatuada. A dor desaparece quase por completo quando vejo que ele está perdendo o controle. Hardin acaricia meu rosto e me beija de novo, depois esconde a cabeça no meu pescoço. Sua respiração está ofegante, quente e descontrolada em minha pele.

Aproximando o rosto do meu, ele abre os olhos. Eu aguentaria a dor muitas vezes mais para poder me sentir assim, para experimentar essa conexão

profunda com Hardin, que me leva a lugares que não sabia que existiam. A emoção em seus olhos verdes e brilhantes quando olha dentro dos meus libera as lágrimas dos meus olhos, fazendo com que eu me perca na sensação e depois volte para ele. Eu o amo e sei, sem sombra de dúvida, que ele me ama. Ainda que não fiquemos juntos para sempre, que nunca mais nos falemos, sempre vou saber que, nesse momento, ele era tudo para mim.

Percebo que Hardin está se esforçando para se controlar, para manter um ritmo lento para mim, e eu o amo ainda mais por isso. O tempo passa mais devagar e para de novo quando ele se movimenta, entrando e saindo de mim. O gosto salgado do suor está em sua boca quando me beija, e eu quero mais. Beijo seu pescoço e o ponto logo abaixo da orelha, que sei que ele adora. Hardin estremece e geme meu nome.

“Você está se saindo muito bem, linda. Eu te amo demais.”

Parou de doer, mas ainda é desconfortável, e sinto um leve ardor sempre que ele me penetra. Beijo seu pescoço e seguro seus cabelos.

“Eu te amo, Hardin”, consigo dizer.

Ele geme e leva os lábios carnudos aos meus. “Ah, linda, eu vou gozar.

Tudo bem?”, ele diz entre os dentes.

Mexo a cabeça em concordância e beijo seu pescoço de novo, sugando a pele de leve. Os olhos de Hardin não desviam dos meus quando ele goza.

Promessas de amor eterno e incondicional são feitas enquanto ele se contrai e se deita sobre mim. Consigo sentir as batidas fortes de seu coração contra meu peito, e beijo seus cabelos úmidos. Sua respiração fica mais controlada e ele se levanta e sai de dentro de mim. Eu me retraio ao sentir o vazio repentino, e Hardin tira a camisinha e a coloca em cima da embalagem no chão.

“Você está bem? Como foi? Como está se sentindo?” Ele observa meu rosto e parece mais vulnerável do que pensei ser possível.

“Estou bem”, garanto. Contraio as coxas para diminuir o desconforto.

Consigo ver meu sangue nos lençóis, mas não quero me mexer.

Ele afasta os cabelos da testa. “Foi… foi o que você esperava?”

“Foi melhor”, respondo com sinceridade. Mesmo com a dor, a experiência toda foi interessante. Já me pego pensando na próxima vez.

“É mesmo?” Ele sorri. Balanço a cabeça afirmativamente e Hardin se inclina mais, encostando a testa na minha.

“Como foi para você? Vai ficar melhor quando eu tiver mais…

experiência”, digo.

Seu sorriso desaparece e ele leva os dedos ao meu queixo, levantando minha cabeça para que eu olhe para ele. “Não diga isso. Foi ótimo, linda. Foi mais do que ótimo, foi… a melhor”, ele diz, e eu reviro os olhos. Tenho certeza de que já esteve com garotas muito melhores, que sabem o que fazer e quando.

Respondendo aos meus pensamentos, ele diz: “Eu não amava as outras. É

totalmente diferente quando você ama. Sinceramente, Tessa, é incomparável.

Por favor, não duvide de si mesma nem diminua o que acabamos de fazer".

A voz dele é tão suave e sincera que sinto meu coração derreter e beijo seu nariz.

Ele sorri e envolve minha cintura com os braços, puxando-me para seu peito. Seu cheiro é muito bom. Mesmo suado ainda é meu cheiro preferido.

"Dói?" Ele passa os dedos pelos meus cabelos e enrola uma mecha no indicador.

"Um pouco", respondo, e dou risada. "Estou com medo de ficar de pé."

Hardin me aperta mais e beija meu ombro. "Nunca tinha transado com uma virgem", ele diz baixinho.

Olho para ele e seus olhos estão calmos, não há ironia. "Ah." Minha mente cria centenas de perguntas a respeito da primeira vez dele. Quando, onde, com quem e por quê. Mas afasto esses pensamentos. Ele não a amava. Nunca amou ninguém além de mim. Eu não me importo mais com as mulheres do passado dele. São apenas isso: passado. Só me importo com esse cara lindo, imperfeito, que acabou de fazer amor pela primeira vez na vida.



79

Uma hora depois, Hardin pergunta: "Está pronta para levantar?".

"Sei que deveria, mas não quero", digo, enfiando o rosto no peito dele.

"Não quero apressar você, mas preciso mijar", ele diz. Dou risada, e saio de cima dele e da cama.

"Ai…", digo sem conseguir segurar.

"Você está bem?", Hardin pergunta pela milésima vez. Ele estende o braço e me ajuda a me estabilizar.

"Sim, só está dolorido." Eu me retraio quando olho para os lençóis.

Hardin também olha para eles. “Vou jogar no lixo.” Ele tira os lençóis da cama.

“Aqui, não, Steph vai ver.”

“Certo. Onde, então?” Ele começa a se mexer. Deve estar com vontade de fazer xixi há algum tempo.

“Não sei… você pode jogar no lixo quando for embora?”

“Quem disse que eu vou embora? Como assim? Você dorme comigo e depois me chuta?”, ele diz, brincando. Hardin pega a calça jeans e a cueca do chão e veste. Pego a camiseta dele e a entrego.

Dou um tapa em sua bunda. “Vai fazer xixi e leva os lençóis quando sair, só para garantir.” Não sei por que me importo tanto, mas a última coisa de que preciso é de Steph pedindo informações sobre a perda da minha virgindade.

“Claro. Não vou parecer um maluco nem nada, levando lençóis ensanguentados para o carro à noite.”

Faço uma cara feia para ele, que embola os lençóis e caminha em direção à porta. “Eu te amo”, Hardin diz antes de sair.

Sozinha no quarto, posso me recompor. Será que estou tão bem quanto me sinto, aquecida e estranhamente em paz? Lembrar-me de Hardin em cima de mim enquanto me penetrava me dá um frio na barriga. Agora sei por que as pessoas falam tanto sobre sexo. Eu realmente estava perdendo muita coisa, mas sei que se minha primeira vez não tivesse sido com Hardin não teria sido tão incrível. Quando olho no espelho, fico boquiaberta com meu reflexo. Meu rosto está corado, meus lábios estão inchados. Aperto as bochechas e mexo as mãos. Estou diferente, de certo modo. Foi uma mudança sutil, que não consigo determinar, mas gosto do que vejo. Reservo

um segundo para observar as marcas vermelhas em meus seios. Não me lembro de Hardin ter aplicado tanta força. Volto a pensar no momento em que fazíamos amor, em seus lábios quentes e molhados contra minha pele.

Sou tirada de meus pensamentos pela porta que se abre, e me sobressalto.

“Está se admirando?” Hardin ri e tranca a porta.

“Não… eu…” Não sei o que dizer, já que estou na frente do espelho totalmente nua, pensando nos lábios dele em minha pele.

“Tudo bem, linda. Se eu tivesse seu corpo, também ia ficar me admirando na frente do espelho”, ele diz, e eu fico envergonhada.

“Acho que vou tomar um banho”, digo enquanto tento me cobrir com as mãos. Não quero tirar o cheiro dele do meu corpo, mas preciso lavar todo o resto.

“Também vou tomar um”, Hardin diz. Ergo uma sobrancelha para ele, que levanta as mãos. “Mas não juntos, eu sei. Se morássemos juntos, poderíamos.”

Algo mudou nele também, dá para perceber. Seu sorriso parece um pouco mais profundo e seus olhos, mais brilhantes. Acho que ninguém conseguiria ver isso, mas eu o conheço melhor do que qualquer outra pessoa, apesar dos muitos segredos que tenho que descobrir.

“O que foi?” Ele inclina a cabeça para o lado.

“Nada, é só que eu te amo”, digo. Seu rosto fica um pouco vermelho, e ele abre um sorriso como o meu. Nós dois parecemos felizes e inebriados um pelo outro. Adoro isso. Quando pego meu roupão, Hardin para na minha frente.

“Você pelo menos pensou a respeito de morar comigo?”, ele pergunta.

“Você disse isso ontem. Só consigo tomar uma decisão transformadora por vez.” Dou risada.

Ele esfrega as têmporas. “Quero assinar a papelada logo, preciso sair daquela maldita república.”

“Você poderia alugar um apartamento sozinho”, sugiro de novo.

“Quero que seja nosso.”

“Por quê?”

“Porque quero passar o máximo de tempo com você. Por que está tão hesitante? É pelo dinheiro? Eu pagaria tudo.”

“Não, não pagaria”, respondo contrariada. “Se topasse, eu contribuiria…

Não preciso que ninguém pague minhas contas.” Não acredito que estamos discutindo isso.

“O que é, então?”

“Não sei… não nos conhecemos há muito tempo. Sempre pensei que não moraria com um cara até casar”, explico. Não é o único motivo: minha mãe é um grande motivo, assim como o medo de depender de outra pessoa.

Mesmo que seja Hardin. Foi o que minha mãe fez. Ela dependeu da renda do

meu pai até ele ir embora, então ficou contando com a pequena possibilidade de ele voltar. Minha mãe sempre pensou que ele voltaria, mas não foi o que aconteceu.

“Até casar? Você é muito antiquada a esse respeito, Tessa.” Ele ri e se senta na cadeira.

“O que tem de errado com o casamento?”, pergunto. “Não entre nós dois, mas em geral?”

Ele dá de ombros. “Não tem nada de errado, mas não é para mim.”

O assunto mudou e ficou sério. Não quero discutir casamento com Hardin, mas me incomoda o fato de ter dito que não é para ele. Nunca pensei em casar com ele, é muito cedo para isso. Precisaríamos de anos. Mas gostaria de ter essa opção no futuro, e quero estar casada quando tiver vinte e cinco anos e ter pelo menos dois filhos. Tenho meu futuro todo planejado.

Tinha, meu subconsciente lembra. Eu tinha tudo planejado até conhecer Hardin, e agora meu futuro está sempre mudando.

“Isso incomoda você, certo?”, ele pergunta, interrompendo meus pensamentos.

O fato de Hardin e eu termos feito amor criou um laço invisível entre nós, unindo nosso corpo e nossa mente. As mudanças de planos são para o bem…

certo?

“Não.” Tento esconder a emoção em minha voz, mas ela sai pesada. “É só que nunca ouvi alguém dizer tão seriamente que não quer se casar. Achava que era o que todo mundo queria, que fosse o principal objetivo da vida.

Não é?”

“Não, acho que as pessoas só querem ser felizes. Pense em Catherine, no que o casamento causou a ela e Heathcliff.”

Adoro ver que falamos a mesma língua. Ninguém mais falaria desse jeito comigo, como eu entendo melhor.

“Eles não se casaram um com o outro… esse foi o problema”, digo e dou risada. Penso na época em que havia muitos paralelos entre meu relacionamento com Hardin e o de Catherine com Heathcliff.

“Rochester e Jane?”, ele sugere. O fato de mencionar Jane Eyre me surpreende.

“Você está brincando, não é? Rochester era frio e retraído. E pediu a mão de Jane em casamento sem contar que já era casado com uma mulher maluca que vivia trancada no sótão. Não é uma comparação válida”, digo.

“Eu sei. É que adoro ouvir você falar de personagens da literatura.” Ele afasta os cabelos da testa. Como uma criança, mostro a língua para ele.

“Então, você está dizendo que quer se casar comigo? Juro que não tenho nenhuma mulher trancada no sótão.” Ele dá um passo na minha direção.

Não é casado, com certeza, mas algo que ele esconde me preocupa.

Meu coração está batendo forte quando Hardin chega perto de mim. “O

quê? Não, claro que não, eu estava falando em termos gerais. Não sobre nós, especificamente.” Estou nua e conversando com Hardin sobre casamento. O

que está acontecendo com minha vida?

“Então você não quer?”

“Não quero. Bom, não sei… por que estamos falando sobre isso?” Escondo o

rosto no peito dele e Hardin ri.

“Eu estava só imaginando. Mas agora que você me mostrou um argumento válido, posso ter que reconsiderar minha ideia de não casar. Você poderia fazer de mim um homem sério.”

Ele parece estar sendo sincero, mas duvido que esteja. Quando começo a questionar sua sanidade, ele ri e beija minha cabeça.

“Podemos falar sobre outra coisa?”, resmungo. Perder a virgindade e falar sobre casamento no mesmo dia é demais para meu cérebro confuso.

“Claro, mas não vou deixar de lado o assunto do apartamento. Você tem até amanhã para me dar uma resposta. Não vou esperar para sempre”, ele diz.

“Que meigo.” Reviro os olhos, e ele se levanta para me abraçar.

“Você sabe que romance é comigo mesmo”, ele diz, depois beija minha testa. “Agora, vamos tomar um banho. Ver você pelada me dá vontade de jogar seu corpo na cama e te comer de novo.”

Balanço a cabeça negativamente e saio dos braços dele para vestir o roupão. “Você vem comigo?”, digo e pego minha nécessaire.

“Claro, linda, ainda que preferisse fazer outras coisas com você.” Ele pisca e eu dou um tapa em seu braço enquanto atravessamos o corredor.



80

Já são quase quatro da manhã quando nos deitamos na cama, depois do banho.

“Preciso estar de pé daqui a uma hora”, resmungo ao me deitar no peito dele.

“Você pode dormir até sete e meia e ainda assim chegar a tempo”, Hardin diz. Não gosto de correria de manhã, mas preciso dormir. Felizmente, tirei aquele cochilo antes, então talvez não pegue no sono de pé no meu primeiro dia de trabalho de verdade na editora.

“Hum…”, resmungo.

“Vou acertar seu alarme”, ele diz, e eu adormeço.

Meus olhos ardem de sono enquanto tento enrolar meus cabelos rebeldes.

Passo lápis marrom nos olhos marejados e visto meu novo vestido vermelho. A gola é quadrada e baixa o suficiente para mostrar o peito sem ser indecente. A barra fica acima dos joelhos e o cinto marrom dá a ilusão de que demorei mais para me arrumar do que de fato demorei. Penso em passar um pouco de blush, mas graças à minha noite com Hardin meu rosto ainda está corado. Calço os sapatos novos e me olho no espelho. O vestido é bem bonito, e eu estou melhor do que preciso. Olho para Hardin enrolado no cobertor na minha caminha, com os pés para fora, e sorrio. Espero até o último minuto para acordá-lo. Penso em não fazer isso, mas sou egoísta e quero beijá-lo antes de sair.

“Preciso ir”, digo e toco seu ombro.

“Eu te amo”, ele resmunga e faz um biquinho sem abrir os olhos.

“Você vai pra aula?”, pergunto depois de beijá-lo.

“Não”, Hardin diz, então rola para o lado.

Dou um beijo em seu ombro e pego meu casaco e a bolsa. Quero voltar para a cama com ele. Viver com Hardin talvez não seja uma ideia tão ruim. Já passamos quase todas as noites juntos mesmo. Afasto esse pensamento. É uma ideia ruim, sim, e é cedo demais para isso. Além da conta.

Ainda assim, passo o trajeto todo pensando em alugar um apartamento com ele, escolher as cortinas e pintar as paredes. Quando entro no elevador da editora, já escolhi a cortina do chuveiro e o tapetinho do banheiro. No terceiro andar, um jovem de terno azul-marinho entra e me tira desses

pensamentos.

“Olá”, ele diz, levando a mão aos botões do elevador. Ao ver que o do último andar já foi apertado, ele se recosta no fundo.

“Você é nova aqui?”, o rapaz pergunta. Ele cheira a sabonete, e seus olhos são

bem azuis, contrastando com seus cabelos escuros.

“Sou só uma estagiária”, digo.

“Só uma estagiária?”, ele ri.

“Quer dizer, sou estagiária, não uma funcionária contratada”, eu me corrijo, nervosa.

“Comecei como estagiário há alguns anos e fui contratado para trabalhar em período integral. Você estuda na WCU?”

“Sim, você estudou lá?”

“Sim, eu me formei ano passado. Estou feliz por ter terminado.” Ele ri.

“Você vai gostar daqui.”

“Obrigada. Estou adorando”, digo quando saímos do elevador.

Quando vou para o outro lado, ele diz: “Não sei seu nome”.

“Tessa. Tessa Young.”

Ele sorri e acena rapidamente.

A mesma mulher de ontem está na recepção. Dessa vez, ela se apresenta como Kimberly e sorri, desejando-me boa sorte e fazendo um gesto em direção à mesa cheia do café. Sorrio e agradeço, pegando um donut e uma xícara de café, então vou para minha sala. Sobre a mesa, encontro uma pilha grande de papéis com um bilhete do sr. Vance dizendo para eu começar e desejando boa sorte. Adoro a liberdade desse estágio… não acredito que tive tanta sorte. Comendo o donut, tiro o bilhete e começo a trabalhar.

O manuscrito é muito bom, e não consigo parar de ler. Já li duzentas páginas quando o telefone da minha mesa toca.

“Alô?”, digo, e então percebo que não faço ideia de como atender.

Desejando parecer mais adulta, acrescento: “Ou melhor, Tessa Young falando”. Mordo o lábio e escuto uma risadinha do outro lado.

“Srta. Young, tem uma pessoa querendo falar com você. Posso pedir que entre?”, Kimberly pergunta.

“Pode me chamar de Tessa, por favor”, digo a ela. Parece desrespeitoso deixar que me chame de srta. Young, já que ela é bem mais experiente e mais velha do que eu.

“Tessa”, Kimberly diz, e consigo imaginar seu sorriso simpático. “Posso deixar o rapaz entrar?”, ela pergunta de novo.

“Ah, sim. Mas… quem é?”

“Não sei ao certo… um rapaz… Ele tem tatuagens, e muitas”, ela sussurra.

Dou risada.

“Vou até aí”, digo, e desligo em seguida.

O fato de Hardin estar aqui me anima e me assusta. Espero que esteja tudo

bem. Quando chego à recepção, ele está com as mãos nos bolsos e Kimberly está ao telefone. Tenho a impressão de que ela só está fingindo. Não sei ao certo. Espero que não pareça que estou tirando vantagem da grande oportunidade que o sr. Vance me deu recebendo visitas no segundo dia.

Eu me aproximo de Hardin. “Oi. Está tudo bem?”

“Sim, só queria ver como está sendo seu dia.” Ele sorri e gira o piercing da sobrancelha com os dedos.

“Ah, está ótimo…”, eu começo, mas paro quando o sr. Vance se aproxima.

“Vejam só… Veio pedir seu emprego de volta?” Ele sorri para Hardin e dá um tapinha em seu ombro.

“Até parece, seu velho maluco”, Hardin diz, rindo, e fico boquiaberta. O sr.

Vance ri e ergue o punho cerrado para acertar Hardin nas costelas, de brincadeira. Eles são mais próximos do que pensei.

“A que devo a honra? Ou está aqui perseguindo minha nova estagiária?”, ele diz,

olhando para mim.

“A segunda opção. Perseguir estagiárias é meu passatempo preferido.”

Olho para os dois, sem saber o que dizer. Adoro ver esse lado brincalhão de Hardin. Não é muito comum vê-lo assim.

“Você já almoçou? Tenho um tempinho agora”, Hardin me pergunta. Olho para o relógio na parede. Já é meio-dia. A manhã passou depressa.

Olho para o sr. Vance e ele dá de ombros. “Você tem uma hora para o almoço. Garotas precisam comer!” Ele sorri e se despede de Hardin, então vai embora.

“Enviei algumas mensagens para saber se você tinha chegado, mas você não respondeu”, Hardin me diz quando entramos no elevador.

“Não olhei o telefone, fiquei distraída lendo um manuscrito”, respondo e pego a mão dele.

“Você está bem, certo? Estamos bem?”, ele pergunta, olhando em meus olhos.

“Sim, por que não estaríamos?”

“Eu… não sei… Fiquei preocupado porque você não respondeu. Pensei que… pudesse ter se arrependido de ontem à noite.” Ele olha para baixo.

“O quê? Claro que não. De verdade, nem vi o telefone. Não me arrependi de ontem à noite, nem um pouco.” Não consigo esconder um sorriso ao lembrar.

“Que bom! E que alívio!” Ele solta um suspiro.

“Você veio até aqui porque achou que eu estava arrependida?”, pergunto. É

meio exagerado, mas bom.

“Sim… Bom, não só por isso. Eu também queria levar você para almoçar.”

Ele sorri e leva minha mão aos lábios.

Saímos do elevador e chegamos à rua. Eu devia ter trazido meu casaco.

Sinto frio e Hardin olha para mim.

“Tenho uma jaqueta no carro. Podemos ir pegar e depois comer no Brio…

é muito bom.” Caminhamos até o carro e ele pega uma jaqueta de couro preta do porta-malas, o que me faz rir. Hardin deve ter um guarda-roupa inteiro ali. Perdi o número de vezes em que tirou roupas do porta-malas desde que o conheço.

A jaqueta é surpreendentemente quente e tem o cheiro de Hardin. É bem grande, então tenho que puxar as mangas para cima.

“Obrigada.” Dou um beijo em seu rosto.

“Fica boa em você… perfeita.”

Hardin segura minha mão enquanto andamos. Alguns executivos olham para nós com estranheza. Às vezes, esqueço como somos diferentes por fora.

Somos opostos em quase todos os aspectos, mas, de certo modo, nos damos bem por isso.

O Brio é um restaurante italiano pequeno, mas pitoresco. O piso é colorido e o teto é uma imagem do céu, com querubins gordinhos e sorridentes esperando do lado de fora dos portões brancos, e dois anjos

— um branco e outro negro — abraçados mais à frente. O anjo branco parece estar tentando puxar o outro para o lado.

“Tess?”, Hardin diz e me puxa pela manga.

“Já vou”, digo e caminho em direção à mesa, que fica nos fundos do restaurante. Hardin se senta na cadeira ao meu lado e não na frente, e a aproxima de mim, apoiando os cotovelos na mesa. Faz o pedido para nós dois, mas não me importo, já que ele conhece o lugar.

“Então você e o sr. Vance são muito próximos?”, pergunto.

“Eu não diria isso. Mas nos conhecemos bem.” Ele dá de ombros.

“Parecem se dar muito bem. Gosto de ver você assim.”

Ele esboça um sorriso e apoia a mão na coxa. “Gosta?”

“Sim, gosto de ver você feliz.” Sinto que há mais coisas por trás da relação dele com o sr. Vance do que está me contando, mas por enquanto não vou perguntar nada.

“Estou feliz, mais feliz do que pensei que seria… na vida toda”, ele acrescenta.

“O que deu em você? Está todo bonzinho comigo”, provoco, e ele ri.

“Posso virar umas mesas e dar uns socos em alguém para você se lembrar do passado”, Hardin diz, e eu bato nele com o ombro.

“Não, obrigada”, respondo dando risada.

Nossa comida chega e eu agradeço à garçonete. O prato parece ótimo, e sinto o aroma delicioso antes de dar uma mordida. Hardin pediu um ravióli delicioso.

“Bom, não é?”, ele se gaba e enche a boca de comida. Concordo e faço a mesma coisa.

Quando terminamos, Hardin e eu discutimos quem vai pagar o almoço,

mas ele acaba ganhando.

“Você pode me pagar depois.” Hardin pisca ao dizer isso, enquanto a garçonete não está olhando.

Quando voltamos para a editora, ele entra comigo. “Você vai subir?”, pergunto.

“Sim, queria ver sua sala. Depois vou embora, prometo.”

“Combinado”, digo a ele e entramos no elevador. Quando chegamos ao térreo, entrego a jaqueta e Hardin a veste. Fico impressionada ao ver como fica lindo com ela.

“Oi de novo”, o cara do terno azul-marinho diz quando atravessamos o corredor.

“Oi de novo”, sorrio.

Ele olha para Hardin e se apresenta.

“Muito prazer. Meu nome é Trevor e trabalho no departamento financeiro.” Ele acena rapidamente e diz para mim: “Bom, até mais”.

Quando entramos na minha sala, Hardin segura meu braço e me vira para ele, com raiva. “Que merda foi essa?”

Ele está brincando? Olho para meu braço e vejo que não está. Hardin não me segura com força, mas me mantém presa.

“O quê?”

“Aquele cara!”

“O que tem ele? Eu o vi hoje cedo no elevador.” Puxo meu braço para que Hardin me solte.

“Não parecia que vocês tinham acabado de se conhecer. Ficaram de gracinha na minha frente.”

Não consigo me controlar e dou uma risada que mais parece um rosnado.

“O quê? Você está maluco. Fui educada e ele também. Por que ia ficar de gracinha com ele?” Tento falar baixo. Um escândalo não pode ser bom para mim.

“E por que não? Ele é bonito, limpo, usa terno e tudo”, Hardin diz.

Percebo que parece mais magoado e preocupado do que bravo. Meu ímpeto é xingá-lo e mandá-lo embora, mas decido tentar uma abordagem diferente. Como quando Hardin estava quebrando as coisas na casa do pai dele.

“É isso que você pensa? Que quero alguém como ele, alguém diferente de você?”, pergunto com delicadeza.

Hardin arregala os olhos e se surpreende. Sei que esperava que eu o atacasse, mas a mudança de tom o acalma e ele pensa no que dizer em seguida. “Não sei… talvez.” Seus olhos encontram os meus.

“Bem, você está errado, como sempre”, digo e sorrio. Preciso conversar com ele sobre isso mais tarde, mas mostrar que não tem com que se preocupar é mais

importante que corrigi-lo.

“É uma pena se você acha que eu estava paquerando aquele cara, porque não estava. Eu não faria isso com você”, digo. Seu olhar se suaviza e encosto a mão em seu rosto. Como uma pessoa consegue ser tão forte, mas também tão fraca?

“Eu… está bem”, ele diz.

Dou risada e acaricio seu rosto. Adoro surpreendê-lo. “Para que vou querer aquele cara, se tenho você?”

Ele semicerra os olhos e sorri, finalmente. Fico aliviada por estar aprendendo a desarmar a bomba que Hardin é. “Eu te amo”, ele diz e me beija. “Sinto muito por ter estourado daquele jeito.”

“Aceito seu pedido de desculpa. Agora vou mostrar minha sala!”, digo com uma voz animada.

“Não mereço você”, Hardin diz baixinho. Decido ignorá-lo e mantenho minha atitude alegre.

“O que você achou?”, pergunto sorrindo.

Ele ri e ouve com atenção enquanto mostro todos os detalhes, todos os livros da estante e o porta-retratos vazio em cima da minha mesa.

“Estava pensando em colocar uma foto nossa aqui”, digo a ele.

Nunca tiramos uma foto juntos, e eu nem tinha pensado nisso antes, até ver o porta-retratos vazio. Hardin não parece ser o tipo de cara que sorriria para a câmera, nem mesmo no celular.

“Ah. Não curto muito ser fotografado”, ele diz, confirmando o que eu pensava.

Mas quando vê que a resposta me decepciona, ele diz: “Quer dizer… acho que posso tirar uma. Mas só uma”.

“Vamos pensar nisso depois.” Eu sorrio e ele parece aliviado.

“Agora podemos falar sobre como você está linda com esse vestido. Está me

deixando louco desde que cheguei aqui.” Sua voz está mais grossa e ele dá um passo na minha direção. Meu coração acelera no mesmo momento.

Suas palavras sempre mexem comigo.

“Você tem sorte por eu não ter aberto os olhos hoje de manhã. Se tivesse…” Hardin passa os dedos pela gola do vestido. “Não teria deixado você sair.”

Ele desce a outra mão até a barra do vestido e acaricia minha coxa.

“Hardin…”, eu aviso. Minha voz me trai e sai mais parecida com um gemido.

“O que foi, linda? Não quer que eu faça isso?” Ele me levanta e me senta na beira da mesa.

“É que…” Minha mente está confusa porque os lábios dele descem pelo meu pescoço. Enfio os dedos em seus cabelos e ele belisca minha pele. “Não podemos… alguém pode entrar… ou alguma coisa assim.” As palavras saem abafadas e não fazem muito sentido. Ele toca minhas coxas e as abre mais.

“A porta tem chave por um motivo… Quero pegar você aqui, nesta mesa.

Ou talvez na janela.” Seus lábios descem pelo meu peito. Pensar no que está propondo faz com que uma corrente elétrica desça por meu corpo. Ele passa os dedos pela renda da minha calcinha e respira fundo.

“Você está me matando.” Hardin geme e olha entre minhas pernas para ver o conjunto de renda branca que comprei ontem. Não acredito que estou deixando isso acontecer na mesa da minha sala no segundo dia de estágio. A ideia me excita e também me apavora.

“Tranca a…”, começo, mas somos interrompidos pelo toque do telefone. Eu me sobressalto e dou a volta na mesa para atender. “Alô? Aqui é Tessa Young!”

“Srta. Young. Tessa”, Kimberly se corrige. “O sr. Vance está indo embora e vai passar na sua sala antes”, ela diz com um tom divertido na voz.

Kimberly deve ter percebido como Hardin é irresistível. Sinto o rosto corar e agradeço, afastando-me da mesa em seguida.



81

Hardin sai logo depois que ele e o sr. Vance terminam de tirar sarro um da cara do outro por causa de futebol americano. Eu me desculpo pela visita, mas o sr. Vance não se incomoda, e diz que Hardin é como um membro da família e é sempre bem-vindo. Minha imaginação é tomada por visões de Hardin e eu fazendo amor em cima da mesa, e o sr. Vance tem que repetir o que disse a respeito da folha de pagamento três vezes até eu conseguir voltar à realidade.

Retorno ao manuscrito, e estou tão absorta que só percebo que já passam das cinco quando tiro os olhos dele. Estou saindo uma hora mais tarde e perdi uma ligação de Hardin. Quando chego ao carro, ligo para ele, que não atende. Volto dirigindo e, quando chego ao dormitório, fico surpresa ao ver Steph em sua cama. Às vezes esqueço que ela mora aqui também.

“Faz tempo que não vejo você”, comento, colocando a bolsa no chão para depois tirar meus sapatos.

“É…”, ela diz e funga.

“Você está bem? O que aconteceu?” Eu me sento na cama com ela.

“Acho que Tristan e eu terminamos.” Ela chora. É estranho ver Steph chorar. Ela costuma ser sempre forte e ousada.

“Por quê? Como assim você acha?”, pergunto, apoiando a mão nas costas dela para confortá-la.

“Bem, nós brigamos e eu terminei com ele, mas não queria ter terminado.

Não sei por que fiz isso… só estava irritada porque ele estava sentado com ela, e eu sei como ela é.”

“Com quem?”, pergunto, apesar de já saber a resposta.

“Molly. Você precisava ter visto como ela estava dando mole para ele.”

“Mas Molly sabe que vocês dois estão juntos. Ela não é sua amiga?”

“Molly não se importa com isso. Faz qualquer coisa pela atenção de um cara.” Enquanto observo Steph chorando e secando os olhos, minha antipatia por Molly aumenta ainda mais.

“Acho que Tristan não teria nada com ela. Vejo como olha para você. Ele gosta de você de verdade. Acho que você só precisa conversar com ele”, sugiro.

“E se ele estiver com ela?”

“Não vai estar”, garanto. Não consigo imaginar Tristan fugindo com aquela

cobra de cabelos cor-de-rosa.

“Como você sabe? Às vezes, a gente acha que conhece as pessoas, mas não conhece”, ela diz, e olha dentro dos meus olhos. “Har…”

“Oi…”, Hardin diz ao abrir a porta e observar a cena triste dentro do quarto. “Hum… é melhor eu voltar depois?” Ele se remexe sem jeito. Não é do tipo que conforta uma garota em prantos, seja ela uma amiga ou não.

“Não, vou procurar Tristan e tentar me desculpar.” Steph fica de pé.

“Obrigada, Tessa.” Ela me abraça e encara Hardin. Eles trocam um olhar esquisito antes de Steph sair do quarto.

Hardin se vira e me dá um beijo. “Está com fome?”

“Estou”, digo. Não sei como ou quando Hardin trabalha. Eu deveria estudar um pouco, mas na verdade estou bem adiantada com tudo.

“Estava pensando que depois você podia ligar para Karen ou Landon para ver o que eu tenho que usar no… você sabe. Casamento.” Sinto uma pontada no peito ao ouvir o nome de Landon. Há alguns dias não falo com ele, e estou com saudade. Quero contar do meu estágio e talvez de Hardin e eu.

Ainda não decidi, mas quero falar com ele de qualquer jeito.

“Vou ligar para Landon. Estou muito animada para o casamento!”, digo, e então me dou conta de que preciso de uma roupa também.

“Eu também estou animado. Não poderia estar mais.” Hardin revira os olhos e eu dou risada.

“Bem, estou feliz por saber que pelo menos você vai. É muito importante para seu pai e para Karen.”

Ele balança a cabeça, mas já fez um bom progresso no pouco tempo em que o conheço.

“Sei, sei. Vamos comer”, ele resmunga, pegando minha jaqueta da cadeira.

“Primeiro vou me trocar.” Sinto os olhos dele em mim enquanto tiro a roupa e pego uma calça jeans e um moletom da WCU da cômoda e os visto depressa.

“Você está linda. Mulher de negócios sensual durante o dia e universitária gatinha à noite”, ele provoca. Sinto um frio na barriga com as palavras dele e me apoio nos joelhos para beijar seu rosto.

Decidimos ir ao shopping para comer e depois fazer compras. Telefono para

Landon quando nos sentamos e ele me diz que vai perguntar para a mãe o que Hardin deve vestir e que me liga logo depois.

“Podemos comprar sua roupa primeiro”, ele sugere.

“Também não sei o que usar”, digo e dou risada.

“Bom, você tem a sorte de ficar linda com qualquer roupa.”

“Você é que faz o tipo que não liga para o que usa, mas está sempre lindo.”

Ele sorri e se recosta na cadeira. “É verdade.”

Reviro os olhos e então percebo que meu telefone está tocando. “Landon.”

“Oi”, ele diz. “Então, minha mãe disse que seria melhor se você vestisse branco. Sei que não é o normal, mas é o que ela quer. E tente fazer Hardin usar pelo menos uma calça social e uma gravata. Acho que não estão esperando muito dele, para ser sincero.” Landon ri.

“Certo, vou fazer meu melhor para ele usar uma gravata.” Olho para Hardin, que está franzindo a testa de um jeito engraçado.

“Boa sorte. Como vai o estágio?”

“Vai bem. Ótimo, na verdade. É um sonho que está se tornando realidade.

Não consigo acreditar. Tenho minha própria sala e basicamente recebo para ler o dia todo. É perfeito. Como estão as aulas? Tenho saudade da aula de literatura britânica.”

Hardin faz cara feia, e sigo os olhos dele até a praça de alimentação. Zed, Logan e um cara que nunca vi estão vindo na nossa direção. Zed acena, simpático, e eu sorrio sem pensar. Hardin olha para mim e se levanta.

“Já volto”, ele diz e anda na direção deles. Tento continuar a conversa com Landon e observar Hardin ao mesmo tempo, mas não sei bem qual dos dois priorizar.

“Não é a mesma coisa sem você, mas fico feliz com seu estágio, é uma grande

oportunidade. Pelo menos Hardin não está indo à aula, então não tenho que lidar com ele", Landon diz.

"Como assim, ele não está indo à aula? Bem, hoje Hardin faltou. Mas ele foi ontem, não foi?"

"Não, pensei que tivesse abandonado o curso, já que você saiu e ele não consegue ficar a mais de três metros de distância", Landon diz. Meu coração se derrete, apesar da preocupação com as aulas que Hardin tem perdido.

Olho para meu namorado, que está de costas para mim, mas consigo perceber, por seus ombros, que está tenso. O cara que não conheço está sorrindo e Zed está balançando a cabeça. Logan não parece interessado na conversa, e observa um grupo de garotas que passa. Hardin dá um passo em direção ao desconhecido, e não consigo definir se estão brincando ou não.

"Olha, Landon, falo com você mais tarde", digo e desligo. Deixando nossas bandejas na mesa, caminho até eles, torcendo para que ninguém mexa na comida.

"Oi, Tessa, como você está?", Zed pergunta e se aproxima para me dar um abraço. Sinto que estou corando e o abraço por educação. Sei que não devo olhar para Hardin quando o solto. Os cabelos de Zed estão espetados na parte da frente de um jeito bem lindo, e ele está usando roupas pretas e uma jaqueta de couro.

"Hardin, você não vai apresentar sua amiga?", o desconhecido diz. Ele sorri e sinto um arrepio. Percebo que não é um cara legal.

"Hum… sim. Esta é minha amiga Tessa. Tessa, este é Jace."

Amiga? Sinto como se tivesse acabado de levar um chute no estômago.

Tento esconder a humilhação e sorrio.

"Você estuda na WCU?", pergunto. Minha voz sai muito mais controlada do que realmente estou me sentindo.

"De jeito nenhum. Não sou chegado em faculdade." Ele ri. "Mas se todas as garotas forem como você, posso reconsiderar."

Eu me assusto e espero Hardin dizer alguma coisa. Ah, sim, sou só amiga dele. Então por que ele diria? Permaneço calada e me arrependo de ter saído da mesa.

“Vamos ao porto hoje à noite. Vocês deveriam aparecer por lá”, Zed diz.

“Não podemos. Talvez da próxima vez”, Hardin diz. Penso em interromper e dizer que posso, mas estou irritada demais para falar.

“Por que não?”, Jace pergunta.

“Ela tem que trabalhar amanhã. Acho que posso ir mais tarde. Sozinho”, ele acrescenta.

“Que pena.” Jace sorri para mim. Seus cabelos loiros caem sobre seus olhos e ele balança a cabeça para afastá-los.

Hardin range os dentes e olha para ele. Sinto que perdi alguma coisa.

Quem é esse cara, afinal?

“Bom, ligo para vocês mais tarde quando estiver indo”, Hardin diz, e eu me afasto.

Ouço os passos dele atrás de mim, mas continuo andando. Hardin não me chama, por causa dos amigos, mas continua me seguindo. Caminho mais depressa e viro na Macy’s, esperando me afastar dele. Não tenho essa sorte; Hardin segura meu cotovelo e me vira para olhar para ele.

“O que foi?” Ele está claramente irritado.

“Ah, não sei, Hardin!”, grito. Uma senhora olha para mim e eu sorrio para ela tentando me desculpar.

“Nem eu! Você acabou de abraçar Zed!”, ele grita. Já estamos chamando atenção, mas estou fervendo de raiva, então não ligo.

“Você tem vergonha de mim ou algo assim? Olha, eu entendo, não sou exatamente a garota mais legal, mas pensei…”

“O quê? Não! É claro que não tenho vergonha de você. Está maluca?”, ele

pergunta. Estou me sentindo maluca neste momento.

“Por que você me apresentou como amiga? Quer que a gente more juntos, mas aí diz que somos amigos? O que você vai fazer, vai me esconder? Não vou ser o segredo de ninguém. Se não sou boa o suficiente para que seus amigos saibam que estamos juntos, então não quero ficar com você.” Eu me viro e me afasto para dar ênfase ao discurso.

“Tessa! Que droga…”, ele diz e me segue para dentro da loja. Chego perto dos provadores e olho para eles. “Vou atrás de você”, Hardin diz, lendo meus pensamentos.

E vai, mesmo. Então, eu me viro na direção da saída da loja. “Quero ir para casa. Agora”, exijo. Permaneço calada e a pelo menos três metros de Hardin enquanto saímos do shopping e caminhamos em direção ao carro dele. Hardin abre a porta para mim, mas se afasta quando olho para ele. No seu lugar, eu manteria distância.

Olho pela janela e penso em todas as coisas terríveis que poderia dizer a ele, mas não digo. Estou envergonhada por Hardin achar que não pode contar às pessoas que estamos juntos. Sei que não sou como os amigos dele, que provavelmente me consideram uma nerd ridícula, mas isso não deveria importar para ele. Fico pensando se Zed esconderia nosso relacionamento dos amigos, e acho que não. Pensando bem, Hardin nunca me chamou de namorada. Eu deveria ter esperado a confirmação de que estamos namorando para dormir com ele.

“Já cansou de dar chilique?”, ele pergunta quando pegamos a estrada.

“Chilique? Você não pode estar falando sério!” Minha voz toma o carro pequeno.

“Não sei qual é o problema de ter chamado você de amiga. Só fui pego de surpresa”, ele mente, e consigo perceber isso pelo modo como desvia o olhar.

“Se tem vergonha de mim, então não quero ficar com você”, digo. Cravo as unhas na perna para não chorar.

“Não diz isso.” Ele passa a mão pelos cabelos e respira fundo. “Tessa, por que acha que tenho vergonha de você? É ridículo”, ele diz.

“Divirta-se na festa hoje.”

“Eu não vou. Só disse aquilo para o Jace sair do meu pé.”

“Se não tem vergonha de mim, então me leva à festa.” É uma péssima ideia, eu sei, mas quero que ele prove.

“De jeito nenhum”, Hardin diz, rangendo os dentes.

“É disso que eu estou falando.”

“Não vou te levar porque Jace é um idiota, só pra começar. E o porto não é lugar pra você.”

“Por que não? Sei me cuidar.”

“Jace e os amigos dele não têm nada a ver com você, Tessa. Eles nem têm a ver comigo. São todos drogados.”

“Então por que você é amigo deles?”, pergunto, revirando os olhos.

“Existe uma grande diferença entre conhecer e ser amigo.”

“Então por que Zed anda com ele?”

“Não sei. Jace não é o tipo de cara para quem se diz não”, Hardin explica.

“Então você tem medo dele. Foi por isso que não disse nada quando ele deu em cima de mim”, digo.

Jace deve ser bem barra-pesada para Hardin ter medo dele. Hardin me surpreende quando começa a rir. “Não tenho medo dele. Só não quero

provocar o cara. Ele é cheio dos joguinhos, e se eu brigasse por sua causa você ia virar seu próximo jogo.” Os nós de seus dedos ficam brancos de tanto que ele aperta o volante.

“Ainda bem que só somos amigos, então”, digo, e olho pela janela para a bonita vista da cidade passando. Não sou perfeita. Sei que estou sendo infantil, mas não consigo me controlar. Entendo por que Hardin fez o que fez, se esse Jace é um cretino, mas nem por isso dói menos.



82

Quando chegamos ao quarto, eu me jogo na cama. Ainda estou irritada com Hardin, mas não tanto quanto antes. Não quero falar de Jace mais do que o necessário, mas conhecê-lo só me fez ter mais perguntas que sei que Hardin não vai responder.

“Desculpa. Não quis ferir seus sentimentos”, ele diz. Não olho porque sei que vou amolecer. Hardin precisa saber que não vou tolerar que faça coisas assim. “Você… ainda quer ficar comigo?”, ele pergunta com a voz trêmula.

Quando olho para Hardin, vejo sua vulnerabilidade. Suspiro, sabendo que não consigo continuar irritada ao ver seus olhos tão preocupados.

“Sim, claro que quero. Vem aqui”, digo a ele, dando um tapinha ao meu lado na cama. Não tenho nenhuma força de vontade quando o assunto é Hardin.

“Nós estamos namorando?”, pergunto quando ele senta.

“Sim, só acho meio bobo chamar você de namorada”, Hardin diz.

“Bobo?” Roo a unha, um hábito ruim do qual tenho que me livrar.

“Você representa mais para mim do que ‘namorada’. É tão adolescente.”

Ele coloca suas mãos grandes em meu rosto. A resposta faz meu estômago se revirar. Não consigo parar de sorrir, como uma boba. Hardin relaxa os ombros no mesmo instante.

“Fico chateada que você não queira que as pessoas saibam sobre nós.

Como poderemos morar juntos se nem conta para seus amigos que namoramos?”

“Não é assim. Você quer que eu telefone para Zed agora mesmo para contar? E você é que deveria sentir vergonha de estar comigo. Vejo o modo como as pessoas olham para nós quando estamos juntos”, ele diz. Então Hardin também repara nisso.

“Só olham porque você é diferente, e é problema delas. Eu nunca teria vergonha de você. Nunca, Hardin.”

“Fiquei com medo de que desistisse de mim”, ele diz.

“Sério?”

“Você é a única constante na minha vida. Sabe disso, não sabe? Não sei o que faria se você me deixasse”, ele diz.

“Não vou desistir de você se não me der motivo para isso”, digo, mas não consigo pensar em nada que ele pudesse fazer para que eu o abandonasse.

Estou envolvida demais. Pensar em deixá-lo me causa uma dor insuportável.

Eu ficaria arrasada. Apesar de brigarmos todos os dias, eu amo Hardin.

“Não vou”, ele diz, então desvia o olhar por um segundo. “Gosto da pessoa que sou quando estou com você.”

Viro o rosto em sua mão. “Eu também.”

Eu o amo, amo todas as partes dele. Todas as versões dele. Gosto de quem me tornei com ele. Nós dois mudamos para melhor um para o outro.

Consegui fazer com que ele se abrisse e fosse mais feliz, e ele me ensinou a viver e a não me preocupar com todos os detalhes.

“Sei que irrito você de vez em quando… bem, quase sempre, e só Deus sabe como você me enlouquece”, ele diz.

“Era pra ser um elogio?”

“Só quero dizer que não é porque brigamos que não devemos ficar juntos.

Todo mundo briga.” Ele sorri. “Só brigamos mais do que as pessoas normais.

Você e eu somos muito diferentes, então vamos ter que descobrir uma maneira de lidar um com o outro. Vai ficar mais fácil.”

Retribuo o sorriso e passo os dedos pelos cabelos pretos dele.

“Não compramos a roupa para o casamento”, digo.

“Ah, droga, acho que não vamos poder ir.” Ele franze a testa do jeito mais falso que já vi e beija meu nariz.

“Até parece. Ainda é terça. Temos a semana toda.”

“Ou podemos não ir e viajar para Seattle no fim de semana.” Ele ergue uma sobrancelha.

“O quê?”, pergunto, sentando. “Não! Vamos ao casamento. Mas você pode me levar a Seattle no outro fim de semana.”

“Não, é uma oferta por tempo limitado”, ele provoca, colocando-me em seu colo.

“Tudo bem, acho que vou encontrar outra pessoa para me levar a Seattle.”

Sua mandíbula fica tensa e eu passo o dedo em sua barba rala.

“Você não ousaria.” Ele tenta conter um sorriso.

“Ah, ousaria, com certeza. E Seattle é meu lugar preferido em todo o mundo.”

“Em todo o mundo?”

“Sim, mas não fui para muitos lugares também.”

“Qual é o lugar mais longe para onde você foi?”, ele pergunta.

Encosto a cabeça no peito de Hardin e ele se recosta na cabeceira da cama e me abraça. “Seattle. Nunca saí do estado.”

“Nunca?”

“Não, nunca.”

“Por que não?”

“Não sei, não podíamos gastar dinheiro depois que meu pai foi embora.

Minha mãe trabalhava o tempo todo e eu estava concentrada demais na

escola e em fazer faculdade fora que não pensava em outras coisas além de trabalhar.”

“Aonde você gostaria de ir?”, ele pergunta, acariciando meu braço.

“Chawton. Quero ver a fazenda de Jane Austen. Ou Paris. Adoraria ver onde Hemingway morou.”

“Sabia que você diria algo assim. Posso levar você.” Seu tom de voz é sério.

“Vamos começar com Seattle”, digo, dando risada.

“Estou falando sério, Tessa. Posso levar você a qualquer lugar que queira ir. Principalmente à Inglaterra. Você poderia conhecer minha mãe e o resto da família.”

“Hum…” Na verdade, não sei o que dizer. Ele é tão estranho… Fui apresentada como “amiga” há uma hora e agora quer me levar para a Inglaterra para conhecer sua mãe.

“Vamos começar por Seattle?” Dou risada.

“Tudo bem, mas sei que você adoraria conhecer o interior da Inglaterra, ver a casa onde Austen cresceu…”

Não consigo imaginar como minha mãe reagiria ao fato de eu sair do país com Hardin. Ela provavelmente me trancaria no sótão e não me deixaria ir.

Ainda não falei com ela desde que me ameaçou, numa tentativa de fazer com que eu me separasse de Hardin. Quero evitar a briga inevitável o máximo possível.

“O que foi?”, ele pergunta, abaixando a cabeça para ficarmos cara a cara.

“Nada, desculpa, estava só pensando na minha mãe.”

“Ah… ela vai voltar atrás, linda.” Hardin parece muito seguro, mas sei que as coisas não são assim.

“Acho que não, mas vamos conversar sobre outra coisa.”

Começamos a falar sobre o casamento, mas o telefone dele vibra no bolso depois de um momento. Eu me desloco para que possa atender, mas Hardin não faz nenhum movimento para isso.

“Seja quem for, pode esperar”, ele diz, o que me deixa feliz.

“Vamos ficar na casa do seu pai no sábado depois do casamento?”, pergunto. Preciso parar de pensar na minha mãe.

“Você quer?”, ele pergunta.

“Sim, gosto de ficar lá. Minha cama é minúscula.” Enrugo o nariz e ele ri.

“Podemos ficar mais na minha casa. Quer ir para lá hoje à noite?”

“Tenho estágio amanhã.”

“E daí? Você pode levar suas coisas e se arrumar num banheiro de verdade. Já faz um tempo que não fico na república. Já devem estar pensando em alugar meu quarto”, ele diz brincando. “Não quer tomar um banho sozinha, em vez de com outras trinta pessoas?”

“Está bem.” Eu sorrio e me levanto da cama.

Hardin me ajuda a arrumar as coisas para amanhã, e eu fico mais e mais

animada para ir à república. Odiava a casa e ainda odeio, mas um banheiro de verdade e a cama grande de Hardin são bons demais para deixar passar.

Ele pega o conjunto de lingerie vermelha da minha cômoda e me passa, aprovando com a cabeça. Eu fico corada e o enfio na mala. Pego minhas saias antigas e uma camisa branca, porque não quero usar todas as roupas novas de uma vez.

“Sutiã vermelho com blusa branca?”, Hardin pergunta. Tiro a camisa branca e pego uma azul.

“Você pode levar mais roupas e deixar lá para a próxima vez”, ele sugere.

Hardin quer que eu deixe roupas na casa dele. Adoro esses sinais de que vamos passar mais noites juntos.

“Pode ser”, digo, e pego meu vestido branco novo e mais algumas coisas.

“Sabe o que facilitaria muito as coisas?”, ele pergunta, colocando minha bolsa no ombro enquanto saímos.

“O quê?” Já sei o que ele vai dizer.

“Se nós dois morássemos no mesmo lugar.” Ele sorri. “Não teríamos que decidir onde ficar e você não teria que arrumar a mala. Você poderia tomar um banho sozinha todo dia. Bom, não totalmente sozinha.” Ele pisca para mim, brincando. Quando chegamos ao carro e ele abre a porta para mim, acrescenta: “Você poderia acordar e fazer seu café da manhã na nossa cozinha, e se preparar para o dia, e poderíamos nos encontrar na nossa casa no fim de cada dia. Sem essa coisa de colega de quarto ou república”.

Sempre que ele diz “nossa”, sinto um frio na barriga. Quanto mais penso nisso, melhor parece. Estou morrendo de medo de morar com Hardin cedo demais. Não quero estragar tudo.

No caminho, ele apoia a mão na minha coxa e diz de novo: “Pare de pensar demais”. Escuto o telefone dele vibrar, mas Hardin o ignora. Dessa vez, fico meio desconfiada do motivo de não estar atendendo, mas tiro esse pensamento da cabeça.

“Do que você está com medo?”, ele pergunta, porque não digo nada.

“Não sei. E se alguma coisa acontecer com meu estágio e eu ficar sem dinheiro? E se alguma coisa acontecer com nós dois?”

Ele franze a testa, mas se recupera depressa. “Linda, eu já disse que pagaria o aluguel. Foi minha ideia, e eu ganho mais, então posso fazer isso.”

“Não me importa quanto você ganha. Não quero que pague por tudo.”

“Você pode pagar a TV a cabo?”, ele ri.

“A TV a cabo e o mercado?”, pergunto. Não sei se estou brincando ou não.

“Fechado. O mercado… parece legal, não? Você poderia preparar meu jantar toda noite para quando eu chegar.”

“Oi? Só se fosse o contrário”, eu digo e dou risada.

“Podemos nos revezar.”

“Beleza.”

“Então você vai morar comigo?” Acho que nunca vi um sorriso tão grande nele como vejo agora.

“Eu não disse isso. Estava só…”

“Você sabe que vou cuidar de você, não sabe? Sempre”, Hardin promete.

Quero dizer a ele que não preciso que ninguém cuide de mim, que tenho minhas coisas e pago por elas, mas tenho a sensação de que ele não está falando só sobre dinheiro.

“Estou com medo de que isso seja bom demais para ser verdade”, finalmente admito para mim mesma e para Hardin.

Ele me surpreende dizendo: “Eu também”.

“É mesmo?” Fico aliviada por Hardin se sentir da mesma maneira.

“Sim, penso nisso o tempo todo. Você é boa demais comigo e só estou esperando que perceba isso. Espero que nunca aconteça”, ele diz com os olhos fixos na estrada.

“Isso não vai acontecer”, digo, e estou sendo sincera.

Hardin não diz nada.

“Está bem”, digo, quebrando o silêncio.

“O quê?”

“Vou morar com você.” Eu sorrio.

Hardin solta um suspiro que parece estar preso há horas. “Jura?” Suas covinhas aparecem quando ele mexe a cabeça e abre um sorriso.

“Juro.”

“Você não tem ideia do que isso significa para mim, Theresa.” Ele pega minha mão e aperta, entrando em seguida na rua onde mora. Minha mente está a mil por hora. Vamos mesmo fazer isso, morar juntos. Hardin e eu.

Sozinhos. O tempo todo. Na nossa casa. Na nossa cama. Nosso tudo. Estou morrendo de medo, mas minha animação é mais forte do que o nervosismo, pelo menos por enquanto.

“Não me chama de Theresa, ou posso mudar de ideia”, provoco.

“Você disse que só amigos e parentes te chamam assim. Acho que já tenho esse direito.”

Ele se lembra disso? Acho que disse logo que o conheci. “Está certo. Pode me chamar do que quiser.”

“Ah, linda, eu não diria isso, se fosse você. Tenho uma lista de coisas safadas de que gostaria de chamar você.” Seu sorriso é malicioso e tenho vontade de ouvir essas coisas safadas, mas me controlo, não pergunto nada e contraio as pernas. Ele percebe, porque sorri ainda mais.

Quero dizer que ele é um pervertido, mas me perco nas palavras. A rua está cheia de carros, e vemos que o jardim está cheio de gente quando paramos na frente da casa.

“Droga, não sabia que ia ter festa. É terça. Viu? Esse é um dos problemas…”

“Tudo bem. Podemos subir direto para o quarto”, interrompo, tentando afastar a irritação dele.

“Tudo bem”, ele suspira.

Entramos na casa lotada e subimos a escada. Quando penso que consegui escapar sem encontrar ninguém que conheço, vejo um tufo de cabelo ensebado e loiro no topo da escada. Jace.



83

Hardin nota a presença de Jace no mesmo instante que eu, então se vira para mim e de novo para ele, e fica tenso na hora. Por um segundo, parece que vai voltar comigo, mas Jace nos vê, e sei que Hardin não vai fugir para não criar um clima ruim. Ao nosso redor, a festa está animada, mas só consigo me concentrar em Jace e em seu sorriso malicioso, que me dá arrepios.

Quando chegamos ao topo da escada, Jace olha para mim com surpresa e diz: “Não pensei que veria vocês dois aqui. Já que não puderam ir ao porto”.

“Pois é, acabamos de chegar…”, Hardin começa.

“Ah, eu sei por que vocês vieram.” Jace sorri e dá um tapa no ombro de Hardin. Eu me retraio quando ele olha para mim. “É um prazer ver você de novo, Tessa”, Jace diz tranquilamente.

Olho para Hardin, mas ele está concentrado demais em Jace para me notar.

“É mesmo”, digo.

“Foi bom vocês não terem ido ao porto. Os policiais chegaram e acabaram com a festa, então viemos para cá.”

O que significa que os amigos esquisitos de Jace estão aqui, em algum lugar — mais pessoas de quem Hardin não gosta. Deveríamos ter ficado no meu quarto. Pela cara de Hardin, ele está pensando a mesma coisa.

“Que merda, cara”, Hardin diz, e então faz menção de ir.

Jace segura seu braço e diz: “Vocês deviam descer para beber com a gente”.

“Ela não bebe”, Hardin diz, deixando clara a irritação na voz. Infelizmente, isso só parece incentivar Jace ainda mais.

“Mesmo assim. Vocês deviam descer para se divertir. Eu insisto”, ele diz.

Hardin olha para mim e arregalo os olhos tentando dizer Não!, em silêncio. Mas

ele concorda com Jace. Que droga!

“Desço daqui a pouco. Vou dar uma passada no quarto”, Hardin diz, e então me puxa pelo braço antes que Jace possa dizer alguma coisa. Ele abre a porta e me apressa para entrar, depois volta a fechá-la.

“Não quero descer”, digo a ele enquanto coloca minha mala no chão.

“Você não vai descer.”

“E você vai?”, pergunto.

“Sim, só um pouco. Não vou demorar muito.” Hardin passa a mão na nuca.

“Por que você não disse não?”, pergunto. Para alguém que diz não ter medo dele, Hardin parece ter receio de contrariar Jace.

“Eu já disse, é difícil dizer não para ele”, Hardin explica.

“Ele sabe de alguma coisa sobre você ou algo assim?”

“O quê?” Hardin fica corado. “Não… ele é só um idiota. E não quero confusão. Principalmente quando você estiver por perto”, Hardin diz e dá um passo na minha direção. “Não vou ficar muito tempo lá embaixo, mas conheço Jace, e se não descer para beber ele vai subir aqui, e não quero que chegue perto de você”, Hardin diz e me dá um beijo no rosto.

“Ah”, suspiro.

“Preciso que você fique aqui. Sei que não é o ideal, com a música tocando lá embaixo, mas não quero que desça, ou vamos acabar subindo muito tarde.”

“Certo”. Não quero descer mesmo. Odeio essas festas, e definitivamente não quero ver Molly se estiver aqui.

“Estou falando sério. Combinado?”, ele diz, com suavidade na voz.

“Combinado. Mas não me deixa aqui por muito tempo”, peço.

“Pode deixar. Precisamos assinar a papelada para o apartamento amanhã.

Depois que você sair da editora. Não quero ter que me preocupar com essas merdas de novo.”

Realmente não quero ter que lidar com festas ou com o fato de meu quarto ser pequeno demais. Quero comer na cozinha em vez de no refeitório, quero a liberdade da vida adulta. Viver entre o campus e a república só me lembra de como somos crianças.

“Bom, volto logo. Tranca a porta quando eu sair e não abre de novo… Eu tenho chave.” Hardin beija minha boca depressa e se vira para a porta.

“Nossa, você está agindo como se alguém fosse me matar”, brinco, para acabar com a tensão, mas ele não diz nada antes de sair. Reviro os olhos, mas tranco a porta mesmo assim. Não quero nenhum bêbado entrando no quarto à procura de um banheiro.

Ligo a televisão esperando abafar um pouco o barulho do andar de baixo, mas não paro de pensar no que está acontecendo. Por que Hardin tem tanto medo de Jace, e por que ele me assusta tanto? Será que estão jogando Verdade ou Desafio de novo? E se desafiarem Hardin a beijar Molly? E se ela estiver sentada no colo dele como da outra vez? Odeio o ciúme que tenho dela… me enlouquece. Sei que Hardin já dormiu com muitas garotas, e até deu uns amassos em Steph, mas Molly é a que mais me irrita. Talvez porque sei que ela não gosta de mim e sempre tenta esfregar o casinho que teve com Hardin na minha cara.

E porque você a encontrou com a língua dentro da boca dele naquela primeira festa, meu subconsciente lembra.

Por fim, todos esses pensamentos me vencem. Sei que deveria ficar na

minha e deixar a porta trancada, mas meus pés têm outros planos e, quando percebo, já estou descendo a escada de dois em dois degraus para encontrar Hardin.

Quando chego lá embaixo, vejo os cabelos cor-de-rosa horrorosos de Molly, que veste uma roupa minúscula. Para meu alívio, Hardin não está por perto.

“Ora, ora, ora”, alguém diz atrás de mim. Eu me viro e vejo Jace de pé a poucos centímetros.

“Hardin disse que você não estava se sentindo bem. Ele é um mentiroso.”

Jace sorri e pega um isqueiro do bolso, que acende com o polegar. A chama aparece, e ele a aproxima da manga da jaqueta jeans para queimar um pouco do desfiado.

Decido dar continuidade à mentira de Hardin. “Eu não estava me sentindo bem mesmo, mas melhorei um pouco.”

“Tão rápido?” Ele ri, divertindo-se.

A sala parece bem menor agora, com tudo aquilo de gente na casa. Balanço a cabeça afirmativamente enquanto observo o lugar, desesperada à procura de Hardin.

“Vem comigo, quero que conheça alguns de meus amigos”, Jace diz. Sua voz me causa arrepios.

“Hum… A-acho melhor procurar Hardin”, gaguejo.

“Ah, vamos. Hardin está com eles”, ele diz, esticando o braço para passá-lo pelos meus ombros.

Eu me afasto para me esquivar, tentando dar a impressão de que não entendi o que ia fazer. Penso em subir de novo para que Hardin não saiba que desci, mas tenho a sensação de que Jace vai me seguir ou contar para ele. Ou as duas coisas.

“Certo”, digo, desistindo. Sigo Jace em meio à multidão e ele me leva para fora, para o quintal. Está escuro, exceto por algumas luzes na varanda.

Começo a me sentir nervosa por passar com ele pelo quintal escuro até que meus olhos encontram os de Hardin, que se arregalam surpresos, depois furiosos. Ele faz menção de se levantar, mas volta a se sentar.

“Veja quem está andando por aí sozinha”, Jace diz, apontando para mim.

“Estou vendo”, Hardin murmura. Ele parece muito bravo.

Paro na frente do pequeno círculo de rostos irreconhecíveis reunidos ao redor do que parece uma fogueira feita com pedras grandes, mas sem fogo.

Há algumas garotas ali, mas a maioria são caras durões.

“Vem aqui”, Hardin diz e se ajeita para abrir espaço para mim na pedra sobre a qual está sentado.

Eu me sento e ele lança um olhar que me faz entender que se não houvesse tanta gente ao nosso redor estaria gritando comigo. Jace se inclina para a frente e diz alguma coisa no ouvido de um cara com uma camiseta

branca rasgada e cabelos pretos.

“Por que você não está no quarto?”, Hardin pergunta baixinho.

“Eu… não sei. Pensei que talvez Molly…”, começo a dizer, mas percebo que a resposta é idiota.

“Você não está falando sério”, ele diz com um tom exasperado e passa a mão nos cabelos. A atenção se volta para nós quando o cara de cabelos pretos me entrega uma garrafa de vodca. “Ela não bebe”, Hardin diz, e pega a garrafa das minhas mãos.

“Ela sabe falar, Scott”, outro cara diz. Ele tem um sorriso bonito e não é tão assustador como Jace ou o cara de cabelos pretos.

Hardin ri um pouco, mas sei que é uma risada falsa. “Cuida da sua vida, Ronnie”, ele diz de um jeito tranquilo.

“Quem quer brincar?”, Jace pergunta, e eu olho para o Hardin.

“Por favor, diz que não é Verdade ou Desafio. Sinceramente, é muita infantilidade”, resmungo.

“Ah, gostei. Bonita e direta”, Ronnie diz, e eu dou risada.

“Não tem nada de errado em fazer um joguinho de vez em quando”, Jace diz, e Hardin fica tenso ao meu lado.

“Na verdade, estávamos pensando em jogar strip pôquer”, outro cara diz.

“Ah, de jeito nenhum”, digo.

“E chupa e assopra?”, Jace diz, e eu me retraio e fico corada. Não sei bem que jogo é esse, mas não parece algo que eu queira jogar com esse grupo.

“Nunca ouvi falar. Mas não, obrigada”, digo. Pelo canto do olho, vejo Hardin sorrindo.

“É um jogo divertido, mais ainda depois de beber um pouco”, outro cara diz.

Penso em pegar a garrafa de Hardin e tomar um gole, mas tenho que acordar cedo e não posso estar de ressaca.

“Não temos garotas em número suficiente para chupa e assopra”, Ronnie diz.

“Posso conseguir algumas”, Jace diz, e entra na casa antes que alguém reclame.

“Sobe, por favor”, Hardin diz baixinho para que só eu escute.

“Se você vier comigo…”, respondo.

“Está bem, vamos.”

Quando nos levantamos, ouvimos um chamado vindo do círculo. “Aonde você vai, Scott?”, um dos caras pergunta.

“Subir”, ele responde.

“Ah, por favor. Não nos vemos há meses. Fica mais um pouco.”

Hardin olha para mim e dou de ombros. “Beleza”, Hardin diz, e me guia de volta para a pedra grande.

“Volto já, fica aqui e não sai”, ele diz, e eu reviro os olhos, achando bem

irônico que me deixe com o grupo que deve ser o pior de todos.

“Aonde você vai?”, pergunto antes de Hardin se virar.

“Pegar uma bebida. Talvez você precise de uma também.” Ele sorri e entra.

Olho para o céu e para as pedras para evitar que alguém fale comigo. Não dá certo.

“Há quanto tempo você e Hardin se conhecem?”, Ronnie pergunta e toma um gole de bebida.

“Alguns meses”, respondo com educação. Alguma coisa em Ronnie me conforta. Meus sentidos não ficam em alerta máximo como com Jace.

“Ah, pouco tempo”, ele diz.

“Hum, sim, pouco. Há quanto tempo você o conhece?”, pergunto, pensando que posso aproveitar a oportunidade para conseguir mais informações sobre Hardin.

“Desde o ano passado.”

“Onde vocês se conheceram?”, pergunto, procurando parecer casual.

“Numa festa. Bom, num monte de festas.” Ele ri.

“Ah, então você é amigo dele?”

“Você é xereta, não?”, o cara de cabelos pretos diz.

“Sou, sim”, respondo, e ele ri. Eles não são tão ruins, não tanto quanto Hardin fez parecer. Onde ele está?

Alguns momentos depois, Hardin aparece com Jace e três garotas. Por quê? Os dois parecem estar conversando. Jace dá um tapinha no ombro de Hardin e eles riem.

Hardin está trazendo dois copos vermelhos. Fico aliviada ao ver que Molly não está no grupo de garotas atrás deles. Ele se senta na pedra comigo e olha para mim com um olhar brincalhão. Pelo menos, parece mais relaxado que antes.

“Pega”, ele diz, e me dá um dos copos.

Olho para o copo por um segundo e o pego. Uma bebida não vai me fazer mal. Reconheço o gosto na mesma hora. Na noite em que Zed e eu nos beijamos, tínhamos bebido isso. Hardin olha para mim e passo a língua pelos lábios para sentir o gosto da bebida.

“Agora temos garotas”, Jace diz, apontando as recém-chegadas.

Olho para elas e procuro me controlar para não julgá-las. Estão vestindo saias bem curtas e blusas idênticas, mas de cores diferentes. A de cor-de-rosa sorri para mim, então decido que gosto mais dela.

“Você não vai jogar”, Hardin diz em meu ouvido. Sinto vontade de dizer que vou fazer o que bem entender, mas ele se inclina e passa o braço na minha cintura. Olho para Hardin, obviamente surpresa, mas ele só sorri.

“Eu te amo”, Hardin sussurra. Seus lábios estão frios na minha orelha, e estremeço.

“Certo, então todo mundo sabe como funciona”, Jace diz em voz alta.

“Precisamos fazer um círculo menor. Mas, primeiro, vamos animar essa festa.” Ele sorri e pega algo do bolso. O isqueiro aparece de novo e ele acende um objeto branco e pequeno.

“É maconha”, Hardin diz para mim baixinho. Imaginei que fosse, apesar de nunca ter visto antes.

Balanço a cabeça e Jace leva o baseado à boca, traga e solta uma fumaça branca, oferecendo o cigarro a Hardin. Ele recusa balançando a cabeça.

Ronnie aceita, traga profundamente e começa a tossir alto.

“Tessa?” Ronnie me oferece o cigarro.

“Não, obrigada”, respondo, e me aproximo de Hardin.

“Certo, vamos jogar”, uma das garotas diz e pega algo da bolsa enquanto todo mundo sai das pedras e forma um círculo menor na grama.

“Vamos, Hardin!”, Jace resmunga, mas ele balança a cabeça, recusando-se a ir.

“Estou de boa, cara”, Hardin diz.

“Precisamos de mais uma garota, a menos que vocês queiram correr o risco de beijar Dan”, Ronnie ri. Deve ser o cara de cabelos pretos. Um ruivo calado com uma barba vasta dá um trago no baseado e o entrega a Jace.

Termino minha bebida e pego a de Hardin. Ele ergue uma sobrancelha para mim, mas me entrega o copo.

“Vou chamar Molly. Ela com certeza topa”, a garota de saia cor-de-rosa diz.

Ao ouvir esse nome, meu ódio se torna maior do que meu bom senso e digo: “Vou jogar”.

“Sério?”, Jace pergunta.

“Ela pode?”, Dan pergunta com um sorrisinho para Hardin.

“Posso fazer o que quiser, obrigada”, respondo, e lanço a ele um sorriso inocente, apesar do tom autoritário.

Sei que não devo olhar para Hardin. Ele já havia dito para eu não brincar, mas não consegui me controlar. Viro o resto da bebida e me sento ao lado da garota de saia cor-de-rosa.

“Você precisa se sentar entre dois caras”, a garota diz para mim.

“Tudo bem”, eu digo, levantando.

“Também vou brincar”, Hardin resmunga e se senta. Eu me sento ao lado dele por instinto, mas continuo evitando seus olhos. Jace se senta ao meu lado também.

“Acho que Hardin deveria se sentar aqui para deixar as coisas mais interessantes”, Dan diz, e o ruivo concorda balançando a cabeça.

Hardin revira os olhos e se senta à minha frente. Não entendo essas posições. Por que importa quem vai se sentar ao lado de quem? Quando Dan vem para o meu lado, começo a me sentir nervosa. Ficar entre ele e Jace é mais do que desconfortável.

“Podemos começar?”, a garota de verde resmunga. Ela está sentada entre Hardin e o ruivo. Jace pega o que parece ser um pedaço de papel de uma das garotas e o leva à boca.

O quê?

“Pronta?”, ele pergunta para mim.

“Não sei jogar”, confesso, e ouço uma das garotas rir.

“Você tem que colocar a boca do outro lado do papel e sugar o ar. O

objetivo é não deixar o papel cair. Ou vocês se beijam”, ele explica.

Ah, não. Olho para Hardin, mas ele está olhando para Jace.

“Começa para que ela possa ver”, a garota que está do outro lado de Jace diz.

Não gostei nada dessa brincadeira. Espero que ela termine antes da minha vez, ou da vez de Hardin. Além disso, todos parecem meio grandinhos para fazer uma coisa dessas. Por que universitários sempre querem um motivo para se beijar? Observo enquanto o papel é passado da boca de Jace para a da garota sem cair. Prendo a respiração e Hardin pega o papel de uma garota e passa para a outra. Se ele beijar uma delas… Suspiro aliviada ao ver que o papel não caiu. O papel cai entre o ruivo e a garota de saia amarela e seus lábios se encontram. Ela abre a boca e eles dão um beijo de língua. Desvio o olhar. Quero levantar e sair daqui, mas meu corpo não se mexe. Sou a próxima.

Ai, meu Deus, sou a próxima. Fico nervosa quando Dan se vira para mim com o papel na boca. Ainda não sei bem o que devo fazer, então só fecho os olhos e encosto os lábios do outro lado, puxando o ar. Sinto o ar quente no papel quando Dan o assopra, mas vejo que ele está usando força demais e que não tem como não cair. Sinto o papel na minha perna, e em seguida o hálito quente de Dan, que aproxima sua boca da minha. Assim que ele encosta em mim, é puxado para trás.

Abro os olhos e vejo Hardin em cima de Dan, com as mãos apertando seu pescoço.



84

Eu me afasto enquanto Hardin bate a cabeça de Dan na grama, com as mãos ainda envolvendo seu pescoço. Por um segundo, eu me pergunto se teria feito a mesma coisa no chão de concreto da varanda ou nas pedras, e sei a resposta

quando ele levanta o braço e dá um soco na cara de Dan.

“Hardin!”, grito e me levanto. Todo mundo só observa, e Jace parece se divertir, assim como Ronnie.

“Façam isso parar!”, imploro, mas Jace só balança a cabeça negando quando Hardin dá mais um soco no rosto já ensanguentado de Dan.

“Já estava para acontecer há algum tempo. Os dois que se resolvam.” Jace ri para mim. “Quer uma bebida?”

“O quê? Não, não quero uma bebida! Qual é seu problema?!”, grito.

Uma multidão se reuniu ao nosso redor e vibra com a briga. Ainda não vi Dan acertar Hardin, o que me deixa aliviada, mas também quero que Hardin pare de machucá-lo. Tenho medo de tentar detê-lo eu mesma, então, quando Zed aparece, grito para chamá-lo. Ele olha para mim na mesma hora e se aproxima.

“Faz o Hardin parar, por favor!”, eu grito. Todo mundo parece animado com a briga, menos eu. Se Hardin continuar batendo em Dan, vai matá-lo.

Eu sei que vai.

Zed meneia a cabeça rapidamente e dá alguns passos na direção de Hardin.

Segura a camisa dele e o puxa para trás. Ele é pego de surpresa, por isso é facilmente afastado do corpo inerte de Dan. Furioso, Hardin tenta acertar Zed, que desvia do soco e coloca as duas mãos nos ombros dele. Zed diz algo a Hardin que não consigo entender, e então faz um meneio de cabeça na minha direção. Os olhos de Hardin estão arregalados, os nós dos dedos sangram e a camiseta rasgou onde Zed puxou. Ele está ofegante, como um animal selvagem atrás de uma presa. Não me aproximo, porque sei que está bravo comigo. Mas não tenho medo de Hardin como sinto que deveria ter.

Apesar de ter acabado de vê-lo perder a cabeça da pior maneira possível, sei que nunca me machucaria, fisicamente falando.

Com o fim da briga, o pessoal começa a voltar para dentro da casa. O

corpo encolhido de Dan permanece no chão, e Jace se abaixa para ajudá-lo a se

levantar. Ele fica de pé e levanta a camisa para limpar o rosto ensanguentado, então cospe uma mistura de saliva e sangue, e eu desvio o

olhar.

Hardin vira a cabeça em sua direção e faz menção de ir até ele, mas Zed o segura com força e o detém.

“Vai se foder, Scott!”, Dan grita. Jace para entre os dois. Ah, sim, agora ele quer fazer alguma coisa. “Espera até sua…”, Dan começa a dizer.

“Cala a boca, porra”, Jace diz.

Dan olha para mim e dou um passo para trás. Fico pensando no que Jace quis dizer com “Já estava para acontecer há algum tempo”. Hardin e Dan pareciam estar se entendendo bem há alguns minutos.

“Entra!”, Hardin grita, e imediatamente sei que está falando comigo.

Decido obedecer, pelo menos uma vez, e me viro e corro para dentro da casa. Sei que todo mundo está olhando para mim, mas não me importo.

Passo entre as pessoas e subo a escada correndo para o quarto de Hardin.

Devo ter me esquecido de trancar a porta quando saí, porque, para piorar, vejo uma mancha vermelha enorme no carpete bege. Alguém deve ter caído e derrubado bebida. Ótimo. Corro para o banheiro, pego uma toalha e abro a torneira. Tranco a porta do quarto assim que entro e tento limpar o carpete furiosamente, mas a água só aumenta a mancha, que fica bem pior. A porta se fecha e eu tento me levantar antes de Hardin entrar.

“Que porra você está fazendo?” Ele olha para a toalha em minha mão e para a mancha no chão.

“Alguém… Eu me esqueci de trancar a porta quando desci”, digo, olhando para ele. Suas narinas se abrem e ele respira fundo. “Desculpa.”

Hardin está furioso e não posso nem me irritar com ele, porque é tudo minha culpa. Se eu tivesse permanecido no quarto, como ele pediu, nada disso teria acontecido.

Hardin passa as mãos no rosto, frustrado, e dou um passo na direção dele.

Seus dedos estão machucados e sangrando, e me lembro da briga na noite da fogueira. Ele me surpreende ao pegar a toalha da minha mão e, num reflexo, eu me retraio um pouco. Seus olhos estão confusos e Hardin inclina a cabeça enquanto usa a parte limpa da toalha para limpar as mãos.

Imaginei que ia quebrar tudo e gritar comigo, mas ele me castiga com seu silêncio, o que acaba sendo bem pior.

“Pode dizer alguma coisa, por favor?”, imploro.

As palavras dele vêm mais lentas do que o normal. “Tessa, pode acreditar que você não quer que eu fale agora.”

“Quero, sim”, digo. Não suporto essa fúria silenciosa dele.

“Não, não quer”, ele resmunga.

“Sim, eu quero! Preciso que converse comigo, que diga o que foi aquilo lá embaixo!” Agito as mãos em direção à janela e ele cerra os punhos.

“Porra, Tessa! Você não para de forçar a barra! Eu disse para você ficar na porra do quarto, várias vezes, e o que você fez? Ignorou, como sempre. Por

que é tão difícil ouvir o que eu digo?”, ele grita, depois dá um soco com força na lateral da cômoda, rachando a madeira.

“Talvez porque você ache que pode mandar em mim!”, grito.

“Não é isso que estou fazendo. Estava tentando manter você longe daquele tipo de merda. Avisei que eles não são caras legais, e mesmo assim você desce, vai atrás de Jace e ainda participa daquela brincadeira idiota! Que merda foi aquela?” As veias grossas no pescoço dele aparecem sob a pele, e tenho medo de que estourem.

“Eu não sabia como era a brincadeira!”

“Mas sabia que eu não queria que você brincasse, e só entrou na onda porque iam chamar Molly, e você tem essa obsessão absurda por ela!”

“Como é? Absurda? Talvez seja justificada pelo fato do meu namorado ter transado com ela!” Minhas bochechas ardem. Meu ciúme e minha antipatia por Molly podem ser exagerados, mas Hardin quase matou um cara agora por tentar me beijar.

“Olha, desculpa dizer isso, mas se você for encrencar com todo mundo com quem transei, é melhor mudar de faculdade”, ele diz, e fico boquiaberta.

“Mas você nem ligou para as outras garotas”, ele diz, e meu coração acelera.

“Que garotas?” Estou ofegante. “Aquelas três que brincaram com a gente?”

“Elas e todas as outras garotas da festa.” Ele não demonstra emoção na voz ao dizer isso.

Tento pensar em alguma coisa para falar, mas não tenho palavras. O fato de Hardin ter dormido com aquelas três garotas e basicamente toda a população feminina da WCU me deixa nauseada, mas a pior parte é como ele joga isso na minha cara. Devo parecer uma idiota com Hardin, porque todo mundo sabe que sou só uma das muitas com quem ele transou. Sei que está irritado, mas isso é demais, até mesmo para Hardin. Parece que voltamos no tempo, quando o conheci e ele me fazia chorar de propósito quase todos os dias.

“O que foi? Está surpresa? Não deveria”, ele diz.

“Não.” E não estou surpresa, nem um pouco, mas estou machucada. Não pelo passado dele, apenas pelo modo como me tratou por estar com raiva.

Hardin disse aquilo só para me machucar. Pisco rapidamente para impedir que as lágrimas venham, mas não funciona, então me viro e seco os olhos.

“Vai embora”, ele diz, caminhando em direção à porta.

“O quê?”, eu pergunto, virando o rosto para ele.

“Vaiembora, Tessa.”

“Para onde?”

Ele nem olha para mim. “Não sei… Volta para o dormitório… Você não pode

ficar aqui.”

Não foi isso que pensei que aconteceria. A dor em meu peito aumenta a cada segundo de silêncio entre nós. Por um lado, quero implorar para que

me deixe ficar, e quero brigar até que diga por que reagiu daquele jeito lá embaixo. Por outro lado, um lado maior, a frieza dele dói e me envergonha.

Pego a bolsa da cama e a coloco no ombro. Quando chego à porta, olho para Hardin na esperança de que peça desculpa ou mude de ideia, mas ele se vira para a janela e me ignora totalmente. Não faço ideia de como vou voltar para o dormitório, já que Hardin veio dirigindo e eu tinha a intenção de passar a noite com ele. Não me lembro da última vez que fiquei sozinha no meu quarto, e essa ideia me irrita. Parece que chegamos aqui há dias, e não horas.

Quando chego ao fim da escada, alguém puxa minha blusa por trás, e eu prendo a respiração ao me virar, torcendo para que não seja Jace nem Dan.

É Hardin. “Volta para cima”, ele diz, com a voz desesperada e os olhos vermelhos.

“Por quê? Pensei que quisesse que eu fosse embora.” Olho para a parede atrás dele.

Hardin suspira e pega minha bolsa, então sobe a escada de novo. Penso em deixar que fique com ela e ir embora mesmo assim, mas foi minha teimosia que me colocou nessa situação, pra começo de conversa.

Bufo e o sigo até o quarto. Depois de fechar a porta, ele se vira e me encosta contra ela.

“Desculpa”, ele diz, olhando nos meus olhos, depois encosta sua boca na minha e apoia uma das mãos na porta de modo que eu não consiga sair.

“Me desculpa também”, sussurro.

“É que… perco a cabeça às vezes. Não dormi com aquelas garotas. Bem, não com as três.”

Eu me sinto um pouco aliviada, mas não totalmente.

“Meu primeiro ímpeto quando me irrito é rebater com mais força ainda, machucar a outra pessoa o máximo que posso. Mas não quero que vá, e sinto muito por ter te assustado batendo no Dan. Estou tentando mudar, por você… ser quem você merece, mas é difícil para mim. Principalmente quando você faz alguma coisa de propósito só para me irritar”, ele diz, então leva as mãos ao meu rosto e seca as lágrimas que escorreram.

“Não fiquei assustada”, digo.

“Não? Você parecia amedrontada quando peguei a toalha.”

“Não… Bem, talvez um pouco quando você pegou a toalha, por causa da mancha no chão. Mas, durante a briga com Dan, só fiquei com medo por você.”

“Por mim?” Ele endireita um pouco os ombros e se gaba: “Ele não me acertou nenhuma vez”.

Reviro os olhos. “Fiquei com medo de que você matasse o cara ou algo assim. Podia se encrencar por isso”, explico.

Ele ri. “Me deixa entender: você estava preocupada com as repercussões jurídicas da briga?”

“Para de rir. Ainda estou brava com você”, digo, cruzando os braços. Não sei exatamente o que mais me irritou além do fato de Hardin ter dito para eu ir embora.

“Ainda estou bravo também, mas você é muito engraçada.” Ele encosta a testa na minha. “Você me deixa maluco”, ele diz.

“Eu sei.”

“Nunca escuta o que digo e sempre briga por tudo. É teimosa e impaciente.”

“Eu sei.”

“Você me provoca e causa um monte de estresse desnecessário, sem falar que quase beijou Dan bem na minha frente.” Seus lábios tocam meu pescoço e eu estremeço.

“Você diz as coisas mais irritantes e depois age como uma criança quando está brava.” Apesar dos insultos — reclamações a respeito de coisas que, no fundo, acho que ele gosta em mim —, sinto um frio na barriga enquanto beija minha pele. Hardin empurra o quadril contra o meu.

“Mas apesar de tudo o que estou dizendo… estou completamente apaixonado por você”, ele diz, e chupa a pele sensível abaixo da minha orelha.

Passo os dedos pelos cabelos de Hardin, e ele geme, coloca as mãos na minha cintura e me puxa para si. Sei que há mais coisas para dizer, mais problemas para resolver, mas, no momento, só quero me perder nele e esquecer esta noite.



85

No que parece uma tentativa desesperada de se aproximar de mim enquanto nos beijamos, Hardin leva uma mão à minha nuca. Sinto toda a sua raiva e toda a sua frustração se transformar em desejo e afeto — sua boca está faminta, e seus beijos parecem escorregadios enquanto ele anda para trás comigo. Hardin me guia com uma mão no quadril e a outra na nuca, mas tropeço nos pés dele e perco o equilíbrio quando suas pernas chegam à cama, e nós dois caímos de costas nela. Em uma tentativa de tirar o controle dele, subo em seu peito e tiro minha blusa e minha malha ao meu tempo, ficando apenas de sutiã de renda. Ele arregala os olhos e tenta me puxar para baixo para beijá-lo, mas tenho outros planos.

Levo as mãos às costas e abro o fecho do sutiã, depois desço as alças pelos ombros e deixo a peça cair na cama atrás de mim. As mãos de Hardin estão quentes quando ele coloca as mãos nos meus seios, acariciando-os com intensidade. Seguro seus pulsos e afasto as mãos dele da minha pele, balançando a cabeça. Hardin inclina a cabeça, sem entender, e eu saio de cima dele e desabotoo suas calças. Ele me ajuda a puxá-las até o joelho junto com a cueca. Meus dedos imediatamente envolvem seu pênis — ele inspira forte e, quando o encaro, seus olhos estão fechados. Eu o masturbo lentamente e me abaixo, levando corajosamente sua ereção à boca. Tento me lembrar das orientações da última vez e repito o que sei que gostou.

“Porra… Tessa”, ele diz, e leva as mãos aos meus cabelos. É a primeira vez que

ficou tanto tempo sem dizer nada no sexo, então percebo que senti saudade de seus comentários, e me divirto com isso.

Movimento meu corpo e continuo a dar prazer a ele, acabando entre seus joelhos.

Hardin se senta e me observa. “Você fica tão gostosa assim, com essa boca deliciosa me chupando”, ele diz, e puxa meus cabelos com mais força.

Sinto o calor entre minhas pernas e mexo a cabeça mais depressa, querendo ouvi-lo gemer meu nome de novo. Minha língua passa pela cabeça do pênis e ele ergue os quadris um pouco, entrando ainda mais fundo em minha boca. Meus olhos começam a lacrimejar e mal consigo respirar, mas ouvir meu nome saindo de sua boca diversas vezes torna tudo muito melhor. Segundos depois, ele tira as mãos dos meus cabelos e as leva ao meu rosto, impedindo meus movimentos. Sinto o cheiro metálico de seus dedos

sangrando, mas ignoro o reflexo de me afastar.

“Vou gozar”, ele diz. “Se quiser fazer mais alguma coisa antes disso é melhor parar de me chupar.”

Não quero falar, mostrando como estou desesperada para que ele faça amor comigo, então só me levanto e tiro a calça jeans. Quando começo a tirar a calcinha, Hardin me impede com a mão.

“Quero que fique com ela… por enquanto”, ele diz. Eu concordo, e a ansiedade me consome. “Vem aqui.” Hardin faz um gesto e tira a camisa.

Ajeitando-se na beira da cama, ele me puxa para cima de seu corpo.

Nossos amassos estão menos quentes, e a tensão raivosa entre nós diminuiu. O peito de Hardin está vermelho e os olhos, arregalados. A sensação de me sentar no colo dele quando está totalmente nu e pronto — e eu só estou de calcinha — é deliciosa. Ele pressiona minha lombar com a mão espalmada enquanto se esfrega em mim de novo.

“Eu te amo”, ele murmura enquanto me beija e coloca minha calcinha de lado. “Eu… te amo…”

Eu me surpreendo ao sentir o prazer desse toque. Hardin movimenta os dedos devagar, bem devagar, e eu me movimento para a frente e para trás para aumentar o ritmo.

“Isso, linda… porra… Você está sempre tão pronta para mim”, ele geme, e eu continuo a me movimentar contra sua mão. Minha respiração e meus sussurros se intensificam, e a rapidez com que meu corpo reage a Hardin ainda me surpreende. Ele sabe tudo o que deve fazer e dizer.

“Você vai me escutar a partir de agora. Está bem?”, ele diz com os lábios em meu pescoço, mordendo a pele com gentileza.

O quê?

“Diz que vai escutar o que digo, ou não vou deixar você gozar.”

Ele não pode estar falando sério. “Hardin…”, eu digo, e tento me movimentar mais depressa, mas ele me impede.

“Tá… Agora, por favor…”, imploro, e ele ri. Não quero que faça isso. Ele está usando meu momento mais vulnerável contra mim, mas não consigo me irritar. Tenho consciência de seu corpo nu contra o meu, sei que apenas minha calcinha nos separa.

“Por favor”, repito, e ele assente.

“Boa menina”, Hardin diz em meu ouvido e deixa meu quadril se mover de novo enquanto me penetra com os dedos.

Sinto que chego ao limite, e muito rápido. Hardin sussurra indecências no meu ouvido, e as palavras desconhecidas me excitam de um jeito que não sei descrever. São sujas, mas deliciosas, e aperto os braços dele para não cair da cama enquanto perco o controle com seu toque.

“Abre seus olhos, quero que você veja o que só eu consigo fazer com você”, ele diz, e eu faço o melhor que posso para manter os olhos abertos

enquanto o orgasmo toma meu corpo.

Em seguida, encosto a cabeça no peito de Hardin e passo meus braços por baixo

dos dele, então o abraço forte enquanto tento recuperar o fôlego.

“Não acredito que você tentou…”, começo a repreendê-lo, mas ele me silencia passando a língua pelo meu lábio inferior. Minha respiração está entrecortada e ainda me recupero do orgasmo. Estico a mão e o seguro. Ele se retrai e mantém meu lábio entre os dele, sugando levemente. Decido puni-lo seguindo suas próprias regras, e o aperto mais forte.

“Pede desculpas e vou dar o que você quer”, digo do modo mais sedutor que consigo em seu ouvido.

“O quê?” Sua expressão é impagável.

“Você ouviu.” Mantenho o rosto neutro e o masturbo com uma mão, deslizando os dedos da outra por cima da minha calcinha molhada.

Ele geme quando o esfrego contra mim.

“Desculpa”, ele diz, com o rosto corado. “Agora me deixa comer você… por favor”, ele pede. Dou risada, mas sou interrompida quando ele se estica para pegar um pacotinho em cima do criado-mudo. Hardin não perde tempo, coloca o preservativo e me beija de novo.

“Não sei se você está pronta para ficar por cima. Se for forte demais, é só dizer. Está bem, linda?” Ele volta a ser o Hardin delicado e carinhoso.

“Sim”, respondo.

Ele me levanta levemente e sinto o preservativo raspar em mim, e então o preenchimento quando volta a me abaixar.

“Ai…”, solto, fechando os olhos.

“Tudo bem?”

“Sim… só é… di-diferente”, gaguejo.

Dói, não tanto quanto antes, mas a sensação ainda é desconfortável e estranha. Mantenho os olhos fechados e movimento o quadril um pouco, tentando diminuir a pressão.

“Diferente bom ou diferente ruim?” Sua voz está tensa e a veia em sua testa aparece.

“Shh… para de falar”, eu digo e me movimento de novo.

Ele geme e se desculpa, prometendo me dar um minuto para me adaptar.

Não faço ideia de quanto tempo se passa até eu movimentar o quadril de novo. O desconforto diminui quanto mais me mexo, e em determinado momento Hardin passa os braços pelas minhas costas e me abraça, erguendo-se um pouco. Desse jeito é muito melhor, com ele me segurando enquanto nos movimentamos juntos. Uma das minhas mãos está apoiada em seu peito, e minhas pernas começam a cansar. Ignoro meus músculos ardendo e continuo a me mexer sobre seu corpo dessa maneira. Mantenho os olhos abertos para observar Hardin quando uma gota de suor escorre por sua testa. Observá-lo assim, com o lábio inferior entre os dentes, os olhos

tão concentrados em meu rosto que posso sentir seu ardor em minha pele, é arrebatador, da melhor maneira.

“Você é tudo para mim. Não posso te perder”, ele diz enquanto meus lábios sobem por seu pescoço e seu ombro. Sua pele está salgada, úmida, perfeita. “Estou quase lá, linda, quase mesmo. Você está se saindo muito bem.” Hardin geme e começa a subir e a descer as mãos pelas minhas costas, enquanto tento aumentar o ritmo. Ele entrelaça os dedos nos meus e a intimidade do gesto me enfraquece. Amo seu apoio, e amo Hardin.

Sinto um aperto na boca do estômago quando ele segura minha nuca com uma mão. Continua a sussurrar que sou muito importante para ele, mas seu corpo fica tenso. Totalmente tomada por suas palavras, fico olhando seu polegar pressionar meu clitóris, causando um orgasmo rápido e forte.

Nossos gemidos se confundem quando terminamos, assim como nossos corpos. Ele praticamente cai para trás, deitado na cama, e me leva com ele.

Mal percebo o momento em que tira a camisinha enquanto volto para a realidade.

“Ainda bem que você desceu a escada atrás de mim”, digo finalmente, depois de um longo e agradável silêncio. Com a cabeça encostada em seu peito nu, ouço

seus batimentos cardíacos diminuindo.

“Também acho. Não ia fazer aquilo, mas tive que fazer. Desculpa por te mandar embora. Posso ser um idiota de vez em quando”, Hardin diz.

Levanto a cabeça e olho para ele. “De vez em quando?” E sorrio.

Hardin faz uma cara engraçada, e eu dou risada. “Você não estava reclamando há cinco minutos”, ele diz.

Balanço a cabeça negativamente e volto a me deitar em seu peito suado.

Passo o dedo pela tatuagem em formato de coração perto do ombro e percebo que sua pele fica arrepiada.

“Você é bem melhor nisso do que nessa história de namoro”, provoco.

“Não vou negar.” Ele ri e afasta os cabelos do meu rosto. Uma das coisas que faz de que mais gosto é acariciar meu rosto. A ponta de seus dedos é grossa, mas parece seda contra minha pele.

“O que aconteceu entre você e Dan? Antes de hoje?”, pergunto.

Provavelmente não deveria, mas tenho que saber.

“O quê? Quem disse que aconteceu alguma coisa?” Hardin vira meu rosto para olhar para ele.

“Jace, mas ele não disse o que era. Só que a briga estava para acontecer há muito tempo. O que quis dizer com isso?”

“Ah, foram só umas coisas idiotas que aconteceram ano passado. Nada com que você deva se preocupar. Eu juro”, ele diz, e dá um sorriso meio forçado, mas não quero pressionar mais. Estou feliz por termos nos resolvido e por estarmos nos comunicando melhor.

“Você vai me encontrar depois que sair da editora amanhã? Não quero

perder aquele apartamento”, ele diz.

“Mas não temos nada.”

“Ele vem mobiliado. Mas podemos colocar mais coisas ou mudar o que quisermos quando mudarmos”, ele diz.

“Quanto é?”, pergunto. Sei que não quero ouvir a resposta. Fico só imaginando o preço de um apartamento mobiliado.

“Não se preocupa com isso. Você só precisa se preocupar com o preço da TV a cabo.” Ele sorri e beija minha testa. “E então, o que me diz? Ainda aceita?”

“E do mercado”, digo, e ele franze o cenho. “E ainda estou dentro.”

“Você vai contar para sua mãe?”

“Não sei. Vou acabar contando, mas imagino o que ela vai dizer. Talvez devesse esperar até que se acostumasse com o fato de que estamos juntos.

Somos jovens demais para morar juntos, e não quero que ela seja mandada para um manicômio.” Dou risada, apesar de uma leve dor no peito. Gostaria que as coisas fossem simples com minha mãe e que ela se sentisse feliz por mim, mas sei que isso não vai acontecer.

“Sinto muito que isso esteja acontecendo entre vocês. Sei que é minha culpa, mas sou egoísta e quero que isso aconteça.”

“Não é sua culpa. Ela só… bem, ela é como ela é”, digo, e dou um beijo no peito dele.

“Você precisa dormir, linda. Tem que acordar cedo amanhã e já é quase meia-noite”, ele diz.

“Meia-noite? Pensei que fosse muito mais”, digo, deitando de costas para ele.

“Bem, se você não fosse tão apertada, talvez eu tivesse durado mais”, ele diz em meu ouvido.

“Boa noite”, resmungo, envergonhada.

Ele ri e beija minha nuca antes de rolar para o lado e apagar a luz.



86

Na manhã seguinte, bem cedo, percorro o quarto de Hardin recolhendo minhas coisas para tomar um banho.

“Vou com você”, ele geme, mas dou risada.

“Não vai, não. E ainda são seis da manhã. O que aconteceu com sua regra das sete e meia?”, provoco, pegando minha bolsa.

“Eu te acompanho.” Adoro a voz rouca dele logo cedo.

“Até o banheiro?”, eu o repreendo. “Já sou bem grandinha. Consigo atravessar o corredor sozinha.”

“Você não está se saindo muito bem em escutar o que digo…” Ele revira os olhos, mas vejo que está se divertindo.

“Certo, papai, pode me acompanhar até o banheiro”, resmungo de um jeito brincalhão. Não pretendo obedecer às suas ordens, mas posso ser engraçadinha por enquanto.

Hardin ergue a sobrancelha e sorri. “Não me chama assim de novo, ou vamos ter que voltar para a cama.” Ele pisca e eu saio correndo do quarto antes que sinta vontade de ficar.

Hardin me segue e fica sentado no vaso sanitário enquanto tomo um banho. “Pode ir com o meu carro”, ele diz, o que me surpreende muito.

“Vou de carona até o campus para pegar o seu e ir ao apartamento.”

Não pensei em nada disso ontem à noite, o que me deixa ainda mais chocada, já que costumo planejar tudo tão bem. “Você vai me deixar dirigir seu carro?”

“Sim. Mas se você bater nem precisa voltar”, ele diz.

Sei que está falando um pouco sério, mas dou risada e digo: “Eu é que deveria estar preocupada com a possibilidade de você bater o meu!”.

Hardin tenta abrir a cortina, mas eu a fecho de novo e ele ri. “Imagina só, linda,

você vai poder tomar banho no seu banheiro toda manhã.” A voz dele é suave como a água que enxágua o xampu dos meus cabelos.

“Acho que só vou cair na real quando estivermos lá.”

“Espera até ver o apartamento. Você vai adorar!”, ele diz.

“Alguém sabe que estamos alugando um apartamento?”, pergunto, embora saiba a resposta.

“Não, por que saberiam?”

“Sei lá, perguntei só por curiosidade.”

A torneira do chuveiro range quando a fecho. Hardin pega uma toalha e envolve meu corpo molhado quando saio.

“Conheço você bem o suficiente para saber que acha que estou escondendo dos meus amigos que vamos morar juntos”, ele diz, e não está errado.

“Bom, me parece um pouco estranho você estar saindo daqui e ninguém saber.”

“Não é por sua causa. É pra não ouvir um monte de bobagem porque estou saindo da fraternidade. Vou contar para todo mundo, até para Molly, depois que mudarmos.” Ele sorri e passa um braço pelos meus ombros.

“Eu quero contar a Molly”, digo, e o abraço.

“Fechado.”

Depois de várias tentativas de manter Hardin longe de mim enquanto me arrumo, ele me entrega a chave do carro e eu saio. Assim que entro no carro, meu telefone vibra.

Dirige com cuidado. Te amo.

Pode deixar. Cuidado com meu carro :) Te amo. Bjo.

Mal posso esperar para te ver de novo. Te encontro às cinco. Sua lata-velha vai ficar bem.

Melhor tomar cuidado com o que diz ou posso bater seu carro acidentalmente em um poste. Sorrio sozinha ao enviar a resposta.

Para de encher e vai trabalhar antes que eu desça aí e arranque seu vestido.

Apesar de ser uma ameaça muito interessante, deixo o telefone no banco do passageiro e ligo o carro. O ronco do motor é diferente do meu, que é barulhento. Apesar de ser um carro clássico, ele anda com muito mais suavidade. Hardin é cuidadoso com ele. Quando entro na estrada, meu telefone toca.

“Meu Deus, você não consegue ficar vinte minutos sem mim?”, atendo, e dou risada.

“Tessa?” A voz é de homem. Noah.

Afasto o telefone da orelha e olho para a tela para confirmar.

“Hum… desculpa. Eu pensei…”, gaguejo.

“Pensou que fosse ele… Eu sei”, Noah diz. Parece triste, mas nem um pouco bravo.

Eu não nego. “Desculpa.”

“Tudo bem”, ele diz.

“E aí…?” Não sei o que dizer.

“Vi sua mãe ontem.”

“Ah.” Ouvir a dor na voz de Noah e pensar em minha mãe fazem meu peito doer.

“É… Ela está bem brava com você.”

“Eu sei… Ameaçou parar de me ajudar com a faculdade.”

“Ela vai superar isso, sei que vai. Só está magoada”, Noah diz.

“Ela está magoada? Você está brincando?” Não acredito que a está defendendo.

“Não, não. Sei que está lidando com isso da maneira errada, mas ela só está brava por… por você estar com… ele.” O nojo que sente fica evidente em sua voz.

“Bom, minha vida amorosa não diz respeito a ela. Foi por isso que me ligou? Para dizer que não deveria estar com ele?”

“Não, não… Tessa, não foi por isso. Só queria saber se você está bem. Foi o maior tempo que já passamos sem conversar desde que tínhamos dez anos”, ele diz. Consigo imaginar sua testa franzida.

“Sinto muito por descontar em você, mas é que tem muita coisa acontecendo e pensei que estivesse ligando para…”

“Só porque não estamos mais juntos não quer dizer que não estou do seu lado”, ele diz, e meu coração dói. Tenho muita saudade dele. Não do namoro, mas Noah sempre foi uma parte muito importante da minha vida. É difícil esquecê-lo totalmente. Ele sempre esteve comigo, e eu o magoei, e nem telefonei para me explicar ou me desculpar. Sinto-me péssima pelo jeito como deixei as coisas, e meus olhos se enchem de lágrimas.

“Sinto muito por tudo, Noah”, digo baixinho e suspiro.

“Tudo bem”, ele diz, igualmente baixo. Mas, então, como se precisasse mudar de assunto, ele diz: “Fiquei sabendo do seu estágio…”, e nossa conversa continua até eu chegar à editora.

Antes de desligar, Noah promete conversar com minha mãe sobre seu comportamento, e sinto que um grande peso foi tirado de meus ombros. Ele sempre conseguiu acalmá-la melhor do que ninguém quando fica nervosa.

O resto do dia é bom. Termino meu primeiro manuscrito e faço anotações para o sr. Vance. Hardin e eu trocamos mensagens para combinar onde vamos nos encontrar, e, quando percebo, o expediente já acabou.

Quando chego ao endereço que ele mandou, fico surpresa ao perceber que fica no meio do caminho entre o campus e a editora. Eu demoraria apenas vinte minutos para chegar ao trabalho se morasse aqui. Quando morar aqui.

Morar com Hardin ainda me parece uma ideia muito abstrata.

Não vejo meu carro quando entro no estacionamento. Telefono para Hardin, mas cai na caixa postal. E se ele mudou de ideia? Ele me contaria, não?

Começo a entrar em pânico, mas Hardin surge com meu carro e para ao meu lado. Pelo menos parece meu carro, mas tem algo de diferente nele. A tinta não está mais riscada, e ele parece brilhante e novo.

“O que você fez com meu carro?”, pergunto quando saio.

“Também estava com saudade”, ele sorri e beija meu rosto.

“Sério, o que você fez?” Cruzo os braços.

“Mandei pintar. Você poderia agradecer.” Ele revira os olhos.

Mordo a língua por causa de onde estamos e pelo que estamos prestes a

fazer. Além disso, a pintura ficou muito boa. Mas não gosto da ideia de Hardin gastar dinheiro comigo, e pintar o carro não pode ter sido barato.

“Obrigada.” Eu sorrio e entrelaço os dedos nos dele.

“De nada. Agora, vamos entrar.” Hardin me guia pelo estacionamento.

“Você fica bem dirigindo meu carro, principalmente com esse vestido. Não consegui parar de pensar em você o dia todo. Gostaria que tivesse mandado as fotos nuas que pedi”, ele diz, e eu dou uma cotovelada nele. “Só estou dizendo. A aula teria ficado bem mais interessante.”

“Ah, então você foi à aula?”, digo, e dou risada.

Ele dá de ombros e abre a porta do prédio para mim. “Aqui estamos.”

Sorrio diante do gesto tão incomum e entro. A recepção do prédio não é o que eu esperava. É toda branca: piso branco, paredes brancas, cadeiras brancas, sofás brancos, tapetes brancos, lâmpadas brancas sobre mesas vazias.

Parece elegante, mas muito intimidador. Um homem baixo e careca de terno nos recebe e aperta a mão de Hardin. Parece nervoso perto de nós, ou talvez só perto de Hardin.

“Você deve ser Theresa.” Ele sorri. Seus dentes são tão brancos quanto as paredes claras.

“Tessa.” Eu sorrio enquanto Hardin tenta controlar seu próprio sorriso.

“Prazer. Vamos à assinatura?”

“Não, ela quer ver o apartamento primeiro. Como assinaríamos se ela nem viu?” Hardin diz com seriedade.

O pobre homem se assusta e concorda. “Claro, vamos subir.” Ele faz um gesto em direção ao corredor.

“Seja gentil”, digo a Hardin enquanto caminhamos até o elevador.

“Não.” Ele sorri e aperta minha mão de leve.

Olho para ele, mas seu sorriso de covinhas fica maior ainda. O homem me conta que a vista é linda e que esse é um dos melhores e mais diferentes prédios na região. Concordo e escuto com educação, e Hardin se cala quando saímos do elevador. Eu me surpreendo com o contraste entre o lobby e a entrada. Parece que entramos em um prédio totalmente diferente… em uma época diferente, até.

“Aqui está”, o homem diz, abrindo a porta à nossa frente. “Há só cinco apartamentos neste andar, por isso vocês terão bastante privacidade.” Ele faz um gesto para que entremos, mas desvia o olhar de Hardin. Com certeza está com medo dele. Não posso julgá-lo, mas é divertido observar.

Eu me surpreendo com o que vejo. O piso da sala é de concreto antigo e manchado, exceto por um quadrado grande de madeira maciça no espaço que imagino que seria a sala de estar. As paredes são de tijolos aparentes e bonitas. Mal conservadas, mas perfeitas. As janelas são grandes e a mobília é antiga, mas leve. Se eu pudesse planejar o espaço perfeito, seria este. Tem um toque de outra era, mas é moderno ao mesmo tempo.

Hardin me observa com atenção enquanto olho ao redor, entrando nos outros cômodos sozinha. A cozinha é pequena e tem azulejos coloridos acima da pia e do balcão, dando um toque descontraído. Amo tudo nesse apartamento pequeno. A recepção lá embaixo me assustou, então pensei que odiaria o lugar, que seria apertado e caro, mas estou feliz por ter me enganado. O banheiro é pequeno, mas

grande o suficiente para nós, e o quarto é perfeito, como todo o resto. Três paredes são de tijolos aparentes e uma é coberta por uma estante que vai do chão ao teto. Tem uma escada para acessar as prateleiras de cima, e eu não consigo parar de rir, porque sempre me imaginei morando num apartamento. Só não pensei que seria tão cedo.

“Podemos encher a estante, temos muitos livros”, Hardin diz, nervoso.

“Eu… é…”

“Você não gostou? Pensei que gostaria. Parecia perfeito para você. Droga!”

Ele franze o cenho e passa os dedos pelos cabelos.

“Não, eu…”

“Vamos ver outro”, Hardin diz ao homem.

“Hardin! Se esperar eu terminar, quero dizer que amei.”

O homem parece tão aliviado quanto Hardin, cujo franzir de testa se transforma num sorriso enorme. “É mesmo?”

“Sim, eu estava com receio de que fosse um apartamento frio e cheio de frescura, mas é perfeito”, digo a ele com sinceridade.

“Eu sabia! Bem, estava ficando meio nervoso, mas assim que vi este apartamento pensei em você nele…” Hardin aponta o banco perto da janela.

“Imagina sentar ali e ler um livro. Foi quando soube que queria que você morasse aqui comigo.”

Sorrio, sentindo um frio na barriga ao ouvi-lo dizer isso na frente de outra pessoa, ainda que de um corretor desconhecido.

“Então, vamos assinar?” O homem se remexe desconfortavelmente.

Hardin olha para mim e eu concordo. Não acredito que estamos fazendo isso, de verdade. Ignoro a voz que lembra que é muito cedo, que sou jovem demais, e volto para a cozinha com ele.



87

Hardin assina no pé de uma página que parece ser interminável antes de passá-la para mim. Pego a caneta e assino logo, antes que me arrependa. Eu estou pronta para isso. Nós estamos prontos para isso. Sim, somos jovens e nos conhecemos há pouco tempo, mas sei que estou apaixonada por ele, e ele por mim. Desde que tenha certeza disso, o resto se ajeita.

“Certo, aqui estão suas chaves.” Robert, cujo nome enfim descobri lendo a papelada, entrega um molho de chaves, despede-se e vai embora.

“Então… Seja bem-vinda ao lar”, Hardin diz quando estamos sozinhos.

Dou risada e chego mais perto, para que ele possa me abraçar.

“Nem acredito que moramos aqui agora. A ficha ainda não caiu.” Meus olhos percorrem a sala de estar.

“Se alguém me dissesse que estaria morando com você, ou até namorando você, dois meses atrás, teria dado risada ou um soco na cara da pessoa… ou as duas coisas.” Ele abre um sorriso, e eu seguro seu rosto entre as mãos.

“Ah, mas que gracinha”, brinco, apoiando as mãos em seu corpo. “É um alívio ter um espaço só pra gente. Chega de festas, colegas de quarto e chuveiros coletivos”, comento.

“Nossa própria cama”, ele acrescenta com um brilho nos olhos. “Vamos precisar comprar algumas coisas, tipo pratos e tal.”

Levo minha mão à testa dele. “Está se sentindo bem?”, pergunto com um sorriso. “Está tão bonzinho hoje…”

Ele afasta minha mão e dá um beijinho nela. “Só quero ter certeza de que você vai gostar daqui. Quero que se sinta em casa… comigo.”

“Mas e você? Está se sentindo em casa aqui?”, pergunto.

“Para minha surpresa, sim”, ele responde, balançando a cabeça e olhando ao

redor.

“A gente precisa ir buscar minhas coisas. Não é muito, só uns livros e umas roupas.”

Hardin agita o braço no ar como se estivesse fazendo um truque de mágica. “Feito.”

“Quê?”, pergunto.

“Já tirei todas as suas coisas do dormitório. Estão no seu porta-malas”, ele explica.

“Como você sabia que eu ia assinar o contrato? E se eu odiasse o

apartamento?”, pergunto com um sorriso. Queria poder me despedir de Steph e do quarto que foi meu por três meses, ainda que em breve vá vê-la de novo.

“Se não gostasse, eu ia procurar outro melhor”, ele responde, cheio de confiança.

“Certo… Mas e suas coisas?”

“A gente pode ir buscar amanhã. Tenho umas roupas no porta-malas.”

“Por que isso, aliás?” Ele sempre carrega um monte de roupas limpas no carro.

“Sei lá. Acho que porque a gente nunca sabe quando vai precisar de roupas limpas.” Hardin dá de ombros. “Vamos até o mercado comprar comida e coisas de cozinha”, ele sugere.

“Certo.” Sinto um frio na barriga desde o momento em que pus os pés no apartamento. “Posso dirigir seu carro de novo?”, pergunto quando chegamos ao saguão do prédio.

“Não sei…”, ele diz com um sorriso.

“Você mandou pintar meu carro sem minha permissão. Acho que ganhei esse direito.” Estendo a mão, e Hardin revira os olhos antes de me entregar a chave.

“Então você gostou do meu carro? É bom de dirigir, né?”

Lanço um olhar malicioso para ele. “É legalzinho.”

Mentira, é uma delícia de dirigir.

Nosso prédio não poderia ter uma localização melhor. Estamos perto de uma porção de lojas, cafés e até de um parque. Decidimos ir à Target, e em pouco tempo o carrinho está cheio de louças, potes, panelas, copos e outras coisas que nem sei se vamos precisar, mas parecem úteis. Deixamos para comprar comida depois, porque já pegamos coisas demais. Eu me ofereço para ir ao mercado saindo do estágio amanhã e peço a Hardin uma lista do que gosta de comer. A melhor coisa de morar junto por enquanto é descobrir uma porção de detalhes sobre Hardin que eu não teria como saber.

Ele costuma fornecer informações a conta-gotas, e é bom ficar sabendo de algumas coisas sem precisar brigar. Apesar de passarmos quase todas as noites juntos, só de fazer uma lista aprendo muito. Por exemplo: Hardin gosta de comer cereal sem leite; a mera ideia de ter louças que não combinam entre si o deixa maluco; ele usa dois tipos de pasta de dente, um de manhã e outro à noite, e não sabe por que faz isso; e prefere esfregar o chão mil vezes a encher uma lava-louças.

Disputamos na frente do caixa para ver quem paga as contas. Sei que ele teve que fazer um depósito para alugar o apartamento, então queria pelo menos pagar isso. Mas Hardin se recusa a me deixar pagar qualquer coisa que não seja TV a cabo e comida. A princípio, tínhamos combinado que a conta de luz seria minha, mas ele só confirmou que estava inclusa no

aluguel quando o questionei com o contrato na mão. O contrato. Tenho um contrato de aluguel com meu namorado no primeiro ano de faculdade. É

loucura.

Hardin olha feio para a mulher do caixa enquanto passo meu cartão de débito, mas ela nem dá bola. Tenho vontade de soltar um risinho de triunfo, mas sei que ele já está irritado, e não quero estragar nossa noite.

Hardin fica mal-humorado durante todo o caminho de volta, e eu permaneço em silêncio, porque na verdade estou achando tudo divertido.

“Podemos fazer duas viagens e ir comprar o resto das coisas”, sugiro.

“É mais uma coisa que você precisa saber: prefiro ter que carregar cem sacolas de uma vez a fazer duas viagens”, ele responde, enfim abrindo um sorriso.

“Vamos ter que fazer duas viagens de qualquer jeito, porque as louças são pesadas.” A irritação de Hardin aumenta, assim como meu divertimento.

Guardamos as louças, e Hardin pede uma pizza. Por educação, eu me ofereço para pagar, e ganho em troca um olhar hostil e um gesto obsceno.

Dou risada e ponho o lixo nas caixas em que vieram as louças. O anúncio dizia que o apartamento era mobiliado, e estava cem por cento correto

— tem tudo de que precisamos, até latas de lixo e cortina no chuveiro.

“A pizza vai chegar em meia hora. Enquanto isso vou pegar suas coisas lá embaixo”, ele avisa.

“Eu vou também”, digo, e começo a segui-lo.

Hardin pôs minhas coisas em duas caixas e um saco de lixo, o que não gosto nem um pouco de ver, mas não faço nenhum comentário. Ele apanha uma calça e algumas camisetas no porta-malas e joga dentro do saco com as minhas roupas.

“Ainda bem que temos ferro de passar”, digo por fim. Dentro do porta-malas, uma coisa chama minha atenção. “Você não jogou fora esses lençóis?”, pergunto.

“Ah, é… Não, eu ia jogar, mas esqueci”, ele responde, desviando o olhar.

“Certo…” Fico um pouco desconfortável com a reação dele.

Carregamos uma porção de coisas lá para cima, e assim que terminamos o entregador toca a campainha. Hardin vai até lá pegar a pizza e quando volta o aroma que sai da caixa é divino. Não percebi que estava com tanta fome.

Comemos à mesa, e é estranho e ao mesmo tempo gostoso jantar com Hardin na nossa casa. Devoramos a pizza deliciosa em silêncio, mas um silêncio bom. Do tipo que faz as pessoas se sentirem em casa.

“Eu te amo”, ele diz enquanto ponho as coisas na lava-louças.

“Eu te amo.” Meu telefone começa a vibrar ruidosamente sobre a mesa de madeira. Hardin bate de leve na tela. “Quem é?”, pergunto.

“Noah?”, ele diz, respondendo e perguntando ao mesmo tempo.

“Ah.” Sei que isso não vai acabar bem.

“Ele disse que foi bom conversar com você hoje.” Hardin cerra os dentes.

Vou até lá e pego o celular, praticamente arrancando-o da mão dele. Posso jurar que estava tentando esmigalhar o aparelho.

“Pois é, ele me ligou hoje”, digo com uma tranquilidade fingida. Eu ia contar, só não encontrei a oportunidade ideal para isso.

“E…?” Hardin ergue a sobrancelha.

“Ele disse que encontrou minha mãe e queria saber se estava tudo bem comigo.”

“Por quê?”

“Sei lá… para manter o contato, eu acho.” Dou de ombros e me sento na cadeira ao seu lado.

“Ele não tem por que manter contato com você”, Hardin resmunga.

“Não tem nada de mais. A gente se conhece desde criança.”

Os olhos dele ficam mais frios. “Foda-se.”

“Você está sendo ridículo. A gente está morando juntos e você está preocupado com uma ligação do Noah?”, ironizo.

“Você não tem por que falar com ele. Aliás, ele deve estar pensando que você está querendo voltar, se atendeu à ligação dele.” Hardin passa as mãos pelos cabelos.

“Está nada. Ele sabe que estou com você.” Faço de tudo para controlar minha raiva.

Hardin aponta para meu celular com um gesto exaltado. “Então liga agora e pede

para ele nunca mais procurar você.”

“Quê? Não! Não vou fazer isso. Noah não fez nada de errado. Ele já sofreu o suficiente por minha causa — por nossa causa. Não vou dizer isso para ele.

Não tem problema nenhum sermos amigos.”

“Tem, sim”, Hardin retruca, levantando a voz. “Ele se acha melhor que eu, e vai tentar tirar você de mim! Não sou tonto, Tessa. Sua mãe também quer que você volte com ele… Não vou deixar ninguém tirar o que é meu!”

Dou um passo atrás e o encaro com os olhos arregalados. “Escuta só o que você está me dizendo! Está parecendo um louco! Não vou maltratar ninguém só porque você acha que é meu dono!” Saio da cozinha pisando duro.

“Não vira as costas para mim!”, ele esbraveja, seguindo-me até a sala.

É típico de Hardin arrumar briga comigo logo depois do dia maravilhoso que tivemos. Mas dessa vez não vou ceder. “Então para de agir como se mandasse em mim. Posso me comprometer a ouvir mais a respeito de como você se sente daqui em diante, mas não em relação a Noah. Se ele tentasse alguma aproximação ou dissesse alguma coisa inconveniente, eu seria a primeira a cortar relações, mas não foi isso que aconteceu. E está na cara que você não confia em mim.”

Hardin fica me olhando, e por um momento chego a pensar que sua irritação está se dissipando, mas então ele diz: “Não gosto dele”.

“Tudo bem, eu entendo, mas você precisa ser mais razoável. Noah não está tentando me roubar de você. Não é o tipo de coisa que ele faria. Foi a primeira vez que falou comigo desde que terminei com ele.”

“E vai ser a última!”, grita Hardin. Reviro os olhos e vou para o banheiro.

“O que você está fazendo?”, ele pergunta.

“Vou tomar um banho, e quando sair espero que você tenha parado com essa criancice”, respondo. Sinto orgulho de mim mesma pela maneira como o enfrentei, mas não consigo deixar de me preocupar. Sei que só está com medo de me perder, que morre de ciúme da minha proximidade com Noah.

Em teoria, Noah é a pessoa ideal para mim, e Hardin sabe disso, mas não sou apaixonada por Noah, e sim por Hardin.

Ele me segue até o banheiro, mas, quando começo a tirar a roupa, vira as costas e sai, batendo a porta atrás de si. Tomo um banho bem rápido, e quando saio Hardin está deitado na cama de cueca. Abro a gaveta para pegar meu pijama em silêncio.

“Você não vai usar minha camiseta?”, ele pergunta baixinho.

“Eu…” Percebo que Hardin tinha deixado a camiseta dobradinha sobre o móvel ao lado da cama. “Obrigada.” Eu a visto, e seu cheiro familiar com um toque de menta quase me faz esquecer que estou brava com ele. Mas, quando vejo o mau humor estampado em seu rosto, me lembro de tudo na hora. “Que noite mais agradável”, digo com uma bufada enquanto levo a toalha para o banheiro.

“Vem cá”, ele diz quando volto.

Com movimentos hesitantes, caminho até ele, que se senta na beirada da cama e me puxa para perto, deixando-me de pé entre suas pernas.

“Desculpa”, Hardin diz, olhando para mim.

“Pelo quê?”

“Por me comportar como um homem das cavernas”, ele esclarece, e eu solto uma risadinha. “E por estragar nossa primeira noite juntos”, Hardin acrescenta.

“Obrigada. Precisamos aprender a conversar sobre essas coisas, em vez de brigar.” Fico remexendo os cabelos de sua nuca com os dedos.

“Eu sei.” Ele abre um meio sorriso. “Podemos conversar sobre você nunca mais falar com ele?”

“Hoje não”, respondo com um suspiro. Sei que precisamos encontrar um meio-termo, mas não vou abrir mão do meu direito de falar com alguém que conheço desde criança.

“Olhe só para nós dois resolvendo nossos problemas.” Ele solta uma risadinha.

“Espero que os vizinhos não façam questão de silêncio absoluto.”

“Ah, isso eles já não teriam de jeito nenhum.” Hardin abre seu sorriso com covinhas para complementar o efeito do que disse, mas ignoro o

comentário obsceno.

“Realmente não queria estragar nossa noite”, ele repete.

“Eu sei, mas ainda não estragou. São só oito horas.” Abro um sorriso.

“Queria ter tirado pessoalmente aquele seu vestido”, ele diz, com um olhar mais sério e concentrado.

“Posso pôr de volta”, digo, em uma tentativa de ser sexy. Sem dizer nada, ele se levanta e me põe sobre o ombro. Dou um grito e tento dar um chute nele. “O que você está fazendo?”

“Estou indo buscar o vestido.” Hardin dá risada enquanto me carrega até o cesto de roupas sujas.



88

“Pena que não deu para chegar até a parte de eu tirar seu vestido”, Hardin cochicha no meu ouvido e me empurra mais para o meio da cama. Assim que tiro a camiseta, ele praticamente pula em cima de mim e põe a camisinha tão rápido que mal consigo ver.

“Humm…” É a única coisa que consigo dizer enquanto ele entra e sai de mim. Pela primeira vez, não sinto dor quando estamos fazendo amor, apenas prazer.

“Minha nossa, linda… como você é gostosa”, ele diz com um grunhido enquanto investe contra mim. É uma sensação indescritível. Seu corpo magro se encaixa perfeitamente entre minhas pernas, e o contato de sua pele quente contra a minha produz uma sensação divina. Penso em dizer alguma coisa para estimulá-lo com palavras obscenas do mesmo modo que ele faz comigo, mas estou completamente perdida nas ondas de prazer que continua enviando pelo meu corpo com seu ataque incessante.

Eu me agarro às suas costas, arranhando sua pele com as unhas, e Hardin revira os olhos. Adoro vê-lo assim, tão descontrolado, entregue a sensações primitivas. Ele ergue minhas coxas para que eu envolva sua cintura, aproximando ainda mais nossos corpos. Enquanto me leva ao limite, meus dedos do pé se dobram, minhas pernas se contraem em torno de suas costas e, em meio a gemidos, digo seu nome repetidas vezes.

“Isso mesmo, linda… goza para mim. Me mostra como é bom… porra…

como é bom o que você está s-sentindo”, ele gagueja, e eu sinto que ele se contrai dentro de mim. Apesar de terminar alguns segundos antes de mim, seus movimentos precisos prosseguem até eu me derreter toda sobre a cama.

Meu corpo está completamente relaxado, e ele cai por cima de mim. Ficamos deitados em silêncio, curtindo aquela proximidade, e alguns minutos depois roncos baixinhos começam a escapar dos lábios de Hardin.

Os dias passam depressa. Ter a liberdade de fazer o que quiser pela primeira vez na vida faz isso com alguém. Ainda estranho o fato de ter uma casa e um chuveiro só para mim, de fazer meu café na minha própria cozinha. Dividir tudo isso com Hardin só torna as coisas melhores. Decido usar meu vestido azul-marinho com sapatos brancos de salto. Estou me acostumando a caminhar com eles, mas ainda guardo as boas e confiáveis

sapatilhas na bolsa só por precaução. Meus cabelos estão cacheados e penteados para trás, e passo até um pouco de sombra e delineador. Estou adorando ter um espaço só para mim.

Hardin se recusa a acordar, e se senta na cama apenas para me dar um beijo. Não sei como ele consegue trabalhar e ainda dar conta dos estudos, porque ainda não o vi fazer nenhuma das duas coisas. Em um gesto corajoso, pego a chave do carro dele para ir até a editora. Se vai faltar à aula, não vai nem perceber, certo? Até me esqueço de que moro muito mais perto da Vance agora, e preciso me lembrar de agradecer a Hardin por sua preocupação, apesar de ter que dirigir por mais tempo para chegar até o campus. O fato de não demorar mais quarenta e cinco minutos para chegar à editora facilita um bocado meu dia.

Quando chego ao último andar, Kimberly está de pé ao lado da mesa de reuniões, arrumando os donuts em fileiras perfeitas e simétricas.

“Uau, Tessa! Olha só!” Ela solta um assobio de brincadeira e, quando fico vermelha, dá risada. “Azul-marinho é a cor perfeita para você.” Kimberly me olha de cima a baixo outra vez. Fico um pouco envergonhada, mas seu sorriso ameniza a situação. Venho me sentindo bem mais confiante e sexy ultimamente, graças a Hardin.

“Obrigada.” Retribuo o sorriso, pego um donut e um copo de café. O

telefone toca, e Kimberly vai correndo atender.

Quando chego à minha sala, leio um e-mail de Christian Vance elogiando meus comentários sobre o primeiro manuscrito e dizendo que, apesar de aquela obra não ter o perfil da editora, ele está curioso para ver minha próxima avaliação. Começo o trabalho imediatamente.

“Alguma coisa que preste?” A voz de Hardin me tira do trabalho com um sobressalto. Levanto a cabeça um tanto chocada, e ele sorri. “Deve ser, já que nem percebeu que cheguei.”

Hardin está lindo. Seus cabelos estão penteados para trás, como sempre, mas estão mais baixos que o normal nas laterais, e ele está usando uma camiseta branca com gola V mais justa, o que deixa suas tatuagens ainda mais visíveis sob a roupa. Ele é inacreditavelmente gostoso — e todo meu.

“E então… como foi o caminho até aqui?”, Hardin pergunta com um sorrisinho.

“Ótimo”, respondo com uma risadinha.

“Então você pensa que pode pegar meu carro sem permissão?” Seu tom de voz é bem grave, e não consigo identificar se está ou não brincando.

“Eu… bom…”

Hardin não diz nada, simplesmente caminha até atrás da minha mesa e puxa minha cadeira. Seus olhos passeiam dos meus sapatos até meu rosto, e ele me faz ficar de pé. “Você está muito gostosa hoje”, ele diz com a boca colada ao meu pescoço antes de me beijar.

Estremeço toda. “Por que… por que você está aqui?”

“Não está feliz em me ver?” Ele sorri e me põe em cima da mesa.

Ah. “Sim… claro que estou”, digo. Estou sempre feliz em vê-lo.

“Acho que até posso pensar em voltar para cá se puder fazer isto todos os dias”, ele diz, pondo as mãos nas minhas coxas.

“Alguém pode aparecer.” Tento parecer séria, mas minha voz está trêmula.

“Não, Vance está em reunião fora pelo resto da tarde, e Kimberly disse que liga se precisar.”

A ideia de Hardin ter insinuado para Kimberly o que vamos fazer deixa meu rosto queimando, mas logo meus hormônios assumem o comando.

Dou uma olhada para a porta.

“Está trancada”, ele responde, todo presunçoso.

Sem pensar duas vezes, puxo Hardin mais para perto e imediatamente levo a mão à região da sua virilha, apalpando-o por cima da roupa. Ele solta um grunhido e desabotoa a calça, abaixando-a junto com a cueca.

“Vai ser mais rápido que de costume, certo, linda?”, ele diz enquanto puxa minha calcinha de lado.

Faço que sim com a cabeça, cheia de expectativa, e passo a língua pelos lábios. Hardin dá uma risadinha e me puxa pelos quadris até a beirada da mesa. Minha boca ataca seu pescoço, e ouço o barulho da embalagem da camisinha sendo rasgada.

“Olha só você… três meses atrás ficava vermelha só de falar em sexo, e agora vai dar para mim em cima da mesa”, ele murmura antes de me agarrar.

Hardin tapa minha boca e morde o lábio inferior. Não acredito que estou deixando Hardin transar comigo em cima da minha mesa no lugar onde trabalho, com Kimberly a poucos metros de distância. Por mais que odeie admitir, a ideia me deixa louquinha. Assim é ainda melhor.

“Você vai… ficar… quietinha…”, ele diz, e começa a se mover ainda mais

depressa. Balanço a cabeça e começo a ofegar, segurando-me em seus braços para não cair da mesa.

“Você gosta assim, não é? Bem forte e bem rápido?” Hardin cerra os dentes. Cubro a boca com a mão, mordendo de leve minha própria pele para não fazer barulho.

“Se não responder eu paro”, ele ameaça.

Baixo os olhos e faço que sim com a cabeça, entregue demais à sensação para dizer qualquer coisa.

“Eu sabia”, Hardin comenta, e me vira de costas, deixando minha barriga contra a mesa.

Ai. Ele volta a arremeter contra mim, com movimentos lentos, e me puxa para trás pelos cabelos para beijar meu pescoço. A tensão cresce no meu ventre, e seus movimentos vão ficando mais descontrolados — nós dois

estamos quase lá. Com uma última estocada, Hardin beija meu ombro antes de sair de dentro de mim e me ajudar a descer da mesa.

“Isso foi…”, tento dizer, mas ele me interrompe beijando minha boca.

“Pois é… foi mesmo”, Hardin diz por mim antes de subir a calça. Passo os dedos pelos cabelos e pelo rosto para garantir que está tudo em ordem antes de dar uma olhada no relógio. São quase três horas. O dia passou voando de novo.

“Está pronta?”, ele pergunta.

“Como assim? São só três horas”, digo, apontando para o relógio.

“Christian disse que você pode sair mais cedo. Falei com ele uma hora atrás.”

“Hardin! Você não pode ficar pedindo para eu sair mais cedo. Esse estágio é importante para mim.”

“Relaxa, linda. Christian falou que ia passar a tarde fora, e a ideia de você sair mais cedo foi dele.”

“Não quero que ninguém pense que estou tirando vantagem da situação.”

“Ninguém vai pensar isso. Suas notas e seu trabalho falam por si.”

“Espera… então por que você não me ligou para dizer que eu podia ir para casa mais cedo?”, questiono, erguendo uma sobrancelha.

“Quero pegar você em cima dessa mesa desde seu primeiro dia aqui.”

Hardin abre um sorrisinho presunçoso e pega minha jaqueta para mim.

Quero dizer que é loucura essa ideia de vir aqui e transar comigo em cima da mesa, mas não tenho como negar que adorei. Com aquela camiseta branca sobre seus músculos tatuados, eu seria incapaz de negar o que quer que fosse para ele.

Quando chegamos ao estacionamento, ele aperta os olhos sob o sol e diz:

“Acho que a gente pode aproveitar para ir comprar as roupas para aquela porcaria de casamento”.

“Boa ideia”, concordo. “Mas vou voltar para casa com seu carro, e você pode deixar o meu lá antes de ir.” Entro no carro de Hardin antes que possa protestar. Ele sacode a cabeça e dá risada.

Depois de deixarmos meu carro em casa, vamos até o shopping. Hardin resmunga e reclama feito uma criança o tempo todo, e eu literalmente tenho que suborná-lo com promessas de favores sexuais para que aceite comprar uma gravata. Ele acaba escolhendo um terno preto, com camisa branca e gravata também preta. Bem básico, mas perfeito para ele. Hardin se recusa a experimentar, então fico torcendo para que sirva. Não quero que arrume nenhuma desculpa para não ir ao casamento e não vou deixar isso acontecer.

Quando decidimos o que levar para ele, é minha vez.

“O branco”, ele diz, apontando para o vestidinho curto na minha mão, sendo a outra opção um preto, mais longo. Como a festa vai ser em preto e

branco, separei um de cada cor. Hardin pareceu gostar muito do vestido branco que usei ontem, então decido aceitar sua opinião. Para minha irritação, antes que eu me dê conta, em vez de “só carregar” meu vestido e meus sapatos como

prometeu, percebo que ele já está pagando a conta.

Quando reclamo, a menina do caixa sorri, dá de ombros e diz: “Não posso fazer nada”.

“Tenho que trabalhar hoje à noite, então não vou jantar em casa”, ele me comunica quando saímos do shopping.

“Ah. Pensei que você trabalhasse em casa.”

“Trabalho, mas preciso dar uma passada na biblioteca”, ele explica. “Não vou demorar.”

“Vou ao mercado, então, enquanto você estiver fora”, respondo, e ele assente.

“Toma cuidado e volta antes de anoitecer”, ele recomenda.

Hardin diz o que quer do mercado e sai assim que chegamos ao apartamento. Ponho uma calça jeans e um moletom e vou andando até o mercadinho da rua. Quando volto, guardo as coisas, estudo um pouco e preparo alguma coisa para comer. Mando uma mensagem para Hardin, mas, como não recebo resposta, deixo um prato no micro-ondas para ele esquentar quando chegar e deito no sofá para ver televisão.



89

Quando acordo, demoro alguns segundos para perceber que ainda estou no sofá.

“Hardin?”, chamo, desvencilhando-me do cobertor. Vou andando para o quarto torcendo para que esteja lá. A cama está vazia. Cadê ele?

Volto para a sala e pego meu telefone no sofá. Nada de mensagens dele… e são sete da manhã. Eu ligo, mas a chamada cai na caixa postal, e não deixo recado. Vou pisando duro para a cozinha, ligo a cafeteira e vou tomar banho.

Tive sorte de acordar na hora, porque esqueci de ligar o despertador. Nunca tinha esquecido antes.

“Cadê você?”, digo em voz alta ao entrar no chuveiro.

Enquanto seco os cabelos, procuro encontrar explicações para sua ausência. Ontem à noite pensei que precisava botar o trabalho em dia, ou tinha encontrado alguém e perdido a noção da hora. Mas em uma biblioteca? Bibliotecas fecham cedo, e até bares fecham no fim da noite. A explicação mais provável é que tenha passado numa festa. Por algum motivo, sei que foi isso que aconteceu. Parte de mim ainda está preocupada com a possibilidade de um acidente ou coisa do tipo, mas é um pensamento assustador demais para ficar remoendo. Qualquer que seja a justificativa que encontre para mim mesma, uma coisa eu sei: ele está fazendo algo que não deveria. Ontem estava tudo tão bem, e de repente Hardin resolve passar a noite fora?

Sem vontade de me arrumar, ponho uma velha saia preta e uma camisa rosa. O céu está nublado, e quando chego à editora meu humor está tão ruim quanto o tempo. Quem ele pensa que é para passar a noite fora sem nem me avisar?

Kimberly ergue a sobrancelha para mim quando passo direto pela mesa de donuts sem pegar nenhum, mas abro o sorriso forçado mais sincero que consigo e vou para minha sala. A manhã é difícil. Leio e releio as mesmas páginas várias vezes sem conseguir registrar o significado das palavras.

Escuto uma batida na porta, e meu coração dispara. Desejo desesperadamente que seja Hardin, apesar de estar furiosa com ele. Mas é Kimberly.

“Quer ir almoçar comigo?”, ela pergunta, toda gentil.

Quase recuso a oferta, mas ficar sentada ali surtando por causa do meu

namorado não vai me ajudar em nada.

“Claro.” Abro um sorriso.

Vamos andando até o mexicano da esquina. Quando entramos, estamos ambas tremendo, e ela pede uma mesa perto do aquecedor. Nós nos sentamos e esfregamos as mãos para tentar nos esquentar.

“Esse tempo está de matar”, ela comenta, reclamando do frio e lamentando o fato de não ser mais verão.

“Quase me esqueci de como faz frio no inverno”, digo em resposta. A última estação passou voando para mim, e mal percebi que o outono está acabando.

“E então… como estão as coisas com seu namorado durão?”, ela pergunta aos risos.

O garçom traz um prato de nachos e molho, e meu estômago ronca alto.

Nunca mais vou deixar de comer meu donut matinal.

“Bom…” Fico em dúvida se falo ou não sobre minha vida com ela, mas não é como se eu tivesse muitas amigas. Nenhuma, na verdade, a não ser Steph, que não vi mais. Kimberly é pelo menos dez anos mais velha que eu, e talvez tenha um entendimento melhor sobre a cabeça dos homens, que para mim é um completo mistério. Olho para o teto decorado com lustres em forma de garrafas de cerveja e respiro fundo.

“Bom, na verdade nem sei como as coisas estão no momento. Ontem estava tudo bem, aí ele passou a noite fora. A noite toda. Foi nossa segunda noite no apartamento, e ele não voltou para casa”, explico.

“Espera… espera… volta um pouco. Vocês estão morando juntos?” Ela está de queixo caído.

“É… desde terça-feira.” Tento abrir um sorriso.

“Certo, e aí ele não voltou para casa ontem à noite?”

“Não, disse que precisava trabalhar e ia passar na biblioteca, mas não voltou mais.”

“E você não acha que ele pode estar machucado ou coisa do tipo?”

“Não.” Acho que de alguma forma eu saberia se tivesse acontecido alguma coisa. Sinto que nosso laço é tão forte que eu sentiria imediatamente se estivesse em apuros.

“Ele não ligou?”

“Não. Nem mandou mensagem.” Fecho a cara.

“Eu cortaria o saco dele fora se fosse você. Isso é inaceitável”, Kimberly afirma.

O garçom para na nossa mesa para dizer que a comida já vai sair e enche meu copo com água. Fico feliz pela interrupção, porque assim ganho um tempo para respirar depois de ouvir o comentário áspero de Kimberly.

Ela continua falando e, quando percebo que está me dando apoio e não me julgando, começo a me sentir melhor. “Você precisa deixar claro que não

aceita esse tipo de comportamento, caso contrário ele vai continuar fazendo isso. O problema dos homens é que eles são muito apegados aos hábitos, e se isso virar um hábito nunca mais vai parar. Ele precisa saber desde o começo que você não tolera isso. Que ele tem sorte de ter você por perto, e que precisa aprender a andar na linha.”

O discurso dela me deixa mais segura em estar com raiva. Tenho todo o direito. Deveria mesmo “cortar o saco dele fora”, nas palavras nada sutis de Kimberly.

“Como eu faço isso?”, pergunto, e ela dá risada.

“Briga com ele. A não ser que tenha uma boa desculpa, o que com certeza ele está inventando agora mesmo, você já tem que entrar pela porta falando um monte. Você merece ser respeitada, e, se ele é incapaz de fazer isso, pode ir para a rua.”

“Falando assim parece tão fácil.” Dou risada.

“Ah, não é nada fácil.” Ela ri também, mas depois fica séria de novo. “Mas é isso que precisa fazer.”

Falamos sobre sua época da faculdade e sobre sua cota de relacionamentos ruins. Seus cabelos loiros balançam o tempo todo enquanto ela sacode a cabeça ao contar suas histórias. Rio tanto que preciso até enxugar os olhos. A comida é ótima, e fico feliz por ter ido almoçar com ela em vez de ficar me torturando sozinha no escritório.

Quando estou voltando para minha sala, Trevor me vê perto do banheiro e vem até mim, sorrindo. “Oi, Tessa.”

“Oi, tudo bem?”, respondo com toda a educação.

“Tudo. Está um frio terrível lá fora”, ele comenta, e eu faço que sim com a cabeça. “Você está muito bonita hoje”, Trevor acrescenta, e imediatamente vira o rosto. Fico com a impressão de que não queria dizer aquilo em voz alta. Abro um sorriso e agradeço. Ele sai andando na direção do banheiro, visivelmente sem graça.

Quando chega a hora de ir embora, sinto que não avancei no trabalho, então levo o manuscrito para casa na expectativa de compensar o dia perdido.

O carro de Hardin ainda não está no estacionamento quando chego. Minha raiva volta com toda a força, e pego o telefone e deixo uma mensagem furiosa na caixa postal, o que para minha surpresa faz com que me sinta um pouco melhor. Faço uma coisinha rápida para comer e deixo tudo pronto para amanhã.

Não acredito que só faltam dois dias para o casamento. E se ele não voltar antes disso? Mas ele vai voltar. Ou não? Dou uma olhada ao redor. Por mais charmoso que seja o apartamento, parece perder boa parte da graça na ausência de Hardin.

De alguma forma, consigo trabalhar um pouco, e estou guardando as

coisas quando a porta se abre. Hardin entra cambaleando pela sala e vai para o quarto sem dizer uma palavra. Escuto quando joga as botas no chão e fala uns palavrões, provavelmente por ter caído. Repasso o que Kimberly me disse na hora do almoço, respiro fundo e deixo minha raiva vir à tona.

“Onde é que você estava?”, grito quando entro no quarto. Ele está sem camisa, tirando a calça.

“Também estou feliz em ver você”, ele diz.

“Você está bêbado?”, pergunto, perplexa.

“Talvez”, ele responde, e joga a calça no chão.

Dou uma bufada e a pego do chão, atirando em cima dele. “Temos um cesto de roupa suja para isso.” Olho feio para ele, que dá risada.

Hardin está rindo. Está rindo da minha cara.

“Você é muito cara de pau! Passa a noite e quase o dia seguinte inteiro fora sem

nem um telefonema e aparece aqui caindo de bêbado e tirando sarro da minha cara?”, eu berro.

“Para de gritar. Estou morrendo de dor de cabeça”, ele resmunga e deita na cama.

“Você acha isso engraçado? Pensa que estou de brincadeira? Se não está disposto a levar nosso relacionamento a sério, então por que me pediu para morar com você?”

“Não quero falar sobre isso agora. Você está exagerando. Vem cá que eu deixo você felizinha.” Seus olhos estão vermelhos de tanta bebida. Ele estica o braço para mim e um sorriso idiota de bêbado estraga seu lindo rosto.

“Não, Hardin”, respondo em um tom grave. “Estou falando sério. Você não pode passar a noite toda fora sem me dar nenhuma satisfação.”

“Minha nossa. Relaxa, porra. Você não é minha mãe. Para com esse papo e vem aqui”, ele repete.

“Fora”, eu esbravejo.

“Como é?” Ele se senta na cama. Agora consegui sua atenção.

“Você ouviu o que eu disse, fora daqui. Eu me recuso a ser o tipo de menina que fica plantada a noite inteira esperando o namorado chegar.

Pensei que pelo menos você ia inventar uma boa desculpa… mas nem se deu ao trabalho! Dessa vez não vou ceder, Hardin. Sempre te perdoo com a maior facilidade. Mas dessa vez não. Trate de se explicar, ou suma daqui.” Cruzo os braços diante dele, orgulhosa de mim mesma por não ter cedido.

“Caso tenha esquecido, sou eu que pago as contas aqui. Então, se alguém tem que ir embora, é você”, ele responde com um olhar vazio.

Olho para suas mãos, apoiadas nos joelhos — suas juntas estão machucadas de novo, cobertas de sangue seco.

Minha mente ainda está buscando uma resposta para sua última afirmação quando pergunto: “Você andou brigando de novo?”.

“Isso faz diferença?”

“Faz, sim, Hardin. Claro que faz. Foi isso que ficou fazendo a noite toda?

Brigando? Você não precisava trabalhar coisa nenhuma, né? Ou seu trabalho é bater nos outros?”

“Quê? Não, esse não é meu trabalho. Você sabe qual é meu trabalho. E eu trabalhei, sim, mas então acabei me distraindo”, ele diz, passando a mão no rosto.

“Com o quê?”

“Com nada. Minha nossa”, ele resmunga. “Você não larga do meu pé.”

“Eu não largo do seu pé? O que esperava que ia acontecer quando aparecesse aqui trançando as pernas depois de passar uma noite e um dia inteiro fora? Preciso de uma explicação, Hardin… Estou cansada de não ter isso de você.” Ele me ignora e tira a camisa. “Fiquei aflita o dia todo. Você podia pelo menos ter me ligado. Tive um dia horroroso e você estava por aí bebendo e fazendo sei lá mais o quê. Atrapalhou meu trabalho, e isso não pode mais acontecer.”

“Seu trabalho? Aquele que meu pai conseguiu para você?”, ele diz, com seu hálito de álcool.

“Você é inacreditável.”

“Foi só um comentário.” Ele dá de ombros.

Essa é a mesma pessoa que duas noites atrás disse que me amava no meu ouvido achando que eu estava dormindo?

“Não vou nem responder, porque sei que é isso que você quer. Quer brigar, e não vou dar motivo para isso.” Pego uma camiseta minha e saio do quarto. Antes de fechar a porta, eu me viro para ele. “Mas já vou avisando: se não andar na linha… a partir de agora… vou embora daqui.”

Eu me deito no sofá, feliz por ter um espaço para ficar longe dele. Deixo algumas lágrimas caírem antes de enxugar o rosto e pegar seu exemplar de O morro dos ventos uivantes. Por mais que queira voltar lá para dentro e fazer com

que explique tudo para mim — onde estava e com quem, por que brigou e com quem —, obrigo a mim mesma a ficar no sofá, porque sei que isso vai incomodá-lo muito mais.

Mas provavelmente nem metade do que me incomoda o fato de ele ter esse poder sobre minha vida e meus sentimentos.



90

Deixo de lado o livro e vejo as horas no telefone. É pouco mais de meia-noite, então acho melhor dormir. Hardin tentou me atrair para a cama um pouco mais cedo, dizendo que não conseguia dormir sem mim, mas me mantive firme e o ignorei até ele desistir.

Estou quase pegando no sono quando o ouço gritar: “Não!”. Pulo do sofá sem pensar duas vezes e vou correndo para o quarto. Ele está se debatendo sob o cobertor pesado, todo suado.

“Hardin, acorda”, digo baixinho, e o sacudo pelo ombro, afastando com a outra mão uma mecha de cabelo que o suor fez grudar em sua testa.

Ele abre os olhos cheios de terror.

“Está tudo bem… shh… foi só um pesadelo.” Faço o melhor que posso para acalmá-lo. Meus dedos passam por seus cabelos e depois pelo seu rosto.

Hardin está tremendo quando subo na cama e o abraço por trás. Sinto que relaxa quando encosto meu rosto em sua pele suada.

“Por favor, fica comigo”, ele implora. Solto um suspiro e fico em silêncio, abraçando-o com mais força. “Obrigado”, sussurra, e em questão de minutos já está dormindo de novo.

A água quente não é suficiente para relaxar a tensão dos meus músculos, por mais que fique debaixo do chuveiro. Estou exausta por causa da noite maldormida e da frustração com Hardin. Ele estava dormindo quando entrei no banho, e rezo para que continue assim até eu sair para ir à editora.

Infelizmente, minhas preces não são atendidas, e ele está de pé ao lado do balcão da cozinha quando saio do banheiro.

“Você está linda hoje”, Hardin diz com a maior tranquilidade.

Reviro os olhos e passo direto por ele para tomar uma xícara de café antes de sair.

“Não vai falar comigo?”

“Agora não. Preciso ir trabalhar, e não estou a fim de papo”, esbravejo.

“Mas você… dormiu comigo”, ele argumenta.

“É, mas só porque você estava gritando e tremendo. Isso não significa que está tudo perdoado. Preciso de uma explicação para isso tudo, os segredos, as brigas, e até os pesadelos, ou então chega.” Fico surpresa comigo mesma ao dizer isso.

Hardin solta um grunhido e passa as mãos pelos cabelos. “Tessa… não é tão

simples assim.”

“Na verdade é. Confiei em você o suficiente para cortar relações com minha mãe e vir morar com você depois de pouquíssimo tempo de namoro.

Você deveria confiar o suficiente em mim para contar o que está acontecendo.”

“Você não vai entender. Sei que não”, ele diz.

“Tenta.”

“Eu… e-eu não consigo”, ele gagueja.

“Então não posso mais ficar com você. Sinto muito, mas você teve inúmeras chances, e mesmo assim…”, começo a dizer.

“Não diz isso. Nem pensa em me abandonar.” Seu tom de voz é raivoso, mas em seus olhos só vejo dor.

“Então me dá uma resposta. O que acha que eu não vou entender? É sobre seus pesadelos?”, pergunto.

“Diz que não vai me abandonar”, ele pede.

Manter uma postura firme com Hardin está se revelando muito mais difícil do que eu imaginava, principalmente quando fica assim tão abalado.

“Preciso ir. Já estou atrasada”, digo antes de ir para o quarto me trocar com a maior pressa que consigo. Parte de mim fica contente por ele não ter me seguido, mas a outra parte gostaria que ele tivesse.

Hardin ainda está parado de pé na cozinha, sem camisa, segurando a caneca de café na mão, quando saio.

Fico pensando no que ele me disse hoje de manhã. O que acha que sou incapaz de entender? Jamais o julgaria por nada que pudesse lhe causar pesadelos. Espero que seja sobre isso que estava falando, porque não consigo ignorar o fato de que estou deixando passar alguma coisa bem óbvia nessa história toda.

Fico me sentindo culpada e tensa quase toda a manhã, mas então Kimberly me

manda um e-mail com links para vídeos engraçadíssimos no YouTube, e meu humor muda. Na hora do almoço, já quase me esqueci dos problemas de casa.

Desculpa por tudo. Por favor, volta depois do trabalho. A mensagem de Hardin chega quando estou sentada com Kimberly comendo uma cesta de muffins que alguém mandou para Christian Vance.

“É ele?”, ela pergunta.

“É…”, eu digo. “Falei um monte, mas por alguma razão estou me sentindo muito mal. Sei que estou certa, mas você precisava ter visto a cara dele hoje de manhã.”

“Que bom, assim aprende. Ele contou onde estava?”

“Não, o problema é justamente esse.” Solto um grunhido e como mais um muffin.

Responde, Tessa, por favor. Eu te amo. A segunda mensagem chega minutos depois.

“Responde logo para o coitado.” Kimberly abre um sorriso, e eu balanço a cabeça.

Vou voltar, respondo.

Por que é tão difícil manter uma postura firme com ele? O sr. Vance deixa todo mundo sair pouco depois das três, então decido passar em um salão de beleza para cortar os cabelos e fazer as unhas para o casamento de amanhã.

Espero que esteja tudo certo entre mim e Hardin até lá, porque a última coisa que quero é arrastá-lo de mau humor para o casamento do pai.

Quando chego em casa já são quase seis horas, e recebi inúmeras mensagens de Hardin, que ignorei. Quando chego à porta de casa, respiro fundo para me preparar para o que está por vir. Vamos acabar gritando um com o outro, e então terminar, ou vamos conseguir conversar e resolver tudo numa boa? Hardin está andando de um lado para o outro quando entro. Seus olhos se voltam para a porta imediatamente, e ele parece aliviado.

“Pensei que você não vinha”, ele fala e vem até mim.

“Para onde mais eu iria?”, respondo, e passo direto por ele a caminho do quarto.

“Eu… Bom, fiz o jantar para você.”

Hardin está totalmente irreconhecível. Seus cabelos estão caídos sobre a testa em vez de penteados para trás como de costume. Está usando uma blusa cinza com capuz e uma calça de moletom preta, e parece nervoso, preocupado, quase… assustado?

“Ah… Por quê?” A pergunta é inevitável. Também visto uma calça de moletom, e a expressão de Hardin fica ainda mais aflita quando vê que não ponho a camiseta que ele deixou em cima da cômoda para mim.

“Porque sou um babaca”, ele responde.

“É mesmo”, respondo, indo até a cozinha. A comida está com uma cara muito melhor do que eu imaginava, apesar de não saber direito o que é

— algum tipo de massa com frango, parece.

“É frango à florentina”, ele responde, como se estivesse lendo meus pensamentos.

“Humm.”

“Se não quiser não precisa…” Seu tom de voz é bem baixo. É uma situação bem diferente da habitual, e pela primeira vez quem parece estar por cima sou eu.

“Não, parece estar bom. Só estou surpresa”, digo antes de dar uma garfada.

O gosto está ainda melhor que a aparência.

“Seu cabelo está bonito”, ele comenta. Meus pensamentos se voltam para a última vez que os cortei. Hardin foi o único a notar.

“Preciso de respostas”, lembro.

Ele solta o ar com força. “Eu sei, e vai ter.”

Dou mais uma garfada para esconder minha satisfação comigo mesma por me manter firme.

“Para começar, quero que saiba que ninguém a não ser minha mãe e meu pai sabem disso”, ele diz, cutucando as casquinhas das feridas nas mãos.

Faço que sim com a cabeça e dou outra garfada.

“Certo… Bom, aí vai”, ele diz nervosamente antes de começar. “Uma vez, quando eu tinha uns sete anos, meu pai foi até o bar em frente à nossa casa.

Ele ia quase todas as noites, e conhecia todo mundo, então sabia que era uma péssima ideia entrar em alguma encrenca por lá. Mas, nessa noite, ele fez justamente isso. Arrumou briga com uns soldados que estavam tão bêbados quanto ele, e acabou quebrando uma garrafa na cabeça de um deles.”

Não tenho ideia de onde essa história vai parar, mas sei que não pode terminar bem.

“Continua comendo, por favor…”, ele pede, e eu balanço a cabeça e tento manter os olhos na comida durante o restante do relato.

“Ele saiu correndo do bar, e os caras foram até nossa casa para dar o troco pela garrafada, acho. O problema era que ele não tinha ido para casa como eles pensavam, e minha mãe estava deitada no sofá, esperando por ele.” Seus olhos verdes encontram os meus. “Assim como você ontem à noite.”

“Hardin…”, eu murmuro, e seguro sua mão do outro lado da mesa.

“Então, como eles encontraram minha mãe primeiro…” Ele se interrompe e olha para a parede por um tempo que me parece ser uma eternidade.

“Quando ouvi os gritos dela, desci correndo e tentei tirar os caras de cima.

Com a camisola toda rasgada, ela ficava gritando para eu sair dali… Não queria que eu visse o que estavam fazendo, mas não dava para virar as costas para aquilo, né?”

Quando o vejo segurar as lágrimas, meu coração fica apertado ao pensar no menino de sete anos que testemunhou uma coisa tão horrível acontecendo com a

própria mãe. Subo em seu colo na cadeira e encosto o rosto em seu pescoço.

“Resumindo, tentei tirar os caras de lá, mas não consegui. Quando meu pai entrou cambaleando pela casa, eu tinha posto um monte de curativos nela para tentar… sei lá… consertar minha mãe ou coisa do tipo. Que idiotice, né?”, ele pergunta com a boca nos meus cabelos.

Quando olho para cima, ele franze a testa. “Não chora…”, Hardin murmura, mas não consigo evitar. Não imaginava que aqueles pesadelos tivessem um motivo tão terrível.

“Desculpa ter feito você contar”, digo em meio aos soluços.

“Não, linda… tudo bem. É bom poder falar com alguém”, ele garante.

“Quer dizer, na medida do possível.”

Hardin acaricia meus cabelos, enrolando uma mecha com os dedos, perdido em seus pensamentos. “Depois disso, passei a dormir no sofá da sala. Assim, se entrasse alguém… eu seria o primeiro a ser encontrado. Aí começaram os pesadelos… e nunca mais pararam. Fiz terapia algumas vezes depois que meu pai foi embora, mas nada foi capaz de ajudar, pelo menos até você aparecer.” Ele abre um sorrisinho ameno. “Desculpa ter passado a noite fora. Não quero ser assim. Não quero ser como ele”, Hardin diz e me abraça com força.

Agora que tenho mais algumas peças do quebra-cabeça que é Hardin, consigo entendê-lo melhor. E, assim como minha disposição em relação a ele muda, minha opinião sobre Ken se altera completamente. Sei que as pessoas evoluem, e que hoje ele obviamente não é mais o homem que costumava ser, mas não consigo ignorar a raiva que borbulha dentro de mim. Hardin é desse jeito por causa do pai, por causa de sua bebedeira, de sua negligência, e da noite odiosa em que provocou um ataque contra sua esposa e seu filho e não estava lá para protegê-los. Não consegui respostas para todas as perguntas, mas acabei descobrindo muito mais do que esperava.

“Não vou fazer isso de novo… Juro… Diz que não vai me abandonar…”, ele murmura.

Todo direito que eu sentia de me sentir irritada se evaporou. “Não vou abandonar você, Hardin. Não vou.” E, como ele me olha com cara de quem está precisando

ouvir isso, repito a frase mais algumas vezes.

“Eu te amo, Tessa, mais do que tudo”, ele diz, e limpa minhas lágrimas.



91

Ficamos sentados no mesmo lugar por pelo menos meia hora antes de Hardin enfim levantar a cabeça do meu peito e dizer: “Já podemos comer?”.

“Já.” Abro um sorrisinho e começo a descer de seu colo, mas ele me puxa de volta.

“Não disse para você sair daqui. Só arrasta meu prato para cá.” Ele abre um sorriso.

Puxo o prato dele para perto e pego o meu do outro lado da mesa estreita.

Minha cabeça ainda está a mil por causa do que acabei de ficar sabendo, e não me sinto mais confortável com a ideia de ir ao casamento amanhã.

Sentindo que Hardin não quer mais conversar sobre sua confissão, dou mais uma garfada e digo: “Você cozinha bem melhor do que eu esperava.

Agora que mostrou que leva jeito, espero que faça o jantar mais vezes”.

“Vamos ver”, ele diz com a boca cheia, e terminamos nossa refeição em um silêncio agradável.

Mais tarde, quando estou pondo as louças na máquina, ele aparece atrás de mim e pergunta: “Ainda está brava?”.

“Não exatamente”, respondo. “Ainda estou chateada por você ter passado a noite fora, e quero saber com quem brigou e por quê.” Ele abre a boca para falar, mas eu o interrompo. “Mas não hoje.” Acho que nenhum de nós dois aguenta mais uma conversa tensa na sequência.

“Certo”, ele diz baixinho. A preocupação em seus olhos é visível, mas mesmo assim deixo passar.

“Ah, e eu também não gostei de você ter jogado na minha cara o fato de ter conseguido o estágio para mim. Fiquei muito chateada.”

“Eu sei. Essa era minha intenção”, ele responde, sendo sincero até demais.

“Pois é. E foi por isso que não gostei.”

“Desculpa.”

“Não faz mais isso, certo?” Ele concorda com a cabeça. “Estou morta de cansaço”, resmungo, em uma tentativa de mudar de assunto.

“Eu também. Acho que já podemos ir deitar. Mandei ligar a TV a cabo.”

“Pensei que eu ia fazer isso”, reclamo.

Hardin revira os olhos e se senta ao meu lado na cama. “Você pode me devolver o dinheiro se quiser…”

Fico um tempo olhando para a parede. “A que horas vamos para o

casamento amanhã?”

“Quando você quiser.”

“Começa às três, então acho melhor chegarmos às duas”, sugiro.

“Uma hora mais cedo?”, ele protesta, e eu faço que sim com a cabeça.

“Não sei por que você insiste em…”, ele começa a dizer, mas se interrompe quando meu celular começa a tocar.

O olhar no rosto de Hardin quando pega o aparelho me diz imediatamente quem é. “Por que ele está ligando?”, esbraveja.

“Não sei, Hardin, para descobrir preciso atender.” Arranco o telefone da mão dele. “Noah?” Minha voz sai baixa e trêmula, pois sinto o olhar de Hardin fuzilar o apartamento inteiro.

“Oi, Tessa, desculpa ligar em uma sexta-feira à noite, mas… bom…” Ele parece estar em pânico.

“Que foi?”, insisto, porque sei que ele sempre fica hesitante em situações de estresse.

Quando olho para Hardin, ele me pede para pôr a ligação no viva-voz.

Lanço um olhar de perplexidade para ele, mas acabo fazendo isso, para que também possa ouvir.

“Sua mãe recebeu uma ligação do administrador do dormitório confirmando a multa do cancelamento do seu quarto, então ela sabe que você mudou. Falei que não faço ideia de onde você está, o que é verdade, mas ela não acreditou em mim. E agora está indo para aí.”

“Para onde? Para o campus?”

“É, acho que sim. Não sei, mas ela disse que vai encontrar você, e está absolutamente cega de raiva. Só queria avisar.”

“Não acredito nisso!”, grito na direção do telefone, mas em seguida agradeço e desligo.

Eu me deito na cama. “Que ótimo… Era só o que faltava para completar minha noite.”

Hardin se apoia sobre o cotovelo ao meu lado. “Ela não vai conseguir achar você. Ninguém sabe onde você está morando”, ele garante, e afasta minha franja da testa.

“Ela até pode não me encontrar, mas com certeza vai atormentar Steph, interrogar qualquer um que encontrar pela frente e fazer o maior escândalo.”

Escondo meu rosto entre as mãos. “Acho melhor ir até lá.”

“Ou então ligar para ela e passar o endereço daqui. Na nossa casa a autoridade vai ser você”, ele sugere.

“Você não se incomoda?” Tiro as mãos da frente do rosto.

“Claro que não. É sua mãe, Tessa.”

Olho para ele sem entender nada, considerando a maneira como Hardin trata seu pai. Mas, quando vejo que está falando sério, lembro-me de sua intenção de se reconciliar com a família, e acho que preciso ter a mesma

coragem. “Vou ligar então.”

Fico olhando para o telefone por um tempo antes de respirar fundo e apertar o botão de chamada. Ela atende com a voz carregada de tensão, falando bem depressa. Dá para dizer que está economizando toda a raiva para descarregar sobre mim quando me vir pessoalmente. Não dou nenhum detalhe sobre a questão do apartamento nem falo que moro aqui.

Simplesmente passo o endereço de onde estou e desligo o quanto antes.

Por reflexo, pulo da cama e começo a ajeitar a casa.

“O apartamento está limpo. Mal tocamos nele”, Hardin comenta.

“Eu sei”, respondo. “Mas me sinto melhor assim.”

Depois de dobrar e guardar algumas roupas espalhadas pelo chão, acendo uma vela na sala e fico esperando a chegada da minha mãe sentada à mesa com Hardin. Eu não deveria estar tão nervosa — sou uma mulher adulta capaz de tomar minhas próprias decisões —, mas sei como ela é, e com certeza vai perder a cabeça. Meus nervos já estão à flor da pele por causa do que acabei de descobrir sobre Hardin, e não sei se tenho energia para encarar uma batalha com ela ainda hoje. Olho para o relógio e vejo que já são oito horas. Espero que não fique muito tempo, para poder ir para a cama cedo abraçadinha com meu namorado enquanto tentamos descobrir como lidar com nossa família.

“Quer que eu saia da sala um pouco para vocês terem tempo de conversar sobre tudo isso?”, Hardin pergunta.

“Acho que precisamos mesmo de um tempinho a sós”, respondo. Por mais que queira ter Hardin ao meu lado, sei que isso só vai fazer com que ela se volte ainda mais contra mim.

“Espera… Acabei de lembrar uma coisa que Noah falou. Ele disse que a multa do cancelamento do quarto tinha sido paga.” Lanço um olhar inquisitivo para Hardin.

“E daí?”

“Foi você que pagou, né?”, questiono, quase gritando. Apesar disso, não estou com raiva, só surpresa e incomodada.

“O que tem?” Ele dá de ombros.

“Hardin! Você precisa parar de pagar as coisas para mim. Não gosto disso.”

“Não sei por que não. Nem foi tão caro assim”, ele argumenta.

“Você por acaso é rico e não me contou? Está vendendo drogas?”

“Não, é que tenho um dinheiro guardado que nunca usei. Passei o ano passado inteiro morando de graça, então não usava meu salário para nada.

Na verdade nunca tive com que gastar… mas agora tenho.” Ele abre um sorriso. “E gosto de gastar com você, então para de brigar comigo.”

“Sorte sua que minha mãe está vindo para cá e só tenho energia para encarar uma briga com um de vocês”, digo em tom de brincadeira, e ele dá uma risadinha. Em seguida, voltamos a esperar em silêncio.

Alguns minutos depois, ouço alguém bater na porta… na verdade, espancar a porta.

Hardin se levanta. “Vou para o quarto. Eu te amo.” Ele me dá um beijinho antes de sair.

Respiro bem fundo antes de abrir a porta. A aparência da minha mãe é impecável. Seus olhos estão pintados com perfeição, o batom vermelho não tem um borrão e seus cabelos loiros estão presos cuidadosamente.

“O que você estava pensando quando saiu daquele alojamento sem me comunicar?”, ela grita logo de cara e vai entrando no apartamento.

“Você não me deu muita escolha”, retruco, concentrando-me em manter minha respiração sob controle.

Ela se vira para me encarar. “Como é? Como assim, não dei muita escolha?”

“Você ameaçou suspender o pagamento do quarto”, lembro, cruzando os braços.

“Então você tinha escolha, mas fez a escolha errada”, ela rebate.

“Não, quem está errada aqui é você.”

“Escuta só o que está dizendo! Olha só para você. Não é a mesma Tessa que deixei na faculdade três meses atrás.” Ela faz um gesto com o braço, apontando-me dos pés à cabeça. “Está me desafiando, e até gritando comigo!

Que audácia! Fiz de tudo para você chegar até aqui e agora tenho que ver você jogar tudo fora.”

“Não estou jogando nada fora! Tenho um ótimo estágio que me paga muito bem, tenho um carro e notas excelentes. O que mais você quer de mim?”, grito em resposta.

Seus olhos faíscam quando ela se sente desafiada, e sua voz sai carregada de veneno. “Bom, para começar, você podia ter pelo menos trocado de roupa quando ficou sabendo que eu vinha. Sinceramente, Tessa, você está muito desleixada.” Quando olho para meu pijama, ela muda o foco da crítica. “E

que história é essa de usar maquiagem? Quem é você? Com certeza não é a minha Theresa. A minha Theresa não estaria de pijama no apartamento de um marginal em uma sexta à noite.”

“Não fala assim dele”, digo entre os dentes. “Já avisei você.”

Minha mãe estreita os olhos e cai na risada. Ela joga a cabeça para trás em uma gargalhada, e tenho que segurar a vontade de enfiar um tapa em sua cara perfeitamente pintada. Imediatamente reprimo meus pensamentos violentos, mas ela está abusando da minha paciência.

“E mais uma coisa”, digo bem devagar, tranquila, tentando fazer o anúncio da forma mais calma possível. “Este apartamento não é dele. É nosso.”

Ela para de rir imediatamente.



92

A mulher com quem convivi minha vida inteira valoriza tanto o autocontrole que poucas vezes a vi surpresa, muito menos perplexa. Mas agora consegui deixar minha mãe absolutamente atordoada. Sua postura está toda empertigada, e sua cara está fechada.

“O que você disse?”, ela pergunta lentamente.

“Você me ouviu. Esse apartamento é nosso, nós dois moramos aqui.”

Ponho a mão na cintura para dar um efeito dramático.

“Não é possível que você more aqui. Não tem como pagar um lugar como este!”, ela desdenha.

“Quer ver o contrato de aluguel? Tenho uma cópia.”

“A situação é ainda pior do que eu pensava…”, ela diz, desviando os olhos de mim, como se eu não merecesse um olhar enquanto minha vida é avaliada. “Eu sabia que você estava sendo tonta por se envolver com aquele…

aquele rapaz. Mas morar com ele é idiotice pura! Você nem conhece o sujeito! Não conhece os pais dele… Não tem vergonha de ser vista em público com ele?”

Minha raiva chega ao limite. Olho para a parede, tentando manter a compostura, mas antes que consiga me controlar já estou a poucos centímetros do rosto dela. “Como tem a cara de pau de vir na minha casa e falar assim dele? Conheço Hardin mais que ninguém, e ele me conhece muito melhor que você! E conheço a família dele, sim, o pai, pelo menos.

Quer saber quem ele é? É o reitor da WCU, porra!”, eu grito. “Pensa um pouco antes de sair julgando as pessoas desse jeito.”

Detesto ter que usar a posição do pai de Hardin como argumento, mas esse tipo de coisa costuma funcionar com ela.

Provavelmente por ter me ouvido levantar a voz, Hardin sai do quarto com uma expressão preocupada. Ele vem até mim e tenta me afastar da minha mãe, assim como da última vez.

“Ah, que ótimo! Ele chegou”, minha mãe ironiza, apontando para Hardin.

“O pai dele não pode ser o reitor”, ela diz com uma risadinha.

“Mas é, sim. Está surpresa? Se não estivesse tão ocupada julgando todo mundo, poderia ter conversado com ele e descoberto isso sozinha. Quer saber? Você nem merece isso. Hardin me faz muito bem, e de um jeito que você nunca foi capaz de fazer. Não existe nada — nada mesmo — que você

possa fazer para me afastar dele!” Meu rosto está vermelho e cheio de lágrimas, mas não estou nem aí.

“Não fala assim comigo!”, ela grita, chegando mais perto. “Está pensando que só porque arrumou um apartamentinho bacana e pintou a cara é uma adulta? Detesto acabar com a graça, querida, mas morar com o namorado aos dezoito anos só te faz parecer uma vagabunda!”

Os olhos de Hardin se estreitam, mas minha mãe o ignora.

“É melhor acabar com isso antes que perca sua dignidade, Tessa. Se olhe no espelho, depois olhe para ele! Vocês dois ficam ridículos juntos. Você tinha Noah, que era um bom menino, e abriu mão dele por… isso!” Ela faz um gesto apontando para Hardin.

“Noah não tem nada a ver com isso”, respondo.

Hardin cerra os dentes, e fico torcendo em silêncio para que não diga nada.

“Noah ama você, e sei que o sentimento é recíproco. Agora para de dar uma de rebelde e vem comigo. Vou pegar seu quarto de volta, e Noah com certeza vai te perdoar.” Ela estende a mão com uma expressão autoritária, como se eu não tivesse alternativa além de ir embora com ela.

Agarro a bainha da camiseta com as duas mãos. “Você é louca.

Sinceramente, mãe, pensa no que está falando! Não quero ir embora. Eu moro aqui com Hardin, sou apaixonada por ele. Não pelo Noah. Até gosto do Noah, mas foi sua influência que me fez pensar que estava apaixonada, porque me pareceu ser a coisa certa. Sinto muito, mas amo Hardin, e ele me ama.”

“Tessa! Ele não te ama, só está dizendo isso para te levar para a cama. Abre o olho, menina!”

Por algum motivo, ouvi-la me chamar de “menina” é a gota d’água.

“Ele já me levou para a cama, e adivinha só: ainda estamos juntos!”, grito.

Hardin e minha mãe trocam um olhar assustado, mas a expressão dela logo assume um ar de desdém, enquanto a dele, de preocupação.

“Só digo uma coisa, Tessa: quando ele partir seu coração e você não tiver para onde ir, é melhor nem vir me procurar.”

“Ah, eu não faria isso, pode acreditar. É por isso que você vai morrer sozinha. Não tem mais nenhum controle sobre mim, sou adulta. Só porque não conseguiu controlar meu pai, isso não te dá o direito de querer fazer isso comigo!” Assim que essas palavras saem da minha boca, eu me arrependo. Falar de meu pai é um golpe baixo, muito baixo. Antes que tenha tempo de pedir desculpas, sinto o impacto de sua mão contra meu rosto. O

susto é ainda pior que o tapa.

Hardin se coloca entre nós e segura minha mãe pelo ombro. Meu rosto está ardendo, e eu mordo os lábios para não cair no choro de vez.

“Puta que pariu, se você não sair daqui agora, vou chamar a polícia”, ele

avisa. O tom controlado de sua voz me faz sentir um frio na espinha, e vejo minha mãe estremecer, também abalada com a reação dele.

“Você não faria isso.”

“Você acabou de bater nela bem na minha frente e ainda acha que eu não chamaria a polícia? Se não fosse a mãe dela, eu faria muito pior. Você tem cinco segundos para sumir daqui”, Hardin avisa, e eu olho para minha mãe com os olhos arregalados e a mão no rosto.

Não gosto da maneira como ele a ameaçou, mas quero que vá embora. Os dois se encaram, e Hardin diz com um grunhido: “Dois segundos”.

Ela solta uma bufada e se encaminha para a porta. O barulho de seus saltos batendo no chão ecoa pelo chão de concreto.

“Espero que seja feliz com sua decisão, Theresa”, ela diz e bate a porta.

Hardin me envolve em um abraço reconfortante e carinhoso, e é exatamente disso que preciso.

“Sinto muito, linda”, ele diz com a boca colada aos meus cabelos.

“Desculpa pelas coisas horríveis que ela falou de você.” Minha vontade de defendê-lo é muito maior que a preocupação comigo mesma ou com minha mãe.

“Shh. Não esquenta comigo. As pessoas falam merda sobre mim o tempo todo”, ele diz.

“Mesmo assim, não é aceitável.”

“Tessa, por favor, não se preocupa comigo. Quer alguma coisa? O que posso fazer para ajudar?”, ele pergunta.

“Quer pegar um pouco de gelo?”, digo em meio a um soluço.

“Claro, linda.” Ele me beija na testa e vai até a geladeira.

Eu sabia que a visita dela não tinha como terminar bem, mas não esperava que fosse ser tão ruim. Por um lado, estou orgulhosíssima de mim mesma por ter enfrentado minha mãe, mas por outro estou muito arrependida por ter falado do meu pai. Sei que não foi por culpa dela que ele foi embora, e sei que ela se sentiu muito sozinha nos últimos oito anos. Minha mãe nunca se envolveu com mais ninguém, dedicou todo o seu tempo a mim, preparando-me para ser a mulher que gostaria que eu fosse. Mas não quero ser como ela. Sinto um profundo respeito por minha mãe e admiro sua força de vontade, mas preciso abrir meu próprio caminho, e ela precisa entender que não há como remediar seus erros através de mim. Preciso cometer meus próprios erros, afinal de contas. Queria que ela ficasse feliz por ver que estou apaixonada por Hardin. Sei que a aparência dele assusta, mas se ela pudesse fazer um esforço para conhecê-lo com certeza ia gostar dele tanto quanto eu.

Se pelo menos Hardin pudesse moderar sua grosseria… É pouco provável, mas

já percebi pequenas mudanças nele, como andar de mão dada comigo em público e me dar um beijo toda vez que um de nós chega. Talvez eu seja

a única pessoa para quem ele é capaz de se abrir e revelar seus segredos, e a quem ele é capaz de amar, mas por mim tudo bem. Para ser sincera, meu lado egoísta até gosta.

Hardin põe uma cadeira ao meu lado e encosta o gelo no meu rosto. O

toque da toalha em que o gelo está é agradável contra minha pele sensível.

“Não acredito que ela me bateu”, digo baixinho. A toalha cai no chão, e Hardin se agacha para pegá-la.

“Eu também não. Pensei que fosse perder a cabeça”, ele conta, olhando nos meus olhos.

“Também pensei”, admito, abrindo um sorrisinho.

Meu dia parece interminável. Foi o mais longo e cansativo da minha vida.

Estou exausta, e não quero ter que pensar em nada. Só quero ir para a cama com Hardin e esquecer o fundo do poço que minha relação com minha mãe atingiu.

“Ainda bem que eu te amo demais, caso contrário teria feito uma besteira.” Ele sorri e beija meus olhos fechados.

Prefiro acreditar que Hardin jamais faria nada contra ela, e que é só um modo de dizer. De alguma forma, sei que, apesar de toda a sua raiva, ele jamais tomaria uma atitude realmente drástica, e isso me faz amá-lo ainda mais. Com o tempo, aprendi que Hardin late muito mais do que morde.

“Quero ir para a cama”, digo, e ele faz que sim com a cabeça.

“Claro.”

Puxo o cobertor antes de me deitar. “Você acha que ela algum dia vai aceitar?”, pergunto.

Hardin encolhe os ombros e joga o travesseiro extra no chão. “Eu até queria

dizer que sim, que as pessoas mudam e amadurecem. Mas não quero alimentar falsas esperanças.”

Eu me deito de bruços, enterrando o rosto no travesseiro.

“Ei”, Hardin diz, tocando de leve meu pescoço e passando um dos dedos pela curvatura das minhas costas. Eu me viro de barriga para cima e solto um suspiro ao notar a preocupação em seus olhos.

“Está tudo bem”, minto. Preciso de uma distração. Levo a mão ao seu rosto e passo o polegar pelos seus lábios. A argola de metal pende para o lado, e ele sorri.

“É divertido ficar me olhando como se eu fosse uma espécie de experimento científico?”, ele provoca.

Faço que sim com a cabeça, brincando com o piercing entre os dedos e tocando a argola em sua sobrancelha com a outra mão.

“É bom saber.” Ele revira os olhos e morde meu dedão, pegando-me de surpresa. Puxo a mão com força e acabo batendo com ela na cabeceira.

Faço menção de dar um tapinha nele, como de costume, mas Hardin segura minha mão dolorida e a leva até a boca. Faço um biquinho de

brincadeira, e ele passa a língua na ponta do meu indicador de uma forma bem provocativa, e continua fazendo isso até que eu fique toda ofegante e necessitada. Como ele consegue fazer isso? Esses gestos estranhos de carinho me afetam demais.

“Está gostoso?”, Hardin pergunta, pondo minha mão sobre meu colo. Faço que sim com a cabeça, sem saber o que dizer. “Quer mais?” Ele passa a língua sobre os lábios para umedecê-los. Faço outro gesto afirmativo.

“Quero ouvir você, linda”, ele insiste.

“Sim. Quero mais, por favor.” Meu cérebro claramente não está funcionando. Inclino-me na direção dele, necessitada de seu toque, da distração que me proporciona. Hardin se ajeita na cama, enfiando uma das mãos sob o elástico do meu pijama e afastando seus cabelos da testa com a outra. Minha calcinha é

puxada até os tornozelos, e minha calça já está no chão. Quando ele se inclina para a frente, eu abro bem as pernas.

“Sabia que o clitóris é uma área do corpo feminino feita exclusivamente para o prazer? Ele não tem nenhum propósito além disso”, Hardin me informa, pressionando com o polegar o lugarzinho ao qual se refere. Solto um grunhido e afundo a cabeça no travesseiro. “É verdade, li isso em algum lugar.”

“Na Playboy?”, provoco, fazendo um esforço tremendo para soltar essas palavras.

Ele dá um sorrisinho divertido antes de baixar a cabeça. Assim que sua língua toca meu sexo, eu me agarro aos lençóis, e ele não perde tempo em combinar a ação dos dedos com a de sua boca perfeita. Levo as mãos aos seus cabelos, agradecendo silenciosamente o autor da descoberta enquanto me leva duas vezes ao orgasmo.

Hardin fica agarradinho comigo a noite toda, sussurrando que me ama.

Quando estou pegando no sono, penso no dia que tivemos. Minha relação com minha mãe está deteriorada, e talvez nem tenha solução, e Hardin compartilhou comigo mais informações sobre sua infância.

Meus sonhos são permeados pela presença de um menininho assustado de cabelos ondulados chorando por sua mãe.

Na manhã seguinte, fico contente por notar que a agressão da minha mãe não deixou nenhuma marca visível. Meu peito ainda esta doendo por causa do colapso da nossa já abalada relação, mas me recuso a ficar remoendo isso.

Tomo um banho, enrolo os cabelos e prendo com grampos para não me atrapalharem enquanto faço a maquiagem e visto a camiseta que Hardin estava usando ontem. Dou beijinhos nos ombros e nas orelhas dele para acordá-lo, e quando meu estômago ronca vou até a cozinha fazer o café da manhã. Quero começar o dia da melhor maneira possível, para que na hora do casamento esteja todo mundo tranquilo e contente. Quando termino

minha terapia culinária, fico orgulhosa da refeição que preparei. Sobre o balcão há bacon, ovos, torradas, panquecas e até bolinhos de batata. Fiz coisas demais para duas pessoas, mas Hardin geralmente come um bocado, então não deve

sobrar muito.

Sinto seus braços fortes me agarrando pela cintura. “Opa… o que é isso tudo?”, ele pergunta com a voz rouca e sonolenta. “Era exatamente por isso que queria morar com você”, ele diz com a boca colada ao meu pescoço.

“Por quê? Para eu cozinhar?”, pergunto, aos risos.

“Não… Quer dizer, sim. E para poder ver você quase sem roupa na cozinha.” Ele dá uma mordidinha no meu pescoço e tenta levantar a bainha da camiseta e acariciar minhas coxas.

Eu me viro e balanço a espátula na cara dele. “Trate de se controlar enquanto comemos, mocinho.”

“Sim, senhora.” Ele dá uma risadinha, pega um prato e enche de comida.

Depois do café, faço Hardin ir para o chuveiro, apesar de seus esforços para me arrastar de volta para a cama. Seu relato terrível e a briga com minha mãe parecem esquecidos sob a luz da manhã. Solto um suspiro quando o vejo sair do quarto com a roupa do casamento. A calça está meio justa, mas delineia seus quadris de uma maneira deliciosa. A gravata está solta sobre o colarinho da camisa aberta, revelando seu peitoral bem torneado.

“Eu… hã… não tenho ideia de como se faz um nó de gravata”, ele diz, encolhendo os ombros.

Minha boca está seca, e não consigo parar de olhar para ele quando respondo: “Eu ajudo”. Por sorte, Hardin não me pergunta como aprendi a dar nó em gravatas, já que sempre fica mal-humorado quando menciono o nome de Noah. “Você está muito bonito”, digo quando termino. Ele dá de ombros e veste o paletó, complementando o visual.

Seu rosto fica vermelho, e não consigo segurar o riso diante dessa reação inesperada. Dá para ver que ele não se sente nem um pouco à vontade vestido assim, e acho isso uma graça.

“Por que ainda não está vestida?”, ele pergunta.

“Eu estava adiando o máximo possível, porque meu vestido é branco”, digo, e

Hardin faz uma careta brincalhona.

Por fim, depois de um último retoque na maquiagem e de pegar meus sapatos, ponho o vestido. É mais curto do que eu lembrava, mas Hardin parece ter aprovado. Seus olhos não desgrudam do meu peito quando vê que estou com um sutiã sem alças. Ele sempre faz com que eu me sinta linda e desejada.

“Como os caras que vão estar lá têm todos a idade do meu pai, acho que não tem problema.” Ele sorri e fecha o zíper do vestido para mim. Reviro os olhos, e ele dá um beijinho no meu ombro antes de eu tirar os grampos dos

cabelos e deixar meus cachos caírem soltos. O tecido claro do vestido comprime meu corpo, e abro um sorriso ao ver minha imagem junto com a de Hardin no espelho.

“Você está maravilhosa”, ele diz antes de me dar mais um beijo.

Conferimos os últimos detalhes para garantir que podemos ir, e pegamos o convite e o cartão que comprei. Ponho meu telefone em uma bolsinha de mão, e Hardin me segura pela cintura.

“Dá um sorriso”, ele diz, sacando o celular.

“Pensei que você não gostasse de fotos.”

“Eu disse que ia tirar uma, então vamos lá.” Seu sorriso brincalhão e jovial faz meu coração disparar.

Abro um sorriso e me inclino sobre Hardin enquanto ele tira uma foto nossa. “Mais uma”, ele diz, e ponho a língua para fora no último instante. É

exatamente esse momento que ele captura, com minha língua em seu rosto e seus olhos arregalados e divertidos.

“Essa é a minha favorita”, revelo.

“Foram só duas.”

“Mesmo assim.” Dou um beijo nele, que tira mais uma foto.

“Foi sem querer”, Hardin mente, e ouço mais uma sendo tirada quando olho feio para ele de brincadeira.

Perto da casa de seu pai, Hardin dá uma parada para abastecer. Enquanto ele enche o tanque, um carro passa por nós, e Nate está no banco da frente.

Zed estaciona um pouco mais para a frente e entra na loja de conveniência.

Solto um suspiro de susto quando olho para ele: sua boca está inchada, e seus dois olhos estão roxos. Pouco abaixo do olho também há um hematoma, e quando vê o carro de Hardin ele fecha a cara, contorcendo seu belo rosto. Como assim? Ele não diz nada, nem demonstra que nos viu.

Logo em seguida, Hardin entra no carro e pega minha mão. Boquiaberta, olho para suas juntas esfoladas.

“Foi você”, eu digo, e ele ergue as sobrancelhas. “Foi você que bateu nele!

Vocês brigaram, por isso ele ignorou a gente!”

“Que tal se acalmar um pouco?”, Hardin esbraveja, fechando minha janela antes de sair do posto.

“Hardin…” Olho para o local para onde Zed tinha ido, e depois para Hardin.

“A gente pode falar sobre isso depois do casamento, por favor? Já estou nervoso o suficiente. Por favor”, ele pede, e eu faço que sim com a cabeça.

“Tudo bem. Depois do casamento a gente conversa”, respondo, e solto a mão que tanto estrago fez no rosto do meu amigo.



93

Em uma clara tentativa de mudar de assunto, Hardin pergunta: “Agora que temos nossa própria casa, acho que você não vai querer dormir lá no meu pai, né?”.

Faço força para esquecer o episódio com Zed. “Achou certo.” Abro um sorriso. “A não ser que Karen convide. Você sabe que não consigo dizer não.”

Tenho medo de como vou reagir ao ver Ken depois do que Hardin me contou ontem à noite. Estou tentando deixar isso de lado, mas é bem mais difícil do que eu imaginava.

“Ah, quase ia esquecendo”, ele diz, ligando o rádio.

Olho para Hardin, que ergue o indicador, pedindo-me para esperar.

“Decidi dar mais uma chance para o Fray”, ele comunica.

“Sério? E quando foi que você decidiu isso?”, questiono.

“Bom, logo depois do nosso encontro no riacho, mas só ouvi o álbum na semana passada”, ele confessa.

“Aquilo não foi um encontro”, provoco, e ele dá uma risadinha.

“Você me deixou enfiar o dedo no meio das suas pernas. Eu diria que foi, sim.”

Hardin segura e beija minha mão quando tento dar mais um tapa nele.

Dou uma risadinha e envolvo seus dedos nos meus. Imagens minhas vestindo uma camiseta molhada enquanto ele me proporciona meu primeiro orgasmo invadem minha mente.

“Foi divertido, né?”, Hardin se gaba, e eu dou risada.

“Enfim, me diga qual é sua nova opinião sobre o Fray”, peço.

“Bom, na verdade eles não são tão ruins. Tem uma música que até é legal.”

Agora estou mais curiosa do que nunca. “Sério?”

“É…”, ele diz, voltando a olhar para a pista antes de apertar o botão do rádio. A música preenche o espaço confinado em instantes, e eu abro um sorriso.

“Chama ‘Never Say Never’”, Hardin anuncia, como se fosse uma novidade para mim, e não uma das minhas músicas favoritas.

Ficamos ouvindo em silêncio, e não consigo tirar o sorrisinho do rosto.

Sei que ele está meio envergonhado de tocar essa música para mim, então não falo nada, simplesmente curto esse momento gostoso.

Durante o restante do caminho, Hardin continua tocando as outras faixas do disco, dando sua opinião sobre cada uma delas. Esse pequeno gesto significa muito mais para mim do que ele pode imaginar. Adoro quando me revela um novo lado seu. E esse é um dos meus favoritos.

Quando chegamos à casa do pai dele, a rua está repleta de carros. Ao descer, sinto o vento me atingir com força, e fico toda arrepiada. O casaco fininho que estou usando por cima do vestido não me oferece muita proteção, e a falta de meia-calça, menos ainda. Hardin tira o paletó e põe sobre meus ombros. É bem quentinho e tem o cheiro dele, meu perfume favorito.

“Olha só… você sendo todo cavalheiro. Quem diria?”, provoco.

“Não me obrigue a levar você de volta para o carro para dar uma rapidinha bem safada”, ele responde, e solto um ruído entre um riso e um suspiro de susto, o que ele acha muito divertido. “Você acha que tem lugar nessa sua… coisa… para meu celular?”, Hardin pergunta.

“É uma bolsinha, e tem, sim.” Abro um sorriso e estendo a mão. Ele me entrega o telefone e, enquanto o guardo, vejo que seu papel de parede não é mais só um fundo cinza. Na pequena tela, está a foto que tirou de mim quando estávamos no quarto. Meus lábios estão entreabertos e meus olhos, cheios de vida. Meu rosto inteiro brilha, e é estranho me ver desse jeito. É

isso o que ele faz comigo — faz com que eu ganhe vida.

“Eu te amo”, digo, fechando a bolsa sem fazer nenhum comentário embaraçoso sobre seu novo papel de parede.

A espaçosa casa de Ken e Karen está cheia de gente, e Hardin segura minha mão com força depois de pegar de volta seu paletó e vesti-lo.

“Vamos procurar Landon”, sugiro.

Hardin balança a cabeça e abre o caminho. Nós o encontramos na sala, perto da cristaleira que substituiu aquela que Hardin quebrou na primeira vez em que vim aqui. Parece ter sido há tanto tempo… Landon está cercado por um grupo de

homens que parecem ter no mínimo sessenta anos, e um deles está com a mão em seu ombro. Um sorriso aparece em seu rosto quando nos vê e ele pede licença para sair da conversa. Está muito bonito, com um terno bem parecido com o de Hardin.

“Uau, pensei que não ia viver para te ver de terno e gravata”, brinca Landon.

“Se continuar com as gracinhas, não vai viver para ver”, Hardin ameaça, mas o tom bem-humorado de sua voz é claro, e ele sorri. Dá para dizer que está começando a gostar de Landon, e isso me deixa contente. Landon é um de meus melhores amigos, e gosto muito dele.

“Minha mãe vai ficar felicíssima. Tessa, você está linda”, ele diz enquanto me dá um abraço. Hardin não larga minha mão, e tenho que me virar para retribuir o gesto de Landon usando apenas um dos braços.

“Quem são essas pessoas?”, pergunto. Sei que Ken e Karen só moram aqui há pouco mais de um ano, e fico surpresa de ver quase duzentas pessoas na casa.

“A maioria é lá da universidade, e o restante são amigos e pessoas da família. Só conheço metade desse pessoal.” Ele dá risada. “Querem beber alguma coisa? Vamos lá para fora daqui a uns dez minutos.”

“De quem foi a ideia brilhante de fazer um casamento ao ar livre em dezembro?”, Hardin reclama.

“Da minha mãe”, conta Landon. “Mas as tendas têm aquecedor.” Ele olha para os convidados ao redor, depois para Hardin. “Você devia avisar seu pai que já está aqui. Ele está lá em cima, e a minha mãe está escondida em algum lugar com minha tia.”

“Hã… acho que vou ficar por aqui mesmo”, diz Hardin.

Faço um carinho em sua mão com o polegar, e ele aperta minha mão.

Landon balança a cabeça. “Bom, preciso ir, mas vejo vocês mais tarde”, ele diz, retirando-se com um sorriso.

“Já quer ir lá para fora?”, pergunto a Hardin, que faz que sim com a cabeça. “Eu te amo”, complemento.

Ele abre um sorriso, revelando suas covinhas por inteiro. “Eu te amo, Tess”, ele responde, dando um beijo no meu rosto.

Hardin abre a porta dos fundos e me oferece de novo seu paletó. Ao sair, vejo que o quintal está maravilhosamente transformado. Duas tendas enormes ocupam a maior parte do gramado, e as árvores estão cobertas com dezenas de lanterninhas acesas. Mesmo à luz do dia, está tudo lindo, um belíssimo cenário para se admirar.

“Acho que é aqui”, diz Hardin, e faz um gesto para que eu entre na tenda menor.

Passamos pela abertura estreita, e vejo que ele tem razão. As fileiras de cadeiras de madeira estão voltadas para um altar bem simples, com lindas flores brancas penduradas ao redor, e todos os convidados estão de preto ou branco. Cerca de metade dos assentos está ocupada, e nos sentamos na penúltima fileira, pois sei que Hardin não quer muita proximidade.

“Nunca pensei que viria ao casamento do meu pai”, ele me diz.

“Eu sei. E estou muito orgulhosa por ter vindo. Eles vão ficar muito felizes. E talvez isso seja bom para você também.” Encosto minha cabeça em seu ombro, e ele me abraça.

Faço elogios à decoração da tenda em preto e branco. Simples e elegante, o que faz parecer que se trata de um momento íntimo e pessoal em família, apesar do grande número de convidados.

“A festa deve ser na outra tenda”, ele diz, brincando com uma mecha do meu cabelo com o dedo indicador.

“Acho que sim. Aposto que está ainda mais linda que…”

“Hardin? É você?”, pergunta uma voz de mulher. Nós dois viramos a cabeça para a esquerda. Uma senhora mais velha com um vestido florido branco e preto e sapatos baixos nos observa com os olhos arregalados. “Ah, é você mesmo!”, ela diz, ofegante. Seus cabelos grisalhos estão presos em um coque, e ela usa uma quantidade mínima de maquiagem, apenas o suficiente para parecer saudável e radiante.

Hardin, por sua vez, fica pálido ao se levantar para cumprimentá-la. “Oi, vó.”

Ela o abraça com força. “Nem acredito que esteja aqui, faz anos que não vejo você. Mas que menino bonito. Quer dizer, homem. Olhe só como está alto… E o que são essas coisas?” Ela franze a testa e aponta para os piercings em seu rosto.

Hardin fica vermelho e dá uma risadinha sem graça. “Como vai você?”, ele pergunta, balançando-se para a frente e para trás.

“Estou bem… Estava morrendo de saudade de você”, ela diz, limpando os cantos dos olhos. Depois de um instante, lança um olhar dramático ao redor e me olha com um interesse visível. “E quem é essa mocinha linda?”

“Ah… desculpa. Essa é Tess… Tessa. Minha… namorada”, ele diz. “Tessa, esta é minha avó.”

Abro um sorriso e fico de pé. Jamais imaginei que encontraria os avós de Hardin. Pensei que já tivessem morrido, como os meus. Ele nunca falou a respeito, mas isso não chega a ser surpresa. Nunca mencionei os meus.

“Muito prazer”, digo, estendendo a mão para cumprimentá-la, mas ela prefere me dar um abraço e dois beijos no rosto.

“O prazer é todo meu. Que menina mais linda!”, ela diz com um sotaque ainda mais carregado que o de Hardin. “Meu nome é Adele, mas pode me chamar de vó.”

“Obrigada”, digo, ficando vermelha.

Ela bate as mãos uma na outra, toda contente. “Não acredito que está aqui.

Tem visto seu pai? Ele sabe que você veio?”, ela pergunta para Hardin.

Ele enfia as mãos nos bolsos, sem jeito. “Sabe, sim. Tenho aparecido mais ultimamente.”

“Ora, que bom saber. Eu não fazia ideia”, ela responde, e vejo que está à beira das lágrimas outra vez.

“Muito bem, pessoal, podem se sentar, a cerimônia já vai começar”, anuncia um homem com um microfone na plataforma elevada perto do altar.

Ela puxa Hardin pelo braço antes que ele esboce qualquer reação. “Venha se sentar com a família, vocês dois não podem ficar aqui no fundo.” Ele me olha como quem pede socorro, mas sorrio e sigo os dois até lá na frente.

Nós nos sentamos ao lado de uma mulher parecida com Karen, que presumo ser sua irmã. Hardin pega minha mão, e sua avó abre um sorriso

antes de segurá-lo pela outra. Ele fica todo tenso, mas não se mexe.

Ken assume sua posição, e o olhar em seu rosto ao ver o filho sentado na primeira fileira é indescritível: emocionante e comovente ao mesmo tempo.

Hardin abre um sorrisinho, que Ken retribui de bom grado. Landon está de pé ao seu lado no altar, mas Hardin não parece se importar. Ele jamais aceitaria subir ali.

Quando Karen entra, um suspiro coletivo ressoa pela tenda. Ela está linda de morrer. Seu olhar quando vê o noivo me faz apoiar a cabeça no ombro de Hardin. A felicidade em seu rosto é mais que visível, e seu sorriso ilumina o ambiente. Seu vestido roça o chão, e seu rosto está reluzente, acrescentando um toque de luz a mais ao ambiente.

A cerimônia é belíssima, e me pego chorando quando Ken declama seus votos com a voz embargada. Hardin olha para mim e sorri, largando minha mão por um tempo para limpar meu rosto. Karen é uma noiva muito linda, e seu primeiro beijo como uma mulher oficialmente casada arranca gritos e aplausos dos convidados.

“Quanta bobagem”, Hardin provoca quando apoio a cabeça em seu ombro enquanto os convidados se retiram.

Depois de um tempo, vamos com a avó de Hardin até a outra tenda, que, como eu esperava, está ainda mais bonita que a primeira. As mesas estão cobertas com toalhas brancas, guardanapos pretos e arranjos florais em preto e branco em cima. O teto está coberto de lanterninhas, assim como as árvores, conferindo um brilho interessante ao ambiente, que se reflete nos vidros e nos pratos brancos. Na parte central da tenda, há uma pista de dança feita de lajotas em branco e preto, e os garçons já estão a postos, só esperando que todo mundo se acomode.

“Não desapareçam. Ainda quero falar com vocês hoje à noite”, a avó de Hardin

avisa antes de sair de perto de nós.

“É o casamento mais chique que eu já vi”, ele diz, olhando para os panos brancos pendurados no teto.

“Não vou a um casamento desde que era criança”, eu conto, e ele sorri.

“Que bom”, ele comenta, e me dá um beijo no rosto.

Não estou acostumada com suas demonstrações públicas de afeto, mas acho que não vou ter problemas com isso.

“Por quê?”, pergunto enquanto ele se senta.

“Gosto que você nunca tenha ido a um casamento com Noah”, ele diz, e eu dou risada para não acabar franzindo a testa.

“Eu também”, respondo, e ele sorri.

* * *

A comida está deliciosa. Como frango, e Hardin, carne. Está tudo arranjado em um balcão, para parecer simples, mas a comida é tudo menos isso. Passo

um pedaço de frango no molho cremoso e levo o garfo à boca, mas Hardin o arranca da minha mão, abrindo um sorriso enquanto mastiga. Ele dá uma tossida, tentando rir e mastigar ao mesmo tempo.

“Isso é castigo por roubar minha comida”, brinco, pondo logo um pedaço na boca antes que ele me tire o garfo de novo.

Hardin dá risada, apoiando a cabeça no meu ombro. Olho para o outro lado da mesa e vejo uma mulher nos encarando. Sua expressão não é das mais agradáveis quando Hardin dá um beijo no meu ombro. Retribuo o olhar hostil, e ela vira a cabeça para o outro lado.

“Quer que eu pegue outro prato para você?”, pergunto, alto o suficiente para a grosseirona ouvir. Ela olha para o homem ao lado de Hardin e ergue uma sobrancelha. Ele não parece nem se dar conta de sua presença, o que a irrita ainda mais. Eu sorrio, e ponho minha mão sobre a de Hardin. Assim como o

homem ao seu lado, ele nem se deu conta do que aconteceu, e fico contente por isso.

“Hã, claro. Obrigado.”

Dou um beijo em seu rosto e volto para a fila da comida.

“Tessa?”, uma voz conhecida me chama. Quando olho para trás, vejo Christian Vance e Trevor logo atrás de mim.

“Oi.” Abro um sorriso.

“Você está linda”, comenta Trevor, e eu agradeço baixinho.

“Está curtindo o fim de semana?”, pergunta o sr. Vance.

“Bastante. E a semana também”, garanto.

“Até parece.” Ele dá risada e pega um prato.

“Nada de carne vermelha!”, Kimberly diz atrás dele, que finge dar um tiro na têmpora. Ela manda um beijinho de volta. Kimberly e o sr. Vance? Quem diria? Vou querer saber mais detalhes na segunda-feira.

“Mulheres”, ele brinca, e faz o prato dela enquanto eu faço o de Hardin.

“Falo com você daqui a pouco.” O sr. Vance abre um sorriso e volta até onde está sua acompanhante. Ela sorri para mim, e pede para o garotinho em seu colo fazer o mesmo. Eu aceno de volta, perguntando-me como não sabia que ela tinha um filho.

Trevor chega mais perto e esclarece. “O menino é filho dele.”

“Ah”, eu digo, desviando os olhos de Kimberly.

Trevor continua de olho no sr. Vance. “A mulher dele morreu cinco anos trás, logo depois que o menino nasceu. Ele não tinha namorado ninguém até Kim, e só faz alguns meses, mas dá para ver que está louquinho por ela.”

Trevor se vira para mim e sorri.

“Bom, agora eu sei quem procurar para saber as fofocas do escritório”, eu brinco, e nós dois damos risada.

“Linda…” Hardin me abraça pela cintura, em uma clara tentativa de demarcar seu território.

“Legal ver você. Hardin, certo?”, Trevor pergunta.

“Isso mesmo”, Hardin responde secamente. “Melhor voltar lá para a mesa.

Landon está procurando você.” Ele me puxa para mais perto, dispensando Trevor discretamente.

“Até mais, Trevor!” Abro um sorrisinho educado e entrego o prato para Hardin enquanto voltamos para a mesa.



94

“Cadê o Landon?”, pergunto a Hardin quando voltamos para nosso lugar.

Ele dá uma mordida em um croissant. “Sei lá.”

“Hã, você disse que ele estava me procurando.”

“E estava mesmo, mas não sei onde foi parar.”

“Hardin, para de falar com a boca cheia.” A avó dele aparece atrás de sua cadeira.

Percebo que Hardin respira fundo antes de se virar para ela. “Desculpa”, ele murmura.

“Queria ver você antes de ir embora… só Deus sabe quando vamos nos encontrar de novo. Pode reservar uma dança para mim?”, ela pergunta, toda meiga, mas ele faz que não com a cabeça. “Por que não?”

Percebo que não foi o susto do reencontro inesperado que deixou Hardin abalado pouco antes. Existe uma tensão entre os dois, e não posso interferir.

“Estou indo buscar uma bebida para Tessa”, ele mente, e sai da mesa.

Sua avó solta um risinho desconfortável. “Ora, ele é mesmo uma coisa, não é?” Não sei o que responder, embora meu primeiro instinto seja defendê-lo, mas ela parece estar brincando.

Vira-se para mim, estreitando os olhos. “Ele continua bebendo?”

“Quê? N-não”, gaguejo, pega totalmente de surpresa. “Bom, ele só bebe de vez em quando”, esclareço quando o vejo voltar com duas taças cheias de um líquido rosado.

Hardin me entrega uma, e eu sorrio e a levo até a boca. O cheiro é bem doce, e quando inclino a taça sinto o líquido borbulhar de leve, roçando meu nariz. O gosto é tão bom quanto o cheiro.

“É champanhe”, ele informa, e eu agradeço.

“Tessa!”, Karen praticamente berra antes de me abraçar. Ela já tirou o vestido de noiva, e agora está usando um que vai até os joelhos, mas está tão linda quanto antes. “Estou tão feliz em ver vocês aqui! O que achou?”, ela pergunta. Karen é a única pessoa no mundo que pede opinião sobre o próprio casamento. Ela é um amor.

“Foi lindo, maravilhoso”, respondo com um sorriso.

Hardin põe a mão na parte inferior das minhas costas e eu me inclino em sua direção. Consigo sentir o quanto se sente desconfortável estando entre Karen e sua avó, e para completar Ken também está chegando.

“Obrigado por vir”, ele diz para Hardin, estendendo a mão.

O filho o cumprimenta com um aperto de mão apressado. Vejo que Ken faz menção de erguer o braço para abraçá-lo, mas acaba desistindo. Ainda assim, seu rosto é de pura alegria e empolgação.

“Tessa, você está linda.” Ele me abraça e logo pergunta: “Estão se divertindo?”.

Não consigo deixar de me sentir um pouco desconfortável em sua presença agora que sei que tipo de pessoa era alguns anos atrás. “Ah, sim. É

uma bela festa.” Hardin faz o melhor que pode para agradar o pai. Ponho a mão em suas costas e o acaricio com movimentos circulares para acalmá-lo.

A avó dá uma tossida e se dirige ao filho. “Não sabia que vocês tinham voltado a se falar.”

Ken esfrega a nuca, um hábito que desconfio que Hardin tenha herdado dele.

“Pois é. Conversamos sobre isso mais tarde, mãe”, Ken desconversa, e ela concorda com um aceno de cabeça.

Dou mais um gole na minha bebida e tento não me preocupar com o fato de ter menos de vinte e um e estar bebendo na frente de adultos. E do reitor da universidade onde estudo.

Um garçom de colete preto passa com uma bandeja de champanhe, e quando Ken pega uma taça fico toda tensa. Mas ele logo entrega a bebida para a esposa, e fico felicíssima em ver que não está bebendo.

“Quer mais uma?”, Hardin oferece, e eu olho para Karen.

“Pode pegar, estamos comemorando”, ela me diz, e eu abro um sorriso.

“Claro”, digo, e Hardin sai da mesa para ir buscar a bebida.

Conversamos sobre o casamento e as flores por um tempo. Hardin volta com apenas uma taça, e Karen pergunta: “Você não gosta de champanhe?”.

“Gosto, sim, mas já bebi uma taça, e estou dirigindo”, ele responde. Karen o olha com uma expressão de adoração em seus olhos castanhos.

Ela se vira para mim. “Você tem tempo para uma visitinha esta semana?

Comprei algumas sementes para a estufa.”

“Claro. A partir das quatro, estou livre todos os dias”, respondo.

O olhar ao mesmo tempo interessado e surpreso da avó é mais do que evidente. “Então, há quanto tempo vocês estão juntos?”, ela pergunta.

“Alguns meses”, Hardin responde baixinho.

Às vezes até me esqueço de que ninguém fora do nosso grupo de amigos

— quer dizer, de Hardin — sabe que nós dois nos detestávamos até dois meses atrás.

“Ah, então não tem nenhum bisnetinho chegando?” Ela dá risada, e Hardin fica todo vermelho.

“Não, não. A gente mora junto há pouco tempo”, Hardin responde, e Karen e eu cuspimos a champanhe de volta na taça ao mesmo tempo.

“Vocês estão morando juntos?”, Ken pergunta.

Não esperava que Hardin fosse contar isso hoje. Não sabia nem se ele ia fazer isso algum dia, considerando como ele é. Estou surpresa e um pouco envergonhada com minha própria reação, mas na verdade gostei de ver que não tem problemas em admitir esse fato.

“É, a gente se mudou para o Artisan uns dias atrás”, ele explica.

“Uau, é um ótimo lugar, e bem mais perto do estágio da Tessa”, comenta Ken.

“Pois é”, responde Hardin, medindo a reação de todos à revelação bombástica.

“Fico muito feliz por você, filho.” Ele põe a mão no ombro de Hardin, e eu acompanho tudo com uma expressão de naturalidade no rosto. “Nunca imaginei ver você tão feliz e… em paz.”

“Obrigado”, responde Hardin com um sorriso.

“Quem sabe podemos marcar uma visita para conhecer a casa nova?”, Ken sugere, e Karen baixa os olhos.

“Ken…”, ela avisa, em um claro lembrete para o marido não forçar a barra.

“Hã, tudo bem”, diz Hardin, surpreendendo todos nós.

“Sério?”, Ken pergunta, e Hardin faz que sim com a cabeça. “Certo, então avisem quando for melhor para vocês.” Os olhos dele brilham.

A música começa a tocar dentro da tenda, e Karen pega Ken pelo braço.

“Precisamos ir… Obrigada por terem vindo”, ela diz e me dá um beijo no rosto. “Você nem imagina o quanto fez bem para esta família”, Karen murmura no meu ouvido antes de se afastar, com os olhos cheios de lágrimas.

“É a hora da primeira dança dos recém-casados!”, uma voz anuncia pelo alto-falante. A avó de Hardin sai da mesa também, para se juntar aos demais convidados em torno da pista.

“Eles ficaram tão felizes”, digo para Hardin, dando um beijo em seu rosto.

“Vamos lá para cima”, ele sugere.

“Quê?” Estou um pouco tonta por causa das duas taças de champanhe.

“Vamos subir”, ele repete, fazendo a eletricidade habitual invadir meu corpo.

“Agora?”, pergunto, aos risos.

“Agora.”

“Mas com toda essa gente aqui?”

Ele não responde. Em vez disso, pega minha mão e me puxa para fora da tenda. Quando entramos na casa, Hardin me entrega outra taça de champanhe, que me esforço para não derramar enquanto sigo seu passo acelerado.

“Algum problema?”, pergunto quando ele fecha e tranca a porta do quarto.

“Preciso de você”, ele diz, bem sério, tirando o paletó.

“Mas está tudo bem?”, questiono, sentindo meu coração quase sair pela boca.

“Sim, só preciso de um tempinho”, ele diz com um grunhido, tira a taça da minha mão e a põe sobre a cômoda. Em seguida, segura meus pulsos e os levanta sobre minha cabeça.

Aceito de bom grado ser sua distração depois de tudo por que passou lá embaixo, reencontrando a avó que não via fazia anos, vendo seu pai se casar outra vez, combinando visitas ao nosso apartamento — é coisa demais para Hardin em tão pouco tempo.

Em vez de fazer perguntas e insistir no assunto, eu o agarro pelo colarinho e encosto meus quadris nos seus. Ele já está bem duro. Com um grunhido, larga meus pulsos, permitindo que eu agarre seus cabelos. Quando sua boca toca a minha, sua língua está quente e ainda doce por causa do champanhe.

Em questão de segundos, ele está com a mão no bolso, sacando de lá uma embalagem metalizada.

“Você podia começar a tomar pílula, para eu poder parar de usar isso.

Queria muito sentir você.” Sua voz está rouca, e ele morde meu lábio inferior, sugando-o de forma lenta e sedutora, e fazendo meu corpo pedir mais.

Ouço o barulho do zíper se abrindo, e ele solta um sibilado quando baixo sua calça e sua cueca até os joelhos. Os dedos de Hardin sobem pelo meu vestido, seguram minha calcinha e a puxam para baixo. Apoio-me em seus braços para tirá-la de vez, de uma forma meio estabanada. Ele dá uma risadinha antes de beijar meu pescoço. Suas mãos apertam meus quadris e me levantam, fazendo-me gemer de levinho enquanto envolvo sua cintura com as pernas.

Começo a tirar o meu vestido, mas ele pede com a boca colada ao meu pescoço: “Não, pode deixar. Esse vestido é tão sexy… e tão branquinho e virginal ao mesmo tempo… porra… é uma delícia. Você é muito linda.”

Hardin me levanta um pouco mais e depois me abaixa para junto de si.

Minhas costas estão contra a porta, e ele começa a me arrastar para cima e para baixo em gestos febris e descontrolados que nunca vi antes. Sinto como se ele fosse fogo e eu gelo. Somos completamente diferentes, mas ardemos da mesma forma.

“Está… gostoso…?”, ele pergunta, ofegante, com os braços nas minhas costas para me manter equilibrada.

“Está”, respondo com um gemido. A sensação de ser pega desse jeito por ele, encostada na porta, envolvendo sua cintura com as pernas, é ao mesmo tempo intensa e divina.

“Me beija”, ele pede.

Passo a língua em seus lábios para que ele abra a boca. Segurando seu cabelo, faço o que posso para beijá-lo enquanto ele entra e sai de mim cada

vez mais depressa. Nosso corpo se move vigorosamente, mas nossa boca continua em um movimento lento e íntimo.

“Sempre quero mais de você, Tess… Porra. Eu te amo”, ele diz com a boca colada à minha, fazendo-me gemer e ficar sem fôlego, com um frio na barriga.

Alguns grunhidos escapam de sua boca e dou um grito quando chegamos ao clímax ao mesmo tempo. “Deixa rolar, linda”, ele diz, e é isso que faço.

Ele mantém a boca junto à minha, engolindo meus gemidos quando fica todo tenso e jorra dentro do preservativo.

Com a respiração ofegante, Hardin deita a cabeça no meu peito e continua abraçado a mim por um tempo antes de me pôr no chão outra vez.

Apoio a cabeça na porta e recobro o fôlego enquanto ele põe a camisinha de volta na embalagem e guarda no bolso antes de vestir a calça.

“Me lembra de jogar fora quando a gente descer.” Damos risada.

“Obrigado”, ele diz, e me dá um beijo no rosto. “Não pelo que a gente acabou de fazer, mas por tudo.”

“Não precisa me agradecer, Hardin. Você também fez muito por mim, tanto quanto eu por você.” Olho bem em seus olhos verdes e reluzentes. “Na verdade até mais.”

“De jeito nenhum.” Ele sacode a cabeça de leve e segura minha mão.

“Vamos descer logo antes que apareça alguém atrás de nós.”

“Como é que eu estou?”, pergunto, passando os dedos pelos cabelos e sob os olhos.

“Com cara de quem acabou de dar”, ele provoca, e eu reviro os olhos.

“Você está linda.”

“Você também”, digo a ele.

Quase todo mundo na tenda está dançando quando voltamos, e aparentemente nossa ausência passou despercebida. Assim que nos sentamos, acaba uma música e começa outra, que reconheço: “Never Let Me Go”, de Florence and the Machine.

“Quer dançar?”, pergunto a Hardin, apesar de já saber a resposta.

“Não, eu não danço”, ele diz, olhando para mim. “A não ser que você queira muito…”

Fico surpresa com a resposta, e empolgadíssima por ele fazer isso por mim. Hardin estende a mão, mas na verdade sou eu quem o arrasta até a pista de dança xadrez o mais rápido possível, antes que mude de ideia.

Ficamos mais no fundo, a uma boa distância do restante das pessoas.

“Não tenho a menor ideia do que fazer”, ele diz aos risos.

“Eu ensino você”, respondo, e ponho suas mãos nos meus quadris. Ele pisa nos meus pés algumas vezes, mas logo aprende. Nunca em um milhão de anos eu seria capaz de pensar que Hardin ia dançar no casamento de seu

pai.

“É uma música meio louca para tocar em um casamento, não?” Ele ri no meu ouvido.

“Na verdade, é perfeita”, respondo, apoiando a cabeça em seu peito.

Sei que não estamos realmente dançando, só balançando abraçados de um lado para o outro, mas por mim tudo bem. Continuamos assim pelas duas músicas seguintes, que estão entre minhas favoritas. Quando começa “You Found Me”, do Fray, Hardin dá risada e me abraça com mais força. A seguinte é uma balada pop de uma boy band, que me faz sorrir e faz Hardin revirar os olhos. Enquanto dançamos, ele me conta mais sobre sua avó. Ela ainda mora na Inglaterra, mas eles não se falam desde o dia em que ela telefonou para lhe dar os parabéns em seu aniversário de doze anos. Ela ficou do lado do filho durante o divórcio, defendendo inclusive sua bebedeira, pondo a culpa de tudo na mãe de Hardin, o

que para ele foi suficiente para nunca mais falar com ela. Hardin parece à vontade falando sobre essas coisas comigo, então fico em silêncio, balançando a cabeça e emitindo ruídos de concordância.

Hardin faz uma piadinha sobre as músicas, que para ele são irritantes e melosas, e eu dou risada.

“Quer voltar lá para cima?”, ele diz em tom de brincadeira, e vai baixando as mãos pelas minhas costas.

“Talvez.”

“Preciso dar champanhe para você mais vezes.” Ponho suas mãos de volta na minha cintura, e ele faz um biquinho, o que me faz rir ainda mais. “Para dizer a verdade, até que estou me divertindo”, ele admite.

“Eu também. Obrigada por vir comigo.”

“Não queria estar em nenhum outro lugar no mundo.”

Não sei se Hardin está se referindo ao casamento ou a mim. Sinto um calor por todo o corpo ao pensar nisso.

“Posso interromper?”, Ken pergunta quando outra música começa a tocar.

Hardin franze a testa, olha para mim, depois para o pai. “Certo, mas só uma música”, ele resmunga.

Ken dá risada e repete as palavras do filho: “Só uma música”. Hardin me solta, e Ken põe a mão nas minhas costas. Engulo em seco a sensação desagradável que ele me causa. Ken mantém uma conversa amena enquanto dançamos, e meus ressentimentos se calam quando rimos de um casal obviamente bêbado cambaleando perto de nós.

“Olhe só para isso!”, diz Ken, com um tom de surpresa.

Viro-me para ver sobre o que ele está falando, e ouço meu próprio suspiro de susto ao notar que Hardin está balançando de um lado para o outro todo sem jeito com Karen. Ela dá risada quando ele pisa em seu sapato branco, e Hardin abre um sorriso envergonhado. A noite está sendo melhor do que eu

poderia sonhar.

Depois que a música termina, ele logo volta para junto de mim, e Karen vem atrás. Dizemos aos recém-casados que estamos de saída, e trocamos mais abraços. Hardin parece bem menos sem graça com isso do que antes.

Alguém chama Ken, que faz um aceno de cabeça. Ele e Karen se despedem e nos agradecem mais uma vez por virem ao casamento antes de desaparecer entre os convidados.

“Ai, meus pés estão me matando”, comento. Nunca tinha ficado tanto tempo de salto na vida, e meus pés vão precisar de um belo descanso.

“Quer que eu carregue você?”, Hardin pergunta, fazendo voz de criancinha.

“Não”, respondo com um risinho.

Quando estamos saindo, Trevor aparece junto com o sr. Vance e Kimberly.

Ela está toda sorridente, e dá uma piscadinha para mim depois de medir Hardin de cima a baixo. Tento segurar a risada e acabo tossindo.

“Você reservou uma dança para mim?”, o sr. Vance brinca com Hardin.

“Não, nem ferrando”, ele responde, aos risos.

“Já estão indo?”, Trevor pergunta, olhando para mim.

“Chegamos bem cedo, na verdade”, Hardin responde por mim e me puxa para longe deles. “Foi bom ver você, Vance”, ele diz olhando para trás enquanto saímos da tenda.

“Mas que falta de educação”, reclamo quando chegamos ao carro.

“Ele estava dando em cima de você. Tenho o direito de ser mal-educado.”

“Trevor não estava dando em cima de mim. Só estava sendo simpático.”

Hardin revira os olhos. “Ele é a fim de você, está na cara. Não seja inocente.”

“Não seja grosso com ele, por favor. Trabalhamos juntos, e não quero saber de

encrenca”, digo sem me alterar. Nossa noite foi boa demais para ser arruinada por um acesso de ciúmes.

Hardin abre um sorrisinho maldoso. “Qualquer coisa é só eu pedir para Vance mandar o cara embora.”

Não consigo deixar de rir de sua resposta pretensiosa. “Você é louco.”

“Só se for por você”, ele responde, saindo com o carro.



95

“Adoro voltar para casa!”, anuncio com um gritinho quando entramos no apartamento, mas então percebo que lá dentro está gelado. “Mas não quando você desliga o aquecedor.” Estremeço toda, e Hardin dá uma risadinha.

“Ainda não descobri como funciona essa coisa. É tecnologia demais.”

“Vou pegar uns cobertores”, digo, e Hardin tenta se acertar com o termostato.

Pego um na cama, dois no armário e ponho em cima do sofá enquanto vou me trocar.

“Hardin!”, eu grito.

“Estou indo!”

“Você pode abrir o zíper para mim?”, pergunto quando ele entra no quarto, parecendo frustrado em sua tentativa de ligar o aquecedor.

Encolho-me toda ao sentir o toque gelado de seus dedos. Ele se desculpa e abre o zíper rapidamente, e o vestido cai aos meus pés. Tiro os sapatos e percebo que o chão também está gelado. Corro até a cômoda e pego o pijama mais quente que consigo encontrar.

“Espera, tenho uma coisa aqui para você”, ele diz, então vai até o armário e pega uma blusa de moletom cinza com capuz.

“Obrigada.” Abro um sorriso. Não sei por que gosto tanto das roupas de Hardin — é como se usá-las nos aproximasse. Nunca fiz isso com Noah, a não ser na vez em que peguei uma blusa sua emprestada quando fui acampar com a família dele.

Hardin também parece gostar que eu use suas roupas. Ele fica me olhando com olhos desejosos enquanto visto o moletom. Percebo que ele está com dificuldade para tirar a gravata, e vou ajudá-lo. Hardin me observa em silêncio enquanto removo a tira de tecido fino de seu pescoço e a deixo de lado para pegar o par de meias roxas e felpudas que ganhei de Natal da minha mãe no ano passado.

Eu me dou conta de que o Natal é daqui a três semanas, e começo a me perguntar se ela vai querer que eu vá para casa. Não voltei para lá desde que entrei na faculdade.

“O que é isso?” Hardin dá uma risada e aponta para as bolas de lã nos meus pés.

“Meias. Meias quentinhas, para ser mais exata.” Mostro a língua para ele.

“Bonitas…”, ele provoca antes de vestir uma calça e uma blusa de moletom.

Quando voltamos à sala, o apartamento já está mais quente. Hardin liga a televisão e deita no sofá, puxando-me para junto do peito e entrando debaixo das cobertas.

“O que você vai fazer no Natal?”, pergunto, toda tensa. Não sei por que estou com tanta vergonha de perguntar, já que moramos juntos.

“Bom, eu só ia falar sobre isso na semana que vem, já que esta foi tão caótica, mas como você tocou no assunto…” Hardin sorri, aparentando estar tão nervoso quanto eu. “Vou para casa, e queria convidar você para ir junto.”

“Para casa?”

“É, para a Inglaterra… para a casa da minha mãe.” Com um jeito um pouco tímido, ele acrescenta: “Tudo bem se você não quiser. Sei que não é uma coisa assim tão simples, e você já veio morar aqui comigo”.

“Não é que eu não queira, é que… sei lá…” A ideia de viajar para outro país com Hardin é empolgante, mas também assustadora. Nunca saí do estado de

Washington.

“Não precisa me responder agora, mas quando decidir me avisa, certo?

Vou viajar no dia 20”, ele explica.

“No dia seguinte ao meu aniversário”, comento.

Ele tem um sobressalto e levanta meu rosto. “Seu aniversário? Por que não me contou que já estava tão perto?”

Dou de ombros. “Sei lá. Acho que nem pensei nisso. Não levo muito a sério esse negócio de aniversário. Minha mãe costumava fazer um monte de coisas para marcar a data, mas não tem feito mais.”

“Bom, e o que você quer fazer no seu aniversário?”

“Nada. De repente sair para jantar…” Não estou a fim de fazer muito estardalhaço a respeito.

“Um jantar… não sei”, ele provoca. “É meio extravagante, não?”

Dou uma risadinha, e ele beija minha testa. Eu o forço a assistir ao novo episódio de Pretty Little Liars, e nós acabamos dormindo no sofá.

Acordo no meio da noite, toda suada. Afastando-me de Hardin, tiro a blusa e estou indo diminuir o aquecimento quando uma luzinha azul piscando no telefone dele chama minha atenção. Pego o aparelho de cima do balcão e passo o dedo pela tela. Três novas mensagens.

Larga esse telefone, Tessa.

Não tenho motivo nenhum para fuçar no telefone dele, isso é loucura.

Ponho o aparelho de volta e vou andando para o sofá, mas a vibração de uma nova mensagem recebida me detém.

Só uma. Vou olhar só uma. Isso não é loucura, certo? Sei que é uma maluquice ler as mensagens de Hardin, mas não consigo me segurar.

Me liga logo, idiota, é o que diz a mensagem. É de Jace.

Pois é, foi uma péssima ideia. Não me levou a nada, e agora estou me sentindo culpada por ter fuçado no telefone dele como uma louca… Mas por que Jace está mandando mensagens para Hardin a esta hora?

“Tessa?”, ouço Hardin me chamar, e deixo o telefone cair da minha mão.

“O que foi isso? O que você está fazendo?”, ele pergunta na sala escura, iluminada apenas pela tela da TV.

“Seu telefone tocou… e eu deixei cair”, digo enquanto me agacho para pegá-lo. A tela está com uma rachadura na lateral. “Rachou”, acrescento.

Ele solta um grunhido. “Vem logo deitar.”

Largo o celular no balcão e volto a deitar com ele no sofá, mas demoro um tempão para pegar no sono.

Na manhã seguinte, acordo com Hardin tentando sair de debaixo de mim.

Eu me movo para perto do encosto do sofá para permitir que se levante, e ele pega o telefone no balcão antes mesmo de ir ao banheiro. Espero que não fique muito bravo porque quebrei a tela. Se não fosse tão xereta, isso não teria acontecido. Eu também levanto do sofá para fazer café.

A proposta de Hardin de irmos para a Inglaterra não sai da minha cabeça.

Nosso relacionamento já está avançando bem rápido, estamos até morando juntos, apesar de sermos tão jovens. Ainda assim, adoraria conhecer a mãe dele, e a Inglaterra também.

“Perdida em pensamentos?”, a voz de Hardin me interrompe quando ele entra na cozinha.

“Não… Quer dizer, mais ou menos.” Dou risada.

“Sobre?”

“O Natal.”

“O que é que tem? Não sabe o que me comprar de presente?”

“Acho que vou ligar para minha mãe para ver se ela vai me convidar para ir para casa. Preciso pelo menos perguntar, sabe? Ela vai ficar sozinha.”

Hardin não parece muito feliz, mas mantém a calma. “Entendo.”

“Desculpa pelo seu celular.”

“Tudo bem”, ele responde, e se acomoda à mesa da cozinha.

Mas então resolvo dizer: “Li uma mensagem de Jace”. Não quero esconder nada dele, por mais embaraçosas que minhas confissões possam ser.

“Você fez o quê?”

“O celular vibrou e eu olhei. O que ele queria com você tão tarde?”

“O que foi que você leu?”, ele pergunta, ignorando meu questionamento.

“Uma mensagem de Jace”, repito.

Ele cerra os dentes. “E o que estava escrito?”

“Para você ligar para ele…” Por que Hardin está tão aflito? Sei que não tem como gostar do que fiz, mas isso já é demais.

“Só isso?”, ele esbraveja, e começo a ficar irritada.

“Só, Hardin… O que mais poderia ler?”

“Nada…” Ele dá um gole no café, como se no fim não estivesse nem aí. “Só não gosto que você mexa nas minhas coisas.”

“Tudo bem, não vai acontecer de novo.”

“Ótimo. Tenho umas coisas para fazer hoje. Você se incomoda de ficar sozinha um tempo?”

“O que você tem para fazer?”, pergunto, e imediatamente me arrependo.

“Minha nossa, Tessa”, ele esbraveja bem alto. “Por que está sempre no meu pé?”

“Não estou sempre no seu pé. Só queria saber o que vai fazer. Estamos em um relacionamento, Hardin, e bem sério, por sinal… Por que não posso nem perguntar aonde você vai?”

Ele empurra a caneca para longe e se levanta. “Você simplesmente não desencana, esse é o problema. Só porque a gente mora junto, não significa que eu precise contar tudo para você! Se soubesse que ia ter que aguentar esse papinho de merda, teria ido embora antes de você acordar!”

“Uau.” Isso é tudo o que consigo dizer enquanto Hardin sai pisando duro.

Ele se vira imediatamente para mim. “Uau o quê?”

“Eu devia saber que ontem tinha sido bom demais para ser verdade.”

“Como é?”, ele esbraveja.

“A gente se divertiu muito, e você não foi um babaca, para variar, mas foi só acordar hoje e bum! Voltou a ser um cretino!” Saio recolhendo as roupas sujas do chão.

“Você se esqueceu da parte em que mexeu no meu telefone.”

“Tudo bem, peço desculpa por ter feito isso, mas não foi nada de mais. Se tivesse alguma coisa ali que eu não pudesse ver, aí sim seria um problema!”, eu grito enquanto enfio tudo no cesto de roupa suja.

Ele aponta o dedo para mim, irritado. “Não, Tessa, o problema aqui é você, que está sempre fazendo tempestade em copo d’água!”

“Por que você brigou com Zed?”, rebato.

“Não vamos falar sobre isso agora”, ele responde em um tom de voz gelado.

“Então quando, Hardin? Por que você não me conta? Como é que posso confiar em você desse jeito? Isso tudo tem a ver com Jace?”, pergunto, e vejo Hardin respirar fundo de raiva.

Ele passa as mãos no rosto e depois nos cabelos, deixando-os todos de pé.

“Não sei por que você não pode simplesmente cuidar da sua vida, porra”, ele resmunga e sai.

Segundos depois, escuto a porta da frente sendo batida, e limpo as lágrimas de raiva do rosto. A reação de Hardin à minha pergunta sobre Jace me provoca um nó no estômago enquanto limpo o apartamento. Foi muito exagerada. Tem alguma coisa que ele não quer me contar, e não consigo

entender por quê. Desde que pus os olhos em Jace, percebi que tinha cheiro de encrenca. Se Hardin não vai me dar respostas, vou ter que usar outras vias. Olho pela janela e vejo o carro dele sair da garagem. Pego meu celular e atendem no primeiro toque.

“Zed? É a Tessa”, eu digo.

“É… eu sei.”

“Certo… Então, eu queria perguntar uma coisa para você…” Minha voz sai bem mais baixa e hesitante do que eu gostaria.

“Hã… Cadê o Hardin?”, Zed pergunta, e, pelo seu tom de voz, acho que ainda está ressentido comigo por me afastar depois de ele ter sido tão legal.

“Ele saiu.”

“Acho que não é uma boa ideia…”

“Por que você e Hardin brigaram?”, interrompo.

“Desculpa, Tessa, preciso ir”, ele diz e encerra a ligação.

O que foi isso? Não que eu tivesse certeza absoluta de que ele toparia me encontrar, mas essa não era de jeito nenhum a reação que esperava. Minha curiosidade chega ao ápice, assim como minha irritação.

Tento ligar para Hardin, mas ele obviamente não atende. Por que Zed agiria dessa maneira? Quase como se… estivesse com medo de mim? Talvez eu esteja errada, e o motivo na verdade seja outro. Não sei o que está acontecendo, mas nada parece fazer sentido. Tento reavaliar a situação. Será que quem está exagerando sou eu? A expressão de descontrole no rosto de Hardin quando

perguntei sobre Jace volta à minha mente, e concluo que estou na pista certa.

Tomo um banho para acalmar os nervos e esfriar a cabeça, mas não adianta. O vazio que sinto dentro de mim me leva a procurar uma nova opção. Quando saio do chuveiro, seco os cabelos e me visto, pensando no que fazer a seguir.

Eu me sinto um pouco como a sra. Havisham em Grandes esperanças, futricando e tramando. Nunca gostei dessa personagem, mas de repente me identifico com ela. Agora entendo que o amor faz as pessoas tomarem atitudes que geralmente não tomariam, tornando-se obsessivas e até meio loucas. Na verdade, meu plano nem é tão maluco ou dramático quanto parece. Só vou atrás de Steph, para perguntar se ela sabe por que Hardin e Zed brigaram, e descobrir o que tem de informações sobre Jace. A única parte maluca desse plano é saber que com certeza Hardin vai ficar irritadíssimo quando descobrir que liguei para Zed e fui procurar Steph.

Pensando bem, ele anda me afastando de seus amigos desde que viemos morar juntos, e acho que o motivo é que nenhum deles sabe disso.

Saio do apartamento ainda confusa, e acabo esquecendo o celular em cima do balcão. Assim que entro na via expressa começa a nevar, e por isso

demoro meia hora para chegar ao alojamento. Está tudo igual, claro. Só faz uma semana que me mudei, apesar de parecer muito mais.

Caminhando pelo corredor, ignoro o olhar hostil da loira platinada que reclamou quando Hardin derramou vodca no chão na frente de seu quarto.

Aquela primeira noite que ele passou no dormitório comigo parece tão distante… A passagem do tempo ganhou outro ritmo depois que o conheci.

Quando bato na minha antiga porta, ninguém atende. Claro que Steph não está lá — ela nunca está. Passa a maior parte do tempo no apartamento de Tristan e Nate, que eu nem sei onde fica. E, mesmo que soubesse, teria coragem de ir até lá?

Entro no carro e tento elaborar um novo plano enquanto dirijo. Seria mais fácil se eu não tivesse esquecido o telefone, mas, quando estou prestes a desistir da minha decisão radical de encontrar minha antiga colega de quarto a qualquer preço, passo pelo Blind Bob’s, o bar de motoqueiros a que fui uma vez com

Steph. Reconheço o carro de Nate no estacionamento e paro ali também. Respiro fundo antes de descer e, quando faço isso, sinto o ar gelado queimar minhas narinas. A recepcionista sorri para mim quando entro, e fico aliviada ao ver os cabelos vermelhos de Steph do outro lado do salão.

Mas se eu soubesse o que estava por vir…



96

O nervosismo toma conta de mim enquanto caminho pelo bar enfumaçado. Como pude achar que isso era uma boa ideia? Hardin vai ficar furioso comigo, e Steph vai pensar que enlouqueci.

Um enorme sorriso se forma no rosto dela quando me vê, e Steph praticamente grita enquanto me abraça: “Tessa, o que você está fazendo aqui?”.

“Eu… Bom, estava procurando você”, explico.

“Tudo bem? Ou só estava com saudade?”, ela pergunta, aos risos.

“Eu estava com saudade.” Decido que por enquanto é melhor pegar leve.

“Faz séculos que a gente não se vê, Tessa”, Nate provoca e me dá um abraço. “Onde Hardin escondeu você?”

Tristan aparece atrás de Steph e a abraça pela cintura. Pela maneira como ela cede a seu toque, percebo que já fizeram as pazes depois da briga por causa de Molly.

Steph sorri. “Vem sentar com a gente… O resto do pessoal ainda não chegou.”

O resto do pessoal? Será que ela quis dizer que Hardin vai chegar daqui a pouco? Sigo os três até a mesa, com medo da resposta, e decido nem fazer a pergunta em voz alta. Peço um hambúrguer com fritas. Ainda não comi nada hoje, e já são mais de três da tarde.

“E desta vez vai vir sem ketchup mesmo”, a garçonete diz com um sorriso quando leva o pedido para a cozinha. Ela claramente se lembra do que Hardin

fez na última vez em que estive aqui.

Fico mexendo nas minhas unhas pintadas enquanto espero a coca.

“Você perdeu uma festança ontem à noite, Tessa”, Nate comenta. Ele ergue o copo e termina de beber sua cerveja.

“Ah, é?” Abro um sorriso. A parte mais frustrante do meu relacionamento com Hardin é nunca saber o que posso contar para as pessoas. Se fosse um namoro normal, eu poderia responder que tínhamos nos divertido bastante no casamento do pai dele. Mas, como nosso relacionamento não tem nada de normal, fico quieta.

“É, foi uma loucura. A gente foi para o porto em vez da república.” Ele dá risada. “Dá para fazer bem mais coisas por lá, e depois não precisa limpar nada.”

“Ah. Jace mora no porto?”, pergunto, tentando manter um tom de voz neutro.

“Quê? Não, só tem barcos por lá. Ele trabalha durante o dia, e mora meio perto.”

“Ah…” Começo a mastigar meu canudo.

“Estava um frio de rachar, e Tristan ficou tão bêbado que pulou na água gelada”, Steph conta com uma risadinha, e o namorado dá um tapa de brincadeira nela.

“Não foi tão ruim, meu corpo ficou todo dormente assim que entrei na água”, ele brinca.

Minha comida chega junto com as asinhas de frango de Tristan e mais uma rodada de cervejas para os três.

“Tem certeza de que não quer cerveja? Ela não vai pedir documento”, Nate me oferece.

“Ah, não, eu estou dirigindo. Mas obrigada.”

“E como estão as coisas no novo quarto?”, Steph pergunta, roubando uma batata do meu prato.

“Onde?”

“No novo quarto”, ela repete, falando bem devagar.

“Não estou em outro quarto.” Hardin disse para ela que eu tinha mudado de quarto?

“Hã, está, sim, porque não está mais comigo. Suas coisas não estão mais lá, e Hardin disse que você trocou de quarto porque sua mãe está pegando no seu pé ou coisa do tipo.” Ela dá mais um gole na cerveja.

Decido que, por mais que possa irritar Hardin, não vou mentir. Estou furiosa e envergonhada por ele ainda tentar esconder nosso relacionamento.

“Hardin e eu mudamos para um apartamento”, conto.

“Quê?”, Steph, Nate e Tristan dizem em uníssono.

“Foi na semana passada. Estamos morando juntos em um lugar a uns vinte minutos do campus”, explico. Os três me encaram como se eu fosse uma criatura de outro mundo. “Quê?”, eu questiono de forma áspera.

“Nada. É que… uau… sei lá. É uma baita surpresa”, Steph comenta.

“Por quê?”, pergunto. Sei que não é justo direcionar minha raiva para ela se o responsável é Hardin, mas não consigo me segurar.

Steph franze a testa e parece refletir sobre alguma coisa. “Sei lá, é que não consigo imaginar Hardin morando com alguém, só isso. Não sabia que o lance de vocês era tão sério. Queria que tivesse me contado.”

Quando estou prestes a perguntar o que quis dizer com isso, os olhos de Nate e Tristan se voltam para a porta, e em seguida para mim. Quando me viro, vejo Molly, Hardin e Jace parados ali. Hardin sacode a neve dos cabelos e limpa as botas no capacho. Eu me viro de volta rapidamente, com o coração saindo pela boca. Tem muita coisa acontecendo ao mesmo tempo:

Molly está com Hardin, o que me irrita além dos limites. Jace está com Hardin, o que me deixa totalmente confusa. E acabei de contar para todo mundo que estamos morando juntos, e aparentemente a notícia não foi bem digerida.

“Tessa.” A voz irritada de Hardin surge atrás de mim.

Olho para ele e vejo seu rosto contorcido de raiva. Dá para ver que está tentando se controlar, mas está prestes a explodir. “Preciso falar com você”, ele diz por entre os dentes.

“Agora?”, questiono, tentando parecer tranquila.

“Sim. Agora”, ele responde, e estende a mão para pegar meu braço. Eu me levanto da mesa e vou com ele até o canto do balcão. “O que está fazendo aqui?”, ele pergunta baixinho, com o rosto a centímetros do meu.

“Vim ver Steph.” Não é exatamente mentira, mas também não é toda a verdade.

Ele percebe. “Porra nenhuma.” Hardin está se esforçando para manter o tom de voz sob controle, mas já chamou a atenção de mais de um cliente.

“Você precisa ir.”

“Como é?”, rebato.

“Você precisa ir para casa.”

“Que casa? Meu novo quarto?”, retruco. O rosto dele fica pálido. “Sim, eu contei para eles. Disse que estamos morando juntos. E por que você não fez isso? Imagina como estou me sentindo idiota? Pensei que já tinha passado essa fase de manter tudo em segredo.”

“Eu não estava…”, ele começa a mentir.

“Estou cansada dos seus segredos e dessa enganação toda, Hardin. Toda vez que penso que a gente está se acertando…”

“Desculpa. Eu não estava mantendo nada em segredo. Só estava esperando.” Seus pensamentos parecem confusos. Quase consigo ver as ideias conflitantes se debatendo atrás de seus olhos verdes, que percorrem freneticamente todo o bar. Seu pânico me deixa preocupada.

“Não posso continuar assim… Você sabe disso, né?”, digo.

“É, eu sei.” Hardin solta um suspiro, prende o piercing entre os dentes e passa as mãos pelos cabelos úmidos. “A gente pode conversar sobre isso em casa?”, ele

sugere, e eu faço que sim com a cabeça.

Voltamos até as mesas onde todos estão sentados. “A gente precisa ir”, anuncia Hardin.

Jace abre um sorrisinho sinistro. “Mas já?”

Hardin fica todo tenso. “Já”, ele responde.

“Vão voltar para o apartamento de vocês?”, Steph pergunta, e eu olho feio para ela. Agora não, grito silenciosamente.

“Seu o quê?”, questiona Molly com uma risadinha. Adoraria nunca mais ver essa menina na vida, sinceramente.

“O apartamento deles. Os dois estão morando juntos”, Steph diz com um tom triunfante. Sei que ela só está querendo esfregar esse fato na cara de Molly, e em outro contexto eu a aplaudiria por isso, mas estou irritada demais com Hardin para me preocupar com Molly.

“Ora, ora, ora.” Ela bate suas unhas compridas pintadas de vermelho na mesa. “Que interessante”, comenta, olhando para Hardin.

“Molly…”, ele avisa. Sou capaz de jurar que está em pânico.

Ela ergue uma sobrancelha. “Você não acha que está levando essa história longe demais?”

“Molly, eu juro por Deus, se você não calar essa boca…”

“Que história? O que ele está levando longe demais?”, pergunto, incapaz de me conter.

“Tessa, vai lá para fora”, ele manda, mas eu o ignoro.

“Não, que história é essa que ele está levando longe demais? Conta!”, eu grito.

“Espera aí. Ah, então você está na jogada?” Ela ri e acrescenta: “Eu tinha certeza! Disse para Jace que você sabia de tudo, mas ele não acreditou.

Hardin, você deve uma boa grana para Zed por isso.” Molly joga a cabeça para

trás e se levanta.

Hardin está absolutamente pálido. Todo o sangue de seu corpo parece ter sido drenado. Minha cabeça está a mil, e não estou entendendo nada. Dou uma olhada rápida para Nate, Tristan e Steph, mas eles estão todos concentrados em Hardin.

“Eu sabia o quê?” Minha voz sai trêmula. Hardin me segura pelo braço e tenta me puxar, mas eu me livro de seu toque e fico frente a frente com Molly.

“Para de se fazer de boba, sei que você sabe. O que foi que ele fez? Dividiu o dinheiro com você?”, ela pergunta.

Hardin pega minha mão, e seus dedos estão gelados. “Tessa…” Eu me solto e o encaro com os olhos arregalados.

“Conta! Do que é que ela está falando?”, grito para ele. Lágrimas ameaçam surgir nos meus olhos, e eu faço força para controlar o turbilhão de sentimentos que toma conta de mim.

Para minha surpresa, Hardin abre a boca, mas não consegue dizer nada.

“Então você não sabe mesmo? Ah, isso é demais. Pessoal, senta que lá vem história!”, Molly ironiza.

“Não faz isso”, Steph pede.

“Tem certeza de que quer saber, princesinha?”, ela continua, abrindo um sorrisinho triunfante.

Literalmente consigo ouvir minha pulsação, e por um segundo chego a me perguntar se o restante do pessoal não está escutando. “Conta”, eu exijo.

Ela inclina a cabeça um pouco para o lado… mas então se interrompe.

“Não, acho que quem precisa contar é Hardin.” Molly começa a rir, passando a língua pelos dentes e emitindo um ruído horrendo, como o de unhas sendo esfregadas em um quadro-negro.



97

Está tudo acontecendo tão depressa que é impossível entender. Olho ao redor, confusa, e me vejo cercada de gente que só sabe tirar sarro de mim, apesar do tanto que me esforcei para me entrosar com eles. Sei que não posso confiar em ninguém ali.

O que está acontecendo? O que Hardin está fazendo aí parado? Que conversa é essa?

“Apoiada”, diz Jace, levantando sua cerveja. “Vai em frente, Hardin, conta.”

“Eu… conto lá fora”, Hardin me diz em voz baixa.

Olhando para seus olhos arregalados, só o que consigo ver é desespero e confusão. Não sei o que está acontecendo, mas com certeza não quero ir a lugar nenhum com ele.

“Não, você vai me contar aqui na frente deles, para não poder mentir.”

Meu coração está apertado, e sinto que não estou preparada para o que ele vai me contar.

Hardin fica parado, remexendo os dedos. “Desculpa.” Ele estende as mãos.

“Tessa, você precisa lembrar que isso tudo aconteceu antes de eu conhecer você.” Os olhos dele estão implorando perdão.

Mal abro a boca para falar, e nem sei se minha voz vai sair. “Conta.”

“Naquela noite… naquela segunda noite… na segunda festa em que você apareceu, quando jogamos Verdade ou Desafio… quando Nate perguntou se você era virgem…” Ele fecha os olhos, como se estivesse tentando pôr os pensamentos em ordem.

Ai, não. Pensei que fosse impossível para meu coração ficar mais aflito, mas não. Isso não pode estar acontecendo. Não agora. Não comigo.

“Continua…”, Jace diz, e se inclina para a frente como se fosse assistir à cena mais divertida que já viu na vida. Hardin olha feio para ele como se quisesse

matá-lo ali mesmo. Mas ele está ocupado demais destruindo nosso relacionamento.

“Você disse que sim… e alguém teve a ideia…”

“Quem teve a ideia?”, interrompe Molly.

“Eu… eu tive a ideia”, ele admite, sem tirar os olhos de mim, o que torna tudo ainda mais difícil. “Que seria… que poderia ser divertido… fazer uma aposta.” Hardin baixa a cabeça, e as lágrimas escorrem dos meus olhos.

“Não”, digo, e em meio a um soluço dou um passo atrás.

A perplexidade toma conta dos meus pensamentos já confusos, impedindo qualquer tentativa de tentar entender o que estou ouvindo. Mas essa sensação logo é substituída por uma mistura de mágoa e raiva. As lembranças vão ressurgindo uma a uma…

“Fica longe de mim.” “Toma cuidado.” “Às vezes, a gente acha que conhece as pessoas, mas não conhece.” “Tessa, preciso dizer uma coisa…”

Todos os comentários feitos por Molly, Jace e até Hardin vão se repetindo na minha cabeça. No fundo, sempre tive a sensação de que estava deixando passar alguma coisa. Sou invadida por uma sensação de claustrofobia, com dificuldade para respirar. As pistas estavam todas lá. Eu é que fui cega demais para conseguir ver.

Por que ele deixou que a coisa chegasse a esse ponto? Por que me levou para morar com ele?

“Você sabia?”, pergunto, virando-me para Steph. Não aguento mais olhar para Hardin.

“Eu… quase contei várias vezes, Tess”, ela responde, com os olhos cheios de lágrimas.

“Não acreditei quando ele disse que conseguiu, nem depois de ver a camisinha”, Jace debocha, apreciando o espetáculo.

“Eu também não! Mas o lençol… Sangue no lençol é uma coisa que não dá para

contestar!”, Molly diz aos risos.

Era por isso que o lençol ainda estava no carro dele…

Sei que preciso dizer alguma coisa, mas não consigo encontrar minha voz.

Tudo ao meu redor está em movimento, os clientes do bar estão comendo e bebendo, sem saber que logo ali o coração de uma menina ingênua está sendo partido. É como se o tempo estivesse congelado, e vejo Tristan de cabeça baixa, Steph chorando e, acima de tudo, Hardin olhando para mim.

“Tessa, desculpa.” Ele dá um passo na minha direção, e não consigo encontrar energia nem para me afastar.

A voz de gralha de Molly reverbera no ar. “Sabe de uma coisa, tem uns toques dramáticos nessa história que merecem ser comentados. Tipo, lembram aquela vez em que viemos aqui e a Steph tinha vestido e maquiado a Tessa daquele jeito ridículo, e Hardin e Zed ficaram brigando para ver quem a levava de volta para o campus?” Ela solta uma risadinha antes de continuar. “Hardin apareceu de novo no seu quarto, não foi? Com aquela vodca! Você pensou que ele estava bêbado? Lembra que eu liguei quando ele estava lá?” Por um momento, Molly me olha como se na verdade esperasse mesmo uma resposta. “Bom, ele achou que fosse ganhar a aposta naquela noite. Estava todo convencido, mas Zed avisou que você não ia liberar tão fácil. Acho que Zed estava certo, mas você acabou cedendo bem antes do que eu pensava, então ainda bem que não pus dinheiro nessa aposta…”

As palavras terríveis de Molly e os olhos de Hardin são as únicas coisas

que existem no bar para mim naquele momento.

Nunca me senti dessa maneira antes. Esse nível de humilhação e fracasso é pior que qualquer coisa que eu poderia imaginar. Hardin estava só brincando comigo esse tempo todo, no fim era mesmo tudo um joguinho para ele. Todos os abraços, os beijos, os sorrisos, as risadas, as declarações de amor, o sexo, os planos — e, merda, isso machuca mais que qualquer outra coisa no mundo. Estava tudo planejado, cada noite, cada detalhe, e todo mundo sabia, menos eu. Até Steph, que eu pensei que era minha amiga.

Olho para ele e acabo me permitindo um momento de fraqueza em meio ao

choque, mas imediatamente me arrependo. Hardin não esboça reação. Fica ali parado, como se meu mundo não estivesse desmoronando ao meu redor enquanto ele me humilha na frente de todo mundo.

“Mas você devia saber que pelo menos vale algum dinheiro, apesar de Zed quase ter dado para trás algumas vezes. Mas, com o dinheiro de Jace, Logan e Zed na jogada, espero pelo menos que ele tenha pagado um jantar para você!”, Molly diz aos risos.

Jace termina sua cerveja antes de acrescentar: “Eu só lamento ter perdido a famosa declaração de amor na frente de todo mundo. Ouvi dizer que foi hilário”.

“Parem com isso, porra!”, Tristan grita, pegando todos de surpresa. Se eu não estivesse em estado de choque, teria ficado surpresa também. “Vão se foder, não estão vendo que ela está chateada?”

Hardin dá mais um passo à frente. “Diz alguma coisa, linda, por favor.”

Depois de ouvir isso, meu cérebro finalmente se reconecta com minha boca. “Não me chama assim! Como teve coragem de fazer isso comigo?

Você… você… Eu não…” Tenho tanta coisa para dizer que as palavras entalam na minha garganta. “E eu não vou dizer nada, porque é isso que você quer.”

Minhas palavras expressam uma confiança que dentro de mim não existe.

Estou me desmantelando inteira, e meu coração está no chão, debaixo da sola da bota de Hardin.

“Eu sei que fiz besteira…”, ele começa.

“Fez besteira? Você fez besteira?”, grito. “Só me diz o motivo. Por que eu?”

“Porque você cruzou meu caminho”, ele responde. Sua sinceridade é uma punhalada a mais no meu peito. “E era um desafio para mim. Eu não conhecia você, Tessa. Não sabia que ia me apaixonar.”

Quando ele fala de amor, minha reação é oposta à que sentia nas últimas semanas, e sinto a bile subir pela minha garganta. “Você é doente. Você é a porra de um doente!”, grito antes de correr para a porta.

Não aguento mais isso. As mãos de Hardin seguram meu braço. Eu me desvencilho dele, viro-me e dou um tapa em sua cara. Com força.

O sofrimento estampado em seu rosto me proporciona uma satisfação dolorosa.

“Você estragou tudo!”, berro. “Tirou de mim uma coisa que não era sua, Hardin, e que eu ia entregar para alguém que me amasse, que me amasse de verdade. E você me tirou isso por… por dinheiro? Não estou falando com minha mãe por sua causa. Abri mão de tudo! Eu tinha uma pessoa que me amava, e que jamais faria isso que você fez. Você é um escroto.”

“Mas eu te amo, sim, Tessa, mais do que tudo. Eu ia contar. Tentei impedir que contassem. Não queria que você ficasse sabendo. Foi por isso que passei aquela noite fora, tentando fazer todo mundo prometer que não ia dizer nada. Eu ia contar em breve. Agora que estamos morando juntos, isso não ia fazer mais diferença.”

Não tenho mais nenhum controle sobre as palavras que saem da minha boca. “Você… você… ai, meu Deus, Hardin! Qual é seu problema? Você acha que sair por aí pedindo para ninguém contar para mim é coisa que se faça?

Que se eu não souber então não tem problema? Você acha que porque a gente mora junto eu ia deixar isso para lá? Foi por isso que fez tanta questão de pôr meu nome naquele contrato! Você é doente!”

Cada dúvida que tive em relação a Hardin aponta para essa história. Estava na cara. “Foi por isso que foi buscar minhas coisas, porque estava com medo de que Steph me contasse!”

Todo mundo no bar está me olhando, e eu me sinto pequena. Magoada e pequena.

“O que você fez com o dinheiro, Hardin?”

“Eu…”, ele começa, e se interrompe.

“Conta”, eu exijo.

“Seu carro… a pintura… o depósito do aluguel. Pensei que se… Quase contei um monte de vezes, quando senti que não era mais só uma aposta. Eu te amo… e

desde o começo. Juro", ele afirma.

"Você guardou a camisinha para mostrar para eles, Hardin! Você mostrou o lençol ensanguentado, caralho!" Levo as mãos aos cabelos e começo a puxá-los. "Ai, meu Deus! Como sou idiota. Enquanto eu revivia os detalhes da melhor noite da minha vida, você estava mostrando o lençol para seus amigos."

"Eu sei… Isso não tem desculpa… Mas você precisa me perdoar. Vamos superar isso", ele diz.

Dou risada. E para valer. Apesar das lágrimas, começo a rir. Estou enlouquecendo. Esse tipo de cena não acontece como nos filmes. Não consigo me controlar. Não sou capaz de assimilar esse tipo de informação com elegância, com um suspiro de susto ou uma única lágrima escorrendo pelo rosto. Choro e arranco os cabelos, incapaz de suprimir meus sentimentos e até de construir um discurso inteligível.

"Perdoar você?" Solto uma gargalhada enlouquecida. "Você arruinou minha vida… Sabe disso, né? Claro que sabe. Essa era sua intenção desde o

início, lembra? Você prometeu que ia acabar comigo. Parabéns, Hardin, você conseguiu. Quer que dê dinheiro para você? Ou que arrume outra virgem?"

Ele muda de posição, como se quisesse impedir que eu olhasse para outras pessoas. "Tessa, por favor. Eu te amo, e você sabe disso. Vamos para casa, por favor. Posso explicar tudo."

"Para casa? Aquela não é minha casa. Nunca foi, e nós dois sabemos disso." Tento chegar à porta outra vez. Estou bem perto.

"O que posso fazer? Faço qualquer coisa", ele implora. Com os olhos ainda pregados nos meus, ele se agacha. Preciso de alguns segundos para entender que está se ajoelhando na minha frente.

"Nada. Não pode fazer mais nada comigo, Hardin."

Se eu soubesse o que dizer para magoá-lo, certamente faria isso. E repetiria mil vezes, para que se sentisse completamente devastado e desorientado.

Aproveitando que Hardin está de joelhos, vou andando até a saída. Assim que

chego à porta, dou de cara com alguém. Quando olho para cima, vejo que é Zed, com o rosto ainda machucado pelas pancadas de Hardin.

“O que aconteceu?”, ele pergunta, segurando-me pelo cotovelo. Quando ele vê Hardin atrás de mim, dá para perceber em seus olhos que entende tudo.

“Sinto muito…”, Zed diz, mas eu ignoro. Hardin está vindo, e preciso sumir de perto dele.

O ar gelado joga meus cabelos sobre meu rosto assim que piso lá fora. É

uma sensação boa, e fico torcendo para que o frio aplaque a sensação de queimação dentro de mim. A neve cobre o chão e também meu carro.

Ouço Zed me chamando. “Você não pode dirigir assim, Tessa.” Continuo andando pela neve e atravessando o estacionamento.

“Me deixa em paz! Sei que você estava metido nisso também! Todos vocês estavam!”, eu grito, procurando minha chave.

“Me deixa levar você para casa, não está em condições de dirigir nesse tempo”, ele pede. Quando abro a boca para gritar em resposta, Hardin aparece lá fora.

Olho para aquele que um dia pensei ser o amor da minha vida, que pensei que ia tornar meus dias especiais, imprevisíveis e livres. E em seguida olho para Zed.

“Tudo bem”, concordo.

O clique da fechadura do carro dele se abrindo é minha deixa para me apressar. Assim que percebe que vou embora com Zed, Hardin sai correndo na direção do carro. Seu rosto está contorcido de raiva, e fico torcendo para que Zed consiga chegar antes dele.

Zed pula para dentro e arranca. Olho para trás e vejo Hardin cair de joelhos pela segunda vez no dia.

“Desculpa, Tessa. Não sabia que a coisa ia chegar a esse ponto…”, Zed começa, mas eu o interrompo.

“Não fala comigo.”

Não quero ouvir mais nada. Não aguento mais. Estou enjoada, e meu sofrimento pela traição de Hardin está me consumindo, deixando-me mais fraca a cada segundo. Se Zed começar a falar, tenho certeza de que vou sucumbir. Preciso saber por que Hardin fez o que fez, mas estou apavorada com minha reação ao ouvir tudo. Nunca senti uma dor tão grande. Não sei como vou conseguir suportá-la, e não tenho certeza de que sou capaz de fazer isso. Ele balança a cabeça em um gesto afirmativo, e ficamos em silêncio por alguns minutos. Mas então penso em Hardin, em Molly, em Jace e todo o resto, e alguma coisa muda dentro de mim. Sinto-me mais corajosa.

“Quer saber?” Eu me viro para ele. “Fala comigo, sim. Conta tudo. Quero saber cada detalhe.”

Com os olhos preocupados, ele observa meu rosto por um instante.

Percebendo que não tem opção, expressa sua concordância com um resmungo baixinho quando entramos na via expressa.



Agradecimentos

Esta série não existiria se não fosse por uma porção de pessoas. Eu poderia escrever um livro inteiro agradecendo vocês (e sabem que é verdade), mas só tenho um espacinho aqui para isso, então vou tentar ser curta e gentil.

Em primeiro lugar, quero agradecer ao meu grupo de primeiros leitores

— Hessa Shippers/Afternators/Toddlers (o que eu menos gosto)/Originals (ainda não conseguimos escolher um nome, haha). Vocês me acompanharam desde o início, são literalmente as melhores pessoas do mundo, e seu apoio me fez o que sou hoje. Cada palavra deste livro foi escrita por causa de vocês e de sua paixão pela minha história. Vocês são incríveis.

O Wattpad vem a seguir, claro. Sem vocês para acreditar em mim e fazer After ganhar vida, meus sonhos não se tornariam realidade. Nunca esqueçam como isso começou, e que vocês todos têm participação na criação de algo maior. Nunca desistam de si mesmos, e por favor lembrem (eu sei que falo isso toda hora) que o amanhã vai ser sempre melhor do que imaginamos, e que vocês são

importantes e amados, mesmo quando parece que não.

Agradeço a Amy Martin por ter lutado por aquilo que criei, e por ter batalhado até After acontecer.

Candice e Ashleigh, vocês fizeram muita coisa por mim, e nunca vou ser capaz de retribuir.

Gostaria de agradecer à Gallery Books por acreditar em After e em mim, e por me permitir trabalhar com Adam Wilson, o melhor e mais animado dos editores. Adam, você é demais. E engraçado também, seus comentários sempre me fazem rir. Você me entende, entende meu senso de humor (inclusive as piadas sem graça), e entende Hardin e Tessa melhor que a maioria das pessoas. Você me ajudou demais, e tornou essa transição um processo rápido e tranquilo.

Agradeço aos meus pais e à minha sogra, por terem me amado e me apoiado em cada passo da jornada.

A Kaci, por suas listas e seu incentivo.

E a Jordan, meu marido, por quem sou apaixonada desde criança. Você me deu o tempo necessário para que meus sonhos se tornassem realidade, e aguentou firme durante minhas horas intermináveis mergulhada na escrita e no Twitter, reclamando só um pouco quando eu mostrava minhas milhares de anotações.

Acabou o meu espaço, mas ainda queria dizer que amo muito vocês todos, e fico feliz de tê-los na minha vida.



JD WITKOWISKI

ANNA TODD é uma escritora estreante que vive em Austin, no Texas, com seu marido, com quem se casou um mês depois de se formarem no ensino médio. Entre os três períodos em que ele serviu no Iraque, ela teve empregos em quiosques de produtos de maquiagem e escritórios da Receita Federal americana. Anna sempre foi uma leitora ávida, fã de boy bands e de romance. Está vivendo um sonho desde que conseguiu combinar as três coisas.

Copyright © 2014 by Anna Todd

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL After

CAPA Damonza

IMAGEM DE CAPA J.D. Witkowski/ Shutterstock

IMAGEM DE MIOLO Departamento de Arte do Grupo Planeta, Espanha
PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Huendel Viana, Jane Pessoa, Ana Maria Barbosa e Carmen T. S. Costa ISBN 978-85-438-0150-6

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.editoraparalela.com.br

atendimentoaoleitor@editoraparalela.com.br



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por

dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Document Outline

- Rosto
- Prólogo
- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15
- 16
- 17
- 18
- 19
- 20
- 21
- 22
- 23
- 24
- 25
- 26
- 27
- 28
- 29
- 30
- 31
- 32

- 33
- 34
- 35
- 36
- 37
- 38
- 39
- 40
- 41
- 42
- 43
- 44
- 45
- 46
- 47
- 48
- 49
- 50
- 51
- 52
- 53
- 54
- 55
- 56
- 57
- 58
- 59
- 60
- 61
- 62
- 63
- 64
- 65
- 66
- 67
- 68
- 69
- 70
- 71

- 72
- 73
- 74
- 75
- 76
- 77
- 78
- 79
- 80
- 81
- 82
- 83
- 84
- 85
- 86
- 87
- 88
- 89
- 90
- 91
- 92
- 93
- 94
- 95
- 96
- 97
- Agradecimentos
- Sobre a autora
- Créditos